

ANNE FORTIER

JULIETA

Duas famílias, uma antiga maldição,
um amor quase impossível



JULIETA



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

ANNE FORTIER

JULIETA



Título original: *Juliet*

Copyright © 2010 por Anne Fortier

Copyright da tradução © 2010 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Todos os trechos de *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, usados neste livro foram traduzidos por Barbara Heliodora para a Lacerda Editores. Trechos reproduzidos mediante prévia autorização da editora e da tradutora.

Tradução: Vera Ribeiro

Preparo de originais: Rachel Agavino

Revisão: Ana Grillo e Luis Américo Costa

Projeto gráfico e diagramação: Marcia Raed

Capa: Eileen Carey

Imagens de capa: MULHER EM CIMA: Jan Gossaert, The Adoration of the Magi / Bridgeman Art Library / Getty Images; MULHER EMBAIXO: Smith Collection / Getty Images; ROSAS: guache chinesa do século XVIII, Museu Fitzwilliam, Universidade de Cambridge / Bridgeman Art Library

Adaptação da capa: Miriam Lerner

Adaptação para ebook: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA
PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS
EDITORES DE LIVROS, RJ

Fortier, Anne, 1971 -

Julietta / Anne Fortier

[tradução de Vera Ribeiro]; São

Paulista - Arqueiro - 2014

Paulo: Arqueiro, 2014.

recurso digital

Tradução de: Juliet

Formato: ePub

F847j Requisitos do sistema: Adobe
Digital Editions

Modo de acesso: World Wide
Web

ISBN 978-85-8041-258-1

(recurso eletrônico)

1. Segredos de família - Ficção.
2. Ficção americana. I. Ribeiro, Vera. II. Título.

14-
5137

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

E-mail: atendimento@editoraarquero.com.br
www.editoraarquero.com.br

Para minha amada mãe, Birgit Malling Eriksen,
cuja magnanimidade e hercúlea pesquisa
tornaram este livro possível.

Alguns terão perdão, outros castigo;
De tudo isso há muito o que falar.
Mais triste história nunca aconteceu
Que esta, de Julieta e seu Romeu.

- SHAKESPEARE

Dizem que morri.

Meu coração parou e eu não respirava – aos olhos do mundo, estava morta de verdade. Alguns dizem que durou três minutos, outros afirmam que foram quatro. Pessoalmente, começo a achar que a morte é, acima de tudo, uma questão de opinião.

Sendo Julieta, acho que eu devia ter percebido que isso ia acontecer. Mas queria muito acreditar que, dessa vez, não seria de novo a mesma velha tragédia lamentável. Dessa vez ficaríamos juntos para sempre, Romeu e eu, e nosso amor nunca mais seria interrompido por tenebrosos séculos de exílio e morte.

Mas não se pode tapear o Bardo. Assim, morri, como tinha que ser, quando minhas falas se esgotaram, e tornei a cair no poço da criação.

Ó alegre pena, eis tua folha.

Pronto, tinta, deixa-me começar.

*Que sangue é esse aqui que mancha
A pedra do portal deste sepulcro?*

Demorei um pouco a descobrir por onde começar. Você poderia dizer que minha história teve início há mais de 600 anos, com um assalto numa estrada na Toscana medieval. Ou, mais recentemente, com uma dança e um beijo no Castello Salimbeni, quando meus pais se viram pela primeira vez. Mas eu nunca ficaria sabendo de nada disso sem o acontecimento que mudou minha vida da noite para o dia e me obrigou a viajar à Itália em busca do passado. Esse acontecimento foi a morte de minha tia-avó Rose.

Umberto levou três dias para me encontrar e me dar a triste notícia. Considerando minha virtuosidade na arte de desaparecer, muito me admira que ele tenha conseguido. Mas, por outro lado, Umberto sempre teve a insólita capacidade de ler meus pensamentos e prever meus atos e, além disso, havia um número limitado de colônias de férias dedicadas a Shakespeare na Virgínia.

Quanto tempo ele ficou lá, assistindo do fundo da plateia à representação teatral, não sei dizer. Eu estava nos bastidores, como sempre, absorta demais com as crianças, suas falas e a cenografia para notar qualquer outra coisa a meu redor até cair o pano. Depois do ensaio geral daquela tarde, alguém tinha posto o frasco de veneno no lugar errado e, na falta de coisa melhor, Romeu teria de cometer suicídio comendo balinhas Tic-Tac.

– Mas elas me dão azia! – queixou-se o menino, com toda a angústia acusatória de um adolescente de 14 anos.

– Excelente! – respondi, resistindo ao impulso maternal de ajeitar a boina de veludo em sua cabeça. – Isso o ajudará a entrar no personagem.

Só mais tarde, quando as luzes se acenderam e a garotada me arrastou até o palco para me bombardear com sua gratidão, notei aquela figura familiar parada perto da saída, contemplando-me em meio aos aplausos. Rígido e majestoso como uma estátua, com seu terno e gravata escuros, Umberto se destacava como um junco solitário de civilização num charco primitivo. Sempre fora assim. Desde quando eu me lembrava, ele nunca havia usado uma única peça de roupa que se pudesse considerar informal. Para ele, bermudas cáqui e camisas polo eram trajes de homens aos quais não restara nenhuma virtude, nem mesmo a vergonha.

Mais tarde, quando a investida dos pais agradecidos diminuiu e pude finalmente sair do palco, o diretor do projeto me parou por um instante. Ele me segurou pelos ombros e me sacudiu calorosamente – me conhecia bem demais para tentar me dar um abraço.

– Ótimo trabalho com a garotada, Julie! – comentou, animado. – Posso contar com você de novo no próximo verão, não é?

– Com certeza – menti, recomeçando a andar. – Estarei por aqui.

Enfim me aproximando de Umberto, busquei em vão aquele arzinho de felicidade que costumava surgir no canto de seus olhos quando me via depois de um certo tempo. Mas não havia nem sinal de sorriso e então compreendi por que ele tinha vindo. Aninhando-me em silêncio em seu abraço, desejei ter o poder de virar a realidade de cabeça para baixo, como uma ampulheta, e fazer com que a vida não fosse um processo finito, mas uma passagem perpetuamente repetida por um buraquinho no tempo.

– Não chore, *principessa* – murmurou ele, com o rosto em meu cabelo –, ela não gostaria disso. Não podemos viver para sempre. Ela estava com 82 anos.

– Eu sei, mas... – recuei e enxuguei os olhos. – Janice estava lá?

Umberto apertou os olhos, como sempre fazia quando se mencionava minha irmã gêmea.

– O que você acha? – retrucou.

Só então, olhando de perto, vi que ele parecia magoado e ressentido, como se houvesse passado as últimas noites bebendo até dormir. Mas talvez isso fosse natural. Sem tia Rose, o que seria de Umberto? Até onde minha memória alcançava, os dois sempre tinham estado atrelados numa parceria necessária de dinheiro e força bruta – ela bancando a beldade que fenecia, ele, o mordomo paciente – e, apesar de suas diferenças, estava claro que nenhum dos dois jamais se dispusera a tentar viver sem o outro.

O Lincoln havia sido discretamente estacionado perto da fogueira e ninguém viu Umberto pôr minha velha mochila no porta-malas, antes de abrir a porta traseira com deliberada cerimônia.

– Quero me sentar na frente. Por favor!

Ele balançou a cabeça com ar reprovador e abriu a porta do carona:

– Eu sabia que tudo ia desmoronar.

Mas nunca tinha sido tia Rose quem insistira na formalidade. Embora Umberto trabalhasse para ela, sempre havia sido tratado como uma pessoa da família. Mas nunca retribuía da mesma forma. Toda vez que tia Rose o convidava a se sentar conosco à mesa de jantar, Umberto simplesmente a fitava com intrigada tolerância, como se, para ele, fosse um eterno mistério o fato de ela continuar a convidá-lo e, de algum modo, simplesmente não entender. Umberto fazia todas as refeições na cozinha: sempre fora e sempre seria assim, e nem mesmo o nome de Cristo – proferido com exasperação crescente – era capaz de convencê-lo a se sentar conosco, nem sequer no Dia de Ação de Graças.

Tia Rose desdenhava essa peculiaridade de Umberto como coisa de europeu, o que emendava sem esforço com um discurso sobre tirania, liberdade e independência, que inevitavelmente culminava em ela nos apontar o garfo e rosnar “e é por isso que *não* passaremos as férias na Europa. Especialmente na Itália. Fim de papo”. Pessoalmente, eu tinha quase certeza de que Umberto preferia fazer as refeições sozinho apenas por considerar sua própria companhia muito superior ao que tínhamos a oferecer. Ficava lá na cozinha, tranquilo com sua ópera, seu vinho e seu pedaço de queijo parmesão perfeitamente curado, enquanto nós – tia Rose, Janice e eu – trocávamos farpas e tiritávamos de frio na sala de jantar. Se eu pudesse, também teria passado todos os minutos de todos os dias na cozinha.

Ao cruzarmos o escuro vale do Shenandoah nessa noite, Umberto me falou das últimas horas de tia Rose. Ela havia morrido serenamente, durante o sono, depois de uma noite em que ouvira todas as suas canções favoritas de Fred Astaire, em seus discos cheios de estalos. Ao se extinguir o último

acorde da última melodia, ela se levantara e abrira a porta dupla envidraçada que dava para o jardim, quem sabe querendo aspirar mais uma vez o perfume das madressilvas. Enquanto ficou parada ali, de olhos fechados, contou-me Umberto, as longas cortinas de renda tremularam em volta de seu corpo esguio sem fazer nenhum som, como se ela já fosse um fantasma.

– Será que fiz a coisa certa? – perguntara ela, baixinho.

– É claro que fez – fora a resposta diplomática de Umberto.

ERA MEIA-NOITE quando deslizamos pela entrada de automóveis da casa de tia Rose. Umberto já me avisara que Janice tinha chegado da Flórida naquela tarde, com uma calculadora e uma garrafa de champanhe. Mas isso não explicava o segundo carro esporte estacionado bem em frente à porta.

– Espero sinceramente que não seja *aquela* o agente funerário – comentei, tirando a mochila da mala antes que Umberto pudesse chegar a ela. Mal pronunciei as palavras, estremei diante de minha própria irreverência. Era completamente atípico eu falar assim, o que só acontecia quando estava perto de minha irmã.

Olhando apenas de relance para o carro misterioso, Umberto ajustou o paletó como quem ajusta um colete à prova de balas antes do combate:

– Receio que existam muitos tipos de “agentes”.

Tão logo cruzamos a porta de entrada da casa de tia Rose, percebi o que ele queria dizer. Todos os enormes retratos do vestibulo tinham sido retirados da parede e estavam encostados nela, como delinquentes diante de um pelotão de fuzilamento. E o vaso veneziano que sempre estivera na mesa redonda sob o lustre já havia sumido.

– Olá? – gritei, sentindo uma onda de raiva que não experimentava desde a última vez que tinha ido lá. – Ainda há alguém vivo?

Minha voz ecoou pela casa silenciosa, mas, tão logo o eco se extinguiu, ouvi pés apressados no corredor de cima. Apesar da corridinha culpada, porém, Janice teve que fazer sua habitual aparição em câmara lenta na escadaria larga, com o diáfano vestido de verão enfatizando suas curvas suntuosas muito mais do que se ela não estivesse usando nada. Com uma pausa para a imprensa internacional, ela jogou os cabelos compridos para trás com lânguida presunção e me lançou um sorriso desdenhoso antes de começar a descer.

– Ora, vejam – observou, com a voz meigamente gélida –, a “virgentariana” ainda está viva.

Só então notei o macho da semana vindo atrás dela, com o mesmo ar desgrenhado e de olhos injetados de todos os que passavam algum tempo a sós com minha irmã.

– Lamento decepcioná-la – respondi, largando a mochila no chão com um baque. – Posso ajudá-la a despojar a casa dos objetos de valor ou você prefere trabalhar sozinha?

A risada de Janice era como um mensageiro dos ventos na varanda do vizinho, instalado ali exclusivamente para chatear.

– Este é o Archie – informou ela, em seu tom ao mesmo tempo profissional e casual. – Ele vai nos dar 20 mil por essa tralha toda.

Olhei para os dois enojada ao se aproximarem de mim:

– Quanta generosidade da parte dele! É óbvio que ele tem paixão por lixo.

Janice lançou-me um olhar gelado, mas logo se conteve. Sabia muito bem que eu não dava a

mínima para sua opinião e que sua raiva apenas me divertia.

Nasci quatro minutos antes dela. Não importa o que ela fizesse ou dissesse, eu sempre seria quatro minutos mais velha. Ainda que, em sua cabeça, Janice fosse a lebre hipersônica, e eu, a tartaruga que se arrastava, ambas sabíamos que ela podia dar quantas voltinhas arrogantes à minha volta quisesse que nunca me alcançaria de verdade, jamais cobriria aquela distância minúscula que nos separava.

– Bem – disse Archie, com uma olhadela para a porta aberta –, estou de saída. Prazer em conhecê-la, Julie... é Julie, não é? Janice me falou tudo a seu respeito – acrescentou, com um risinho nervoso. – Parabéns pelo bom trabalho, continue firme! Faça a paz e não amor, como dizem.

Janice acenou com meiguice quando Archie saiu, deixando a porta de tela bater. Porém, assim que ele se afastou e ela já não podia ser ouvida, seu rosto angelical se tornou demoníaco, como um holograma do Dia das Bruxas:

– Não se atreva a me olhar desse jeito! – disse, em tom zombeteiro. – Estou tentando ganhar algum dinheiro para nós. Não me parece que você esteja ganhando nenhum, está?

– Mas também não tenho o seu tipo de... despesas – falei, apontando com a cabeça para suas recauchutagens mais recentes, claramente visíveis sob o vestido colante. – Diga-me, Janice, como é que eles *enfiam* isso tudo aí dentro? Pelo umbigo?

– Diga-me, Julie – imitou minha irmã –, como é não ter nada enfiado aí? Nunca!

– Perdão, senhoras – disse Umberto, colocando-se educadamente entre nós, como já fizera inúmeras vezes –, mas posso sugerir que terminem esse diálogo cativante na biblioteca?

Quando alcançamos Janice, ela já se acomodara na poltrona favorita de tia Rose, com um gim-tônica aninhado na almofada da cena de caça à raposa que eu tinha feito em ponto de cruz no último ano do ensino médio, enquanto minha irmã caçava presas eretas.

– O que foi? – perguntou, olhando-nos com mal disfarçada repulsa. – Vocês não acham que ela deixou metade da birita pra mim?

Era típico de Janice procurar briga sobre o cadáver de alguém, então lhe dei as costas e fui até a porta envidraçada. Lá fora, no terraço, os amados vasos de terracota de tia Rose pareciam uma fileira de carpideiras, com as corolas das flores pendendo, inconsoláveis. Foi uma visão inusitada. Umberto sempre mantivera o jardim sob perfeito controle, mas talvez já não encontrasse prazer nesse trabalho agora que aquela que fora sua patroa e plateia agradecida não existia mais.

– Fico surpresa por você ainda estar aqui, Birdie – comentou Janice, girando a bebida. – Se eu fosse você, a esta altura já estaria em Las Vegas. Com a prataria.

Umberto não respondeu. Fazia anos que parara de falar diretamente com Janice. Em vez disso, olhou para mim:

– O enterro será amanhã.

– Não acredito que você tenha planejado tudo sem nos consultar – disse Janice, balançando uma das pernas sobre um braço da poltrona.

– Era o que ela queria.

– Há mais alguma coisa que devemos saber? – indagou minha irmã, soltando-se do abraço da poltrona e endireitando o vestido. – Presumo que cada um de nós vá receber a sua parte, certo? Ela não se apaixonou por nenhuma fundação estapafúrdia de proteção aos animais ou coisa parecida, não é?

– Você quer dar um tempo? – retruquei com rispidez e, por um ou dois segundos, Janice pareceu

realmente sem jeito. Mas depois deu de ombros, como sempre fazia, e tornou a estender a mão para a garrafa de gim.

Nem me dei o trabalho de olhar para seu fingido jeito estabonado, erguendo as sobrancelhas feitas à perfeição num ar assombrado, para mostrar que não tivera a intenção de servir toda aquela quantidade. Assim como o sol se derretia lentamente no horizonte, Janice logo se derreteria numa *chaise longue*, deixando as grandes questões da vida a serem respondidas pelos outros, desde que garantissem que sua bebida continuasse chegando.

Desde minhas mais remotas lembranças, Janice sempre fora assim: insaciável. Quando éramos pequenas, tia Rose costumava rir, encantada, e exclamar: “Se essa menina estivesse numa prisão feita de biscoitos, fugiria de lá abrindo caminho a dentadas”, como se a voracidade de Janice fosse motivo de orgulho. Mas, afinal, tia Rose estava no topo da cadeia alimentar e, ao contrário de mim, não tinha nada a temer. Até onde eu podia me lembrar, Janice sempre havia conseguido descobrir meus doces, não importava onde eu os escondesse, e as manhãs de Páscoa em nossa família eram desagradáveis, meio brutas e curtas. Chegavam inevitavelmente ao clímax quando Umberto a repreendia por ter roubado minha cota de ovos de Páscoa, e Janice, com os dentes cheios de chocolate, respondia sibilando, debaixo da cama, que ele não era seu pai e não podia lhe dizer o que fazer.

O frustrante era que seu físico não a denunciava. Sua pele recusava-se obstinadamente a revelar seus segredos; era lisa como a cobertura acetinada de um bolo de noiva, as feições moldadas com a mesma delicadeza das frutinhas e florezinhas de marzipã criadas pelas mãos de um mestre confeitoiro. Nem gim nem café nem vergonha nem remorso, nada havia conseguido abrir uma rachadura naquela fachada vitrificada. Era como se Janice tivesse dentro de si uma fonte perene de vida, como se levantasse toda manhã rejuvenescida no poço da eternidade, nem um dia mais velha, nem um grama mais gorda e ainda sedenta do mundo.

Para minha infelicidade, não éramos gêmeas idênticas. Uma vez, no pátio da escola, entreouvi alguém se referir a mim como um Bambi de pernas de pau e, embora Umberto tivesse rido e dito que aquilo era um elogio, não foi o que me pareceu. Mesmo depois de ultrapassar a idade em que tinha sido mais desajeitada, eu sabia que, perto de Janice, continuava parecendo magrela, desengonçada e anêmica; aonde quer que fôssemos ou o que quer que fizéssemos, ela era tão morena e efusiva quanto eu era pálida e reservada.

Sempre que entrávamos juntas num cômodo, todos os refletores viravam-se imediatamente para ela e, mesmo estando bem a seu lado, eu era apenas mais uma pessoa na plateia. Com o tempo, entretanto, fiquei à vontade em meu papel. Nunca precisava me preocupar com a conclusão de minhas falas, porque Janice inevitavelmente as concluía por mim. E, nas raras ocasiões em que alguém perguntava sobre minhas esperanças e meus sonhos – em geral, quando eu tomava uma refinada xícara de chá com um dos vizinhos de tia Rose –, Janice me puxava para o piano, que tentava tocar enquanto eu virava as páginas da partitura para ela. Mesmo agora, aos 25 anos, eu ainda me agitava e acabava empacando nas conversas com estranhos, torcendo desesperadamente para ser interrompida antes de ter que combinar um verbo com um objeto.

SEPULTAMOS TIA ROSE debaixo de uma chuva forte e o cemitério parecia quase tão imundo quanto eu me sentia por dentro. Parada junto a seu túmulo, senti as gotas pesadas de água caírem de

meu cabelo e se misturarem com as lágrimas que me escorriam pelas faces; os lenços de papel que eu levava de casa havia muito tinham se transformado numa pasta em meus bolsos.

Apesar de ter chorado a noite inteira, não de longe eu estava preparada para a triste sensação de fim que experimentei quando o caixão foi baixado à terra, meio de lado. Um caixão tão grande para a estrutura longa e esguia de tia Rose!... De repente me arrependi de não ter pedido para ver o corpo, mesmo que não fizesse diferença para ela. Ou será que faria? Talvez ela estivesse nos observando de algum lugar muito distante, querendo poder nos dizer que havia chegado em segurança. Foi uma ideia consoladora, uma bem-vinda distração da realidade, e desejei poder acreditar nela.

Ao fim do enterro, a única pessoa que não parecia um roedor afogado era Janice, que usava botas de plástico com saltos de 10 centímetros e um chapéu preto que expressava tudo, menos luto. Em contraste, eu estava usando o que um dia Umberto havia rotulado de meu traje de freira; se as botas e o decote de Janice diziam *venha*, meus sapatos pesados e o vestido abotoado até o pescoço com certeza diziam *cai fora*.

Algumas pessoas apareceram junto à sepultura, mas somente o Sr. Gallagher, o advogado da família, ficou para conversar. Nem Janice nem eu jamais o tínhamos encontrado, mas tia Rose falara dele com tanta frequência e tamanho carinho que o homem estava fadado a ser uma decepção.

– Pelo que entendo, você é pacifista, certo? – perguntou-me, ao sairmos juntos do cemitério.

– Jules adora uma briga – disse Janice, andando toda contente no meio, indiferente ao fato de a aba de seu chapéu jogar água em nós dois – e também gosta de atirar coisas nas pessoas. O senhor soube o que ela fez com a Pequena Sereia...?

– Chega – interrompi, tentando encontrar um pedaço seco em minha manga para enxugar os olhos pela última vez.

– Ora, não seja tão modesta! Você saiu na primeira página!

– E eu soube que sua empresa vai muito bem, não é? – indagou o Sr. Gallagher, olhando para Janice e tentando sorrir. – Deve ser um desafio fazer todo mundo feliz, imagino.

– Felicidade? Argh! – retrucou Janice, por pouco não pisando numa poça. – A felicidade é a pior ameaça para minha firma. É de sonhos que se trata. Frustrações. Fantasias que nunca se realizam. Homens que não existem. Mulheres que nunca se pode ter. É aí que está o dinheiro: encontros, encontros e mais encontros...

Janice continuou a falar, mas parei de ouvir. Era uma das grandes ironias da vida que o trabalho de minha irmã fosse combinar parceiros amorosos, porque ela era, provavelmente, a pessoa menos romântica que eu conhecia. Apesar de sua ânsia de flertar com todos os homens, ela os via como pouco mais do que ruidosos aparelhos elétricos que a gente ligava na tomada quando precisava deles e desligava assim que o trabalho estivesse terminado.

Curiosamente, quando éramos crianças, Janice tinha a obsessão de dispor tudo aos pares – dois ursinhos de pelúcia, duas almofadas, duas escovas de cabelo... Até nos dias em que estávamos brigadas ela colocava nossas bonecas para dormir lado a lado na prateleira, às vezes até abraçadas. Nesse aspecto, talvez não fosse estranho ela escolher como carreira promover a formação de casais, já que era um verdadeiro Noé em matéria de juntar pessoas aos pares. O único problema era que, ao contrário dele, havia muito tempo que Janice se esquecera do motivo por que fazia isso.

Era difícil dizer quando as coisas tinham mudado. Em algum momento do ensino médio, ela havia tomado como missão destruir qualquer sonho de amor que eu tivesse. Trocando de namorado

como quem trocava de calcinha, Janice extraía um prazer singular de me deixar nauseada, ao descrever tudo e todos numa gíria desdenhosa que fazia eu me perguntar por que afinal as mulheres se relacionavam com os homens.

– Então – disse-me, prendendo rolinhos cor-de-rosa em meu cabelo, na véspera de nosso baile de formatura –, esta é a sua última chance.

Olhei-a pelo espelho, intrigada com esse ultimato, mas impossibilitada de responder por baixo de uma de suas máscaras de lama verde-hortelã, que se transformara numa crosta seca em meu rosto.

– Você sabe... – prosseguiu, com uma careta de impaciência – é sua última chance de romper o laço. O baile de formatura é pra isso. Por que você acha que os rapazes se arrumam todos? Porque gostam de dançar? Ora, francamente! – Ela me deu uma olhada pelo espelho, para ver como estava indo. – Você sabe o que dizem se você não fizer isso no baile. Você é puritana. Ninguém gosta de puritanas.

Na manhã seguinte, reclamei de uma dor de estômago e, à medida que se aproximava a hora do baile, minha dor foi piorando. Tia Rose acabou tendo que telefonar para os vizinhos e lhes dizer que era melhor o filho deles arranjar outra companhia. Enquanto isso, um atleta chamado Troy foi buscar Janice e eles desapareceram numa fumaça de pneus cantando.

Depois de ouvir meus gemidos a tarde inteira, tia Rose começou a insistir em que fôssemos ao pronto-socorro, para o caso de ser apendicite, mas Umberto a tranquilizou, dizendo que eu não estava com febre e que sem dúvida não era nada grave. À tardinha, quando parou junto à minha cama, vendo-me dar espiadas por baixo do cobertor, percebi que sabia exatamente o que estava acontecendo e que, de um modo estranho, estava satisfeito com meu engodo. Ambos sabíamos que não havia nada de errado com o filho dos vizinhos; a questão era apenas que ele não se encaixava no perfil do homem que eu havia imaginado como meu amante. E, se eu não podia ter o que queria, preferia perder o baile.

– Então – disse Janice, tirando-me de minhas recordações e afagando o Sr. Gallagher com um sorriso acetinado –, por que não vamos direto ao ponto? Quanto?

Nem tentei intervir. Afinal, assim que recebesse seu dinheiro, ela partiria para o eterno parque de caça dos animados aspirantes a parceiros amorosos e eu nunca mais voltaria a vê-la.

– Bem – disse o Sr. Gallagher, parando meio sem jeito no estacionamento, ao lado de Umberto e do Lincoln –, receio que a fortuna esteja quase totalmente vinculada à propriedade.

– Escute – disse Janice –, todos sabemos que é meio a meio até o último centavo, certo? Então, vamos acabar com essa conversa mole. Ela quer que tracemos uma linha pelo meio da casa? Tudo bem, podemos fazer isso. Ou então... – ela deu de ombros, como se lhe fosse indiferente – podemos simplesmente vender a casa e dividir a grana. Quanto?

– A verdade é que, no final – o Sr. Gallagher olhou para mim com certo pesar – a Sra. Jacobs mudou de ideia e resolveu deixar tudo para a Srta. Janice.

– O quê? – Corri os olhos de Janice para o Sr. Gallagher e para Umberto, mas não obtive o menor apoio.

– Puta merda! – exclamou Janice, abrindo um largo sorriso. – A velhota tinha senso de humor, no final das contas!

– É claro – prosseguiu o Sr. Gallagher, erguendo as sobrancelhas – que uma soma foi separada para o Sr.... para Umberto e há uma referência a certas fotografias emolduradas que sua tia-avó

queria que ficassem com a Srta. Julie.

– Ora, estou me sentindo generosa – disse Janice.

– Esperem um instante – interrompi, dando um passo atrás e me esforçando para digerir a notícia –, isso não faz o menor sentido.

Desde que eu podia me lembrar, tia Rose fizera o possível e o impossível para nos tratar com igualdade; pelo amor de Deus, eu chegara até a flagrá-la contando o número de nozes-pecãs do nosso *müslü* matinal, para ter certeza de que nenhuma de nós recebesse mais do que a outra! E ela sempre havia falado na casa como algo que, no futuro, pertenceria a nós duas. “Vocês precisam mesmo aprender a se entender”, dizia. “Não vou viver para sempre, vocês sabem. E, quando eu me for, vocês duas vão compartilhar esta casa e o jardim também, não é?”

– Compreendo a sua decepção... – disse o Sr. Gallagher.

– Decepção? – repeti. Senti vontade de agarrá-lo pelo colarinho, mas em vez disso enfiei as mãos nos bolsos o mais fundo que pude. – Não pense que engoli essa história. Quero ver o testamento – declarei. Fitei-o diretamente nos olhos e o vi estremecer sob meu olhar. – Alguma coisa está acontecendo pelas minhas costas...

– Você sempre foi má pedredora – observou Janice, saboreando minha fúria com um sorriso maldoso –, é isso que está acontecendo.

– Tome – disse o Sr. Gallagher, abrindo a pasta com as mãos trêmulas e me entregando um documento. – Esta é a sua cópia do testamento. Receio que não haja muita margem para contestação.

UMBERTO ME ENCONTROU no jardim, agachada sob o caramanchão que ele construía para nós quando tia Rose ficara de cama com pneumonia. Sentando-se a meu lado no banco molhado, ele não comentou meu sumiço infantil, apenas me entregou um lenço absolutamente bem passado e me observou assoar o nariz.

– Não é o dinheiro – comentei, em tom defensivo. – Você viu o risinho zombeteiro dela? Ouviu o que ela disse? Ela não se importa com tia Rose. Nunca se importou. Não é justo!

– Quem lhe disse que a vida era justa? – indagou Umberto, me olhando com as sobrancelhas arqueadas. – Eu é que não fui.

– Eu sei! Só não entendo... Mas a culpa é minha. Sempre achei que ela levava a sério a ideia de nos tratar com igualdade. Peguei dinheiro emprestado... – Cobri o rosto para evitar o olhar dele. – Não diga nada!

– Você já acabou?

Balancei a cabeça.

– Ótimo – disse Umberto. Abriu o paletó e tirou um envelope pardo ligeiramente amassado. – Porque ela queria lhe dar isto. É um grande segredo. Gallagher não sabe. Janice não sabe. É só para você.

No mesmo instante, fiquei desconfiada. Era muito atípico de tia Rose me dar alguma coisa pelas costas de Janice, mas, por outro lado, também fora muito atípico ela me excluir de seu testamento. Estava claro que eu não conhecia a tia de minha mãe tão bem quanto supunha. E também não me conhecia por completo até esse momento. Pensar que eu seria capaz de me sentar ali, justamente nesse dia, e chorar por causa de dinheiro! Embora estivesse com 50 e tantos anos quando nos adotou, tia

Rose tinha sido uma mãe para nós e eu devia me envergonhar por querer mais alguma coisa dela.

Quando enfim abri o envelope, havia três coisas dentro dele: uma carta, um passaporte e uma chave.

– Este é o meu passaporte! – exclamei. – Como foi que ela...? – Voltei a olhar para a fotografia. Era minha, assim como a data de nascimento, mas o nome não era o meu. – Giulietta? Giulietta Tolomei?

– Esse é seu nome verdadeiro. Sua tia o trocou quando a trouxe da Itália para cá. Ela também trocou o de Janice.

Fiquei perplexa:

– Mas *por quê?*... Há quanto tempo você sabe disso?

Umberto baixou os olhos:

– Por que você não lê a carta?

Desdobrei as duas folhas de papel:

– Foi você que escreveu isto?

– Ela ditou para mim – respondeu Umberto, com um sorriso tristonho. – Queria ter certeza de que você conseguiria ler.

A carta dizia:

Minha querida Julie,

Pedi a Umberto que lhe entregasse esta carta depois de meu enterro, portanto, imagino que isso signifique que eu estou morta. Enfim, sei que você continua aborrecida por eu nunca ter levado vocês duas à Itália, mas acredite em mim quando digo que foi para o seu bem. Eu jamais me perdoaria se lhes acontecesse alguma coisa. Mas agora você está crescida. E há uma coisa lá em Siena que sua mãe deixou para você. Só para você. Não sei por quê, mas Diane era assim, que Deus a tenha. Ela encontrou uma coisa que supostamente ainda está lá. Pelo jeito, é algo muito mais valioso do que qualquer bem que eu já tenha possuído. E foi por isso que decidi agir desta maneira e dar a casa à Janice. Eu tinha a esperança de que pudéssemos evitar tudo isso e esquecer a Itália, mas agora começo a achar que seria um erro nunca lhe contar.

O que você deve fazer é o seguinte. Pegue esta chave e vá ao banco do Palazzo Tolomei. Em Siena. Acho que ela é de um cofre no banco. Sua mãe a carregava na bolsa quando morreu. Havia um consultor financeiro lá, um homem chamado Francesco Maconi. Procure-o e diga que você é filha de Diane Tolomei. Ah, outra coisa. Troquei os nomes de vocês. Seu nome verdadeiro é Giulietta Tolomei. Mas estamos nos Estados Unidos. Achei que Julie Jacobs faria mais sentido, mas ninguém sabe soletrá-lo também. Onde este mundo vai parar? Não, eu tive uma vida boa. Graças a vocês. Ah, e mais uma coisa: Umberto vai lhe dar um passaporte com seu nome verdadeiro. Não tenho a menor ideia de como se fazem essas coisas, mas não vem ao caso, deixaremos isso por conta dele.

Não vou dizer adeus. Nós nos veremos de novo no paraíso, se Deus quiser. Mas eu queria me certificar de que você recebesse o que é seu por direito. Apenas tome cuidado por lá. Veja o que aconteceu com sua mãe. A Itália pode ser um lugar muito estranho. Sua bisavó nasceu lá, é claro, mas uma coisa eu lhe digo: ninguém conseguiria arrastá-la de volta para lá, nem por todo o dinheiro do mundo. Seja como for, não conte a ninguém o que eu lhe disse. E procure sorrir mais. Você tem um sorriso lindo quando o usa.

*Que Deus a abençoe.
Com todo o meu amor,*

Titia

Demorei um pouco para me recuperar da carta. Ao lê-la, quase pude ouvir tia Rose a ditando, tão maravilhosamente desmiolada na morte quanto tinha sido em vida. Quando terminei de usar o lenço de Umberto, ele não o quis de volta. Disse-me que o levasse comigo para a Itália, para que me lembrasse dele quando encontrasse meu grande tesouro.

– Ora, vamos! – retruquei, assoando o nariz pela última vez. – Nós dois sabemos que não há tesouro nenhum!

Ele pegou a chave:

– Você não está curiosa? Sua tia estava convencida de que sua mãe havia encontrado uma coisa muito valiosa.

– Então, por que ela não me contou antes? Por que esperar até estar... – Joguei os braços para o alto. – Isso não faz sentido.

Umberto espremeu os olhos:

– Ela queria contar. Mas você nunca estava por perto.

Esfreguei o rosto, basicamente para evitar seu olhar acusador.

– Mesmo que ela tivesse razão, você sabe que não posso voltar à Itália. Eles me prenderiam num piscar de olhos. Você sabe o que eles me disseram...

Na verdade, eles – a polícia italiana – tinham me dito muito mais do que eu contara a Umberto. Mas ele sabia o essencial. Sabia que certa vez eu fora presa em Roma, durante uma manifestação pacifista, e passara uma noite muito pouco recomendável numa prisão local, antes de ser expulsa do país ao amanhecer, com ordens de nunca mais voltar. Ele também sabia que a culpa não havia sido minha. Eu tinha 18 anos e tudo o que havia desejado era ir à Itália para ver o lugar onde nascera.

Suspirando diante dos quadros de avisos da faculdade, com seus anúncios de viagens de estudos e dispendiosos cursos de línguas em Florença, eu havia deparado com um pequeno cartaz que condenava abertamente a guerra no Iraque e todos os países que participavam dela. Entre eles, me empolguei ao descobrir, estava a Itália. No pé da página havia uma lista de datas e destinos; qualquer pessoa interessada na causa seria bem-vinda. Uma semana em Roma – incluindo a viagem – não custaria mais de 400 dólares, exatamente o que restava em minha conta bancária. Mal sabia eu que essa tarifa reduzida só era possível pelo fato de ser quase certo não passarmos a semana inteira lá e de a despesa com nossa viagem de volta e com o último pernoite – se tudo corresse como

planejado – ser bancada pelas autoridades italianas, ou melhor, pelos contribuintes italianos.

Assim, entendendo pouquíssimo sobre o propósito da viagem, voltei várias vezes àquele cartaz antes de finalmente me inscrever. Na mesma noite, porém, rolando de um lado para o outro na cama, percebi que havia cometido um erro e teria que desfazê-lo o mais depressa possível. Só que, na manhã seguinte, quando disse isso a Janice, ela apenas revirou os olhos e comentou: “Aqui jaz Jules, cuja vida não foi grande coisa, mas que um dia *quase* foi à Itália.”

É óbvio que tive de ir.

Quando as primeiras pedras começaram a voar em frente ao Parlamento italiano – atiradas por dois de meus companheiros de viagem, Sam e Greg –, nada teria sido mais agradável para mim do que estar de volta em meu quarto no dormitório, com um travesseiro sobre a cabeça. Mas fiquei presa na multidão, como todas as outras pessoas, e, quando a polícia romana se cansou de nossas pedradas e coquetéis molotov, fomos todos batizados com gás lacrimogêneo.

Foi a primeira vez na vida em que me vi pensando: *eu poderia morrer agora*. Caída no asfalto e vendo o mundo – pernas, braços, vômito – através de uma névoa de dor e incredulidade, esqueci completamente quem eu era e para onde estava levando minha vida. Como os mártires de outrora, talvez, descobri um outro lugar, um ponto que não era vida nem morte. Mas então a dor voltou, o pânico também e, passado um momento, de repente aquilo parou de parecer uma experiência religiosa.

Meses depois, eu ainda me perguntava se tinha me recuperado por completo dos acontecimentos de Roma. Quando me obrigava a pensar no assunto, tinha a incômoda sensação de que ainda estava esquecendo alguma coisa crucial sobre quem eu era – algo que tinha sido derramado naquele asfalto italiano e nunca mais voltara.

– É verdade – disse Umberto, abrindo o passaporte e examinando minha fotografia. – Eles disseram a Julie Jacobs que ela não poderia voltar à Itália. Mas e quanto a Giulietta Tolomei?

Fiquei estupefata. Ela estava Umberto, que ainda me repreendia por eu me vestir de hippie, me instigando a descumprir a lei.

– Você está sugerindo...?

– Por que acha que mandei fazer isto? O último desejo de sua tia foi que você fosse à Itália. Não parta meu coração, *principessa*.

Ao ver a sinceridade em seus olhos, tornei a lutar contra as lágrimas.

– Mas e você? – perguntei em tom brusco. – Por que não vai comigo? Poderíamos achar o tesouro juntos. E, se não o acharmos, que se dane. Viraremos piratas. Correremos os sete mares...

Umberto estendeu a mão e tocou meu rosto com muita delicadeza, como se soubesse que, quando eu partisse, nunca mais voltaria. E que, se um dia tornássemos a nos encontrar, não seria assim, sentados juntos num esconderijo de criança, de costas para o mundo lá fora.

– Existem certas coisas que uma princesa tem que fazer sozinha – disse em voz baixa. – Você se lembra do que eu lhe disse... que um dia você encontraria o seu reino?

– Aquilo foi apenas uma história. A vida não é assim.

– Tudo o que dizemos é uma história. Mas nada do que dizemos é *apenas* uma história.

Atirei os braços em volta dele; ainda não estava preparada para perdê-lo.

– E você? Não vai ficar aqui, vai?

Umberto apertou os olhos para a madeira trabalhada do caramanchão:

- Acho que Janice tem razão. Está na hora de o velho Birdie se aposentar. Eu deveria roubar a prataria e ir para Las Vegas. Com a minha sorte, é provável que o dinheiro durasse uma semana. Portanto, não se esqueça de me telefonar quando encontrar seu tesouro.

Encostei a cabeça em seu ombro:

- Você será o primeiro a saber.

*Mas pode puxar a sua arma –
Lá vem o pessoal dos Montéquios.*

Até onde eu podia me lembrar, tia Rose fizera tudo o que estava a seu alcance para impedir que Janice e eu fôssemos à Itália. “Quantas vezes tenho que dizer que aquilo não é lugar para boas meninas?”, costumava repetir. Tempos depois, ao perceber que sua estratégia tinha que mudar, ela balançava a cabeça sempre que alguém tocava no assunto e levava a mão ao peito, como se o simples fato de pensar naquele lugar a deixasse à beira da morte. “Acreditem, a Itália não passa de uma grande decepção”, dizia com a voz rouca, “e os homens italianos são uns porcos!”

Eu sempre me ressentira desse seu preconceito inexplicável contra o país onde eu havia nascido, mas, depois de minha experiência em Roma, acabei mais ou menos concordando com ela: a Itália era uma decepção e, perto dos italianos – pelo menos dos uniformizados –, os porcos pareciam muito agradáveis.

Do mesmo modo, sempre que lhe perguntávamos sobre nossos pais, tia Rose nos cortava, recitando a mesma velha ladainha: “Quantas vezes tenho que lhes dizer”, resmungava, frustrada por ser interrompida em meio à leitura do jornal, com as luvinhas de algodão que a impediam de sujar as mãos de tinta, “que seus pais morreram num acidente de automóvel na Toscana quando vocês tinham 3 anos?” Para felicidade de Janice e minha, tia Rose e o pobre tio Jim, que Deus o tenha, conseguiram nos adotar imediatamente após a tragédia – pelo menos era assim que continuava a história – e nossa sorte era os dois nunca terem podido ter seus próprios filhos. Devíamos dar graças a Deus por não termos acabado num orfanato italiano, comendo espaguete todo dia. Olhem só para nós! Ali estávamos, morando num casarão na Virgínia, completamente mimadas; o mínimo que podíamos fazer em retribuição era parar de atormentar tia Rose com perguntas que ela não sabia responder. E será que alguém podia preparar outro *mint julep* para ela, considerando-se que suas articulações estavam doendo terrivelmente, por causa da nossa chateação incessante?

Sentada no avião para a Europa, contemplando a noite no Atlântico e revivendo conflitos passados, ocorreu-me que eu sentia saudade de tudo o que dizia respeito a tia Rose, não só das coisas boas. Como eu ficaria feliz por ter mais uma hora com ela, mesmo que ela passasse o tempo todo esbravejando! Agora que ela se fora, era difícil acreditar que um dia tivesse feito com que eu batesse portas e subisse a escada pisando duro, era difícil admitir que eu tivesse desperdiçado tantas horas preciosas num silêncio teimoso, trancada em meu quarto.

Enraivecida, enxuguei a lágrima que escorria em meu rosto com o guardanapo fininho do avião e disse a mim mesma que arrependimento era perda de tempo. Sim, eu devia ter escrito mais cartas para ela, devia ter telefonado mais vezes e dito que a amava, mas agora era tarde para tudo isso. Eu

não podia desfazer os pecados do passado.

Por cima de minha tristeza havia também outra sensação me corroendo por dentro. Seria um mau pressentimento? Não necessariamente. Um mau pressentimento significava que alguma coisa ruim iria acontecer. Meu problema era não saber se de fato aconteceria alguma coisa. Era perfeitamente possível que toda essa viagem terminasse numa decepção. Mas também sabia que uma única pessoa era a culpada pelo aperto em que me encontrava: eu mesma.

Eu havia crescido achando que herdaria metade da fortuna de tia Rose e, por causa disso, não sequer tentara construir a minha. Enquanto outras moças da minha idade haviam escalado o poste escorregadio da carreira com as unhas meticulosamente feitas, eu só havia trabalhado em atividades de que gostava – como dar aulas em colônias de férias dedicadas ao estudo de Shakespeare –, sabendo que, mais cedo ou mais tarde, a herança de tia Rose cuidaria da minha crescente dívida com os cartões de crédito. Como resultado, agora eu tinha pouco a que recorrer, exceto uma fúgdia relíquia de família, deixada em terras distantes por uma mãe de quem eu mal conseguia me lembrar.

Desde que abandonara o curso de pós-graduação, eu não tinha morado em nenhum lugar em particular, dormindo nos sofás de amigos do movimento pacifista e indo embora toda vez que conseguia um trabalho para lecionar Shakespeare. Por alguma razão, as peças do Bardo eram a única coisa que havia se fixado em minha cabeça e, por mais que tentasse, nunca me cansava de *Romeu e Julieta*.

Veza por outra, dava aulas para adultos, mas preferia de longe as crianças – talvez por ter uma boa dose de certeza de que elas gostavam de mim. Minha primeira pista disso era que sempre se referiam aos adultos como se eu não fosse um deles. Eu ficava feliz por elas me aceitarem como uma delas, embora soubesse que isso não era propriamente um elogio. Significava apenas que elas desconfiavam que eu também nunca havia crescido de verdade e que, mesmo aos 25 anos, ainda dava a impressão de ser uma adolescente atrapalhada, que lutava para articular – ou, com mais frequência, esconder – a poesia que levava em minha alma.

Não contribuía para minha carreira o fato de eu ser completamente incapaz de visualizar meu futuro. Quando me perguntavam o que eu gostaria de fazer da vida, não tinha ideia do que responder e, quando tentava me imaginar dali a cinco anos, só conseguia enxergar um grande buraco negro. Nos momentos de melancolia, interpretava essa escuridão iminente como um sinal de que morreria jovem e de que a razão para eu não conseguir contemplar meu futuro era que não existia nenhum. Minha mãe tinha morrido jovem, assim como minha avó – a irmã mais nova de tia Rose. Por algum motivo, o destino nos perseguia e, toda vez que eu me via contemplando um compromisso a longo prazo, fosse ele de trabalho ou de moradia, sempre recuava na última hora, perseguida pela ideia de que não estaria presente para vê-lo concluído.

Toda vez que eu voltava para passar o Natal ou minhas férias de verão em casa, tia Rose me implorava discretamente que ficasse com ela, em vez de continuar em minha existência sem rumo. “Sabe, Julie”, dizia enquanto decorava a árvore de Natal, um anjo de cada vez, “você poderia voltar para cá por uns tempos e pensar no que gostaria de fazer.”

No entanto, apesar de me sentir tentada, eu sabia que não podia fazer isso. Janice estava morando sozinha, ganhando dinheiro com o agenciamento de casais e morando num apartamento alugado, de dois quartos e com vista para um lago artificial; para mim, voltar para casa seria reconhecer que ela vencera.

Agora, é claro, tudo havia mudado. Voltar a morar com tia Rose não era mais uma opção. O mundo que eu conhecia pertencia a Janice e a mim não restara nada além do conteúdo de um envelope pardo. Sentada ali no avião, relendo a carta de tia Rose, acompanhada por um copo plástico de vinho acre, de repente me ocorreu como eu estava completamente só, agora que ela se fora e que no mundo restava apenas Umberto.

Enquanto crescia, eu nunca fora boa em fazer amizades. Janice, por sua vez, teria dificuldade para espremer os amigos mais íntimos e queridos num ônibus de dois andares. Toda vez que ela saía à noite com sua turma risonha, tia Rose passava um tempo andando nervosamente em círculos a meu redor, fingindo procurar a lente de aumento ou seu lápis especial para palavras cruzadas. Acabava por se sentar a meu lado no sofá, parecendo interessada no livro que eu lia. Mas eu sabia que não estava.

“Sabe, Julie”, ela dizia, tirando fiapos da calça do meu pijama, “eu me divirto muito bem sozinha. Se você quiser sair com seus amigos...”

A sugestão ficava algum tempo no ar, até eu formular uma resposta adequada. A verdade é que eu não ficava em casa por pena de tia Rose, mas porque não tinha interesse em sair. Toda vez que eu deixava que me arrastassem para um bar, acabava cercada por idiotas e cê-dê-efes, todos os quais pareciam achar que estávamos encenando um conto de fadas no qual, antes do fim da noite, eu teria que escolher um deles.

A lembrança de tia Rose sentada a meu lado, dizendo-me com seu jeitinho meigo para eu cuidar da minha vida, me deu outra pontada no coração. Olhando tristemente pela janelinha suja do avião para o vazio lá fora, me peguei pensando se toda aquela viagem seria, quem sabe, uma espécie de castigo pelo modo como eu a havia tratado. Talvez Deus pretendesse fazer o avião cair, só para me dar uma lição. Ou talvez me deixasse chegar de fato a Siena, para *então* descobrir que outra pessoa já havia surrupiado o tesouro da família.

Na verdade, quanto mais pensava no assunto, mais suspeitava que a verdadeira razão para tia Rose nunca ter mencionado a questão em vida era que toda essa história não passava de balela. Talvez ela simplesmente houvesse pirado no fim e, nesse caso, era bem possível que o pretenso tesouro fosse apenas uma fantasia. E mesmo que, contrariando todas as probabilidades, algo de valor realmente houvesse ficado em Siena depois da nossa partida, mais de 20 anos antes, quais eram as chances de que ainda estivesse lá? Considerando-se a densidade populacional da Europa e a esperteza da humanidade em geral, eu ficaria muito surpresa se ainda restasse algum queijo no centro do labirinto, quando – e se – eu chegasse lá.

A única ideia que me animou durante esse longo voo insone foi que cada garrafinha em miniatura trazida pelos risonhos comissários de bordo me afastava um pouco mais de Janice. Lá estava ela, dançando numa casa toda sua, rindo da minha desgraça. Não fazia ideia de que eu estava indo à Itália, nem imaginava que a pobre tia Rose me despachara numa caça ao tesouro inútil, e ao menos por isso eu podia me alegrar. Afinal, se minha viagem não resultasse na recuperação de algo significativo, eu preferiria que Janice não estivesse por perto para exultar com minha derrota.

ATERRISSAMOS EM FRANKFURT em meio a algo que lembrava um dia ensolarado e saí do avião arrastando os pés nas sandálias de dedo, de olhos inchados e com um pedaço de strudel de

maçã ainda entalado na garganta. Faltavam mais de duas horas para a conexão que me levaria a Florença e, assim que cheguei ao saguão, me estiquei sobre três cadeiras e fechei os olhos, com a cabeça na bolsa de macramê, cansada demais para me importar se alguém fugisse com o resto.

Em algum ponto entre o sono e a vigília, senti a mão de alguém batendo em meu braço.

– Ai, ai, ai – disse uma voz que era uma mescla de café e fumaça –, *mi scusi!*

Abri os olhos e vi a mulher que se sentara a meu lado, sacudindo freneticamente umas migalhas de pão do meu braço. Enquanto eu cochilava, o saguão havia lotado e as pessoas me olhavam como quem olha para um sem-teto – com uma mistura de desdém e solidariedade.

– Não se preocupe – falei, me sentando. – Estou mesmo toda desarrumada.

– Tome! – Ela me ofereceu metade de seu croissant, talvez como uma espécie de compensação. – Você deve estar com fome.

Olhei para ela, surpresa com sua bondade.

– Obrigada.

Chamar a mulher de elegante seria uma redução grosseira da realidade. É claro, ela já havia passado da flor da idade, mas isso não parecia ter lhe tirado o ânimo. Tudo nela combinava à perfeição: não apenas a cor do batom e do esmalte, mas também os escaravinhos dourados presos em seus sapatos, em sua bolsa e no chapeuzinho chique sobre os cabelos imaculados. Desconfiei fortemente – e seu sorriso coquete mais do que confirmou – de que aquela mulher tinha todos os motivos para estar satisfeita consigo mesma. Provável dona de uma fortuna – ou, pelo menos, casada com alguém que o fosse –, ela dava a impressão de não ter uma só preocupação na vida, exceto a de mascarar a alma tarimbada com um corpo cuidadosamente conservado.

– Você está indo para Florença? – perguntou, com um sotaque acentuado e extremamente charmoso. – Para ver todas aquelas chamadas obras de arte?

– Para Siena, na verdade – respondi, de boca cheia. – Nasci lá. Mas desde então nunca mais voltei.

– Que maravilha! – exclamou ela. – Mas que estranho! Por que não?

– É uma longa história.

– Conte-me. Você precisa me contar tudo – disse, mas, ao ver minha hesitação, estendeu a mão. – Desculpe-me. Sou muito curiosa. Eu me chamo Eva Maria Salimbeni.

– Julie... Giulietta Tolomei.

Por pouco ela não caiu da cadeira:

– Tolomei? O seu sobrenome é *Tolomei*? Não, não acredito! Não é possível! Espere... em que poltrona você está? Sim, no avião. Deixe-me ver... – pediu. Deu uma espiada em meu cartão de embarque e, no mesmo instante, tirou-o da minha mão. – Um minuto! Fique aqui!

Ela se dirigiu ao balcão e fiquei me perguntando se aquele seria um dia comum na vida de Eva Maria Salimbeni. Deduzi que ela devia estar tentando trocar os lugares para que pudéssemos nos sentar juntas durante o voo e, a julgar por seu sorriso na volta, ela havia conseguido.

– *Et voilà!* – disse, entregando-me um novo cartão de embarque. Assim que o vi, tive de reprimir um risinho encantado. É claro, para continuarmos nossa conversa, eu teria que ser transferida para a primeira classe.

Depois de nos acomodarmos no avião, Eva Maria não demorou a arrancar minha história. Os únicos elementos que omiti foram minha dupla identidade e o suposto tesouro de minha mãe.

- Quer dizer - perguntou ela por fim, inclinando a cabeça - que você vai a Siena para... assistir ao Palio?

- Assistir a quê?

Minha pergunta a deixou pasma:

- Ao Palio! A corrida de cavalos. Siena é famosa pela corrida chamada Palio. O mordomo da sua tia, esse inteligente Alberto, nunca lhe falou disso?

- Umberto - corrigi. - Sim, acho que falou. Mas não me dei conta de que ela ainda acontecia. Sempre que ele falava da corrida, ela me parecia uma coisa medieval, com cavaleiros de armadura e tudo o mais.

- A história do Palio - acrescentou Eva Maria - remonta à própria... - teve de procurar a palavra certa em inglês - ... *obscuridade* da Idade Média. Hoje em dia, a corrida é feita no Campo em frente à Prefeitura e os cavaleiros são jóqueis profissionais. Mas, nos primórdios, acredita-se que eles eram nobres montando seus cavalos de batalha e que vinham cavalgando do interior até a cidade, para terminar em frente à Catedral de Siena.

- Parece emocionante - comentei, ainda intrigada com sua gentileza efusiva. Mas talvez ela apenas julgasse ter o dever de instruir os estrangeiros sobre Siena.

- Ah! É a maior emoção da nossa vida - concordou Eva Maria, revirando os olhos. - Durante meses a fio, a população de Siena não consegue falar de outra coisa senão cavalos, rivais e negociações com este ou aquele jóquei. - Ela balançou a cabeça com uma expressão amorosa. - É o que chamamos de *dolce pazzia*... a doce loucura. Quem já a sentiu nunca mais quer ir embora.

- Umberto sempre diz que é impossível explicar Siena - comentei, desejando de repente que ele estivesse comigo, ouvindo essa mulher fascinante. - Que é preciso estar lá e ouvir os tambores para compreender.

Eva Maria deu um sorriso gracioso, como uma rainha que recebesse um elogio:

- Ele tem razão. É preciso sentir... - estendeu a mão e tocou meu peito - ... aqui.

Vindo de qualquer outro, esse gesto parecia absurda impróprio, mas Eva Maria era o tipo de pessoa com propriedade para agir assim.

Enquanto a aeromoça nos servia outra taça de champanhe, minha nova amiga me falou mais de Siena, "para que você não se meta em encrencas", disse, dando uma piscadinha.

- Os turistas sempre se metem em encrencas. Não percebem que Siena não é apenas Siena, mas um conjunto de 17 bairros ou *contrade* diferentes e que todos eles têm seu próprio território, seus governantes e seu brasão. - Eva Maria tocou minha taça com a sua, com um ar conspirador. - Em dúvida, sempre consulte os cantos externos das casas. As plaquinhas de porcelana lhe dirão em que *contrada* você está. Sua família, por exemplo, os Tolomei, é da *contrada* da Coruja e seus aliados são a Águia, o Porco-espinho e... esqueci os outros. Para a população de Siena, essas *contrade*, esses bairros, são tudo a que se resume a vida: são seus amigos, sua comunidade, seus aliados e também seus rivais. Todos os dias do ano.

- Quer dizer que minha *contrada* é a Coruja - comentei, achando aquilo divertido, porque algumas vezes Umberto me chamara de coruja carrancuda, quando eu ficava de mau humor. - Qual é a sua *contrada*?

Pela primeira vez desde que tínhamos começado nossa longa conversa, Eva Maria desviou os olhos, angustiada com minha pergunta.

– Não tenho nenhuma – respondeu, com ar indiferente. – Minha família foi banida de Siena há muitas centenas de anos.

BEM ANTES DE aterrissarmos em Florença, Eva Maria começou a insistir em me dar carona até Siena. Ficava no caminho de sua casa em Val d’Orcia, ela me explicou, e realmente não seria incômodo algum. Eu lhe disse que não me importava em ir de ônibus, mas ficou claro que ela não confiava no transporte público.

– *Dio santo!* – exclamou, quando continuei a declinar de sua gentil oferta. – Por que você quer esperar um ônibus que nunca aparece, quando pode ir comigo e fazer uma viagem muito confortável no carro novo do meu afilhado? – Ao ver que tinha quase me convencido, deu um sorriso sedutor e se inclinou para apresentar o argumento final: – *Giulietta*, ficarei muito decepcionada se não pudermos continuar nossa agradável conversa um pouco mais.

E assim, passamos pela alfândega de braços dados; embora mal tenha examinado meu passaporte, o funcionário olhou duas vezes para o decote de Eva Maria. Mais tarde, enquanto eu preenchia uma pilha de formulários cor de caramelo para comunicar o extravio de minha bagagem, Eva Maria postou-se a meu lado, batendo com seu escarpim Gucci no chão até o funcionário encarregado das bagagens jurar que recuperaria pessoalmente minhas duas malas, onde quer que elas tivessem ido parar, e que, independentemente da hora, iria direto a Siena entregá-las no Hotel Chiusarelli, cujo endereço Eva Maria só faltou escrever com batom e enfiar no bolso do rapaz.

– Sabe, *Giulietta* – explicou, quando saíamos juntas do aeroporto e ela puxava sobre rodinhas nada além de sua minúscula bagagem de mão –, cinquenta por cento são o que eles *veem*, e cinquenta por cento são o que *pensam* estar vendo. Ah! – exclamou, acenando animada para um sedã preto parado na faixa exclusiva do Corpo de Bombeiros. – Lá está ele! Bonito carro, não acha? – E me cutucou, piscando um olho. – É o modelo novo.

– É mesmo? – retruquei educadamente.

Os carros nunca tinham sido uma de minhas paixões, principalmente porque em geral vinham com um homem anexo. Sem dúvida, Janice saberia me dizer o nome e o modelo exatos do veículo em questão, além de me informar que um item de sua lista de coisas por fazer era transar com o dono de um deles, estacionado em algum local com vista panorâmica na costa de Amalfi. Nem é preciso dizer que sua lista era radicalmente diferente da minha.

Sem se mostrar muito ofendida com minha falta de entusiasmo, Eva Maria me puxou para ainda mais perto e segredou em meu ouvido:

– Não diga nada, quero que seja surpresa! Ah, olhe só... ele não é bem-apanhado? – Deu um risinho encantado, enquanto me conduzia em direção ao homem que vinha saindo do carro. – *Ciao*, Sandro!

O homem deu a volta no carro para nos cumprimentar:

– *Ciao, Madrina!* – Beijou a madrinha nas duas faces e não pareceu se importar quando ela passou a mão por seu cabelo preto, com ar de admiração. – *Bentornata*.

Eva Maria tinha razão. Seu afilhado era não apenas um colírio pecaminoso, mas também de uma elegância de arrasar e, mesmo estando longe de ser uma autoridade em comportamento feminino, desconfeitei que nunca lhe faltassem vítimas voluntárias.

– Alessandro, quero que você conheça uma pessoa – disse Eva Maria, com dificuldade para reprimir a empolgação. – Esta é minha nova amiga. Nos conhecemos no avião. Ela se chama *Giulietta Tolomei*. Dá para acreditar?

Alessandro se virou para me encarar com uns olhos cor de alecrim seco, olhos que fariam Janice dançar uma rumba pela casa só de lingerie, usando uma escova de cabelo como microfone.

– *Ciao!* – cumprimentei-o, me perguntando se ele também me beijaria.

Não beijou. Alessandro olhou para minhas tranças, minha bermuda folgada e minhas sandálias de dedo, até finalmente forçar um sorriso e dizer em italiano algo que não entendi.

– Desculpe-me – falei –, mas eu não...

Ao perceber que, além da minha aparência desmazelada, eu nem ao menos falava italiano, o filho de Eva Maria perdeu completamente o interesse por mim. Em vez de traduzir o que tinha dito, apenas perguntou:

– Nenhuma bagagem?

– Uma tonelada. Mas, ao que parece, foi tudo para Verona.

Minutos depois, eu estava sentada no banco traseiro de seu carro, ao lado de Eva Maria, transitando velozmente pelos esplendores de Florença. Tão logo me convenci de que o silêncio de Alessandro não passava de uma consequência de seu pouco domínio de inglês – e por que eu haveria de me incomodar? –, senti uma nova espécie de empolgação ferver dentro de mim. Ali estava eu, de volta ao país que me cuspira duas vezes, infiltrando-me com sucesso na classe mais sofisticada. Mal podia esperar para telefonar para Umberto e lhe contar tudo.

– Então, Giulietta – disse Eva Maria, enfim comodamente recostada –, eu tomaria cuidado e não diria... a muita gente quem você é.

– Eu?! – exclamei, quase rindo. – Mas eu não sou ninguém!

– Ninguém? Você é uma Tolomei!

– Você acabou de me dizer que os Tolomei viveram há muito tempo.

Eva Maria tocou meu nariz com o indicador:

– Não subestime o poder dos acontecimentos de muito tempo. Esse é um defeito trágico do homem moderno. Eu a aconselho, na condição de quem veio do Novo Mundo: ouça mais e fale menos. Foi aqui que sua alma nasceu. Acredite, Giulietta, haverá pessoas aqui para quem você é alguém.

Olhei de relance para o retrovisor e vi Alessandro me fitando com olhos espremidos. Com ou sem fluência em inglês, era óbvio que ele não compartilhava o fascínio de sua madrinha por mim, mas era disciplinado demais para verbalizar o que estava pensando. Assim, tolerava minha presença em seu carro, desde que eu não ultrapassasse os limites apropriados da humildade e da gratidão.

– A sua família, os Tolomei – continuou Eva Maria, indiferente às vibrações negativas –, foi uma das mais ricas e poderosas de toda a história de Siena. Eles eram donos de um banco privado, sabe, e sempre estiveram em guerra conosco, os Salimbeni, para provar quem tinha maior influência na cidade. A inimizade entre os dois clãs era tão intensa que eles puseram fogo na casa uns dos outros... e mataram os filhos uns dos outros na cama, na Idade Média.

– Eles eram inimigos? – A pergunta era idiota.

– Ah, sim! Do pior tipo! Você acredita em destino? – Eva Maria cobriu minha mão com a sua e a apertou. – Eu, sim. Nossas famílias, os Tolomei e os Salimbeni, tinham uma desavença antiga, uma

desavença sangrenta... Se estivéssemos na Idade Média, já teríamos pulado no pescoço uma da outra. Como os Capuleto e os Montéquio em *Romeu e Julieta*. – Ela me deu um olhar significativo: – “Duas casas, iguais em seu valor, em Siena, que a nossa cena ostenta...” Conhece essa peça?

Quando apenas fiz que sim com a cabeça, impressionada demais para falar, ela deu um tapinha tranquilizador em minha mão e acrescentou:

– Não se preocupe, estou confiante de que você e eu, com a nossa nova amizade, enfim sepultaremos a discórdia entre eles. E é por isso que... – Ela se virou abruptamente no banco. – Sandro! Conto com você para garantir que Giulietta fique segura em Siena. Está me ouvindo?

– A Srta. Tolomei – respondeu Alessandro, com os olhos fixos na estrada –, nunca estará segura em lugar nenhum. Em relação a ninguém.

– Isso não é jeito de falar – repreendeu-o Eva Maria. – Ela é uma Tolomei. É nosso dever protegê-la.

Alessandro me olhou de relance pelo espelho e tive a impressão de que ele era capaz de enxergar muito mais de mim do que eu dele.

– Talvez ela não queira a nossa proteção.

Pelo modo como disse isso, percebi que se tratava de um desafio e soube também que, apesar do sotaque, ele ficava completamente à vontade falando em minha língua. O que significava que tinha outras razões para ser monossilábico comigo.

– Certamente agradeço esta carona – retruquei, exibindo meu mais gracioso sorriso –, mas tenho certeza de que Siena é muito segura.

Ele recebeu meu elogio à cidade com um ligeiro aceno da cabeça.

– O que a traz aqui? Veio a negócios ou a passeio?

– Bem... a passeio, eu acho.

Eva Maria bateu palmas, animada.

– Nesse caso, temos de nos certificar de que você não se decepcione! Alessandro conhece todos os segredos de Siena. Não é mesmo, *caro*? Ele lhe mostrará lugares maravilhosos que você nunca descobriria sozinha. Ah, você vai se divertir!

Abri a boca, mas sem ter ideia do que dizer. Então voltei a fechá-la. Ficou bastante claro, por seu cenho franzido, que me mostrar Siena seria o último item na programação semanal de Alessandro.

– Sandro! – continuou Eva Maria, sua voz adquirindo um tom ríspido. – Você vai garantir que Giulietta se divirta, não vai?

– Não posso imaginar felicidade maior – respondeu Alessandro, ligando o rádio do carro.

– Viu? – Eva Maria beliscou minha bochecha corada. – Shakespeare não sabia de nada. Agora somos amigos.

Lá fora, o mundo era um vinhedo e o céu ficava suspenso sobre a paisagem como uma capa azul protetora. Eu havia nascido ali, ainda assim de repente me senti uma estranha – uma intrusa – que havia entrado sorrateiramente pela porta dos fundos, para encontrar e reivindicar algo que nunca lhe pertencera.

FOI UM ALÍVIO quando enfim paramos em frente ao Hotel Chiusarelli. Eva Maria tinha sido mais do que gentil durante todo o trajeto, me contando coisas sobre Siena, mas há um limite para a

conversa educada que se consegue manter depois de se ter perdido, a um só tempo, uma noite de sono e toda a bagagem.

Tudo o que eu possuía encontrava-se naquelas duas malas. Eu havia empacotado praticamente toda a minha infância na noite após o enterro de tia Rose e saíra de casa num táxi por volta de meia-noite, com a risada triunfal de Janice ainda ecoando em meus ouvidos. Havia toda sorte de roupas, livros e quinquilharias bobas, mas agora eles estavam em Verona e eu ali, enclachada em Siena com pouco mais que uma escova de dentes, meia barrinha de cereais e um par de fones de ouvido.

Depois de parar junto ao meio-fio na frente do hotel e de abrir conscienciosamente a porta do carro para mim, Alessandro me acompanhou até a entrada. É óbvio que ele não queria fazer isso e que eu não apreciei seu gesto, mas Eva Maria nos observava do banco traseiro do automóvel e, àquela altura, eu já sabia que ela era uma mulher acostumada a ter suas vontades satisfeitas.

– Por favor, tenha a bondade – disse Alessandro, abrindo a porta para eu passar.

Não havia mais nada a fazer além de entrar no hotel. O prédio me recebeu com fria serenidade, o teto alto sustentado por colunas de mármore e apenas muito vagamente, vindo de algum ponto abaixo de nós, pude discernir o som de pessoas cantando enquanto mexiam em vasilhas e panelas.

– *Buongiorno!* – saudou-nos um homem imponente de terno e colete, levantando-se atrás do balcão da recepção, com um crachá de metal informando que seu nome era *direttore* Rossini. – *Benvenu... ah!* – interrompeu-se, ao ver Alessandro. – *Benvenuto, Capitano.*

Espalmei as duas mãos sobre o mármore verde, com o que esperava ser um sorriso cativante.

– Olá. Meu nome é Giulietta Tolomei. Tenho uma reserva. Dê-me licença um instante... – Eu me virei para Alessandro. – Bem, então é isso. Cheguei em segurança.

– Sinto muitíssimo, *signorina* – disse o *direttore* Rossini –, mas não tenho uma reserva no seu nome.

– Oh! Mas eu tinha certeza... Isso cria algum problema?

– É o Palio! – respondeu ele, erguendo as mãos, exasperado. – O hotel está lotado! Mas... – Bateu na tela do computador – tenho aqui o número de um cartão de crédito em nome de Julie Jacobs. Reserva para uma pessoa por uma semana. Chegando hoje dos Estados Unidos. Poderia ser a senhorita?

Olhei de relance para Alessandro, que retribuiu meu olhar com completa indiferença.

– Sim, sou eu – respondi.

O *direttore* Rossini pareceu surpreso:

– A senhorita é Julie Jacobs? E Giulietta Tolomei?

– Bem... sim.

– Mas... – O *direttore* Rossini deu um passo para o lado, a fim de olhar melhor para Alessandro, as sobrancelhas formando um ponto de interrogação cortês. – *C'è un problema?*

– *Nessun problema* – respondeu Alessandro, olhando para nós dois com o que só podia ser uma inexpressividade proposital. – Srta. Jacobs, aproveite sua estada em Siena.

Num piscar de olhos, o afilhado de Eva Maria se retirou e fiquei com o *direttore* Rossini, num silêncio incômodo. Só depois que preenchi todos os formulários que ele pôs na minha frente, o gerente do hotel enfim se permitiu sorrir.

– Então... a senhorita é amiga do capitão Santini?

Olhei para trás:

– O senhor se refere ao homem que estava aqui agora há pouco? Não, não somos amigos. É esse o nome dele, Santini?

O *direttore* Rossini claramente achou que me faltava inteligência:

– O nome dele é *capitão* Santini. Ele é o... como se diz... o chefe da segurança em Monte dei Paschi. No Palazzo Salimbeni.

Devo ter feito um ar assustado, porque o *direttore* Rossini se apressou a me tranquilizar:

– Não se preocupe, não há criminosos em Siena. Esta é uma cidade muito pacífica. Houve um criminoso aqui, uma vez – ele riu consigo mesmo, enquanto tocava a campainha para chamar o mensageiro –, mas demos um jeito nele!

Eu havia passado horas ansiando por desabar numa cama, mas agora, quando finalmente poderia fazê-lo, em vez de me deitar, fiquei andando de um lado para outro no quarto do hotel, remoendo a possibilidade de que Alessandro Santini fizesse uma investigação sobre meu nome e desencovasse meu passado tenebroso. A última coisa de que eu precisava era que alguém em Siena puxasse o antigo arquivo de Julie Jacobs, descobrisse meu fiasco em Roma e desse um fim prematuro a minha caça ao tesouro.

Pouco depois, quando liguei para Umberto para lhe dizer que havia chegado sã e salva, ele deve ter notado a apreensão em minha voz, porque soube no mesmo instante que havia algo errado.

– Ah, não é nada – afirmei. – Foi só um sujeitinho todo formal, vestido de Armani, que descobriu que tenho dois nomes.

– Mas ele é italiano – foi a resposta sensata de Umberto. – Não vai se importar se você desrespeitar um pouquinho uma lei, desde que calce belos sapatos. Você está de sapatos bonitos? Está usando os sapatos que mandei?... *Principessa?*

Baixei os olhos para as sandálias de dedo:

– Acho que estou frita.

AO ME DEITAR nessa noite, comecei de imediato a ter um sonho recorrente que havia meses não tinha, mas que fizera parte da minha vida desde a infância. No sonho, eu andava por um castelo magnífico, com pisos de mosaico e tetos de catedral, sustentados por imensas pilastras de mármore, e abria uma porta dourada atrás da outra, perguntando a mim mesma onde estavam todos. A única luz provinha de estreitas janelas de vitral lá no alto, muito acima da minha cabeça, cujos feixes de luz colorida pouco ajudavam a iluminar os cantos escuros à minha volta.

Ao atravessar aqueles vastos aposentos, eu me sentia como uma criança perdida na floresta e ficava frustrada por sentir a presença de outras pessoas, sem que elas jamais se mostrassem a mim. Quando eu ficava quieta, podia ouvi-las murmurando e esvoaçando para lá e para cá, como fantasmas. No entanto, se eram mesmo seres etéreos, ainda estavam tão aprisionadas quanto eu, à procura de uma saída.

Somente ao ler a peça, quando estava no ensino médio, descobri que aquilo que os demônios invisíveis sussurravam eram fragmentos de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare – não como atores declamando os versos no palco, mas os resmungando com serena intensidade, como um feitiço. Ou uma maldição.

Em três horas Julieta está desperta

Foram necessários os sinos da basílica, do outro lado da *piazza*, para finalmente me despertar do sono. Dois minutos depois, o *direttore* Rossini bateu à minha porta, como se soubesse que seria impossível eu ter continuado a dormir com aquela barulheira.

– Com licença! – Sem esperar um convite, arrastou uma grande mala para dentro do meu quarto e a colocou no suporte vazio da bagagem. – Isto chegou para a senhorita ontem à noite.

– Espere! – exclamei, soltando a porta e apertando o máximo que podia o roupão do hotel em torno do corpo. – Essa mala não é minha.

– Eu sei. – Ele tirou um lenço do bolso interno do paletó e enxugou uma gota de suor na testa. – Veio da *contessa* Salimbeni. Tome, ela lhe deixou um bilhete.

Peguei o papel que ele me estendia:

– O que exatamente é uma *contessa*?

– Normalmente eu não carregoo bagagens – disse o *direttore* Rossini, com certa dignidade. – Mas, como foi a *contessa* Salimbeni...

– Ela está me emprestando roupas? – perguntei, olhando incrédula para o bilhete de Eva Maria. – E sapatos?

– Até sua bagagem chegar. No momento, ela está em Frittoli.

Em sua caligrafia delicada, Eva Maria previra que talvez suas roupas não me servissem perfeitamente. Mas, concluíra, seria melhor que andar nua.

Enquanto examinava uma a uma as peças da mala, fiquei contente por Janice não poder me ver. A casa onde passamos a infância não era grande o bastante para abrigar duas escravas da moda, assim, para grande tristeza de Umberto, eu me tornara tudo, menos isso. Na escola, Janice recebia elogios de amigas cuja vida era guiada por nomes de estilistas, ao passo que qualquer admiração por mim era demonstrada por garotas que tinham dado uma passada num bazar de caridade, mas não tiveram visão para comprar o que eu comprara nem coragem para fazer aquela combinação de peças. Não que eu não gostasse de roupas chiques, era só que me recusava a dar a Janice a satisfação de me ver parecendo me importar com minha aparência. Isso porque, não importava quanto eu me arrumasse, ela sempre conseguia me superar.

Quando terminamos a faculdade, eu havia me transformado na minha própria imagem: um dente-de-leão no canteiro da sociedade. Meio engraçadinha e com seu valor, mas, ainda assim, uma erva daninha. Quando tia Rose pôs nossas fotos de formatura lado a lado sobre o piano de cauda, deu um sorriso tristonho e comentou que, de todas as muitas disciplinas que eu havia cursado, aquela em que parecia ter me formado com as melhores notas era a que me fazia ser a perfeita antítese de

Janice.

As roupas de grife de Eva Maria, em outras palavras, decididamente não faziam meu estilo. Mas quais eram minhas alternativas? Após a conversa com Umberto na noite anterior, eu decidira aposentar provisoriamente as sandálias de dedo e prestar um pouco mais de atenção a minha *bella figura*. Afinal, a última coisa de que precisava naquele momento era que Francesco Maconi, o consultor financeiro de minha mãe, achasse que eu não era digna de confiança.

Assim, experimentei uma por uma as roupas de Eva Maria, me virando de um lado para o outro diante do espelho do armário, até achar a combinação certa – um conjunto de saia justa e jaqueta, em vermelho vivo com toques de preto –, que me fazia parecer recém-saída de um Jaguar com um jogo de quatro malas perfeitamente combinadas e um cachorrinho chamado Bijoux. O mais importante, porém, é que me dava a aparência de quem comia relíquias ocultas de família – e consultores financeiros – no café da manhã.

E, a propósito, havia sapatos para combinar.

PARA CHEGAR AO Palazzo Tolomei, explicara-me o *direttore* Rossini, eu deveria escolher entre subir a Via del Paradiso ou descer a Via della Sapienza. Ambas eram praticamente fechadas ao trânsito – como a maioria das ruas do centro de Siena –, mas a Sapienza, aconselhara o gerente, podia ser um pouquinho complicada e, de modo geral, a Paradiso provavelmente seria o caminho mais seguro.

Enquanto eu caminhava pela Via della Sapienza, as fachadas das casas antigas foram se fechando à minha volta e logo eu estava aprisionada num labirinto de séculos atrás, que seguia a lógica de um estilo de vida do passado. Acima de mim, uma tira de céu azul era cruzada por faixas cujas cores ousadas tinham uma estranha vivacidade em meio aos tijolos medievais, mas, fora isso – e um *jeans* pendurado numa janela para secar –, não havia quase nada que vinculasse aquele lugar à modernidade.

O mundo se desenvolvera a seu redor, mas Siena não se importava. O *direttore* Rossini me dissera que, para os sienenses, a era de ouro tinha sido o final da Idade Média e, à medida que fui andando, percebi que ele tinha razão. A cidade se apegava a seu eu medieval com obstinado descaso pelos atrativos do progresso. Havia toques do Renascimento aqui e ali, mas, em linhas gerais, como dissera o gerente do hotel, com um risinho desdenhoso, Siena fora sensata demais para se deixar seduzir pelos encantos dos playboys da história, os chamados mestres que transformavam casas em bolos de várias camadas.

Como resultado, o que havia de mais belo em Siena era sua integridade. Mesmo no presente, num mundo que havia parado de se importar com essas coisas, ela ainda era Sena Vetus Civitas Virginis, ou, na minha língua, a Velha Siena, a Cidade da Virgem. E, por essa simples razão, concluíra o *direttore* Rossini, com todos os dedos plantados no balcão de mármore verde, era o único lugar do planeta onde valia a pena morar.

– E onde mais o senhor morou? – perguntara eu, com ar inocente.

– Passei dois dias em Roma – respondera ele, com dignidade. – Quem precisa ver mais do que isso? Quando você dá uma dentada numa maçã podre, por acaso continua a comer?

De minha imersão nas vielas silenciosas, acabei saindo numa movimentada rua para pedestres.

Segundo as orientações que eu recebera, ela se chamava o Corso e o *direttore* Rossini havia explicado que era famosa pelos diversos bancos antigos que atendiam a estrangeiros em viagem pela velha rota dos peregrinos, que cruzava o centro da cidade. Ao longo dos séculos, milhões de pessoas haviam passado por Siena, e muitos tesouros e moedas estrangeiros tinham trocado de mãos. O fluxo contínuo de turistas modernos, em outras palavras, nada mais era do que a continuação de uma tradição antiga e lucrativa.

Foi assim que minha família, os Tolomei, havia enriquecido, dissera o *direttore* Rossini, e como nossos rivais, os Salimbeni, enriqueceram ainda mais. As duas tinham sido famílias de mercadores e banqueiros e seus palacetes fortificados haviam ladeado justamente essa rua – a principal de Siena – com torres de uma altura incrível, que tinham continuado a subir sem parar, até que, por fim, ambas desmoronaram.

Ao passar pelo Palazzo Salimbeni, procurei em vão restos da antiga torre. O prédio ainda era impressionante, com uma porta de entrada bem ao estilo do castelo de Drácula, porém já não era a fortaleza que fora um dia. Em algum lugar daquele prédio, pensei, enquanto seguia em passos rápidos e com a gola levantada, ficava o escritório de Alessandro, o afilhado de Eva Maria. Torci para que, naquele exato momento, ele não estivesse vasculhando um registro de antecedentes criminais em busca do tenebroso segredo de Julie Jacobs.

Na mesma rua, somente um pouco adiante, ficava o Palazzo Tolomei, a antiga residência de meus ancestrais. Erguendo os olhos para a esplêndida fachada medieval, senti um orgulho repentino por estar ligada às pessoas que haviam residido naquela construção admirável. Pelo que eu podia ver, não houvera muitas mudanças desde o século XIV: a única coisa que sugeria que os poderosos Tolomei haviam deixado o prédio e que um banco moderno se mudara para lá eram os cartazes comerciais pendurados nas janelas recuadas, suas promessas em cores vivas fatiadas por barras de ferro.

O interior do prédio era tão severo quanto o exterior. Um segurança deu um passo à frente e segurou a porta para eu entrar, num gesto tão galante quanto lhe permitia o fuzil semiautomático que ele segurava, mas eu estava absorta demais olhando em volta para me incomodar com sua atenção uniformizada. Seis pilastras de tijolos vermelhos, de dimensões titânicas, sustentavam o teto inumanamente alto e, embora houvesse balcões e cadeiras e pessoas circulando pelo vasto piso de pedra, eles ocupavam tão pouco espaço no salão que as alvas cabeças de leão que se projetavam das paredes seculares pareciam ignorar por completo a presença de seres humanos.

– Si? – A caixa me olhava por sobre os aros dos óculos, tão elegantemente estreitos que era impossível que lhe transmitissem mais do que uma fatia da realidade.

Eu me inclinei um pouco para a frente, em busca de um pouco de privacidade:

– Será que eu poderia falar com o *signor* Francesco Maconi?

A mulher conseguiu efetivamente me focalizar através dos óculos, mas não pareceu convencida do que viu.

– Aqui não há nenhum *signor* Francesco – disse em tom firme, com um sotaque muito carregado.

– Não há nenhum Francesco Maconi?

A essa altura, a caixa julgou necessário tirar os óculos, dobrá-los cuidadosamente sobre o balcão e me fitar com aquele tipo de sorriso gentil que as pessoas cravam em nós um segundo antes de nos espetarem uma injeção no pescoço:

– Não.

– Mas soube que ele trabalhava aqui...

Não completei a frase, pois a colega da mulher, no guichê ao lado, entrou na conversa e sussurrou alguma coisa em italiano. A princípio, minha atendente antipática descartou a outra com um aceno exasperado, mas, depois de algum tempo, começou a reconsiderar.

– Desculpe – acabou dizendo, inclinando o corpo para chamar minha atenção –, mas a senhorita está se referindo ao *presidente* Maconi?

Senti uma pontada de agitação:

– Ele trabalhava aqui 20 anos atrás?

Ela fez um ar horrorizado:

– O presidente Maconi sempre trabalhou aqui!

– E seria possível falar com ele? – insisti, com um sorriso doce, embora ela não o merecesse. – Ele é um velho amigo da minha mãe, Diane Tolomei. Meu nome é Giulietta Tolomei.

As duas mulheres me encararam como se eu fosse um fantasma materializado diante de seus olhos. Sem uma palavra mais, a caixa que a princípio me descartara repôs desajeitadamente os óculos, deu um telefonema e manteve uma conversa rápida, num italiano humilde de gente oprimida. Terminada a ligação, repôs reverentemente o fone no gancho e se voltou para mim, exibindo algo que parecia de leve com um sorriso:

– Ele a receberá logo depois do almoço, às três horas.

FIZ MINHA PRIMEIRA refeição desde que chegara a Siena numa pizzaria movimentada, chamada Cavallino Bianco. Enquanto fiquei sentada lá, fingindo ler o dicionário de italiano que acabara de comprar, comecei a perceber que seria preciso mais do que apenas um terninho emprestado e meia dúzia de expressões convenientes para ficar à altura dos moradores locais. As mulheres à minha volta, desconfie, ao espiar rapidamente seus sorrisos e seus gestos exuberantes, possuíam algo que eu nunca tivera, uma habilidade que eu não conseguia identificar, mas que devia ser um elemento crucial do elusivo estado de espírito chamado “felicidade”.

Continuando a passear e me sentindo mais apatetada e deslocada do que nunca, parei para tomar um café *espresso* em pé num bar da Piazza Postierla e perguntei à barista de seios fartos se ela poderia me recomendar uma loja de roupas baratas na vizinhança. Afinal – felizmente –, não havia nenhuma roupa de baixo na mala de Eva Maria. Ignorando por completo seus outros fregueses, ela me lançou um olhar cético e perguntou:

– Você quer tudo novo, não é? Cabelo novo, roupas novas?

– Bem...

– Não se preocupe, meu primo é o melhor cabeleireiro de Siena... talvez do mundo. Ele a deixará linda. Venha!

Arrastando-me pelo braço e insistindo para que a chamasse de Malèna, a barista me levou no mesmo instante para conhecer seu primo Luigi, embora aquela claramente fosse a hora de maior movimento no café e houvesse fregueses gritando com ela, exasperados, à nossa passagem. Ela apenas deu de ombros e riu, certa de que todos continuariam a adulando quando voltasse, quem sabe até um pouquinho mais do que antes, depois de terem provado a vida sem ela.

Luigi estava varrendo o chão para recolher fios de cabelo quando entramos em seu salão. Não era mais velho do que eu, mas tinha o olhar penetrante de um Michelangelo. Quando o cravou em mim, entretanto, ficou claramente pouco impressionado.

– *Ciao, caro* – cumprimentou-o Malèna, dando-lhe um beijo rápido em cada face –, esta é Giulietta. Ela está precisando de uma transformação *totale*.

– Só aparar as pontas, na verdade – interrompi. – Uns três ou quatro dedos.

Foi necessária uma grande discussão em italiano – que me senti mais do que aliviada por não compreender – para que Malèna convencesse Luigi a cuidar do meu caso lamentável. Mas, uma vez que aceitou, ele levou o desafio muito a sério. Assim que Malèna saiu do salão, ele me fez sentar numa cadeira de barbeiro e olhou para meu reflexo no espelho, virando-me de um lado para outro para verificar todos os ângulos. Em seguida, tirou os elásticos que prendiam minhas tranças e os jogou diretamente na lata de lixo, com uma expressão de repulsa.

– *Bene...* – disse finalmente, afofando meu cabelo e me olhando mais uma vez pelo espelho, com ar um pouco menos severo do que antes. – Não é tão ruim, não é?

AO REFAZER A pé o percurso para o Palazzo Tolomei, duas horas depois, eu me afindara ainda mais em dívidas, mas tinha valido cada centavo inexistente. O *tailleur* vermelho e preto de Eva Maria descansava bem dobradinho no fundo de uma sacola de compras, com os sapatos combinados por cima, e eu usava um dos cinco novos trajes que tinham sido aprovados por Luigi e por seu tio Paolo, que por acaso era dono de uma loja de roupas logo na esquina. Tio Paolo, que não falava uma palavra de inglês, mas sabia tudo o que era possível saber sobre moda, havia me dado 30 por cento de desconto em minha compra, sob a condição de eu prometer nunca mais usar meu *tailleur* de joaninha.

De início, eu havia protestado, explicando que minha bagagem deveria chegar a qualquer momento, mas a tentação acabara sendo grande demais. E daí se as malas estivessem à minha espera quando eu voltasse ao hotel? Nelas não havia mesmo nada que eu pudesse usar em Siena, com exceção, talvez, dos sapatos que Umberto me dera de presente de Natal e que eu nem sequer tinha experimentado.

Ao me afastar da loja, fui me olhando de relance em todas as vitrines pelas quais passava. Por que nunca tinha feito aquilo? Desde os tempos do ensino médio, eu mesma cortava meu cabelo – só as pontas – com uma tesoura de cozinha, mais ou menos de dois em dois anos. Levava cinco minutos e, francamente, eu pensava, quem notaria a diferença? Bem, eu certamente notava agora. De algum modo, Luigi conseguira dar vida a meus velhos cabelos maçantes, que já vicejavam em sua nova liberdade, esvoaçando à brisa enquanto eu andava, emoldurando meu rosto como se ele merecesse ser emoldurado.

Quando eu era pequena, tia Rose me levava ao barbeiro do vilarejo sempre que a ideia lhe ocorria. Mas tinha o bom-senso de nunca levar Janice e eu ao mesmo tempo. Somente uma vez acabamos sentadas lado a lado nas cadeiras do salão, fazendo caretas uma para a outra pelos espelhos enormes, e o velho barbeiro segurou nossos rabos de cavalos e comentou: “Olhem só! Esta tem cabelos de urso e a outra tem cabelos de princesa.”

Tia Rose não respondeu. Apenas ficou sentada, em silêncio, esperando que ele terminasse. Então

ela pagou e agradeceu, com sua voz ríspida e distinta. Depois, nos arrastou porta afora como se nós, e não o barbeiro, tivéssemos nos comportado mal. Desse dia em diante, Janice nunca perdeu uma oportunidade de elogiá-lo meus lindos cabelos de urso.

Essa lembrança quase me fez chorar. Ali estava eu, toda embonecada, enquanto tia Rose jazia num lugar onde já não podia dar graças por eu finalmente ter saído do meu casulo de macramê. Ela ficaria tão feliz por me ver assim, nem que fosse uma única vez, mas eu andava ocupada demais garantindo que Janice nunca tivesse essa oportunidade.

O PRESIDENTE MACONI era um homem cortês, por volta dos 60 anos, de terno e gravata discretos, que com espantoso sucesso penteava os fios compridos do cabelo de um lado para outro da cabeça, passando por cima da careca. O resultado era um porte de rígida dignidade, mas havia em seus olhos um calor sincero, que anulava instantaneamente o ridículo.

– Srta. Tolomei? – Atravessou o salão do banco para me dar um afável aperto de mão, como se fôssemos velhos amigos. – Que prazer inesperado!

Ao subirmos juntos a escada, ele se desculpou, num inglês impecável, pelas paredes tortas e pelo piso desnivelado. Nem a mais moderna decoração de interiores, explicou com um sorriso, conseguia dar jeito numa construção de quase 800 anos.

Após um dia de constantes mal-entendidos linguísticos, foi um alívio finalmente encontrar uma pessoa fluente em minha língua. Um leve sotaque britânico sugeria que o presidente Maconi devia ter morado algum tempo na Inglaterra – talvez tivesse estudado lá –, o que explicaria o fato de minha mãe o ter escolhido como consultor financeiro.

Seu escritório ficava no último andar e, das janelas, tinha uma vista perfeita da igreja de San Cristoforo e de várias outras construções espetaculares da vizinhança. Ao dar um passo à frente, porém, tropecei num balde de plástico, posicionado no meio de um grande tapete persa, e, depois de garantir que eu estava com a saúde intacta, o presidente Maconi repôs o balde, com muito cuidado, no lugar exato em que estava antes de eu chutá-lo.

– Há uma goteira no telhado – explicou, erguendo os olhos para o teto de gesso cheio de rachaduras –, mas não conseguimos achá-la. É muito estranho... fica pingando mesmo quando não está chovendo. – Encolheu os ombros e fez sinal para que eu me sentasse numa de duas cadeiras de mogno artisticamente entalhadas, de frente para sua escrivaninha. – O antigo presidente dizia que o prédio estava chorando. Ele conheceu seu pai, aliás.

Sentando-se atrás da escrivaninha, o presidente Maconi se reclinou na cadeira de couro até onde ela permitia e juntou as pontas dos dedos:

– E então, Srta. Tolomei, em que posso ajudá-la?

Por alguma razão, a pergunta me pegou de surpresa. Eu me concentrara tanto em chegar lá, antes de mais nada, que quase não havia pensado no passo seguinte. O Francesco Maconi que até aquele momento vivera muito comodamente na minha imaginação sabia muito bem que eu estava ali para buscar o tesouro de minha mãe e tinha esperado, impaciente, durante todos aqueles muitos, muitos anos, para finalmente entregá-lo à sua herdeira legítima.

O Francesco Maconi real, no entanto, não era tão receptivo assim. Comecei a explicar por que estava ali e ele me ouviu em silêncio, balançando a cabeça de tempos em tempos. Quando enfim parei

de falar, ele me lançou um olhar pensativo, sem deixar transparecer no rosto nenhuma conclusão, num sentido ou em outro.

– E por isso – continuei, ao me dar conta de que havia esquecido a parte mais importante – eu gostaria de saber se o senhor poderia me levar ao cofre dela.

Tirei a chave do bolso e a coloquei na escrivaninha, mas o presidente apenas a olhou de relance. Após um momento de silêncio constrangedor, ele se levantou, foi até uma janela com as mãos nas costas e, franzindo o cenho, contemplou os telhados de Siena.

– Sua mãe era uma sábia mulher – disse, por fim. – E, quando Deus leva os sábios para o céu, deixa sua sabedoria na terra para nós. Os espíritos dessas pessoas continuam vivos, voando ao nosso redor em silêncio, feito corujas, com olhos capazes de enxergar na noite, quando gente como nós vê apenas trevas. – Fez uma pausa para testar um pedaço de vitral que estava se soltando. – De certo modo, a coruja seria um símbolo adequado para toda Siena, e não apenas para nossa *contrada*.

– Isso porque... todas as pessoas de Siena são sábias? – propus, sem saber muito bem aonde ele queria chegar.

– Porque a coruja tem um ancestral antigo. Para os gregos, era a deusa Atena. Uma virgem, mas também uma guerreira. Os romanos a chamavam de Minerva. Na época dos romanos, havia um templo para ela aqui em Siena. É por isso que sempre trouxemos no coração o amor à Virgem Maria, mesmo na Antiguidade, antes do nascimento de Cristo. Para nós, ela sempre esteve aqui.

– Presidente Maconi...

– Srta. Tolomei. – Ele finalmente se virou para mim. – Estou tentando descobrir o que sua mãe gostaria que eu fizesse. A senhorita está me pedindo para lhe dar algo que causou muita tristeza a ela. Será que ela realmente gostaria que eu lhe entregasse isso? – Ele tentou sorrir. – Mas, por outro lado, a decisão não é minha, não é? Ela o deixou aqui, não o destruiu... portanto, deveria querer que eu o transmitisse à senhorita ou a alguém. A pergunta é: a senhorita tem certeza do que quer?

No silêncio que se seguiu a suas palavras, ambos o ouvimos claramente: o som de uma gota d'água caindo no balde de plástico, num dia perfeitamente ensolarado.

DEPOIS DE MANDAR chamar o portador de uma segunda chave, o soturno *signor* Virgilio, o presidente Maconi me levou por uma escada separada – uma espiral de pedras muito antigas que devia existir desde a construção original do *palazzo* – às cavernas mais profundas do banco. Então me dei conta, pela primeira vez, de que havia um mundo totalmente diferente embaixo de Siena, um mundo de cavernas e sombras em nítido contraste com a claridade lá de cima.

– Bem-vinda ao Bottini – disse o presidente Maconi, enquanto percorríamos um corredor que parecia uma gruta. – Este é o antigo aqueduto subterrâneo, construído há mil anos para trazer água à cidade de Siena. Tudo isto é arenito e, mesmo com os instrumentos primitivos de que dispunham na época, os engenheiros sienenses conseguiram cavar uma vasta rede de túneis, que levava água potável às fontes públicas e até o porão de algumas residências particulares. Agora, é claro, ela já não está em uso.

– Mas as pessoas vêm aqui embaixo assim mesmo? – perguntei, tocando a parede áspera de arenito.

– Ah, não! – O presidente pareceu se divertir com minha ingenuidade. – Este é um lugar perigoso.

A pessoa pode se perder facilmente. Ninguém conhece todo o Bottini. Existem histórias, muitas histórias, sobre túneis secretos que vão daqui para ali, mas não queremos gente circulando para explorá-los. O arenito é poroso, sabe? Ele esfarela. E Siena inteira está em cima dele.

– Mas esta parede é... fortificada, não é? – perguntei, retirando a mão.

O presidente Maconi fez um ar meio sem graça.

– Não.

– Mas isto aqui é um banco. Parece... perigoso.

– Uma vez – retrucou ele, as sobrancelhas erguidas em sinal de reprovação –, tentaram invadir.

Uma vez. Escavaram um túnel. Levaram meses.

– O que aconteceu com eles?

O presidente Maconi apontou para uma câmara de segurança no alto, num canto escuro.

– A vigilância é muito sofisticada. Quando o alarme disparou, eles fugiram pelo túnel, mas pelo menos não roubaram nada.

– Quem eram eles? O senhor chegou a descobrir?

Ele deu de ombros.

– Uns bandidos de Nápoles. Nunca mais voltaram.

Quando finalmente chegamos ao cofre, o presidente Maconi e o *signor* Virgilio tiveram de usar suas chaves em forma de cartão magnético para que a porta maciça se abrisse.

– Está vendo? – comentou o presidente, orgulhoso. – Nem mesmo o presidente do banco pode abrir este cofre sozinho. Como dizem, o poder absoluto traz a corrupção absoluta.

No interior do cofre, as caixas de depósito cobriam todas as paredes, do piso ao teto. A maioria era pequena, mas algumas eram grandes o bastante para servir de armário de bagagem num aeroporto. A de minha mãe ficava no meio-termo e, assim que o presidente Maconi a apontou e me ajudou a introduzir a chave, ele e o *signor* Virgilio se retiraram gentilmente do aposento. Minutos depois, quando ouvi dois fósforos serem riscados, compreendi que tinham aproveitado a oportunidade para fazer um intervalo e fumar um cigarro no corredor do lado de fora.

Desde o momento em que lera a carta de tia Rose pela primeira vez, eu havia alimentado muitas ideias sobre o que seria o tesouro de minha mãe e fizera o melhor possível para conter minhas expectativas, no intuito de evitar uma decepção. Em minhas fantasias mais irrefreadas, porém, eu deparava com uma magnífica caixa de ouro, trancada e cheia de promessas, não muito diferente dos baús de tesouros que os piratas desenterram em ilhas desertas.

Foi justamente algo desse tipo que minha mãe deixou para mim. Era uma caixa de madeira ornamentada a ouro e, embora não estivesse propriamente trancada – *não* havia fechadura –, o fecho fora travado pela ferrugem, o que me impediu de fazer muito mais do que sacudi-la de leve para tentar adivinhar qual seria o conteúdo. A caixa tinha mais ou menos o tamanho de um forno elétrico pequeno, mas era surpreendentemente leve, o que eliminou de imediato a possibilidade de ouro e pedras preciosas. Mas, afinal, a riqueza tinha muitas substâncias e formas e eu com certeza não era de menosprezar a possibilidade de haver cédulas de três algarismos.

Ao nos despedirmos, o presidente Maconi ficou insistindo em chamar um táxi para mim, mas eu lhe disse que não era necessário. Afinal, a caixa cabia perfeitamente numa de minhas sacolas de compras e o Hotel Chiusarelli ficava ali perto.

– Eu tomaria cuidado ao andar com isso por aí – disse ele. – Sua mãe sempre foi cuidadosa.

– Mas quem sabe que estou aqui e que tenho isto?

Ele deu de ombros:

– Os Salimbeni...

Encarei-o, sem saber ao certo se estava mesmo falando sério.

– Não me diga que a antiga inimiza de familiar ainda continua!

O presidente Maconi desviou os olhos, incomodado com o assunto.

– Um Salimbeni sempre será um Salimbeni.

Ao me afastar do Palazzo Tolomei, repeti várias vezes essa frase para mim mesma, intrigada com seu sentido exato. No fim, decidi que aquilo não era nada além do que eu deveria esperar neste lugar; a julgar pelas histórias de Eva Maria sobre as rivalidades ferozes entre as *contrade* no Palio moderno, as velhas desavenças familiares da Idade Média continuavam firmes, ainda que as armas houvessem mudado.

Ciente de minha ascendência Tolomei, acrescentei uma pontinha de insolência no andar ao passar pelo Palazzo Salimbeni pela segunda vez naquele dia, só para que Alessandro soubesse – se porventura olhasse pela janela naquele exato momento – que havia um novo xerife na cidade.

Nesse instante, ao dar uma olhadela para trás, para ver se tinha sido perfeitamente clara, notei um homem andando atrás de mim. Por alguma razão, ele não combinava com o cenário; a rua estava cheia de turistas esganiçados, mães com carrinhos de bebê e pessoas em roupas formais de trabalho, falando alto em seus celulares com interlocutores invisíveis, mas gesticulando mesmo assim. Esse homem, em contraste, usava um abrigo surrado e óculos escuros de lentes espelhadas, que em nada contribuíam para esconder o fato de que ele olhava direto para minhas sacolas.

Ou será que eu estava imaginando coisas? Será que as palavras de despedida do presidente Maconi haviam mexido com meus nervos? Parei diante de uma vitrine, torcendo para que o homem passasse por mim e seguisse seu caminho. Mas ele não o fez. Assim que parei, ele também se deteve, fingindo olhar para um cartaz numa parede.

Nesse momento, pela primeira vez, senti as “picadinhas de pulga do medo”, como Janice costumava dizer, e considerei minhas alternativas, enquanto respirava fundo umas duas vezes. Na verdade, porém, só havia uma coisa a fazer. Se eu continuasse andando, era provável que ele acabasse se postando ao meu lado e arrancasse diretamente a sacola da minha mão, ou, pior ainda, me seguisse para ver onde eu estava hospedada e me fizesse uma visita mais tarde.

Cantarolando baixinho, entrei na loja e, uma vez lá dentro, corri até o balconista e lhe perguntei se poderia sair pela porta dos fundos. Mal levantando a cabeça da revista sobre motociclismo, ele simplesmente apontou para uma porta nos fundos do salão.

Dez segundos depois, saí em disparada numa viela, por pouco não derrubando uma fileira de Vespas estacionadas lado a lado. Não fazia ideia de onde estava, mas não tinha importância. O importante era que eu continuava com minhas sacolas.

QUANDO O TÁXI me deixou no Hotel Chiusarelli, eu teria pagado, de bom grado, qualquer valor pela corrida. Mas, quando exagerei na gorjeta, o motorista balançou a cabeça em sinal de protesto e me devolveu a maior parte do dinheiro.

– Srta. Tolomei! – Assim que cruzei a porta, o *direttore* Rossini veio em minha direção, meio

assustado. – Onde estava? O capitão Santini acabou de passar por aqui. De uniforme! O que está acontecendo?

– Oh! – respondi, tentando sorrir. – Talvez ele tenha vindo me convidar para tomar um café, não?

O *direttore* Rossini me encarou, as sobrancelhas suspensas num arco acentuado de reprovação.

– Não acho que a visita do capitão tivesse intenções carnis, Srta. Tolomei. Sugiro enfaticamente que ligue para ele. Tome... – Ele me entregou um cartão de visita como se fosse a hóstia sagrada. – Esse é o número do telefone dele, aí, escrito no verso, está vendo? Sugiro... – e elevou a voz, enquanto eu passava por ele e seguia pelo corredor – que a senhorita lhe telefone agora mesmo!

Levei cerca de uma hora – e várias idas à recepção – para abrir a caixa de minha mãe. Depois de testar todas as ferramentas de que dispunha, como a chave do quarto, minha escova de dentes e o fone do aparelho telefônico, descí correndo para pedir emprestada uma pinça, depois um cortador de unhas, uma agulha e, por último, uma chave de fenda, plenamente ciente de que o *direttore* Rossini parecia menos amigável a cada vez que me via.

O que finalmente resolveu o problema não foi propriamente abrir o fecho enferrujado, mas desaparafusar todo o mecanismo, o que me tomou bastante tempo, visto que a chave de fenda que eu pegara emprestada era muito pequena. Mas eu tinha quase certeza de que o *direttore* Rossini explodiria se eu aparecesse mais uma vez na recepção.

Ao longo de todos esses esforços, minhas esperanças e expectativas a respeito do conteúdo da caixa tinham ficado cada vez mais desvairadas e, quando consegui abrir a tampa, mal conseguia respirar, de tanta ansiedade. Considerando que ela era muito leve, eu me convencera de que havia um objeto muito frágil – e muito valioso – na caixa, mas, quando finalmente examinei seu interior, percebi meu engano.

Não havia nada de frágil na caixa. A rigor, não havia quase nada dentro dela, apenas papel. E papéis sem importância, ainda por cima. Nada de dinheiro, ações, escrituras ou qualquer outro tipo de título ou certificado, mas cartas em envelopes e diferentes tipos de textos, datilografados em folhas grampeadas ou enroladas e presas com elásticos apodrecidos. Os únicos objetos reais dentro da caixa eram um caderno de notas, cheio de garranchos e rabiscos, uma brochura barata de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, e um velho crucifixo numa corrente de prata.

Levei algum tempo avaliando o crucifixo, pensando se, quem sabe, seria extremamente antigo e valioso por algum motivo. Mas tive minhas dúvidas. Ainda que fosse uma antiguidade, era apenas de prata e, até onde eu podia perceber, não tinha nada de especial.

Com o exemplar de *Romeu e Julieta* foi a mesma coisa. Eu o folheei diversas vezes, decidida a descobrir seu valor, mas não havia nada no livro que me parecesse minimamente promissor, nem ao menos uma única anotação a lápis na margem.

O caderno de notas, por outro lado, tinha uns desenhos interessantes, que, com um pouco de boa vontade, poderiam ser relacionados a uma caça ao tesouro. Ou talvez fossem meros esboços de visitas a museus e a jardins repletos de esculturas. Uma, em particular, havia chamado a atenção de minha mãe – se é que aquele caderno de notas e os desenhos eram mesmo dela – e pude perceber por quê. Representava um homem e uma mulher; o homem estava de joelhos, segurando uma mulher no colo, e, se os olhos dela não estivessem abertos, eu a imaginaria adormecida ou até morta. Havia pelo menos 20 desenhos diferentes dessa escultura no caderno, porém muitos se detinham em detalhes, como traços faciais, e, com toda a franqueza, nenhum deles tornou mais claro o motivo para minha

mãe ter ficado tão obcecada com a escultura.

Havia também 16 cartas particulares no fundo da caixa. Cinco eram de tia Rose, implorando que minha mãe abandonasse suas “ideias tolas” e voltasse para casa. Outras quatro, também de tia Rose, tinham sido enviadas depois e nunca foram abertas. As demais estavam escritas em italiano, enviadas a minha mãe por pessoas que eu não conhecia.

A essa altura, não restava nada na caixa a não ser os muitos textos datilografados. Alguns estavam desbotados e marcados por dobras, outros eram mais novos. A maioria fora escrita em inglês, mas um estava em italiano. Nenhum parecia ser um texto original, todos – com exceção do italiano – eram traduções que deviam ter sido datilografadas em algum momento dos últimos 100 anos, mais ou menos.

Ao olhar para aquele maço, aos poucos me ficou claro que, na verdade, havia certa sensatez na aparente loucura e, quando reconheci isso, não demorei muito para espalhar os textos na cama, numa espécie de ordem cronológica:

DIÁRIO DE MAESTRO AMBROGIO (1340)
CARTAS DE GIULIETTA PARA GIANNOZZA (1340)
AS CONFISSÕES DE FREI LORENZO (1340)
LA MALEDIZIONE SUL MURO (1370)
TRIGÉSIMA TERCEIRA HISTÓRIA DE MASUCCIO SALERNITANO (1476)
ROMEU & JULIETA, DE LUIGI DA PORTO (1530)
ROMEU & JULIETA, DE MATTEO BANDELLO (1554)
ROMEU & JULIETA, DE ARTHUR BROOKE (1562)
ROMEU & JULIETA, DE WILLIAM SHAKESPEARE (1597)
ÁRVORE GENEALÓGICA DE GIULIETTA E GIANNOZZA

Depois que os espalhei à minha frente, contudo, demorei um pouco mais para dar sentido à coleção. Os quatro primeiros textos – todos do século XIV – eram misteriosos e muito fragmentados, ao passo que os seguintes eram mais claros. O mais importante, porém, era que estes tinham uma coisa em comum: todos eram versões da história de Romeu e Julieta, culminando com aquela que a maioria das pessoas conhecia: *A excelentíssima e lamentável tragédia de Romeu e Julieta*, de Shakespeare.

Apesar de eu sempre ter me considerado meio especialista nessa peça, para mim foi uma completa surpresa descobrir que, na verdade, o Bardo não tinha inventado a história, porém meramente pegado carona em escritores mais antigos. Certo, Shakespeare fora um gênio com as palavras e, se não tivesse passado aquilo tudo por sua máquina de produzir pentâmetros, talvez a história não tivesse se tornado mundialmente conhecida. Mas, mesmo assim, ela já parecia – na minha humilde opinião – uma ótima história quando aterrissou pela primeira vez na escrivinha dele. E, curiosamente, a primeira versão – escrita por Masuccio Salernitano em 1476 – não se passava em Verona, mas bem ali, em Siena.

Essa descoberta literária quase me distraiu do fato de que, para ser sincera, eu estava enfrentando uma grande decepção pessoal. Não havia na caixa de minha mãe nada que tivesse o menor valor monetário, não havia, entre todos os papéis examinados por mim até aquele momento, a mais vaga

sugestão de bens de família escondidos em outros lugares.

Talvez eu devesse me envergonhar por pensar assim. Talvez eu devesse demonstrar um pouco mais de gratidão por finalmente ter em mãos algo que havia pertencido a minha mãe.

Mas eu estava confusa demais para ser racional. O que teria levado tia Rose a crer que havia algo tremendamente valioso em jogo – algo que justificava uma viagem ao que era, na visão dela, o mais perigoso de todos os lugares, a Itália? E por que minha mãe teria guardado aquela caixa de papéis num banco? Nesse momento me senti tola, especialmente ao pensar no sujeito de abrigo. É claro que ele não estivera me seguindo. Aquilo também devia ter sido produto da minha imaginação excessivamente fértil.

Comecei a folhear os textos mais antigos sem entusiasmo. Dois deles, *As confissões de Frei Lorenzo* e as *Cartas de Giulietta para Giannozza*, nada mais eram do que coletâneas de frases fragmentadas, como “juro pela Virgem Maria que agi de acordo com a vontade dos céus” e “num caixão em todo o trajeto até Siena, por medo daqueles bandidos dos Salimbeni”.

O *Diário de Maestro Ambrogio* era mais legível, porém, quando comecei a folheá-lo, quase desejei que não o fosse. Quem quer que tivesse sido esse *maestro*, tivera um caso grave de verborragia e havia mantido um diário sobre cada uma das trivialidades que aconteciam com ele – e, pelo jeito, com seus amigos também – no ano de 1340. Aliás, até onde pude perceber, aquilo não tinha nada a ver comigo nem com qualquer outra coisa na caixa de minha mãe.

Foi então que, de repente, meus olhos pousaram num nome no meio do texto do *maestro*.

Giulietta Tolomei.

Vasculhei freneticamente a página sob o abajur da mesa de cabeceira. Mas não, não tinha sido engano; depois de umas meditações iniciais sobre as dificuldades de pintar a rosa perfeita, o prolixo *Maestro Ambrogio* tinha escrito páginas e mais páginas sobre uma jovem que, por acaso, tinha um nome idêntico ao meu. Coincidência?

Recostando-me na cama, comecei a ler o diário desde o início, verificando de vez em quando os outros textos fragmentados em busca de referências cruzadas. E assim teve início minha viagem de volta à Siena do ano de 1340 e a meu parentesco com a mulher que havia compartilhado meu nome.

*Com esse falso aspecto de cadáver
Você há de manter-se por dois dias*

S

Ah, eles eram joguetes do destino!

Fazia três dias que estavam na estrada, brincando de esconde-esconde com a desgraça e vivendo de um pão duro feito pedra. E agora, finalmente, no dia mais quente e miserável do verão, estavam tão perto do fim da viagem que Frei Lorenzo avistou as torres de Siena brotando sedutoramente no horizonte, logo à frente. E foi nesse ponto, por tristeza, que seu rosário perdeu o poder de proteção.

Sentado na carroça puxada por cavalos, balançando cansado entre seis companheiros de viagem em suas montarias – todos monges como ele –, o jovem frade mal começara a imaginar a carne chiando na brasa e o vinho tranquilizador que os aguardava em seu destino quando uma dezena de cavaleiros de ar sinistro saiu galopando de um vinhedo, em meio a uma nuvem de fumaça, e cercou o pequeno grupo de viajantes, bloqueando a estrada por todos os lados, com as espadas desembainhadas.

– Salve, estrangeiros! – berrou o homem que os comandava, desdentado e imundo, mas vestido com requinte, sem dúvida com as roupas de vítimas anteriores. – Quem invade o território dos Salimbeni?

Frei Lorenzo puxou as rédeas da carroça para deter os cavalos, enquanto seus companheiros de viagem fizeram o possível para se colocar entre a carroça e os salteadores.

– Como pode ver – respondeu o mais velho dos monges, mostrando o capuz da ordem para o chefe do bando –, nada mais somos que humildes irmãos de Florença, nobre amigo.

– Hmmm. – O líder dos salteadores avaliou os pretensos monges, com os olhos espremidos. Seu olhar acabou pousando no rosto assustado de Frei Lorenzo. – Qual é o tesouro na carroça ali atrás?

– Nada que lhe seja de valor – respondeu o frade mais velho, recuando um pouco com o cavalo, para melhor barrar o acesso do bandido à carroça. – Por favor, deixe-nos passar. Somos homens de Deus e não representamos ameaça alguma para o senhor ou seus nobres parentes.

– Esta estrada é dos Salimbeni – assinalou o chefe, sublinhando as palavras com a espada, num sinal para que seus companheiros se aproximassem mais. – Se querem usá-la, terão de pagar um pedágio. Para sua própria segurança.

– Já pagamos cinco pedágios aos Salimbeni.

O vilão deu de ombros:

– Proteção custa caro.

– Mas quem – argumentou o outro, com obstinada calma – atacaria um grupo de homens santos a caminho de Roma?

– Quem? Os Tolomei, aqueles cães indignos! – retrucou o comandante e em seguida cuspiu duas vezes no chão e seus homens se apressaram a fazer o mesmo. – Aqueles bastardos ladrões, estupradores e assassinos!

– É por isso – observou o monge – que gostaríamos muito de chegar à cidade de Siena antes do anoitecer.

– Ela não está longe – confirmou o salteador –, mas hoje em dia seus portões fecham cedo, por causa dos terríveis distúrbios causados por aqueles cães raivosos dos Tolomei à boa e trabalhadora população de Siena em geral e, eu acrescentaria, em particular à majestosa e benevolente casa dos Salimbeni, onde reside meu nobre senhor.

O discurso do chefe foi recebido com resmungos de apoio de seu bando.

– Por isso, como o senhor decerto é capaz de avaliar – prosseguiu ele –, nós, com toda a humildade, é claro, damos as ordens nesta e na maioria das outras estradas na vizinhança desta orgulhosa república... Refiro-me à de Siena. Por isso, meu conselho perspicaz para o senhor, de amigo para amigo, é que convém apressar-se a pagar o pedágio agora, para que todos possam seguir caminho e entrar na cidade antes que ela feche, depois do que é provável que viajantes inocentes como os senhores se tornem vítimas dos bandos de canalhas Tolomei, que saem depois do anoitecer para saquear e fazer outras coisas do tipo, que não serão explicitadas diante de homens santos.

Depois disso fez-se um silêncio profundo. Acocorado na carroça atrás dos companheiros, segurando as rédeas frouxas, Frei Lorenzo sentiu o coração saltar dentro do peito como se buscasse um canto onde se esconder e, por um momento, achou que ia desmaiar. Tinha sido um daqueles dias – de sol escaldante e sem a mais leve brisa – que faziam lembrar os horrores do Inferno. E o fato de eles terem ficado sem água muitas horas antes não ajudava. Se Frei Lorenzo fosse o encarregado da bolsa com o dinheiro, teria prontamente pagado qualquer coisa aos bandidos para seguir adiante.

– Pois muito bem – disse o monge mais velho, como se tivesse ouvido o silencioso apelo de Frei Lorenzo –, quanto custa a sua proteção?

– Depende – sorriu o salteador. – O que trazem na carroça e que valor isso tem para os senhores?

– É um caixão, nobre amigo, e contém a vítima de uma peste pavorosa.

A maioria dos bandidos recuou ao ouvir essa notícia, mas seu chefe não era tão fácil de tapear.

– Bem – disse ele, alargando o sorriso –, então vamos dar uma espiada.

– Eu não recomendo que faça isso! – exclamou o monge. – O caixão deve permanecer fechado, são as nossas ordens.

– Ordens? – vociferou o chefe do bando. – Desde quando humildes monges recebem *ordens*? E desde quando – fez uma pausa para aumentar o efeito, alimentando um risinho sarcástico – começaram a montar cavalos criados em Lipizza?

No silêncio que se seguiu às palavras do homem, Frei Lorenzo sentiu sua coragem afundar como chumbo bem no fundo da alma, ameaçando sair pelo outro lado.

– E olhem só para isso! – prosseguiu o salteador, principalmente para divertir seus companheiros.

– Já viram monges humildes usarem calçados tão esplêndidos? Ora, aquilo ali... – disse, apontando a espada para as sandálias cheias de furos de Frei Lorenzo – é o que *todos* vocês deveriam estar usando, meus descuidados amigos, se sua intenção fosse evitar o tributo. Pelo que posso perceber, o único irmão humilde aqui é aquele sujeito mudo na carroça. Quanto ao resto de vocês, aposto meus ovos que estão a serviço de outro senhor muito generoso que não Deus e creio que o valor daquele caixão, para ele, ultrapassa em muito os míseros 5 florins que vou cobrar por sua liberação.

– O senhor se engana se nos considera capazes de arcar com tal despesa – retrucou o monge mais velho. – Dois florins são tudo de que podemos dispor. Seria uma mácula à reputação de seu amo prejudicar a Igreja com tão desproporcional ganância.

O bandido deleitou-se com o insulto.

– Ganância, o senhor disse? Não, meu defeito é a curiosidade. Pague os 5 florins, caso contrário, saberei como agir. A carroça e o caixão ficarão aqui, sob minha proteção, até que seu amo venha reivindicá-los pessoalmente. Porque eu adoraria ver o canalha rico que os mandou.

– Dentro em breve, o senhor não estará protegendo nada senão a fetidez da morte.

O chefe do bando riu com desprezo.

– O cheiro do ouro, meu amigo, suplanta todos esses odores.

– Nem uma montanha de ouro conseguiria encobrir satisfatoriamente o seu – retrucou o monge, enfim deixando a humildade de lado.

Ao ouvir o insulto, Frei Lorenzo mordeu o lábio e começou a procurar um modo de fugir. Conhecia suficientemente bem seus companheiros de viagem para prever o desfecho daquela discussão e não queria ter nenhuma participação nele.

O líder dos salteadores não deixou de se impressionar com a audácia de sua vítima.

– Quer dizer – indagou, inclinando a cabeça para o lado – que o senhor está decidido a morrer sob minha espada?

– Estou decidido a cumprir minha missão – disse o monge. – E sua lâmina enferrujada não pode me separar de meu objetivo.

– Sua missão? – debochou o bandido. – Vejam, meus primos, eis aqui um monge que pensa que Deus fez dele um cavaleiro!

Todos os salteadores riram, mais ou menos cientes da razão, e seu chefe fez sinal com a cabeça para a carroça:

– Agora, livrem-se desses tolos e levem os cavalos e a carroça para Salimbeni...

– Tenho uma ideia melhor – retrucou o monge com um riso zombeteiro, arrancando a capa e o capuz para revelar o uniforme por baixo. – Por que em vez disso não vamos ver o meu senhor, Tolomei, com a sua cabeça espetada numa vara?

Frei Lorenzo gemeu por dentro enquanto seus temores se tornavam realidade. Sem tentarem mais se esconder, seus companheiros de viagem – todos cavaleiros de Tolomei disfarçados – desembainharam espadas e adagas, sacando-as de capas e alforjes, e o simples som das lâminas se erguendo fez os salteadores recuarem, atônitos, mas apenas para, no instante seguinte, se lançarem de novo à frente com seus cavalos, aos berros, num ataque frontal.

O clamor repentino fez os cavalos de Frei Lorenzo empinarem, girarem e irromperem num galope frenético, puxando consigo a carroça. E não havia nada que o frade pudesse fazer além de puxar inutilmente as rédeas e apelar para a razão e a moderação de dois animais que nunca haviam

estudado filosofia. Após três dias na estrada, eles exibiram uma garra admirável, puxando sua carga para longe do tumulto e avançando pela acidentada estrada para Siena, com as rodas gemendo e o caixão balançando de um lado para outro, ameaçando cair da carroça e se despedaçar.

Na impossibilidade de qualquer diálogo com os cavalos, Frei Lorenzo virou-se para o caixão em busca de um adversário mais fácil. Usando as duas mãos e os pés, tentou firmá-lo no lugar, mas, enquanto lutava para segurar direito o objeto desajeitado, um movimento na estrada às suas costas o fez levantar os olhos e perceber que o conforto do ataúde deveria ser a menor de suas preocupações.

Ele estava sendo seguido por dois dos salteadores, que galopavam à toda para recuperar seu tesouro. Em busca de alguma coisa com que se defender, Frei Lorenzo só encontrou um chicote e seu rosário e observou com apreensão um dos bandidos alcançar a carroça – com a faca entre as gengivas desdentadas – e estender a mão para agarrar a lateral de madeira. Encontrando em sua pessoa clemente a ferocidade necessária, o frade golpeou o pirata que embarcava e o ouviu gritar de dor, quando o chicote lhe tirou sangue. Porém, um corte já bastava para o vilão e, quando Frei Lorenzo tornou a brandir o chicote, o bandido o segurou pela ponta e o arrancou de sua mão. Não lhe restando mais que o rosário e seu pingente de crucifixo para se proteger, Frei Lorenzo passou a atirar pedaços de sobras do almoço no adversário. Apesar da dureza do pão, entretanto, não conseguiu impedir que o homem finalmente embarcasse.

Ao ver que o frade estava sem munição, o salteador pôs-se de pé em alegre triunfo, tirou a faca da boca e demonstrou a extensão da lâmina a sua vítima trêmula.

– Pare, em nome de Cristo! – exclamou Frei Lorenzo, erguendo o rosário. – Tenho amigos no céu que o matarão!

– É mesmo? Não os vejo em parte alguma!

Nesse exato momento, a tampa do caixão se abriu e sua ocupante – uma jovem cujos cabelos desgrenhados e olhos flamejantes lhe davam a aparência de um anjo vingativo – sentou-se, dando todos os sinais de consternação. A mera visão dela bastou para fazer o bandido largar a faca, apavorado, e ficar completamente sem cor. Sem hesitar, o anjo inclinou-se para fora do caixão, apanhou a faca e a cravou imediatamente na carne de seu dono, num ponto tão alto da coxa quanto sua raiva lhe permitiu alcançar.

Gritando em agonia, o homem ferido perdeu o equilíbrio e despencou pela parte de trás da carroça, machucando-se ainda mais. Com as faces reluzentes de empolgação, a moça se virou para dar um sorriso para Frei Lorenzo e teria saído do caixão se ele não a impedisse.

– Não, Giulietta! – insistiu ele, empurrando-a de novo para baixo – Em nome de Jesus, fique quieta aí!

Bateu com a tampa no rosto indignado da jovem e olhou em volta, para ver o que tinha acontecido com o outro cavaleiro. Este, infelizmente, era menos impulsivo que seu parceiro e não tinha a menor intenção de subir na carroça desgovernada àquela velocidade. Em vez disso, avançou a galope para segurar as rédeas e ir parando os cavalos e, para grande aflição de Frei Lorenzo, tal medida logo começou a surtir efeito. Em mais uns 400 metros, os cavalos foram paulatinamente forçados a um meio-galope, um trote e, por fim, à parada completa.

Só então o salteador se aproximou da carroça e, enquanto ele se aproximava, Frei Lorenzo viu que se tratava de ninguém menos que o elegantíssimo chefe da quadrilha, ainda exibindo seu sorriso sarcástico e aparentemente ileso depois do derramamento de sangue. O sol poente lhe deu uma aura

bronzeada que ele definitivamente não merecia e Frei Lorenzo ficou impressionado com o contraste entre a luminosa beleza da zona rural e a perversidade absoluta de seus habitantes.

– Que tal o seguinte, frade – começou o vilão, com insólita gentileza –: eu lhe concedo a vida... a rigor, o senhor pode até levar esta bela carroça e estes nobres cavalos, sem pagar nenhum pedágio, em troca da moça?

– Agradeço sua oferta generosa – retrucou Frei Lorenzo, espremendo os olhos contra o poente –, mas jurei proteger essa nobre dama e não posso permitir que fique com ela. Se eu o fizesse, iríamos ambos para o Inferno.

– Ora! – exclamou o salteador, como quem já tivesse ouvido aquela conversa. – Essa moça tem tanto de dama quanto o senhor ou eu. Na verdade, tenho sérias suspeitas de que seja uma prostituta Tolomei!

Um grito indignado fez-se ouvir no interior do caixão e Frei Lorenzo se apressou a pôr o pé sobre a tampa, para mantê-lo fechado.

– A dama é de grande importância para Messer Tolomei, é verdade – disse –, e qualquer homem que puser as mãos nela provocará uma guerra. Com certeza, seu amo, Salimbeni, não deseja uma contenda dessa ordem.

– Ah, os monges e seus sermões! – retrucou o bandido, indo direto para a carroça, e só então sua auréola desapareceu. – Não me ameace com a guerra, padreco. Ela é o que eu faço melhor.

– Eu lhe imploro que nos deixe partir! – insistiu o religioso, erguendo o rosário, trêmulo, e torcendo para que ele captasse os últimos raios de sol. – Caso contrário, juro por estas contas sagradas e pelas chagas de Cristo que Deus o amaldiçoará, e os querubins descerão dos céus e matarão seus filhos em pleno leito!

– Pois serão bem-vindos! – O vilão voltou a desembainhar a espada. – Já tenho bocas demais para alimentar! – Ele passou a perna por cima da cabeça do cavalo a fim de pular para a carroça, com a desenvoltura de um dançarino. Ao ver que o frade recuava, aterrorizado, começou a rir: – Por que tão surpreso? Achou realmente que eu o deixaria viver?

A espada do bandido recuou para golpeá-lo e Frei Lorenzo ajoelhou-se, submisso, agarrado ao rosário e esperando o golpe que abreviaria sua oração. Morrer aos 19 anos era cruel, particularmente quando não havia ninguém para testemunhar seu martírio, a não ser o divino Pai Celestial, que não era propriamente conhecido por correr para resgatar Seus filhos agonizantes.

*Sente, sente, meu primo Capuleto;
Você e eu já não dançamos mais.*

Não consigo me lembrar até que ponto da história avancei naquela noite, mas os passarinhos haviam começado a gorjear lá fora quando enfim mergulhei no sono, sobre um mar de papéis. Nesse ponto já havia compreendido a ligação entre os diversos textos da caixa de minha mãe: todos eram, cada um a seu modo, versões pré-shakespearianas de *Romeu e Julieta*. Melhor ainda, os textos de 1340 não eram apenas ficção, mas autênticos depoimentos de testemunhas oculares dos acontecimentos que tinham levado à criação da célebre história.

Embora ainda não tivesse aparecido em seu próprio relato, o misterioso Maestro Ambrogio parecia ter conhecido pessoalmente os seres reais por trás de alguns dos mais malfadados personagens da literatura. Tive de admitir que, até ali, nada em seu texto exibía uma grande superposição com a tragédia de Shakespeare. No entanto, mais de dois séculos e meio haviam decorrido entre os eventos reais e a peça do Bardo e a história devia ter passado por muitas mãos diferentes no caminho.

Ansiosa para compartilhar meus novos conhecimentos com alguém capaz de apreciá-los – nem todos achariam divertido que, ao longo dos séculos, milhões de turistas tivessem ido em bando à cidade errada para ver a sacada e o túmulo de Julieta –, telefonei para o celular de Umberto assim que saí de minha chuveirada matinal.

– Parabéns! – exclamou ele, quando lhe contei que tinha conseguido convencer o presidente Maconi a me entregar a caixa de minha mãe. – E então, está muito rica?

– Hmm – respondi, olhando para a bagunça em minha cama. – Acho que o tesouro não está na caixa. Se é que *existe* algum tesouro.

– É claro que existe um tesouro – objetou Umberto. – Por que outro motivo sua mãe guardaria isso num cofre bancário? Olhe com mais cuidado.

– Há mais uma coisa... – Fiz uma breve pausa, tentando encontrar um modo de contar sem parecer boba. – Acho que tenho algum parentesco com a Julieta de Shakespeare.

Creio que eu não poderia censurar Umberto por ter rido, mas, mesmo assim, aquilo me aborreceu.

– Sei que parece esquisito – prossegui, interrompendo sua risada –, mas por que outra razão teríamos o mesmo nome, Giulietta Tolomei?

– Você quer dizer Julieta Capuleto? – corrigiu-me Umberto. – Detesto lhe dar esta notícia, *principessa*, mas não tenho certeza de que ela tenha sido uma pessoa real...

– É claro que não! – rebati, desejando nunca ter lhe contado nada. – Mas parece que a história foi

inspirada em pessoas reais... Ora, deixe pra lá! Como vão as coisas por aí?

Depois de desligar, comecei a folhear as cartas em italiano que minha mãe tinha recebido mais de 20 anos antes. Certamente ainda haveria alguém vivo em Siena que tivesse conhecido meus pais e que pudesse responder a todas as perguntas que tia Rose tinha rechaçado tão sistematicamente. Sem saber nada de italiano, porém, era difícil saber quais das cartas tinham sido escritas por amigos ou parentes. Minha única pista era que uma delas começava com as palavras “*Carissima Diane*” e o nome da remetente era Pia Tolomei.

Abrindo o mapa da cidade que eu havia comprado na véspera, junto com o dicionário, passei algum tempo procurando o endereço rabiscado no verso do envelope e, por fim, consegui localizá-lo numa pracinha minúscula, chamada Piazzetta del Castellare, no centro de Siena. Ficava bem no coração da *contrada* da Coruja, minha própria praia, não muito longe do Palazzo Tolomei, onde eu encontrara o presidente Maconi no dia anterior.

Se eu tivesse sorte, Pia Tolomei, quem quer que ela fosse, ainda estaria morando lá, ansiosa por conversar com a filha de Diane Tolomei e lúcida o bastante para lembrar por quê.

A PIAZZETTA DEL Castellare parecia uma pequena fortaleza no interior da cidade e não era muito fácil de achar. Depois de passar direto por ela várias vezes, finalmente descobri que tinha de entrar por uma galeria coberta, que de início eu presumira ser o acesso a um pátio particular. Uma vez na *piazzetta*, fiquei presa entre prédios altos e silenciosos e, quando ergui os olhos para todas as venezianas fechadas nas paredes à minha volta, pareceu-me quase possível que elas tivessem sido cerradas na Idade Média e nunca mais reabertas.

Na verdade, não fosse por um par de Vespas estacionadas numa esquina, um gato malhado com uma coleira preta e luzidia postado na soleira de uma porta e a música proveniente de uma única janela aberta, eu teria deduzido que havia muito os prédios estavam abandonados e entregues a ratos e fantasmas.

Peguei o envelope que encontrara na caixa de minha mãe e olhei o endereço mais uma vez. De acordo com o mapa, eu estava no lugar certo, mas, quando circulei pelas portas, não encontrei o sobrenome *Tolomei* em nenhuma campainha, nem vi um número que correspondesse ao da casa de minha carta. Para ser carteiro num lugar como esse, pensei, a clarividência devia ser um pré-requisito.

Sem mais nenhuma ideia do que fazer, comecei a tocar as campainhas, uma a uma. Quando estava prestes a apertar a quarta, uma mulher abriu um par de venezianas lá no alto e gritou alguma coisa em italiano.

Em resposta, agitei a carta:

– Pia Tolomei?

– Tolomei?

– Sim! Sabe onde ela mora? Ela ainda mora aqui?

A mulher apontou para uma porta do outro lado da *piazzetta* e disse alguma coisa que só podia significar “tente ali”.

Só então notei uma porta mais contemporânea na parede oposta. Tinha uma maçaneta meio rebuscada, preta e branca, e, quando a experimentei, a porta se abriu. Hesitei por um instante, sem

saber ao certo qual seria a regra de etiqueta para entrar em residências particulares em Siena. Enquanto isso, a mulher à janela atrás de mim insistia para que eu entrasse – era óbvio que me achava incrivelmente burra –, então foi o que fiz.

– Olá? – Cruzei a soleira com um passo tímido e contemplei a escuridão fria. Quando meus olhos se adaptaram, vi que estava num vestibulo de pé-direito muito alto, cercada por tapeçarias, quadros e objetos antigos, exibidos em vitrines. Soltei a porta e gritei: – Tem alguém em casa? Sra. Tolomei? – Mas tudo o que ouvi foi o suspiro da porta se fechando às minhas costas.

Sem muita certeza do que fazer, comecei a caminhar, olhando as antiguidades. Entre elas havia uma coleção de longos estandartes verticais, com imagens de cavalos, torres e mulheres, todas muito parecidas com a Virgem Maria. Alguns eram muito velhos e desbotados, outros, modernos e um tanto extravagantes. Só quando cheguei ao fim do corredor entendi que aquilo não era uma residência particular, mas uma espécie de museu ou prédio público.

Então finalmente ouvi passos inseguros e uma voz grave, que chamava com impaciência:

– Salvatore?

Girei o corpo e deparei com meu anfitrião involuntário, que saía de um cômodo adjacente, apoiado numa bengala. Era um senhor idoso, certamente com mais de 70 anos, cujo cenho carregado o fazia parecer ainda mais velho.

– Salva...? – Ele se interrompeu ao me ver e disse outra coisa, que não soou particularmente acolhedora.

– *Ciao!* – respondi, com ar meio petulante e, só para garantir, levantei a carta como alguém ergueria um crucifixo diante de um nobre da Transilvânia. – Estou à procura de Pia Tolomei. Ela conheceu meus pais. – Apontei para mim mesma e disse: – Giulietta Tolomei. To-lo-mei.

O homem se aproximou, pesadamente apoiado na bengala, e arrancou a carta da minha mão. Olhou para o envelope com desconfiança e o girou diversas vezes, para reler os endereços do destinatário e do remetente.

– Minha mulher enviou esta carta – disse por fim, num inglês surpreendentemente fluente – há muitos anos. Para Diane Tolomei. Diane era minha... hmmm... tia. Onde a encontrou?

– Diane era minha mãe – respondi, minha voz soando estranhamente tímida no grande aposento. – Sou Giulietta, a mais velha das gêmeas. Eu quis vir conhecer Siena... ver onde ela morava. O senhor... se lembra dela?

O velho não falou de imediato. Fitou meu rosto com os olhos cheios de admiração, depois estendeu a mão e tocou minha face, para se certificar de que eu era real.

– A pequena Giulietta? Venha cá! – E me agarrou pelos ombros, puxando-me para um abraço. – Eu sou Peppo Tolomei, seu padrinho.

Eu mal soube o que fazer. Normalmente, não era de sair por aí abraçando as pessoas – deixava isso por conta de Janice –, mas não me incomodei com o gesto desse senhor afetuoso.

– Desculpe-me por essa invasão... – comecei, mas me detive, insegura do que dizer.

– Não-não-não-não-não! – exclamou Peppo, descartando aquilo tudo. – Fico felicíssimo por você estar aqui! Venha, deixe eu lhe mostrar o museu! Este é o museu da *contrada* da Coruja... – Ele mal sabia por onde começar e ficou saltitando em passinhos curtos, apoiado na bengala, em busca de algo marcante para me mostrar. Mas se conteve ao ver minha expressão. – Não! Você não quer ver o museu! Você quer conversar! Sim, devemos conversar! – Levantou os braços, quase derrubando uma

escultura com a bengala. – Tenho que saber de tudo. A minha mulher... precisamos ver minha mulher. Ela vai ficar tão contente. Está em casa... *Salvatore!*... Ora, *onde é* que ele se meteu?

Cinco minutos depois, saí da Piazzetta del Castellare montada na garupa de uma motoneta preta e vermelha. Peppo Tolomei me ajudara a subir nela, com a cortesia de um mágico que ajudasse sua jovem e encantadora assistente a entrar na caixa que pretendia serrar ao meio, e, tão logo segurei firme seus suspensórios, saímos em disparada pela galeria coberta, sem frear para ninguém.

Peppo insistiu em fechar imediatamente o museu e me levar para sua casa, para que eu pudesse conhecer sua mulher, Pia, e quem mais estivesse por lá. Aceitei o convite de bom grado, presumindo que a casa a que ele se referia ficasse ali na esquina. Só nesse momento, ao voarmos pelo Corso, passando pelo Palazzo Tolomei, me dei conta do meu erro.

– É longe? – gritei, fazendo o melhor possível para me segurar.

– Não-não-não! – respondeu Peppo, tirando um fino de uma freira que empurrava um senhor numa cadeira de rodas. – Não se preocupe, vamos chamar todo mundo e fazer uma grande reunião de família! – Animado com essa ideia, começou a descrever todos os parentes que eu não tardaria a conhecer, embora eu mal conseguisse ouvi-lo por causa do vento. Estava absorto demais para notar que, ao passarmos pelo Palazzo Salimbeni, nos metemos no meio de um punhado de guardas, obrigando todos a pularem para os lados.

– Opa! – exclamei, me perguntando se Peppo tinha percebido que talvez fôssemos obrigados a fazer nossa grande reunião de família no xadrez. Mas os guardas não fizeram nenhum gesto para nos deter, apenas nos observaram passar, como cães numa guia curta vendo um esquilo felpudo atravessar a rua, saltitante. Infelizmente, um deles era o afilhado de Eva Maria, Alessandro, e tive quase certeza de que ele me reconheceu, pois deu uma segunda olhada ao ver minhas pernas balançando, talvez curioso sobre o que teria acontecido com minhas sandálias de dedo.

– Peppo! – gritei, puxando os suspensórios de meu primo. – Eu realmente não quero ser presa, está bem?

– Não se preocupe! – Peppo virou numa esquina e acelerou enquanto falava. – Sou rápido demais para a polícia!

Minutos depois, cruzamos um antigo portão da cidade como um *poodle* saltando por um arco e voamos diretamente para dentro dessa obra de arte que é um dia em pleno verão na Toscana.

Sentada na motoneta, contemplando a paisagem por cima do ombro de Peppo, desejei muito ser tomada por uma sensação de familiaridade, de enfim voltar ao lar. Mas tudo à minha volta era novo: os aromas cálidos de ervas e temperos, a ondulação preguiçosa das montanhas – até o perfume de Peppo tinha um componente estrangeiro absurdamente atraente.

Mas quanto somos realmente capazes de nos lembrar de nossos primeiros três anos de vida? Vez por outra conseguia evocar a lembrança de abraçar um par de pernas que decididamente não eram as de tia Rose, e tanto Janice quanto eu tínhamos certeza de nos recordarmos de uma grande tigela de cristal cheia de rolhas de garrafa de vinho, mas, fora isso, era difícil dizer onde cada fragmento se encaixava. Quando, ocasionalmente, conseguíamos resgatar lembranças de nós mesmas ainda pequenas, sempre acabávamos confusas:

– Tenho *certeza* de que a mesa de xadrez de pernas bambas ficava na Toscana – insistia Janice. – Onde mais poderia ficar? Tia Rose nunca teve uma.

– Nesse caso – replicava eu inevitavelmente –, como você explica que Umberto tenha lhe dado um

ta pa quando você a derrubou com um empurrão?

Mas Janice não sabia explicar. No fim, apenas resmungava:

– Bom, talvez tenha sido outra pessoa. Quando se tem 2 anos, todos os homens parecem iguais. – Depois, ela grunhia: – Droga, eles ainda parecem iguais.

Na adolescência, eu fantasiava retornar a Siena e, de repente, lembrar tudo sobre minha infância. Agora que finalmente estava ali, chispando por estradas estreitas sem reconhecer coisa alguma, comecei a me perguntar se, de algum modo, ter vivido longe desse lugar durante a maior parte de minha vida teria feito um pedaço essencial de minha alma fenecer.

PIA E PEPPPO Tolomei moravam numa fazenda num pequeno vale, cercada por vinhedos e olivais. Colinas suaves erguiam-se em torno de toda a propriedade e o conforto do isolamento tranquilo mais do que compensava a falta de vistas amplas. A casa nada tinha de grandiosa: suas paredes amarelas tinham ervas daninhas brotando das frestas, as venezianas verdes precisavam de muito mais do que apenas uma pintura e o telhado de terracota dava a impressão de que a próxima tempestade – ou, quem sabe, o simples espirro de alguém do lado de dentro – faria todas as telhas despencarem com estardalhaço. No entanto, as muitas trepadeiras e os vasos de plantas estrategicamente dispostos completavam a decadência e, de algum modo, tornavam o lugar absolutamente irresistível.

Depois de estacionar a motoneta e pegar uma bengala que estava encostada na parede, Peppo me levou direto para o jardim. Ali, à sombra da casa, Pia, sua mulher, estava sentada num banquinho entre os netos e bisnetos, como uma deusa atemporal da colheita, cercada por ninfas a quem ensinava a trançar réstias de alho fresco. Foram necessárias várias tentativas para que Peppo conseguisse fazê-la entender quem eu era e por que ele tinha me levado até lá, mas, quando Pia enfim ousou confiar nos próprios ouvidos, enfiou os pés nos chinelos, se levantou com a ajuda dos que a cercavam e me envolveu num abraço choroso.

– Giulietta! – exclamou, me apertando contra seu peito e beijando minha testa, tudo ao mesmo tempo. – *Che meraviglia!* É um milagre!

Sua alegria ao me ver foi tão sincera que quase tive vergonha de mim mesma. Eu não tinha ido ao Museu da Coruja naquela manhã à procura de meus padrinhos há muito perdidos e, até esse momento, nem sequer me ocorrera que eu *tinha* padrinhos e que eles ficariam felizes daquele jeito por me verem viva e passando bem. No entanto, ali estavam eles e sua gentileza me fez perceber que, até aquele instante, eu nunca havia me sentido realmente bem-vinda em lugar nenhum, nem em minha própria casa. Pelo menos, não quando Janice estava por perto.

Em menos de uma hora, a casa e o jardim se encheram de gente e de comida. Era como se todos estivessem esperando logo ali na esquina, com uma iguaria local na mão – desesperados por um pretexto para comemorar. Alguns eram parentes, outros, amigos e vizinhos, e todos diziam ter conhecido meus pais e se perguntado o que teria acontecido com suas filhas gêmeas. Ninguém disse nada explicitamente, mas intuí que, no passado, tia Rose havia aparecido e, contrariando os desejos da família Tolomei, reclamado Janice e eu – graças ao tio Jim, ela ainda tinha contatos no Departamento de Estado – e que havíamos desaparecido sem deixar vestígio, para grande frustração de Pia e Peppo, que, afinal, eram nossos padrinhos.

– Mas tudo isso é coisa do passado! – repetia Peppo, dando tapinhas em minhas costas. – Agora

você está aqui e finalmente podemos conversar.

Mas era difícil saber por onde começar. Havia tantos anos a serem relatados e tantas perguntas a serem respondidas, inclusive a misteriosa ausência de minha irmã.

– Ela estava assoberbada demais para vir – informei, desviando os olhos. – Mas tenho certeza de que logo virá visitá-los.

Não ajudava muito o fato de apenas alguns convidados falarem inglês e de cada resposta a cada pergunta primeiro ter que ser entendida e interpretada por um terceiro. Mesmo assim, todos foram tão amáveis e calorosos que até eu, passado algum tempo, comecei a relaxar e a me divertir. Não tinha muita importância que não nos entendêssemos, o importante eram aqueles sorrisinhos e acenos, que diziam muito mais do que as palavras.

A certa altura, Pia apareceu no jardim com um álbum e se sentou para me mostrar fotos do casamento de meus pais. Tão logo ela abriu o álbum, outras mulheres começaram a se aglomerar à nossa volta, ansiosas por nos acompanhar e ajudar a virar as páginas.

– Ai está! – disse Pia, apontando para uma foto grande de casamento. – Sua mãe usou o vestido que usei no meu casamento. Ah, eles não são um casal lindo?... E este aqui é seu primo Francesco...

– Espere! – Tentei impedir que ela virasse a página, mas foi em vão. Provavelmente, ela não se dava conta de que eu nunca tinha visto uma foto de meu pai e de que a única foto de minha mãe crescida que eu já vira tinha sido o retrato de sua formatura no ensino médio, que ficava sobre o piano de tia Rose.

O álbum de Pia foi uma surpresa para mim. Não tanto por minha mãe estar visivelmente grávida sob o vestido de noiva, mas porque meu pai parecia ter 100 anos. É óbvio que não tinha essa idade, mas, comparado com minha mãe – uma rebelde que abandonara a faculdade e cujo sorriso formava covinhas –, lembrava o velho Abraão da minha Bíblia infantil ilustrada.

Mesmo assim, os dois pareciam felizes juntos e, apesar de não haver fotos deles se beijando, a maioria delas mostrava minha mãe agarrada ao cotovelo do marido e o olhando com grande admiração. Por isso, depois de um tempo, descartei meu assombro e resolvi aceitar a possibilidade de que ali, naquele lugar luminoso e abençoado, conceitos como tempo e idade tivessem muito pouca influência na vida das pessoas.

As mulheres a meu redor confirmavam minha teoria. Nenhuma delas parecia ver nada de extraordinário naquela união. Pelo que pude entender, seus comentários animados – todos em italiano – referiam-se primordialmente ao vestido da noiva, ao véu e à complexa relação genealógica de cada convidado com meu pai e com elas mesmas.

Depois das fotos do casamento vinham algumas páginas dedicadas a nosso batizado, porém meus pais mal apareciam nelas. As imagens mostravam Pia segurando um bebê que poderia ser Janice ou eu – era impossível dizer qual das duas e Pia não conseguiu se lembrar – e Peppo segurando o outro com orgulho. Parecia ter havido duas cerimônias diferentes, uma dentro da igreja e uma ao sol, do lado de fora, junto à fonte batismal da *contrada* da Coruja.

– Foi um dia bonito – disse Pia, com um sorriso tristonho. – Você e sua irmã se tornaram *civettini*, corujinhas. Foi uma pena... – Não concluí a frase, mas fechou o álbum com muita ternura. – Já faz muito tempo. Às vezes fico pensando se o tempo cura mesmo... – Foi interrompida por uma súbita comoção no interior da casa e por uma voz que chamava seu nome com impaciência. – Vamos! – disse Pia, levantando-se, repentinamente nervosa – Deve ser a nossa *Nonna!*

Vovó Tolomei, a quem todos se referiam como a *Nonna*, morava com uma das netas no centro de Siena, mas tinha sido convocada à fazenda nessa tarde para me conhecer – um arranjo que claramente não se encaixava em sua agenda pessoal. Ela estava parada no hall, ajeitando, irritada, sua renda preta com uma das mãos e se apoiando pesadamente na neta com a outra. Se eu fosse impiedosa como Janice, imediatamente teria afirmado que ela era a imagem perfeita da bruxa dos contos de fadas. Só faltava o corvo pousado no ombro.

Pia se precipitou para receber a velha senhora, que, de má vontade, se deixou beijar nas duas faces e ser escoltada até a melhor poltrona da sala de estar. Foram necessários alguns minutos para deixar a Nonna à vontade – almofadas foram trazidas, arrumadas e rearrumadas e uma limonada especial chegou da cozinha, foi imediatamente devolvida e trazida de novo, desta vez com uma rodela de limão presa na borda.

– A Nonna é nossa tia – sussurrou Peppo em meu ouvido – e irmã caçula do seu pai. Venha, vou apresentá-la. – Ele me puxou até me deixar de prontidão diante da velha senhora, enquanto, ansiosamente, lhe explicava a situação em italiano, com a clara expectativa de ver algum sinal de alegria em seu rosto.

Mas a Nonna se recusou a sorrir. Por mais que Peppo insistisse, e até implorasse, para que ela se rejubilasse com o restante de nós, foi impossível convencê-la a sentir qualquer tipo de prazer na minha presença. Ele até me fez dar um passo à frente para que ela pudesse me ver melhor, mas o que a anciã viu apenas lhe deu mais motivos para fechar a cara e, antes que Peppo conseguisse me tirar de seu alcance, ela se inclinou para a frente e rosou alguma coisa que não entendi, mas que fez todo mundo abafar uma exclamação de constrangimento.

Pia e Peppo praticamente me arrastaram para fora da sala, desculpando-se o tempo todo:

- Eu sinto muito! – repetia Peppo sem parar, mortificado demais para sequer me olhar nos olhos.
- Não sei qual é o problema dela! Acho que está ficando maluca!
- Não se preocupe – respondi, muito perplexa para sentir alguma coisa. – Não a censuro por não acreditar. É tudo muito novo, até para mim.
- Vamos dar uma voltinha – disse Peppo, ainda agitado – e voltar depois. Está na hora de lhe mostrar o túmulo deles.

O CEMITÉRIO DA aldeia era um oásis sonolento e acolhedor, muito diferente de qualquer outro que eu tivesse visto. O lugar inteiro era um labirinto de paredes brancas independentes e sem telhado, que, por si só, eram um mosaico de sepulturas, de cima a baixo. Nomes, datas e fotografias identificavam os indivíduos que jaziam atrás das lajes de mármore e suportes de bronze seguravam, em nome dos anfitriões temporariamente incapacitados, as flores trazidas pelas visitas.

– Aqui – disse Peppo, com uma das mãos em meu ombro para se apoiar, o que não o impediu de abrir, num gesto cortês, um portão de ferro rangente e nos introduzir num pequeno relicário separado da alameda principal. – Isto faz parte do antigo... hmm... sepulcro dos Tolomei. A maior parte fica no subterrâneo e já não descemos até lá. Aqui em cima é melhor.

– É lindo.

Entrei no pequeno cômodo e olhei para as diversas placas de mármore ao redor e para o buquê de flores frescas no altar. Uma vela ardia numa tigela de vidro vermelho, que me pareceu vagamente

familiar, indicando que o sepulcro era um lugar cuidadosamente conservado pelos Tolomei. Senti uma pontada súbita de culpa por estar ali sozinha, sem Janice, mas logo a afastei. Se minha irmã estivesse ali, seria muito provável que estragasse o momento com um comentário desrespeitoso.

– Este é seu pai – apontou Peppo – e sua mãe está bem ao lado dele. – Fez uma pausa para refletir sobre uma lembrança distante. – Ela era muito moça. Achei que ainda viveria muito depois que eu morresse.

Olhei para as duas placas de mármore que eram tudo o que restava do professor Patrizio Scipione Tolomei e de sua esposa, Diane Lloyd Tolomei, e senti uma palpitação no peito. Até onde minha memória alcançava, meus pais tinham sido pouco mais do que sombras distantes num devaneio e eu nunca imaginei que um dia estaria tão perto deles – ao menos fisicamente. Mesmo em minhas fantasias de viajar para a Itália, por alguma razão nunca me ocorrera que meu primeiro dever, ao chegar, seria visitar a sepultura deles e senti uma onda calorosa de gratidão a Peppo por ter me ajudado a fazer o que era certo.

– Obrigada – falei baixinho, apertando a mão de Peppo, que continuava pousada em meu ombro.

– Foi uma grande tragédia eles morrerem daquele jeito – disse, balançando a cabeça – e todo o trabalho do Patrizio se perder no incêndio. Ele tinha uma bela fazenda em Malemarena... foi tudo embora. Depois do funeral, sua mãe comprou uma casinha perto de Montepulciano e ficou morando lá sozinha com as gêmeas... com você e sua irmã, porém nunca mais foi a mesma. Vinha depositar flores no túmulo dele todos os domingos, mas... – parou para tirar um lenço do bolso – nunca voltou a ser feliz.

– Espere um instante – pedi, examinando as datas nas sepulturas de meus pais. – Meu pai morreu antes da minha mãe? Sempre achei que tinham morrido juntos... – Mas, enquanto falava, percebi que as datas confirmavam essa nova verdade. Meu pai tinha morrido mais de dois anos antes de minha mãe. – Que incêndio?

– Alguém... Não, não devo dizer isso... – Peppo arqueou as sobrancelhas, se autorpreendendo. – Houve um incêndio, um incêndio terrível. A fazenda do seu pai foi completamente destruída. Sua mãe teve sorte, pois estava em Siena com vocês duas, fazendo compras. Foi uma enorme tragédia. Eu diria que Deus tinha erguido a mão para protegê-la, mas aí, dois anos depois...

– O desastre de automóvel – murmurei.

– Bem... – começou Peppo, afundando o bico do sapato no chão. – Não sei qual é a verdade. Ninguém sabe a verdade. Mas... – ele finalmente me encarou – sempre desconfiei que aquilo tinha o dedo dos Salimbeni.

Fiquei sem saber o que dizer. Visualizei Eva Maria e sua mala cheia de roupas em meu quarto de hotel. Ela tinha sido tão gentil comigo, tão ansiosa por fazer amizade!

– Havia um rapaz – continuou Peppo –, Luciano Salimbeni. Era um desordeiro. Houve boatos. Não quero... – Peppo me lançou um olhar nervoso. – O incêndio. O incêndio que matou seu pai. Dizem que não foi acidente. Dizem que alguém quis assassiná-lo e destruir suas pesquisas. Foi terrível. Uma casa tão linda! Mas, sabe, acho que sua mãe salvou alguma coisa da casa. Uma coisa importante. Documentos. Diane tinha medo de falar disso, mas, depois do incêndio, começou a fazer umas perguntas estranhas sobre... coisas.

– Que tipo de coisas?

- Todo tipo. Eu não sabia as respostas. Ela perguntava sobre os Salimbeni. Sobre túneis subterrâneos secretos. Queria encontrar uma sepultura. Tinha alguma coisa a ver com a Peste.

- A... Peste Negra?

- É, a grande. A de 1348 - respondeu Peppo, pigarreando, pouco à vontade com o assunto. - Sabe, sua mãe acreditava que uma antiga maldição persegue os Tolomei e os Salimbeni até hoje. E estava tentando encontrar um meio de quebrá-la. Era obcecada com essa ideia. Eu queria acreditar nela, mas... - Peppo abriu o colarinho da camisa, como se de repente sentisse calor. - Ela era muito decidida. Tinha certeza de que estávamos todos amaldiçoados. Morte. Destruição. Acidentes. "Uma maldição sobre nossas casas"... ela costumava dizer. - Peppo deu um suspiro profundo, revivendo a dor do passado. - Ela vivia citando Shakespeare. Levava aquilo muito a sério... *Romeu e Julieta*. Achava que tinha acontecido aqui mesmo, em Siena. Tinha uma teoria... - Peppo balançou a cabeça, com ar desdenhoso. - Era obcecada com isso. Não sei, não sou catedrático. Só sei que havia um homem, Luciano Salimbeni, que queria encontrar um tesouro...

- Que tipo de tesouro? - Não pude evitar a pergunta.

- Quem sabe? - retrucou Peppo, levantando os braços. - Seu pai dedicava todo o tempo a pesquisar antigas lendas. Vivia falando em tesouros perdidos. Mas sua mãe me falou de uma coisa, uma vez... ora, como foi mesmo que a chamou? Acho que foi Olhos de Julieta. Não sei o que ela queria dizer, mas acho que era muito valioso e que era atrás disso que estava Luciano Salimbeni.

Eu estava doida para ouvir mais coisas, porém a essa altura Peppo tinha um ar muito aflito, quase como se passasse mal. Ele oscilou, se desequilibrando, e segurou meu braço para se firmar.

- Se eu fosse você - continuou -, tomaria muito cuidado. E não confiaria em ninguém de sobrenome Salimbeni - acrescentou. Ao ver minha expressão, franziu o cenho. - Você acha que estou *pazzo*... louco? Aqui estamos, parados junto à sepultura de uma mulher que morreu antes da hora. Sua mãe. Quem sou eu para lhe dizer quem fez isso com ela e por quê? - Ele apertou meu braço com mais força. - Ela está morta. Seu pai está morto. É tudo que sei. Mas meu velho coração Tolomei me diz que você deve tomar cuidado.

QUANDO ESTÁVAMOS NO último ano do ensino médio, Janice e eu nos inscrevemos para participar da peça anual - que por acaso era *Romeu e Julieta*. Depois dos testes, Janice ganhou o papel de Julieta, enquanto fiquei com o de árvore no pomar dos Capuleto. Ela, é claro, passava mais tempo cuidando das unhas do que decorando as falas e, sempre que ensaiávamos a cena da sacada, era eu que sussurrava as primeiras palavras de sua fala, afinal, estava convenientemente posicionada no palco, os braços imitando galhos.

Na noite de estreia, porém, Janice foi especialmente desagradável comigo - ao nos sentarmos no camarim para fazer a maquiagem, ficou rindo do meu rosto marrom e arrancando folhas do meu cabelo, enquanto era embonecada com tranças louras e faces rosadas - e, ao chegar o momento da cena da sacada, não tive a menor vontade de ajudá-la. Na verdade, fiz exatamente o oposto: quando Romeu disse "por que devo jurar?", sussurrei: "três palavras!"

E Janice disse, prontamente: "três palavras, Romeu, e boa-noite", o que desarmou Romeu por completo e fez a cena terminar em confusão.

Mais tarde, quando eu representava um candelabro no quarto de Julieta, fiz Janice acordar ao lado

de Romeu e dizer imediatamente: “é sim, você tem de ir embora!”, o que não criou um clima muito bom para o resto da cena romântica. Nem é preciso dizer que Janice ficou tão furiosa que depois correu atrás de mim por toda a escola, dizendo que ia raspar minhas sobranças. No começo foi divertido, mas no fim, quando ela se trancou no banheiro da escola e chorou durante uma hora, até eu parei de rir.

Muito depois da meia-noite, quando eu estava sentada na sala conversando com tia Rose, com medo de me deitar e ficar entregue ao sono e à gilete de Janice, entrou Umberto com uma taça de *vin santo* para cada uma. Não disse nada, apenas nos entregou as taças, e tia Rose não falou uma palavra sequer sobre eu ser jovem demais para beber. Em vez disso, perguntou:

– Você gosta dessa peça? Parece sabê-la de cor.

– Na verdade, não gosto muito, muito – confessei, encolhendo os ombros e bebericando o vinho ao mesmo tempo. – É só que... ela *está aqui*, gravada na minha cabeça.

Tia Rose meneou lentamente a cabeça, saboreando o *vin santo*:

– Com a sua mãe era a mesma coisa. Ela a sabia de cor. Era... uma obsessão.

Prendi a respiração, sem querer interromper seu pensamento. Esperei outro vislumbre de minha mãe, mas ele não veio. Tia Rose apenas ergueu os olhos, franzindo o cenho, pigarreou e bebeu outro gole de vinho. E foi só. Essa foi uma das únicas coisas que ela me disse sobre mamãe sem ser instigada e nunca a repeti para Janice. Nossa obsessão com a peça de Shakespeare foi um segredinho que compartilhei com minha mãe e mais ninguém, assim como nunca falei com ninguém sobre meu medo crescente de que, por ela ter morrido aos 25 anos, o mesmo acontecesse comigo.

ASSIM QUE PEPPA me deixou em frente ao Hotel Chiusarelli, fui direto ao cibercafé mais próximo e procurei *Luciano Salimbeni* no Google. Mas tive de fazer diversas acrobacias verbais para chegar a uma combinação de busca que gerasse um resultado remotamente útil. Só depois de uma hora e de muitas, muitas frustrações com a língua italiana, ganhei razoável confiança nas seguintes conclusões:

Um: Luciano Salimbeni estava morto.

Dois: Luciano Salimbeni foi um cara mau, possivelmente até um serial killer.

Três: Luciano e Eva Maria Salimbeni tinham algum tipo de parentesco.

Quatro: havia alguma coisa suspeita no acidente de carro que matou minha mãe e Luciano Salimbeni foi procurado para prestar depoimento.

Imprimi todas as páginas para poder relê-las depois, na companhia de meu dicionário. A busca tinha produzido pouco mais do que Peppo Tolomei acabara de me contar naquela tarde, mas pelo menos agora eu sabia que meu primo idoso não tinha simplesmente inventado a história: de fato existira um sujeito perigoso chamado Luciano Salimbeni, solto em Siena cerca de 20 anos atrás.

Mas a boa notícia era que ele estava morto. Em outras palavras, decididamente não podia ser o homem de abrigo que – talvez sim, talvez não – havia me seguido na véspera, depois de eu sair do banco do Palazzo Tolomei com a caixa de minha mãe.

Depois procurei *Olhos de Julieta* no Google. Como não era de surpreender, nenhum dos resultados da busca tinha nada a ver com tesouros lendários. Quase todos eram discussões semieruditas sobre a importância dos olhos em *Romeu e Julieta* de Shakespeare, e li obedientemente umas duas passagens da peça, tentando identificar uma mensagem secreta. Uma delas dizia:

*Há muito mais perigo nos seus olhos
Que nas lâminas deles.*

Bem, pensei, se esse perverso Luciano Salimbeni realmente matou minha mãe por causa de um tesouro chamado Olhos de Julieta, a afirmação de Romeu era verdadeira. Qualquer que fosse a natureza desses olhos misteriosos, eles eram potencialmente mais perigosos do que armas. Era simples assim. Em contraste, o segundo trecho era um pouco mais complexo do que a cantada média que se ouve por aí:

*Duas estrelas, das mais fulgurantes,
Estando ocupadas pedem aos seus olhos
Que brilhem na alta esfera até que voltem.
E se ficassem lá, e elas no rosto?*

Ponderei sobre esses versos durante todo o trajeto pela Via del Paradiso. Obviamente, Romeu estava elogiando Julieta ao dizer que seus olhos eram como estrelas cintilantes, mas sem dúvida tinha um jeito engraçado de formular a ideia. Na minha opinião, não era particularmente gentil cortejar uma garota imaginando como ela seria com os olhos arrancados.

Mas a poesia, na verdade, era uma bem-vinda distração de outros fatos que eu descobrira nesse dia. Meus pais tinham morrido de formas terríveis, em eventos separados, possivelmente até pelas mãos de um assassino. Embora fizesse horas que eu tinha saído do cemitério, ainda estava tentando digerir aquela descoberta terrível. Além do choque e da tristeza, eu também sentia aquelas pontadinhas de medo, como na véspera, quando achei que estava sendo seguida ao sair do banco. Mas Peppo estaria certo ao me prevenir? Seria possível que eu corresse perigo agora, tantos anos depois? Se assim fosse, provavelmente eu poderia me afastar do perigo voltando para a Virgínia. Mas e se houvesse mesmo um tesouro? E se, em algum lugar da caixa de minha mãe, houvesse uma pista para eu encontrar os Olhos de Julieta, o que quer que eles fossem?

Perdida em especulações, entrei num jardim solitário em forma de claustro junto à Piazza San Domenico. O sol estava se pondo e, por um instante, parei na *loggia*, a galeria coberta, absorvendo os últimos raios de luz, enquanto as sombras da noite subiam lentamente por minhas pernas. Ainda não estava com vontade de voltar para o hotel, onde o diário de Maestro Ambrogio aguardava para me arrebatá-lo por outra noite insone no ano de 1340.

Parada ali, entretida pelo crepúsculo, com as ideias girando em torno de meus pais, eu o vi pela primeira vez...

O Maestro.

Ele andava pelas sombras da *loggia* oposta, carregando um cavalete e vários outros objetos que insistiam em escorregar de suas mãos, o forçando a parar para redistribuir o peso. No começo, simplesmente cravei os olhos nele. Era impossível não fazê-lo. Ele era diferente de qualquer outro italiano que eu já tinha encontrado, com o cabelo comprido e grisalho, o cardigã largo e as sandálias abertas. Na verdade, lembrava um viajante do tempo vindo direto de Woodstock, arrastando os pés por um mundo tomado por modelos das passarelas.

De início, ele não me viu e, quando o alcancei e lhe entreguei um pincel que ele havia deixado cair, ele se assustou.

– *Scusi...* acho que isto é seu – expliquei.

Ele olhou para o pincel sem reconhecê-lo e, quando enfim o pegou, o segurou sem jeito, como se não soubesse para que aquilo servia. Depois me encarou, ainda perplexo, e disse:

– Eu a conheço?

Antes que eu pudesse responder, um sorriso se abriu em seu rosto e ele exclamou:

– É claro que sim! Eu me lembro de você. Você é... oh! Ajude-me a lembrar... quem é você?

– *Giulietta*. Tolomei, sabe? Mas acho que não...

– *Si-sì-sì!* É claro! Por onde você andou?

– Eu... acabei de chegar.

Ele fez uma careta diante de sua própria estupidez:

– É claro que sim! Não ligue para mim. Você acabou de chegar. E aqui está. *Giulietta Tolomei*.

Mais linda que nunca. – Ele sorriu e balançou a cabeça. – Nunca entendi esse negócio, o tempo.

– Bem – retruquei, meio perturbada –, o senhor vai ficar bem?

– Eu? Oh! Sim, obrigado. Mas... você precisa me visitar. Quero lhe mostrar uma coisa. Conhece o meu ateliê? Fica na Via Santa Caterina. A porta azul. Não precisa bater, é só entrar.

Só então me ocorreu que ele tinha achado que eu era uma turista e queria me vender souvenirs. *Está certo, amigo, pensei, com certeza aparecerei por lá.*

QUANDO TELEFONEI PARA Umberto mais tarde naquela noite, ele ficou profundamente inquieto com minhas novas informações sobre a morte de meus pais.

– Mas você tem certeza? – ficou repetindo. – Tem certeza de que isso é verdade?

Afirmei que sim. Não só tudo indicava que forças obscuras tinham entrado em ação uns 20 anos antes como também, pelo que eu podia perceber, essas forças ainda poderiam estar rondando. Por que outra razão alguém teria me seguido na véspera?

– Tem certeza de que ele estava seguindo você? – objetou Umberto. – Talvez...

– Umberto – interrompi –, ele estava de abrigo.

Ambos sabíamos que, no universo de Umberto, só um facínora andaria numa rua elegante com roupa de ginástica.

– Bem – disse Umberto –, talvez ele só quisesse bater sua carteira. Viu você sair do banco e calculou que teria sacado dinheiro...

– É, pode ser. De fato, não vejo por que alguém roubaria essa caixa. Não encontro nada nela que tenha a ver com os Olhos de Julieta...

– Olhos de Julieta?

– É, foi o que Peppo disse – respondi. Dei um suspiro e me atirei na cama. – Ao que parece, é esse o tesouro. Mas, se você quer a minha opinião, acho que é tudo uma grande fraude. Acho que minha mãe e tia Rose estão sentadas no céu dando boas gargalhadas neste momento. Enfim... o que você tem feito?

Conversamos por pelo menos mais cinco minutos antes de eu descobrir que Umberto já não estava na casa de tia Rose, mas num hotel em Nova York, procurando emprego, o que quer que isso

significasse. Tive muita dificuldade de imaginá-lo servindo mesas em Manhattan, ralando queijo parmesão sobre a massa de outras pessoas. É provável que ele compartilhasse meus sentimentos, pois me soou cansado e sem ânimo e tive muita vontade de poder lhe dizer que estava prestes a pôr as mãos numa grande fortuna. Mas ambos sabíamos que, apesar de ter recuperado a caixa de minha mãe, eu mal sabia por onde começar.

*A morte, que sugou-lhe o mel dos lábios,
Inda não conquistou sua beleza.*

S

O golpe letal não foi desferido.

Em vez disso, Frei Lorenzo – ainda orando, ajoelhado diante do salteador – ouviu um sibilo breve e assustador, seguido por um tremor que balançou a carroça inteira e pelo som de um corpo caindo no chão. Em seguida... silêncio. Uma rápida espiada com o olho entreaberto confirmou que, de fato, o homem que pretendia matá-lo já não avultava diante ele, de espada em riste, e Frei Lorenzo se esticou, nervoso, para ver onde o vilão desaparecera tão subitamente.

Lá estava ele, jazendo vencido e ensanguentado à beira da vala, o homem que, momentos antes, fora o arrogante líder de um bando de salteadores. Agora, pensou Frei Lorenzo, parecia tão frágil, com a ponta de uma faca projetando-se do peito e um filete de sangue escorrendo da boca demoníaca para uma orelha que escutara muitas preces soluçantes, mas nunca se apiedara de uma sequer.

– Mãe Santíssima! – exclamou o monge, erguendo as mãos postas para o céu. – Obrigado, ó sagrada Virgem, por terdes salvado vosso humilde servo!

– Não há de quê, frade, mas não sou nenhuma virgem.

Ao ouvir a voz fantasmagórica e perceber que o interlocutor estava muito perto e tinha uma aparência assustadora, de elmo emplumado, peitoral e lança na mão, Frei Lorenzo levantou-se de um salto.

– Nobre São Miguel! – gritou, ao mesmo tempo arrebatado e apavorado. – Salvastes minha vida! Aquele homem ali, aquele patife, estava prestes a me matar!

São Miguel levantou a viseira, revelando um rosto jovem.

– Sim – disse, agora com voz humana –, foi o que imaginei. Mas devo aumentar teu desapontamento: também não sou santo.

– Seja qual for a vossa descrição, nobilíssimo cavaleiro, vossa chegada é um verdadeiro milagre e confio em que a Santa Virgem recompensará essas boas ações no céu! – exclamou o religioso.

– Eu te agradeço, frade – replicou o cavaleiro, cheio de malícia no olhar –, mas, quando falares com ela da próxima vez, será que podes dizer-lhe que aceitarei de bom grado uma recompensa aqui na terra? Um outro cavalo, talvez? Porque este aqui com certeza me fará acabar junto com os porcos

no Palio.

Frei Lorenzo piscou os olhos uma vez, talvez duas, ao começar a perceber que seu salvador tinha dito a verdade: não era mesmo santo. E, a julgar pelo modo como falara da Virgem Maria – com impertinente familiaridade –, decerto também não era uma alma devota.

Não havia dúvidas de que a tampa do caixão rangera levemente quando sua ocupante tentou dar uma espiada furtiva em seu destemido salvador e Frei Lorenzo se apressou a sentar em cima da tampa para mantê-la fechada, pois a intuição lhe dizia que ali estavam dois jovens que nunca deveriam se conhecer.

Decidido a ser gentil, perguntou:

– Onde se passa vossa batalha, nobre cavaleiro? Ou será que estais de partida para defender a Terra Santa?

O outro fez um ar incrédulo.

– De onde és, frade engraçado? Um homem tão ligado a Deus certamente sabe que o tempo das cruzadas já passou – disse, estendendo o braço na direção de Siena. – Estas montanhas, aquelas torres... esta é a minha Terra Santa.

– Nesse caso – apressou-se a dizer Frei Lorenzo –, fico muito feliz por não ter vindo com más intenções!

O cavaleiro não se mostrou convencido.

– Posso perguntar-te que assunto tens em Siena, frade? – indagou, espremendo os olhos. – E o que tens neste caixão?

– Nada!

– Nada? – repetiu o outro, olhando de relance para o cadáver no chão. – É muito atípico dos Salimbeni derramar sangue por nada. Certamente carrega algo que valha o sacrifício.

– De modo algum! – insistiu Frei Lorenzo, ainda abalado demais para confiar em outro estranho com comprovada habilidade para matar. – Neste caixão jaz um de meus pobres irmãos, grotescamente desfigurado por uma queda de nosso companário exposto ao vento, três dias atrás. Devo entregá-lo a Messer... hmm... à família dele em Siena ainda esta noite.

Para grande alívio de Frei Lorenzo, a expressão no rosto do rapaz passou da hostilidade crescente para a compaixão e ele não fez mais perguntas sobre o ataúde. Em vez disso, virou a cabeça e olhou com impaciência para a estrada. Acompanhando seu olhar, Frei Lorenzo não viu nada além do sol poente, mas essa visão o fez lembrar que era graças àquele jovem, pagão ou não, que ele poderia desfrutar do restante dessa noite e, se Deus quisesse, de muitas outras similares.

– Primos! – gritou seu salvador. – Nosso treino foi atrasado por este desafortunado monge!

Só então Frei Lorenzo viu outros cinco cavaleiros saindo diretamente da luz do sol e, quando se aproximaram, percebeu que estava lidando com um grupo de rapazes envolvidos em algum tipo de esporte. Nenhum dos outros usava armadura, mas um deles – um mero garoto – segurava uma grande ampulheta, que escorregou por entre seus dedos e caiu no chão, quebrando o vidro ao meio, quando o menino viu o cadáver.

– Bem, isso é que é mau agouro para nossa corrida, priminho – disse o cavaleiro ao garoto. – Mas talvez nosso santo amigo aqui possa desfazê-lo com uma ou duas orações. Que me dizes, frade, tens uma bênção para meu cavalo?

Frei Lorenzo olhou furioso para seu salvador, supondo-se vítima de uma pilhéria. Mas o outro

parecia bastante sincero, tão confortavelmente sentado em sua montaria quanto outros homens ficariam numa cadeira dentro da própria casa. Ao ver o cenho franzido do monge, entretanto, o rapaz sorriu e disse:

– Ora, esquece isso. Nenhuma bênção ajudará este pangaré, de qualquer modo. Mas diz-me, antes de partirmos, se salvei um amigo ou um inimigo.

– Nobilíssimo senhor! – Chocado por ter se sentido tentado, mesmo que só por um instante, a pensar mal do homem que Deus enviara para salvar sua vida, Frei Lorenzo levantou-se de um salto e benzeu o peito, em sinal de submissão. – Eu vos devo minha vida! Como poderia ser outra coisa senão vosso devoto súdito para sempre?

– Belas palavras, mas onde está teu compromisso de fidelidade?

– Compromisso de fidelidade? – Frei Lorenzo olhava de um cavaleiro para outro, implorando uma pista.

– Sim – insistiu o menino que deixara cair a ampulheta –, por quem torces no Palio?

Seis pares de olhos espremeram-se enquanto Frei Lorenzo se atrapalhava para escolher uma resposta, o olhar saltando do bico dourado no elmo emplumado do cavaleiro para as asas negras do estandarte preso a sua lança e depois para a gigantesca águia de asas abertas em seu peitoral.

– Mas é claro! – apressou-se a dizer. – Torço... pela Águia, não é? Sim! A majestosa Águia... a rainha do céu!

Para seu alívio, a resposta foi recebida com vivas.

– Nesse caso, és mesmo um amigo – concluiu o cavaleiro – e me alegro ter matado a ele e não a ti. Vem, vamos conduzir-te à cidade. A Porta Camollia não permite a entrada de carroças após o pôr do sol, portanto devemos apressar-nos.

– Vossa gentileza faz de mim um homem humilde – disse Frei Lorenzo. – Rogo-vos que me digais vosso nome, para que eu possa abençoar-vos em todas as minhas orações, agora e para sempre.

O elmo pontudo curvou-se brevemente num aceno cordial.

– Eu sou a Águia. Os homens me chamam de Romeo Marescotti.

– Marescotti é vosso sobrenome mortal?

– O que há num nome? A Águia vive eternamente.

– Somente o céu – disse Frei Lorenzo, sua natural mesquinha ofuscando brevemente a gratidão – pode conceder a vida eterna.

O cavaleiro abriu um sorriso.

– Nesse caso – retrucou, principalmente para divertir seus companheiros –, é óbvio que a Águia deve ser o pássaro favorito da Virgem!

QUANDO ROMEO E seus primos finalmente deixaram o frade e a carroça em seu destino, dentro da cidade de Siena, a penumbra do crepúsculo se transformara em escuridão e um silêncio cauteloso havia descido sobre o mundo. Portas e venezianas já estavam fechadas e bloqueadas contra os demônios que saíam à noite e, não fosse pela lua e por um ou outro transeunte ocasional carregando uma tocha, Frei Lorenzo havia muito teria perdido seu senso de orientação no labirinto de ladeiras da cidade.

Quando Romeo lhe perguntara quem ele tinha ido visitar, o monge mentira. Sabia tudo sobre a

sangrenta rixa entre os Tolomei e os Salimbeni e deduzira que, na companhia errada, poderia ser fatal admitir que tinha ido a Siena para falar com o grande Messer Tolomei. Apesar de toda a sua disposição de ajudar, nunca se sabia como reagiriam Romeo e seus primos – nem que histórias obscenas contariam a seus amigos e familiares – se soubessem a verdade. Em vez disso, portanto, Frei Lorenzo lhes dissera que seu destino era a oficina de Maestro Ambrogio Lorenzetti, pois foi o único outro nome de Siena que lhe ocorrera.

Ambrogio Lorenzetti era pintor, um verdadeiro *maestro*, conhecido em toda parte por seus afrescos e retratos. Frei Lorenzo nunca o encontrara pessoalmente, mas se lembrava de alguém ter lhe dito que esse grande homem morava em Siena. Fora com certa apreensão que tinha dito o nome a Romeo pela primeira vez, mas, quando o rapaz não o contradisse, ele se atreveu a presumir que, ao mencionar o pintor, fizera uma escolha sensata.

– Bem – disse Romeo, parando o cavalo no meio de uma rua estreita –, aqui estamos. É a porta azul.

Frei Lorenzo olhou em volta, surpreso com o fato de o célebre pintor não morar num bairro mais atraente. Sujeira e lixo estavam espalhados por toda a rua à sua volta e havia gatos magérrimos o espiando de portas e cantos escuros.

– Obrigado por vossa grande ajuda, senhores – disse ele, descendo da carroça. – O céu vos recompensará no devido tempo.

– Afasta-te, frade – retrucou Romeo, desmontando – e deixa-nos carregar esse caixão lá para dentro.

– Não! Não toqueis nele! – disse Frei Lorenzo, tentando posicionar-se entre Romeo e o caixão. – Já me ajudastes o bastante.

– Bobagem! – Romeo praticamente empurrou o monge para o lado. – Como pretendes levá-lo para dentro da casa sem nossa ajuda?

– Eu não... Deus mostrará um caminho! O Maestro me ajudará...

– Os pintores têm cérebros, não músculos. Vamos...

Dessa vez, Romeo de fato forçou o frade a chegar para o lado, mas o fez com delicadeza, pois sabia que estava diante de um adversário mais fraco.

O único que não se dava conta de sua própria fraqueza era Frei Lorenzo.

– Não! – exclamou, lutando para se afirmar como o único protetor do caixão. – Eu vos suplico... eu vos ordeno!...

– Tu me ordenas? – Romeo parecia estar se divertindo. – Tais palavras pouco fazem além de despertar minha curiosidade. Acabo de salvar tua vida, monge. Por que não consegues suportar minha gentileza agora?

Do outro lado da porta azul, na oficina de Maestro Ambrogio, o pintor estava ocupado fazendo o que sempre fazia nesse horário: misturando e testando cores. A noite pertencia aos corajosos, aos loucos e aos artistas – que em geral eram a mesma pessoa – e era uma hora abençoada para o trabalho, pois todos os seus fregueses estavam em casa, comendo e dormindo como fazem os seres humanos, e só bateriam à sua porta depois do alvorecer.

Alegremente absorto em seu trabalho, Maestro Ambrogio só notou o barulho na rua quando Dante, seu cachorro, começou a rosnar. Sem largar sua mistura, o pintor aproximou-se mais da porta e tentou avaliar a gravidade da briga que, a julgar pelo som, estava ocorrendo bem à sua

porta. Isso o fez pensar na morte grandiosa de Júlio César, apunhalado por uma porção de senadores romanos e morrendo de maneira muito decorativa, púrpura sobre mármore, harmoniosamente emoldurado por colunas. Que bom se um grande sienense se fizesse morrer de maneira semelhante, permitindo que o *maestro* se dedicasse a pintar tal cena numa parede local!

Nesse exato momento, alguém bateu à porta e Dante começou a latir.

– Pssiu! – disse Ambrogio ao cão. – Recomendando que te escondas, para o caso de ser o chifrido tentando entrar. Eu o conheço muito melhor do que tu.

Assim que ele atendeu, um turbilhão de vozes agitadas irrompeu sala adentro e envolveu o *maestro* numa discussão acalorada – que tinha a ver com algo que precisava ser carregado para dentro.

– Dizei-lhes, meu bom irmão em Cristo – exortou um monge sem fôlego –, dizei-lhes que temos de cuidar disso sozinhos!

– Cuidar do quê? – quis saber Maestro Ambrogio.

– Do caixão – respondeu outra pessoa – com o sineiro morto! Vede!

– Creio que os cavalheiros se enganaram de casa. Não encomendei isso.

– Eu vos imploro que nos deixeis entrar – suplicou o monge. – Explicarei tudo.

Não havia outra coisa a fazer senão afastar-se para o lado, então Maestro Ambrogio escancarou a porta para permitir que os rapazes carregassem o caixão para sua oficina e o depositassem no meio do aposento. Não se surpreendeu nem um pouco ao ver que o jovem Romeo Marescotti e seus primos – mais uma vez – estavam aprontando das suas. O que intrigou o *maestro* foi a presença do frade que torcia e retorcia as mãos.

– Esse é o caixão mais leve que já carreguei – disse um dos companheiros de Romeo. – Teu sineiro devia ser um homem muito esbelto, Frei Lorenzo. Da próxima vez, é melhor escolheres um que seja gordo, para ele ficar mais firme em teu campanário exposto ao vento.

– Nós o faremos! – exclamou Frei Lorenzo, com rude impaciência. – E agora, muito obrigado, senhores, por todos os vossos préstimos. Obrigado, Messer Romeo, por nos terdes salvo a vida... a minha vida! Tomai... – e retirou uma moedinha amassada de algum lugar embaixo do hábito e do capuz – um *centesimo* por vosso esforço!

A moeda ficou algum tempo no ar, sem ser reivindicada. Frei Lorenzo acabou por enfiá-la de novo embaixo do hábito, com as orelhas ardendo feito brasas numa súbita corrente de ar.

– Só peço – disse Romeo, principalmente por implicância – que nos mostres o que há naquele caixão. Porque não se trata de frade nenhum, nem gordo nem magro, disso tenho certeza.

– Não! – disse Frei Lorenzo, cuja expressão passou da ansiedade ao pânico. – Não posso permitir! Juro pela Virgem Maria, juro a todos vós, que o caixão deve permanecer fechado, ou uma grande desgraça nos destruirá a todos!

Ocorreu a Maestro Ambrogio que ele nunca se dedicara a criar as feições de um pássaro. Um filhote de pardal que tivesse caído do ninho, com as penas alvoroçadas e os olhos parecendo duas continhas assustadas... era exatamente assim que parecia aquele jovem frade, parado ali, imprensado pelos gatos mais infames de Siena.

– Ora, vamos, frade – insistiu Romeo –, hoje salvei tua vida. Não terei, a esta altura, conquistado tua confiança?

– Receio – disse Maestro Ambrogio a Frei Lorenzo – que terás de cumprir tua ameaça e deixar que

todos sejam atingidos pela desgraça. A honra assim o exige.

Frei Lorenzo balançou pesadamente a cabeça:

– Pois muito bem! Abrirei o caixão. Mas, primeiro, deixai-me explicar... – Por um momento, seus olhos correram de um lado para outro, em busca de inspiração, depois balançou a cabeça e disse: – Tendes razão, não há monge algum nesse ataúde. Mas há alguém igualmente santo. É a única filha de meu generoso protetor, e... – pigarreou, para falar com mais firmeza – morreu muito tragicamente há dois dias. Ele me mandou para cá com o corpo para rogar a vós, Maestro, que capteis as feições dela num quadro antes que se percam para sempre.

– Dois dias? – disse Maestro Ambrogio, estarrecido, já então totalmente profissional. – Ela morreu há dois dias? Meu caro amigo...

Sem esperar pela aprovação do monge, abriu a tampa do caixão para avaliar os danos. Felizmente, porém, a donzela lá dentro ainda não fora raptada pela morte.

– Parece que ainda temos tempo – disse, agradavelmente surpreso. – Mesmo assim, devo começar imediatamente. Tu protetor especificou algum tema? Em geral, faço uma típica Virgem Maria da cintura para cima e, neste caso, incluirei de graça o Menino Jesus, já que percorreste toda essa distância.

– Eu... creio que ficarei com a imagem da Virgem Maria – disse Frei Lorenzo, lançando um olhar nervoso para Romeo, que se ajoelhara ao lado do caixão para admirar a jovem morta – e com o nosso Santíssimo Salvador, já que é de graça.

– Ai de mim! – exclamou Romeo, ignorando a postura de advertência do monge. – Como pode Deus ser tão cruel?

– Paraí! – gritou Frei Lorenzo, mas era tarde demais. O rapaz já levava a mão ao rosto da donzela.

– Tãmanha beleza nunca deveria morrer – disse ele, com a voz terna. – Até a morte abomina seu ofício esta noite. Vede, ainda não roçou os lábios dela com sua mancha púrpura.

– Cuidado! – alertou Frei Lorenzo, tentando fechar a tampa. – Não sabeis que infecções esses lábios transmitem!

– Se ela fosse minha – prosseguiu Romeo, bloqueando os esforços do monge e sem se importar nem um pouco com a segurança –, eu a seguiria até o Paraíso e a traria de volta. Ou lá permaneceria com ela para sempre.

– Sei, sei, sei – disse Frei Lorenzo, empurrando a tampa para baixo e por pouco não batendo com ela no pulso do rapaz –, a morte transforma todos os homens em grandes amantes. Quem dera fossem igualmente ardorosos quando a dama ainda é viva!

– É a pura verdade, frade – assentiu Romeo, finalmente se levantando. – Bem, já vi e ouvi desgraças suficientes por uma noite. A taberna me chama. Vou deixar-te entregue a tua tarefa melancólica e farei um brinde à alma desta pobre moça. Vários, na verdade. Quem sabe o vinho não me mande diretamente ao Paraíso, para que eu possa encontrá-la em pessoa e...

Frei Lorenzo deu um pulo e disse com um sibilo de reprovação, aparentemente sem motivo:

– Antes que ela vos faça perder a decência, Messer Romeo, refreai vossa língua!

O jovem sorriu:

– ... oferecer-lhe meus cumprimentos.

Só depois que os pãndegos deixaram a oficina e o som dos cascos dos cavalos se extinguiu, Frei

Lorenzo tornou a levantar a tampa do caixão:

– Agora é seguro, podes sair – disse.

Então a jovem finalmente abriu os olhos e se sentou, com as faces encovadas de cansaço.

– Deus Todo-Poderoso! – exclamou Maestro Ambrogio, benzendo-se com sua mistura de tintas. – Que espécie de feitiçaria é essa?

– Eu vos imploro, *maestro* – disse Frei Lorenzo, ajudando delicadamente a moça a ficar de pé –, que nos leveis ao Palazzo Tolomei. Esta jovem dama é a sobrinha de Messer Tolomei, Giulietta. Foi vítima de maldades terríveis e devo deixá-la em local seguro o mais depressa possível. Podeis ajudar-nos?

Maestro Ambrogio olhou para o monge e para a jovem, ainda se esforçando para compreender a realidade. Apesar de seu infortúnio, ela se mantinha ereta, o cabelo em desalinho muito vivo à luz da vela e os olhos azuis como um céu sem nuvens. Sem sombra de dúvida, era a mais perfeita criatura que ele já vira.

– Posso perguntar – disse ao monge – o que te impele a confiar em mim?

Com um gesto largo, Frei Lorenzo apontou os quadros que os cercavam:

– Um homem capaz de enxergar o aspecto divino nas coisas terrenas é, com certeza, um irmão em Cristo.

O *maestro* também olhou ao redor, mas tudo o que viu foram garrafas de vinho cheias pela metade, trabalhos parcialmente concluídos e retratos de pessoas que tinham mudado de ideia ao ver a conta.

– És generoso demais – disse ele, balançando a cabeça –, mas não te censurarei por isso. Não tenhas medo, eu vos levarei ao Palazzo Tolomei, mas primeiro satisfaz minha grosseira curiosidade e conta-me o que aconteceu com essa jovem senhorita e por que ela foi posta como morta nesse caixão.

Nesse momento, Giulietta falou pela primeira vez. Sua voz era tão suave e firme quanto seu rosto tenso de tristeza:

– Três dias atrás os Salimbeni invadiram minha casa. Mataram todos os que tinham o sobrenome Tolomei, meu pai, minha mãe, meus irmãos e todas as outras pessoas que se interpuseram em seu caminho, exceto este homem, Frei Lorenzo, meu querido confessor. Eu estava em confissão na capela quando ocorreu o ataque, caso contrário, também teria sido... – E desviou os olhos, lutando contra o desespero.

– Viemos para cá em busca de proteção – disse Frei Lorenzo, retomando a história – e também para relatar os fatos a Messer Tolomei.

– Viemos em busca de vingança – corrigiu-o Giulietta, olhos arregalados de ódio e punhos comprimidos com força contra o peito, como que para se impedir de cometer um ato violento – e para estripar aquele monstro, Salimbeni, e enforcá-lo com suas próprias tripas...

Frei Lorenzo pigarreou e disse:

– Naturalmente, vamos exercer a misericórdia cristã...

Giulietta acenou com a cabeça, ansiosa, sem ouvir nada:

– ... enquanto o servimos a seus cães como alimento, pedaço por pedaço!

– Lamento pela senhorita – disse Maestro Ambrogio, desejando poder tomar aquela linda criança nos braços e consolá-la –, que suportou coisas demais...

– Não suportei nada! – rebateu Giulietta, cujos olhos azuis trespassaram o coração do pintor. –

Não lamenteis por mim, apenas tende a bondade de nos levar à casa de meu tio sem mais perguntas.
– Conte-se e acrescentou baixinho: – Por favor.

DEPOIS DE DEIXAR o monge e a jovem em segurança no Palazzo Tolomei, Maestro Ambrogio retornou a sua oficina num ritmo que lembrava um galope. Nunca se sentira assim até aquele momento. Estava apaixonado, estava no Inferno... a rigor, estava tudo de uma vez só, enquanto a Inspiração batia as asas colossais dentro de sua cabeça e lhe cravava as garras na caixa torácica, dolorosamente, buscando uma saída da prisão formada pelo arcaçouço mortal do homem talentoso.

Esparramado no chão, eternamente intrigado com o ser humano, Dante observou com olhos injetados enquanto Maestro Ambrogio compunha suas cores e começava a aplicar as feições de Giulietta Tolomei ao quadro de uma Virgem Maria ainda sem cabeça. O pintor não pôde deixar de começar pelos olhos. Em nenhum outro lugar de sua oficina podia-se ver uma cor tão intrigante. Aliás, em toda a cidade não se encontraria o mesmo matiz, pois ele acabara de inventá-lo, quase num surto de febre, enquanto a imagem da moça ainda estava fresca na parede de sua memória.

Animado com o resultado imediato, não hesitou em traçar o contorno daquele rosto admirável sob os regatos flamejantes de cabelos. Seus gestos ainda eram magicamente rápidos e seguros. Se naquele exato momento a jovem estivesse sentada diante dele, numa pose para a eternidade, o pintor não teria trabalhado com mais estonteante certeza do que de fato trabalhou.

– Sim! – Essa era a única palavra que deixava escapar, enquanto trazia à vida avidamente, quase com fome, aquelas feições deslumbrantes. Concluída a pintura, deu vários passos para trás e finalmente pegou a taça de vinho que se servira numa outra vida, cinco horas antes.

Nesse momento, houve outra batida na porta.

– Shhh! – sibilou Maestro Ambrogio, agitando um dedo de advertência para o cão que latia. – Sempre presume o pior. Talvez seja outro anjo.

Contudo, tão logo abriu a porta para ver que demônio tinha sido despachado pelo destino naquele horário ultrajante, percebeu que Dante estivera mais certo do que ele.

Do lado de fora, à luz bruxuleante de uma tocha na parede, estava Romeo Marescotti, com um sorriso ébrio dividindo ao meio seu rosto enganosamente encantador. À parte o encontro de algumas horas antes, Maestro Ambrogio conhecia muito bem o rapaz da semana anterior, quando os varões da família Marescotti haviam se sentado diante dele, um a um, para que suas feições fossem incorporadas a um novo mural majestoso no Palazzo Marescotti. O chefe da família, comandante Marescotti, insistira numa representação de seu clã do passado para o presente, com todos os ancestrais masculinos dignos de crédito – e mais alguns não tão dignos – no centro, todos engajados de algum modo na famosa Batalha de Montaperti, enquanto os vivos pairavam mais acima no céu, fazendo pose e disfarçados de Sete Virtudes. Para grande diversão de todos, Romeo havia sorteado o papel menos adequado a seu caráter e, em consequência disso, Maestro Ambrogio se vira falseando tanto o presente quanto o passado, ao aplicar habilmente as feições do mais infame bon-vivant de Siena à forma principesca instalada no trono da Castidade.

Pois, nesse momento, a personificação da Castidade empurrou para o lado seu gentil criador e entrou na oficina, encontrando o caixão ainda plantado – fechado – no meio do piso. Ficou claro que o jovem estava louco para abri-lo e espiar mais uma vez o cadáver lá dentro, mas isso significaria

retirar rudemente a paleta e vários pincéis molhados do *maestro* que agora repousavam sobre a tampa. Em vez disso, indagou:

– Já terminastes o quadro? Quero vê-lo.

Maestro Ambrogio fechou a porta em silêncio, ciente de que seu visitante havia bebido demais para estar em perfeito equilíbrio.

– Por que quereis ver a imagem de uma moça morta? Há muitas delas vivas por aí, tenho certeza.

– É verdade – concordou Romeo, correndo os olhos pelo aposento e finalmente avistando o novo acréscimo –, mas isso seria fácil demais, não vos parece?

Dirigiu-se prontamente ao retrato e o contemplou com olhar de especialista – não em arte, mas em mulheres. Após algum tempo, balançou a cabeça:

– Não está mau. Que olhos incríveis lhe destes. Como foi que...

– Muito grato – apressou-se a dizer o pintor –, mas a verdadeira arte é de Deus. Mais vinho?

– É claro. – Romeo pegou a taça e se sentou na tampa do caixão, evitando cuidadosamente os pincéis gotejantes. – Que tal um brinde a vosso amigo, Deus, e a todas as peças que Ele nos prega?

– Está muito tarde – respondeu Maestro Ambrogio, afastando a paleta e se sentando no caixão ao lado de Romeo. – Deveis estar cansado, meu amigo.

Como que enfeitado pelo retrato à sua frente, Romeo não conseguia afastar os olhos por tempo suficiente para fitar o pintor. E, quando finalmente falou, havia em sua voz uma sinceridade nova até para ele mesmo:

– Estou menos cansado que desperto. Pergunto-me se já estive tão desperto assim algum dia.

– É comum isso acontecer quando se está semiadormecido. Só então os olhos da alma ficam realmente abertos.

– Mas não estou dormindo, nem desejo estar. Nunca mais voltarei a dormir. Acho que virei todas as noites e ficarei sentado aqui, em vez de dormir.

Sorrindo diante dessa exclamação ardorosa, privilégio sumamente invejável da juventude, Maestro Ambrogio ergueu os olhos para sua obra-prima:

– Então, vós a aprovais?

– Aprovar? – Romeo quase se engasgou com a palavra. – Eu a adoro!

– Seríeis capaz de adorá-la num santuário como este?

– Porventura não sou homem? Mas, como homem, também sou forçado a sentir uma grande tristeza ao ver tamanha beleza desperdiçada. Ah, se fosse possível convencer a morte a devolvê-la!...

– E o que aconteceria então? – indagou o *maestro*, conseguindo franzir adequadamente o cenho. – O que faríeis se esse anjo estivesse vivo?

Romeo tomou fôlego, mas as palavras lhe fugiram.

– Eu... não sei. Amá-la, é óbvio. Sei amar uma mulher. Já amei muitas.

– Nesse caso, talvez seja melhor ela não ser real. Pois creio que esta exigiria muito mais esforço. Na verdade, imagino que, para cortejar uma dama como essa, seria preciso entrar pela porta da frente, e não ficar rondando debaixo de sua sacada, como um ladrão na madrugada.

Ao ver que o rapaz caíra num estranho silêncio, com uma pincelada de ocre marcando seu rosto nobre, o *maestro* prosseguiu com maior confiança:

– Existe a luxúria, como sabeis, e existe o amor. São coisas aparentadas, mas, ainda assim,

muito diferentes. Com prazer-se com uma exige pouco mais do que uma fala melíflua e uma muda de roupa; para obter o outro, porém, o homem tem que abrir mão de sua costela. Em troca, sua mulher desfará o pecado de Eva e o reconduzirá ao Paraíso.

– Mas como é que o homem sabe quando entregar sua costela? Tenho muitos amigos aos quais não resta uma só costela e vos juro que não estiveram nem uma vez no Paraíso.

O Romeu sincero no rosto do rapaz fez Maestro Ambrogio assentir com a cabeça.

– Vós mesmo o disistes – reconheceu. – Um homem sabe. Um garoto não.

Romeo deu uma gargalhada alta.

– Eu vos admiro! – exclamou, pondo uma das mãos no ombro do *maestro*. – Sois corajoso!

– O que há de tão maravilhoso na coragem? – retrucou o pintor, mais destemido agora que seu papel de conselheiro tinha sido aprovado. – Desconfio que essa virtude já matou mais homens bons do que todos os vícios juntos.

Mais uma vez, Romeo riu alto, como se não costumasse ter o prazer de uma oposição tão insolente, e o *maestro* se viu, súbita e inesperadamente, gostando do rapaz.

– Com frequência ouço os homens dizerem que fariam qualquer coisa por uma mulher – prosseguiu Romeo, sem querer abandonar o assunto. – No entanto, ao primeiro pedido que ela faz, saem ganhando e se esgueirando feito cães.

– E vós? Também vos esgueirais furtivamente?

Romeo exibiu uma fileira inteira de dentes saudáveis, surpreendente em um jovem com fama de provocar trocas de murros aonde quer que fosse.

– Não – respondeu, ainda sorrindo –, tenho um bom faro para mulheres que não pedem nada além daquilo que quero dar. Mas, se existisse uma mulher assim – inclinou a cabeça para o quadro –, eu quebraria de bom grado todas as costelas para persegui-la. Melhor ainda, entraria pela porta da frente, como disistes, e pediria a mão dela antes mesmo de a haver tocado. E não é só, eu faria dela minha única esposa e nunca mais olharia para outra mulher. Juro! Ela seria digna disso, tenho certeza.

Satisfeito com o que havia escutado e querendo muito acreditar que sua arte surtira um efeito tão profundo que havia desviado o rapaz de seus hábitos devassos, o *maestro* balançou a cabeça, contente com o trabalho daquela noite.

– Ela é, certamente.

Romeo virou a cabeça, espremendo os olhos:

– Falais como se ela ainda estivesse viva.

Maestro Ambrogio se manteve calado por um momento, estudando o rosto do rapaz e sondando a profundidade de sua determinação.

– Giulietta – disse, por fim. – É esse o nome dela. Creio que, com vosso toque, meu amigo, vós a despertastes da morte esta noite. Depois que nos deixastes para ir à taberna, vi a encantadora forma da jovem levantar-se sozinha deste caixão...

Romeo saltou de seu assento como se este houvesse explodido em chamas embaixo dele.

– Que discurso macabro! Não sei se este arrepio em meu braço é de pavor ou de deleite.

– Temeis os estratégias dos homens?

– Dos homens, não. De Deus, imensamente.

– Nesse caso, consolai-vos com o que tenho a vos dizer. Não foi Deus que a estendeu neste caixão

como se estivesse morta, e sim o monge, Frei Lorenzo, temendo pela segurança dela.

Romeo ficou de queixo caído:

– Quereis dizer que ela nunca esteve morta?

Maestro Ambrogio sorriu diante da expressão do rapaz:

– Sempre esteve tão viva quanto vós.

Romeo pôs as duas mãos na cabeça:

– Estais fazendo pouco de mim! Não posso acreditar!

– Acreditai no que quiserdes – retrucou o *maestro*, levantando-se e afastando os pincéis – ou, então, abri o caixão.

Após um momento de grande aflição, andando de um lado para outro, Romeo enfim tomou coragem e abriu o ataúde.

Em vez de se regozijar por vê-lo vazio, entretanto, o jovem lançou um olhar furioso ao pintor, com uma desconfiança renovada:

– Onde está ela?

– Isso eu não posso vos dizer. Seria uma violação da confiança.

– Mas ela está viva?

O *maestro* deu de ombros:

– Estava, quando a vi pela última vez, na soleira da casa de seu tio, acenando para mim.

– E quem é o tio dela?

– Como eu disse, não posso vos informar.

Romeo deu um passo em direção ao *maestro*, retorcendo os dedos:

– Estais me dizendo que terei de fazer serenatas sob todas as sacadas de Siena até que a mulher certa apareça?

Dante deu um pulo assim que o rapaz pareceu ameaçar seu dono, mas, em vez de um rosnado de advertência, simplesmente jogou a cabeça para trás e soltou um uivo longo e expressivo.

– Ela não aparecerá tão cedo – retrucou Maestro Ambrogio, curvando-se para afagar o cachorro.

– Não está com disposição para serenatas. Talvez nunca mais esteja.

– Então, por que estais me dizendo isso? – exclamou Romeo, por pouco não derrubando o cavalete e o retrato em sua frustração.

– Porque – respondeu Maestro Ambrogio, divertindo-se com a exasperação do rapaz – dói nos olhos de um artista ver uma pomba alvíssima perder tempo com corvos.

*Que é que há num nome? O que chamamos rosa
Teria o mesmo cheiro com outro nome*

A vista da fortaleza dos Médici, a Fortezza, era espetacular. Eu podia ver não apenas os telhados de terracota de Siena fervilhando ao sol da tarde como pelo menos 30 quilômetros de montanhas em curvas suaves, que ondeavam à minha volta como um oceano de matizes de verdes e azuis distantes. Vez após outra eu erguia os olhos da leitura e absorvia a vista panorâmica, na esperança de que ela expulsasse todo o ar bolorento de meus pulmões e enchesse minha alma de verão. Mas, toda vez que eu baixava os olhos e recomeçava a ler o diário de Maestro Ambrogio, tornava a mergulhar imediatamente nos tenebrosos acontecimentos de 1340.

Eu havia passado a manhã no café de Malèna, na Piazza Postierla, folheando as primeiras versões oficiais de *Romeu e Julieta*, escritas por Masuccio Salernitano e Luigi Da Porto em 1476 e 1530, respectivamente. Foi interessante ver como a trama se desenvolvera e como Da Porto dera um toque literário a uma história que, segundo Salernitano, era baseada em fatos.

Na versão de Salernitano, Romeu e Julieta – ou melhor, Mariotto e Giannoza – moravam em Siena, mas seus pais não viviam em guerra. Os dois se casaram em segredo, subornando um frade, mas o drama só começou de fato quando Mariotto matou um cidadão ilustre e teve que partir para o exílio. Ao mesmo tempo, os pais de Giannoza, sem saber que a filha já era casada, exigiram que ela desposasse outro homem. Desesperada, ela fez o frade preparar um sonífero potente e o efeito da poção foi tão forte que os imbecis de seus pais acreditaram que ela havia morrido e a sepultaram prontamente. Por sorte, o bom frade conseguiu tirá-la do sepulcro e então Giannoza viajou de barco – em segredo – para Alexandria, onde Mariotto levava uma vida tranquila. Entretanto, o mensageiro que deveria informá-lo sobre o estratagema da poção para dormir foi capturado por piratas e, ao receber a notícia da morte de Giannoza, Mariotto voltou às pressas para Siena, disposto a morrer ao lado dela. Ao chegar, foi capturado por soldados e decapitado. E Giannoza passou o resto da vida encharcando lenços num convento.

Pelo que pude perceber, os elementos-chave dessa versão original eram: o casamento secreto, o exílio de Romeu, o plano disparatado da poção para dormir, o mensageiro que se perdeu e a missão suicida de Romeu, baseada na ideia errônea de que Julieta estava morta.

A grande surpresa, é claro, era que a história toda teria acontecido em Siena e, se Malèna estivesse por perto, eu lhe perguntaria se isso era do conhecimento geral. Eu tinha uma grande suspeita de que não.

Curiosamente, quando Da Porto retomou a história, meio século depois, também ansiou por ancorá-la na realidade, a ponto de chamar Romeu e Giulietta por seus nomes verdadeiros. No

entanto, se acovardou quanto ao local e deslocou o enredo para Verona, mudando todos os sobrenomes – muito possivelmente para evitar retaliações dos poderosos clãs envolvidos no escândalo.

Mas, deixando de lado a logística, na minha interpretação, auxiliada por várias xícaras de *capuccino*, Luigi Da Porto havia escrito uma história muito mais cativante. Foi ele que introduziu o baile de máscaras e a cena da sacada e foi seu talento que imaginou pela primeira vez o duplo suicídio. A única coisa que, para mim, não colou de imediato foi ele ter feito Julieta morrer prendendo a respiração. Mas talvez ele achasse que sua plateia não apreciaria uma cena sangrenta... escrúpulos que Shakespeare felizmente não teve.

Depois de Da Porto, alguém chamado Bandello se sentiu compelido a escrever uma terceira versão e a acrescentar uma porção de diálogos melodramáticos, sem alterar os dados essenciais da trama, pelo que pude perceber. Mas, a partir daí, os italianos deram a história por encerrada e ela viajou primeiro para a França, depois para a Inglaterra, até acabar na escrivinha de Shakespeare, pronta para ser imortalizada.

Pelo que pude ver, a principal diferença entre todas essas versões poéticas e o diário de Maestro Ambrogio era que, na realidade, houvera *três* famílias envolvidas, não apenas duas. Os Tolomei e os Salimbeni eram as casas em pé de guerra – os Capuleto e os Montéquio, por assim dizer –, ao passo que Romeu, na verdade, era um Marescotti e, portanto, uma pessoa de fora. Nesse aspecto, a narrativa muito precoce que Salernitano fez da história foi a que mais se aproximou da verdade: era ambientada em Siena, sem qualquer menção de uma inimizade entre famílias.

Mais tarde, ao voltar da Fortezza com o diário de Maestro Ambrogio grudado ao peito, olhei para todas as pessoas alegres a meu redor e, mais uma vez, senti a presença de um muro invisível nos separando. Ali estavam elas, andando, correndo e tomando sorvetes, sem parar para questionar o passado e sem serem oprimidas como eu pela sensação de não pertencerem inteiramente a este mundo.

Na mesma manhã, eu havia parado diante do espelho do banheiro, experimentando o colar com o crucifixo de prata que estivera na caixa de minha mãe e havia decidido começar a usá-lo. Afinal, tinha pertencido a ela e, ao deixá-lo na caixa, ela claramente o havia destinado a mim. Talvez, pensei, ele de algum modo pudesse me proteger da maldição que a havia predestinado a uma morte prematura.

Será que eu estava louca? Talvez. Porém há muitas formas diferentes de insanidade. Tia Rose sempre presumira que o mundo inteiro vivia num estado de loucura constantemente flutuante e que a neurose não era uma doença, mas uma realidade da vida, como a acne. Uns têm mais, outros menos, porém só as pessoas verdadeiramente anormais não têm nem um pouco. Essa filosofia do senso comum já me havia consolado muitas vezes e tornou a fazê-lo nesse momento.

Quando voltei ao hotel, o *direttore* Rossini se aproximou de mim como o mensageiro de Maratona, louco para me contar as novidades:

– Srta. Tolomei! Onde esteve? A senhorita precisa ir! Agora mesmo! A *contessa* Salimbeni está à sua espera no Palazzo Pubblico! Vá, vá... – Ele me enxotou como quem enxota um cão que está rondando, mendigando sobras. – Não deve fazê-la esperar!

– Espere um instante! – rebati, apontando para dois objetos conspicuamente plantados no meio do salão. – Aquelas são as minhas malas!

- Sim, sim, sim, foram entregues há um instante.
- Bem, eu gostaria de ir até meu quarto e...
- Não! - O *direttore* Rossini escancarou a porta da frente e fez sinal para eu passar. - A senhorita precisa ir agora mesmo!
- Nem sei aonde estou indo!
- Santa Catarina! - exclamou ele. Embora eu soubesse que ele estava secretamente radiante por ter mais uma oportunidade de me instruir a respeito de Siena, ele revirou os olhos e soltou a porta. - Venha, vou desenhar as orientações!

ENTRAR NO CAMPO foi como pisar numa concha gigantesca. Em toda a volta havia restaurantes e cafés e, bem no lugar onde ficaria a pérola, no fundo da depressão da *piazza*, erguia-se o Palazzo Pubblico, o prédio que servia de prefeitura desde a Idade Média.

Parei por um momento, absorvendo o burburinho das muitas vozes sob a cúpula de céu azul, os pombos esvoaçando por ali e o chafariz de mármore branco e água turquesa, até que uma leva de turistas chegou por trás de mim e me arrastou com ela, avançando com agitado deslumbramento ante a magnificência da praça gigantesca.

Ao desenhar suas instruções, o *direttore* Rossini me havia assegurado que o Campo era considerado a mais bela *piazza* de toda a Itália, e não apenas pelos próprios sienenses. Aliás, ele mal conseguia contar as diversas ocasiões em que hóspedes do hotel, vindos de todos os cantos do mundo - até de Florença -, o haviam abordado para enaltecer as graças do Campo. Ele, é claro, havia protestado e destacado os muitos esplendores de outros locais - que decerto existiam em algum lugar -, mas as pessoas tinham se recusado a ouvi-lo. Afirmavam com obstinação que Siena era a cidade mais encantadora e impoluta do planeta e, diante de tamanha convicção, o que ele podia fazer senão admitir que, de fato, talvez fosse verdade?

Guardei suas orientações na bolsa e comecei a andar em direção ao Palazzo Pubblico. Era difícil não avistar o prédio, com seu campanário alto, a Torre del Mangia, cuja construção o *direttore* Rossini descrevera com tantos detalhes que eu tinha levado vários minutos para entender que ela não fora erigida diante de seus próprios olhos, mas em alguma ocasião da baixa Idade Média. Era um lírio, como ele o havia chamado, um orgulhoso monumento à pureza feminina, com sua flor branca de pedra sustentada no alto por um caule longo e vermelho. E, curiosamente, havia sido construída sem fundações. A Torre del Mangia, disse o gerente, mantém-se de pé há mais de seis séculos, sustentada unicamente pela graça de Deus e pela fé.

Bloqueei o sol com a mão e contemplei a torre erigida contra o azul infinito. Em nenhum outro lugar eu tinha visto a pureza feminina celebrada por um objeto fálico de 80 metros de altura. Mas talvez isso fosse coisa minha.

Havia uma gravidade bastante literal em toda a construção - o Palazzo Pubblico e sua torre -, como se o próprio Campo afundasse sob seu peso. O *direttore* Rossini me dissera que, se eu tivesse alguma dúvida, bastaria imaginar que tinha uma bola e a botava no chão. Onde quer que eu estivesse no Campo, a bola rolaria diretamente para o Palazzo Pubblico. Havia nessa imagem algo que me atraía. Talvez fosse a ideia de uma bola quicando no ancestral calçamento de tijolos. Ou talvez fosse o simples modo como ele pronunciara as palavras, com uma dramaticidade sussurrada,

como um mágico falando com crianças de 4 anos.

COMO TODO GOVERNO, o Palazzo Pubblico havia crescido com o tempo. De sua origem como pouco mais do que uma sala de reuniões para nove administradores, ele passara a ser uma estrutura assombrosa e entrei no pátio interno com a sensação de estar sendo observada. Não tanto pelas pessoas, creio, mas pelas sombras remanescentes de gerações passadas, gerações dedicadas à vida dessa cidade, desse pequeno torrão de terra, desse universo completo em si mesmo.

Eva Maria Salimbeni estava à minha espera no Salão da Paz, sentada num banco no meio do aposento, olhando para o espaço, como se mantivesse uma conversa silenciosa com Deus. Assim que cruzei a porta, no entanto, ela voltou a si e um sorriso de enorme prazer espalhou-se em seu rosto.

– Ah, você veio, afinal! – exclamou, levantando-se do banco para me dar dois beijos no rosto. – Eu já estava começando a ficar preocupada.

– Desculpe por ter feito você esperar. Eu nem sabia...

O sorriso de Eva descartou tudo que eu pudesse dizer.

– Você está aqui agora. É só isso que importa. Olhe – disse, apontando com um gesto largo para os imensos afrescos que cobriam as paredes do salão –, você já viu alguma coisa tão magnífica? Nosso grande *maestro*, Ambrogio Lorenzetti, os pintou no fim da década de 1330. É provável que tenha terminado esse que está acima das portas em 1340. Chama-se *Alegoria do Bom Governo*.

Virei-me para contemplar o afresco que ela havia apontado. A obra cobria toda a extensão da parede e pintá-la devia ter exigido uma complexa maquinaria de escadas e andaimes, talvez até plataformas penduradas no teto. A metade esquerda retratava uma cena urbana tranquila, com cidadãos comuns cuidando de suas atividades; a metade direita era um vasto panorama do interior, fora dos muros da cidade. Foi nessa hora que me ocorreu uma coisa e perguntei, pasma:

– Você quer dizer... *Maestro Ambrogio*?

– Ah, sim – confirmou Eva Maria, balançando a cabeça, nem um pouco surpresa pelo fato de o nome me parecer familiar. – Foi um dos nossos maiores mestres. Pintou essas cenas para celebrar o fim de uma longa desavença entre nossas famílias, os Tolomei e os Salimbeni. Finalmente, em 1339, fez-se a paz.

– É mesmo? – perguntei, pensando em Giulietta e Frei Lorenzo fugindo dos bandidos dos Salimbeni na estrada, nos arredores de Siena. – Tenho a impressão de que em 1340 nossos ancestrais ainda estavam em plena guerra. No interior, com certeza.

Eva Maria deu um sorriso enigmático; ou estava encantada por eu ter me dado o trabalho de ler sobre o folclore familiar, ou aborrecida por eu me atrever a contradizê-la. Se foi a segunda opção, ela teve ao menos a gentileza de admitir minha afirmação e disse:

– Tem razão. A paz teve consequências imprevistas. Isso acontece toda vez que os burocratas tentam nos ajudar. – Ela jogou os braços para o alto. – Quando as pessoas querem brigar, é impossível detê-las. Se você as impede dentro da cidade, elas lutam na zona rural e conseguem sair impunes. Pelo menos dentro de Siena, os tumultos eram sempre interrompidos antes que as coisas fugissem completamente ao controle. Por quê?

Olhou-me para ver se eu era capaz de adivinhar, mas é claro que não fui.

– Porque – prosseguiu, agitando um dedo didático diante do meu nariz – em Siena sempre

tivemos uma milícia. E, para manter os Salimbeni e os Tolomei sob controle, os cidadãos de Siena tinham que estar aptos a se mobilizar e a pôr suas companhias nas ruas da cidade em poucos minutos. – Ela balançou a cabeça com firmeza, concordando consigo mesma. – Creio que é por isso que até hoje a tradição da *contrada* é tão sólida aqui. Foi essencialmente a dedicação da antiga milícia dos bairros que tornou possível a república sienense. Se você quer manter os bandidos sob controle, certifique-se de armar os mocinhos.

Sorri de sua conclusão, fazendo o melhor possível para dar a impressão de não ter nenhum interesse em jogo. Não era o momento de lhe dizer que eu não confiava em armas e que, na minha experiência, os chamados mocinhos não eram melhores do que os bandidos.

– Bonito, não é? – continuou Eva Maria, acenando com a cabeça para o afresco. – Uma cidade em paz com ela mesma, certo?

– Suponho que sim, mas devo dizer que as pessoas não me parecem especialmente felizes. Olhe – e aponte para uma jovem que me pareceu aprisionada num grupo de dançarinas –, esta aqui parece... sei lá, perdida em pensamentos.

– Teria visto o cortejo nupcial passando, talvez? – sugeriu Eva Maria, inclinando a cabeça para um séquito que acompanhava o que parecia ser uma noiva a cavalo. – E quem sabe isso a fez pensar num amor perdido?

– Ela está olhando para o tambor ou para o tamborim – retruquei, apontando de novo. – E as outras dançarinas parecem... más. Veja como a aprisionaram na dança. E uma está olhando para a barriga dela – acrescentei. Olhei de relance para Eva Maria, mas era difícil interpretar sua expressão. – Ou talvez eu esteja apenas imaginando coisas.

– Não – disse ela, baixinho. – Está claro que Maestro Ambrogio queria que ela fosse notada. Pintou esse grupo de dançarinas maior do que qualquer outra pessoa no quadro. E, se você olhar de novo, verá que ela é a única com uma tiara na cabeça.

Apertei os olhos e vi que ela estava certa.

– Então, quem era ela? Nós sabemos?

Eva Maria deu de ombros:

– Oficialmente, não. Mas, cá entre nós – inclinou-se para mim e baixou a voz –, acho que é uma antepassada sua. Seu nome era Giulietta Tolomei.

Fiquei tão assustada ao ouvi-la dizer esse nome – *meu* nome – e enunciar exatamente a mesma ideia que eu discutira com Umberto ao telefone, que demorei um minuto para formular a única pergunta natural:

– Como é que você sabe?... Digo, como sabe que ela é minha antepassada?

Eva Maria quase deu uma risada:

– Não é óbvio? Por que mais sua mãe lhe daria o nome dela? Na verdade, ela mesma me contou isso: que você descende diretamente de Giulietta e Giannozza Tolomei.

Apesar de encantada por ouvir isso proferido com tamanha segurança, era quase mais informação do que eu podia processar de uma só vez.

– Eu não sabia que você tinha conhecido minha mãe – comentei, pensando em por que Eva Maria não me dissera isso antes.

– Ela foi me visitar uma vez. Com seu pai. Antes de eles se casarem. – Ela fez uma pausa. – Ela era muito novinha. Mais jovem do que você. Foi uma recepção com 100 convidados, mas passamos

a noite toda conversando sobre Maestro Ambrogio. Foram eles que me disseram tudo que estou lhe contando agora. Eram muito versados nesse assunto, muito interessados em nossas famílias. Foi uma tristeza as coisas terem tomado o rumo que tomaram.

Ficamos em silêncio por um momento. Eva Maria me fitava com um sorriso meio irônico, como se soubesse que havia uma pergunta queimando minha língua, mas que eu não conseguia me permitir formular: qual era a relação dela, se é que havia alguma, com o perverso Luciano Salimbeni, e quanto ela sabia sobre a morte de meus pais?

– Seu pai achava – prosseguiu ela, sem me deixar espaço para perguntar nada – que Maestro Ambrogio tinha escondido uma história nessa pintura. Uma tragédia ocorrida em sua época e que não podia ser abertamente discutida. Olhe – e apontou para o afresco –, está vendo aquela gaiolinha ali, na janela? E se eu lhe dissesse que esse prédio é o Palazzo Salimbeni, e que o homem que você vê dentro dele é o próprio Salimbeni, enaltecido como um rei, enquanto as pessoas se agacham a seus pés para pedir dinheiro emprestado?

Intuindo que, de algum modo, essa história lhe causava sofrimento, sorri para Eva Maria, decidida a não deixar o passado se interpor entre nós:

– Você não parece se orgulhar muito dele.

Ela fez uma careta:

– Ah, Salimbeni foi um grande homem. Mas Maestro Ambrogio não gostava dele. Não está vendo? Olhe... um casamento realizado... uma jovem triste dançando... e agora, um pássaro numa gaiola. O que você conclui disso?

Como não respondi de imediato, ela olhou pela janela:

– Eu tinha 22 anos, sabe? Quando me casei com ele. Salimbeni. Ele estava com 64. Isso lhe parece velho? – perguntou, me olhando de frente, tentando ler meus pensamentos.

– Não necessariamente. Como você sabe, minha mãe...

– Bem, pareceu velho para mim – cortou-me Eva Maria. – Eu achava que ele era muito velho e morreria logo. Mas ele era rico. Tenho uma linda casa. Você precisa ir me visitar.

Fiquei tão pasma com a franqueza de sua confissão – e com o convite subsequente – que apenas disse:

– É claro, eu adoraria.

– Ótimo! – ela exclamou, com uma mão possessiva em meu ombro. – E agora, você tem que descobrir o herói no afresco!

Quase dei uma gargalhada. Eva Maria Salimbeni era uma verdadeira virtuose na arte de mudar de assunto.

– Ande, vamos – disse, como uma professora se dirigindo a uma turma cheia de crianças preguiçosas –, onde está o herói? Sempre há um herói. Olhe para o afresco.

Olhei-o, obedientemente.

– Pode ser qualquer um.

– A heroína está dentro da cidade – disse ela, apontando –, com uma expressão muito triste. Portanto, o herói deve estar...? Olhe! À esquerda você tem a vida dentro dos muros da cidade. Depois, tem a Porta Romana, o portão da cidade voltado para o sul, que corta o afresco ao meio. E do lado direito...

– Está bem, agora eu o vi – concordei, mantendo a esportiva. – É o sujeito a cavalo, saindo da

cidade.

Eva Maria sorriu, não para mim, mas para o afresco:

– Ele é bonito, não é?

– Um arraso. Qual é a do chapéu de duende?

– Ele é caçador. Olhe bem. Tem uma ave de caça e está prestes a soltá-la, mas alguma coisa o detém. Aquele outro homem, o mais moreno que vem a pé, carregando a caixa de pintor, está tentando lhe dizer alguma coisa e nosso jovem herói se inclinou para trás na sela para ouvir.

– Talvez o pedestre queira que ele fique na cidade? – sugeri.

– Pode ser. Mas o que lhe aconteceria se ficasse? Veja o que Maestro Ambrogio pintou acima da cabeça dele. A força. Não é uma alternativa agradável, é? – Eva Maria sorriu. – Quem você acha que ele é?

Não respondi imediatamente. Se o Maestro Ambrogio que havia pintado o afresco era realmente o mesmo Maestro Ambrogio cujo diário eu estava lendo e se a jovem de tiara que dançava tão infeliz era de fato minha antepassada, Giulietta Tolomei, o homem a cavalo só podia ser Romeo Marescotti. Mas eu não me sentia à vontade para deixar Eva Maria saber até onde iam minhas descobertas recentes nem qual era a fonte de minhas informações. Afinal, ela era uma Salimbeni. Então apenas dei de ombros e respondi:

– Não faço a menor ideia.

– Suponha que eu lhe dissesse que ele é o Romeu, de *Romeu e Julieta*... E que sua antepassada, Giulietta, é a Julieta de Shakespeare, hein?

Consegui dar uma risada:

– Aquilo não aconteceu em Verona? E Shakespeare não os inventou? Em *Shakespeare apaixonado*...

– *Shakespeare apaixonado!* – Eva Maria olhou para mim como se nunca tivesse ouvido algo tão revoltante. – Giulietta – disse, pondo a mão em meu rosto –, acredite em mim quando afirmo que isso aconteceu bem aqui, em Siena. Muito, muito antes de Shakespeare. E aqui estão eles, nessa parede. Romeu partindo para o exílio e Julieta se preparando para o casamento com um homem a quem não pode amar. – Ela sorriu ao ver minha expressão e finalmente me soltou. – Não se preocupe. Quando você for me visitar, conversaremos mais sobre essas coisas tristes. O que vai fazer hoje à noite?

Dei um passo para trás, torcendo para disfarçar o susto diante de sua intimidade com minha história familiar:

– Limpar minha sacada.

Eva Maria não titubeou:

– Quando tiver terminado, quero que vá comigo a um ótimo concerto. Tome... – Enfiou a mão na bolsa e pegou um ingresso – O programa é maravilhoso. Eu mesma o escolhi. Você vai gostar. Às sete horas. Depois jantaremos e eu vou lhe contar mais coisas sobre seus ancestrais.

MAIS TARDE, AO me encaminhar para o salão de concerto, senti que alguma coisa me incomodava. A noite estava bonita e a cidade fervilhava de gente alegre, mas eu não conseguia compartilhar aquela alegria. Descendo a rua sem ter olhos para nada além do calçamento à minha

frente, aos poucos pude identificar a causa de meu mau humor.

Eu estava sendo manipulada.

Desde minha chegada a Siena, as pessoas se mostravam ansiosas por me dizer o que fazer e o que pensar. Principalmente Eva Maria. Ela parecia achar muito natural que seus desejos e planos bizarros ditassem meus movimentos – inclusive o traje adequado – e agora também estava tentando ditar minha linha de raciocínio. E se eu não quisesse conversar com ela sobre os acontecimentos de 1340? Bem, seria uma lástima, porque eu não tinha escolha. Mesmo assim, estranhamente, eu continuava a gostar dela. Por quê? Seria porque ela era a própria antítese de tia Rose, que sempre tivera tanto medo de fazer algo errado que acabara também nunca fazendo nada certo? Ou será que eu gostava de Eva Maria porque não deveria gostar? Essa seria a visão de Umberto: a maneira mais certa de me fazer conviver com os Salimbeni seria me dizer para ficar bem longe deles. Acho que isso era uma coisa de Julieta.

Bem, talvez fosse hora de Julieta ser racional. De acordo com o presidente Maconi, os Salimbeni sempre seriam os Salimbeni e, segundo meu primo Peppo, isso significava a desgraça para qualquer Tolomei que lhes criasse obstáculos. Tinha sido assim não apenas na tempestuosa Idade Média; mesmo agora, na Siena de hoje, o fantasma do talvez assassino Luciano Salimbeni ainda não havia saído de cena.

Por outro lado, talvez fosse esse tipo de preconceito que mantivera viva, durante gerações, a antiga inimizade entre as famílias. E se o esquivo Luciano Salimbeni nunca tivesse posto a mão em meus pais, tendo se tornado suspeito exclusivamente por causa de seu sobrenome? Não era de admirar que houvesse sumido. Num lugar em que se é julgado culpado por associação, o carrasco não tende a permanecer pacientemente sentado durante o julgamento.

Na verdade, quanto mais eu pensava no assunto, mais a balança pedia a favor de Eva Maria. Afinal, era ela quem parecia mais determinada a provar que, apesar de nossa rivalidade ancestral, ainda podíamos ser amigas. E, se isso fosse verdade, eu não queria ser a desmancha-prazeres.

O CONCERTO NOTURNO foi oferecido pela Academia Musical Chigiana, no Palazzo Chigi-Saracini, bem em frente ao salão de cabeleireiro de meu amigo Luigi. Entrei no prédio por uma passagem coberta e cheguei a um pátio fechado, com uma *loggia* e um antigo poço no centro. Cavaleiros de armadura, pensei, deviam ter tirado água daquele poço para seus corcéis e, sob minhas sandálias de salto, de lajotas de pedra do piso tinham sido alisadas por séculos de cascos e rodas de carroças. O lugar não era grande nem imponente demais e tinha uma dignidade serena, que fez eu me perguntar se as coisas que se passavam fora das paredes daquele quadrilátero imemorial eram mesmo tão importantes assim.

Enquanto estava parada ali, fitando boquiaberta o teto de mosaicos da *loggia*, um lanterninha me entregou uma brochura e indicou a porta que levava ao salão de concerto. Olhei o panfleto de relance enquanto subia a escada, na expectativa de que listasse o programa musical. Mas era uma história sucinta do prédio, escrita em várias línguas diferentes. Começava assim:

O Palazzo Chigi-Saracini, um dos mais belos de Siena, pertenceu originalmente à família Marescotti. O núcleo da construção é muito antigo, mas, durante a Idade

Média, os Marescotti começaram a incorporar as construções vizinhas e, como muitas outras famílias poderosas de Siena, começaram a erigir uma grande torre. Foi dessa torre que a vitória em Montaperti, em 1260, foi anunciada pelo som de um tambor ou um tamborim.

Parei no meio da escada para reler a passagem. Se fosse verdade e se eu não tivesse misturado completamente os nomes do diário de Maestro Ambrogio, o prédio onde eu me encontrava tinha sido, originalmente, o Palazzo Marescotti, ou seja, a casa de Romeo em 1340.

Só quando as pessoas começaram a se espremer para passar por mim, irritadas, foi que me livrei da surpresa e segui em frente. E daí se aquela tivesse sido a casa de Romeo? Ele e eu estávamos separados por quase 700 anos e, além disso, naqueles tempos ele tivera sua própria Julieta. Apesar da roupa e dos cabelos novos, eu ainda não passava de uma descendente desengonçada da criatura perfeita que um dia existira.

Janice ria de mim, se tomasse conhecimento de minhas ideias românticas. “Lá vamos nós de novo”, ela zombaria, “Jules sonhando com um homem que não pode ter.” E ela estaria certa. Mas às vezes esses eram os melhores.

Minha estranha obsessão com personagens históricos tivera início aos 9 anos, com o presidente Jefferson. Enquanto todas as outras pessoas – inclusive Janice – tinham as paredes cobertas por cartazes de garotos famosos sem camisa, meu quarto era um santuário para meu pai fundador predileto. Fiz um enorme esforço para aprender a escrever *Thomas* em letras góticas e cheguei até a bordar um T gigante numa almofada, à qual dormia abraçada todas as noites. Infelizmente, Janice encontrou meu caderno secreto e o circulou pela turma, fazendo todos morrerem de rir com meus desenhos fantasiosos, nos quais eu aparecia na frente da casa de Monticello, de véu e vestido de noiva, de mãos dadas com um presidente Jefferson muito musculoso.

Depois disso, todos passaram a me chamar de Jeff, inclusive os professores, que não tinham ideia de por que o faziam e que, espantosamente, nunca me viram me encolher de constrangimento quando chamavam meu nome na aula. No fim, parei completamente de levantar a mão e passei a ficar apenas sentada, escondida atrás do meu cabelo, na última fila, torcendo para que ninguém me notasse.

No ensino médio, graças a Umberto, comecei a me voltar para o mundo antigo e minha fantasia pulou de Leônidas, o Espartano, para Cipião, o Romano, e até para o imperador Augusto, durante algum tempo, até eu descobrir seu lado obscuro. Quando entrei na faculdade, tinha recuado tanto no tempo que meu herói era um anônimo homem das cavernas, morador das estepes russas, que matava mamutes lanosos e tocava melodias de caça em sua flauta de osso sob a lua cheia, inteiramente só.

A única pessoa que disse que todos os meus namorados tinham uma coisa em comum foi Janice, claro:

– É uma pena – disse minha irmã certa noite, quando tentávamos dormir numa barraca no jardim e ela havia conseguido arrancar todos os meus segredos, um por um, em troca de caramelos que originalmente tinham sido meus – que todos eles estejam mais mortos que uma pedra.

– Não estão, não! – protestei, lamentando ter lhe contado meus segredos. – As pessoas famosas vivem para sempre!

Ao que Janice meramente retrucou com desdém:

– Pode ser, mas quem quer beijar uma múmia?

Apesar dos enormes esforços de minha irmã, entretanto, nesse momento não foi por fantasia, mas por simples hábito, que senti um pequeno *frisson* ao descobrir que estava perseguindo o fantasma de Romeo em sua própria casa; o único requisito para que levássemos adiante esse belo relacionamento era que ele continuasse exatamente como estava: morto.

EVA MARIA FAZIA as honras da casa no salão de concerto, cercada por homens de ternos escuros e mulheres de vestidos brilhantes. Era um aposento de pé-direito alto, decorado nas cores do leite e do mel e com toques de ouro nos acabamentos. Havia umas 200 cadeiras dispostas para a plateia e, a julgar pelo número de pessoas já reunidas, não seria difícil preenchê-las. No extremo oposto, os integrantes de uma orquestra afinavam seus instrumentos e uma mulher grandalhona, de vestido vermelho, parecia ameaçar cantar. Como na maioria dos espaços em Siena, ali não havia nada moderno para perturbar a visão, exceto um ou outro adolescente rebelde, de tênis sob as calças de pregas.

Assim que me viu entrar, Eva Maria me chamou para seu círculo com um aceno majestoso. Ao me aproximar do grupo, pude ouvi-la me apresentando com superlativos que eu não merecia e, em poucos minutos, eu já era a melhor amiga de alguns figurões da cultura sienense, um dos quais era o presidente do Banco Monte dei Paschi, cuja sede era no Palazzo Salimbeni.

– Monte dei Paschi – explicou Eva Maria – é o maior protetor das artes em Siena. Nada do que você está vendo à sua volta seria possível sem o apoio financeiro da Fundação.

O presidente me olhou com um leve sorriso e sua mulher fez o mesmo, postada bem ao lado dele, enroscada em seu cotovelo. Tal como Eva Maria, ela era de uma elegância que desconhecia sua idade e, apesar de eu ter me vestido com esmero para a ocasião, seus olhos me disseram que eu ainda tinha muito que aprender. Ela até sussurrou isso para o marido, ou assim me pareceu.

– Minha esposa acha que a senhorita não está acreditando – disse o presidente em tom brincalhão, o sotaque e a entonação dramática sugerindo que ele estava recitando a letra de uma música. – Talvez julgue que somos... – teve de procurar a palavra – *orgulhosos* demais de nós mesmos, não?

– Não necessariamente – respondi, sentindo as faces queimarem sob o escrutínio ininterrupto dos dois. – Apenas acho... paradoxal que a casa dos Marescotti dependa da boa vontade dos Salimbeni para sobreviver, só isso.

O presidente reconheceu minha lógica com um ligeiro aceno da cabeça, como se confirmando que os superlativos de Eva Maria tinham sido apropriados.

– Um paradoxo, sim.

– Mas o mundo – disse uma voz atrás de mim – é cheio de paradoxos.

– Alessandro! – exclamou o presidente, subitamente todo jovialidade e diversão. – Você precisa conhecer a *signorina* Tolomei. Ela está sendo muito... *severa* com todos nós. Especialmente com vocês.

– É claro que está. – Alessandro pegou minha mão e a beijou com jocoso cavalheirismo. – Se não estivesse, nunca acreditaríamos que é uma Tolomei. – E me olhou nos olhos, antes de soltar minha mão. – Acreditaríamos, Srta. Jacobs?

Foi um momento estranho. Era evidente que ele não esperava me encontrar no concerto e sua reação não foi lisonjeira para nenhum de nós. Mas eu mal podia censurá-lo por me questionar. Afinal, eu não tinha lhe telefonado depois de ele passar em meu hotel, três dias antes. Durante todo esse tempo, seu cartão de visita ficou em cima da minha escrivaninha, como um mau augúrio de um biscoito da sorte. Só nessa manhã eu finalmente o rasgava em dois e o jogara no lixo, calculando que, se ele realmente quisesse me prender, já o teria feito.

– Você não acha que Giulietta está linda hoje, Sandro? – perguntou Eva Maria, interpretando mal nossa intensidade.

Alessandro conseguiu dar um sorriso:

– Cativante.

– Sì, sì – interveio o presidente –, mas quem ficou guardando nosso dinheiro, enquanto você está aqui?

– Os fantasmas dos Salimbeni – respondeu Alessandro, ainda olhando fixamente para mim. – Um poder muito temível.

– Já chega! – exclamou Eva Maria, que, secretamente satisfeita com as palavras dele, fingiu franzir o cenho e lhe deu uma pancadinha no ombro com um programa enrolado. – Logo, logo, todos seremos fantasmas. Hoje celebramos a vida.

DEPOIS DO CONCERTO, Eva Maria insistiu em sairmos para jantar, só nós três. Quando comeci a protestar, ela jogou a cartada do aniversário e disse que, nessa noite especial – “agora que viro outra página na esplêndida e lamentável comédia da vida” –, seu único desejo era ir a seu restaurante predileto com duas de suas pessoas favoritas. Estranhamente, Alessandro não fez nenhuma objeção. Era óbvio que, em Siena, não se contradizia a madrinha no mais importante de seus dias.

O restaurante favorito de Eva Maria ficava na Via delle Campane, imediatamente fora dos limites da Contrada dell’Aquila, isto é, o bairro da Águia. Sua mesa favorita, ao que parece, ficava no deque elevado do lado de fora, em frente a uma loja de flores que nesse momento já estava fechando.

– Quer dizer – disse ela para mim, depois de pedir uma garrafa de *prosecco* e uma travessa de *antipasto* – que você não gosta de ópera!

– Gosto, sim! – protestei, sentada meio sem jeito, as pernas cruzadas mal cabendo embaixo da mesa. – Eu adoro ópera. O mordomo de minha tia sempre as botava para tocar. Especialmente *Aída*. Mas é que... *Aída* deveria ser uma princesa etíope, não um prodígio tamanho extragrande na casa dos 50. Sinto muito.

Eva Maria riu, encantada:

– Faça como o Sandro. Feche os olhos.

Olhei-o de relance. Alessandro havia se sentado atrás de mim no concerto e eu tinha sentido seus olhos em mim o tempo todo.

– Para quê? Continua a ser a mesma mulher cantando.

– Mas a voz vem da alma! – argumentou Eva Maria em defesa dele, inclinando-se para mim: – Você só tem que escutar e verá *Aída* como ela realmente é.

– Isso é muito generoso – comentei, e olhei para Alessandro. – Você é sempre tão generoso assim? Ele não respondeu. Não precisava.

- A magnanimidade - disse Eva Maria, provando o *prosecco* e julgando-o digno de ser consumido - é a maior de todas as virtudes. Fique longe das pessoas avarentas. Elas estão aprisionadas em almas pequenas.

- Segundo o mordomo de minha tia, a beleza é a maior das virtudes. Mas ele diria que a generosidade é uma espécie de beleza.

- A beleza é a verdade - disse Alessandro, enfim se manifestando -, a verdade é a beleza. De acordo com Keats. A vida é muito fácil quando se vive dessa maneira.

- Você não vive?

- Não sou uma urna grega.

Comecei a rir, mas ele nem sequer sorriu.

Embora Eva Maria claramente quisesse que nos tornássemos amigos, não conseguiu nos deixar prosseguir sozinhos:

- Fale mais de sua tia! - incentivou-me. - Por que você acha que ela nunca lhe disse quem você era?

Olhei para um e para outro, intuindo que eles haviam discutido meu caso - e discordado.

- Não faça a menor ideia. Acho que ela sentia medo de que... Ou talvez ela... - baixe os olhos. - Não sei.

- Em Siena - disse Alessandro, preocupado com sua taça d'água -, o nome da pessoa faz toda a diferença.

- Nomes, nomes, nomes! - suspirou Eva Maria. - O que não entendo é por que essa tia... Rose, não é?... não a trouxe a Siena há mais tempo.

- Talvez ela tivesse medo - retruquei, dessa vez em tom mais ríspido - de que a pessoa que matou meus pais também me matasse.

Eva Maria recostou-se na cadeira, horrorizada:

- Que coisa terrível de se dizer!

- Bem, feliz aniversário! - falei, tomando um gole do *prosecco*. - E obrigada por tudo. - Fuzilei Alessandro com o olhar, o obrigando a me encarar. - Não se preocupe, não vou ficar por muito tempo.

- Não - disse ele em tom frio -, imagino que aqui seja pacífico demais para seu gosto.

- Gosto de paz.

Nesse momento, no verde das coníferas de seus olhos, tive como advertência um vislumbre de sua alma. Foi uma visão perturbadora.

- É óbvio.

Em vez de responder, trinqueei os dentes e voltei a atenção para o *antipasto*. Infelizmente, Eva Maria não captou as nuances mais sutis de minhas emoções; viu apenas meu rosto enrubescido.

- Sandro - disse, embarcando no que supôs ser uma onda de flerte -, por que você não levou Giulietta para dar umas voltas pela cidade e lhe mostrou umas coisas bonitas? Ela adoraria.

- Tenho certeza que sim. - Alessandro espetou uma azeitona com o garfo mas não a comeu. - Infelizmente, não temos estátuas de pequenas sereias.

Foi nessa hora que tive certeza de que ele havia examinado minha ficha e devia ter descoberto tudo o que havia para saber sobre Julie Jacobs - a Julie Jacobs manifestante pacifista, que mal havia retornado de Roma quando partira para Copenhague, a fim de protestar contra o envolvimento

dinamarquês no Iraque, vandalizando a Pequena Sereia. Lamentavelmente, a ficha não devia ter dito a Alessandro que fora tudo um grande equívoco e que Julie Jacobs só tinha ido à Dinamarca para mostrar à irmã que se atreveria, sim.

Sentindo na boca o gosto daquele coquetel atordoante de fúria e medo, estendi a mão às cegas para a cesta de pão, torcendo muito para que meu pânico não transparecesse.

– Não, mas temos outras belas estátuas! – contrapôs Eva Maria, olhando para mim e depois para ele, tentando captar o que se passava. – E chafarizes. Você deve levá-la à Fontebranda...

– Talvez a Srta. Jacobs gostasse de conhecer a Via dei Malcontenti – propôs Alessandro, interrompendo Eva Maria. – Era para lá que levávamos os criminosos, para que suas vítimas pudessem lhes atirar coisas quando eles estavam a caminho da forca.

Retribuí seu olhar frio, já não sentindo a menor necessidade de disfarçar.

– Algum dia alguém foi perdoado?

– Sim. Isso era chamado de exílio. Eles eram instruídos a deixar Siena e nunca mais voltar. Em troca, suas vidas seriam salvas.

– Ah, entendo – rebati de pronto –, é como a sua família, os Salimbeni. – Olhei de relance para Eva Maria, que, para variar, estava perplexa. – Será que estou enganada?

Alessandro não respondeu de imediato. A julgar pela movimentação dos músculos de seu maxilar, ele gostaria muito de responder à altura, mas sabia que não podia fazê-lo diante da madrinha.

– A família Salimbeni – disse enfim, com a voz tensa – foi expropriada pelo governo em 1419 e obrigada a deixar a República de Siena.

– Para sempre?

– É claro que não. Mas ficou banida durante muito tempo. – O modo como ele me olhava sugeriu que tínhamos recommençado a falar de mim. – E é provável que o tenha merecido.

– E se ela... voltasse, assim mesmo?

– Nesse caso – Alessandro fez uma pausa de efeito e me ocorreu que o verde de seus olhos, na verdade, não se parecia em nada com a folhagem orgânica, em vez disso era frio e cristalizado, como o pedaço de malaquita que eu havia apresentado como um tesouro especial na quarta série do ensino fundamental, antes de a professora explicar que ele era um mineral explorado para a extração de cobre, com visíveis prejuízos para o meio ambiente –, precisaria ter uma razão muito boa para isso.

– Basta! – exclamou Eva Maria, levantando a taça. – Chega de exílios. Chega de lutas. Agora somos todos amigos.

Durante uns 10 minutos conseguimos manter uma conversa civilizada. Depois disso, Eva Maria pediu licença para ir ao toalete e Alessandro e eu ficamos entregues aos truques um do outro. Espiando-o de relance, peguei-o correndo os olhos por mim e, por um brevíssimo instante, pude me convencer de que tudo aquilo era só um jogo de gato e rato, para ver se eu tinha garra suficiente para ser sua parceira de brincadeiras durante aquela semana. Bem, pensei, seja o que for que o gato esteja tramando, terá uma bela surpresa.

Estendi a mão para pegar uma rodela de linguiça e perguntei:

– Você acredita em redenção?

– Pouco me importa o que você fez em Roma – disse Alessandro, empurrando a travessa para mim – ou em qualquer outro lugar. Mas com Siena eu me importo. Então, diga-me, por que está

aqui?

– Isto é um interrogatório? – perguntei, com a boca cheia. – Devo chamar meu advogado?

Ele se inclinou para mim, e falou em voz baixa:

– Eu poderia colocá-la na cadeia assim... – E estalou os dedos bem diante do meu nariz. – É isso mesmo que você quer?

– Sabe – falei, empilhando mais comida no prato e torcendo muito para que ele não notasse o tremor em minhas mãos –, esses joguinhos de poder nunca funcionaram comigo. Talvez tenham feito maravilhas pelos seus ancestrais, mas, se você está lembrado, os *meus* nunca se impressionaram tanto assim.

– Está bem. – Ele se recostou na cadeira, mudando de tática. – Que tal isto: eu a deixarei em paz, sob uma condição. Que você fique longe de Eva Maria.

– Por que não diz isso a ela?

– Ela é uma mulher muito especial e não quero que sofra.

Pousei meu garfo.

– E por acaso *eu* quero? É isso que você pensa de mim?

– Quer mesmo saber? – Alessandro me olhou rapidamente de alto a baixo, como se eu fosse um artefato posto à venda por um preço exagerado. – Está certo. Acho você bonita, inteligente... uma grande atriz... – Ao notar minha confusão, franziu o cenho e continuou, em tom mais severo: – Acho que alguém lhe pagou muito bem para vir aqui fingir que é Giuletta Tolomei...

– *O quê?*

– ... e acho que parte de sua tarefa é se aproximar de Eva Maria. Mas, adivinhe só... não vou deixar que isso aconteça.

Eu mal sabia por onde começar. Por sorte, suas acusações eram tão surreais que fiquei estarecida demais para me sentir magoada de verdade.

– Por que você não acredita que sou Giuletta Tolomei? – perguntei finalmente. – Será por eu não ter olhos azul-celeste?

– Quer saber por quê? Vou lhe dizer. – E se inclinou para a frente, com os cotovelos na mesa. – Porque Giuletta Tolomei está morta.

– Nesse caso – retruquei, também me inclinando para a frente –, como explica eu estar sentada bem aqui?

Ele me olhou longamente, buscando em meu rosto alguma coisa que, por uma razão qualquer, não estava lá. No fim, desviou os olhos, espremendo os lábios, e compreendi que por algum motivo eu não o havia convencido e provavelmente jamais o faria.

– Quer saber... – falei, empurrando a cadeira e me levantando. – Vou seguir seu conselho e me afastar de Eva Maria. Agradeça a ela pelo concerto e pelo jantar e diga que pode mandar buscar as roupas quando quiser. Não preciso mais delas.

Não esperei que ele respondesse e saí do deque e do restaurante com um andar altivo, sem olhar para trás. Assim que dobrei a primeira esquina e saí de seu campo de visão, senti brotarem lágrimas de raiva nos olhos e, apesar dos sapatos, comeci a correr. A última coisa que eu queria era que Alessandro me alcançasse e pedisse desculpas por sua grosseria, caso fosse humano o bastante para tentar.

AO VOLTAR PARA o hotel nessa noite, dei preferência às sombras e às ruas menos movimentadas. Andando pelas trevas, mais torcendo que sabendo estar no caminho certo, ia tão preocupada com minha discussão com Alessandro – e, mais especificamente, com todas as coisas brilhantes que eu poderia ter dito, mas não dissera – que demorei um pouco para perceber que estava sendo seguida.

No início, foi pouco mais do que uma sensação estranha de ser observada. Logo, porém, comecei a notar os sons vagos de alguém se esgueirando atrás de mim. Toda vez que eu avançava, ouvia um farfalhar de roupas e um ruído de solas macias, mas, se andava mais devagar, o farfalhar desaparecia e eu não ouvia nada senão um silêncio sinistro, que chegava a ser quase pior.

Virando abruptamente numa rua escolhida ao acaso, consegui captar um movimento e uma forma de homem pelo canto do olho. A menos que eu estivesse muito enganada, era o mesmo bandido que me seguira dias antes, quando eu saíra do banco no Palazzo Tolomei, carregando a caixa de minha mãe. Obviamente, meu cérebro havia catalogado nosso encontro anterior na categoria de perigo e, nesse momento, ao reconhecer a forma e o andar do homem, disparou um ensurdecedor alarme de evacuação que expulsou todas as ideias racionais da minha cabeça e me fez tirar os sapatos e – pela segunda vez nessa noite – sair correndo.

*Já amei antes? Não, tenho certeza;
Pois nunca havia eu visto tal beleza.*

S

A noite era perfeita para travessuras.

Assim que Romeo e seus primos já não podiam mais ser avistados da torre dos Marescotti, dobraram uma esquina, ofegantes de tanto rir. Tinha sido muito fácil fugir de casa nessa noite, porque o Palazzo Marescotti estava tumultuado pela visita de familiares de Bolonha e o pai de Romeo, comandante Marescotti, a contragosto havia oferecido um banquete com músicos para entreter o grupo todo. Afinal, o que Bolonha tinha a oferecer que Siena não pudesse proporcionar 10 vezes melhor?

Bastante cientes de que mais uma vez violavam as normas do comandante sobre a hora de chegar em casa, Romeo e seus primos pararam para amarrar as máscaras carnavalescas espalhafatosas que sempre usavam em suas escapadas noturnas. Enquanto estavam ocupados com os nós e laços, o açougueiro da família passou com pernis pendurados num suporte, destinados ao banquete, e um ajudante carregando uma tocha, mas o homem era sensato demais para demonstrar que reconhecera os jovens. Um dia, Romeo seria o senhor do Palazzo Marescotti e a pessoa a pagar as encomendas entregues no castelo.

Quando as máscaras finalmente foram presas, os rapazes repuseram seus chapéus de veludo, ajeitando as duas peças para obter o melhor disfarce possível. Sorrindo à visão dos amigos, um deles pegou o alaúde que carregava e dedilhou alguns acordes alegres:

– *Giu-li-e-e-e-tta!* – cantou, num falsete zombeteiro –, *quisera eu ser teu pas-sa-ri-i-inho, teu pequeno pas-sa-ri-i-inho brincalhão* – e saltitou um pouco feito um pássaro, o que levou todos, menos Romeo, a se engasgarem de rir.

– Muito engraçado – repreendeu ele. – Continuai a zombar das minhas cicatrizes, que num instante vos arranjo algumas!

– Vamos logo – disse um dos outros, impaciente. – Se não nos apressarmos, ela já terá se recolhido e tua serenata não passará de uma canção de ninar.

Medido apenas em passos, o trajeto deles nessa noite não era longo, teria meras 500 passadas. Mas, em se tratando de todo o resto, era uma odisseia. Apesar da hora avançada, as ruas

fervilhavam de gente – residentes locais misturando-se com estrangeiros, compradores com vendedores, peregrinos com ladrões – e a cada esquina postava-se um profeta com uma vela, condenando o mundo material, enquanto olhava cada prostituta que passava com a mesma ânsia severamente proibida dos cães que observam os movimentos de uma longa fileira de linguças amarradas.

Afluiu caminho pelas ruas a cotoveladas, saltando uma valeta aqui, um mendigo ali e se abaixando sob liteiras e fardos carregados nos ombros para entrega, os rapazes enfim se descobriram no limiar da Piazza Tolomei. Esticando-se para ver por que havia uma multidão parada, Romeo vislumbrou uma figura pitoresca que saltitava para lá e para cá no negro ar da noite, na escadaria à entrada da igreja de San Cristoforo.

– Olha! – disse um de seus primos. – Tolomei convidou San Cristoforo para jantar. Mas ele não está muito bem-vestido. Que vergonha!

Todos observaram com reverência a procissão iluminada por tochas que saía da igreja e atravessava a praça em direção ao Palazzo Tolomei. E de repente Romeo compreendeu que ali estava sua chance de entrar na casa proibida pela porta da frente, em vez de ficar estupidamente parado sob a suposta janela de Giulietta. Uma longa fila de pessoas emproadas seguia atrás dos padres que carregavam o andor com o santo, todas usando máscaras carnavalescas. Era de conhecimento geral que Messer Tolomei oferecia bailes de máscaras a intervalos de poucos meses, para introduzir furtivamente em sua casa aliados banidos e familiares fora da lei. De outra forma, ele dificilmente conseguiria encher o salão de dança.

– É claro que a deusa Fortuna nos suspendeu em suas garras – disse Romeo, reunindo os primos.

– Ou então ela só está ajudando para nos destroçar por completo daqui a um instante e dar uma boa gargalhada. Vinde!

– Espera! – disse um de seus primos. – Temo...

– Temes cedo demais! – interrompeu-o Romeo. – Avante, potentes cavalheiros!

A confusão nos degraus da escadaria da igreja de San Cristoforo era exatamente aquilo de que Romeo precisava para furtar uma tocha de um suporte e cair sobre sua vítima desavisada: uma viúva idosa, sem acompanhante à vista.

– Por favor – disse ele, oferecendo-lhe o braço. – Messer Tolomei pediu-nos que garantíssemos vossa comodidade.

A mulher não pareceu nada insatisfeita com a promissora musculosidade do braço do rapaz e com os sorrisos ousados de seus companheiros.

– Seria a primeira vez – disse ela, com certa dignidade. – Mas vejo que ele decerto está procurando corrigir-se.

Pareceria impossível a quem não o visse com os próprios olhos, mas, ao entrar no *palazzo* dos Tolomei, Romeo foi forçado a concluir que eles realmente haviam conseguido superar os Marescotti em número de afrescos. Não só todas as paredes contavam uma história – diferente da real – sobre os triunfos passados dos Tolomei e sua religiosidade no presente como até os tetos eram veículos de sua devota autopromoção. Se estivesse sozinho, Romeo teria jogado a cabeça para trás e contemplado, perplexo, a miríade de criaturas exóticas que cruzavam aquele Paraíso particular. Mas não estava só: guardas de libré, armados até os dentes, postavam-se em posição de sentido ao longo de todas as paredes e o medo de ser identificado foi suficiente para conter sua audácia e garantir que ele fizesse à

viúva os elogios necessários, enquanto os dois se enfileiravam para a primeira dança.

Se antes a viúva se intrigara com a posição social de Romeo – uma vez que a qualidade tranquilizadora de suas roupas tinha sido um tanto comprometida por sua maneira suspeita de conseguir a companhia de uma dama –, nesse momento, pelo menos, preparado para dançar, o rapaz exibia um porte que lhe confirmou a estirpe nobre.

– Que sorte a minha hoje – murmurou a senhora, tomando cuidado para que ninguém além dele a ouvisse. – Mas, digi-me, viestes aqui com uma empreitada específica em mente ou compareceste apenas para... dançar?

– Confesso – retrucou Romeo polidamente, sem prometer de mais nem de menos – que tenho uma predileção pecaminosa pela dança. Juro-vos que sou capaz de dançar durante horas a fio, sem descanso.

A mulher deu um risinho discreto, momentaneamente satisfeita. Conforme a dança prosseguia, tomou mais liberdades com Romeo do que ele gostaria, deslizando ocasionalmente a mão sobre o exterior aveludado do rapaz, em busca de algo mais sólido por baixo, mas ele estava distraído demais para rechaçá-la.

Seu único interesse nessa noite era encontrar a jovem cuja vida ele tinha salvo e cujas feições encantadoras Maestro Ambrogio havia captado quase à perfeição num retrato maravilhoso. O pintor se recusara a lhe dizer o sobrenome da moça, mas Romeo não demorou a descobri-lo sozinho. Não havia se passado mais de uma semana desde a chegada da jovem quando correu por toda a cidade o boato de que Messer Tolomei tinha levado uma beldade estrangeira à missa na manhã de domingo – uma beldade estrangeira de olhos azuis como o oceano e cujo nome era Giulietta.

Correndo mais uma vez os olhos pelo salão – uma cornucópia de belas mulheres rodopiando em vestidos extravagantes e cavalheiros a postos para segurá-las –, Romeo não conseguiu compreender por que não se via a donzela em parte alguma. Tãmanha beldade sem dúvida deveria estar passando de um braço para outro, sem jamais ter folga para se sentar. O único desafio seria livrá-la de todos os outros rapazes ansiosos por sua atenção. Era um desafio que Romeo já havia enfrentado muitas vezes e um jogo no qual se comprazia.

A paciência era sempre seu gesto inicial, como um príncipe grego ante as muralhas de Troia – paciência e resignação, enquanto todos os outros pretendentes, um após outro, faziam papéis ridículos. Depois vinha o primeiro contato, a troca de um sorriso compreensivo, conspirando com a jovem contra todos os outros. Mais tarde, um olhar demorado do outro lado do salão, um olhar misterioso e sério e, por Deus, da próxima vez que as mãos dos dois se encontrassem na sequência da dança, o coração dela pulsaria tão forte no peito que Romeo seria capaz de lhe seguir a palpitação até o pescoço descoberto da moça. E era ali, exatamente ali, que ele depositaria seu primeiro beijo...

Mas até a homérica paciência de Romeo foi imperdoavelmente posta à prova, à medida que as danças se sucediam, fazendo todos girarem como corpos celestes e criando entre os dançarinos todas as constelações possíveis, exceto aquela pela qual ele esperava. Como todos usavam máscaras, Romeo não podia ter certeza absoluta, mas, pelo que era visível dos cabelos e sorrisos, a jovem que ele fora ali para cortejar não estava entre eles. Não encontrá-la nessa noite seria desastroso, pois nada senão um baile de máscaras lhe ofereceria esse acesso clandestino ao Palazzo Tolomei e ele teria de voltar a fazer serenatas sob o balcão de Giulietta, onde quer que ele ficasse, com uma voz que o Criador nunca havia predestinado à música.

Existia o perigo, é claro, de ele ter se enganado com os rumores e de a jovem de olhos azuis na missa ser outra pessoa. Nesse caso, sua pose de conquistador no salão de dança de Messer Tolomei não passava de perda de tempo e provavelmente a donzela que ele fora procurar estaria dormindo docemente em outra casa da cidade. Era o que Romeo quase havia começado a temer, quando, de repente, no meio de uma reverência galante na *ductia*, foi tomado pela viva sensação de estar sendo observado.

Introduzindo um rodopio onde não seria necessário, Romeo deixou os olhos percorrerem todo o aposento. E finalmente viu: um rosto semiencoberto pelos cabelos fitava-o diretamente das sombras da galeria superior. Contudo, mal ele reconheceu a forma oval como sendo uma cabeça de mulher, ela recuou para as sombras, como se temesse ser descoberta.

O rapaz girou de volta para encarar sua parceira, ruborizado de animação. Ainda que o acaso só lhe houvesse proporcionado o mais fugaz vislumbre da dama lá em cima, não havia em seu coração nenhuma dúvida de que a figura que vira era da encantadora Giulietta. E ela também o estivera observando, como se de algum modo soubesse quem ele era e por que estava ali.

Outra *ductia* o fez girar pelo salão em cósmica magnificência e depois dela veio uma *estampie*, até que Romeo finalmente avistou um primo na multidão e conseguiu chamá-lo com um olhar penetrante.

– Onde estavas? – sibilou, aborrecido. – Não vês que estou morrendo aqui?

– Tu me deves um agradecimento, não imprecções – sussurrou o outro, assumindo a condução da dança –, porque isto aqui é uma festinha medíocre, com um vinho medíocre e mulheres medíocres e... espera aí!

Mas Romeo já seguia seu caminho, surdo às palavras desanimadoras e cego ao olhar recriminador que a viúva lançou-lhe ao vê-lo fugir. Numa noite como essa, ele sabia, nenhuma porta estava barrada para um homem corajoso. Com todos os criados e guardas ocupados no térreo, qualquer lugar acima deste era, para o apaixonado, o mesmo que um lago na floresta para o caçador: uma doce promessa para aquele que tivesse paciência.

Em cima, no primeiro andar, os vapores estonteantes que subiam da festa no térreo deixavam jovens os velhos, tolos os sábios e generosos os aventos, e, ao percorrer a galeria superior, Romeo passou por muitos nichos escuros cheios de sedas farfalhantes e risinhos abafados. Aqui e ali, um lampejo branco deixava transparecer a retirada estratégica de peças do vestuário e, ao passar por um canto especialmente lascivo, ele quase parou para olhar, intrigado com a infinita flexibilidade do corpo humano.

Quanto mais se afastava da escada, entretanto, mais silenciosos tornavam-se os cantos e, quando ele enfim entrou na *loggia* acima da pista de dança, não restava uma única pessoa à vista. No ponto onde estivera Giulietta, parcialmente escondida por uma coluna de mármore, restava agora apenas o vazio e no final da *loggia* havia uma porta cerrada que nem ele se atreveria a abrir.

Sua decepção foi enorme. Por que ele não se retirara da dança antes, como uma estrela cadente que escapasse ao tédio imortal do firmamento? Por que tivera tanta certeza de que ela ainda estaria ali, à sua espera? Insensatez. Ele tinha contado a si mesmo uma história e agora era chegado o momento de seu trágico fim.

Justo nesse instante, quando ele dava meia-volta para ir embora, a porta no fim da *loggia* se abriu e uma figura esguia, de cabelos flamejantes, esgueirou-se pelo vão como uma antiga dríade que

a atravessasse uma fenda no tempo, antes que a porta tornasse a se fechar com um baque seco. Por um instante, não houve movimento nem som, exceto pela música que vinha de baixo, mas Romeo julgou ouvir alguém respirando, alguém que se assustara ao vê-lo parado ali, espreitando nas sombras, e que agora lutava para recobrar o fôlego.

Talvez ele devesse ter dito uma palavra de incentivo, mas sua agitação era grande demais para ser refreada pelas boas maneiras. Em vez de oferecer um pedido de desculpas por sua intromissão ou, melhor ainda, de fornecer o nome do intruso, ele apenas arrancou sua máscara carnavalesca e deu um passo à frente, ansioso, para puxá-la da penumbra, enfim revelando a ele seu rosto vivo.

Giulietta não o combateu nem se retraiu. Em vez disso, andou até a beira da sacada e olhou para os dançarinos embaixo. Animado, Romeo a seguiu e, quando ela se debruçou sobre a balaustrada, teve a satisfação de ver seu perfil iluminado pelas luzes do salão. Embora Maestro Ambrogio pudesse ter exagerado as linhas altivas de sua beleza, não fizera justiça à luminosidade dos olhos dela nem ao mistério de seu sorriso. E, quanto à maciez madura de seus lábios palpitantes, essa ele certamente deixara para Romeo descobrir sozinho.

– Esta deve ser, com certeza, a famosa corte do rei dos covardes – começou a jovem.

Surpreso com a amargura de sua voz, Romeo não soube o que responder.

– Quem mais – prosseguiu ela, ainda sem se virar – passaria a noite alimentando de uvas uma imagem, enquanto assassinos desfilam pela cidade, gabando-se de suas façanhas? E que homem honrado contemplaria uma recepção como esta, sabendo que seu próprio irmão foi... – Não conseguiu continuar.

– A maioria das pessoas – disse Romeo, estranhando sua própria voz – diria que Messer Tolomei é um homem de coragem.

– Nesse caso, a maioria das pessoas se engana. E vós, *signore*, perdeis vosso tempo. Não dançarei hoje; tenho o coração pesado demais. Portanto, voltai para minha tia e regalai-vos com as carícias dela, pois de mim não receberéis nenhuma.

– Não estou aqui como dançarino – retrucou Romeo, ousando se aproximar mais um passo. – Estou aqui por não poder manter-me afastado. Não quereis olhar para mim?

Ela fez uma pausa, obrigando-se a permanecer imóvel:

– Por que deveria olhar-vos? Vossa alma é tão inferior assim ao vosso corpo?

– Eu não conhecia minha alma – disse Romeo, baixando a voz como quem falasse ao coração dela – até vê-la refletida em vossos olhos.

Giulietta não respondeu de imediato, mas, quando o fez, foi com a voz ríspida o bastante para arranhá-la a coragem do rapaz:

– E quando foi que deflorastes meus olhos com vossa imagem? Para mim, sois apenas a forma distante de um excelente dançarino. Que demônio roubou-me os olhos e os deu a vós?

– O culpado foi o sono – disse Romeo, fitando o perfil de Giulietta, na esperança de que seu sorriso retornasse. – Ele os tirou do travesseiro em vossa cama e os trouxe para mim. Ah, o doce tormento daquele sonho!

– O sono – rebateu a jovem, ainda com a cabeça obstinadamente voltada para o lado oposto – é o pai de todas as mentiras!

– Mas é a mãe da esperança.

– Talvez. Mas o primogênito da esperança é a tragédia.

– A senhorita fala com a familiaridade de afetuosa que só se usa a respeito de parentes.

– Oh, não! – exclamou ela, a voz estridente de amargura. – Não ousou gabar-me de parentesco tão elevado. Quando eu morrer, se houver morrido de maneira devota e grandiosa, os estudiosos que discutam minha linhagem consanguínea.

– Não me importo com vossa linhagem – disse Romeo, ousando tocar-lhe o pescoço com um dedo –, a não ser para investigar o texto secreto dela em vossa pele.

Por um momento, o toque dele a fez ficar calada. E, quando voltou a falar, suas palavras arfantes anularam a intenção de desprezo.

– Nesse caso – disse ela, por sobre o ombro –, receio que vos decepcioneis. Pois minha pele não traz uma bela narrativa, mas uma história de carnificina e vingança.

Mais corajoso agora que ela aceitara sua primeira tentativa de aproximação, Romeo pousou as mãos nos ombros dela e se inclinou para a frente, a fim de falar por entre a sedosa cortina de seus cabelos:

– Eu soube da vossa perda. Não há um só coração em Siena que não sinta vossa dor.

– Há, sim! Ele reside no Palazzo Salimbeni e é incapaz de sentimentos humanos! – Giulietta soltou-se das mãos dele. – Quantas vezes desejei ter nascido homem!

– Nascer homem não é garantia contra a tristeza.

– É mesmo? – Ela finalmente virou-se para encará-lo, ironizando o ar grave de Romeo. – Então, dizei-me, por favor: quais são as vossas tristezas, *signore*? – E seus olhos, vibrantes mesmo na escuridão, fitaram-no com ar divertido, depois pousaram em seu rosto. – Não, como eu suspeitava, sois belo demais para tristezas. Tendes, antes, a voz e o rosto de um ladrão.

Ao ver a indignação do rapaz, Giulietta deu uma risada aguda e prosseguiu:

– Sim, ladrão. Mas um ladrão que mais ganha do que toma e por isso se considera mais generoso do que ganancioso, antes um favorito que um vilão. Contradizei-me, se puderdes. Sois um homem a quem nenhuma dádiva jamais foi recusada. Como poderia um homem assim ter tristezas?

Romeo enfrentou seu olhar zombeteiro com confiança:

– Homem algum jamais partiu numa busca sem pretender concluí-la. No caminho, porém, que peregrino diz não a uma refeição e um leito? Não me invejeis pela extensão de minha jornada. Não fosse eu viajante, nunca teria desembarcado em vosso porto.

– Mas que selvagem exótico é capaz de manter um navegante em terra para sempre? Que peregrino, com o tempo, não se cansa de sua cadeira doméstica e parte em busca de santuários desconhecidos e ainda mais distantes?

– Vossas palavras não fazem justiça a nenhum de nós dois. Por favor, não me chameis de inconstante antes mesmo de saberdes meu nome.

– É a minha natureza selvagem.

– Nada vejo além de beleza.

– Então, definitivamente, não me vedes.

Romeo segurou a mão dela e a forçou a abri-la e encostá-la em seu rosto.

– Eu vos vi, minha cara selvagem, antes que me visseis. Mas vós me ouvistes antes que eu vos ouvisse. E assim poderíamos ter vivido, com nosso amor separado pelos sentidos, não tivesse a Fortuna, esta noite, concedido olhos a vós e ouvidos a mim.

A jovem franziu o cenho:

– Vossa poesia é misteriosa. Pretendeis que eu vos compreenda ou esperais que eu confunda minha própria estupidez com vossa sabedoria?

– Santo Deus! – exclamou Romeo. – Como é zombeteira a Fortuna! Deu-te olhos, mas, em troca, levou-te os ouvidos. Giulietta, não reconheces a voz do teu cavaleiro? – E estendeu a mão para tocá-la no rosto, tal como fizera quando ela jazia como morta no caixão. – Não reconheces seu toque? – acrescentou, a voz pouco mais que um sussurro.

Por um brevíssimo instante, Giulietta abrandou-se e apoiou o rosto na mão dele, buscando consolo em sua proximidade. Mas, no momento em que Romeo supôs que ela se rendia a seus encantos, surpreendeu-se ao ver seus olhos se estreitarem. Em vez de lhe abrir a porta de seu coração, até ali suspeitamente entreaberta, Giulietta recuou de forma abrupta, afastando-se da mão dele:

– Mentiroso! Quem te mandou aqui fazer troça de mim?

Romeu arfou de espanto:

– Doce Giulietta...

Mas ela não queria ouvir e simplesmente o empurrou, para que fosse embora:

– Vai! Vai-te para rir de mim com todos os teus amigos!

– Eu te juro! – disse Romeo, mantendo-se firme e buscando as mãos dela, mas Giulietta não as entregou. Na falta de opção melhor, ele a segurou pelos ombros e a imobilizou, desesperado para fazer com que a jovem o escutasse. – Sou o homem que salvou tua vida e a de Frei Lorenzo na estrada e ambos entraram nesta cidade sob a minha proteção – insisti eu. – Eu te vi na oficina do *maestro*, deitada no caixão...

Enquanto falava, viu os olhos da jovem se arregalarem ao perceber que ele dizia a verdade, mas, em vez de gratidão, o rosto de Giulietta encheu-se de angústia.

– Compreendo – disse ela, a voz hesitante. – E imagino que tenhas vindo cobrar o que te é devido, não?

Só nesse momento, ao ver o medo de Giulietta, ocorreu-lhe que havia tomado uma grande liberdade ao segurá-la daquela maneira pelos ombros e que esse gesto devia tê-la intrigado quanto a suas intenções. Maldizendo-se por ser tão impulsivo, soltou-a delicadamente e deu um passo atrás, torcendo para que ela não saísse correndo. O encontro definitivamente não estava sendo como ele planejava. Fazia muitas noites que Romeo sonhava com o momento em que Giulietta sairia no balcão, atraída pela serenata que ele lhe faria, e levaria a mão ao peito, admirada, se não com sua música, com sua pessoa.

– Vim aqui – disse Romeo, implorando-lhe perdão com os olhos – ouvir tua doce voz dizer meu nome. Apenas isso.

Percebendo a sinceridade dele, ela se atreveu a sorrir.

– Romeo. Romeo Marescotti – murmurou –, abençoado pelos céus. Pronto, o que mais te devo?

O jovem quase deu outro passo à frente, mas conseguiu se controlar e manter a distância.

– Não me debes nada, porém quero tudo. Eu venho te procurando por toda a cidade desde que soube que estavas viva. Sabia que tinha de ver-te e... falar contigo. Cheguei até a rezar, pedindo a Deus... – interrompeu-se, sem jeito.

Giulietta o fitou longamente, seus olhos azuis cheios de assombro.

– E o que Deus te disse?

Romeo não pôde mais controlar-se, segurando-lhe a mão e a levando aos lábios:

– Ele me disse que estarias aqui hoje, à minha espera.

– Então, deves ser a resposta a minhas preces. – Giulietta o fitava admirada, enquanto ele beijava repetidamente sua mão. – Ainda esta manhã, na igreja, rezei por um homem, um herói, que pudesse vingar a horrenda morte de minha família. Agora vejo que errei ao pedir uma pessoa nova, pois foste tu que mataste o bandido na estrada e me protegeste desde o momento em que cheguei. Sim... – e a jovem levou a outra mão ao rosto dele – acho que és tu o meu herói.

– É uma honra para mim – disse Romeo, empertigando-se. – Nada me agradaria mais do que ser teu cavaleiro.

– Ótimo. Então, concede-me um grande favor. Procura aquele canalha, Salimbeni, e faze-o sofrer como ele fez sofrer minha família. E, quando tiveres terminado, traze-me a cabeça dele numa caixa, para que ele vagueie acéfalo pelos corredores do Purgatório.

Romeo engoliu em seco, mas conseguiu concordar com a cabeça.

– Teu desejo é minha lei, caríssimo anjo. Tu me darás alguns dias para essa tarefa, ou deve ele sofrer esta noite?

– Isso deixarei a teu critério – retrucou Giulietta, com gracioso recato. – És tu o especialista em matar os Salimbeni.

– E, quando eu houver terminado – indagou Romeo, segurando-lhe as duas mãos –, tu me concederás um beijo por meu esforço?

– Quando houveres terminado – respondeu Giulietta, observando-o encostar os lábios em seus pulsos, primeiro um, depois o outro –, eu te concederei tudo o que desejares.

*Ela é que ensina as tochas a brilhar,
E no rosto da noite tem um ar
De joia rara em rosto de carvão.*

A cidade de Siena dormia, alheia à compaixão. As vielas por onde corri nessa noite nada mais eram do que tenebrosas correntes de silêncio e cada objeto por que eu passava – motonetas, latas de lixo, automóveis – estava coberto com o véu de um luar brumoso, como que magicamente fixado na mesma exata posição havia 100 anos. As fachadas das casas a meu redor eram igualmente indiferentes: as portas não pareciam ter maçanetas externas e todas as janelas estavam inteiramente fechadas e cobertas por venezianas. Não importava o que ocorresse nas ruas noturnas da antiga cidade, seus moradores não queriam saber.

Ao fazer uma parada rápida, pude ouvir que, em algum ponto das sombras atrás de mim, o bandido também havia começado a correr. Não fazia nada para disfarçar o fato de estar me perseguindo: seus passos eram pesados e irregulares, as solas dos sapatos raspavam nas pedras desiguais do calçamento e, mesmo quando parava para farejar meu rastro, ele arfava muito, como alguém pouco habituado ao exercício físico. Mesmo assim, eu não conseguia despistá-lo. Por mais que me movesse em silêncio ou com agilidade, ele conseguia permanecer na pista e me seguir a cada esquina, quase como se fosse capaz de adivinhar meus pensamentos.

Com os pés descalços latejando de dor de tanto bater no calçamento de pedra, tropecei por uma passagem estreita ao final de uma ruela, torcendo para que houvesse uma saída do outro lado, de preferência várias. Mas não havia. Eu tinha ido parar num beco sem saída, aprisionada por casas altas de todos os lados. Na verdade, não havia sequer um muro ou uma cerca que eu pudesse pular, nem um único latão de lixo atrás do qual me esconder e meu único recurso de defesa pessoal eram os saltos pontiagudos de meus sapatos.

Virando de frente para o destino, me preparei para o encontro. O que aquele homem nefasto poderia querer de mim? Minha bolsa? O crucifixo em meu pescoço?... Eu mesma? Ou talvez quisesse saber onde estava o tesouro da família, mas isso eu também queria e, na atual conjuntura, não havia nada que eu pudesse lhe dizer que fosse capaz de satisfazê-lo. Infelizmente, segundo Umberto, a maioria dos ladrões não lidava muito bem com a decepção, de modo que tirei depressa a carteira da bolsa, na esperança de que os cartões de crédito parecessem suficientemente impressionantes. Ninguém além de mim sabia que eles representavam uma dívida de uns 20 mil dólares.

Enquanto eu estava parada à espera do inevitável, o som das batidas de meu coração foi abafado pelo ronco de uma motocicleta que se aproximava. E, em vez de o bandido aparecer triunfante na entrada do beco, vi um brilho de metal preto quando a moto passou zunindo por mim e seguiu a rua

na direção contrária. Mas, em vez de desaparecer, ela parou de repente, cantando pneus, e fez a volta para passar por mim mais umas duas vezes, sem se deter em nenhum ponto próximo. Só então captei o som de alguém de tênis se afastando rapidamente pela rua, arfando de pânico, até desaparecer na curva de uma esquina distante, com a motocicleta firme em seu encaixe, como um predador caçando sua presa.

E então, subitamente, fez-se silêncio.

Passaram-se vários segundos – talvez até meio minuto –, mas nem o bandido nem a motocicleta voltaram. Quando finalmente me atrevi a sair do beco, não consegui enxergar nem mesmo a esquina mais próxima, em nenhum dos dois lados da rua. Mas estar perdida no escuro definitivamente era o menor dos males que me aconteceram nessa noite e, assim que achasse um telefone público, poderia ligar para o *direttore* Rossini no hotel e lhe pedir que me ensinasse o caminho. A despeito de eu estar perdida e infeliz, meu pedido sem dúvida o deixaria radiante.

Começando a subir a rua, andei alguns metros e, de repente, alguma coisa na escuridão à frente chamou minha atenção.

Uma motocicleta e seu piloto estavam completamente imóveis no meio da rua e ele me encarava. O luar batia em seu capacete e no metal da moto, projetando a imagem de um homem vestido de couro preto, com a viseira fechada, que parecia ter ficado sentado ali, pacientemente esperando que eu aparecesse.

O medo seria uma reação natural, mas, parada ali, sem jeito, segurando os sapatos, apenas me senti confusa. Quem era aquele cara? E por que ficava apenas sentado, me olhando? Será que me salvara mesmo do bandido? E, se fosse esse o caso, estaria esperando que eu me aproximasse e lhe agradecesse?

Mas a gratidão que começava a despontar em mim foi cortada pela raiz quando, de repente, ele acendeu o farol da moto e me cegou com aquela luz forte. E, quando levantei as mãos para proteger os olhos, ele virou a chave na ignição e pisou no acelerador algumas vezes, só para que não ficasse nenhum mal-entendido.

Dando meia-volta, comecei a andar pela rua no sentido oposto, ainda meio cega e me xingando por ter sido tão idiota. Quem quer que fosse aquele cara, estava claro que não era amigo. O mais provável é que fosse um desajustado local que passava as noites daquela maneira infeliz, circulando em sua moto e aterrorizando gente pacífica. Por acaso sua última vítima tinha sido meu perseguidor, mas isso definitivamente não nos tornava amigos.

Ele me deixou correr um pouco e até esperou que eu dobrasse a primeira esquina antes de vir atrás de mim. Não em alta velocidade, como se quisesse me atropelar, mas apenas rápido o bastante para eu saber que não escaparia.

Foi então que vi a porta azul.

Tinha acabado de dobrar mais uma esquina e sabia que só teria uma pequena oportunidade antes que o farol me alcançasse de novo. E lá estava ela, bem à minha frente: a porta azul da oficina do pintor, magicamente entreaberta. Nem parei para considerar se haveria mais de uma porta azul em Siena ou se realmente era uma boa ideia entrar na casa das pessoas no meio da noite. Simplesmente o fiz. E, assim que me vi do lado de dentro, fechei a porta e me encostei nela, ouvindo, nervosa, os sons da motocicleta passando do lado de fora e enfim desaparecendo.

Reconheço que, ao nos encontrarmos na véspera, naquele jardim em forma de claustro, o pintor

de cabelos compridos me parecera meio excêntrico, mas, quando se está sendo perseguida em ruelas medievais por tipos perniciosos, não se pode ser muito seletiva.

A OFICINA DE Maestro Lippi era daqueles lugares dos quais só aprendemos a gostar com o tempo. Era como se uma bomba de inspiração divina houvesse explodido ali, não apenas uma vez, mas com regularidade, espalhando quadros, esculturas e instalações bizarras por toda parte. Estava claro que os talentos do *maestro* não podiam ser canalizados por um único meio de expressão. Como um gênio linguístico, ele falava a língua que combinasse com seu estado de espírito, escolhendo as ferramentas e materiais com o engajamento de um virtuose. E no meio daquilo tudo ladrava um cão que parecia uma mistura improvável de um *bichon frisé* felpudo com um dobermann muito sério.

– Ah! – exclamou Maestro Lippi, emergindo de trás de um cavalete assim que ouviu a porta se fechar. – Aí está você. Eu estava me perguntando quando viria. – Então, sem mais uma palavra, desapareceu. Quando voltou, um minuto depois, trazia uma garrafa de vinho, duas taças e um pão. Ao ver que eu ainda não me mexera, deu um risinho. – Você tem que desculpar o Dante. Ele é sempre desconfiado com as mulheres.

– O nome dele é *Dante*? – perguntei, olhando para o cachorro, que nessa hora veio me dar um velho chinelo todo babado, desculpando-se à sua maneira por ter latido para mim. – Que coisa esquisita... esse era o nome do cachorro do Maestro Ambrogio Lorenzetti!

– Bem, esta é a oficina dele – disse Maestro Lippi, servindo-me uma taça de vinho tinto. – Você o conhece?

– O senhor se refere *àquele* Ambrogio Lorenzetti? O de 1340?

– É claro! – O *maestro* sorriu, erguendo a taça num brinde. – Seja bem-vinda em sua volta. Bebamos a muitos anos de vida. Bebamos a Diana!

Quase me engasguei com o vinho. Ele conhecia minha mãe?

Antes que eu pudesse cuspir alguma coisa, o *maestro* chegou mais perto, com ar de conspiração:

– Há uma lenda sobre um rio, um rio chamado Diana, que corre nas profundezas da cidade. Nunca o encontramos, mas há quem diga que às vezes, tarde da noite, acorda dos sonhos e consegue senti-lo. E, sabe, antigamente havia um templo de Diana no Campo. Era lá que os romanos faziam seus jogos, a caça aos touros e os duelos. Agora temos o Palio em homenagem à Virgem Maria. Ela é a mãe que nos dá água, para podermos crescer de novo, como os vinhedos, saindo da escuridão.

Por um momento, apenas ficamos olhando um para o outro e tive a estranha sensação de que, se quisesse, Maestro Lippi poderia ter me contado muitos segredos a meu respeito, a respeito de meu destino e do futuro de todas as coisas, segredos que eu levaria muitas vidas para descobrir sozinha. No entanto, mal essa ideia havia nascido, bateu asas e voou, espantada pelo sorriso arrebatador do *maestro*, que subitamente tirou a taça de vinho da minha mão e a colocou na mesa:

– Venha! Tenho uma coisa para lhe mostrar. Eu lhe disse, lembra?

Saiu andando à minha frente e entrou em outro aposento que era, se é que isso é possível, ainda mais abarrotado de obras de arte que o ateliê em si. Era um cômodo interno, sem janelas, e mais parecia um depósito que qualquer outra coisa.

– Só um minuto – disse Maestro Lippi, passando diretamente pela bagunça para tirar com cuidado um pedaço de tecido que cobria um quadrinho pendurado na parede oposta. – Veja!

Cheguei mais perto para enxergar melhor, porém, quando me aproximei demais, o *maestro* me deteve:

– Cuidado, ela é muito antiga. Não respire em cima dela.

Era o retrato de uma jovem, uma linda jovem de grandes olhos azuis que fitavam com ar sonhador alguma coisa atrás de mim. Ela parecia triste, mas ao mesmo tempo esperançosa, e segurava numa das mãos uma rosa de cinco pétalas.

– Acho que ela se parece com você – disse Maestro Lippi, olhando da imagem para mim e de novo para ela –, ou talvez você se pareça com ela. Não pelos olhos ou os cabelos, mas... por alguma outra coisa. Não sei. O que você acha?

– Acho que é um elogio que não mereço. Quem pintou isso?

– A-há! – O *maestro* se inclinou para mim com um sorriso furtivo. – Eu o achei quando assumi a oficina. Estava escondido dentro da parede, numa caixa de metal. Também havia um livro. Um diário. Acho...

Antes mesmo de Maestro Lippi terminar, todos os pelos de meus braços haviam se arrepiado e eu sabia exatamente o que ele ia dizer:

– Não, na verdade, tenho certeza de que foi Ambrogio Lorenzetti quem escondeu a caixa. Era o diário dele. E acho que ele também pintou esse quadro. O nome dela é igual ao seu, *Giulietta Tolomei*. Ele o escreveu na parte de trás.

Contemplei o quadro, mal conseguindo acreditar que aquele era realmente o retrato sobre o qual eu estivera lendo. Era absolutamente tão fascinante quanto eu o havia imaginado.

– O senhor ainda tem o diário?

– Não. Eu o vendi. Falei dele com um amigo, que falou com outro amigo e, de repente, apareceu um homem aqui querendo comprá-lo. Um professor. O nome dele era Professor... Professor Tolomei. – Ele olhou para mim com as sobranceiras arqueadas. – Você também é uma Tolomei. Será que o conhece? Ele é muito velho.

Sentei-me na cadeira mais próxima.

– Ele era meu pai. Traduziu o diário para o inglês. Eu o estou lendo agora. É todo sobre ela – fiz sinal com a cabeça para a pintura –, Giulietta Tolomei. Parece que ela é minha ancestral. Maestro Ambrogio descreveu os olhos dessa jovem em seu diário... e ali estão eles!

– Eu sabia! – Maestro Lippi se virou de frente para a pintura com uma empolgação infantil. – Ela é sua ancestral! – Riu e tornou a se virar, agarrando-me pelos ombros: – Fico muito feliz por você ter vindo me visitar.

– Só não entendo – comentei – por que Maestro Ambrogio achou que tinha de esconder essas coisas numa parede. Ou talvez não tenha sido ele, mas outra pessoa...

– Não pense tanto! – advertiu Maestro Lippi. – Isso vai criar rugas no seu rosto. – Fez uma pausa, tomado de inesperada inspiração. – Na próxima vez que você vier, vou pintá-la. Quando vai voltar? Amanhã?

– *Maestro* – eu sabia que tinha de capturar sua consciência enquanto ela ainda orbitava a realidade –, eu gostaria de saber se poderia ficar aqui um pouco mais. Esta noite.

Ele me lançou um olhar curioso, como se eu, e não ele, demonstrasse sinais de insanidade.

Senti-me obrigada a explicar:

– Há uma pessoa lá fora... não sei o que está acontecendo. Há um sujeito... – Balancei a cabeça. –

Sei que isso parece loucura, mas estou sendo seguida e não sei por quê.

- Ah! - exclamou Maestro Lippi. Com muito cuidado, estendeu o tecido sobre o retrato de Giulietta Tolomei e me acompanhou de volta à oficina. Ali, me fez sentar numa cadeira, repôs a taça de vinho em minha mão e sentou-se de frente para mim, como uma criança esperando uma história. - Acho que você sabe. Diga-me por que ele está atrás de você.

Na meia hora seguinte, contei-lhe tudo. Não era o que eu pretendia, a princípio, mas, depois que comecei a falar, não consegui mais parar. Havia alguma coisa no *maestro* e em seu jeito de me olhar - os olhos fulgurantes de empolgação, balançando a cabeça de vez em quando - que me dava a sensação de que ele seria capaz de me ajudar a descobrir a verdade oculta por trás daquilo tudo. Se é que existia alguma.

Assim, falei sobre meus pais e os acidentes que os haviam matado e insinuei que talvez houvesse em ambos o dedo de um homem chamado Luciano Salimbeni. Depois disso, descrevi a caixa de minha mãe e o diário de Maestro Ambrogio, bem como a alusão de meu primo Peppo a um tesouro desconhecido, chamado Olhos de Julieta.

- O senhor já ouviu falar disso? - perguntei ao ver Maestro Lippi franzir o cenho.

Em vez de responder, ele se levantou e ficou parado um instante, espichando o pescoço, como se ouvisse um chamado distante. Quando começou a andar, percebi que tinha de segui-lo e por isso o acompanhei na passagem por outro aposento e na subida de um lance de escada, até entrarmos numa biblioteca longa e estreita, com estantes desconjuntadas que iam do piso ao teto. Lá chegando, só pude observar enquanto o *maestro* andava de um lado para outro, inúmeras vezes, tentando localizar - presumi - um livro específico que não queria ser encontrado. Quando enfim consegui achá-lo, ele o arrancou da prateleira e o levantou com ar triunfal:

- Eu sabia que o tinha visto em algum lugar!

O livro era uma antiga enciclopédia de monstros e tesouros lendários - coisas que aparentemente andam sempre juntas e não podem ser separadas - e, quando o *maestro* começou a folheá-lo, vi diversas ilustrações que mais tinham a ver com contos de fadas do que com minha vida até aquele momento.

- Pronto! - exclamou ele, apontando ansiosamente para um verbete. - O que me diz disso?

Sem conseguir esperar até descermos novamente, ele acendeu uma luminária de pé muito bamba e leu o texto em voz alta, numa mistura animada de italiano e inglês.

A essência da história era que os Olhos de Julieta eram um par de safiras provenientes da Etiópia e anormalmente grandes, cujo nome original era As Gêmeas Etíopes e que, ao que se supõe, haviam sido compradas por Messer Salimbeni, de Siena, no ano de 1340, como presente de noivado para sua futura esposa, Giulietta Tolomei. Mais tarde, depois da trágica morte de Giulietta, as safiras foram incrustadas como olhos numa estátua de ouro, junto à sepultura dela.

- Escute só isso! - exclamou Maestro Lippi, deslizado o dedo ávido pela página. - Shakespeare também sabia da estátua! - E começou a traduzir os versos do final de *Romeu e Julieta*, citados na enciclopédia em italiano:

*Farei por ela estátua de ouro puro.
Enquanto esta cidade for Verona
Não haverá imagem com o valor*

Quando finalmente parou de ler, Maestro Lippi me mostrou a ilustração da página e a reconheci de imediato. Era a estátua de um homem e de uma mulher, ele ajoelhado, a segurando nos braços. Exceto por alguns detalhes, era exatamente a mesma escultura que minha mãe tentara capturar pelo menos 20 vezes no caderno de notas que eu havia encontrado em sua caixa.

– Caramba! – exclamei, chegando mais perto da ilustração. – Aí diz alguma coisa sobre a localização da sepultura?

– Sepultura de quem?

– De Julieta, ou talvez eu deva dizer de Giulietta – respondi, apontando para o texto que ele acabara de ler para mim. – O livro fala que uma estátua de ouro foi erguida junto à sepultura dela... mas não diz exatamente *onde* ficava a sepultura.

Maestro Lippi fechou o livro e o jogou de volta na estante, numa prateleira qualquer.

– Por que você quer encontrar a sepultura dela? – perguntou, num tom subitamente beligerante. – Para lhe arrancar os olhos? Se ela ficar sem olhos, como poderá reconhecer Romeo, quando ele chegar para despertá-la?

– Eu não tiraria os olhos dela! – protestei. – Só quero... vê-los.

– Bem – disse o *maestro*, apagando a luminária que oscilava –, nesse caso, acho que você terá de falar com Romeo. Não sei quem mais poderia encontrá-la. Mas tome cuidado. Há muitos fantasmas aqui e nem todos são tão amistosos quanto eu. – Ele se inclinou mais para mim no escuro, extraíndo uma espécie de prazer bobo de me assustar, e disse, em tom sibilante: – Uma peste! “Danem-se as suas casas”!

– Essa foi ótima. Obrigada.

Ele soltou uma sonora gargalhada e deu tapas nos joelhos:

– Ora, vamos, não seja tão bobinha! Só estou brincando com você!

De volta ao térreo e muitas taças de vinho depois, consegui finalmente reconduzir a conversa para os Olhos de Julieta:

– O que exatamente o senhor quis dizer ao afirmar que *Romeo* sabe onde fica a sepultura?

– Ele sabe? – Maestro Lippi agora tinha um ar perplexo. – Não tenho certeza. Mas acho que você deveria perguntar a ele. Ele sabe mais do que eu sobre tudo isso. É jovem. Eu ando esquecendo as coisas.

Tentei sorrir:

– O senhor fala como se ele ainda estivesse vivo.

O *maestro* deu de ombros:

– Ele entra e sai. Sempre tarde da noite... Vem para cá e fica sentado, olhando para ela. – Balançou a cabeça em direção ao depósito onde se achava o retrato de Giulietta e disse: – Acho que ainda é apaixonado por ela. É por isso que deixo a porta aberta.

– Falando sério – retruquei, segurando a mão dele –, Romeo não existe. Não existe mais. Certo?

O *maestro* me fuzilou com os olhos, quase ofendido.

– *Você* existe! Por que *ele* não existiria? – Franziu o cenho. – O que foi? Você acha que ele também é um fantasma? Hum... É claro, nunca se sabe, mas acho que não. Acho que ele é real. – Fez uma breve pausa, pensando os prós e contras, depois declarou, em tom firme: – Ele bebe vinho. Os

fantasmas não bebem vinho. Isso requer prática e eles não gostam de se exercitar. São uma companhia muito maçante. Prefiro gente, como você. Vocês são divertidos. Tome, beba um pouco mais – disse, enchendo minha taça mais uma vez.

– Então – indaguei, obedientemente tomando outro gole –, se eu quisesse perguntar algumas coisas a esse Romeo... o que deveria fazer? Onde posso encontrá-lo?

– Bem – disse o *maestro*, ponderando –, receio que você tenha de esperar que ele a encontre.

Ao ver meu desapontamento, debruçou-se sobre a mesa para examinar meus olhos muito atentamente.

– Mas, por outro lado – acrescentou –, acho que talvez ele já a tenha encontrado. É, acho que sim. Posso ver isso em seus olhos.

*Com as asas do amor saltei o muro,
Pois não há pedra que impeça o amor*

S

Romeo passou a lâmina na pedra de amolar com movimentos longos e cuidadosos. Fazia algum tempo desde a última vez que tivera oportunidade de usar a espada e havia pontos de ferrugem na lâmina, que precisava ser raspada e polida com óleo. Normalmente, ele preferia usar a adaga em tarefas como essa, mas ela se perdera nas costas de um salteador de estrada e, num momento de distração atípica, o jovem se esquecera de recuperá-la depois do uso. Além disso, Salimbeni estava longe de ser alguém que se pudesse esfaquear pelas costas, como um criminoso qualquer. Não, teria que haver um duelo.

Era novidade para Romeo questionar seu envolvimento com uma mulher. Mas, afinal, nenhuma antes lhe pedira para cometer um assassinato. Isso o fez se lembrar da conversa com Maestro Ambrogio naquela noite fatídica, duas semanas antes, quando ele dissera ao pintor que tinha um excelente faro para mulheres que não lhe pediam nada além do que ele se dispunha a dar e que, ao contrário de seus amigos, não era de sair ganindo e se esgueirando feito um cão ao primeiro pedido de uma mulher. Será que isso ainda era verdade? Estaria realmente preparado para abordar Salimbeni, de espada em punho, e muito possivelmente deparar com a morte, sem jamais obter sua recompensa ou sequer tornar a admirar os olhos celestiais de Giulietta?

Com um suspiro profundo, virou a espada e começou a trabalhar do outro lado. Seus primos certamente estariam se perguntando onde ele estava e por que não tinha saído para jogar. E seu pai, o comandante Marescotti, fora procurá-lo mais de uma vez, não com perguntas, mas com convites para a prática de tiro. A essa altura, outra noite insone viera e se fora e mais uma vez a simpática lua fora expulsa por um sol implacável. E Romeo, ainda sentado à mesa, perguntou-se de novo se este seria o dia.

Nesse momento, ouviu um barulho na escada do lado de fora do quarto, seguido por uma batida nervosa na porta.

– Não, obrigado! – resmungou, como já havia feito muitas vezes. – Não estou com fome!

– Messer Romeo? Visita para o senhor!

O rapaz enfim se levantou, os músculos doloridos das muitas horas sem movimento nem sono.

- Quem é?

Houve um breve murmúrio do outro lado da porta.

- Frei Lorenzo e Frei Bernardo. Dizem ter notícias importantes e solicitam uma audiência particular.

A menção de Frei Lorenzo - o companheiro de viagem de Giulietta, se ele não estava enganado - o instigou a destrancar a porta. No corredor do lado de fora encontravam-se um criado e dois monges encapuzados e, atrás deles, no pátio lá embaixo, vários outros criados espichavam o pescoço para ver quem teria finalmente convencido seu jovem amo a abrir a porta.

- Entraí! - disse, introduzindo os dois frades pela porta. - E, Stefano - instruiu, com um olhar implacável para o criado -, não fales disto com meu pai.

Os dois frades entraram no quarto com certa reserva. Os raios de sol da manhã penetravam pela porta aberta da sacada e caíam sobre a cama intacta de Romeo, enquanto um prato de peixe frito permanecia intocado na mesa, ao lado da espada.

- Pedimos perdão - disse Frei Lorenzo, com uma olhadela para a porta, para se certificar de que estava fechada - por incomodar-vos a esta hora. Mas não podíamos esperar...

Antes que pudesse prosseguir, seu companheiro deu um passo à frente, abaixou o capuz do hábito e revelou um penteado esmeradíssimo. Não era um frade que tinha acompanhado Frei Lorenzo ao Palazzo Maressotti nessa manhã, e sim a própria Giulietta, mais encantadora do que nunca, apesar do disfarce, e com as faces luzidias de agitação.

- Por favor, dize-me que ainda não... praticaste o ato - disse ela.

Apesar de entusiasmado e admirado por vê-la, Romeo desviou os olhos, constrangido.

- Ainda não.

- Oh, louvado seja Deus! - exclamou a jovem, cruzando as mãos com alívio. - Vim pedir desculpas e te implorar que esqueças que um dia pedi para fazeres algo tão horrendo.

Romeo sobressaltou-se, sentindo uma pontada de esperança:

- Não queres mais que ele morra?

Giulietta franziu a testa:

- Quero vê-lo morto, sim, do fundo do meu coração. Mas não à tua custa. Cometi um grande erro e fui muito egoísta ao tornar-te refém da minha tristeza. Podes me perdoar? - Olhou fundo nos olhos de Romeo e, como ele não respondesse de imediato, um leve tremor surgiu em seus lábios. - Perdoa-me, eu te suplico.

Nesse momento, pela primeira vez em dias, Romeo sorriu.

- Não.

- Não? - Os olhos azuis de Giulietta escureceram, ameaçando uma tempestade, e ela deu um passo atrás. - Isso é extremamente cruel!

- Não - prosseguiu Romeo, a provocando -, não te perdoarei, porque me prometeste uma grande recompensa e agora estás quebrando tua palavra.

Giulietta conteve uma exclamação.

- Não é isso! Estou salvando tua vida!

- Ah, e ainda por cima me insultas! - disse Romeo, levando um punho ao peito. - Sugeres que eu não sobreviveria a esse duelo... Mulher! Estás brincando com minha honra como um gato brinca com um rato! Se a ofendes de novo, vais vê-la coxeando em busca de um esconderijo!

– Ora essa! – exclamou Giulietta, os olhos espremidos de desconfiança. – És tu que estás zombando *de mim!* Eu não te disse que morrerias nas mãos de Salimbeni e sabes muito bem disso, mas acho que jamais te deixariam sair impune desse assassinato. E isso... – ela desviou os olhos, ainda aborrecida – seria uma pena, imagino.

Romeo observou seu perfil altivo com grande interesse. Ao ver que ela estava decidida a ser teimosa, virou-se para Frei Lorenzo:

– Posso pedir-te que nos deixes a sós por um momento?

Ficou claro que Frei Lorenzo não aprovava aquele pedido, mas, como Giulietta não protestou, não teve propriamente condição de recusar. Assim, balançou a cabeça e se retirou para a sacada, virando obedientemente as costas.

– E por que – perguntou Romeo, numa voz tão baixa que só Giulietta pôde discernir suas palavras – seria tamanha pena se eu morresse?

Ela respirou fundo, zangada.

– Salvaste minha vida.

– E, em troca, só pedi para ser teu escudeiro.

– De que serviria um cavaleiro decapitado?

Romeo sorriu e deu um passo à frente:

– Eu te asseguro que, desde que estejas perto de mim, não há motivo para tais temores.

– E conto com a tua palavra? – indagou Giulietta, fitando-o diretamente nos olhos. – Prometes não tentar duelar com Salimbeni?

– Está me parecendo – observou Romeu, muito satisfeito com esse diálogo – que agora me pedes um segundo favor... que é muito mais difícil que o primeiro. Mas serei generoso e te direi que meu preço continua o mesmo.

A jovem ficou boquiaberta:

– Teu preço?

– Ou minha recompensa, ou seja lá como preferas chamá-lo. Ele permanece inalterado.

– Ora, que patife! – retrucou Giulietta, fazendo força para esconder um sorriso. – Venho aqui livrar-te de um juramento mortal e estás decidido a roubar minha virtude?

Romeo sorriu:

– Um beijo por certo não comprometeria tua virtude.

Giulietta endireitou os ombros, resistindo aos encantos do rapaz:

– Depende de quem me beije. Tenho a grande suspeita de que um beijo teu anularia num instante 16 anos de economias.

– De que servem as economias se não as gastas nunca?

No exato momento em que Romeo estava certo de tê-la fisgado, uma tosse alta vinda da sacada fez Giulietta se afastar com um salto.

– Tem paciência, Lorenzo! – exclamou ela, em tom severo. – Logo partiremos.

– Tua tia decerto começará a se perguntar que confissão é essa que demora tanto – disse o frade.

– Só um minuto! – Ela virou-se outra vez para Romeo, com os olhos cheios de decepção. – Tenho que ir.

– Confessa-te a mim – sussurrou Romeu, segurando suas mãos – e te darei uma bênção que jamais se esgotará.

– A borda de tua taça está coberta de mel – respondeu Giulietta, deixando-o tornar a puxá-la para si. – Pergunto-me que terrível veneno ela conterà.

– Se for veneno, há de nos matar a ambos.

– Ora... deves realmente gostar de mim, se preferes morrer comigo a ficar vivo com outra mulher.

– Creio que prefiro. – Ele a envolveu nos braços. – Beija-me, senão com certeza morrerei.

– Morrer mais uma vez? Para um homem duas vezes condenado, estás muito vivo!

Houve outro ruído na sacada, mas dessa vez Giulietta permaneceu onde estava.

– Paciência, Lorenzo! Eu te suplico!

– Talvez meu veneno – disse Romeo, virando a cabeça dela para si e não a soltando – tenha perdido o poder.

– Eu realmente preciso...

Como uma ave que desce sobre a presa e arrebatava para os céus o infausto habitante terrestre, Romeo furtou os lábios de Giulietta, antes que eles tornassem a lhe escapar. Suspensa entre querubins e demônios, sua presa parou de se debater e ele abriu bem as asas e deixou o vento ascendente carregá-los pelo céu, até que o próprio predador tivesse perdido qualquer esperança de voltar para casa.

Naquele único abraço, Romeo se deu conta de um sentimento de certeza que jamais julgara possível para ninguém, nem mesmo para os virtuosos. Quaisquer que tivessem sido suas intenções anteriores, ao saber que a jovem do caixão estava viva – intenções que até aquele momento tinham sido obscuras até para ele mesmo –, nessa hora soube que as palavras que dissera ao Maestro Ambrogio tinham sido proféticas: com Giulietta em seus braços, todas as outras mulheres – passadas, presentes e futuras – simplesmente deixavam de existir.

NAQUELA MANHÃ, ao retornar ao Palazzo Tolomei, Giulietta foi recebida por uma saraivada constrangedora de perguntas e acusações, temperada por comentários sobre seus modos interioranos:

– Talvez isso seja comum entre camponeses – disse Monna Antonia, sua tia, em tom desdenhoso, puxando-a pelo braço –, mas, aqui na cidade, as mulheres solteiras de boa família não saem para a confissão e retornam horas depois, com os olhos brilhando e... – a tia a fuzilou com o olhar, para detectar outros sinais de malícia – ... os cabelos em desalinho! De agora em diante não haverá mais saídas desse tipo e, se realmente precisares conversar com teu precioso Frei Lorenzo, trata de fazê-lo sob este teto. Circular lá fora, à mercê das intrigas e dos violadores da cidade, não te será mais permitido! – conduziu, puxando a sobrinha escada acima e jogando-a de volta em seu quarto.

– Ah, Lorenzo! – exclamou Giulietta, quando o monge finalmente foi visitá-la em seu cárcere dourado. – Não me deixam sair! Acho que estou enlouquecendo! Oh! – disse, andando de um lado para outro do quarto, puxando os cabelos. – O que ele deve estar pensando de mim? Eu disse que nos encontraríamos... eu prometi!

– Silêncio, minha cara – disse Frei Lorenzo, tentando fazê-la se sentar numa cadeira. – Procura acalmar-te. O cavalheiro de quem falas está ciente de tua aflição, a qual, para dizer o mínimo, só fez aprofundar-lhe o afeto. Ele me pediu para te dizer...

– Falaste com ele? – perguntou Giulietta, segurando o monge pelos ombros. – Ah, bendito, bendito

Lorenzo! O que ele disse? Conta-me, depressa!

– Ele disse – o frade enfiou a mão sob o hábito e retirou um rolo de pergaminho lacrado com cera azul – para que eu te entregasse esta carta. Pronto, toma. É para ti.

Giulietta pegou a carta com reverência e a segurou por um instante, antes de romper o lacre com o selo da águaia. De olhos arregalados, desenrolou o pergaminho e contemplou o denso padrão de tinta marrom.

– É linda! Nunca vi nada mais elegante em minha vida – comentou. Deu as costas a Frei Lorenzo e passou um instante imóvel, entretida com seu tesouro. – Ele é um poeta! Como é lindo o que escreve! Tanta arte, tanta... perfeição! Ele deve ter trabalhado a noite toda.

– Creio que trabalhou várias noites – disse Frei Lorenzo, com um toque de ceticismo na voz. – Essa carta, eu te asseguro, é obra de muito pergaminho e muitas penas.

– Mas não estou compreendendo esta parte. – Giulietta deu meia-volta para mostrar ao frade um trecho da carta. – Por que ele diz que o lugar de meus olhos não é em meu rosto, mas no céu noturno? Suponho que isso possa ser interpretado como um elogio, mas decerto bastaria dizer que meus olhos têm um matiz celestial. Não consigo acompanhar esse raciocínio.

– Não é raciocínio – assinalou Frei Lorenzo, pegando a carta. – É poesia e, portanto, é irracional. Seu objetivo não é convencer, mas agradar. Presumo que tenha agradado a ti, não é?

– Mas é claro! – exclamou ela, com a voz arfante.

– Nesse caso – retrucou o monge, com ar afetado –, a carta cumpriu seu propósito. E agora proponho que esqueçamos tudo isso.

– Espera! – interveio Giulietta, tirando-lhe o rolo das mãos antes que ele pudesse danificá-lo. – Preciso escrever uma resposta.

– Isso é um tanto complicado, pois não tens pena, tinta nem pergaminho – assinalou o monge. – Não concordas?

– Sim – admitiu Giulietta, nem um pouco desanimada –, mas tudo isso tu podes me arranjar. Em segredo. Era o que eu ia te pedir de qualquer modo, para poder enfim escrever a minha pobre irmã... – Ela lançou um olhar ansioso a Frei Lorenzo, na expectativa de que ele estivesse a postos, ansioso por cumprir sua ordem. Quando, em vez disso, viu-o com o cenho carregado numa expressão de discordância, levantou as duas mãos. – Qual é o problema, agora?

– Não apoio essa iniciativa – resmungou o frade, balançando a cabeça. – Uma jovem solteira não deve responder a uma carta clandestina. Especialmente...

– Mas uma jovem casada pode?

– ... *especialmente* considerando o remetente. Como teu velho amigo de confiança, devo alertar-te contra homens como Romeo Marescotti e... espera! – Frei Lorenzo ergueu a mão para impedir que Giulietta o interrompesse. – Sim, concordo. Ele tem certo encanto em suas maneiras, mas tenho certeza de que é medonho aos olhos de Deus.

Giulietta deu um suspiro:

– Ele não é medonho. Estás apenas com inveja.

– Inveja? – rosnou o monge. – Não dou o menor valor à aparência, pois ela é mera carne e só vive do ventre ao túmulo. O que quis dizer foi que a *alma* dele é medonha.

– Como podes falar assim do homem que salvou nossas vidas? – retrucou Giulietta. – Um homem que nunca tinhas visto até aquele momento. Um homem sobre quem nada sabes.

Frei Lorenzo levantou um dedo de advertência:

– Sei o bastante para profetizar a perdição dele. Há plantas e criaturas neste mundo que não têm outra finalidade senão infligir dor e sofrimento a tudo com que entram em contato. Olha bem para ti! Já estás sofrendo por causa dessa ligação.

– Mas com certeza – Giulietta fez uma pausa para firmar a voz –, com certeza as boas ações dele para conosco apagaram qualquer pecado do que ele possuísse anteriormente, não? – Ao ver que o frade continuava hostil, acrescentou, com muita calma: – Certamente, os céus não teriam escolhido Romeo como o instrumento da nossa salvação se o próprio Deus não desejasse a redenção dele.

– Deus é um ser divino e, como tal, não tem desejos.

– Não, mas eu tenho. Desejo ser feliz. – Giulietta apertou a carta contra o peito. – Sei o que estás pensando. Queres apenas proteger-me, como um velho amigo de confiança. E achas que Romeo me fará sofrer. Tu acreditas que o grande amor traz em si as sementes de grandes sofrimentos. Bem, talvez tenhas razão. Talvez as pessoas sensatas evitem uma coisa para ficar a salvo da outra, mas eu preferiria ter meus olhos queimados em suas órbitas a nascer sem eles.

MUITAS SEMANAS E muitas cartas se passariam antes que Giulietta e Romeo voltassem a se encontrar. Nesse meio-tempo, o tom de sua correspondência elevou-se num crescendo febril, que culminou – a despeito dos enormes esforços de Frei Lorenzo para acalmar os sentimentos – numa declaração recíproca de amor eterno.

A única outra pessoa que conhecia as emoções de Giulietta era sua irmã gêmea, Giannoza – a única dentre todos os irmãos que restava a Giulietta, depois do ataque dos Salimbeni a sua casa. Giannoza tinha se casado no ano anterior e se mudara para a propriedade do marido, no sul, mas as duas sempre tinham sido muito unidas e mantinham contato frequente por meio de cartas. Ler e escrever eram aptidões inusitadas para as mulheres jovens, mas o pai delas não fora um homem comum, detestava a escrituração contábil e ficava feliz em deixar essas tarefas por conta da esposa e das filhas, visto que elas pouco mais tinham a fazer.

Por mais que escrevessem uma a outra constantemente, o recebimento das cartas de Giannoza era, na melhor das hipóteses, infrequente e Giulietta desconfiava que suas próprias cartas para a irmã também demoravam a ser entregues – se é que chegavam ao destino. Na verdade, desde que chegara a Siena, não havia recebido uma única missiva de Giannoza, apesar de ter lhe enviado diversos relatos sobre o terrível ataque sofrido em casa e sobre seu infausto refúgio – e, nos últimos tempos, aprisionamento – na casa do tio, o Palazzo Tolomei.

Embora confiasse em que Frei Lorenzo levaria as cartas para fora da casa, em segredo e em segurança, Giulietta sabia que o monge não exercia nenhum controle sobre o destino delas nas mãos de estranhos. Ela não tinha dinheiro para custear uma remessa adequada e por isso dependia da bondade e do empenho de viajantes que fossem passar perto de onde sua irmã morava. E, agora que se encontrava em prisão domiciliar, sempre havia o perigo de que alguém detivesse Frei Lorenzo na saída ou na entrada e exigisse que ele esvaziasse os bolsos.

Ciente do perigo, a jovem começou a esconder suas cartas a Giannoza sob uma tábua do piso, em vez de mandá-las de imediato. Já bastava pedir a Frei Lorenzo que entregasse suas cartas de amor a Romeo. Para ele, seria terrível carregar muitos outros relatos das atividades despudoradas que ela

andava praticando. Assim, todas as cartas acabaram embaixo do piso – as histórias fantasiosas de seus encontros amorosos com Romeu –, à espera do dia em que Giulietta pudesse pagar a um mensageiro para entregá-las todas de uma só vez. Ou do dia em que as lançaria no fogo.

Quanto às cartas endereçadas a Romeu, recebia respostas ardentes a cada uma delas. Se a jovem falava em centenas, ele respondia em milhares e, quando ela falava em gostar, ele falava em amar. Giulietta era ousada e o chamava de fogo, mas Romeu era ainda mais intrépido e a chamava de sol; ela se atrevia a pensar nos dois juntos num salão de baile, porém ele não conseguia pensar em outra coisa senão em estar com ela a sós...

Uma vez declarado, esse amor ardente só podia seguir dois caminhos: um levaria à realização; o outro, ao desapontamento. A estagnação era impossível. E assim, numa manhã de domingo, quando Giulietta e as primas tiveram permissão para se confessarem na igreja de San Cristoforo antes da missa, ela entrou no confessionário e descobriu que não havia padre do outro lado da divisória.

– Perdoa-me, padre, porque pequei – começou respeitosamente, esperando que o padre a encorajasse a prosseguir.

Em vez disso, uma voz estranha sussurrou:

– Como pode o amor ser pecado? Se Deus não quisesse que amássemos, por que haveria de criar uma beleza como a tua?

Giulietta engasgou de surpresa e medo.

– Romeu? – Ajoelhou-se, na tentativa de confirmar sua suspeita olhando pela filigrana do confessionário e, de fato, do outro lado da grade, viu o contorno de um sorriso que era tudo, menos sacerdotal. – Como te atreves a vir aqui? Minha tia está a apenas três metros de distância!

– Há mais perigo em tua doce voz que em 20 dessas tias – queixou-se Romeu. – Eu te imploro, fala outra vez e torna completa minha ruína.

Ele pressionou a mão contra a grade, querendo que Giulietta fizesse o mesmo. Ela o fez e, embora as mãos dos dois não se tocassem, pôde sentir o calor do amado contra sua palma.

– Como eu gostaria que fôssemos reles camponeses – sussurrou ela –, livres para nos encontrarmos quando bem entendêsemos!

– E o que fariamos nós, reles camponeses, ao nos encontrarmos?

Giulietta deu graças por ele não poder vê-la enrubescer.

– Não haveria grades entre nós.

– Isso, eu presumo, seria uma ligeira melhora – disse Romeu.

– Tu, sem dúvida, falarias em versos rimados – prosseguiu Giulietta, introduzindo a ponta de um dedo numa abertura da filigrana –, como fazem os homens quando seduzem donzelas relutantes. Quanto mais relutante a donzela, mais refinada a poesia.

Romeu engoliu o riso da melhor maneira que pôde:

– Em primeiro lugar, nunca ouvi um reles camponês dizer nada em versos. Em segundo, pergunto-me exatamente quão refinada teria que ser minha poesia. Não tanto assim, creio, considerando-se a donzela.

Giulietta soltou uma exclamação abafada:

– Mas que patife! Terei que te provar teu erro sendo muito recatada e rejeitando teus beijos.

– Isso é fácil de dizer com uma parede entre nós – zombou ele.

Calaram-se por um momento, tentando sentir um ao outro pelas tábuas de madeira.

– Ah, Romeu – suspirou Giulietta, subitamente triste –, é assim que tem de ser o nosso amor: um segredo num aposento escuro, enquanto o mundo segue agitado lá fora?

– Não por muito tempo, se eu puder evitá-lo. – Romeu fechou os olhos, fingindo que a parede era a testa de Giulietta encostada na sua. – Hoje quis ver-te para te dizer que pedirei a meu pai que consinta em nosso casamento e procure teu tio o mais depressa possível, para lhe apresentar minha proposta.

– Quereres... casar comigo? – perguntou ela, sem ter certeza de haver compreendido bem. Romeu não formulara a ideia como uma pergunta, mas como um fato. Talvez esse fosse o estilo de Siena.

– Nada mais servirá – gemeu ele. – Preciso ter-te por inteiro, à minha mesa e em minha cama, caso contrário, definharei como um prisioneiro faminto. Pronto, está dito. Perdoa-me pela falta de poesia.

Quando, por um momento, não houve nada além de silêncio do outro lado da divisória, Romeu começou a temer que a tivesse ofendido. Já ia maldizendo sua franqueza quando Giulietta voltou a falar, espantando aqueles pequenos temores oscilantes com o cheiro de uma fera maior:

– Se é uma esposa que buscas, é Tolomei que precisas cortejar.

– Por mais que eu respeite teu tio – observou Romeu –, tinha esperança de levar a ti e não a ele para meu quarto.

Ela finalmente deu um risinho, mas não foi um prazer duradouro:

– Ele é um homem de grande ambição. Certifica-te de que teu pai leve uma longa lista de ancestrais ao procurá-lo.

Romeu arfou diante de tal insulto.

– Minha família já usava plumas nos elmos e servia aos césores quando teu tio Tolomei vestia peles de ursos e servia pirão de cevada aos porcos! – Ao perceber que estava sendo infantil, continuou em tom mais calmo: – Tolomei não rejeitará meu pai. Entre nossas famílias sempre houve paz.

– Antes houvesse um fluxo contínuo de sangue! – suspirou Giulietta. – Não percebes? Se nossas casas já estão em paz, que benefício trará nossa união?

Ele se recusou a compreendê-la:

– Todo pai quer o bem de seus filhos.

– E por isso nos dá remédios amargos e nos faz chorar.

– Tenho 18 anos. Meu pai me trata como a um igual.

– Como um velho, portanto. E por que não te casaste? Ou já terás enterrado tua noiva da infância?

– Meu pai não é a favor de que jovens que ainda não desmamaram se tornem mães.

O tímido sorriso de Giulietta, mal visível pela filigrana, foi gratificante, depois de tanto tormento.

– Mas será a favor de donzelas idosas?

– Não podes ter nem 16 anos.

– Acabei de completá-los. Mas quem conta as pétalas de uma rosa que está murchando?

– Quando estivermos casados – sussurrou Romeu, beijando-lhe as pontas dos dedos da melhor maneira que pôde –, eu a regarei, a deitarei em minha cama e contarei todas as pétalas.

Giulietta tentou franzir a testa.

– E os espinhos? Pode ser que eu te espete e estrague teu êxtase.

– Confia em mim, o prazer superará de longe a dor.

E assim prosseguiram, se inquietando e se provocando, até que alguém bateu com impaciência na parede do confessionário.

– Giulietta! – sibilou Monna Antonia, fazendo a sobrinha dar um pulo de medo. – Não podes ter muito mais coisas a confessar. Apressa-te, porque estamos indo embora!

Quando os dois trocaram suas despedidas curtas mas poéticas, Romeo repetiu sua intenção de se casar com ela, mas Giulietta não se atreveu a acreditar. Tendo visto sua irmã Giannoza ser dada em casamento a um homem que deveria estar adquirindo um caixão em vez de uma esposa, ela sabia muito bem que isso não era algo que jovens apaixonados planejassem sozinhos. Antes de mais nada, o matrimônio era uma questão de política e de herança, que nada tinha a ver com os desejos da noiva e do noivo, e sim com as ambições dos pais. O amor – segundo Giannoza, cujas primeiras cartas depois de casada tinham feito Giulietta chorar – sempre vinha depois e com outra pessoa.

ERA RARO O comandante Marescotti ficar satisfeito com seu primogênito. Na maior parte do tempo, tinha que lembrar a si mesmo que, como acontecia com a maioria das febres, não havia outro remédio para a juventude senão o tempo. Ou o indivíduo morria, ou sua moléstia acabava por se desgastar, o que não deixava às pessoas sensatas nenhuma virtude a que se agarrarem, a não ser a paciência. Infelizmente, o comandante Marescotti não era milionário nessa moeda e o resultado era que seu coração paterno tinha se transformado num monstro de várias cabeças, que guardava um reservatório cavernoso de fúrias e temores, em constante estado de alerta, mas quase sempre malsucedido.

A situação atual não era exceção.

– Romeo – disse ele, baixando o arco, depois da mais atroz falta de pontaria da manhã –, não ouvirei mais nada! Sou um Marescotti. Durante muitos anos, Siena foi dirigida a partir desta casa. Guerras foram planejadas aqui neste pátio. A vitória em Montaperti foi anunciada desta torre! Estas paredes falam por si!

Tão imponente em seu pátio quanto ficaria diante de seu exército, o comandante Marescotti lançou um olhar furioso para o novo afresco e seu atarefado e cantarolante criador, Maestro Ambrogio, ainda incapaz de reconhecer plenamente a genialidade de um e de outro. A colorida cena de batalha dava um certo calor ao átrio monástico e a família Marescotti exibia uma bela pose e parecia convincentemente virtuosa. Mas por que o pintor tinha que demorar tanto para concluir a obra?

– Mas, papai!

– Basta! – disse o comandante Marescotti, dessa vez elevando a voz. – Não quero me associar a gente daquela laia! Será que não reconhecês que temos vivido em paz há muitos anos, enquanto todos esses novos-ricos gananciosos, os Tolomei, os Salimbeni e os Malavolti, se matam pelas ruas? Queres que o sangue maléfico dessa gentilha se espalhe por nossa casa? Queres ver teus irmãos e teus primos assassinados no berço?

Do outro lado do pátio, Maestro Ambrogio não pôde deixar de olhar para o comandante, que tão raramente expressava qualquer emoção. Ainda mais alto que o filho, mas principalmente por sua postura, o pai de Romeo era um dos homens mais admiráveis que o *maestro* já havia retratado. Nem o rosto nem o corpo demonstravam o menor sinal de excessos; ali estava um homem que só

comia aquilo de que seu corpo precisava para se manter saudável e que só dormia enquanto o corpo exigia repouso. Em contraste, Romeo comia e bebia todas as vezes que tinha vontade e transformava alegremente a noite em dia, com suas escapadas, assim como o dia em noite, com horários inoportunos de sono.

Ainda assim, os dois eram parecidíssimos – fortes e inflexíveis – e, apesar de Romeo ter o hábito de desrespeitar as regras da casa, era raro ver os dois numa discussão como essa, ansiosos por marcarem suas posições.

– Mas, pai! – tornou a dizer Romeo, novamente sendo ignorado.

– E em nome de quê? De uma mulher! – O comandante teria revirado os olhos, mas precisava deles para fazer mira. Dessa vez, a flecha cravou-se bem no coração do boneco de palha. – Uma mulher, uma qualquer, quando há uma cidade inteira repleta de mulheres. Como se não soubesses disso!

– Não é uma mulher qualquer – retrucou Romeo, calmamente contradizendo o pai. – É a minha.

Houve um instante de silêncio, durante o qual outras duas flechas atingiram o alvo em rápida sucessão, fazendo o boneco de palha dançar na corda, como um homem em seu próprio enforcamento. Por fim, o comandante Marescotti respirou fundo e tornou a falar, agora com a voz mais calma, como o inabalável veículo da razão:

– Pode ser, mas tua dama é sobrinha de um idiota.

– Um idiota poderoso.

– Quando os homens não nascem idiotas, a política e a bajulação decerto os ajudam a se tornarem.

– Dizem que ele é muito generoso com os parentes.

– E ainda resta algum?

Romeo deu uma risada, sabendo muito bem que em momento algum a ideia de seu pai tinha sido diverti-lo.

– Alguns, sem dúvida, agora que a paz vem sendo mantida há dois anos.

– Paz, é esse o nome que lhe dás? – O comandante Marescotti já vira aquilo tudo antes e as promessas vãs o cansavam ainda mais do que as mentiras flagrantes. – Quando gente da classe dos Salimbeni recomeça a atacar castelos dos Tolomei e a assaltar clérigos na estrada, escreve o que te digo, até essa paz está chegando ao fim.

– Então, por que não garantir uma aliança com Tolomei agora? – insistiu Romeo.

– E fazer de Salimbeni um inimigo? – O comandante encarava o filho com os olhos apertados. – Se tivesses absorvido tantas informações na cidade quanto te serviste de vinho e de mulheres, meu filho, saberias que Salimbeni está se mobilizando. Seu objetivo é não apenas pisar na cabeça de Tolomei e dominar toda a atividade bancária fora da cidade, mas também sitiar esta própria cidade, a partir de suas fortalezas no interior, e, se não estou enganado, tomar as rédeas de nossa república.

O comandante franziu o cenho e começou a andar de um lado para outro:

– Conheço esse homem, Romeo. Olhei-o nos olhos e optei por fechar meus ouvidos e minha porta a suas ambições. Não sei quem está em pior situação, se seus amigos ou seus inimigos, e por isso os Marescotti juraram não ser uma coisa nem outra. Um dia, talvez em breve, Salimbeni fará uma investida furiosa para derrubar a lei e nossos canais se encherão de sangue. Serão trazidos soldados de fora e os homens ficarão sentados em suas torres, à espera da batida à porta, lamentando as alianças

que fizeram. Não serei um deles.

– Quem disse que todo esse sofrimento não pode ser prevenido? – exortou Romeo. – Se juntássemos forças com Tolomei, outras casas da nobreza seguiriam a bandeira da Águia e Salimbeni logo perderia terreno. Poderíamos combater juntos os salteadores e tornar as estradas seguras outra vez e, com o dinheiro dele e a vossa dignidade, seria possível realizar grandes projetos. A nova torre do Campo poderia ser concluída em meses. A nova catedral poderia ser construída em poucos anos. E a felicidade dos Marescotti estaria nas preces de todos.

– Um homem deve ficar longe das orações até morrer – disse o comandante, parando para posicionar o arco. A flecha disparada atravessou a cabeça do boneco e aterrissou num vaso de alecrim. – Aí ele poderá fazer o que quiser. Os vivos, meu filho, devem certificar-se de buscar a verdadeira glória, não a bajulação. A verdadeira glória é entre o indivíduo e Deus. A bajulação é o alimento dos que não têm alma. Em teu íntimo, podes rejubilar-te por teres salvo a vida dessa moça, mas não busques reconhecimento nem recompensas de outros homens. Vangloriar-se não é apropriado aos nobres.

– Não quero recompensas – declarou Romeo, cuja expressão máscula deu lugar ao olhar obstinado e oblíquo de um menino –, quero apenas *ela*. Pouco me interessa o que as pessoas sabem ou pensam. Se não abençoardes minha intenção de desposá-la...

O comandante Marescotti ergueu a mão enluvada para impedir o filho de proferir palavras que, uma vez ouvidas, seria impossível desdizer:

– Não me ameaces com medidas que te magoariam mais do que a mim. E não me deixes ver-te agir dessa maneira, indigna da tua idade, ou retirarei minha permissão de que participes do Palio. Até os jogos disputados por homens, aliás, especialmente os jogos disputados por homens exigem o decoro deles. O mesmo se dá com o casamento. Nunca te prometi a ninguém...

– E só por isso já tendes o meu amor!

– ... porque distingui os contornos do teu caráter desde a mais tenra idade. Se eu fosse um homem mau, com um inimigo que merecesse punição, poderia ter pensado em lhe roubar a única filha e te deixar fazer picadinho do coração dela. Mas não sou esse tipo de homem. Tenho aguardado com grande perseverança que te desfaças desse teu eu inconstante e te contentes com um interesse de cada vez.

Romeo pareceu desapontado. Mas a poção do amor ainda fazia doces cócegas em sua língua e o sorriso não pôde ser contido por muito tempo. Sua alegria escapuliu como um potro que se soltasse dos treinadores e galopou por seu rosto sobre pernas hesitantes.

– Mas, pai, eu já o fiz! – foi sua resposta arrebatada. – A constância é minha verdadeira natureza! Nunca mais olharei para outra mulher pelo resto de meus dias, ou melhor, olharei, mas para mim elas serão como cadeiras ou mesas. Não que eu pretenda sentar-me nelas ou usá-las para comer, é claro, mas no sentido de serem apenas peças de mobiliário. Ou talvez eu devesse dizer que as outras estão para ela como a Lua está para o Sol...

– Não a compares ao Sol – advertiu o comandante Marescotti, caminhando até o boneco de palha para recolher suas flechas. – Sempre preferiste a companhia da Lua.

– Porque vivia numa noite eterna! É claro que a Lua tem que ser a soberana do infeliz que nunca fitou o Sol. Mas irrompeu a aurora, pai, envolta nos dourados e vermelhos do casamento, e é a alvorada da minha alma!

– Porém o Sol se recolhe todas as noites – ponderou o comandante.

– E também eu me recolherei! – exclamou Romeo, apertando um punhado de flechas contra o peito. – E deixarei a escuridão para as corujas e os rouxinóis. Abraçarei as horas luminosas com empenho e não mais pilharei as saudáveis horas de sono.

– Não faças promessas sobre as horas noturnas – disse o comandante Marescotti, enfim pondo uma das mãos no ombro do filho. – Se tua esposa for apenas metade da criatura que descreveste, haverá muita pilhagem e pouco sono.

*Se houver encontro, a briga é inevitável,
Pois no calor o sangue ferve louco*

Eu estava de novo em meu castelo de fantasmas sussurrantes. Como sempre, o sonho me fez andar de cômodo em cômodo, procurando em toda parte as pessoas que eu sabia que estavam lá, aprisionadas como eu. A novidade foi que, dessa vez, as portas douradas se abriram à minha frente antes mesmo que eu as tocasse. Foi como se o ar estivesse cheio de mãos invisíveis, que me indicavam o caminho e me puxavam. E assim, fui andando sem parar, atravessando vastas galerias e salões de baile desertos, irrompendo em partes até então inexploradas do castelo, até finalmente chegar a uma grande porta fortificada. Poderia ser a saída?

Olhei para a pesada estrutura de ferro da porta e estendi a mão para experimentar a maçaneta. Antes que a tocasse, porém, a porta se destrancou sozinha e se escancarou, revelando um imenso e negro vazio.

Parada no limiar, espremi os olhos e tentei enxergar alguma coisa – qualquer coisa – que indicasse se de fato eu havia chegado ao mundo do lado de fora, ou apenas a mais um aposento.

Enquanto estava ali, cega e piscando os olhos, da escuridão à minha frente soprou um vento gelado, que se enroscou em mim e puxou meus braços e pernas, perturbando meu equilíbrio. Quando segurei o batente da porta em busca de apoio, a força do vento aumentou e ele começou a me puxar os cabelos e a roupa, uivando furiosamente no esforço de me derrubar. Tão grande era a sua força que a madeira começou a se soltar e o piso ruiu sob meus pés. Debatendo-me para recobrar a segurança, soltei o batente e tentei voltar correndo para o lugar de onde viera, para o interior do castelo, mas uma fileira interminável de demônios invisíveis – que entre sibilos e zombarias repetiam as citações de Shakespeare que eu conhecia tão bem – cercou-me por todos os lados, ansiosos por finalmente fugir do castelo e me arrastar com eles.

Assim, caí no chão e comecei a escorregar para trás, buscando desesperadamente algo firme em que me segurar. Quando ia tombando pela borda, alguém com uma roupa preta de motociclista correu para mim, agarrou-me pelos braços e me puxou para cima. “Romeu!”, gritei, estendendo as mãos para ele, mas, ao levantar os olhos, não havia rosto atrás da viseira do capacete, apenas o vazio.

Depois disso, fui caindo, caindo, caindo... até mergulhar na água. E de novo me vi na marina de Alexandria, na Virgínia, aos 10 anos de idade, afogando-me numa sopa de algas e lixo, enquanto Janice e suas amigas ficavam paradas no cais, tomando sorvete e chorando de rir.

Quando subi para tomar ar, tentando furiosamente alcançar uma das amarras do cais, acordei ofegante e me descobri deitada no sofá de Maestro Lippi, com um cobertor que espetava enroscado

num nó em minha pernas e Dante lambendo minha mão.

– Bom-dia – disse o *maestro*, pondo uma caneca de café à minha frente. – Dante não gosta de Shakespeare. É um cachorro muito inteligente.

MAIS TARDE NESSA manhã, quando voltei para o hotel, com um sol luminoso a indicar meu caminho, os acontecimentos da noite anterior me pareceram estranhamente irrealis, como se tudo tivesse sido uma gigantesca representação teatral encenada para o deleite de outra pessoa. Meu jantar com os Salimbeni, minha fuga pelas ruas escuras e meu refúgio bizarro na oficina de Maestro Lippi... tudo aquilo era o material de que são feitos os pesadelos e a única prova de que realmente havia acontecido parecia ser a sujeira e os arranhões nas solas de meus pés.

Mas o essencial era que *havia* acontecido e quanto mais cedo eu parasse de me embalar numa falsa sensação de segurança, melhor. Era a segunda vez que me seguiam e agora não tinha sido apenas um bandido ao acaso, usando um abrigo, mas também um homem de motocicleta, qualquer que fosse sua motivação. Ainda por cima, havia o problema crescente de Alessandro, que obviamente estava a par de toda a minha ficha criminal e não hesitaria em usá-la contra mim se eu voltasse a me aproximar de sua preciosa madrinha.

Tudo isso eram excelentes razões para eu dar o fora da cidade, mas Julie Jacobs não era de desistir – tampouco o era Giulietta Tolomei, eu podia sentir. Afinal, havia um tesouro bastante substancial em jogo, considerando-se que as histórias de Maestro Lippi fossem verdadeiras e eu viesse algum dia a encontrar o túmulo de Julieta e pôr as mãos na lendária estátua de olhos de safira.

Ou talvez a estátua não passasse de uma lenda. Talvez a descoberta de que alguns loucos acreditavam que eu era descendente de uma heroína shakespeareana devesse ser minha grande recompensa ao fim de todas as minhas agruras. Tia Rose sempre se queixara de que, embora eu fosse capaz de decorar uma peça teatral de trás para a frente, não me *importava* realmente com a literatura nem com o amor, e dizia que um dia eu veria o enorme holofote da verdade brilhar sobre os erros da minha conduta.

Numa de minhas primeiras lembranças de tia Rose, ela aparecia sentada à sua grande escrivaninha de mogno, tarde da noite, com um único abajur aceso, estudando um gigantesco pedaço de papel com uma lente de aumento. Eu ainda me lembrava da sensação da pata do ursinho de pelúcia apertada em minha mão e do medo de ser mandada de volta para a cama. A princípio ela não me viu, mas, quando o fez, sobressaltou-se, como se eu fosse um fantasma que tivesse vindo assombrá-la. Minha lembrança seguinte era de estar sentada em seu colo, contemplando aquele vasto mar de papel.

– Olhe só – dissera tia Rose, segurando a lente de aumento para mim. – Esta é nossa árvore genealógica e aqui está sua mãe.

Lembro-me da onda de entusiasmo, seguida por uma decepção amarga. Não era um retrato de minha mãe, mas uma fileira de letras que eu ainda não havia aprendido a ler.

– O que diz aí? – devo ter perguntado, pois me lembrava muito bem da resposta.

– Diz assim – a voz dela tinha uma dose incomum de teatralidade –: Querida tia Rose, por favor, cuide bem da minha menininha. Ela é muito especial. Sinto muita saudade dela.

Foi nesse momento que, horrorizada, percebi que ela estava chorando. Era a primeira vez que via

aquela cena. Até então, nunca me ocorrera que os adultos pudessem chorar.

À medida que Janice e eu íamos crescendo, tia Rose nos contava uma ou outra coisinha sobre nossa mãe, porém nunca nos dava uma visão geral. Certa vez, depois de entrarmos na faculdade e ganharmos um pouco de coragem, nós a fizemos sair de casa num dia particularmente aprazível e a pusemos sentada numa cadeira no jardim, com café e brioches a seu alcance, para lhe pedir com ar resoluto que nos contasse toda a história. Foi um raro momento de sinergia entre minha irmã e eu. Juntas, enchemos tia Rose de perguntas: fora o fato de terem morrido num acidente de automóvel, como tinham sido nossos pais? E por que não mantínhamos nenhum contato com pessoas da Itália, quando nossos passaportes diziam que havíamos nascido lá?

Tia Rose ficou muito quieta, ouvindo nossa lenga-lenga sem nem tocar nos brioches e, quando terminamos, balançou a cabeça:

– Vocês têm o direito de fazer essas perguntas e um dia obterão as respostas. Mas, por enquanto, precisam ter paciência. Foi para seu próprio bem que lhes contei muito pouco sobre sua família.

Nunca entendi por que seria ruim uma pessoa saber tudo sobre a própria família. Ou, pelo menos, alguma coisa. Mas respeitei o desconforto de tia Rose em relação a esse assunto e adiei para outro momento o conflito inevitável. Um dia eu me sentaria com ela e exigiria uma explicação. Um dia ela me contaria tudo. Mesmo quando ela fez 80 anos, continuei acreditando que ainda chegaria o dia em que ela responderia a todas as nossas perguntas. Mas agora, é claro, ela jamais poderia fazê-lo.

O *DIRETTORE* ROSSINI estava ao telefone na sala dos fundos quando entrei no hotel, por isso parei um pouco, esperando que ele retornasse. Voltei do ateliê de Maestro Lippi remoendo os comentários do pintor sobre seu visitante noturno chamado Romeo e concluí que já era hora de eu começar a investigar a família Marescotti e seus possíveis descendentes.

A primeira providência lógica, presumi, seria pedir ao *direttore* Rossini um catálogo telefônico, o que eu pretendia fazer de imediato. Contudo, depois de esperar pelo menos 10 minutos, acabei desistindo e estiquei a mão por cima do balcão para pegar a chave do meu quarto na parede.

Frustrada comigo mesma por não ter interrogado Maestro Lippi sobre os Marescotti quando tive a oportunidade, subi a escada devagar, os cortes nas solas dos pés me dando físgadas a cada passo. Não ajudava muito o fato de eu não estar acostumada a usar sapatos de salto alto, especialmente considerando-se as milhas que eu viera acumulando nos dois dias anteriores. Assim que abri a porta do quarto, porém, todas as minhas dorezinhas foram esquecidas. O lugar tinha sido revirado de alto a baixo, possivelmente até pelo avesso.

Algum invasor extremamente decidido – se não um grupo deles – havia literalmente arrancado as portas do guarda-roupa e o enchimento dos travesseiros, na tentativa de achar o que estava procurando. Havia roupas, bijuterias e objetos do banheiro espalhados por todo canto; até algumas peças sujas da minha roupa de baixo pendiam de um quadro na parede.

Na realidade, eu nunca tinha visto a explosão de uma mala-bomba, mas tive certeza de que aquela seria a aparência do local depois de um episódio desse tipo.

– Srta. Tolomei! – exclamou o *direttore* Rossini, muito ofegante, quando enfim me alcançou. – A *contessa* Salimbeni telefonou para perguntar se a senhorita estava melhor, mas... Santa Catarina!

Assim que viu a devastação em meu quarto, ele esqueceu tudo o que pretendia dizer e, por um momento, ficamos ambos imóveis, olhando fixamente para o aposento, num silêncio horrorizado.

– Bem – comentei, sabendo que agora tinha uma plateia –, pelo menos agora não terei que desfrasar as malas.

– Isso é terrível! – gritou o *direttore* Rossini, menos disposto a ver o lado bom da coisa. – Olhe só para isso! Agora vão dizer que este hotel não é seguro! Oh, cuidado, não pise no vidro!

O chão estava coberto de cacos de vidro da porta da sacada. Era evidente que o invasor tinha ido procurar a caixa de minha mãe, que, é claro, havia desaparecido, mas a questão era por que teria destruído meu quarto. Estaria buscando alguma coisa além da caixa?

– *Cavolo!* – xingou o *direttore* Rossini. – Agora terei de chamar a polícia e eles vão tirar fotos e os jornais vão escrever que o Hotel Chiusarelli não é seguro!

– Espere – pedi. – Não chame a polícia. Não há necessidade. Sabemos o que eles vieram procurar – afirmei, andando até a escrivaninha onde estivera a caixa. – Eles não vão voltar. Canalhas.

– Oh! – O rosto do *direttore* Rossini se iluminou de repente. – Esqueci de lhe dizer! Ontem, subi pessoalmente para trazer suas malas...

– Sim, eu estou vendo.

– ... e notei que a senhorita tinha uma antiguidade muito valiosa naquela mesa. Assim, tomei a liberdade de tirá-la deste quarto e guardá-la no cofre do hotel. Espero que não se importe. Normalmente, não interfiro...

Fiquei tão aliviada que nem considerei ficar chateada com sua interferência ou me deslumbrar com sua antevisão. Em vez disso, agarrei-o pelos ombros:

– A caixa ainda está aqui?

De fato, quando segui o *direttore* Rossini até seu escritório no térreo, encontrei a caixa de minha mãe bem guardada no cofre do hotel, entre livros contábeis e castiçais de prata.

– Deus o abençoe! – exclamei com sinceridade. – Essa caixa é muito especial.

– Eu sei. Minha avó tinha uma igualzinha. Hoje não as fabricam mais. São uma antiga tradição sienense. Nós as chamamos de caixas de segredos, porque têm compartimentos ocultos. A pessoa pode esconder coisas dos pais. Ou dos filhos. Ou de qualquer um.

– O senhor quer dizer... compartimentos secretos?

– Sim! – O *direttore* pegou a caixa e começou a inspecioná-la. – Vou lhe mostrar. A pessoa tem que ser sienense para saber como achá-los. É uma coisa muito engenhosa. Eles nunca ficam no mesmo lugar. O da minha avó ficava do lado, bem aqui... mas esta é diferente. É complicado. Deixe-me ver... não é aqui... não é aqui... – Ele examinou a caixa por todos os ângulos, satisfeito com o desafio. – A da vovó tinha um cacho de cabelo, mais nada. Encontrei-o um dia enquanto ela estava dormindo. Nunca perguntei... *a-há!*

De algum modo, o *direttore* Rossini conseguiu localizar e acionar o mecanismo de abertura do compartimento secreto. Deu um sorriso triunfal quando um quarto do fundo da caixa caiu na mesa, seguido por um pedaço retangular de papel-cartão. Virando a caixa de cabeça para baixo, ambos examinamos o compartimento secreto, mas ele não continha nada além do cartão.

– O senhor entende isto? – perguntei, mostrando-lhe as letras e números datilografados no cartão com uma antiga máquina de escrever. – Parece um código.

– Isto – disse ele, tirando o cartão da minha mão – é um antigo... como se chama? Uma ficha

antiga. Nós as usávamos antes dos computadores. Isso foi antes do seu tempo. Ah, como o mundo mudou! Eu me lembro de quando...

– O senhor faz alguma ideia de onde ela veio?

– Esta? De uma biblioteca, talvez? Não sei. Não sou especialista. Mas... – deu uma olhada para mim, para avaliar se eu era digna de acesso a esse nível de informação – conheço alguém que é.

DEMOREI UM POUCO para encontrar o minúsculo sebo descrito pelo *direttore* Rossini e, quando o encontrei, é claro que estava fechado para o almoço. Tentei olhar pelas vitrines para ver se havia alguém lá dentro, mas não enxerguei nada além de livros e mais livros.

Dobrando a esquina em direção à Piazza del Duomo, sentei-me para passar o tempo na escadaria da entrada da Catedral de Siena. Apesar dos turistas que entravam e saíam pelas portas da igreja, havia uma certa tranquilidade em todo aquele local, algo muito solidamente alicerçado e eterno, que me fez sentir que, se eu não estivesse numa missão, poderia ficar sentada ali para sempre, exatamente como a própria construção, observando com uma mescla de nostalgia e compaixão o perene renascer da humanidade.

A característica mais marcante da catedral era o campanário. Não era alto como a Torre del Mangia, o lírio viril do *direttore* Rossini na praça do Campo, mas o que o tornava o mais admirável dos dois era ele ser listrado como uma zebra. Finas camadas alternadas de pedra branca e preta subiam até o alto, como uma escadaria de *biscuit* para o céu, e não pude deixar de me perguntar qual seria o simbolismo daquele desenho. Talvez não houvesse nenhum. Talvez o objetivo tivesse sido simplesmente fazer um campanário marcante. Ou talvez ele fosse um reflexo do brasão de Siena, a Balzana – parte negro, parte branco, como um copo de vinho sem pé, cheio até a metade com o mais escuro vinho tinto... o que me parecia igualmente indecifrável.

O *direttore* Rossini tinha me contado a história dos gêmeos romanos que haviam escapado de seu tio perverso num cavalo preto e branco, mas não fiquei convencida de que essa fosse a narrativa que deu origem às cores da Balzana. Tinha que ser alguma coisa ligada a contrastes. Algo sobre a perigosa arte de unir extremos e forçar concessões ou, quem sabe, reconhecer que a vida é um equilíbrio delicado entre forças poderosas, e que o bem perderia seu poder se não restasse nenhum mal a ser combatido no mundo.

Mas eu não era filósofa e o sol começava a me informar que estava naquele horário em que só os cães raivosos e os ingleses se expunham a seus raios. Tornando a contornar a esquina, vi que a livraria continuava fechada, dei um suspiro e olhei para o relógio, pensando em onde buscaria refúgio até que viesse à amiga de infância da mãe do *direttore* Rossini voltar do almoço.

O AR NA Catedral de Siena era repleto de dourados e sombras. À minha volta, por todos os lados, imensas pilastras em preto e branco sustentavam uma vasta abóbada celeste, salpicada de estrelas pequenas, e o piso de mosaicos era um gigantesco quebra-cabeça de símbolos e lendas que, de algum modo, eu conhecia – tal como se conhecem os sons de uma língua estrangeira – mas não compreendia.

O lugar era tão diferente das igrejas modernas da minha infância quanto uma religião difere de

outra, mas, ainda assim, meu coração reagiu a ele com uma sensação confusa de reconhecimento, como se eu já houvesse estado ali, buscando o mesmo Deus, muito, muito tempo antes. E de repente me ocorreu que ali, pela primeira vez, eu me encontrava numa construção que lembrava o castelo de fantasmas sussurrantes de meus sonhos. Talvez, pensei, fitando boquiaberta a cúpula estrelada daquela floresta silenciosa de colunas de bétula-branca, alguém tivesse me levado a essa mesma catedral quando eu era bebê e, de algum modo, eu a tivesse guardado na memória, sem saber o que era.

A única outra vez em que eu estivera numa igreja daquele tamanho foi quando Umberto me levou à Basílica do Santuário Nacional da Imaculada Conceição, em Washington, matando aula após uma consulta ao dentista. Eu não poderia ter mais de 6 ou 7 anos, mas tinha uma vívida lembrança de Umberto ajoelhado a meu lado, no meio daquele piso imenso, me perguntando:

– Está ouvindo?

– Ouvindo o quê? – indaguei, segurando com força o saquinho plástico com uma nova escova de dentes cor-de-rosa.

Ele havia inclinado a cabeça com ar brincalhão:

– Os anjos. Se você ficar bem quietinha, poderá escutá-los rindo.

– Do que eles estão rindo? De nós?

– Eles fazem aulas de voo aqui. Não há nenhum vento, apenas o sopro divino.

– É isso que faz eles voarem? O sopro divino?

– Voar tem um macete. Os anjos me contaram. – Umberto sorriu ao ver meus olhos arregalados de assombro. – A pessoa precisa esquecer tudo o que sabe como ser humano. Quando se é humano, descobre-se que há uma grande força em odiar a terra. E isso quase pode fazer o indivíduo voar. Mas nunca o consegue de fato.

Eu tinha franzido a testa, sem entendê-lo:

– Então, qual é o truque?

– Amar o céu.

Agora, quando eu estava parada ali na catedral, perdida na lembrança daquela rara explosão sentimental de Umberto, um grupo de turistas ingleses se aproximou por trás de mim, com um guia que falava animadamente das muitas tentativas fracassadas de encontrar e fazer escavações na antiga cripta da catedral – que supostamente existira na Idade Média, mas parecia ter se perdido para sempre.

Fiquei ouvindo por alguns minutos, me divertindo com a propensão sensacionalista do guia, antes de deixar a catedral entregue aos turistas e sair passeando pela Via del Capitano, até acabar – para minha grande surpresa – novamente na Piazza Postierla, bem em frente ao bar de Malèna.

A pracinha estava muito movimentada nas outras vezes que eu fora até lá, mas nesse dia se achava prazerosamente calma, talvez por ser hora da sesta e fazer um calor de rachar. Um pedestal com uma loba e dois filhotes mamando ficava em frente a um pequeno chafariz, sobre o qual pairava um pássaro de metal de aparência feroz. Duas crianças, uma menina e um menino, espirravam água um no outro e corriam para lá e para cá, rindo e dando gritinhos, enquanto uma fileira de senhores idosos sentava-se à sombra, não muito longe dali, de chapéu na cabeça e sem o paletó, contemplando com olhar brando sua própria imortalidade.

– Olá de novo! – disse Malèna ao me ver entrar. – Luigi fez um ótimo serviço, não foi?

- Ele é um gênio - comentei, enquanto me aproximava dela e me apoiava no tampo frio do balcão, sentindo-me estranhamente à vontade. - Nunca irei embora de Siena enquanto ele morar aqui.

Ela deu uma risada alta, calorosa e brincalhona, que de novo me fez pensar em qual seria o ingrediente secreto da vida dessas mulheres. Fosse o que fosse, estava claro que ele me faltava. Era muito mais do que mera autoconfiança; parecia uma capacidade de gostar de si mesma, de maneira entusiástica e generosa, de corpo e alma, naturalmente acompanhada pela suposição de que todos os homens do planeta estavam loucos para se envolver com elas.

- Tome... - disse Malèna, pondo um café *espresso* na minha frente e acrescentando um biscoitinho com uma piscadela. - Coma mais. Isso dá... você sabe, *personalidade*.

- Aquela criatura de aparência feroz - indaguei, referindo-me ao chafariz do lado de fora -, que tipo de pássaro é aquele?

- É a nossa águia, *aquila* em italiano. A fonte é a nossa... ah, como é o nome? - E mordeu o lábio, procurando a palavra. - *Fonte battesimale*... nossa pia para o batismo? Isso! É lá que levamos os nossos bebês para se tornarem *aquilini*, aguiazinhas.

- Aqui é a Contrada da Águia? - perguntei, olhando para os fregueses em volta, de repente cheia de arrepios. - É verdade que o símbolo da águia veio originalmente da família Marescotti?

- É - confirmou ela, balançando a cabeça -, mas nós não o inventamos, é claro. Originalmente, a águia veio dos romanos, e depois Carlos Magno a adotou e, como os Marescotti faziam parte do exército dele, tivemos o direito de usar esse símbolo imperial. Só que ninguém mais sabe disso.

Eu a encarei, quase certa de que ela se referira aos Marescotti como se, de fato, fosse um deles. Mas, no instante em que abri a boca para formular a pergunta, o rosto sorridente de um garçom se interpôs entre nós:

- Só quem sabe são as pessoas que têm a sorte de trabalhar aqui - disse. - Sabemos tudo sobre o grande pássaro.

- Não dê atenção a ele - disse Malèna, fingindo bater na cabeça dele com uma bandeja. - Ele é da Contrada della Torre... a Torre, você sabe. - Ela fez uma careta. - Sempre bancando o engraçadinho.

Nesse momento, em meio à diversão geral, alguma coisa do lado de fora chamou minha atenção. Eram uma motocicleta preta e seu piloto, também de preto, com a viseira fechada, que deu uma parada rápida para olhar pela porta de vidro antes de disparar roncando e desaparecer.

- Ducati Monster S4 - recitou o garçom, como se houvesse decorado o anúncio de uma revista -, uma verdadeira guerreira. Motor com refrigeração líquida. Ela faz os homens sonharem com sangue e eles acordam transpirando e tentam agarrá-la. Mas ela não tem alças de apoio. Portanto... - ele deu um tapinha sugestivo na barriga - não convide uma garota a subir na garupa se você não tiver um sistema de freio ABS contra o consumo de cerveja.

- *Basta, basta*, Dario! - repreendeu-o Malèna. - *Tu parli di niente!*

- Você conhece aquele cara? - perguntei, tentando parecer descontraída, embora me sentisse tudo menos isso.

- Aquele ali? - Malèna revirou os olhos, sem se impressionar. - Você sabe o que dizem... quando eles fazem barulho demais, é porque falta alguma coisa lá embaixo.

- Eu não faço barulho demais! - protestou Dario.

- Eu não estava falando de você, *stupido!* Estava falando do *moscerino* da motocicleta.

– Você sabe quem ele é? – insisti.

Malèna deu de ombros:

– Gosto de homens com carro. Homens de moto... são playboys. Você pode pôr a namorada numa motocicleta, sim, mas e filhos e noivas, e a sogra?

– É exatamente o que penso – comentou Dario, levantando as sobrancelhas. – Estou juntando dinheiro para comprar uma.

A essa altura, vários outros fregueses estavam ficando audivelmente impacientes na fila atrás de mim e, embora Malèna parecesse perfeitamente à vontade ignorando-os pelo tempo que bem entendesse, resolvi deixar para depois minhas perguntas sobre os Marescotti e seus possíveis descendentes atuais.

Ao sair do bar, procurei a motocicleta, que não estava visível em parte alguma. É óbvio que eu não podia ter certeza, mas minha intuição me dizia que aquele era o mesmo sujeito que me havia intimidado na noite anterior e, para ser sincera, se fosse de fato um playboy à procura de alguém para abraçar seus músculos abdominais, eu podia pensar em maneiras melhores de puxar essa conversa.

QUANDO A DONA da livraria finalmente voltou do almoço, eu estava sentada no degrau da soleira, encostada na porta, prestes a desistir de tudo aquilo. Mas minha paciência foi recompensada, porque a mulher – uma senhora meiga cujo corpo franzino parecia ser posto em movimento por pouco mais do que uma enorme curiosidade – bateu os olhos na ficha e balançou a cabeça prontamente.

– Ah, sim – disse ela, em inglês fluente, sem a mínima surpresa –, isso é do arquivo da universidade. Da coleção de história. Acho que eles ainda usam o catálogo antigo. Agora, deixe-me ver... sim, isto aqui representa *baixa Idade Média*. E isto significa o *local*. E olhe... – ela me mostrou os códigos na ficha – esta é a letra da prateleira, K, e este é o número da gaveta, 3-17b. Mas aqui não diz o que há nela. Enfim, é isso que significa o código – concluiu. Depois de solucionar tão depressa o mistério, ela ergueu os olhos para mim, na esperança de que houvesse outro. – Como conseguiu esta ficha?

– Minha mãe, ou melhor, meu pai... acho que ele era professor da universidade. Professor Tolomei, já ouviu falar?

A senhora se iluminou como uma árvore de Natal:

– Eu me lembro dele! Fui sua aluna! Sabe, foi ele que organizou toda aquela coleção. Estava uma bagunça. Passei dois verões colando números em gavetas. Mas... não sei por que ele teria tirado esta ficha. Sempre ficava muito aborrecido quando as pessoas deixavam as fichas largadas em qualquer lugar.

A UNIVERSIDADE DE Siena espalhava-se por toda a cidade, mas o arquivo de história não ficava a mais de uma caminhada rápida de onde eu estava, na direção da entrada da cidade que tinha o nome de Porta Tufi. Demorei um pouco para encontrar o prédio certo entre as fachadas discretas que ladeavam a rua; no fim, o que o revelou como local de ensino foi o painel de cartazes socialistas na

cerca externa.

Com grande esperança de me misturar à população estudantil geral, entrei pela porta que a livreira me descrevera e segui direto para o porão. Talvez por ainda ser a hora da sesta – ou por não haver ninguém circulando por ali durante o verão –, pude chegar lá embaixo sem encontrar ninguém; o lugar todo estava abençoadamente fresco e silencioso. Foi quase fácil demais.

Sem nada além da ficha para me orientar, andei várias vezes por entre os arquivos, tentando em vão encontrar as prateleiras certas. Era uma coleção separada, explicara a livreira, e mesmo naquela época as pessoas raramente a usavam. Eu teria de encontrar a parte mais remota do arquivo, porém essa instrução era complicada pelo fato de todas as partes dele me parecerem remotas. Além disso, as prateleiras que eu estava vendo não tinham gavetas; eram prateleiras comuns de livros, não de objetos. E não havia nenhum livro com a etiqueta K 3-17b.

Depois de rodar por pelo menos 20 minutos, finalmente me ocorreu experimentar uma porta no extremo oposto do cômodo. Era uma porta vedada de metal, quase igual à de um cofre bancário, mas se abriu sem nenhum problema, revelando um aposento menor, com uma espécie de climatização que dava ao ar um cheiro muito diferente, parecido com a alina misturada com lascas de chocolate.

Então minha ficha finalmente fez sentido. Aquelas prateleiras eram mesmo cheias de gavetas, tal como a livreira tinha descrito. E a coleção era cronologicamente organizada, começando na época dos etruscos e terminando, supus, no ano em que meu pai morreria. Estava bastante claro que ninguém jamais a usava, pois havia uma camada grossa de poeira em toda parte e, quando tentei deslocar a escada móvel, a princípio ela resistiu, porque as rodas de metal haviam enferrujado e ficado presas no piso. Quando finalmente se mexeu, com ganidos de protesto, a escada foi deixando um rastro de marquinhas marrons no linóleo cinzento do piso.

Posicionei-a junto à prateleira rotulada de K e subi, para examinar mais de perto a fileira número 3, que consistia numas duas dúzias de gavetas de tamanho médio, todas perfeitamente fora do alcance e de cogitação, a menos que a pessoa dispusesse de uma escada e soubesse exatamente o que procurar. No começo, tive a impressão de que a gaveta 17b estava trancada e só depois de eu socá-la várias vezes com o punho fechado ela se soltou, me permitindo abri-la. Era muito provável que ninguém mais tivesse aberto a gaveta 17b desde que meu pai a fechara, décadas antes.

Dentro dela encontrei um embrulho grande, envolto em plástico marrom hermeticamente fechado. Cutucando-o de leve, percebi que continha uma espécie de tecido esponjoso, quase igual a um saco de espuma de uma loja de produtos têxteis. Intrigada, tirei o embrulho da gaveta, desci a escada e me sentei no degrau mais baixo para inspecionar minha descoberta.

Em vez de rasgar a coisa toda, enfiei uma unha no plástico e fiz um buraco. Assim que a vedação a vácuo foi violada, o embrulho pareceu respirar fundo e uma ponta de tecido azul pálido escapuliu. Aumentei um pouco o furo e apalpei o tecido entre os dedos. Eu não era especialista no assunto, mas desconfiei que era seda e que, apesar de seu ótimo estado, era muito, muito velha.

Sabendo muito bem que estava expondo uma coisa delicada ao ar e à luz, tirei lentamente o tecido do plástico e comecei a desdobrá-lo no colo. Ao fazer isso, um objeto caiu e bateu no piso de linóleo com um tilintar metálico.

Era uma grande faca dentro de uma bainha dourada, que estivera escondida entre as dobras da seda. Ao pegá-la do chão, notei que tinha uma águia esculpida no cabo.

Sentada ali, sentindo na mão o peso desse tesouro inesperado, subitamente ouvi um ruído que vinha da outra parte do arquivo. Com plena consciência de estar invadindo uma instalação que sem dúvida continha muitos tesouros insubstituíveis, me levantei com um arquejo de culpa e embrulhei o produto de minha pilhagem da melhor maneira que pude. A última coisa que eu queria era ser descoberta naquele cofre climatizado e chique, com penas de canário saindo da boca.

Da maneira mais silenciosa possível, voltei pé ante pé para a área principal da biblioteca e deixei a porta de metal atrás de mim quase fechada. Agachada atrás da última fileira de estantes, escutei com atenção, mas o único som que pude ouvir foi minha própria respiração irregular. Eu teria apenas que andar até a escada e sair do prédio com o mesmo ar casual com que havia entrado.

Mas eu estava errada. Mal tomei a decisão de me mexer, ouvi o som de passos – não de um bibliotecário voltando da sesta ou de um estudante procurando um livro, mas os passos sinistros de alguém que não queria que eu o ouvisse se aproximar, alguém cuja missão no arquivo era ainda mais questionável do que a minha. Espiando por entre as prateleiras, eu o vi caminhando na minha direção – e sim, era o mesmo canalha que me seguira na noite anterior –, deslizando de estante para estante, os olhos cravados na porta metálica do cofre. Dessa vez, porém, segurava um revólver.

Em questão de segundos ele chegaria ao lugar onde eu me escondia. Xingando-me por estar vestida de maneira tão imprópria, fui me esgueirando pela estante até chegar a seu extremo oposto. Ali, um corredor estreito seguia junto à parede até a escrivaninha do bibliotecário e fui andando na ponta dos pés até onde me atrevi, depois encolhi a barriga e me encostei na extremidade estreita de uma estante, torcendo para ficar fora de vista exatamente quando o bandido passasse na outra ponta do corredor.

Enquanto fiquei ali, apavorada demais para respirar, tive de lutar contra a ânsia de sair correndo feito louca. Forçando-me a continuar absolutamente imóvel, esperei mais alguns segundos antes de enfim me atrever a esticar o corpo e olhar – foi quando o vi esgueirando-se em silêncio para dentro do cofre.

Tirei os sapatos, com os dedos trêmulos, e disparei pelo corredor, fiz a curva junto à escrivaninha do bibliotecário e continuei escada acima, de três em três degraus, sem parar nem mesmo a fim de olhar para trás.

Só quando estava bem longe das instalações da universidade, em segurança numa ruazinha obscura, me atrevi a diminuir o passo e sentir uma espécie de alívio. Mas não foi uma sensação duradoura. O mais provável era que aquele fosse o sujeito que havia revirado meu quarto no hotel e o único lado bom nesse episódio tinha sido eu não estar dormindo em minha cama quando ele apareceu.

PEPPO TOLOMEI FICOU quase tão surpreso ao me ver quanto eu ao me apanhar de volta tão depressa ao Museu da Coruja.

– Giulietta! – exclamou, pondo de lado um troféu e um pedaço de pano. – O que houve? E o que é isso?

Ambos olhamos para a trouxa desarrumada em meus braços.

– Não faço ideia – confessei –, mas acho que pertencia a meu pai.

– Venha aqui... – disse ele, abrindo um espaço na mesa para mim, onde depositei a seda azul com

muito cuidado, revelando a faca aninhada no tecido.

– Você tem alguma ideia da origem disto? – perguntei, apanhando a faca.

Mas Peppo não estava olhando para ela. Em vez disso, começou a desdobrar a seda com mãos reverentes. Depois de estendê-la por completo, deu um passo atrás, boquiaberto, e se benzeu:

– Onde foi que você achou isso? – indagou, num tom que mal passava de um sussurro.

– Hmm... Estava na coleção do meu pai na universidade. Enrolado em volta da faca. Não me dei conta de que fosse algo especial.

Peppo fitou-me, surpreso:

– Você não sabe o que é isso?

Olhei com mais atenção para a seda azul. Era muito mais comprida do que larga, quase como uma faixa, e nela fora pintada uma figura feminina com uma auréola em volta dos cabelos e as mãos erguidas como se recebesse uma bênção. O tempo havia desbotado as cores, mas o encanto continuava presente. Até uma ignorante em arte como eu era capaz de ver que se tratava de uma imagem da Virgem Maria.

– É uma bandeira religiosa?

– Isso – disse Peppo, empertigando-se com ar respeitoso – é um *cencio*, o grande prêmio do Palio. Mas esse é muito antigo. Está vendo os algarismos romanos ali no canto? Indicam o ano. – Ele se inclinou mais uma vez, para conferir o número. – Sim! Virgem Maria! – Virou-se para mim com os olhos brilhando e disse: – Não só esse é um *cencio* antigo como é o mais lendário que já existiu! Todos achavam que se tivesse perdido para sempre. Mas aí está ele! É o *cencio* do Palio de 1340. Um grande tesouro! Era debruado com pequenas caudas de... Não sei qual é a palavra em inglês. Olhe... e apontou para as bordas esfarrapadas do tecido – elas ficavam aqui e aqui. Não eram *esquilos*. Eram *esquilos* especiais. Mas agora já não existem.

– Então, quanto valeria esse tipo de coisa? Em termos de dinheiro.

– Dinheiro? – A ideia era estranha a Peppo, que me olhou como se eu tivesse perguntado quanto Jesus cobrava por hora. – Mas isso é o prêmio! É muito especial... uma grande honra! Desde a Idade Média, o vencedor do Palio recebia uma bela bandeira de seda, debruada de peles valiosas. Os romanos a chamavam de *pallium* e é por isso que nossa corrida se chama Palio. Olhe – ele apontou com a bengala para algumas bandeiras penduradas nas paredes à nossa volta –, toda vez que a nossa *contrada* vence o Palio, ganhamos um novo *cencio* para nossa coleção. Os mais antigos que possuímos têm 200 anos.

– Quer dizer que não há mais nenhum *cencio* do século XIV?

– Ah, não! – Peppo balançou a cabeça com vigor. – Este aqui é muito, muito especial. Sabe, antigamente, o homem que vencia o Palio pegava o *cencio* e o transformava em roupas, as quais usava no corpo em sinal de triunfo. Foi por isso que todos eles se perderam.

– Então, este deve valer *alguma coisa*. Quero dizer, se é tão raro assim – insisti.

– Dinheiro, dinheiro, dinheiro! – zombou ele. – Dinheiro não é tudo. Você não entende? Isso tem a ver com a história de Siena!

O entusiasmo de meu primo contrastava nitidamente com meu estado de espírito. Parecia que, naquela manhã, eu tinha arriscado a vida por uma faca enferrujada e velha e uma bandeira desbotada. Sim, era um *cencio* e, como tal, era um objeto de valor inestimável, quase mágico, para os sienenses, mas, infelizmente, seria um trapo velho sem o menor valor se um dia eu o levasse para

fora dos muros da cidade.

– E a faca? Você já a viu antes?

Peppo virou-se de novo para a mesa e apanhou a faca.

– Isto – disse, tirando da bainha a lâmina enferrujada e examinando-a sob o lustre – é uma adaga. Uma arma muito útil. – Inspecionou com muita atenção a gravura, balançando a cabeça como se tudo aquilo, aparentemente, começasse a fazer sentido. – Uma águia. É claro. E estava escondida junto com o *cencio* de 1340. E pensar que eu viveria para ver isto! Por que ele nunca me mostrou isto? Acho que sabia o que eu ia dizer. Esses tesouros pertencem a toda Siena, não apenas aos Tolomei.

– Peppo, o que eu vou fazer com isso? – perguntei, coçando a testa.

Ele me olhou com uma expressão curiosamente distante, como se em parte estivesse presente, em parte se encontrasse em 1340.

– Lembra-se de que eu lhe disse que seus pais acreditavam que Romeu e Julieta tinham vivido aqui, em Siena? Bem, em 1340 houve um Palio disputadíssimo. Dizem que o *cencio* desapareceu... esse *cencio* bem ali... e que um dos cavaleiros morreu durante a corrida. Também dizem que Romeu participou daquele Palio e acho que essa era a adaga dele.

Nesse momento, minha curiosidade finalmente suplantou a decepção:

– Ele venceu?

– Não sei ao certo. Alguns dizem que foi ele quem morreu. Mas escreva o que estou lhe dizendo – Peppo me encarou, espremendo os olhos -: os Marescotti fariam qualquer coisa para pôr as mãos nisso.

– Você se refere aos Marescotti que vivem em Siena hoje em dia?

Peppo deu de ombros:

– Não importa no que você acredite com respeito ao *cencio*, essa adaga pertenceu a Romeu. Está vindo a gravação da águia aqui no cabo? Já imaginou que tesouro isso seria para eles?

– Suponho que eu poderia devolvê-la...

– Não! – A alegria estonteante no olhar de meu primo deu lugar a outras emoções muito menos encantadoras. – Você deve deixá-la aqui! Esse tesouro pertence a toda a cidade de Siena, não apenas aos *aquilini* ou aos Marescotti. Você fez muito bem em trazê-lo para cá. Temos que discutir isso com todos os governantes de todas as *contrade*. Eles saberão o que é melhor. Enquanto isso, guardarei tudo no cofre, longe da luz e do ar. – Ele começou a dobrar ansiosamente o *cencio*. – Eu lhe juro que tomarei muito cuidado com isso. Nosso cofre é muito seguro.

– Mas meus pais deixaram isso para mim... – ousei objetar.

– Sim, sim, sim, mas essas não são coisas que devam pertencer a uma pessoa só. Não se preocupe, os governantes saberão o que fazer.

– Que tal...

Peppo lançou-me um olhar severo:

– Sou seu padrinho. Você não confia em mim?

*Que diz? Será capaz de amar a ele?
Hoje à noite irá vê-lo em nossa festa.*

S

Para Maestro Ambrogio, a véspera do dia da *Madonna Assunta* era tão sagrada quanto a véspera de Natal. Durante a vigília noturna, a Catedral de Siena, normalmente escura, enchia-se de centenas de velas votivas colossais – algumas chegando a pesar mais de 45 quilos –, enquanto uma longa procissão de representantes de cada *contrada* percorria a nave central até o altar dourado, para homenagear a padroeira de Siena, a Virgem Maria, e celebrar sua assunção aos céus.

Com isso, no dia seguinte, que era propriamente o da Assunção de Nossa Senhora, a majestosa catedral estaria iluminada por uma floresta de chamas bruxuleantes, quando vassallos de todos os vilarejos e cidades vizinhos chegassem para pagar seus tributos. Todo ano, no dia 15 de agosto, eles eram obrigados por lei a doar uma quantidade cuidadosamente calculada de velas à divina rainha de Siena e havia severos funcionários municipais postados no interior da catedral, para garantir que todas as cidades e vilarejos subalternos pagassem sua dívida. O fato de a catedral já estar iluminada por uma profusão de luzes sagradas apenas confirmava o que os forasteiros já sabiam muito bem: que Siena era um lugar glorioso, abençoado por uma santa todo-poderosa, e que fazer parte dela valia qualquer preço pago.

Maestro Ambrogio preferia, de longe, a vigília noturna à procissão diurna. Algo mágico se passava com as pessoas ao levarem luz para a escuridão: o fogo disseminava-se por sua alma e, olhando com atenção, podia-se observar o deslumbramento em seus olhos.

Mas nessa noite ele não poderia participar da procissão como de hábito. Desde que começara a pintar os grandes afrescos do Palazzo Pubblico, os governantes de Siena vinham-no tratando como se fosse um deles – sem dúvida pelo desejo de garantir que ele os pintasse de forma lisonjeira. Portanto, ali estava o pintor, preso num pódio com o Conselho dos Nove, os magistrados de Biccherna, o Comandante da Guerra e o Comandante do Povo. Seu único consolo era que o lugar no alto lhe proporcionava uma visão ampla do espetáculo noturno: os músicos com seus uniformes em tom escarlate, os tocadores de tambor e lançadores de bandeiras com suas insígnias, os padres de hábitos esvoaçantes e a procissão de velas, que prosseguiria até que todas as *contrade* houvessem rendido suas homenagens à divina rainha que estendia sobre todos seu manto protetor.

Era impossível não reconhecer a família Tolomei à frente da procissão proveniente da *contrada* de San Cristoforo. Vestidos com o vermelho e ouro de seu brasão, Messer Tolomei e sua esposa, ao caminharem pela nave central em direção ao altar-mor, tinham o porte da família real se aproximando dos tronos. Logo atrás vinha um grupo de membros da família, entre os quais Maestro Ambrogio não demorou a avistar Giulietta. Apesar de ela estar com o cabelo coberto por uma seda azul – o azul da inocência e da majestade da Virgem Maria – e de ter o rosto iluminado apenas pela pequena vela de cera que levava nas mãos devotamente postas, seu encanto ofuscava com facilidade tudo a seu redor, inclusive os belos e luxuosos trajes de suas primas.

Giulietta, porém, não notou os olhares de admiração que a acompanharam em todo o trajeto até o altar. Tinha os pensamentos claramente voltados apenas para a Virgem Maria e, enquanto todos à sua volta caminhavam para o altar-mor com a alegria de quem oferece dádivas, a menina manteve os olhos no chão até poder ajoelhar-se com as primas e entregar sua vela aos padres.

Ao se levantar, fez duas reverências e se virou de frente para o mundo. Só então pareceu notar a grandiosidade que a cercava e, por um breve instante, oscilou sob a vastidão da cúpula, contemplando com nervosa curiosidade tudo o que havia de humano. Nada teria agradado mais a Maestro Ambrogio do que correr até ela para lhe oferecer seu humilde auxílio, mas o decoro exigia que ele permanecesse onde estava e apenas apreciasse de longe a beleza da jovem.

Ele não foi o único a notá-la. Os magistrados, atarefados em fechar negócios e trocar apertos de mão, calaram-se ao ver o rosto radioso de Giulietta. E, abaixo do pódio, parado perto o bastante para dar a impressão de fazer parte dele, até o majestoso Messer Salimbeni acabou por se virar para ver o que deixara todos tão calados. Ao avistar a moça, uma expressão de agradável surpresa espalhou-se em seu rosto e, nesse exato momento, ele fez o *maestro* lembrar-se de um afresco que um dia lhe chamara a atenção – quando era jovem e tolo – numa casa de má fama. A cena retratava o antigo deus Dionísio descendo sobre a ilha de Naxos para ali encontrar a princesa Ariadne, abandonada por seu pérfido amante, Teseu. O mito era vago quanto ao desfecho do encontro entre a mulher e o deus; alguns gostavam de pensar que os dois tinham fugido juntos em amorosa harmonia, outros sabiam que encontros entre humanos e deuses apaixonados nunca tinham finais felizes.

Comparar Salimbeni a um deus talvez fosse generoso demais, levando-se em conta sua reputação. Mas, afinal, aqueles antigos deuses pagãos tinham sido tudo, menos benevolentes e distantes; embora fosse o deus do vinho e da celebração, Dionísio estava sempre pronto a se transformar no deus da loucura furiosa – uma terrível força da natureza, capaz de seduzir as mulheres e fazê-las correrem em desvario pela floresta, dilacerando animais com as próprias mãos.

Naquele momento, parado ali, contemplando Giulietta do outro lado da catedral, para algum olhar desavisado, Salimbeni parecia todo benevolência e fartura, mas o *maestro* percebeu que, sob o luxuoso brocado do homem, a transformação já estava ocorrendo.

– Ora, vejam – murmurou um dos Nove, alto o bastante para que Maestro Ambrogio o ouvisse –, esse Tolomei é cheio de surpresas. Onde terá mantido *aquela jovem* trancada todo esse tempo?

– Não brinque – retrucou o mais velho dos membros do Conselho, Niccolino Patrizi. – Ouvi dizer que uma das quadrilhas do Salimbeni a deixou órfã. Atacaram sua casa quando ela estava em confissão. Lembro-me bem de seu pai. Era um homem raro. Nunca consegui abalar sua integridade.

O outro homem soltou um grunhido:

– Tem certeza de que ela estava lá? Não é típico de Salimbeni deixar escapar por entre os dedos uma pérola dessas.

– Creio que ela foi salva por um padre. Tolomei acolheu os dois sob sua proteção. – Niccolino Patrizi suspirou e tomou um gole de vinho de sua taça de prata. – Só espero que isso não desperte de novo a desavença entre eles, agora que finalmente conseguimos controlá-la.

MESSER TOLOMEI PASSARA semanas temendo esse momento. Sempre soubera que, na vigília da *Madonna Assunta*, ficaria cara a cara com o inimigo, aquele homem odioso, Salimbeni, e que sua dignidade exigiria vingança pela morte da família de Giulietta. Assim, depois de se curvar diante do altar, ele se dirigiu ao pódio, procurando Salimbeni entre os nobres reunidos abaixo da tribuna.

– Boa-noite, meu caro amigo! – exclamou Salimbeni, abrindo os braços num gesto de afeição, ao ver o velho inimigo se aproximar. – Espero que vossos familiares estejam gozando de boa saúde.

– Mais ou menos – respondeu Tolomei, trincando os dentes. – Recentemente perdi alguns para a violência, como decerto haveis de ter sabido, não?

– Ouvi alguns boatos – disse Salimbeni, cujo gesto de amizade transformou-se num desdenhoso dar de ombros –, porém jamais confio em boatos.

– Nesse caso, tenho mais sorte – retrucou Tolomei, que se elevava acima do outro em estatura e em modos, mas não conseguia dominá-lo –, pois conto com testemunhas oculares dispostas a jurar sobre a Bíblia.

– É mesmo? – disse Salimbeni, desviando os olhos, como se o assunto já o entediasse. – E que tribunal cometeria a tolice de lhes dar ouvidos?

A pergunta foi seguida por um silêncio carregado. Tolomei e todos à sua volta sabiam que ele estava desafiando uma força capaz de esmigalhá-lo e de destruir em questão de horas tudo o que ele possuía – a vida, a liberdade e os bens. E os magistrados nada fariam para protegê-lo. Tinham ouro demais de Salimbeni em seus cofres particulares e muito mais por vir, para que algum deles desejasse a queda do tirano.

– Meu dileto amigo – prosseguiu Salimbeni, cujo risinho benevolente havia retornado –, espero que não deixeis esses acontecimentos distantes estragarem vossa noite. Melhor seria vos parabenizardes pelo fato de nossos dias de luta haverem chegado ao fim e de podermos enveredar pelo futuro em meio à paz e à compreensão.

– E é a isso que chamais paz e compreensão?

– Talvez possamos considerar – começou Salimbeni, olhando para o outro lado da nave, onde todos, menos Tolomei, puderam ver para o que ele estava olhando – a ideia de selar nossa paz com um casamento?

– Ora, certamente! – Tolomei fizera a mesma proposta em diversas ocasiões anteriores, mas sempre fora rejeitado. Se os Salimbeni se ligassem ao sangue dos Tolomei, calculava ele, decerto ficariam menos propensos a derramá-lo.

Ávido por malhar o ferro enquanto este ainda estava quente, fez sinal com impaciência para a esposa do outro lado da nave. Foram necessários alguns acenos para que Monna Antonia enfim se atrevesse a crer que os homens solicitavam sua presença, aproximando-se deles com humildade atípica e se postando nervosa ao lado de Salimbeni, como um escravo diante de um amo

imprevisível.

– Meu prezado amigo Messer Salimbeni – explicou-lhe Tolomei – propôs um casamento entre nossas famílias. O que dizes disso, minha cara? Não seria maravilhoso?

Monna Antonia retorceu as mãos, numa agitação envaidecida.

– Certo que sim. Seria maravilhoso – concordou, quase fazendo uma mesura para Salimbeni antes de lhe dirigir a palavra diretamente. – Já que faizeis a gentileza de propô-lo, *messere*, tenho uma filha que completou 13 anos recentemente e que não seria de todo inadequada para vosso bellissimo filho Nino. Ela é uma mocinha calada mas saudável. Está ali – Monna Antonia apontou para outro ponto da nave –, ao lado de meu primogênito, Tebaldo, que amanhã cavalgará no Palio, como talvez seja de vosso conhecimento. E, se não concordardes com ela, há também sua irmã mais nova, agora com 11 anos.

– Agradeço a generosa oferta, cara senhora – disse Salimbeni, com uma mesura de perfeita cortesia –, mas eu não estava pensando em meu filho. Pensava em mim mesmo.

Tolomei e Monna Antonia contiveram uma exclamação, mudos de espanto. À volta deles houve uma explosão espontânea de incredulidade, logo refreada num murmúrio nervoso, e até no pódio todos acompanharam o desenrolar dos acontecimentos abaixo com intensa apreensão.

– Quem é aquela jovem? – indagou Salimbeni, indiferente à comoção, inclinando a cabeça na direção de Giulietta. – Ela já foi casada?

Parte da raiva de Tolomei voltou a sua voz ao responder:

– Aquela é minha sobrinha. Foi a única sobrevivente dos trágicos eventos que mencionei há pouco. Creio que ela vive apenas para buscar vingar-se dos responsáveis pelo massacre de sua família.

– Entendo. – Salimbeni parecia tudo menos desanimado. Na verdade, pareceu apreciar o desafio. – Então ela é impetuosa?

Monna Antonia não conseguiu mais ficar em silêncio e deu um passo à frente, ansiosa:

– Por demais, *messere*. É uma jovem absolutamente desagradável. Creio que seria muito melhor ficardes com uma de minhas filhas. Elas não objetarão.

Salimbeni sorriu, basicamente para si mesmo:

– Pensando bem, até que gosto de um pouco de objeção.

MESMO A DISTÂNCIA, Giulietta pôde sentir os muitos olhares voltados para ela e não soube aonde ir para evitar aquele escrutínio. Seus tios haviam abandonado os familiares para se juntar aos outros nobres e ela os viu conversando com um homem que irradiava a opulência e a magnanimidade de um imperador, mas tinha os olhos de um animal esquelético e faminto. O inquietante era que aqueles olhos, com poucas interrupções, mantinham-se cravados nela.

Buscando refúgio atrás de uma coluna, ela respirou fundo algumas vezes e disse a si mesma que tudo ficaria bem. De manhã, Frei Lorenzo lhe entregara uma carta de Romeo dizendo que o pai dele, o comandante Marescotti, procuraria seu tio Tolomei com uma proposta de casamento o mais depressa possível. Desde o momento em que recebera a carta, ela pouco fizera além de pedir a Deus que a proposta fosse aceita e que, em pouco tempo, sua dependência da família Tolomei fosse coisa do passado.

Espiando por trás da coluna, Giulietta viu seu belo Romeo no grupo de nobres – se não estava

enganada, ele também espichava o pescoço à sua procura, ficando cada vez mais frustrado por não avistá-la em parte alguma –, ao lado de um homem que só podia ser seu pai. Sentiu uma onda de alegria ao vê-los, ciente de estarem ambos decididos a reivindicá-la como membro da família, e mal pôde se conter ao ver que se dirigiam ao seu tio Tolomei. Aproximando-se discretamente, movendo-se de uma coluna para outra, tentou chegar a um ponto em que pudesse ouvir os homens sem que eles notassem sua presença. Para sua sorte, estavam todos por demais absortos em sua conversa acalorada para prestarem atenção a qualquer outra coisa.

– Comandante! – exclamou seu tio Tolomei, ao ver os Marescotti se aproximarem. – Dizei-nos, o inimigo está nos portões?

– O inimigo já está aqui – respondeu o comandante, com um breve aceno de cabeça para o homem de olhar animalesco ao lado de Tolomei. – Chama-se corrupção e não se detém nos portões – acrescentou, com uma breve pausa para acolher os risos. – Messer Tolomei, há um assunto um tanto delicado que eu gostaria de discutir com Vossa Senhoria. Em particular. Quando posso fazer-vos uma visita?

Tolomei olhou para o comandante Marescotti claramente intrigado. Os Marescotti podiam não ter sua fortuna, mas o lume da história lhes iluminava o sobrenome e sua árvore genealógica decerto havia brotado no acampamento de Carlos Magno, cinco séculos antes, se não no próprio Éden. Nada, suspeitava Giulietta, daria mais prazer a seu tio Tolomei do que fechar negócio com um Marescotti. E assim, ele deu as costas ao homem de olhar animalesco e abriu os braços:

– Dizei-me o que tendes em mente.

O comandante Marescotti hesitou, insatisfeito com o lugar público e os ouvidos que os cercavam por todos os lados.

– Imagino – disse, em tom diplomático – que Messer Salimbeni não acharia nossos assuntos muito interessantes.

Ao ouvir o nome *Salimbeni*, Giulietta sentiu todo o corpo enrijecer de medo. Só então se deu conta de que aquele homem de olhos animaisos – o que havia provocado gestos de humildade em Monna Antonia minutos antes – era o responsável pelo assassinato de sua família. Ela passara muitas horas imaginando como seria esse monstro e, agora que finalmente o tinha diante de si, ficou chocada ao constatar que, afora os olhos, ele não tinha a aparência que seria de esperar.

Ela imaginara alguém abrutalhado e implacável, com o corpo feito para a guerra e os maus-tratos. Em vez disso, viu um homem que decerto nunca havia brandido uma arma e cujas artes pareciam ser a retórica e a da sala de jantar. Não poderia haver entre dois homens contraste maior que o observado entre o comandante Marescotti e Messer Salimbeni: um era perito na guerra, mas não desejava nada senão a paz; o outro envolvia-se de civilidade como se fora um manto, mas sob o tecido fino era uma podridão completa.

– Enganai-vos, comandante – disse Salimbeni, desfrutando de seu poder sobre a conversa. – Sempre me intriga qualquer assunto que não possa esperar até a manhã seguinte. E, como é sabido, Messer Tolomei e eu somos grandes amigos; ele por certo não desdenharia de meus... – Salimbeni teve a franqueza de rir de sua própria escolha de palavras – *humildes* conselhos em seus negócios de *suma importância*.

– Peço perdão – disse o comandante, escusando-se com toda a prudência –, tendes razão. O assunto *pode* esperar até amanhã.

– Não! – exclamou Romeo, incapaz de se afastar sem tratar de seus interesses. Ele avançou abruptamente, antes que o pai conseguisse detê-lo: – Isto não pode esperar! Messer Tolomei, quero me casar com vossa sobrinha, Giulietta.

Tolomei ficou tão surpreso com essa proposta direta que foi impossível dar uma resposta imediata. Ele não foi o único a ser silenciado pela interferência impulsiva de Romeo na conversa dos homens. Em toda a volta, as pessoas espicharam o pescoço para ver quem teria coragem de tomar a palavra. Atrás da coluna, Giulietta levou a mão à boca; ficou muito comovida com a impaciência de Romeo, porém horrorizada por ele ter falado de maneira tão impulsiva, contrariando os desejos do pai.

– Como estais ouvindo – disse o comandante Marescotti com admirável calma ao perplexo Tolomei –, eu gostaria de propor um casamento entre meu filho mais velho, Romeo, e vossa sobrinha Giulietta. Estou certo de que sabeis que somos uma família de recursos e boa reputação e, com todo o respeito, creio estar apto a prometer que vossa sobrinha não passaria por nenhuma redução de conforto ou de posição social. Após minha morte, quando meu filho Romeo me suceder como patrono da família, ela se tornará senhora de um grande patrimônio, que abrange muitas residências e vastos territórios, cujos detalhes resumi num documento. Qual seria um bom momento para vos fazermos uma visita, a fim de que eu possa entregar-vos pessoalmente esse documento?

Tolomei não respondeu. Estranhas sombras atravessaram seu rosto, como tubarões circundando as vítimas sob a superfície da água, e ele deixou transparecer um estado de visível angústia enquanto procurava uma saída.

– Se estiverdes apreensivo quanto à felicidade dela – prosseguiu o comandante Marescotti, não inteiramente satisfeito com a hesitação do outro –, é minha ventura poder garantir-vos que meu filho não faz qualquer objeção ao casamento.

Quando Tolomei finalmente falou, sua voz dava poucas esperanças.

– Generosíssimo comandante – disse, em tom sombrio –, é uma grande honra que me façais essa proposta. Examinarei vosso documento e considerarei vossa oferta...

– Não fareis nada disso! – interpôs Salimbeni, metendo-se entre os dois homens, furioso por ter sido ignorado. – Considero este assunto resolvido.

O comandante Marescotti deu um passo atrás. Podia ser comandante do exército e estar sempre preparado para sórdidos ataques sorrateiros, porém Salimbeni era mais perigoso do que qualquer exército inimigo.

– Tende a bondade de nos dar licença! – exclamou. – Creio que Messer Tolomei e eu estávamos empenhados numa conversa.

– Podeis ter todas as conversas que quiserdes – rebateu Salimbeni –, mas aquela moça é minha. É minha única condição para manter esta paz ridícula.

Dada a comoção geral que se seguiu à exigência ultrajante de Salimbeni, ninguém ouviu o grito horrorizado de Giulietta. Agachada atrás da coluna, ela comprimiu a boca com as duas mãos e proferiu uma oração urgente, rogando para de algum modo ter entendido errado a conversa dos homens e para que a moça em questão não fosse ela, mas alguma outra.

Quando enfim se atreveu a olhar de novo, viu seu tio Tolomei contornando Salimbeni para se dirigir ao comandante Marescotti, com o rosto contorcido de agonia.

– Prezado comandante – começou, a voz hesitante –, como dissestes, trata-se de um assunto

delicado. Mas decerto poderemos chegar a um acordo...

– Sem dúvida! – exclamou sua esposa, Monna Antonia, ousando enfim tornar a falar, dessa vez para se atirar obsequiosamente em cima do carrancudo comandante. – Tenho uma filha de 13 anos completos que seria uma excelente esposa para vosso filho. Ela está ali... podeis vê-la?

O comandante nem virou a cabeça para olhar.

– Messer Tolomei – disse, com toda a paciência que ainda pôde reunir –, nossa proposta refere-se unicamente a vossa sobrinha Giulietta. E bem faríeis em consultá-la a esse respeito. Já não estamos nos bárbaros tempos em que as mulheres podiam ser simplesmente ignoradas...

– A donzela pertence a mim – rebateu Tolomei, irritado com a interferência da mulher e aborrecido por ser vítima de um sermão – e posso fazer com ela o que bem entender! Agradeço vosso interesse, comandante, mas tenho outros planos para ela.

– Eu vos recomendo considerardes o assunto com mais cuidado – disse o comandante Marescotti, dando um passo de advertência à frente. – A jovem tem grande afeição por meu filho, a quem considera seu salvador, e decerto vos trará dissabores se lhe pedirdes que se case com outro homem. Especialmente com alguém... – e lançou um olhar enojado para Salimbeni – que não parece dar valor à tragédia que se abateu sobre a família dela.

Confrontado com essa lógica inabalável, Tolomei viu-se incapaz de produzir uma palavra de objeção. Giulietta chegou até a sentir uma breve pontada de simpatia por ele; postado entre aqueles dois homens, seu tio lembrava muito um naufrago agarrando-se às tábuas dispersas de um navio e o resultado nada tinha de gracioso.

– Devo entender que objetais à minha reivindicação, comandante? – perguntou Salimbeni, interpondo-se outra vez entre os dois. – Decerto não tencionais questionar os direitos de Messer Tolomei como chefe de sua própria família, pois não? E, com certeza... – não havia como alguém se enganar quanto à ameaça em seus olhos –, a casa dos Marescotti não deseja um desentendimento com os Tolomei e os Salimbeni, não é mesmo?

Atrás da pilastra, Giulietta não pôde mais conter as lágrimas. Teve vontade de correr até os homens e detê-los, mas sabia que sua presença só iria piorar as coisas. Ao mencionar pela primeira vez a intenção de se casar com ela, naquele dia no confessionário, Romeo lhe dissera que sempre houvera paz entre suas famílias. Nesse momento, por causa dela, tais palavras já não pareciam ser verdade.

NICCOLINO PATRIZI, UM dos nove administradores que integravam o Conselho de Siena, entreouvira com apreensão crescente o conflito abaixo do pódio. E não era o único.

– Quando eles eram inimigos de morte – comentou seu vizinho com ar pensativo, os olhos fixos em Tolomei e Salimbeni –, eu os temia enormemente. Agora que são amigos, temo-os ainda mais.

– Somos os governantes! Temos que ficar acima dessas emoções humanas! – exclamou Niccolino Patrizi, levantando-se de sua cadeira. – Messer Tolomei! Messer Salimbeni! Por que esses ares clandestinos na vigília da *Madonna Assunta*? Espero que não estejais tratando de negócios na casa do Senhor!

Um silêncio carregado desceu sobre a assembleia dos nobres ante essas palavras proferidas do pódio e, diante do altar-mor, o bispo esqueceu-se momentaneamente de dar a sua bênção.

– Honorável Messer Patrizi – respondeu Salimbeni com sarcástica civilidade –, em tais palavras

não há nada de elogioso para nós ou para vós mesmo. Deveríeis, antes, dar-nos os parabéns, pois meu dileto amigo Messer Tolomei e eu resolvemos celebrar nossa paz duradoura com um casamento.

– Minhas condolências pelo falecimento de vossa esposa! – cuspiu Niccolino Patrizi. – Eu não tivera notícia da morte dela!

– Monna Agnese não passará deste mês – respondeu Salimbeni, sem se deixar abalar. – Está acamada em Rocca di Tentennano e já não ingere nenhum alimento.

– É difícil comer quando não se é alimentado! – resmungou um dos magistrados de Biccherna.

– Precisareis buscar a aprovação do papa para um casamento entre ex-inimigos – insistiu Niccolino Patrizi – e duvido que a obtenhais! Tamanha torrente de sangue rolou sobre o caminho entre vossas casas que nenhum homem decente poderia mandar sua filha para o outro lado. Há um espírito maléfico...

– Somente o matrimônio pode rechaçar os espíritos maléficos!

– Não é o que pensa o papa!

– É possível que não – disse Salimbeni, deixando um sorriso inconveniente curvar-lhe os lábios –, mas o papa me deve dinheiro. E vós também. Todos vós.

A afirmação grotesca surtiu o efeito desejado: Niccolino Patrizi sentou-se, ruborizado e furioso, e Salimbeni lançou um olhar destemido aos demais governantes, como que desafiando qualquer outro a se manifestar contra suas intenções. Mas o pódio permaneceu em silêncio.

– Messer Salimbeni! – elevou-se uma voz por entre o murmúrio de indignação submissa e todos se espicharam para ver o desafiante.

– Quem falou? – Salimbeni sempre ficava encantado com a oportunidade de pôr os homens inferiores em seu lugar. – Não sejais tímido!

– A timidez, para mim – retrucou Romeo, dando um passo à frente –, é como a virtude para vós, Messer Salimbeni.

– E o que, por gentileza, poderíeis ter a me dizer? – indagou Salimbeni, erguendo bem a cabeça, na tentativa de olhar para o desafiante de cima para baixo.

– Apenas isto: que a dama que cobiçais já pertence a outro homem.

– De fato? – perguntou o tirano, com um olhar de relance para Tolomei. – Como assim?

Romeo empertigou-se:

– A Virgem Maria entregou-a em minhas mãos para que eu a protegesse para sempre. E o que o céu entrelaçou nenhum homem há de separar!

Primeiro Salimbeni fez um ar incrédulo, depois caiu na gargalhada:

– Bem falado, meu jovem. Agora vos reconheço. Vossa adaga matou um bom amigo meu recentemente, mas serei generoso e não guardarei ressentimentos, posto que cuidastes tão bem de minha futura esposa.

Virando-lhe as costas, Salimbeni deixou claro que considerava a conversa encerrada. Todos os olhares voltaram-se então para Romeo, cujo rosto ardia de repugnância, e não foram poucos os que lamentaram pelo rapaz, tão obviamente vitimado pelas flechadas do arqueirinho travesso.

– Vem, meu filho – disse o comandante Marescotti, recuando. – Não nos deixemos demorar onde o jogo está perdido.

– Perdido? – exclamou Romeo. – Mas nunca houve jogo algum!

– Sejam quais forem as transações daqueles dois homens – disse-lhe o pai –, eles trocaram um aperto de mãos sob o altar da Virgem. Brigar com eles é brigar com Deus.

– E assim farei – inflamou-se o jovem –, pois o céu se voltou contra si mesmo ao permitir que isso acontecesse!

Quando ele tornou a dar um passo à frente, não foi preciso nenhum gesto para pedir silêncio: todos os olhos já estavam fixos em seus lábios, em nervosa expectativa.

– Santíssima Mãe de Deus! – gritou Romeo, surpreendendo toda a congregação ao se dirigir ao espaço vazio da cúpula e não a Salimbeni. – Um grande crime está sendo cometido bem aqui nesta casa, sob o vosso próprio manto, nesta exata noite! Eu vos rogo que corrijaís os canalhas e vos mostreis a eles, para que ninguém duvide da vossa divina vontade! Permite que o vencedor do Palio seja o vosso escolhido! Concedei-me vossa sagrada bandeira, para que eu possa estendê-la em meu leito nupcial e sobre ela repousar com aquela que é minha esposa por direito! Uma vez atendido, eu a devolverei a vós, ó Mãe misericordiosa, pois ela terá sido conquistada segundo a vossa vontade e concedida a mim unicamente pela vossa mão, para mostrar a toda a humanidade as vossas preferências nesta questão!

Quando Romeo enfim calou-se, nem um só homem a seu redor dispunha-se a olhá-lo nos olhos. Uns estavam petrificados ante aquela blasfêmia, outros, envergonhados por verem um Marescotti barganhar de forma tão egoísta e anticonvencional com a Virgem Maria, mas a maioria simplesmente lamentava pelo pai dele, o comandante Marescotti, homem universalmente admirado. Fosse pela intervenção divina, após uma profanação tão flagrante, fosse pela simples exigência da política humana, o jovem Romeo Marescotti, na cabeça de quase todos, não teria como sobreviver ao Palio.

*É só um arranhão. Mas é o bastante.
O meu pajem! Menino, quero um médico!*

Não me afastar do Museu da Coruja, eu me sentia dilacerada. Por um lado, era um alívio que o *cencio* e a adaga de Romeo estivessem agora no cofre de Peppo; por outro, eu lamentava ter aberto mão deles tão depressa. E se minha mãe quisesse que eu os usasse para determinado fim? E se, de algum modo, eles guardassem uma pista da localização do túmulo de Julieta?

Em todo o trajeto de volta ao hotel, resisti à ânsia de retornar ao museu e reclamar meus tesouros. Fui bem-sucedida nisso sobretudo por saber que a satisfação de pegá-los de volta logo seria toldada pelo medo do que lhes poderia acontecer em seguida. Quem poderia garantir que eles estariam mais seguros no cofre do *direttore* Rossini que no de Peppo? Afinal, o bandido sabia onde eu estava hospedada – de que outro modo poderia ter invadido meu quarto? – e, mais cedo ou mais tarde, descobriria onde eu guardava minhas coisas.

Acho que parei no meio da rua. Até aquele momento não me ocorrera que voltar ao hotel era a coisa menos inteligente que eu poderia fazer, independentemente de já não estar de posse dos objetos. Sem dúvida, era exatamente isso que o bandido esperava que eu fizesse. E, depois do nosso joguinho de esconde-esconde no arquivo da universidade, era provável que ele não estivesse num humor particularmente generoso.

Claro, eu teria que trocar de hotel e isso teria de ser feito de modo que minha pista se perdesse. Ou quem sabe, na verdade, essa fosse a minha deixa para pular no próximo avião para a Virgínia.

Não. Eu não podia desistir. Não agora que finalmente estava chegando a algum lugar. Eu mudaria de hotel, talvez nessa noite, depois de escurecer. E me tornaria invisível, esperta, engenhosa. Dessa vez, Julieta ia botar pra quebrar.

Havia uma delegacia de polícia na mesma rua do Hotel Chiusarelli. Passei algum tempo do lado de fora, vendo os policiais irem e virem e me perguntando se aquela seria uma medida muito esperta – deixar que os homens da lei locais me conhecessem e correr o risco de que descobrissem minha dupla identidade. Acabei concluindo que não era. Com base em minhas experiências em Roma e Copenhague, eu sabia que os policiais eram iguazinhos aos jornalistas: escutavam a nossa história, é claro, mas preferiam criar a deles.

E assim, voltei para o centro da cidade, virando-me a cada 10 passos para ver se estava sendo seguida e me perguntando exatamente qual deveria ser minha estratégia dali em diante. Cheguei até a entrar no banco do Palazzo Tolomei, para ver se o presidente Maconi teria tempo para me receber e me dar uns conselhos. Infelizmente, isso não foi possível, mas a funcionária da caixa que usava óculos estreitos – já então minha melhor amiga – assegurou-me que ele ficaria mais do que satisfeito

em me receber quando voltasse das férias no lago de Como, dali a 10 dias.

DESDE QUE CHEGARA a Siena, eu havia passado várias vezes pela intimidante entrada principal do Monte dei Paschi. Tinha sempre acelerado o passo para seguir despercebida pela frente dessa fortaleza dos Salimbeni e chegava até a baixar a cabeça, sem saber se o escritório do chefe da segurança ficava de frente para o Corso ou dava para outra rua.

Mas esse era um dia diferente. Era o dia de eu pegar o touro à unha e lhe dar uma boa chacoalhada. Assim, dirigi-me à majestosa porta gótica e entrei, certificando-me de que as câmeras de segurança fizessem um bom registro de minha nova postura.

Para um prédio que tinha sido incendiado por famílias rivais – uma delas a minha –, demolido pela população furiosa, reconstruído pelos donos várias vezes, confiscado pelo governo e, por fim, renascido como uma instituição financeira no ano de 1472, o que fazia dele o mais antigo banco a sobreviver no mundo, o Palazzo Salimbeni era um lugar admiravelmente sossegado. A decoração do interior mesclava o medieval e o moderno de um modo que dava sentido a ambos e, quando me encaminhei à área da recepção, o abismo temporal entre o presente e o passado fechou-se imperceptivelmente ao meu redor.

O recepcionista estava ao telefone, mas pôs a mão no bocal para me perguntar, primeiro em italiano, depois em inglês, com quem eu queria falar. Quando lhe informei que era amiga pessoal do chefe da segurança e tinha um assunto urgente a tratar com ele, o homem sorriu e disse que eu encontraria o que estava procurando no porão.

Agradavelmente surpresa por ele me deixar entrar assim, sem ser acompanhada nem anunciada, comecei a descer a escadaria com deliberada indiferença, enquanto uma fileira de ratinhos sapateadores dançava dentro da minha caixa torácica. Eles tinham ficado estranhamente quietos quando eu fugira do bandido de abrigo, mais cedo, porém ali sapateavam à toda, só porque eu ia ver Alessandro.

Depois de deixá-lo no restaurante na noite anterior, eu não alimentava, com toda a sinceridade, o menor desejo de um dia voltar a vê-lo. E tinha certeza de que esse sentimento era recíproco. Mas ali estava eu, seguindo diretamente para sua toca, sem outra razão a não ser o instinto. Janice costumava dizer que o instinto era a razão apressada; eu não tinha tanta certeza quanto à parte da razão. Minha razão me dizia ser altamente provável que Alessandro e os Salimbeni estivessem envolvidos em tudo de desagradável que vinha me acontecendo nos últimos tempos, mas a intuição me dizia que eu podia contar com ele, nem que fosse para me dizer quanto antipatizava comigo.

Conforme descia para o porão, o ar foi ficando consideravelmente mais frio e alguns vestígios da estrutura do prédio original começaram a aparecer, as paredes tornando-se ásperas e desgastadas a meu redor. Na Idade Média, aquelas fundações haviam sustentado uma torre alta, talvez tão alta quanto a Torre del Mangia, na praça do Campo. A cidade inteira tinha sido repleta dessas torres familiares, que haviam servido de fortificações em épocas tumultuadas.

Na base da escada, um corredor estreito desaparecia na escuridão e portas revestidas de ferro de ambos os lados davam a impressão de que o lugar era um calabouço. Eu começava a temer que houvesse virado para o lado errado em algum ponto do caminho, quando houve uma explosão repentina de vozes e vivas, saindo de uma porta entreaberta.

Cheguei perto dela com certa apreensão. Estivesse Alessandro ali embaixo ou não, haveria muitas explicações a dar e a lógica nunca fora meu melhor trunfo. Dei uma espiada para dentro e vi uma mesa cheia de objetos de metal e sanduíches parcialmente comidos, uma parede cheia de fuzis e três homens de camiseta e calças de uniforme, entre eles Alessandro, parados diante da tela de uma pequena TV. Primeiro achei que estivessem observando o material de uma câmera de segurança em algum local do prédio, mas, quando de repente todos geraram e puseram as mãos na cabeça, percebi que estavam assistindo a um jogo de futebol.

Quando ninguém reagiu a minha batida inicial, cruzei a porta – só um pouquinho – e pigarreei. Então, Alessandro finalmente virou a cabeça para ver quem tinha o desplante de interromper o jogo e, ao dar de cara comigo parada ali, tentando sorrir, fez uma expressão de quem tivesse sido atingido na cabeça por uma frigideira.

– Desculpe incomodar – falei, fazendo um grande esforço para não parecer um bândi de pernas de pau, embora me sentisse exatamente assim –, será que você tem um minuto?

Segundos depois, os outros dois homens tinham saído da sala, pegando as armas e os paletós do uniforme na passagem e segurando na boca os sanduíches meio comidos.

– Pois então – disse Alessandro, desligando a televisão e jogando o controle remoto de lado –, satisfaça minha curiosidade.

Claramente, ele não achava que eu precisasse do resto da frase. Seu jeito de me olhar sugeriu que, a despeito de eu pertencer ao lado criminoso da sociedade, ele sentia um prazer secreto em me ver.

Sentei-me numa cadeira vazia, olhando para as armas pesadas nas paredes.

– Este é o seu escritório?

– É – disse ele, puxando as alças frouxas dos suspensórios para os ombros e se sentando do outro lado da mesa. – É aqui que interrogamos as pessoas. Principalmente americanos. Antigamente era uma câmara de tortura.

O ar de desafio em seus olhos quase me fez esquecer meu mal-estar geral e a razão de eu estar ali.

– Combina com você.

– Achei que sim. – Ele apoiou uma das botas pesadas na lateral da mesa e se inclinou para trás, para se encostar na parede. – Muito bem, estou ouvindo. Você deve ter uma ótima razão para estar aqui.

– Eu não chamaria exatamente de razão – retruquei, desviando os olhos, enquanto tentava em vão me lembrar da história oficial que havia ensaiado enquanto descia a escada. – Você obviamente acha que sou uma vigarista...

– Já vi piores.

– ... e eu não fiz propriamente uma inscrição no seu fã-clube.

Ele deu um sorriso irônico:

– Mesmo assim está aqui.

Cruzei os braços, sufocando uma risada nervosa.

– Sei que você não acredita que eu seja Giulietta Tolomei e, quer mesmo saber? Não me importo. Mas o resumo da história é que... – engoli em seco para firmar a voz – há alguém tentando me matar.

– Quer dizer, além de você mesma?

Seu sarcasmo me ajudou a recuperar o controle:

– Tem um cara me seguindo – informei em tom brusco. – Um sujeito execrável. De abrigo. Um perfeito mau-caráter. Calculei que devia ser seu amigo.

Alessandro não pestanejou.

– E o que você quer que eu faça?

– Não sei... – Busquei uma centelha de compaixão em seu olhar. – Que me ajude, talvez?

Houve, sim, uma centelha, mas foi basicamente de triunfo:

– E você pode me lembrar por que eu deveria fazer isso?

– Ei! – exclamei, sinceramente perturbada com sua atitude. – Eu sou... uma donzela em perigo!

– E eu sou quem, o Zorro?

Engoli um gemido de aflição, furiosa comigo mesma por ter achado que ele se importaria.

– Achei que os homens italianos fossem suscetíveis aos encantos femininos.

Alessandro considerou a ideia.

– E somos. Quando os encontramos.

– Está certo – respondi, sufocando minha fúria. – Você quer que eu vá para o Inferno e eu vou.

Vou voltar para os Estados Unidos e nunca mais incomodarei você nem a sua fada madrinha. Mas primeiro quero descobrir quem é esse cara e quero que alguém dê um jeito nele.

– E esse alguém sou eu?

Fuzilei-o com os olhos.

– Talvez não. Apenas presumi que alguém como você não gostaria de ter alguém como ele circulando à solta na sua preciosa Siena. Mas... – fiz um movimento para me levantar – vejo que entendi tudo errado a seu respeito.

Nesse momento, Alessandro enfim inclinou o corpo para a frente, com falsa preocupação, e pôs os cotovelos na mesa:

– Muito bem, Srta. Tolomei, diga-me por que acha que alguém está tentando matá-la.

Não importava eu não ter outro lugar para ir; teria saído de lá no mesmo instante, não fosse o fato de ele finalmente ter me chamado de *Srta. Tolomei*.

– Bem... – Eu me mexi sem jeito na beirada do assento. – Que tal isto: ele me seguiu pelas ruas, invadiu meu quarto no hotel e, hoje de manhã, veio atrás de mim armado...

– Isso não significa que pretenda matá-la – disse Alessandro, exibindo uma grande dose de paciência. Parou para estudar meu rosto e franziu o cenho: – Como você espera que eu a ajude se não me diz a verdade?

– Mas estou dizendo! Eu juro!

Tentei pensar em outra maneira de convencê-lo, mas tive o olhar atraído pelas tatuagens em seu antebraço direito e meu cérebro ficou ocupado em processar esse impulso. Aquele não era o Alessandro que eu havia esperado encontrar ao entrar no Palazzo Salimbeni. O Alessandro que eu conhecia era educado e sutil, se não francamente quadrado, e com certeza não tinha uma libélula, ou que diabo fosse aquilo, tatuada no pulso.

Se ele adivinhou meus pensamentos, não o demonstrou:

– Não é toda a verdade. Faltam muitas peças no quebra-cabeça.

Levantei-me de súbito:

– O que o leva a crer que exista um quadro mais completo?

– Há sempre um quadro completo. Portanto, diga-me atrás do que esse homem está.

Respirei fundo, com plena consciência de que havia me colocado naquela situação e que cabia dar uma explicação melhor.

– Está bem – acabei admitindo. – Acho que ele está atrás de uma coisa que minha mãe deixou para mim. Uma herança de família que meus pais encontraram anos atrás e que ela queria que ficasse comigo. Por isso, escondeu-a num lugar em que só eu pudesse encontrá-la. Por quê? Porque, goste você ou não, eu sou Giulietta Tolomei.

Olhei-o com ar desafiador e o vi estudando meu rosto com algo semelhante a um sorriso:

– E já encontrou a herança?

– Acho que não. Ainda não. Só encontrei uma caixa enferrujada cheia de papéis, uma velha... bandeira e uma espécie de adaga e, para ser bem sincera, não vejo...

– *Aspetta!* – exclamou Alessandro, levantando uma das mãos para que eu fosse mais devagar. – Que tipo de papéis, que tipo de bandeira?

– Histórias, cartas. Umas bobagens. Nem me deixe começar. E a tal bandeira, ao que parece, é um *cencio* de 1340. Encontrei-a embrulhando uma adaga parecida com essa aí, numa gaveta...

– Espere! Você está me dizendo que encontrou o *cencio* de 1340?

Fiquei surpresa ao vê-lo reagir à notícia com ainda mais intensidade do que meu primo Peppo.

– Sim, acho que sim. Aparentemente, ele é muito especial. E a adaga...

– Onde ele está?

– Em local seguro. Deixei-o no Museu da Coruja. – Ao ver que Alessandro não entendia, acrescentei: – Meu primo, Peppo Tolomei, é o curador. Disse que cuidaria dele para mim.

Alessandro soltou um gemido e passou as duas mãos no cabelo.

– O que é? – perguntei. – Não foi uma boa ideia?

– Merda! – Ele se levantou, abriu uma gaveta da qual tirou um revólver e o enfiou no coldre preso a seu cinto. – Ande, vamos embora!

– Espere! O que está havendo? – perguntei, levantando-me com relutância. – Você não está sugerindo que visitemos meu primo com esse... revólver, está?

– Não, não é uma sugestão. Venha!

Enquanto seguíamos apressados pelo corredor, ele deu uma olhada para meus pés:

– Você consegue correr com isso?

– Escute – retruquei, esforçando-me para acompanhá-lo –, só quero deixar uma coisa absolutamente clara: não acredito em armas. Só quero paz. Está bem?

Alessandro parou no meio do corredor, pegou o revólver e fechou minha mão em volta dele antes que eu me desse conta do que estava fazendo.

– Está sentindo isso? É uma arma. Ela existe. E há uma porção de gente por aí que *acredita* nelas. Por isso, me dê licença para cuidar dessa gente, para que você possa ter a sua paz.

SAÍMOS DO BANCO por uma entrada nos fundos e corremos por toda uma rua aberta ao trânsito de veículos. Não era o caminho que eu conhecia, mas realmente nos levou direto à Piazzetta del Castellare. Alessandro empunhou o revólver ao nos aproximarmos da porta do Museu da Coruja, mas fingi não notar.

– Fique atrás de mim e, se as coisas derem errado, deite no chão e cubra a cabeça – instruiu. Sem

esperar por minha resposta, levou um dedo aos lábios e abriu a porta devagar.

Obedientemente, entrei no museu alguns passos atrás dele. Para mim, não havia dúvida de que sua reação era exagerada, mas eu pretendia deixá-lo chegar a essa conclusão sozinho. De qualquer modo, o prédio todo estava em completo silêncio e não havia sinal de atividades criminosas. Atravessamos diversos aposentos, revólver à frente, mas acabei parando.

– Está bem, escute... – comecei, mas no mesmo instante Alessandro pôs a mão em minha boca para me fazer calar e então, parados ali, ambos tensos, também ouvi: era o som de alguém gemendo.

Atravessando mais depressa as salas restantes, em pouco tempo nos aproximamos do som e, quando Alessandro se certificou de que não era uma cilada, entramos correndo e encontramos Peppo caído no chão de seu escritório, machucado mas vivo.

– Ah, Peppo! – exclamei, tentando ajudá-lo. – Você está bem?

– Não! – gritou ele. – É claro que não estou bem! Acho que caí. Não consigo mexer a perna.

– Espere aí... – Olhei em volta, para ver onde ele deixara a bengala e foi então que pousei os olhos num cofre no canto, aberto e vazio. – Você viu o homem que fez isso?

– Que homem? – Peppo tentou se sentar, mas se contraiu de dor. – Ai, minha cabeça! Preciso dos meus comprimidos. *Salvatore!* Oh, não, espere. Hoje é folga do Salvatore... Que dia é hoje?

– *Non ti muovere!* – disse Alessandro, que se ajoelhou e examinou a perna de Peppo. – Acho que ele está com a tibia quebrada. Vou chamar uma ambulância.

– Não, espere! – gritou Peppo, que obviamente não queria uma ambulância. – Eu só ia fechar o cofre. Está me ouvindo? Preciso fechar o cofre.

– Depois nos preocuparemos com o cofre – interpus.

– A adaga... ela está na sala de reuniões. Eu estava fazendo uma consulta sobre ela num livro. Também tem que ir para o cofre. Ela é maléfica!

Alessandro e eu nos entreolhamos. Não era hora de dizer a Peppo que era tarde demais para fechar o cofre. É claro que o *cencio* havia sumido, assim como todos os outros tesouros que meu primo estivera guardando. Mas talvez o ladrão não houvesse notado a adaga. Assim, levantei-me e fui até a sala de reuniões e, de fato, lá estava a adaga de Romeo, bem em cima da mesa, ao lado de um guia de armas medievais para colecionadores.

Com a adaga firme na mão, voltei ao escritório de Peppo, no instante em que Alessandro chamava a ambulância.

– Ah, sim – disse meu primo, ao ver a adaga –, aí está ela. Coloque-a no cofre, depressa. Ela dá azar. Veja o que aconteceu comigo. O livro diz que ela traz o espírito do demônio.

PEPPO HAVIA SOFRIDO uma pequena concussão e estava com um osso quebrado, mas a médica insistiu em mantê-lo no hospital até o dia seguinte, ligado a vários aparelhos, só para garantir. Infelizmente, ela também insistiu em lhe contar exatamente o que lhe havia acontecido.

– Ela está dizendo que alguém o atingiu com uma pancada na cabeça e roubou tudo o que havia no cofre – sussurrou Alessandro para mim, traduzindo a conversa animada entre a médica e seu paciente ranzinza. – E *ele* está dizendo que quer falar com o médico de verdade e que ninguém o acertaria na cabeça em seu próprio museu.

- Giulietta! – exclamou Peppo, quando finalmente conseguiu expulsar a médica. – O que você acha disso? Aquele enfermeira disse que alguém invadiu o museu!

- Receio que seja verdade – confirmei, segurando a mão dele. – Eu sinto muitíssimo! Tudo isso é culpa minha. Se eu não tivesse...

- E quem é aquele ali? – perguntou Peppo, olhando desconfiado para Alessandro. – Ele está aqui para escrever uma reportagem? Diga-lhe que não vi nada.

- Aquele é o capitão Santini – expliquei –, foi ele que o salvou. Se não fosse por ele, você ainda estaria... sentindo muita dor.

- Humm. – Peppo ainda não estava disposto a abrir mão do humor beligerante. – Já o vi antes. É um dos Salimbeni. Eu não lhe disse para ficar longe dessa gente?

- Psssiu! Por favor! – Tentei silenciá-lo da melhor maneira que pude, mas sabia que Alessandro tinha escutado cada palavra. – Você precisa descansar.

- Não, não preciso! Preciso é falar com o Salvatore. Temos que descobrir quem fez isso. Havia muitos tesouros naquele cofre.

- Desconfio que o ladrão estava atrás do *cencio* e da adaga – falei. – Se eu não os tivesse levado para você, nada disso teria acontecido.

Peppo fez um ar perplexo.

- Mas quem haveria... Oh! – exclamou, com o olhar estranhamente distante, fitando um passado nebuloso. – É claro! Por que não pensei nisso antes? Mas será que ele realmente faria isso?

- De quem você está falando? – perguntei, apertando sua mão e tentando fazê-lo continuar concentrado. – Você sabe quem lhe fez isso?

Peppo segurou meu pulso e me olhou com uma intensidade febril:

- Ele sempre disse que ele voltaria. Patrizio, seu pai. Sempre disse que um dia Romeo retornaria e pegaria tudo de volta... sua vida... seu amor... tudo o que tiramos dele.

- Peppo – falei, afagando seu braço –, acho que você deve tentar dormir.

Pelo canto do olho, vi Alessandro avaliando o peso da adaga de Romeo, o cenho carregado, como se intuisse seus poderes ocultos.

- Romeo – continuou Peppo, agora mais sonolento, à medida que o sedativo finalmente começava a fazer efeito. – Romeo Marescotti. Bem, não se pode ser fantasma para sempre. Talvez essa seja a vingança dele. Contra todos nós. Pelo modo como tratamos a mãe dele. Ele era... como é que vocês dizem... *un figlio illegittimo*?... *Capitano*?

- Ilegítimo, nascido fora do casamento – disse Alessandro, finalmente entrando na conversa.

- Si, si! – Peppo balançou a cabeça. – Nascido fora do casamento! Foi um grande escândalo! Ah, ela era uma moça tão linda... E aí ele pôs os dois na rua...

- Quem? – perguntei.

- Marescotti. O avô. Era um homem muito antiquado. Mas bonitão. Ainda me lembro da *comparsa* de 1965... foi a primeira vitória do Aceto, você sabe... Ah, o Topolone, que belo cavalo! Já não se fazem cavalos assim... Naquela época, eles não torciam o tornozelo e eram desclassificados e não precisávamos de toda sorte de veterinários e prefeitos para nos dizerem que não podíamos correr... bah! – Balançou a cabeça, enojado.

- Peppo – chamei-o, dando um tapinha em sua mão. – Você estava falando dos Marescotti. De Romeo, lembra?

– Ah, sim! Diziam que o menino tinha mãos azaradas. Tudo que ele tocava... quebrava. Os cavalos perdiam. Gente morria. É o que diziam. Porque ele tinha recebido o mesmo nome de Romeu, entende? Vinha daquela linhagem. É uma coisa que está no sangue... *encrenca*. Tudo tinha que ser vovô e barulhento, ele não conseguia ficar sossegado. Sempre as motonetas, sempre as motocicletas...

– Você o conheceu?

– Não, só o que as pessoas diziam. Eles nunca mais voltaram. Ele e a mãe. Ninguém jamais tornou a vê-los. Dizem que ele cresceu levando uma vida desregrada em Roma e que virou criminoso e andou matando gente. Dizem... dizem que morreu. Em Nassiriyah. Com outro nome.

Virei-me para olhar para Alessandro e seus olhos encontraram os meus, com uma expressão inusitadamente sombria.

– Onde fica Nassiriyah? – sussurrei. – Você sabe?

Por alguma razão, minha pergunta o irritou, mas não teve tempo de responder antes que Peppo desse um suspiro profundo e continuasse:

– Na minha opinião, é só uma lenda. As pessoas gostam de lendas. E de tragédias. E conspirações. Aqui é muito sossegado no inverno.

– Quer dizer que você não acredita?

Peppo tornou a suspirar, as pálpebras ficando pesadas:

– Como vou saber no que mais acreditar? Ah, por que não me mandam um médico?

Nesse exato momento, a porta se escancarou e toda a família Tolomei inundou o quarto, para cercar de gemidos e lamentos seu herói prostrado. Era óbvio que a médica lhes dera uma ideia geral da situação, pois Pia, a mulher de Peppo, lançou-me um olhar de desdém enquanto me empurrava para o lado, tomando meu lugar junto a seu marido, e ninguém expressou nada que pudesse ser interpretado como gratidão. Para completar minha humilhação, a velha Nonna Tolomei entrou cambaleando pela porta, no exato momento em que eu estudava minha rota de fuga e em sua mente não houve a menor dúvida de que o criminoso em todo esse episódio não fora o ladrão, e sim eu.

– *Tu!* – rosnou ela, apontando um dedo acusador para meu coração. – *Bastarda!*

Disse muito mais que isso, só que não entendi. Paralisada por sua fúria como um cervo ante a aproximação de um trem, apenas fiquei ali, incapaz de me mexer, até que Alessandro, farto da diversão familiar, segurou-me pelo cotovelo e me puxou pela porta para um local seguro.

– Ufa! – exclamei. – Aquilo é que é uma senhora zangada. Você acredita que é minha tia? O que ela disse?

– Deixe pra lá – respondeu Alessandro, andando pelo corredor do hospital com a expressão de quem gostaria de ter uma granada.

– Ela chamou você de Salimbeni! – comentei, orgulhosa por ter compreendido ao menos isso.

– Chamou, sim. E não foi um elogio.

– Do que ela me chamou? Isso não consegui entender.

– Não tem importância.

– Tem, sim – rebati, parando do meio do corredor. – Do que ela me chamou?

Alessandro fitou-me com olhos subitamente ternos:

– Ela disse “filha bastarda. Você não é uma de nós”.

– Ah. – Fiz uma pausa para engolir as palavras. – Acho que ninguém acredita que eu seja realmente Giulietta Tolomei. Talvez eu mereça isso. Talvez esse seja um tipo especial de inferno

reservado para gente como eu.

– Eu acredito em você.

Olhei para ele surpresa.

– É mesmo? Essa é novidade. Quando foi que isso aconteceu?

Ele deu de ombros e recomeçou a andar:

– Quando eu a vi parada à minha porta.

Eu não soube como reagir a essa bondade repentina e por isso percorremos o resto do caminho em silêncio, descendo a escada e saindo pela porta de entrada do hospital, até emergir naquela luz suave e dourada que marca o fim do dia e o começo de algo muito menos previsível.

– E então, Giulietta – disse Alessandro, virando-se para mim –, mais alguma coisa que eu deva saber?

– Bem – respondi, espremendo os olhos para a luz –, há também um cara de motocicleta...

– Santa Maria!

– Mas ele é diferente. Ele só... fica me seguindo por aí. Não sei o que ele quer...

Alessandro revirou os olhos:

– Não sabe o que ele quer! Quer que eu lhe diga o que ele quer?

– Não, tudo bem – respondi, ajustando o vestido. – Não é problema, na verdade. Mas esse outro cara, o de abrigo, ele arrombou meu quarto no hotel. E por isso... acho que talvez eu deva mudar de hotel.

– Você *acha*? – Alessandro não parecia impressionado. – O negócio é o seguinte: a primeira coisa que vamos fazer é ir à polícia...

– Não, à polícia não!

– Eles são os únicos que podem dizer quem fez aquilo com Peppo. No Monte dei Paschi não tenho acesso aos registros criminais. Não se preocupe, irei com você. Conheço aqueles caras.

– Sei, até parece! – exclamei, só faltando cutucar o peito dele com o indicador. – Essa é só uma forma ardilosa de me fazer ir para a cadeia.

Ele estendeu as duas mãos:

– Se eu a quisesse na cadeia, realmente não precisaria ser muito ardiloso, não é?

– Ei, olhe aqui! – disse, empertigando-me o máximo que pude. – Continuo não gostando dos seus joguinhos de poder!

Minha postura o fez sorrir:

– Então, por que continua jogando?

A CENTRAL DE polícia de Siena era um lugar muito tranquilo. Às dez para as sete de algum dia no passado, o relógio da parede tinha ficado sem bateria e, sentada ali naquela tarde, percorrendo obedientemente página após página de rostos digitalizados de bandidos, eu mesma comecei a me sentir assim. Quanto mais olhava para os rostos na tela do computador, mais me dava conta de que, para ser sincera, não fazia ideia de qual seria a aparência de meu perseguidor visto de perto. Na primeira vez que eu vira o cretino, ele usava óculos escuros. Na segunda, estava escuro demais para se enxergar grande coisa. E, na terceira, nessa mesma tarde, eu estivera concentrada demais no revólver que ele empunhava para me deter nos detalhes de seu rosto.

– Desculpe-me – pedi, virando-me para Alessandro, muito pacientemente sentado a meu lado, com os cotovelos nos joelhos, à espera de meu momento heureka –, mas não reconheço ninguém. – Dei um sorriso sem graça para a policial encarregada do computador, sabendo muito bem que eu estava desperdiçando o tempo de todo mundo. – *Mi dispiace*.

– Tudo bem – disse ela, sorrindo por eu ser da família Tolomei –, não vai demorar muito para identificarmos as impressões digitais.

A primeira coisa que Alessandro fizera ao chegarmos à delegacia foi comunicar o arrombamento do Museu da Coruja. Duas radiopatrulhas tinham sido imediatamente despachadas para lá, com quatro policiais animadíssimos por terem nas mãos um caso real de crime. Se o bandido tivesse feito a burrice de deixar qualquer vestígio no museu, sobretudo impressões digitais, seria apenas uma questão de tempo sabermos quem ele era, desde que já tivesse sido preso antes, é claro.

– Enquanto esperamos, você acha que deveríamos investigar Romeo Marescotti? – perguntei.

Alessandro franziu o cenho:

– Você acredita mesmo no que Peppo disse?

– Por que não? Talvez seja ele. Talvez tenha sido ele o tempo todo.

– De abrigo? Acho que não.

– Por que não? Você o conhece?

Alessandro respirou fundo:

– Sim, e ele não está nesse computador. Já procurei.

Fitei-o, admirada demais para falar. Antes que eu pudesse fazer qualquer pergunta, dois policiais entraram na sala, um deles carregando um laptop, que colocou na minha frente. Nenhum dos dois falava inglês, então Alessandro teve que traduzir o que eles me diziam:

– Eles encontraram uma impressão digital no museu e querem que você examine umas fotografias, para ver se reconhece alguém.

Virei-me para a tela. Nela se alinhavam cinco rostos masculinos, todos me olhando com uma mescla de apatia e repulsa. Passado um momento, falei:

– Não tenho 100 por cento de certeza, mas, se vocês querem saber qual deles se parece mais com o sujeito que me seguiu, é o número quatro.

Após uma conversa rápida com os policiais, Alessandro balançou a cabeça:

– Foi esse o homem que invadiu o museu. Agora eles querem saber *por que* ele fez isso e por que anda seguindo você.

– Que tal me dizerem quem ele é? – sugeri, correndo os olhos pelos rostos sérios. – É alguma espécie de... assassino?

– O nome dele é Bruno Carrera. Esteve envolvido com o crime organizado no passado e ligado a umas pessoas muito ruins. Andou sumido por uns tempos, mas agora... – Alessandro gesticulou com a cabeça para a tela – está de volta.

Tornei a olhar para a foto. Decididamente, Bruno Carrera já havia passado do seu apogeu. Era estranho que interrompesse sua aposentadoria para furtar um pedaço velho de seda, sem o menor valor comercial.

– Só por curiosidade – falei sem pensar –, ele já teve alguma ligação com um homem chamado Luciano Salimbeni?

Os policiais se entreolharam.

– Perfeito – murmurou Alessandro, querendo dizer exatamente o inverso. – Achei que você não quisesse responder a nenhuma pergunta.

Levantei os olhos e vi os policiais me examinando com um interesse renovado. Ficou claro que se perguntavam exatamente o que eu fazia em Siena e quantas informações cruciais ainda teria a revelar sobre a invasão do museu.

– *La signorina conosce Luciano Salimbeni?* – perguntou um deles a Alessandro.

– Diga-lhes que meu primo Peppo me falou de Luciano Salimbeni – pedi. – Ele parece ter estado atrás de algumas de nossas relíquias de família há uns 20 anos. Isso pelo menos é verdade.

Alessandro expôs a situação da melhor maneira que pôde, mas os policiais não ficaram satisfeitos e continuaram a pedir mais detalhes. Foi uma curiosa disputa de poder, porque era óbvio que o respeitavam muito, mas havia algo em mim e em minha história que não fazia sentido. A certa altura, os dois saíram da sala e me voltei para Alessandro, confusa:

– É só isso? Podemos ir embora?

– Você acha mesmo – disse ele, cansado – que vão deixá-la sair, antes de você explicar por que sua família está envolvida com um dos criminosos mais procurados da Itália?

– *Está envolvida?* Eu só disse que Peppo desconfiava...

– Giulietta – interrompeu Alessandro, inclinando-se para mim, sem querer que ninguém mais nos ouvisse –, por que você não me falou disso tudo?

Antes que eu pudesse responder, os policiais voltaram com uma cópia impressa da ficha de Bruno Carrera e pediram que Alessandro me fizesse perguntas sobre uma passagem específica.

– Você parece ter razão – comentou ele, examinando rapidamente o texto. – Bruno andou prestando alguns serviços para Luciano Salimbeni. Foi detido uma vez e contou uma história sobre uma estátua de olhos de ouro... – Ele fez uma pausa e me olhou, tentando avaliar minha franqueza. – Você sabe alguma coisa sobre isso?

Mesmo abalada pelo fato de a polícia saber da estátua de ouro, apesar de suas informações não serem corretas, consegui balançar a cabeça vigorosamente:

– Não faço ideia.

Durante alguns segundos, nossos olhos travaram uma batalha silenciosa, mas não dei o braço a torcer. Ele acabou voltando a olhar para o texto impresso:

– Parece que Luciano também esteve envolvido na morte de seus pais, pouco antes de desaparecer.

– Desaparecer? Pensei que ele tivesse morrido.

Alessandro nem olhou para mim.

– Cuidado. Não vou perguntar quem lhe disse isso. Será que estou certo em presumir que você não intenciona dizer a esses policiais nada além do que já disse? – Ele me olhou para confirmar o que tinha dito e depois prosseguiu: – Nesse caso, sugiro que comece a parecer traumatizada, para podermos sair daqui. Eles já perguntaram duas vezes pelo número da sua identidade na previdência social.

– Só para não esquecermos – retruquei entre dentes –, foi você quem me arrastou para cá!

– E agora a estou arrastando para fora – disse ele, passando um braço em volta de mim e afagando meu cabelo, como se eu precisasse de consolo. – Não se preocupe com Peppo. Ele vai ficar bem.

Entrando no jogo, encostei a cabeça em seu ombro e dei um suspiro profundo e choroso, que pareceu quase autêntico. Ao ver meu abalo emocional, os policiais finalmente recuaram e nos

deixaram em paz e, cinco minutos depois, saímos juntos da delegacia.

– Belo trabalho – comentou Alessandro, assim que ficamos fora do alcance dos ouvidos deles.

– Você também. Mas... decididamente, esse não foi o meu dia, portanto, não espere uma queima de fogos.

Ele parou para me olhar, com uma ruguinha na testa:

– Pelo menos agora você sabe o nome do homem que a seguiu. Não era isso que queria quando foi me procurar hoje à tarde?

O mundo tinha escurecido enquanto estávamos na delegacia, mas o ar continuava cálido e os postes de rua derramavam sobre tudo uma luz suave e amarelada. Não fossem as Vespas que passavam chispando por nós em todas as direções, a *piazza* inteira pareceria um cenário de ópera.

– O que quer dizer *ragazza*? – perguntei. – É uma coisa feia?

Alessandro enfiou as mãos nos bolsos e começou a andar:

– Calculei que, se lhes dissesse que você é minha namorada, eles parariam de perguntar pela sua identidade na previdência social e pelo seu telefone.

Dei uma risada:

– E eles não perguntaram que diabo Julieta estava fazendo saindo com um Salimbeni?

Alessandro sorriu, mas notei que minha pergunta o havia aborrecido:

– Receio que não ensinem Shakespeare na Academia de Polícia daqui.

Andamos um pouco em silêncio, sem nenhum destino em particular. Seria um momento natural para nos despedirmos, mas eu não sentia vontade de me despedir. Sem falar no fato de que era bem possível que Bruno Carrera estivesse à minha espera quando eu voltasse para meu quarto no hotel, ficar perto de Alessandro me parecia a coisa mais natural a fazer.

– Será que esta é uma boa hora para eu lhe agradecer? – perguntei.

– Agora? – disse ele, consultando o relógio. – *Assolutamente si*. É a hora certa.

– Que tal jantarmos? Por minha conta?

Minha proposta o divertiu:

– É claro. A não ser que você prefira ficar na sacada, à espera de Romeu.

– Alguém entrou no meu quarto pela sacada, lembra?

– Entendo. – Ele apertou um pouco os olhos. – Você quer que eu a proteja.

Abri a boca para retrucar de forma atrevida, mas vi que não queria fazê-lo. A verdade era que, depois de tudo o que havia acontecido e com tudo o que ainda poderia acontecer, não havia nada que me agradasse mais do que ter Alessandro – com seu revólver – ao alcance da mão enquanto eu ficasse em Siena.

– Bem – falei, engolindo o orgulho –, acho que eu não me oporia a que você me protegesse.

*Mas amante pede asas a Cupido
Pra voar muito acima disso tudo.*

S

Era o dia do Palio e a população de Siena flutuava alegremente num mar de canções. Cada rua estava transformada num rio, cada *piazza*, num remoinho de êxtase religioso e os que eram levados pela correnteza agitavam incessantemente suas bandeiras e faixas para conseguirem elevar-se das águas rasas e montar nas cristas escorregadias da sorte, erguendo as mãos para sua mãe celestial, a fim de sentirem seu meigo toque.

Fazia muito que aquela onda de humanidade devota havia rompido as comportas da cidade e espirrado pela zona rural até Fontebecci, uns três quilômetros ao norte da Porta Camollia. Ali, um oscilante mar de cabeças observava atentamente os 15 cavaleiros do Palio emergirem de suas barracas, em traje completo de batalha, dispostos a honrar a Virgem recém-coroada com uma arrojada exibição de virilidade.

Maestro Ambrogio levava quase a manhã inteira para sair da cidade, abrindo caminho às cotoveladas pela multidão e, se conseguisse sentir menos culpa naquela história, teria desistido e dado meia-volta mil vezes, antes mesmo de chegar a meio caminho de Fontebecci. Mas não conseguia. Que infelicidade sentia o velho pintor nessa manhã! Quão terrivelmente equivocada fora sua intervenção na vida daqueles jovens! Se não se houvesse apressado tanto a ligar a beleza à beleza, em nome da simples beleza, Romeo nunca teria sabido que Giulietta estava viva e ela, por sua vez, nunca teria sido contaminada pela paixão do rapaz.

Que estranha a ideia de que o amor de um artista pela beleza pudesse transformá-lo com tanta facilidade num delinquente! Que crueldade da Fortuna dar uma lição a um velho à custa da felicidade de um jovem casal! Ou estaria ele enganado ao tentar explicar seu crime por meio de ideias elevadas? Na verdade, teria sido sua humanidade vil e nada mais que condenara os jovens enamorados desde o começo? Seria possível que ele houvesse transferido seu próprio frágil desejo para o corpo admirável de Romeo e que todas as suas esperanças de uma afortunada união dos jovens tivessem sido uma mera forma de ganhar acesso, vicariamente, à câmara nupcial de Giulietta Tolomei?

O *maestro* não costumava esmiuçar enigmas religiosos, a menos que eles fizessem parte de um quadro e houvesse um pagamento a receber, mas de repente lhe ocorreu que a ligeira náusea que

sentia, ao pensar em si mesmo como um velho marionetista lascivo, devia se aproximar um pouco do que Deus sentia a cada minuto, todos os dias. Isso se de fato Ele sentisse alguma coisa. Afinal, como um Ser divino, era totalmente concebível que a divindade fosse incompatível com a emoção. E, se Ele não a sentia, o *maestro* se apiedava sinceramente de Deus, porque a história da humanidade nada mais era do que uma longa história de lágrimas.

Com a Virgem Maria, a coisa era diferente. Ela fora um ser humano e compreendia o que era sofrer. Era aquela que sempre dava ouvidos a nossas aflições e se certificava de que Deus desferisse Seus raios na direção certa. Como a esposa encantadora de um homem poderoso, ela era aquela com quem convinha fazer amizade e a quem rogar, aquela que sabia como alcançar o divino coração do cônjuge. Era aquela a quem Siena entregara suas chaves, aquela que tinha uma afeição especial pelos sienenses e que os protegeria dos inimigos qual a mãe protege o filho pequeno que busca seus braços para fugir à tormenta dos irmãos.

O ar de apocalipse iminente do *maestro* não se refletia nos rostos das pessoas que ele ia empurrando, na tentativa de chegar a Fontebecci antes do início da corrida. Todos festejavam e ninguém tinha pressa de avançar; desde que a pessoa conseguisse um lugar ao longo da estrada, realmente não havia necessidade de percorrer todo o caminho até Fontebecci. Sem dúvida haveria muito que ver na área da largada, com todas as barracas, as muitas largadas queimadas e as famílias nobres cujos filhos participariam, mas, afinal, que espetáculo poderia valer mais a pena do que o estrondo de 15 corcéis aproximando-se a galope, carregando cavaleiros de armaduras reluzentes?

Quando enfim chegou, Maestro Ambrogio seguiu diretamente para as cores da águia dos Marescotti. Romeo já tinha saído da tenda amarela, cercado pelos homens da família, e havia entre eles uma notável escassez de sorrisos. Até o comandante Marescotti, conhecido por sempre ter uma palavra de incentivo para todos, mesmo nas situações mais desesperadoras, parecia um soldado que sabia que tinha caído numa cilada. Foi ele quem segurou pessoalmente o cavalo enquanto Romeo subia na sela e o único a falar diretamente ao filho:

– Não tenhas medo – o pintor o ouviu dizer, enquanto ajustava a placa da couraça que cobria o rosto do animal –, ele fica parado como um anjo, mas correrá como um demônio.

Romeo apenas balançou a cabeça, agitado demais para falar, e pegou a lança com a bandeira da águia que lhe foi entregue. Teria de carregá-la durante toda a corrida e, se a Virgem Maria fosse bondosa, ela seria justamente a bandeira a ser trocada pelo *cencio* na linha de chegada. Se, por outro lado, a Virgem estivesse de mau humor, ele seria o último cavaleiro a fincar sua bandeira em frente à catedral e, em troca, teria de pegar um porco como símbolo de sua vergonha.

No momento em que traziam o capacete, Romeo avistou Maestro Ambrogio e tão grande foi sua surpresa que o cavalo ficou nervoso sob seu corpo.

– *Maestro!* – exclamou, com compreensível azedume na voz. – Viestes pintar o quadro da minha queda? Eu vos garanto que será um espetáculo e tanto para os olhos de um artista.

– Tendes razão em escarnecer de mim – respondeu Maestro Ambrogio. – Eu vos dei um mapa que conduz diretamente à desgraça; agora, estou ansioso por desfazer os danos causados.

– Pois desfazei-os, velho! – disse Romeo. – Mas é melhor vos apressardes, porque vejo que a corda já está pronta.

– E assim farei, se me permitirdes falar sem rodeios.

– A fala sem rodeios é a única para a qual temos tempo – disse o comandante Marescotti. – Falai, então!

Maestro Ambrogio pigarreou. O discurso cuidadosamente ensaiado em que trabalhara a manhã inteira escapou-lhe por completo e ele mal se recordou da primeira linha. Mas a necessidade logo prevaleceu sobre a eloquência e ele cuspiu suas informações na ordem em que elas lhe ocorreram:

– Correis grande perigo! – começou. – Se não confiardes em mim...

– Nós confiamos! – gritou o comandante Marescotti. – Contai-nos os detalhes!

– Um de meus alunos, Hassan – continuou o pintor –, entreouvii uma conversa no Palazzo Salimbeni ontem à noite. Estava trabalhando num anjo no teto, um querubim, acredito...

– Ao diabo com o querubim! – rugiu o comandante Marescotti. – Dizei-nos o que Salimbeni planeja contra meu filho!

Maestro Ambrogio respirou fundo:

– Creio que o plano é este: não tentarão nada aqui em Fontebecci, pois há muitos olhos observando. Mas, a meio caminho da Porta Camollia, no ponto em que a estrada se alarga, o filho de Tolomei e mais alguém tentarão bloquear vosso caminho ou empurrar-vos para a vala. Se o filho de Salimbeni estiver muito à vossa frente, eles se contentarão em retardar-vos. Mas isso é apenas o começo. Ao entrardes na cidade, cuidado nas *contrade* controladas pelos Salimbeni. Ao passardes pelas casas nos bairros de Magione e Santo Stefano, se estiverdes entre os três primeiros cavaleiros, haverá pessoas nas torres atirando coisas sobre vós. Quando entrardes em San Donato e Sant’Egidio, eles não se atreverão a tanto, mas, se estiverdes à frente e com ar de vencedor, correrão o risco.

Romeo olhou para o pai:

– O que achais disso?

– O mesmo que tu – respondeu o comandante Marescotti. – Não é surpresa. Já esperava por isso. Mas, graças ao *maestro*, agora temos certeza. Romeo, deves partir na frente e permanecer na frente. Não poupes o cavalo, apenas avança. Ao chegares à Porta Camollia, deves deixar que eles te ultrapassem, um por um, até ficares em quarto lugar.

– Mas...

– Não me interrompas! Quero que permaneças em quarto lugar até passares por Santo Stefano. Então poderás subir para o terceiro ou o segundo lugar. Mas não para o primeiro. Não enquanto não tiveres passado pelo Palazzo Salimbeni, está claro?

– Mas é muito perto da linha de chegada! Não conseguirei ultrapassar!

– Conseguirás.

– É muito em cima! Ninguém jamais fez isso!

– E desde quando – indagou o comandante Marescotti, em tom mais brando – isso já deteve meu filho?

Um sinal de clarim, vindo da linha de largada, pôs fim a todas as conversas e o capacete da águia foi posto na cabeça de Romeo, com a viseira fechada. O sacerdote da família deu rapidamente a bênção ao rapaz – provavelmente a última – e o pintor se apanhou estendendo os mesmos votos ao agitado cavalo. Depois disso, caberia apenas à Virgem Maria proteger seu paladino.

Enquanto os 15 cavalos se alinhavam junto às cordas, a multidão começou a cantar os nomes dos favoritos e dos inimigos. Todas as famílias de nobres tinham seus defensores e seus adversários; nenhuma era universalmente amada ou desprezada. Até os Salimbeni tinham sua massa de devotos e

era em ocasiões como essa que os grandes homens ambiciosos esperavam ver sua generosidade de um ano inteiro recompensada por uma demonstração abundante de apoio popular.

Entre os cavaleiros que se alinhavam junto às cordas, poucos tinham cabeça para grande coisa além da estrada à frente. O contato visual era buscado e evitado, invocavam-se os santos padroeiros como os gafanhotos no Egito e os insultos de última hora eram atirados como projéteis lançados contra os portões fechados de uma cidade. A hora das preces já havia passado, os conselhos já não eram ouvidos e nenhum negócio podia ser desfeito. Quaisquer que fossem os bons ou maus espíritos invocados na alma coletiva do povo de Siena, eles já tinham ganhado vida e somente a batalha em si, a corrida, seria capaz de impor justiça. Não havia lei senão o destino, nenhum direito senão os favores do acaso; a vitória era a única verdade digna de ser conhecida.

– Pois então – pensou Maestro Ambrogio –, que seja este o dia em que vós, divina Virgem, celebrareis vossa coroação no Paraíso com a clemência para conosco, pobres pecadores, velhos e moços. Rogo que vos apiedeis de Romeo Marescotti e o protejais contra as forças maléficas que estão prestes a devorar esta cidade a partir de suas entranhas. E eu vos prometo, se o deixardes viver, que dedicarei o resto de minha vida à vossa beleza. Mas, se ele morrer hoje, terá perecido pela minha mão e, por tristeza e vergonha, esta mão jamais tornará a pintar.

AO SE DIRIGIR à área da largada com a bandeira da águia, Romeo sentiu a teia pegajosa da conspiração fechar-se em volta dele. Todos tinham ouvido falar de seu desafio insolente a Salimbeni e sabiam que ele estava fadado a ser seguido por uma batalha entre as famílias. Conhecendo os concorrentes, a pergunta na cabeça da maioria das pessoas era menos quem venceria a corrida, e sim quem continuaria vivo ao final dela.

Romeo correu os olhos pelos outros cavaleiros, tentando avaliar suas chances. A Lua Crescente – Tebaldo, filho de Tolomei – era um claro aliado do Diamante – Nino, filho de Salimbeni – e até o Galo e o Touro o fitaram com os olhos cheios de traição. Somente a Coruja fez-lhe um aceno de cabeça com a simpatia sincera de um amigo, mas, por outro lado, a Coruja tinha muitos amigos.

Quando as cordas foram arriadas, Romeo nem sequer estava plenamente posicionado dentro da área oficial de largada. Andara ocupado demais, olhando para os outros cavaleiros e avaliando suas estratégias, para prestar atenção ao magistrado encarregado. Além disso, o Palio sempre começava com muitas largadas queimadas e o encarregado de dar o sinal não tinha o menor escrúpulo em trazer todos de volta e recomeçar uma dúzia de vezes. A rigor, tudo isso fazia parte do jogo.

Mas não nesse dia. Pela primeira vez na história do Palio, os clarins não deram o sinal de cancelamento depois da primeira largada: apesar da confusão e do cavalo que ficou para trás, os outros 14 cavaleiros foram autorizados a continuar e estava iniciada a corrida. Chocado demais para sentir algo além de um lampejo de fúria diante do jogo desleal, Romeo inclinou a lança para a frente até acomodá-la com firmeza embaixo do braço, fincou os saltos das botas no cavalo e partiu no encalço dos outros.

O grupo de competidores estava tão à frente que era impossível dizer quem era o líder; tudo o que Romeo conseguia ver pela fresta do capacete era poeira, bem como os rostos incrédulos voltados para ele, rostos de espectadores que tinham esperado ver o jovem enamorado já muito à frente dos adversários. Ignorando os gritos e gestos deles – uns de incentivo, outros de qualquer coisa menos isso

-, Romeo galopou em meio à barulheira, dando rédeas soltas ao cavalo e torcendo para que ele retribuísse a gentileza.

O comandante Marescotti havia assumido um risco calculado ao dar ao filho um garanhão. Com um capão ou uma égua, Romeo teria uma chance razoável, mas uma chance razoável não bastava quando sua vida estava em jogo. Com o garanhão, pelo menos, era tudo ou nada. Sim, era possível que Cesare se metesse numa briga, perseguisse uma égua ou até derrubasse seu cavaleiro, para mostrar ao rapaz quem é que estava no comando, mas, por outro lado, tinha a força extra para escapar de uma situação perigosa e, o que era mais importante, tinha espírito de vencedor.

Cesare também tinha outra qualidade, algo que, em circunstâncias normais, seria inteiramente irrelevante para o Palio, mas que, como ocorreu a Romeo nesse momento, seria a única maneira possível de ele ter esperança de alcançar os concorrentes: o cavalo era um saltador de força incomum.

As regras do Palio nada diziam sobre permanecer na estrada. Desde que o cavaleiro largasse em Fontebecci e terminasse na Catedral de Siena, estava apto a conquistar o prêmio. Nunca fora necessário estipular o trajeto exato, pois ninguém jamais cometera a tolice de não seguir a estrada. Os campos de ambos os lados eram irregulares, cheios de criações ou de montes de feno secando e, o que era mais importante, cortados por numerosas cercas e portões. Tentar pegar um atalho pelos campos, em outras palavras, significava enfrentar um exército de obstáculos que talvez fossem divertidos para um cavaleiro de túnica, mas infernais para um cavalo que carregasse um cavaleiro de armadura e lança.

Romeo não hesitou muito. Os outros 14 cavaleiros seguiam para sudoeste, percorrendo uma curva de três quilômetros que os levaria à Porta Camollia. Era a sua chance.

Avistando uma brecha em meio à multidão que gritava, ele tirou Cesare da estrada, entrou num campo de cereais recém-semeado e tomou uma reta em direção ao portão da cidade.

O cavalo gostou do desafio e disparou pela campina com mais energia do que havia demonstrado na estrada e, quando Romeo avistou a primeira cerca de estacas que se aproximava, tirou o capacete da água e o jogou num monte de feno por que passava. Não havia regras que ditassem o traje do cavaleiro, exceto pelo uso da lança com as cores da família; os cavaleiros usavam seu traje de batalha e o capacete exclusivamente para sua proteção. Ao se desfazer do elmo, Romeo sabia que ficaria vulnerável aos golpes de outros cavaleiros, bem como a objetos propositalmente lançados das torres da cidade, mas sabia também que, se não reduzisse a carga, seu cavalo, por mais força que tivesse, jamais chegaria à cidade.

Voando por sobre a primeira cerca, Cesare desceu pesadamente do outro lado e Romeo não perdeu tempo: tirou dos ombros o peitoral da armadura e o atirou no meio do chiqueiro por onde passava. As duas cercas seguintes eram mais baixas do que a primeira e o cavalo as saltou com facilidade, enquanto Romeo erguia a lança bem acima da cabeça, para que não ficasse presa nas estacas. Perder a lança com as cores dos Marescotti significaria perder a corrida, mesmo que ele chegasse em primeiro lugar.

Todos os que o viram naquele dia seriam capazes de jurar que ele tentava o impossível. A distância economizada pelo atalho seria facilmente anulada pelos muitos saltos e, quando voltasse à estrada, ele estaria, na melhor das hipóteses, tão atrás dos outros cavaleiros quanto estivera antes. Isso para não falar dos danos causados ao animal, por galopar por cima de montes e buracos e saltar feito um cão raivoso sob o sol de agosto.

Por sorte, Romeo não conhecia suas probabilidades. E também não soube que havia voltado à estrada à frente do grupo graças a circunstâncias muito inusitadas. A certa altura do caminho, um espectador anônimo havia soltado um bando de gansos bem na frente dos corredores do Palio e, na confusão, tinham-se atirado ovos podres com muita precisão num certo cavaleiro, pertencente a determinada torre, como retaliação por um incidente similar no ano anterior. Tais brincadeiras faziam parte do Palio, mas raramente exerciam grande influência sobre a corrida.

Houve quem visse a mão da Virgem Maria nisso tudo: os gansos, o atraso e o voo mágico de Romeo por cima de sete cercas. Mas, para os 14 cavaleiros que tinham seguido a estrada obedientemente, o aparecimento repentino de Romeo à sua frente não podia ser outra coisa senão obra do demônio. Assim, eles o perseguiram com uma veemência carregada de ódio, à medida que a estrada aos poucos se afinilava para fazê-los cruzarem o arco da Porta Camollia.

Só os garotos que haviam trepado nos tijolos do portão da cidade puderam ver com os próprios olhos a última parte da intrépida corrida de Romeo e, quaisquer que tivessem sido suas alianças anteriores, os amores e ódios de seus parentes amontoados lá embaixo, esses meninos não conseguiram deixar de saudar o destemido desafiante quando este passou em disparada abaixo deles, sumamente vulnerável sem a armadura e o elmo e imediatamente seguido por um bando de adversários furiosos.

MUITAS VEZES O Palio fora decidido na Porta Camollia. O cavaleiro que tinha a sorte de ser o primeiro a atravessar esse portão da cidade tinha uma chance razoável de se manter na liderança pelas ruas estreitas e de ser o vencedor na Piazza del Duomo. Dali para a frente, o maior desafio eram as torres que ladeavam as ruas. Apesar da lei que estipulava que, se objetos fossem propositalmente atirados de uma torre, esta teria que ser derrubada, os vasos de plantas e os tijolos continuavam a cair – milagrosa ou diabolicamente, conforme a lealdade de cada um – sobre os rivais que passavam na rua. Tais atos raramente eram punidos, porque colher uma descrição sóbria e unânime dos acontecimentos que tinham levado a acidentes ao longo da pista de corrida do Palio era algo que pouquíssimos funcionários municipais se davam o trabalho de tentar fazer.

Ao passar pelo portão fatídico e entrar em Siena na primeira colocação, Romeo teve plena consciência de estar desobedecendo ao pai. O comandante Marescotti o havia instruído a evitar a liderança, justamente pelo perigo dos projéteis atirados das torres. Mesmo com um elmo na cabeça, era fácil derrubar um homem de um cavalo com um vaso de terracota lançado com mira certa; sem o elmo, era certo ele morrer antes mesmo de bater no chão.

Mas Romeo não podia deixar que os outros o ultrapassassem. Lutara tanto para alcançar o grupo e a primeira posição que a ideia de recuar para o quarto lugar, mesmo em nome da estratégia e da autopreservação, era tão repulsiva quanto desistir por completo e deixar que os outros terminassem a corrida sem ele.

Assim, o rapaz esporeou o cavalo e entrou tropeçando na cidade, confiando em que a Virgem lhe abriria caminho com seu cajado sagrado e o livraria de todos os males vindos do alto.

Romeo não via rostos, membros nem troncos. Seu caminho era ladeado por paredes cravejadas de bocas aos gritos e olhos arregalados – bocas que não emitiam sons e olhos que nada viam senão branco e preto, rival e aliado, e que jamais conseguiriam contar os verdadeiros fatos da corrida,

porque, numa multidão desvairada, não existe verdade. Tudo é emoção, tudo é esperança, e os desejos da turba sempre superam a verdade do indivíduo.

O primeiro projétil o atingiu no momento em que ele entrava na *contrada* de Magione. Romeo nem chegou a ver o que era; apenas sentiu uma dor e ardência súbitas no ombro, quando o objeto meramente o tocou e caiu no chão, em algum ponto atrás dele.

O objeto seguinte – um vaso de terracota – o atingiu na coxa com um baque surdo e, por um breve instante, ele achou que o impacto havia esmigalhado seu osso. No entanto, ao apalpar a perna, não sentiu nada, nem mesmo dor. Não que tivesse importância estar o osso quebrado ou não, desde que ele continuasse sobre a sela e com o pé firme no estribo.

O terceiro objeto a atingi-lo era menor, o que foi uma sorte, porque o acertou bem na testa e por pouco não o fez perder os sentidos. Romeo precisou respirar fundo algumas vezes para se livrar das trevas e recobrar o controle do cavalo e, enquanto isso, à sua volta, a muralha de bocas gritantes ria de sua confusão. Só então ele entendeu plenamente o que seu pai soubera desde sempre: se permanecesse na frente ao atravessar os bairros controlados pelos Salimbeni, jamais terminaria a corrida.

Uma vez tomada a decisão, não foi difícil recuar do primeiro lugar; o desafio era não ser ultrapassado por mais que três cavaleiros. Todos o olharam enfurecidos ao ultrapassá-lo – o filho de Tolomei, o filho de Salimbeni e mais alguém que não importava – e Romeo retribuiu o olhar de ódio, detestando-os por suporem que ele estava desistindo e detestando a si mesmo por recorrer a truques.

Partindo no encaço dos três, ele se manteve o mais perto que pôde, conservando a cabeça baixa e confiando em que ninguém que morasse nas torres que apoiavam Salimbeni se arriscaria a ferir o filho do patrão. Sua suposição se mostrou correta. A visão da bandeira dos Salimbeni, com seus três diamantes, fez todos hesitarem por um instante longo demais antes de atirar os tijolos e vasos e, quando os quatro cavaleiros galoparam pela *contrada* de San Donato, Romeo não foi atingido por um único objeto.

Finalmente cruzando a Piazza Salimbeni, ele soube que era chegado o momento de fazer o impossível: ultrapassar seus três adversários, um a um, antes que o trajeto fizesse uma curva fechada para a Via del Capitano e entrasse na Piazza del Duomo. Essa seria realmente a hora em que a intervenção divina se mostraria, pois conseguir esse feito e vencer a corrida, partindo da posição em que ele estava, só poderia resultar de uma graça celestial.

Esporeando o cavalo, Romeo conseguiu se aproximar do filho de Tolomei e do de Salimbeni – lado a lado, como se sempre tivessem sido aliados –, mas, exatamente quando ia ultrapassá-los, Nino Salimbeni jogou o braço para trás, como faz o escorpião com sua cauda, e cravou uma adaga reluzente no corpo de Tebaldo Tolomei, bem acima do escudo, no ponto em que o tenro pescoço era visível entre a armadura peitoral e o elmo.

Aconteceu tão depressa que ninguém seria capaz de ver com exatidão quem havia atacado e como. Houve um clarão dourado, uma breve luta. Em seguida, Tebaldo Tolomei, de 17 anos, despencou flacidamente do cavalo no meio da Piazza Tolomei, sendo puxado para o lado pelos clientes de seu pai, que gritavam, enquanto o assassino seguia a toda a velocidade, sem nem ao menos olhar para trás.

O único a reagir à atrocidade foi o terceiro cavaleiro, que, temendo pela própria vida, agora que parecia o único rival restante, começou a agitar sua bandeira contra o assassino, na tentativa de

derrubá-lo da sela.

Dando rédea solta a Cesare, Romeo tentou ultrapassar os dois cavaleiros em luta, mas quase foi derrubado da sela quando Nino Salimbeni chocou-se violentamente contra seu flanco, na tentativa de se desviar da bandeira do terceiro cavaleiro. Pendurado por pouco mais que um estribo e lutando para se reequilibrar no lombo do cavalo, Romeo viu o Palazzo Marescotti passar voando e se deu conta de que a curva mais letal do Palio se aproximava. Se ele não tivesse voltado para a sela ao dobrar a esquina, seu Palio – e talvez sua vida – chegaria a um fim dos mais ignóbeis.

NA PIAZZA DEL DUOMO, Frei Lorenzo arrependeu-se – pela vigésima vez naquela manhã – de não ter ficado em sua cela solitária com seu livro de orações. Em vez disso, deixara-se arrastar para fora e para longe pela loucura do Palio. E ali estava, preso na multidão e mal conseguindo ver a linha de chegada, muito menos aquele pano demoníaco que esvoaçava num poste alto, aquele laço de seda no pescoço da inocência: o *cencio*.

Ao lado do frade estava o pódio com os chefes das famílias da nobreza, que não convinha confundir com o pódio do governo, o qual continha um número menor de artigos de luxo e de ancestrais, mas, apesar de toda a retórica desprezível, possuía igual dose de ambição. Tolomei e Salimbeni eram visíveis no primeiro, havendo optado por assistir à vitória dos filhos no conforto dos assentos almofadados, em vez de suportarem a poeira da linha de largada em Fontebecci só para oferecer seus conselhos paternos a jovens ingratos que, de qualquer modo, jamais os seguiriam.

Sentados ali, acenando com condescendência comedida para os partidários que os saudavam, não estavam surdos para a realidade de que, nesse ano, o tom das massas havia mudado. O Palio sempre fora uma cacofonia de vozes em que todos entoavam as canções de suas *contrade* e de seus heróis – inclusive as casas de Tolomei e Salimbeni, quando tinham um participante na disputa –, mas nesse ano parecia haver muito mais gente entoando as canções de Aquila, a águia dos Marescotti.

Sentado ali, ouvindo tudo, Tolomei parecia apreensivo. Frei Lorenzo arriscou-se a imaginar que só nesse momento o grande homem havia se perguntado se tinha sido tão boa ideia levar consigo o verdadeiro prêmio desse Palio: sua sobrinha Giulietta.

A jovem estava quase irreconhecível, sentada entre o tio e o futuro marido, seus trajes majestosos destoando do rosto abatido. Ela virara a cabeça uma vez e olhara diretamente para Frei Lorenzo, como se soubesse desde sempre que ele estaria parado ali a observá-la. A expressão de seu rosto cravou uma punhalada de compaixão no coração do frade, prontamente seguida por uma pontada de fúria por ele não poder salvá-la.

Era para isso que Deus a havia poupado da carnificina que se abatera sobre sua família? Apenas para jogá-la nos braços do vilão que derramara o sangue deles? Era um destino muito, muito cruel e Frei Lorenzo de repente apanhou-se desejando que nem ele nem ela tivessem sobrevivido àquele dia fatídico.

SE GIULIETTA SOUBESSE dos pensamentos do amigo, ali sentada no pódio, exposta à piedade de todos, teria concordado em que o casamento com Salimbeni era um destino pior do que a morte. Mas era cedo demais para ceder ao desespero. O Palio ainda não tinha terminado, Romeo – ao que ela

soubesse – ainda estava vivo e talvez os céus ainda estivessem do lado dos dois.

Se a Virgem Maria houvesse realmente se ofendido com a conduta de Romeo na catedral na noite anterior, por certo o teria fulminado no mesmo instante. O fato de ele ter sobrevivido e voltado ileso para casa devia significar que os céus queriam que ele disputasse o Palio. Mas, por outro lado... uma coisa eram os desígnios dos céus, outra, bem diferente, era a vontade do homem sentado ao lado dela, Salimbeni.

Um tropel distante de cavalos se aproximando fez a multidão em volta do pódio contrair-se de expectativa e irromper em vivas frenéticos, gritando os nomes de seus favoritos e rivais, como se os gritos tivessem alguma possibilidade de mudar o destino. Em todos os lugares ao redor de Giulietta, as pessoas se espicharam para ver qual dos 15 cavaleiros seria o primeiro a entrar na *piazza*, mas ela não conseguiu olhar. Fechando os olhos para o tumulto, encostou as mãos postas nos lábios e se atreveu a dizer a única palavra que tudo corrigiria:

– *Aquila!*

Um ofegante momento depois, essa palavra foi repetida em toda parte por milhares de vozes: *Aquila! Aquila! Aquila!* Foi gritada, proferida entre risinhos e enunciada com escárnio. Giulietta abriu os olhos, empolgada, e viu Romeo entrar pela *piazza* – o cavalo derrapando no solo desigual e espumando de exaustão – e seguir diretamente para o carro dos anjos, onde estava o *cencio*. O rapaz tinha o rosto contorcido de ódio e foi um choque para Giulietta vê-lo manchado de sangue, mas ele continuava com a bandeira da águia na mão e era o primeiro. O primeiro.

Sem parar para comemorar, Romeo foi direto até o carro, afastou os meninos cantores vestidos com asas e suspensos por cordas, agarrou o mastro que prendia o *cencio* e, no lugar dele, fincou sua própria bandeira. Levantando bem alto o prêmio, num triunfo incontido, virou-se para encarar seu rival mais próximo, Nino Salimbeni, e para saborear a ira do outro.

Ninguém se importou com os cavaleiros que chegaram em terceiro, quarto e quinto lugares. Quase como se fossem uma só, as cabeças da multidão voltaram-se para ver o que Salimbeni faria com Romeo e como reagiria a esse desfecho inesperado. Àquela altura, já não havia um só homem ou mulher em Siena que desconhecesse o desafio de Romeo a Salimbeni e sua promessa à Virgem Maria – a de que, se vencesse o Palio, não transformaria o *cencio* em roupas, mas o estenderia sobre seu leito nupcial – e poucos eram os corações que não abrigavam certa simpatia pelo jovem apaixonado.

Ao ver que Romeo havia apanhado o *cencio*, Tolomei levantou-se abruptamente, oscilando ao vento transversal da sorte. Em torno dele, o povo de Siena se lamuriava e argumentava, implorando-lhe que mudasse de ideia. Mas a seu lado sentava-se um homem pronto para esmagar seu coração, caso ele se atrevesse.

– Messer Tolomei! – gritou Romeo, erguendo bem alto o *cencio*, enquanto seu cavalo empinava. – O céu se manifestou a meu favor! Porventura vos atreveis a ignorar os desejos da Virgem Maria? Haveis de sacrificar esta cidade à ira dela? Será que o prazer daquele homem – e apontou para Salimbeni com ousadia – significa mais para vós do que a segurança de nós todos?

Diante dessa ideia, um rugido de indignação perpassou a massa e os guardas que cercavam o pódio posicionaram-se para desembainhar as armas e assumir a defesa. Em meio aos cidadãos, houve quem desafiasse os guardas e se atrevesse a estender as mãos para Giulietta, exortando-a a saltar do pódio e deixar que eles a entregassem a Romeo. Mas Salimbeni pôs fim a suas tentativas,

levantando-se e pondo a mão firme no ombro da donzela.

– Muito bem, rapaz! – gritou para Romeo, contando com seus muitos amigos e seguidores para aplaudi-lo e virar o jogo. – Venceste a corrida! Agora, vai para casa e transforma esse *cencio* num belo traje e talvez eu permita que sejas minha dama de honra quando...

Mas a multidão já ouvira o bastante e não o deixou concluir. “Desonrados sejam os Salimbeni”, gritou alguém, “por desprezarem a vontade dos céus!” E os demais reagiram de imediato, gritando sua indignação contra os nobres cavalheiros e se preparando para transformar a raiva num tumulto. As velhas rivalidades do Palio já estavam esquecidas e os poucos imbecis que ainda cantavam foram prontamente silenciados por seus pares.

A população de Siena sabia que, se todos se unissem contra a minoria, conseguiriam invadir o pódio e arrancar de lá a dama que obviamente pertencia a outro. Não seria a primeira vez que se rebelariam contra Salimbeni e sabiam que, se continuassem a pressionar, logo fariam os poderosos se esconderem em suas torres altas, cheias de degraus e de escadas móveis, içados para longe do alcance do povo.

Para Giulietta, sentada no pódio qual um marinheiro inexperiente no mar tempestuoso, era assustador e inebriante sentir o poder das forças da natureza campeando à sua volta. Ali estavam eles, milhares de estranhos cujos nomes ela desconhecia, dispostos a enfrentar as alabardas dos guardas para lhe fazer justiça. Se continuassem a pressionar, o pódio logo viraria e todos os nobres ficariam atarefados em salvar da ralé sua própria pele e seus mantos requintados.

Em meio a tal pandemônio, calculou Giulietta, ela e Romeo talvez conseguissem desaparecer e a Virgem Maria certamente prolongaria o tumulto por tempo suficiente para que os dois fugissem da cidade.

Mas não era para ser assim. Antes que a turba ganhasse ímpeto, um novo grupo de pessoas irrompeu pela *piazza*, gritando a terrível notícia para Messer Tolomei:

– Tebaldo! – gritavam, puxando os cabelos em desespero. – Foi Tebaldo! Ah, pobre menino!

E, quando finalmente chegaram ao pódio e encontraram Tolomei de joelhos, implorando que lhe dissessem o que havia acontecido com seu filho, responderam em lágrimas, agitando no ar uma adaga ensanguentada:

– Ele está morto! Assassinado! Foi esfaqueado durante o Palio!

Assim que entendeu a mensagem, Tolomei desabou em convulsões e o medo irrompeu em todo o pódio. Chocada ao ver o tio naquele estado, como que possuído por um demônio, a princípio Giulietta se retraiu, depois se obrigou a ajoelhar e a cuidar dele da melhor maneira possível, protegendo-o da confusão de pés e pernas até que Monna Antonia e os criados conseguissem se aproximar.

– Tio Tolomei – exortou-o, sem saber o que mais dizer –, tenha calma!

O único homem a se manter impassível durante tudo isso foi Salimbeni, que pediu para ver a arma do crime e, no mesmo instante, levantou-a para mostrá-la a todos:

– Olhai! – trovejou ele. – Aí está o vosso herói! Esta é a adaga que matou Tebaldo Tolomei durante nossa corrida sagrada! Estais vendo? – disse, apontando para o punho. – Ela traz gravada a águia dos Marescotti! O que vos parece?

Horrorizada, Giulietta ergueu os olhos e viu as pessoas aglomeradas fitando Salimbeni e a adaga, incrédulas. Aquele era o homem que, um minuto antes, elas desejavam punir, mas a chocante notícia

do crime e a visão da figura enlutada de Messer Tolomei as perturbaram. Agora, já não sabiam o que pensar e apenas ficaram ali, perplexas, à espera de uma pista.

Ao ver que a expressão daqueles rostos havia mudado, Giulietta compreendeu prontamente que Salimbeni havia planejado de antemão aquele momento, para fazer o povo voltar-se contra Romeo, caso ele vencesse o Palio. Agora, eles já se esqueciam de suas razões iniciais para atacar o pódio, mas continuavam com as emoções desenfreadas, ávidos por outro objeto para dilacerar.

Não precisaram esperar muito. Salimbeni tinha na multidão um número suficiente de clientes leais para que, mal agitada a adaga no ar, alguém gritasse: “Romeo é o assassino!”

Em um minuto, a população de Siena tornou a se unir, dessa vez com um ódio enojado contra o rapaz que havia acabado de aclamar como seu herói.

Pairando sobre esse encrespado mar de turbulências, Salimbeni ousou ordenar a prisão imediata de Romeo e chamar de traidor todo aquele que discordasse. Mas, para imenso alívio de Giulietta, ao retornarem ao pódio 15 minutos depois, os guardas trouxeram apenas um cavalo que espumava, a bandeira da Águia e o *cencio*. De Romeo Marescotti, nem sinal. Por mais que houvessem perguntado a inúmeras pessoas, tinham recebido a mesma resposta: nem uma só alma vira Romeo sair da *piazza*.

Só mais tarde, quando começaram a ir de casa em casa à noite, um homem, para salvar dos vilões uniformizados sua mulher e suas filhas, confessou ter ouvido o boato de que Romeo Marescotti havia fugido pelo aqueduto subterrâneo de Bottini, na companhia de um jovem frade franciscano.

À noite, ao ouvir esse boato sussurrado pelos criados, Giulietta elevou aos céus uma oração de agradecimento à Virgem Maria. Em sua cabeça, não havia dúvida de que o frade franciscano era Frei Lorenzo e ela o conhecia bem o bastante para saber que o religioso faria tudo o que estivesse a seu alcance para salvar o homem que sabia que ela amava.

*Que bonito que ele é!
Romeu, ao lado dele, é um rebotalho.
Nem águia tem olhar tão verde e esperto
Quanto Páris.*

O banco Monte dei Paschi era escuro e silencioso depois do horário de expediente, recebendo-nos com serenidade ao subirmos juntos a escadaria central. Alessandro me perguntara se eu me importaria de darmos uma passada rápida por lá antes do jantar e é claro que eu tinha dito que não. Agora, ao segui-lo até o alto da escada, comecei a me perguntar aonde exatamente ele estava me levando e por quê.

– Primeiro as damas... – Ele abriu uma pesada porta de mogno, esperando que eu entrasse no que se revelou um amplo escritório de canto. – Dê-me só um minuto – pediu. Acendeu um abajur e desapareceu num cômodo nos fundos, deixando a porta entreaberta. – Não toque em nada!

Corri os olhos pelos sofás requintados e pela escrivaninha e cadeira majestosas. O escritório dava poucos sinais de trabalho efetivo. Uma pasta de arquivo solitária sobre a mesa dava a impressão de ter sido posta ali somente para ser vista. A única decoração nas paredes eram as janelas que davam para a Piazza Salimbeni. Em nenhum lugar da sala havia objetos pessoais, como diplomas ou fotografias, nem qualquer outra coisa que identificasse seu dono. Eu tinha acabado de encostar o dedo na borda da escrivaninha para verificar a poeira quando Alessandro reapareceu, abotoando a camisa.

– Cuidado! – recomendou. – Essas escrivaninhas matam mais gente do que os revólveres.

– Este é o seu escritório? – perguntei, de um jeito idiota.

– Desculpe... – respondeu ele, pegando um paletó numa cadeira. – Sei que você prefere o porão. Para mim – deu uma olhada sem entusiasmo na decoração suntuosa –, esta é a verdadeira câmara de tortura.

De volta à rua, ele parou no meio da Piazza Salimbeni e me olhou com um sorriso malicioso:

– E então, aonde vai me levar?

Dei de ombros:

– Eu gostaria de ver onde jantam os Salimbeni.

O sorriso de Alessandro desapareceu.

– Acho que não. A menos que você queira passar o resto da noite com Eva Maria. – Ao ver que eu não queria, prosseguiu: – Por que não vamos a outro lugar? Algum lugar no seu bairro.

– Mas não conheço ninguém na *contrada* da Coruja – protestei –, exceto o primo Peppo. E não faço a menor ideia de onde comer.

– Ótimo – disse ele, começando a andar. – Assim ninguém vai nos perturbar.

ACABAMOS NA TAVERNA di Cecco, bem pertinho do Museu da Coruja. Era um lugar pequeno, fora dos roteiros batidos e fervilhando de moradores da *contrada*. Todas as iguarias – algumas servidas em terrinas de barro – pareciam a melhor comida caseira da mamãe. Ao dar uma olhada em volta, não vi nenhum experimento artístico com ervas salpicadas na borda de pratos semivazios; ali, os pratos vinham cheios e os temperos estavam onde deviam estar: na comida.

A maioria das mesas tinha cinco ou seis pessoas, todas rindo ou discutindo animadamente, sem a menor preocupação de estarem sendo espalhafatosas ou de mancharem as toalhas brancas. Então compreendi por que Alessandro quisera ir a um lugar onde ninguém o conhecesse: a julgar pelo modo como as pessoas lidavam com os amigos ali – convidando deus e o mundo a se juntar a elas e fazendo um grande estardalhaço se alguém recusava –, era difícil ter um tranquilo jantar a dois em Siena. Ao passarmos por todos os fregueses e nos instalarmos num canto sossegado, percebi que Alessandro ficou visivelmente aliviado por não reconhecer ninguém.

Logo que nos sentamos, ele meteu a mão no paletó, tirou a adaga de Romeo e a pôs sobre a mesa entre nós:

– Parece – disse, pronunciando muito devagar, se não com relutância, as palavras pouco conhecidas – que eu lhe devo um pedido de desculpas.

– Bem – respondi, enfiando o nariz no cardápio para esconder meu risinho –, não vá se entusiasmar demais. Você leu a minha ficha. Ainda sou uma ameaça para a sociedade.

Mas ele ainda não estava pronto para descartar tudo com uma risada e, durante algum tempo, ficamos num silêncio constrangedor, fingindo examinar o menu e alternando nossas cutucadas na adaga.

Só quando havia uma garrafa de *prosecco* e um prato de *antipasto* diante de nós foi que Alessandro sorriu, embora sem jeito, e ergueu sua taça:

– Espero que desta vez você o aprecie mais. Mesmo vinho, nova garrafa.

– Chegar ao prato principal seria decididamente um avanço – comentei, encostando minha taça na dele. – E, se depois eu conseguir não ser perseguida descalça pelas ruas, diria que esta noite está fadada a superar a de ontem.

Ele se retraiu:

– Por que você não voltou ao restaurante?

– Desculpe – respondi rindo –, mas o calhorda do meu amigo Bruno era uma companhia muito melhor do que você. Pelo menos, ele sempre acreditou que eu era Giulietta.

Alessandro desviou os olhos e percebi que eu era a única que achava graça na situação. Eu sabia que ele tinha senso de humor – e, sem dúvida, sarcasmo suficiente para se virar –, mas, nesse exato momento, ficou claro que não achava divertido recordar sua conduta pouco cavalheiresca.

– Quando eu tinha 13 anos – acabou dizendo, com o cenho ligeiramente franzido –, passei um verão com meus avós, aqui em Siena. Eles tinham uma bonita fazenda. Vinhedos. Cavalos. Instalações hidráulicas. Um dia, receberam uma visita. Era uma norte-americana, Diane Tolomei, com as duas filhas pequenas, Giulietta e Giannoza...

– Espere aí! – interrompi-o. – Você está falando de *mim*?

Ele me olhou com um estranho sorriso torto:

– É. Você estava usando uma... como é mesmo a palavra?... fralda. – Ignorando meus protestos, continuou: – Minha avó mandou eu brincar com você e sua irmã enquanto eles conversavam, então levei-as até o estábulo para lhes mostrar os cavalos. Infelizmente, você se assustou e caiu em cima de um ancinho. – Alessandro balançou a cabeça, revivendo aquele momento. – Foi terrível. Você começou a gritar e havia sangue por toda parte. Levei-a para a cozinha, mas você ficou chutando e chorando e sua mãe me olhou como se eu a tivesse torturado de propósito. Por sorte, minha avó sabia o que fazer. Ela lhe deu um sorvete enorme e fez uns pontos no corte, como tinha feito muitas vezes com todos os filhos e netos. – Alessandro tomou um gole do *prosecco* antes de prosseguir: – Duas semanas depois, meus avós leram no jornal que Diane Tolomei tinha morrido num acidente de automóvel com as duas filhas pequenas. Eles ficaram arrasados. – Levantou a cabeça e finalmente me encarou. – Foi por isso que não acreditei que você fosse Giulietta Tolomei.

Por um momento, apenas ficamos parados, olhando um para o outro. Era uma história triste para nós dois, mas, ao mesmo tempo, havia algo de agridoce e irresistível na ideia de já termos nos encontrado quando crianças.

– É verdade que mamãe morreu num acidente de automóvel – falei baixinho –, mas não estávamos com ela nesse dia. O jornal se enganou. Agora, quanto ao ancinho – continuei, mais animada –, agradeço por saber o que aconteceu. Você tem ideia de como é inquietante ter uma cicatriz e não saber de onde ela veio?

Alessandro fez uma expressão incrédula:

– Você ainda tem a cicatriz?

– É claro! – Levantei a saia e lhe mostrei a marca branca em minha coxa. – Bem feinha, não é? Mas agora finalmente sei de quem é a culpa.

Ao olhá-lo para ver se parecia estar com remorso, peguei-o fitando minha coxa com uma expressão de susto tão atípica que me fez cair na gargalhada.

– Desculpe! – pedi, puxando a saia para baixo. – Eu me entusiasmei com a sua história.

Alessandro pigarreou e pegou a garrafa de *prosecco*:

– Avise-me quando quiser outra.

PELA METADE DO jantar, ele recebeu um telefonema da delegacia de polícia. Quando voltou para a mesa, vi que tinha boas notícias.

– Bem – começou, enquanto se sentava –, parece que você não vai precisar mudar de hotel hoje. Encontraram Bruno na casa da irmã dele, com a mala do carro cheia de objetos roubados do museu do seu primo. Quando a irmã descobriu que ele tinha voltado à antiga atividade, deu-lhe uma surra tão grande que ele implorou para ser preso na mesma hora.

Alessandro sorriu e balançou a cabeça, mas, ao notar minhas sobrancelhas arqueadas, ficou sério no mesmo instante:

– Infelizmente, não encontraram o *cencio*. Bruno deve tê-lo escondido em outro lugar. Mas não se preocupe, vai aparecer. Não há como ele conseguir vender aquele trapo velho... – Interrompeu-se ao ver meu susto ante sua escolha de palavras, então deu de ombros e disse: – Não fui criado aqui.

– Um colecionador particular daria muito dinheiro por aquele trapo velho – falei em tom ríspido.

– Essas coisas têm grande valor afetivo para as pessoas daqui... mas estou certa de que você já sabe disso. Talvez a família de Romeo, os Marescotti, esteja por trás disso tudo. Lembre-se de que meu primo Peppo disse que os descendentes de Romeo acham que o *cencio* e essa adaga lhes pertencem.

– Se forem eles – disse Alessandro, recostando-se na cadeira enquanto o garçom retirava nossos pratos –, ficaremos sabendo amanhã, quando os meninos tiverem uma conversinha com Bruno. Ele não é do tipo caladão.

– E quanto a você? Você acredita?... Acredita que os Marescotti o tenham contratado para roubar o *cencio*?

Notei que Alessandro não estava nem um pouco à vontade com o assunto.

– Se eles realmente estivessem por trás disso, não teriam usado Bruno – acabou dizendo. – Têm sua própria gente. E não teriam deixado a adaga em cima da mesa.

– Você parece conhecê-los, não é?

Ele deu de ombros.

– Siena é um lugar pequeno.

– Achei que você tivesse dito que não cresceu aqui.

– É verdade – ele confirmou, tamborilando na mesa algumas vezes, claramente aborrecido com minha insistência. – Mas passei os verões aqui, na casa dos meus avós. Eu lhe contei. Eu e meus primos brincávamos no vinhedo dos Marescotti todos os dias. Vivíamos com medo de ser apanhados. Isso era parte da diversão. Todo mundo tinha medo do velho Marescotti. Exceto Romeo, é claro.

Quase derrubei minha taça de vinho:

– Você quer dizer o Romeo? Aquele de quem meu primo Peppo falou, o que poderia ter roubado o *cencio*?

Quando Alessandro não respondeu, continuei, em tom mais baixo:

– Entendo. Então é assim que as coisas se encaixam. Vocês foram amigos de infância.

Ele fez uma careta:

– Não exatamente amigos. – Ao ver que eu estava doida para fazer mais perguntas, entregou-me o cardápio. – Tome. Está na hora de pensar em coisas doces.

Durante a sobremesa, mergulhando biscoitinhos de amêndoa, os *cantucci*, no *vin santo*, tentei voltar a falar de Romeo, mas Alessandro não quis tocar no assunto. Em vez disso, perguntou por minha infância e quis saber o que havia feito eu me engajar no movimento pacifista.

– Ora, vamos – disse, claramente se divertindo com minha cara feia –, não pode ter sido tudo culpa da sua irmã.

– Eu nunca disse que era. É só que temos prioridades muito diferentes.

– Deixe ver se eu adivinho... – disse ele, empurrando os biscoitinhos para mim. – Sua irmã é das forças armadas? Foi para o Iraque?

– Ha! – exclamei, servindo-me de mais *cantucci*. – Janice não seria capaz de encontrar o Iraque nem num daqueles tapetes de criança em forma de quebra-cabeça. Ela acha que a vida é só... diversão.

– Que vergonha! – Alessandro balançou a cabeça. – Aproveitar a vida.

Dei uma bufadela forte.

– Eu sabia que você não ia entender! Quando nós...

– Entendo, sim – interrompeu-me ele. – Ela está se divertindo, logo, você não pode se divertir. Ela aproveita a vida, portanto, você não pode aproveitar. É uma pena que alguém tenha gravado isso na pedra.

– Olhe... – comecei, girando a taça de vinho vazia, sem querer lhe dar razão – para Janice Jacobs, a pessoa mais importante do mundo é Janice Jacobs. Ela é capaz de alfinetar qualquer um para marcar um ponto. É o tipo de pessoa que... – Parei, percebendo que eu também não queria evocar um passado incômodo nessa noite agradável.

– E Julie Jacobs? – indagou Alessandro, enchendo minha taça. – Quem é a pessoa mais importante para ela?

Olhei para seu sorriso, sem saber ao certo se ele estava zombando de mim.

– Deixe-me adivinhar – prosseguiu, reclinando-se na cadeira. – Julie Jacobs quer salvar o mundo e fazer todos felizes...

– Mas, enquanto isso, deixa todo mundo arrasado – emendei, roubando sua historinha moralista –, inclusive ela própria. Sei o que você está pensando. Você acha que os fins não justificam os meios e que decepar a cabeça de pequenas sereias não é a maneira de acabar com as guerras. Sei disso. Sei de tudo isso.

– Então, por que o fez?

– Eu não fiz! Não era para ser assim. – Olhei-o para ver se haveria alguma possibilidade de que se esquecesse de eu ter mencionado a Pequena Sereia e passasse para um assunto mais agradável. Mas não era possível. Apesar de haver um meio sorriso em seu rosto, seus olhos me disseram que esse era um assunto que já não podia ser adiado.

– Está bem – suspirei. – O que aconteceu foi o seguinte: achei que íamos vesti-la com um uniforme de campanha e que a imprensa dinamarquesa apareceria e tiraria fotos...

– O que eles de fato fizeram.

– Eu sei! Mas nunca pretendi cortar a cabeça dela...

– Você estava segurando a serra.

– Aquilo foi um acidente! – Cobri o rosto com as mãos. – Não sabíamos que ela era tão pequena. É uma estatuazinha de nada. As roupas não serviram. E aí, alguém, algum idiota, sacou uma serra... – Não consegui continuar.

Passamos um minuto em silêncio, até eu espiar por entre os dedos para ver se ele continuava enojado. Não continuava. Na verdade, tinha um ar levemente divertido. Embora não estivesse propriamente sorrindo, lá estava aquela pequena centelha em seu olhar.

– O que há de tão engraçado? – resmunguei.

– Você – disse Alessandro. – Você é mesmo uma Tolomei. Lembra-se?... *Vou bancar o tirano: depois de brigar com os homens, vou ser civil com as donzelas, cortando as suas cabeças.* – Ao perceber que eu havia reconhecido a citação, finalmente sorriu. – *Cabeças ou cabaços; dê o sentido que quiser.*

Deixei as mãos caírem no colo, em parte aliviada, em parte sem jeito com a mudança de nossa conversa:

– Você me surpreende. Eu não fazia ideia de que soubesse *Romeu e Julieta* de cor.

Alessandro sorriu:

– Só as partes das lutas. Espero que isso não a decepcione.

Sem saber ao certo se ele estava flertando comigo ou apenas brincando, voltei a mexer na adaga:

– É estranho, mas sei a peça inteira. Sempre soube. Antes mesmo de compreender do que se tratava. Parecia uma voz na minha cabeça... – Comecei a rir. – Não sei por que estou lhe dizendo isso.

– Porque você acabou de descobrir quem é – retrucou Alessandro sem rodeios. – E tudo finalmente começa a fazer sentido. Tudo o que você fez, tudo o que optou por não fazer... agora você entende. É o que as pessoas chamam de destino.

Levantei os olhos e o vi olhando não para mim, mas para a adaga.

– E você? – perguntei. – Já descobriu seu destino?

Ele respirou fundo.

– Eu sempre soube qual era. E, se me esquecer, Eva Maria não demora a me lembrar. Mas a ideia de que o futuro já está traçado nunca me agradou. A vida inteira eu tentei fugir do meu destino.

– E conseguiu?

Ele pensou um pouco.

– Por um tempo. Mas, sabe, ele sempre nos alcança. Por mais longe que a gente vá.

– E você foi longe?

Ele balançou a cabeça, mas só uma vez.

– Muito longe. Até o limite.

– Você está me deixando curiosa – comentei em tom leve, na esperança de que ele continuasse.

Mas ele não prosseguiu. A julgar pela ruga em sua testa, não era um assunto agradável. Louca para saber mais sobre ele, mas sem querer estragar a noite, limitei-me a perguntar: – Você pretende voltar para lá?

Ele quase sorriu.

– Por quê? Você quer ir também?

Dei de ombros, girando distraidamente a adaga na toalha entre nós:

– Não estou tentando fugir do meu destino.

Como não o encarei, ele pôs delicadamente a mão sobre a arma, para fazê-la parar de girar.

– Talvez devesse.

– Acho – objetei, puxando aos pouquinhos meu tesouro, com um ar malicioso, de baixo de sua mão – que prefiro ficar e lutar.

DEPOIS DO JANTAR, Alessandro insistiu em me acompanhar até o hotel. Uma vez que ele já tinha vencido a batalha da conta do restaurante, não resisti. Além disso, mesmo que Bruno Carrera estivesse atrás das grades, ainda havia um desajustado à solta na cidade, montado numa motocicleta, à caça de bichinhos assustados como eu.

– Sabe – comentou ele, enquanto andávamos no escuro –, eu era igualzinho a você. Achava que era preciso lutar pela paz e que, entre a pessoa e um mundo perfeito, sempre haveria sacrifício. Agora estou mais escolado. – Ele me deu uma olhada de relance. – Deixo o mundo em paz.

– Não tenta melhorá-lo?

– Não forço as pessoas a serem perfeitas. Quem faz isso vai morrer tentando.

Não pude deixar de sorrir de sua conclusão prosaica.

- Apesar de meu primo estar num hospital, jogado para lá e para cá pelas médicas, estou me divertindo muito. É uma pena não podermos ser amigos.

Isso foi novidade para Alessandro.

- Não podemos?

- É evidente que não. O que diriam todos os seus outros amigos? Você é um Salimbeni, eu sou uma Tolomei. Estamos fadados a ser inimigos.

O sorriso dele voltou:

- Ou amantes.

Comecei a rir, principalmente pela surpresa.

- Ah, não! Você é um Salimbeni, o Páris de Shakespeare, o cara rico que queria se casar com Julieta depois de ela ter desposado Romeu em segredo!

Alessandro não se perturbou com a notícia.

- Ah, é, agora me lembro: o belo e rico Páris. Esse sou eu?

- Parece que sim - retruquei, conseguindo dar um suspiro teatral. - Só para não nos esquecermos, minha antepassada, Giulietta Tolomei, estava apaixonada por Romeo Marescotti, mas foi obrigada a ficar noiva do perverso Salimbeni, *seu* ancestral! Foi aprisionada num triângulo amoroso, tal como a Julieta de Shakespeare.

- E eu também sou perverso? - Alessandro estava gostando cada vez mais da história. - Rico, bonito e perverso. O papel não é nada mau. - Pensou um pouco e acrescentou, em tom mais baixo: - Sabe, cá entre nós, sempre achei que Páris era um partido muito melhor do que Romeu. Na minha opinião, Julieta era uma idiota.

Parei no meio da rua:

- Como é?

Alessandro também parou.

- Parece bem. Se Julieta tivesse conhecido Páris primeiro, teria ficado apaixonada por ele. E os dois viveriam felizes para sempre. Ela estava pronta para se apaixonar.

- Claro que não! - objetei. - Romeu era uma gracinha...

- Gracinha? - Alessandro revirou os olhos. - Que espécie de homem é *uma* gracinha?

- ... e um excelente dançarino...

- Romeu tinha pés de chumbo! Foi ele mesmo quem disse!

- ... porém o mais importante é que tinha lindas mãos! - concluí.

Nessa hora, finalmente, Alessandro pareceu derrotado:

- Entendo. Tinha lindas mãos. Nessa você me pegou. Quer dizer que é disso que são feitos os grandes amantes?

- De acordo com Shakespeare, sim. - Dei uma olhada para as mãos dele, mas Alessandro me frustrou, enfiando-as nos bolsos.

- E você quer mesmo - perguntou, voltando a andar - levar sua vida de acordo com Shakespeare?

Baixei os olhos para a adaga. Era esquisito andar com ela daquele jeito, mas a arma era grande demais para caber na minha bolsa e eu não queria mais uma vez pedir que Alessandro a carregasse para mim.

- Não necessariamente.

Ele também olhou para a adaga e percebi que pensávamos na mesma coisa. Se Shakespeare estivesse certo, aquela era a arma com a qual Giulietta Tolomei havia se suicidado.

– Então, por que não reescreve a peça? – propôs Alessandro. – E muda seu destino.

Lancei-lhe um olhar furioso:

– Você está sugerindo que eu reescreva *Romeu e Julieta*?

Seu olhar não encontrou o meu, mas continuou voltado para a frente:

– E seja minha amiga.

Observei seu perfil na escuridão. Passáramos a noite toda conversando, mas eu ainda não sabia quase nada a seu respeito.

– Com uma condição – declarei. – Que você me fale mais de Romeu.

Mas me arrependi dessas palavras assim que as pronunciei, ao ver a frustração em seu rosto.

– Romeu, Romeu – zombou ele –, sempre o Romeu. Foi por isso que você veio a Siena? Para encontrar o cara gracinha com pés de dançarino e lindas mãos? Bem, receio que fique desapontada. Ele não se parece em nada com o Romeu que você acha que conhece. Não faz amor em versos rimados. Pode acreditar em mim: é um verdadeiro safado. Se eu fosse você – disse, finalmente olhando para mim –, desta vez dividiria a sacada com Páris.

– Não tenho a intenção de dividir minha sacada com ninguém – rebati, em tom cortante. – Só quero recuperar o *cenio* e, pelo que vejo, esse Romeu é o único que tem um motivo para roubá-lo. Se você acha que não foi ele, é só me dizer, que esqueço o assunto.

– Está bem – retrucou Alessandro. – Acho que não foi ele. Mas isso não quer dizer que ele seja inocente. Você ouviu seu primo: Romeu tem mãos perversas. Todo mundo gostaria de achar que ele está morto.

– E o que faz você ter tanta certeza de que ele não está?

Alessandro apertou os olhos:

– Eu sinto que não.

– Você tem faro para cafajustes?

Ele não respondeu de imediato. Quando finalmente falou, foi tanto consigo mesmo quanto comigo:

– Tenho faro para rivais.

O DIRETTORE ROSSINI beijou os pés de um crucifixo imaginário ao me ver cruzar a porta de entrada do hotel nessa noite.

– Srta. Tolomei! *Grazie a Dio!* A senhorita está sã e salva! Seu primo telefonou várias vezes do hospital... – Interrompeu-se, só então notando Alessandro atrás de mim e cumprimentando-o com um rápido aceno da cabeça. – Ele disse que a senhorita estava em má companhia. Aonde foi?

Encolhi-me.

– Como o senhor vê, estou nas melhores mãos.

– A segunda melhor – corrigiu-me Alessandro, comprazendo-se absurdamente com a situação. –

Por enquanto.

– E ele também falou para eu dizer à senhorita que ponha a adaga num lugar seguro – continuou o direttore.

Olhei para a adaga em minha mão.

– Deixe-a comigo – disse Alessandro. – Cuidarei dela para você.

– Isso mesmo – exortou o gerente do hotel. – Entregue-a ao capitão Santini. Não quero mais nenhum arrombamento.

Assim, entreguei a adaga de Romeo a Alessandro e mais uma vez a vi desaparecer no bolso interno de seu paletó.

– Volto amanhã às nove horas – disse ele. – Não abra a porta para mais ninguém.

– Nem mesmo a porta da sacada?

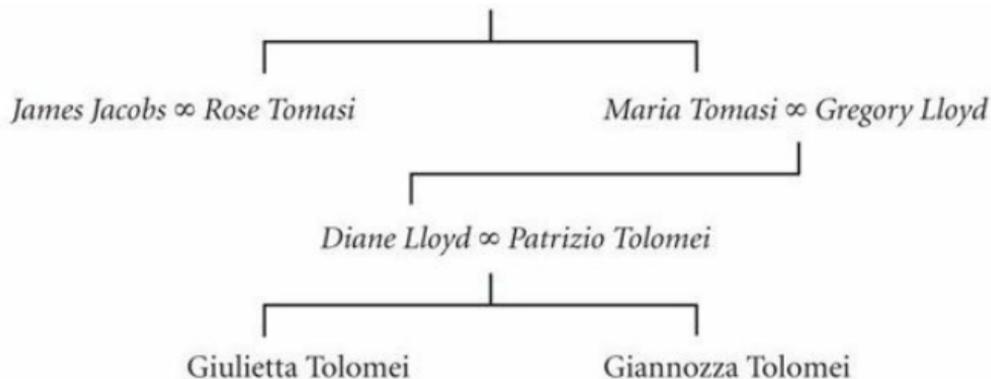
– *Especialmente* a porta da sacada.

NESSA NOITE, AO ir para a cama, peguei o documento da caixa de minha mãe chamado *Árvore genealógica de Giulietta e Giannozza*. Eu já dera uma olhada nele, mas não o achara muito esclarecedor. Agora que Eva Maria tinha mais ou menos confirmado que eu descendia de Giulietta Tolomei, de repente tornou-se muito mais compreensível a razão de minha mãe ter se importado em traçar nossa linhagem.

Meu quarto continuava uma bagunça, mas eu ainda não me sentia disposta a arrumar a bagagem. Pelo menos os cacos de vidro tinham sumido e uma nova vidraça fora instalada durante minha ausência. Se mais alguém quisesse entrar no meu quarto nessa noite, primeiro teria que me acordar.

Desenrolando o longo documento em cima da cama, passei muito tempo tentando me orientar naquele matagal de nomes. Não era dessas árvores genealógicas comuns, porque levantava nossas raízes exclusivamente pelo lado materno e só estava interessada em estabelecer a ligação direta entre mim e a Giulietta Tolomei de 1340.

Acabei encontrando Janice e eu bem no fim do documento, logo abaixo dos nomes de nossos pais:



Depois de minha gargalhada inicial ao constatar que o nome de batismo de Janice era Giannozza – ela sempre havia detestado ser Janice e sustentado, a ponto de irromper em prantos, que esse não era seu nome –, subi até o topo do documento, onde deparei com exatamente os mesmos nomes:



E assim sucessivamente. A lista entre nós era tão comprida que eu poderia tê-la usado como uma escada de corda pendendo da minha sacada. Era impressionante que alguém – ou melhor, dezenas de pessoas, ao longo de séculos – houvesse tão diligentemente mantido registros de nossa linhagem desde os tempos remotos de 1340 e das irmãs Giuletta e Giannoza.

Volta e meia esses dois nomes – Giuletta e Giannoza – apareciam lado a lado na árvore genealógica, mas sempre com sobrenomes diferentes; nunca se chamavam Tolomei. Particularmente interessante era que, até onde eu podia perceber, Eva Maria não estivera inteiramente certa ao dizer que Giuletta Tolomei era minha antepassada. Isso porque, de acordo com aquele documento, todas – mamãe, Janice e eu – descendíamos da irmã dela, Giannoza, e de seu marido, Mariotto da Gambacorta. Quanto a Giuletta, não havia registro de que ela se houvesse casado e tido filhos.

Cheia de maus pressentimentos, acabei deixando o documento de lado e tornei a mergulhar nos outros textos. Saber que Giannoza Tolomei era de fato minha verdadeira ancestral permitiu-me apreciar muito mais os fragmentos das cartas que Giuletta lhe escrevera e os comentários ocasionais que havia tecido sobre a vida sossegada de Giannoza no campo, bem longe de Siena.

“Você tem sorte, minha querida”, escrevera ela em certa ocasião, “por sua casa ser muito grande e seu marido ter tanta dificuldade para andar”, e posteriormente havia ponderado: “Ah, quisera eu ser você e escapular sorrateiramente para me deitar em meio aos arbustos de tomilho-serpão e roubar uma horinha de paz...”

Acabei adormecendo e tive um sono pesado por umas duas horas, até ser acordada por um barulho alto, quando ainda estava escuro.

MEIO EMBOTADA PARA os sons do mundo de vigília, demorei um momento para reconhecer aquela barulheira como uma motocicleta acelerando embaixo da minha sacada.

Por algum tempo, apenas continuei deitada, irritada com a falta de consideração dos jovens sienenses em geral e demorei mais do que deveria para me dar conta de que aquilo não era um pega comum de uma gangue, e sim um único motociclista tentando chamar a atenção de alguém. E esse alguém, comecei a temer, era eu.

Espiando pelas frestas das venezianas, não pude ver muita coisa da rua, mas, parada ali, enquanto me espichava de um lado para outro, comecei a ouvir barulho em todo o prédio. Os outros hóspedes, ao que parecia, também estavam levantando da cama e batendo com as venezianas ao abri-las, para ver que diabo estava acontecendo.

Encorajada pelo tumulto coletivo, abri a porta envidraçada da sacada para dar uma espiada lá fora e finalmente o vi. Era de fato meu perseguidor motociclista, desenhando oitos perfeitos sob um poste de luz. Não tive a menor dúvida de que era o mesmo sujeito que já me seguira duas vezes – uma para me salvar de Bruno Carrera, outra para me olhar pela porta envidraçada da cafeteria próxima à fonte da água –, porque ele continuava de preto da cabeça aos pés, com a viseira abaixada, e eu nunca tinha visto outra moto igual à sua.

A certa altura, ele virou a cabeça e me avistou à porta da sacada. Quando o ronco do motor reduziu-se subitamente a um ronronar, quase foi abafado pelos gritos enraivecidos que vinham das outras janelas e sacadas do Hotel Chiusarelli, mas o homem não deu a mínima. Enfiou a mão no bolso, pegou um objeto redondo, estendeu o braço para trás e o atirou na minha sacada, com mira perfeita.

O objeto aterrissou diante de meus pés com um som baixo e estranho, e até quicou um pouco, antes de finalmente parar. Sem fazer outra tentativa de comunicação, meu amigo vestido de couro imprimiu uma aceleração tão frenética à Ducati que por pouco ela não empinou e o jogou longe. Segundos depois, o homem desapareceu ao dobrar uma esquina e, não fosse pelos outros hóspedes, uns resmungando, outros rindo, a noite teria voltado a ficar silenciosa.

Passei um momento contemplando aquele projétil, até finalmente me atrever a apanhá-lo e levá-lo para dentro do quarto, fechando bem a porta da sacada. Ao acender a luz, constatei que era uma bola de tênis embrulhada em papel encorpado, preso com elásticos de borracha. O papel, como constatei, trazia uma mensagem manuscrita, grafada por mão forte e confiante com a tinta vermelho-escura das cartas de amor e dos bilhetes de suicidas. O texto dizia:

Giulietta,

Desculpa eu ser cuidadoso, ter muito boas razão. Você logo entende. Precisa conversar com você e explicar para você tudo. Encontra comigo no alto da Torre del Mangia amanhã de manhã 9 horas e não conte para ninguém.

– Romeo

*Em parte eu desço a esse leito de morte
Só para ver o rosto de quem amo;
Porém ainda mais pra retirar
De seu dedo um anel que necessito*

S

Na noite daquele fatídico Palio, o corpo do jovem Tebaldo Tolomei foi exposto na igreja de San Cristoforo, em frente ao Palazzo Tolomei, do outro lado da *piazza*. Num gesto de amizade, Messer Salimbeni havia passado para estender o *cencio* sobre o herói falecido e prometer ao pai enlutado que o assassino seria encontrado depressa. Depois disso, pedira licença e deixara a família Tolomei entregue a seu luto, fazendo apenas uma breve pausa ao sair, para se curvar diante do Senhor e apreciar o corpo esguio de Giulietta, convidativamente ajoelhado em oração diante do ataúde do primo.

Todas as mulheres da família Tolomei estavam reunidas nessa noite na igreja de San Cristoforo, chorando e rezando com a mãe de Tebaldo, enquanto os homens corriam para lá e para cá entre a igreja e o *palazzo*, o hálito recendendo a vinho, à espera do momento de fazer justiça contra Romeo Marescotti. Toda vez que Giulietta ouvia fragmentos de suas conversas sussurradas, sentia a garganta contrair-se de medo e os olhos ficarem marejados ao imaginar a visão do homem que amava capturado pelos inimigos e castigado por um crime que com certeza não cometera.

Depôs a seu favor que a vissem entristecer-se tão profundamente por um primo com quem nunca havia trocado uma única palavra. As lágrimas derramadas por Giulietta nessa noite misturaram-se às de suas primas e tias como rios desaguando num mesmo lago; eram tão abundantes que ninguém se importou em explorar sua verdadeira fonte.

– Presumo que *de fato* estejas triste – disse-lhe a tia, ao erguer rapidamente os olhos de seu próprio luto e ver Giulietta chorar sobre o *cencio* que cobria o corpo de Tebaldo. – E é bom que estejas! Não fosse por ti, aquele bastardo do Romeo jamais se atreveria... – Antes que pudesse concluir, Monna Antonia irrompeu outra vez em lágrimas e Giulietta afastou-se discretamente do centro das atenções e foi sentar-se num banco num dos cantos mais escuros da igreja.

Sentada ali, sozinha e infeliz, enfrentou a intensa tentação de arriscar a sorte e fugir de San Cristoforo a pé. Não tinha dinheiro nem ninguém que a protegesse, mas, com a graça de Deus, talvez

encontrasse o caminho de volta à oficina de Maestro Ambrogio. Porém as ruas da cidade estavam coalhadas de soldados à procura de Romeo, e a entrada da igreja, apinhada de guardas. Somente um anjo – ou um fantasma – seria capaz de entrar ou sair sem ser notado.

Pouco depois da meia-noite, ela ergueu os olhos de suas mãos postas e viu Frei Lorenzo circulando entre o grupo de parentes do morto. Essa visão a surpreendeu. Ouvira Tolomei e seus homens falarem de um frade franciscano que – segundo se dizia – teria ajudado Romeo a fugir pelo aqueduto de Bottini, logo depois do Padio, e, naturalmente, presumira que esse homem fosse Frei Lorenzo. Assim, ao vê-lo andando tão calmamente pela igreja, consolando as mulheres enlutadas, seu peito se encheu de decepção. Quem quer que houvesse ajudado Romeo a fugir não tinha sido uma pessoa conhecida, nem alguém que ela jamais fosse conhecer.

Quando enfim a avistou, sozinha em seu canto, o frade foi ter com ela prontamente. Espremendo-se a seu lado no banco, Frei Lorenzo tomou a liberdade de dividir o genuflexório de Giulietta e murmurou:

– Perdoa-me por invadir tua tristeza.

Ela respondeu baixinho, certificando-se de que ninguém os ouvia:

– És o mais velho amigo da minha tristeza.

– Seria algum consolo saberes que o homem por quem *realmente* choras está a caminho de terras estrangeiras, onde seus inimigos jamais o encontrarão?

Giulietta levou uma das mãos à boca para abafar a emoção:

– Se ele está mesmo a salvo, sou a criatura mais feliz do mundo. Mas sou também – sua voz tremeu – a mais digna de pena. Ah, Lorenzo, como podemos viver assim, ele lá e eu aqui? Quisera ter ido com ele! Quisera ser um falcão no braço do meu amado e não um pássaro ocioso nesta gaiola pútrida!

Ciente de ter falado muito alto e com demasiada franqueza, Giulietta olhou em volta, nervosa, para ver se alguém a ouvira. Felizmente, porém, Monna Antonia estava absorta demais em seu sofrimento para notar qualquer coisa a seu redor e as outras mulheres continuavam a se aglomerar em torno do esquife, ocupadas com arranjos de flores.

Frei Lorenzo fitou-a com atenção por trás das mãos postas:

– Se pudesses acompanhá-lo, tu irias?

– É claro! – Giulietta empertigou-se sem querer. – Eu o seguiria pelo mundo afora! – Ao perceber que novamente se deixava levar pelo entusiasmo, afundou-se mais no genuflexório e acrescentou, num murmúrio solene: – Eu o seguiria pelo vale da sombra da morte.

– Então, controla-te – sussurrou Frei Lorenzo, pondo a mão em sinal de advertência no braço dela –, porque ele está aqui e... Acalma-te! Ele se recusou a sair de Siena sem ti. Não vires a cabeça, pois ele está bem...

Giulietta não conseguiu deixar de virar o corpo para captar um vislumbre do monge encapuzado que se ajoelhava no genuflexório atrás dela, a cabeça abaixada perfeitamente escondida. Se não estava enganada, ele usava exatamente a mesma capa com capuz que Frei Lorenzo a fizera vestir quando foram juntos ao Palazzo Marescotti.

Zonza de alvoroço, Giulietta examinou as tias e primas com nervosa atenção. Se alguém descobrisse que Romeo estava ali, exatamente nessa igreja e nessa noite, decerto nem ele, nem ela e nem mesmo Frei Lorenzo viveriam para ver o sol nascer. Era por demais insolente e diabólico que o

suposto assassino profanasse o velório do pobre Tebaldo para cortejar a prima do herói morto e nenhum Tolomei jamais iria tolerar tal insulto.

– Estás louco? – sibilou a jovem por cima do ombro. – Se te descobrem, eles te matam!

– Tua voz é mais afiada que as espadas deles! – queixou-se Romeo. – Sê gentil, eu te imploro. Essas talvez sejam as últimas palavras que me diriges. – Giulietta mais sentiu do que viu a sinceridade de seus olhos, que cintilavam para ela à sombra do capuz, quando o jovem prosseguiu: – Se falaste sério ao dizer o que disseste há pouco, pega isto... – e tirou do dedo um anel, estendendo a mão para que ela o apanhasse –, toma, eu te ofereço este anel...

Giulietta soltou um arquejo, mas mesmo assim aceitou a joia. Era um anel de sinete feito de ouro, com a águia dos Marescotti, porém, pelas palavras de Romeo, *eu te ofereço este anel*, transformara-se em sua aliança de casamento.

– Que Deus vos abençoe para sempre – murmurou Frei Lorenzo, ciente de que “para sempre” poderia não passar dessa noite. – E que todos os santos sejam testemunhas de vossa feliz união! Agora, ouvi bem, todos dois. Amanhã se realizará o funeral no sepulcro dos Tolomei, fora dos muros da cidade...

– Espera! – exclamou Giulietta. – Decerto eu vos acompanharei agora, não é?

– *Pssssiu!* É impossível! – Frei Lorenzo pôs outra mão na jovem para acalmá-la. – Os guardas à porta nos deteriam. E esta noite a cidade está perigosa demais...

O som de alguém exigindo silêncio do outro lado da igreja causou-lhes um sobressalto de medo. Dando uma olhada nervosa para as tias, Giulietta as viu lhe fazendo caretas, para que ficasse quieta e não perturbasse ainda mais Monna Antonia. Assim, baixou obedientemente a cabeça e guardou silêncio até que elas deixassem de olhá-la. Então, virando para trás mais uma vez, lançou um olhar de súplica a Romeo.

– Não me desposes apenas para me abandonar! – implorou. – Esta é nossa noite de núpcias!

– Amanhã – sussurrou ele, quase estendendo a mão para afagar o rosto dela – olharemos para trás e riremos de tudo isto.

– Amanhã talvez nunca chegue! – soluçou Giulietta na palma da mão.

– Haja o que houver – garantiu-lhe Romeo –, estaremos juntos. Como marido e mulher. Eu te juro. Neste mundo... ou no outro.

O SEPULCRO DOS Tolomei fazia parte de um vasto cemitério fora da Porta Tufi. Desde a Antiguidade, a população de Siena havia sepultado seus mortos fora dos muros da cidade e cada uma das famílias nobres tinha mantido – ou usurpado – uma antiga câmara mortuária com uma quantidade adequada de ancestrais falecidos. O santuário dos Tolomei situava-se entre todos como um castelo de mármore naquela cidade da morte. Quase toda a estrutura era subterrânea, mas ele tinha uma entrada grandiosa acima do solo, muito semelhante aos túmulos dos augustos estadistas romanos com quem Messer Tolomei tanto gostava de se comparar.

Dezenas de familiares e amigos próximos tinham ido ao cemitério nesse triste dia, para consolar Tolomei e sua esposa quando seu primogênito fosse acomodado para o repouso eterno no sarcófago de granito que Tolomei havia originalmente encomendado para si próprio. Era um pecado e uma lástima ver um jovem tão saudável entregue ao reino dos mortos; não havia palavras capazes de

consolar a mãe em prantos nem a juvenzinha a quem Tebaldo fora prometido desde o dia em que ela nascera, 12 anos antes. Onde ela haveria de encontrar outro marido adequado agora, já tão próxima da maturidade e tão acostumada a pensar em si mesma como a senhora do Palazzo Tolomei?

Giulietta, no entanto, estava tensa demais quanto a seu futuro imediato para se demorar muito na solidiedade à sua família enlutada. Além disso, sentia-se exausta pela privação de descanso. O velório tinha durado a noite inteira e, a essa altura, já no final da tarde seguinte, confirmada a inutilidade de todas as esperanças de ressurreição, Monna Antonia dava a impressão de estar prestes, ela própria, a se juntar ao filho em seu túmulo prematuro. Pálida e abatida, apoiava-se com força nos braços dos irmãos e só uma vez se voltou para Giulietta, seu rosto fantasmagórico contorcido de ódio:

– E ali está ela, essa vóbora em meu regaço! – grunhiu, desejosa de que todos a ouvissem. – Não fosse o vergonhoso incentivo dela, Romeo Marescotti jamais teria se atrevido a erguer a mão contra esta casa! Vede sua expressão conivente! Vede aquelas lágrimas traiçoeiras! Aposto que não são por meu Tebaldo, mas por seu assassino, Romeo! – Ela cuspiu no chão duas vezes, para se livrar do mau gosto desse nome. – É hora de agir, meus irmãos! Não continueis imóveis como ovelhas assustadas! Um crime sórdido foi cometido contra a casa dos Tolomei e o assassino pavoneia-se pela cidade, julgando-se acima da lei... – Sacou do xale um estilete reluzente e o balançou no ar, conclamando: – Se sois homens, arrancai as entranhas desta cidade até encontrá-lo, onde quer que esteja escondido, e deixai uma mãe enlutada cravar esta lâmina em seu negro coração!

Depois dessa explosão emocionada, Monna Antonia tornou a se deixar cair nos braços dos irmãos, onde permaneceu, sem forças e infeliz, enquanto a procissão continuava a descer os degraus de pedra para o sepulcro subterrâneo. Uma vez todos reunidos lá embaixo, o corpo amortalhado de Tebaldo foi posto no sarcófago, ministrando-se os últimos sacramentos.

Durante todo o funeral, Giulietta examinou furtivamente todos os recantos daquele receptáculo tenebroso, tentando escolher um esconderijo conveniente. O plano de Frei Lorenzo exigia que ela se deixasse ficar na câmara mortuária depois da cerimônia, sem ser vista pelas pessoas que saíam, e ali aguardasse sozinha até o anoitecer, quando seria seguro Romeo ir buscá-la. Aquele era o único lugar, explicara o monge, em que os guardas dos Tolomei não estariam observando atentamente os familiares e, como o cemitério ficava fora dos muros da cidade, os movimentos de Romeo não seriam restringidos pelo temor constante de ser descoberto e detido.

Uma vez resgatada do sepulcro, Giulietta acompanharia Romeo no exílio e, tão logo os dois se instalassem em segurança em terras estrangeiras, escreveriam uma carta secreta a Frei Lorenzo, contando-lhe uma longa história de saúde e felicidade e instando-o a se juntar a eles o mais depressa possível.

Tal era o plano com que haviam concordado às pressas na igreja de San Cristoforo na noite anterior e não ocorrera a Giulietta questionar os detalhes até o momento em que ela própria teria de entrar em ação. Com um bolo no estômago que tentava subir-lhe à garganta, ela examinou os sarcófagos lacrados que a cercavam por todos os lados – gigantescos navios da morte, isso sim – e se perguntou que possibilidade teria de se esquivar para se esconder entre eles, sem ser vista nem ouvida.

Só no fim da cerimônia, quando o padre reuniu todos numa oração com a cabeça baixa, Giulietta viu uma chance de se afastar em silêncio de sua família indiferente e se agachar atrás do sarcófago mais próximo. E, quando o padre reuniu todos num longo e melodioso *amém*, para encerrar a

cerimônia, ela aproveitou a oportunidade para rastejar para um ponto mais remoto nas sombras, deslocando-se de gatinhas, os braços já trêmulos pelo contato com a terra fria e úmida.

Enquanto permanecia ali, encostada na pedra áspera de um esquite e procurando não respirar, os integrantes do cortejo fúnebre deixaram o sepulcro, um por um, depositaram suas velas no pequeno altar abaixo dos pés do Cristo crucificado e iniciaram a caminhada longa e chorosa de volta para casa. A poucos haviam dormido desde o Pálio da véspera e, como Frei Lorenzo tinha previsto, ninguém teve a presença de espírito de verificar se o número de pessoas que deixava a cripta era igual ao número que entrara. Afinal, que ser vivo optaria por permanecer num subterrâneo de pavor e cheiros repulsivos, preso atrás de uma porta maciça que não podia ser aberta por dentro?

Depois que todos se foram, a porta do sepulcro fechou-se com um baque surdo. Apesar das velinhas que bruxuleavam no altar junto à entrada, a escuridão que envolveu Giulietta, sentada arfante entre os túmulos de seus ancestrais, pareceu completa em todos os sentidos.

SENTADA ALI, SEM ter noção do tempo, aos poucos Giulietta começou a entender que, mais do que qualquer outra coisa, a morte era uma questão de espera. Ali jaziam eles, todos os seus ilustres antepassados, na expectativa paciente do tapinha divino na tampa de seus caixões que lhes ressuscitaria o espírito, fazendo-os ingressar numa vida que nunca poderiam ter imaginado quando ainda eram vivos.

Uns saíam usando uma armadura de cavaleiro, talvez sem um dos membros ou um olho, e outros saíam em trajes de dormir, com um aspecto doentio e cheios de furúnculos; outros seriam meros bebês chorões, e outros ainda, suas jovens mães, empapadas de sangue coagulado...

Embora Giulietta não duvidasse de que um dia aquele tapinha na tampa do caixão chegaria para todos os que fossem dignos, a visão de todos aqueles antigos sarcófagos e a ideia de todos aqueles séculos adormecidos encheram-na de pavor. Mas que vergonha, pensou, ficar amedrontada e inquieta à espera de Romeo em meio aos imóveis caixões de pedra! Que eram umas poucas horas de angústia diante daquela eternidade?

Quando a porta do sepulcro enfim se abriu, a maioria das velas do altar havia se consumido e as poucas que ainda estavam acesas lançavam sombras contorcidas e assustadoras, quase piores do que a escuridão. Sem ao menos se dar tempo de ver se quem havia chegado era outra pessoa que não Romeo, Giulietta correu ansiosa para seu salvador, ávida por seu contato vivo e de um sopro de ar puro.

– Romeo! – exclamou, só então cedendo à fraqueza. – Graças a Deus...!

Mas não era Romeo quem estava parado à porta, com uma tocha na mão, fitando-a com um sorriso enigmático: era Messer Salimbeni.

– Parece que choras desproporcionalmente a morte de teu primo – disse ele, numa voz tensa que destoava de seu ar divertido –, permanecendo desse jeito junto a seu túmulo. Mas, por outro lado, não vejo sinal de lágrimas em tuas faces rosadas. Será possível – ele começou a descer alguns degraus da escada, mas se deteve, com nojo do cheiro pútrido – que minha doce noiva tenha perdido a razão? Receio que sim. Receio que eu tenha de procurar-te em sepulcros, minha cara, e te encontrar brincando feito louca com ossos e caveiras. Mas – ele fez uma careta obscena – tais jogos não me são estranhos. Na verdade, creio que combinaremos muito bem, tu e eu.

Paralisada ante a visão dele, Giulietta não soube o que responder. Na verdade, mal havia compreendido o que ele dissera. A única coisa em sua mente era Romeu e por que não tinha sido ele, mas sim o odioso Salimbeni, que fora resgatá-la da sepultura. Mas, claro, não se atreveu a fazer essa pergunta.

– Vem cá! – ordenou Salimbeni, fazendo sinal para que ela saísse da câmara mortuária, e Giulietta não pôde fazer outra coisa senão obedecer. Assim, emergiu do sepulcro ao lado dele e se descobriu em meio à noite fechada, cercada por um anel de tochas seguradas por guardas uniformizados de Salimbeni.

Correndo os olhos pelos rostos dos homens, julgou ver doses iguais de piedade e indiferença, porém o mais inquietante foi a impressão de eles saberem algo que ela desconhecia.

Comprazendo-se com a confusão da jovem, Salimbeni indagou:

– Porventura não desejas saber como pude resgatar-te do abraço putrefato da morte?

Giulietta mal teve disposição para balançar a cabeça, mas nem era necessário, pois Salimbeni ficaria perfeitamente satisfeito em continuar seu monólogo sem o consentimento dela.

– Para tua sorte – prosseguiu –, tive um excelente guia. Meus homens o viram vagando por aí e, em vez de trespassá-lo com o florete de uma vez, conforme as ordens que haviam recebido, tiveram a sensatez de se perguntar que espécie de tesouro poderia tentar um homem banido a retornar à cidade proibida e correr o risco de ser detido e sofrer uma morte violenta. Seu caminho, como já adivinhaste, trouxe-nos direto a este monumento e, como é sabido que não se pode matar o mesmo homem duas vezes, não me foi difícil adivinhar que o motivo dele para descer ao túmulo de teu primo devia ser outra coisa que não a sede de sangue.

Ao ver que Giulietta já empalidecera o bastante durante seu discurso, Salimbeni finalmente fez sinal para que seus guardas exibissem o homem em questão, o que eles fizeram atirando o corpo no centro de seu círculo, como faziam os açougueiros ao descartarem carcaças doentes, destinadas ao triturador.

Giulietta gritou ao vê-lo caído ali, seu Romeu, ferido e ensanguentado, e, se Salimbeni não a houvesse contido, teria se atirado sobre o rapaz para lhe afagar o cabelo pegajoso e tirar o sangue de seus lábios com beijos, enquanto ainda restava um sopro de vida em seu corpo.

– Demônio encarnado! – rugiu ela para Salimbeni, debatendo-se feito um bicho para se soltar das mãos do tirano. – Deus há de castigar-vos por isso! Deixai-me ficar ao lado dele, maldito, para que eu possa morrer com meu marido! Trago o anel dele em meu dedo e juro por todos os anjos do Paraíso que jamais, jamais serei vossa!

Nessa hora, Salimbeni finalmente franziu o cenho. Agarrando o pulso de Giulietta, quase quebrou os ossos dela para examinar o anel que tinha no dedo. Depois de ver o bastante, atirou-a nos braços de um guarda e deu um passo à frente, para desferir um forte pontapé na barriga de Romeu.

– Ladrão escorregadio! – escarneceu, com uma cusparada de nojo. – Não conseguiste conter-te, não foi? Pois fica sabendo disto: foi a tua posse que matou tua esposa! Eu ia matar apenas a ti, mas agora vejo que ela é igualmente indigna!

– Eu imploro – tossiu Romeu, esforçando-se para levantar a cabeça do chão e ver Giulietta pela última vez. – Permite que ela viva! Foi apenas um juramento! Nunca me deitei com ela! Por favor! Juro por minha alma!

– Que comovente! – observou Salimbeni, olhando de um para outro, sem se deixar convencer. – O

que me dizes, menina? – indagou, segurando o queixo de Giulietta. – Ele está falando a verdade?

– Maldito! – cuspiu ela, tentando soltar-se de sua mão. – Somos marido e mulher e é melhor que me mateis, pois, assim como me deitei com ele em nosso leito nupcial, com ele me deitarei em nossa sepultura!

Salimbeni apertou-lhe o queixo com mais força:

– É mesmo? E também estás disposta a jurar pela alma dele? Presta atenção: se mentires, ele irá diretamente para o Inferno ainda esta noite.

Giulietta olhou para Romeo, tão desgraçado no chão a seus pés, e o desespero de toda a situação sufocou-lhe as palavras na garganta e a deixou incapaz de continuar a falar – e de mentir.

– Ah-há! – exclamou Salimbeni, erguendo-se sobre ambos, triunfante. – Portanto, aqui está uma flor que não colheste, cão. – Tornou a chutar Romeo, deleitando-se com os gemidos da vítima e os soluços da mulher que lhe implorava que parasse. – Vamos certificar-nos de que não colhas nenhuma outra – disse, enquanto enfiava a mão em sua túnica, de onde retirou e desembainhou a adaga de Romeo.

Com um gesto lento e indulgente, Salimbeni cravou a adaga da águia no abdômen de seu dono e a puxou de volta, deixando o rapaz numa ofegante agonia, com o corpo todo contorcido em torno do medonho ferimento.

– Não! – gritou Giulietta, atirando-se para a frente, num pânico tão violento que os homens não conseguiram detê-la. Jogando-se ao lado de Romeo, ela o envolveu nos braços, desesperada para ir aonde ele fosse, de não ser deixada para trás.

Mas Salimbeni já estava farto de suas encenações e a levantou pelos cabelos.

– Quieta! – esbravejou, esbofeteando-lhe o rosto até ela obedecer. – Essa gritaria não ajudará ninguém. Recompõe-te e lembra-te de que és uma Tolomei.

E então, antes que Giulietta compreendesse o que ele fazia, Salimbeni arrancou-lhe do dedo o anel de sinete e o jogou no chão, junto a Romeo:

– Lá se vão teus votos junto com ele. Alegra-te por ser tão fácil desfazê-los!

Por entre o véu dos cabelos ensanguentados, Giulietta viu os guardas pegarem o corpo de Romeo e o jogarem escada abaixo no sepulcro dos Tolomei, como se não passasse de um saco de cereais atirado no depósito. Mas ela não os viu baterem a porta nem se certificarem de que estava bem trancada. Em seu horror, a jovem se esquecera de respirar e nesse momento, finalmente, um anjo misericordioso fechou seus olhos e a deixou mergulhar no abraço tranquilizador do vazio.

*A virtude é um vício, mal gerida;
E o vício, vez por outra, salva a vida.*

Vista do alto da Torre del Mangia, a praça do Campo, em forma de meia-lua, parecia a mão de um jogo de cartas com o lado das imagens virado para baixo. Que adequado, pensei, para uma cidade com tantos segredos! Quem haveria de imaginar que homens como o perverso Messer Salimbeni pudessem florescer num lugar tão lindo, ou melhor, que ele houvesse tido permissão para fazê-lo?

Não havia nada no diário de Maestro Ambrogio que sugerisse que aquele Salimbeni medieval tivera alguma qualidade que o redimisse – como a generosidade de Eva Maria ou o charme de Alessandro – e, mesmo que a tivesse, isso não mudava o fato de ele haver assassinado brutalmente todas as pessoas amadas por Giulietta, com exceção de Frei Lorenzo e de sua irmã, Giannoza.

Eu havia passado a maior parte da noite angustiada com os eventos brutais descritos no diário e o número cada vez menor de páginas restantes dizia-me que um final triste era iminente. Não só não haveria um “felizes para sempre” para Romeu e Julieta como também não tinham sido meras acrobacias literárias, e sim fatos concretos, que transformaram a vida de ambos numa tragédia. Ao que eu soubesse, Romeu já estava morto, o abdômen perfurado por sua própria adaga – ou melhor, a *minha* adaga – e Giulietta se encontrava nas garras do odiado inimigo. O que restava saber era se também ela morreria antes de as páginas terminarem.

Talvez fosse por isso que meu humor não era mais alegre naquela manhã, no alto da Torre del Mangia, onde eu esperava meu Romeu motociclista aparecer. Ou talvez eu estivesse apreensiva por saber muito bem que não deveria ter ido lá. Que tipo de mulher concorda com um encontro às escuras no alto de uma torre? E que tipo de homem passa as noites com um capacete, com a viseira abaixada, comunicando-se com as pessoas por meio de bolas de tênis?

Mas ali estava eu.

Se aquele homem misterioso realmente descendia do Romeu medieval, eu simplesmente tinha que ver como ele era. Fazia mais de 600 anos que nossos ancestrais tinham sido separados em circunstâncias muito violentas e, de lá para cá, seu romance desastroso tinha se transformado numa das maiores histórias de amor do mundo.

Como eu poderia não me empolgar? Com certeza tinha de estar alvoroçada com a ideia de uma de minhas figuras históricas – sem dúvida a mais importante de todas, pelo menos para mim – ter finalmente ganhado vida. Desde que Maestro Lippi me falara pela primeira vez da existência de um Romeu Marescotti contemporâneo, amante da arte e que bebia vinho e circulava por Siena nas madrugadas, eu havia sonhado em segredo com um encontro. Mas, agora que enfim o tinha diante de mim – um homem materializado na tinta vermelha e numa assinatura com um floreio –,

ocorreu-me que o que eu sentia de verdade era náusea... aquela espécie de náusea que sentimos ao trair alguém cuja boa opinião não podemos perder.

Esse alguém, percebi, sentada numa fresta da torre com uma visão panorâmica de uma cidade ao mesmo tempo dolorosamente linda e de uma arrogância imbatível, era Alessandro. Sim, ele era um Salimbeni, e não, não gostava nem um pouco do meu Romeo, mas seu sorriso – quando ele o deixava vir à tona – era tão sincero e contagiante que já havia me fisgado.

Mas, novamente, isso era ridículo. Fazia apenas uma semana que nos conhecíamos e, durante a maior parte do tempo, estivéramos às turras, avidamente espicados pelos preconceitos da minha própria família. Nem mesmo Romeo e Giulietta – os verdadeiros – podiam se gabar desse tipo de inimizade inicial. Era irônico que a história de nossos ancestrais tivesse dado essa volta completa, nos tornando aspirantes a personagens de Shakespeare, e ao mesmo tempo reembaralhasse seriamente nosso pequeno triângulo amoroso.

No entanto, mal me dignei admitir minha paixão por Alessandro, já comecei a ter pena do Romeo que estava prestes a conhecer. De acordo com meu primo Peppo, ele havia fugido para o exterior para escapar da violência que o havia expulsado da cidade junto com a mãe e, qualquer que fosse seu principal objetivo nesse retorno a Siena, era muito possível que ele estivesse arriscando tudo ao propor encontrar-me na Torre del Mangia. Só por isso eu lhe devia um agradecimento.

E, mesmo que ele não estivesse à altura de Alessandro, o mínimo que eu podia fazer era lhe dar uma oportunidade de me impressionar, se era isso que ele pretendia, em vez de lhe fechar teimosamente o coração como fizera Julieta com Páris, depois de conhecer Romeo. Ou... talvez eu estivesse tirando conclusões precipitadas. Quem sabe ele quisesse apenas conversar comigo. Se assim fosse, com toda a franqueza, seria um alívio.

Quando finalmente ouvi passos na escada, levantei do meu poleiro na fresta da torre e alisei o vestido com as mãos rijas, preparando-me para o encontro quase lendário que estava prestes a acontecer. Mas demorou um pouco para que meu herói chegasse ao alto da escada em espiral e, enquanto aguardava, disposta a gostar dele, não pude deixar de notar que, por sua respiração pesada e seu jeito de arrastar um tantinho os pés, parecia que, entre nós dois, eu estava em muito melhor forma.

E então, meu perseguidor ofegante finalmente apareceu, com o traje de couro preto pendurado num braço e o capacete no outro e, de repente, tudo deixou de ter sentido.

Era Janice.

SERIA DIFÍCIL APONTAR o momento exato em que minha relação com Janice tinha começado a desandar. Nossa infância fora repleta de conflitos, mas isso acontece com quase todas as pessoas e a maioria esmagadora da humanidade parece capaz de chegar à maturidade sem perder por completo o amor dos irmãos.

Nós, não. Aos 25 anos, eu já não me lembrava da última vez que tinha abraçado minha irmã ou mantido com ela uma conversa que não acabasse num bate-boca infantil. Toda vez que nos encontrávamos, era como se voltássemos a ter 8 anos, regredindo às mais primitivas formas de argumentação. “Porque eu quero!” e “eu pedi primeiro!” tendem a ser expressões que a maioria das pessoas fica feliz em deixar para trás, como vestígios de uma era de barbárie, do mesmo modo que

abandonam os cobertores de estimação e as chupetas. Mas, para Janice e eu, esses eram os marcos filosóficos de toda a nossa relação.

De modo geral, tia Rose agira como se tudo fosse se ajustar no devido tempo, desde que houvesse uma distribuição igualitária de amor e guloseimas. Sempre que recorriamos à sua arbitragem, ela se cansava da discussão antes mesmo de ouvi-la – afinal, era apenas uma das muitas que se acumulavam à sua volta – e sempre nos dava uma resposta-padrão, que tinha a ver com compartilharmos as coisas ou sermos boas uma com a outra. “Ora, vamos”, dizia, pegando a bomboneira de cristal com *pretzels* de chocolate que ficava numa mesinha bem ao alcance de sua poltrona, “sejam boas meninas! Julie, trate de ser gentil com a Janice e deixe-a pegar emprestado o seu...” fosse o que fosse – livro, boneca, cinto, bolsa, chapéu, botas – “para podermos ter um pouco de sossego, pelo amor de Deus!”

Por isso, como era inevitável, quando nos afastávamos dela a situação era pior do que antes, Janice rindo das minhas perdas e de seus próprios ganhos imerecidos. A razão de ela querer minhas coisas era, em primeiro lugar, as dela terem se quebrado ou ficado “batidas” e ser mais fácil para ela pegar as minhas do que ganhar dinheiro e sair para comprar outras. E assim, deixávamos a poltrona depois de mais uma redistribuição da riqueza que roubava o que era meu e o substituíamos por nada além de um *pretzel* seco de chocolate, tirado da bomboneira. Apesar de todos os seus sermões sobre justiça, tia Rose era uma geradora perpétua de incômodas consequências indesejadas; toda a jornada infernal da minha infância foi pavimentada por suas boas intenções.

Já no ensino médio, eu nem me dava o trabalho de procurá-la para pedir ajuda. Em vez disso, corria direto para a cozinha e ia me queixar com Umberto, que, na minha lembrança, vivia afiando facas e cantando árias de ópera a plenos pulmões. Toda vez que eu saía com o velho “Mas não é justo!”, ele retrucava com “Quem disse que a vida é justa?”. E, quando eu finalmente me acalmava, perguntava: “Então, o que você quer que eu faça a respeito disso?”

À medida que fui ficando mais velha e experiente, aprendi que a resposta correta a essa pergunta era: “Nada, eu mesma é que tenho de fazer alguma coisa.” E era verdade. Eu não corria para Umberto porque realmente quisesse que ele repreendesse Janice – se bem que isso teria sido bom –, mas porque, a seu modo, ele não tinha medo de me dizer que eu era melhor do que minha irmã e merecia mais da vida. Dito isso, porém, era a mim que cabia buscar o que eu queria. O único problema é que ele nunca me disse como.

Durante toda a vida, ao que parecia, eu tinha andado com o rabo entre as pernas, tentando descobrir oportunidades que Janice não pudesse roubar ou estragar de algum modo, mas, onde quer que eu escondesse meus tesouros, ela sempre conseguia farejá-los e destruí-los, os tornando irreconhecíveis. Se eu guardava minhas novas sapatilhas de cetim para o recital de balé do final da temporada, era abrir a caixa e descobrir que ela as havia experimentado e deixado as fitas emaranhadas e, certa vez, depois de eu passar semanas fazendo uma colagem de patinadores no gelo na aula de arte, ela pôs no meio um recorte do Garibaldi, de *Vila Sésamo*, assim que levei o trabalho para casa.

Por mais longe que eu fosse ou por mais que rolasse na sujeira para camuflar meu cheiro e despistar seu faro, lá vinha ela correndo, com a língua de fora, para saltitar à minha volta com jocosa malícia e deixar um monte fedorento de número 2 bem no meio do meu caminho.

Na Torre del Mangia, tudo aquilo me atingiu de uma vez só – minhas inúmeras razões para

detestar Janice. Foi como se alguém tivesse começado a passar uma apresentação de slides de lembranças ruins na minha cabeça e fui tomada por uma onda de fúria que nunca havia sentido na companhia de mais ninguém.

– Surpresa! – disse ela, deixando cair a roupa de couro e o capacete e abrindo os braços para receber os aplausos.

– Que diabo você pensa estar fazendo aqui? – arqueei enfim, com a voz trêmula de raiva. – Era você me perseguindo naquela moto ridícula? E o bilhete... – Tirei da bolsa a nota manuscrita, amassei-a numa bola e a atirei nela. – Você acha que sou idiota?

Janice sorriu, deliciando-se com minha fúria:

– Idiota o bastante para subir nesta maldita torre!... Oh! – Fez uma careta de falsa piedade que havia patenteado aos 5 anos. – É isso? *Você penxou mexmo que eu foxe o Omeu?*

– Está certo – retruquei, tentando interromper suas risadas –, você já se divertiu. Espero que tenha valido a passagem de avião. Agora, se me dá licença, eu adoraria ficar, mas prefiro ir enfiar a cabeça num bidê.

Tentei contorná-la para chegar à escada, mas ela recuou de imediato, bloqueando a porta.

– Ah, não, você não vai cair fora! – sibilou, mudando a expressão de risonha para tempestuosa. – Não enquanto não me der a minha parte.

Sobressaltei-me:

– Como é que é?

– Não, desta vez não – disse ela, o lábio superior tremendo enquanto tentava encenar o papel da pessoa magoada para variar. – Estou sem grana. Falida.

– Pois então ligue para o serviço de atendimento aos milionários! – retruquei, entrando de cabeça na nossa velha encenação fraterna. – Achei que você tivesse herdado uma fortuna recentemente, não foi? De alguém que nós duas conhecíamos?

– Ah, rá-rá-rá! – zombou Janice, forçando um sorriso. – É, aquela foi impagável! A boa tia Rose e seus zilhões!

– Não faço a menor ideia do motivo de você estar choramingando – rebati, balançando a cabeça. – Na última vez que a vi, você tinha acabado de ganhar na loteria. Se é mais dinheiro que está querendo, sou a última pessoa com quem deve falar.

Avancei de novo em direção à porta e, dessa vez, estava decidida a passar.

– Saia-da-minha-frente – ordenei. E, para meu espanto, ela saiu.

– Ora, olhem só para ela! – troçou Janice quando passei a seu lado. Se não a conhecesse melhor, eu diria ter visto inveja em seus olhos. – A princesinha fujona! Quanto de minha herança você desperdiçou em roupas, hein?

Quando simplesmente continuei a andar, sem nem ao menos parar e responder, a ouvi se atrapalhar para pegar suas coisas e me seguir. Durante toda a descida da escada em espiral, ela ficou bem atrás de mim, gritando primeiro com raiva, depois com frustração e, por fim, com algo tão inusitado quanto o desespero.

– Espere! – berrou, usando o capacete como amortecedor para não bater na parede de tijolos. – Temos que conversar! Pare! Jules! Estou falando sério!

Mas eu não tinha intenção de parar. Se Janice tinha mesmo algo importante para me dizer, por que não o fizera de uma vez? Por que toda aquela palhaçada com a motocicleta e a tinta vermelha? E

por que ela havia desperdiçado nossos cinco minutos na torre com sua lenga-lenga de sempre? Se, como havia insinuado em seu discursinho, ela já conseguira dilapidar a fortuna de tia Rose, sem dúvida eu compreendia sua frustração. Mas, a meu ver, isso era problema dela.

Assim que cheguei à base da torre, afastei-me do Palazzo Pubblico e cruzei o Campo com passos firmes, deixando Janice entregue a suas confusões. A Ducati Monster estava estacionada bem em frente ao prédio, como uma limusine parada à porta da cerimônia de entrega do Oscar e, pelo que pude ver, pelo menos três policiais aguardavam com impaciência – braços musculosos nas cadeiras, óculos escuros – a volta do dono do veículo.

A CAFETERIA DE MALÈNA foi o único lugar em que consegui pensar onde Janice não me encontraria imediatamente. Se eu voltasse para o hotel, calculei, ela apareceria em minutos para recomençar a desenhar o número oito embaixo da minha sacada.

Assim, praticamente corri até a Piazza Postierla, olhando para trás a cada 10 passos, para ter certeza de que ela não me seguia, ainda sentindo um nó de raiva na garganta. Quando enfim disparei bar adentro e bati a porta atrás de mim, Malèna me saudou com uma gargalhada:

– *Dio mio!* O que você está fazendo aqui? Parece que está bebendo café demais.

Ao ver que eu não tinha fôlego nem para responder, ela virou para trás e encheu um copo com água da torneira. Enquanto eu o bebia, debruçou-se no balcão, com um ar de indisfarçada curiosidade:

– Alguém... anda lhe causando problemas? – sugeri, com uma expressão indicativa de que, se fosse o caso, ela teria alguns primos, além do cabeleireiro Luigi, que ficariam mais do que satisfeitos em me ajudar.

– Bem... – respondi, mas por onde começar? Olhando em volta, fiquei aliviada ao ver que estávamos quase sozinhas na cafeteria e que os outros fregueses estavam absortos em suas próprias conversas. Ocorreu-me que essa era a oportunidade de qual eu estivera esperando desde que Malèna mencionara a família Marescotti na véspera. – Eu ouvi direito – comecei, mergulhando no assunto antes que pudesse mudar de ideia – quando você disse que seu sobrenome era *Marescotti*?

A pergunta fez Malèna abrir um sorriso exuberante:

– *Certamente!* Nasci Marescotti. Agora sou casada, mas... – levou uma das mãos ao peito – aqui eu sempre serei uma Marescotti. Você viu o *palazzo*?

Balancei a cabeça com um vigor educado, pensando no concerto bastante penoso a que havia assistido com Eva Maria e Alessandro dois dias antes:

– É lindo. Estive pensando... uma pessoa me disse... – Fui parando de falar, sentindo o embaraço transparecer em meu rosto ao perceber que, independentemente de como eu formulasse minha pergunta seguinte, bancaria uma completa idiota.

Vendo-me enrubescer, Malèna pescou uma garrafa de uma bebida de fabricação caseira atrás do balcão – nem precisou olhar – e serviu uma dose generosa em meu copo de água.

– Beba – disse-me. – É um especial dos Marescotti. Vai deixá-la contente. Tintim.

– São 10 horas da manhã – protestei, com pouquíssima vontade de provar o líquido turvo, fosse qual fosse sua ascendência.

– Bah! – Ela deu de ombros. – Talvez sejam 10 horas em Florença...

Depois de engolir obedientemente a mistura mais intragável que eu já tinha provado, desde a tentativa de Janice de fazer cerveja no closet de seu quarto – e de ainda fabricar um elogio –, finalmente achei que havia conquistado o direito de perguntar:

– Você é parente de um sujeito chamado Romeo Marescotti?

A transformação de Malèna ao entender minha pergunta foi quase estranha. De minha melhor amiga, apoiada nos cotovelos para ouvir meus problemas, ela passou de estalo a uma postura ereta, com um arquejo de espanto, e arrolhou bruscamente a garrafa.

– Romeo Marescotti está morto – disse, tirando meu copo vazio e limpando o tampo do balcão com um movimento do pano de prato que parecia uma chicotada. Só então ela me fitou nos olhos e, onde houvera bondade no minuto anterior, vi apenas sofrimento e desconfiança. – Ele era meu primo. Por quê?

– Oh! – exclamei, sentindo no corpo o peso da decepção, que me deixou estranhamente zozza. Ou talvez tivesse sido a bebida. – Lamento muito. Eu não devia ter... – Achei que aquela não era a hora de lhe dizer que meu primo Peppo havia desconfiado de que Romeo estivesse por trás da invasão do museu. – É que Maestro Lippi, o pintor, disse que o conhecia.

Malèna deu um resmungo, mas pelo menos pareceu aliviada.

– Maestro Lippi – sussurrou, girando um dedo em volta da orelha – conversa com fantasmas. Não dê ouvidos a ele. Ele é... – Procurou uma palavra apropriada, mas não a encontrou.

– Há também outra pessoa – falei, calculando que poderia estragar tudo de uma vez por todas. – O chefe da segurança do Monte dei Paschi. Alessandro Santini. Você o conhece?

Os olhos de Malèna arregalaram-se de surpresa por um instante, depois se estreitaram rapidamente:

– Siena é um lugar pequeno. – Pelo jeito como disse isso, percebi que havia algo de podre em toda aquela história.

– Por que você acha – prossegui, mais devagar, torcendo para que minhas perguntas não reabrissem uma antiga ferida – que alguém andaria por aí dizendo que seu primo Romeo ainda está vivo?

– Ele disse isso? – perguntou Malèna, estudando atentamente meu rosto, mais incrédula do que triste.

– É uma longa história – respondi –, mas o resumo é que fui *eu* que andei fazendo perguntas sobre Romeo. É que... eu sou Giulietta Tolomei.

Eu não esperava que ela compreendesse as implicações de meu nome junto ao de Romeo, mas o susto em seu rosto me disse que ela sabia exatamente quem eu era, ancestrais e tudo. Assim que superou essa pequena surpresa, ela teve uma reação muito meiga: estendeu a mão e apertou meu nariz de leve.

– *Il gran disegno* – murmurou. – Eu sabia que havia uma razão para você ter me procurado. – Então fez uma pausa, como se quisesse me dizer alguma coisa, mas sabia que não era conveniente. Em vez disso, acrescentou, com um sorriso simpático: – Pobre Giulietta. Eu gostaria de poder lhe dizer que ele está vivo, mas... não posso.

QUANDO FINALMENTE SAÍ do café, havia esquecido Janice por completo. Assim, foi uma

surpresa desagradável encontrá-la à minha espera do lado de fora, comodamente encostada na parede, como um caubói passando o tempo até que o *saloon* abrisse.

Tão logo a vi parada, com um sorriso triunfal por ter me localizado, tudo me voltou à lembrança – a motocicleta, o bilhete, a torre, a discussão – e dei um suspiro alto, começando a andar na direção oposta, sem me importar realmente em saber para onde iria, desde que ela não me seguisse.

– Qual é a sua com a mamãezinha apetitosa lá dentro? – perguntou Janice, quase tropeçando nos próprios pés para me alcançar. – Está tentando me deixar com ciúme?

A essa altura eu estava tão farta dela que parei no meio da Piazza Postierla e girei nos calcanhares, para lhe perguntar, aos gritos:

– Será que preciso mesmo explicar tudo? Estou tentando me livrar de você!

Durante todos os anos que passamos juntas, eu disse muitas coisas desagradáveis a minha irmã e essa não chegava nem perto de ser a pior. Mas, talvez pelo cenário desconhecido, aquilo teve um grande efeito sobre ela e, por um breve instante, Janice pareceu perplexa, quase como se fosse chorar.

Dando-lhe as costas, enojada, recomecei a andar, abrindo uma certa distância, antes que, mais uma vez, ela viesse atrás de mim aos tropeços, com as botas de salto fino inclinando-se de um lado para outro no pavimento irregular de pedras.

– Tã legal! – exclamou ela, balançando os braços para se equilibrar. – Desculpe pela moto, está bem? E me desculpe pela carta. Certo? Eu não sabia que você reagiria desse jeito. – Ao ver que eu não respondia nem diminuía o passo, resmungou alguma coisa e continuou andando, ainda sem conseguir me alcançar. – Escute, Jules, sei que você está irritada. Mas precisamos mesmo conversar. Lembra-se do testamento da tia Rose? Era fal... *ai!*

Janice devia ter torcido alguma coisa, porque, quando me virei para olhar, estava sentada no meio da rua, massageando o tornozelo.

– O que você disse? – perguntei, cansada, voltando alguns passos em sua direção. – Sobre o testamento?

– Você me ouviu – respondeu ela, mal-humorada, examinando o salto quebrado da bota. – Era tudo falso. Achei que você estava metida naquilo e por isso fiquei na minha, tentando descobrir o que você estava tramando, mas... estou disposta a lhe conceder o benefício da dúvida.

A SEMANA NÃO tinha sido boa para minha irmã gêmea malvada. Para começar, contou-me, mancando com um braço apoiado no meu ombro, ela havia descoberto que o advogado da família, Sr. Gallagher, não era de fato o Sr. Gallagher. Como? Bem, o *verdadeiro* Sr. Gallagher tinha aparecido. Em segundo lugar, o testamento que o impostor nos mostrara depois do funeral não havia passado de ficção. Na realidade, tia Rose não tinha nada para deixar a ninguém e ser sua herdeira significaria não ganhar nada além de dívidas. Terceiro, dois policiais tinham aparecido na casa, no dia seguinte à minha partida, e passado uma descompostura em Janice por ela ter retirado a fita amarela. Que fita amarela? Ora, a que eles tinham usado para isolar a casa, ao descobrirem que era a cena de um crime.

– Cena de um crime? – Apesar do sol alto no céu, senti um calafrio. – Tia Rose foi *assassinada*?

Janice deu de ombros da melhor maneira que pôde, fazendo força para manter o equilíbrio.

– Só Deus sabe. Parece que ela estava coberta de hematomas, embora, supostamente, tivesse

morrido durante o sono.

– Janice! – Eu mal sabia o que dizer, senão repreendê-la por ser tão desrespeitosa. Essa notícia inesperada, de que talvez tia Rose não tivesse morrido serenamente, como Umberto havia descrito, apertou-me a garganta feito um laço, quase me sufocando.

– Qual é? – rebateu ela, a voz carregada de emoção. – Você acha que foi divertido passar a noite inteira sentada naquela sala de interrogatórios e... responder a perguntas para saber se... – mal conseguiu proferir as palavras – se eu realmente a amava?

Olhei para seu perfil, perguntando a mim mesma quando tinha sido a última vez que vira minha irmã chorar. Com o rímel borrado e a roupa amarrotada por causa do tombo, ela parecia efetivamente humana e até amável, talvez por causa do tornozelo latejando, da tristeza e de toda a decepção. Ao perceber de repente que, para variar, *eu* é que teria de ser forte, procurei entendê-la melhor e reprimir temporariamente todas as ideias sobre a pobrezinha da tia Rose:

– Não estou entendendo! Afinal, onde estava Umberto?

– A-há! – A pergunta fez Janice recuperar um pouco do entusiasmo. – Você quer dizer *Luciano*? – Ela olhou para mim de relance para ver se eu estava adequadamente chocada. – Isso mesmo. O velho Birdie era um fugitivo, um facínora, um bandido... pode escolher. Durante todos aqueles anos, tinha se escondido no nosso roseiral, enquanto a polícia e a máfia o procuravam. Parece que o encontraram, seus velhos parceiros da bandidagem e ele simplesmente... – com a mão livre, Janice estalou os dedos no ar – pu! Sumiu!

Parei para retomar o fôlego, engolindo forte para segurar no estômago a bebida especial dos Marescotti oferecida por Malêna, que deveria me deixar feliz mas tinha gosto de aflição.

– O nome dele por acaso não seria... Luciano Salimbeni, seria?

Janice ficou tão estarecida com minha astúcia que se esqueceu por completo de não poder apoiar o peso do corpo no pé esquerdo.

– Ora vejam! – exclamou, tirando o braço do meu ombro. – Você *tem mesmo* alguma coisa a ver com essa merda!

TIA ROSE COSTUMAVA dizer que havia contratado Umberto por causa de sua torta de cereja. E, embora até certo ponto isso fosse verdade – ele sempre aparecia com as sobremesas mais extravagantes –, o fato é que ela ficava perdida sem ele. O mordomo cuidava de tudo, da cozinha, do jardim, da manutenção geral da casa, porém, o que era ainda mais admirável, conseguia dar a impressão de que sua contribuição era insignificante, comparada às tarefas gigantescas realizadas pela própria tia Rose – como fazer os arranjos de flores da mesa de jantar. Ou procurar palavras complicadas no dicionário.

A verdadeira genialidade de Umberto estava em sua capacidade de nos fazer acreditar que nós nos sustentávamos. Era quase como se ele fracassasse em seus esforços caso conseguíssemos identificar sua mão nas bênçãos com que éramos cumuladas. Ele era uma espécie de Papai Noel do ano inteiro, que só gostava de dar presentes a quem dormisse um sono profundo.

Assim como a maioria das coisas de nossa infância, a chegada de Umberto à porta da nossa vida norte-americana tinha sido coberta por um véu de silêncio. Nem Janice nem eu conseguíamos nos lembrar de quando ele não estava presente. Às vezes, enquanto atentamente observadas pela lua cheia

ficávamos deitadas em nossas camas procurando superar uma à outra na recordação de nossa exótica primeira infância na Toscana, Umberto sempre fazia parte da cena.

De certo modo, eu gostava mais dele do que jamais tinha gostado de tia Rose, porque ele sempre tomava meu partido e me chamava de sua princesinha. Aquilo nunca fora explícito, mas tenho certeza de que todos sentíamos sua reprovação aos maus modos das vez mais acentuados de Janice e seu apoio sutil a mim, sempre que eu optava por não imitar as malcriações dela.

Quando Janice lhe pedia que contasse uma história para dormir, o que recebia era um breve conto moralista, que acabava com alguém tendo a cabeça decepada. Quando eu me encolhia no banco da cozinha, ele pegava os biscoitos especiais da lata azul e me contava histórias intermináveis, histórias sobre cavaleiros de armadura, belas donzelas e tesouros enterrados. E, quando cresci o bastante para compreender, ele me garantiu que Janice não tardaria a ser punida. Aonde quer que ela fosse, levaria consigo um pedaço inescapável do inferno, porque ela própria era o inferno e, com o tempo, perceberia que ela mesma era seu pior castigo. Eu, por outro lado, era uma princesa e um dia – se me certificasse de ficar longe de influências corruptoras e erros irremediáveis – conheceria um belo príncipe e encontraria meu reino encantado.

Como eu poderia não amá-lo?

PASSAVA MUITO DO meio-dia quando enfim ficamos a par das novidades uma da outra. Janice me contou tudo o que a polícia dissera sobre Umberto – ou melhor, Luciano Salimbeni –, o que não era muito, e em troca eu lhe disse tudo o que me acontecera desde a chegada a Siena, o que era bastante coisa.

Acabamos almoçando na Piazza del Mercato, com vista para a Via dei Malcontenti e para um vale verde e profundo. O garçom nos informou que mais além daquele vale ficava a sinistra estrada de mão única, a Via di Porta Giustizia, ao fim da qual, no passado, os criminosos eram executados em público.

– Que gracinha – comentou Janice, sorvendo sua sopa de *ribollita* com os cotovelos na mesa, sua breve tristeza havia muito desaparecida. – Não admira que o velho Birdie não sentisse vontade de voltar para cá.

– Ainda não acredito – resmunguei, cutucando minha comida com o garfo. Ver Janice comer era o bastante para acabar com meu apetite, isso para não falar das surpresas que ela havia trazido. – Se ele realmente matou nossos pais, por que não nos matou também?

– Sabe – disse Janice –, às vezes eu achava que ele ia fazer isso. É sério. Tinha aquele olhar de serial killer.

– Talvez se sentisse culpado pelo que havia feito... – sugeri.

– Ou talvez – interrompeu Janice – soubesse que precisava de nós, ou de *você*, pelo menos, para pegar a caixa de nossa mãe com o *Sr. Macaroni*.

– Imagino – retruquei, tentando aplicar a lógica onde a lógica não era suficiente – que possa ter sido ele quem contratou Bruno Carrera para me seguir, não acha?

– Bem, é óbvio! – disse minha irmã, revirando os olhos. – E pode ter certeza de que ele também está manipulando o seu namoradinho como um fantoche.

Lancei-lhe um olhar fuzilante que ela pareceu nem notar.

– Espero que você não esteja falando de Alessandro, não é?
– Hum, Alessandro... – Ela saboreou o nome como se fosse um caramelo de chocolate. – Tenho que admitir, Jules, que valeu a pena esperar por ele. É uma pena que ele já esteja em conluio com Birdie.

– Você é repulsiva – retruquei, sem deixar que ela me perturbasse – e está errada.

– É mesmo? – Janice não gostava de se enganar. – Então explique por que ele invadiu o seu quarto no hotel.

– *O quê?*

– Ah, sim – disse ela, levando o tempo que bem entendeu para mergulhar a última fatia de pão no azeite –, naquela noite em que eu a salvei do Bruno Pisa-Leve e você acabou num tremendo pileque com o mestre-pintor... Alessandro fez a maior farra no seu quarto. Não acredita? – Ela meteu a mão no bolso, toda contente por acabar com minha incredulidade. – Então, dê uma olhada nisto.

Sacando o telefone celular, ela me mostrou uma série de fotos borradas de alguém escalando minha sacada. Era difícil dizer se de fato era Alessandro, mas Janice insistiu que *sim* e eu a conhecia havia tempo suficiente para identificar aqueles raros tremores em volta de sua boca como sinceridade.

– Desculpe – disse ela, quase como se realmente lamentasse –, sei que isso está destruindo a sua pequena fantasia, mas achei que você gostaria de saber que o seu ursinho Pooh não está só atrás do mel.

Joguei o celular em cima dela, sem saber o que dizer. Houvera coisas demais para absorver nas últimas horas e, decididamente, eu tinha chegado a meu ponto de saturação. Primeiro Romeo... morto e enterrado. Depois, Umberto... renascido como Luciano Salimbeni. E agora, Alessandro...

– Não me olhe desse jeito! – murmurou Janice com ar aborrecido, usurpando a superioridade moral com a destreza de praxe. – Estou lhe fazendo um favor! Imagine se você fosse em frente, se apaixonasse por esse cara e depois descobrisse que ele só estava atrás das joias da família.

– Por que não me faz um outro favor – retruquei, reclinando-me na cadeira para ficar o mais longe possível dela – e me explica como você me encontrou, para começo de conversa? E o que foi aquela encenação idiota de Romeo?

– Nem uma palavra de agradecimento! Essa é a história da minha vida! – disse Janice, tornando a enfiar a mão no bolso. – Se eu não tivesse espantado o Bruno, agora você poderia estar morta. Mas imagine se você se importa. Não, não, não. Só sabe reclamar!

Janice atirou uma carta em cima da mesa, por pouco não a jogando na terrina de molho.

– Tome. Veja você mesma. Essa é a *verdadeira* carta da *verdadeira* tia Rose, entregue a mim pelo *verdadeiro* Sr. Gallagher. Trate de respirar fundo. Isso é tudo o que ela nos deixou.

Enquanto ela acendia seu cigarro semanal, com as mãos trêmulas, sacudi alguns farelos da carta e a retirei do envelope. Consistia em oito folhas de papel, todas cobertas pela letra de tia Rose, e, se a data estivesse certa, fazia anos que ela a havia deixado com o Sr. Gallagher.

Dizia o seguinte:

Minhas queridas meninas,

*Muitas vezes vocês me perguntaram por sua mãe e nunca lhes contei a verdade.
Foi para seu próprio bem. Eu tinha medo de que, se soubessem como ela tinha sido,*

vocês quisessem ser iguazinhas. Mas não quero levar isso comigo para o túmulo, portanto, aqui estão elas, todas as coisas que eu temia lhes dizer.

Vocês sabem que Diane veio morar comigo quando os pais e o irmãozinho dela morreram. Mas eu nunca disse como eles morreram. Foi muito triste e um grande choque para Diane, do qual acho que ela nunca se refez. Foi um acidente de automóvel num trânsito terrível de feriado. Ela me disse que eles estavam discutindo e que a culpa fora dela por ter brigado com o irmão. Era véspera de Natal. Acho que ela nunca se perdoou. Nunca abria seus presentes. Era uma menina muito religiosa, muito mais do que a sua velha tia, especialmente no Natal. Eu gostaria de tê-la ajudado, mas, naquela época, as pessoas não viviam correndo para os médicos.

O grande interesse dela era a genealogia. Diane acreditava que nossa família descendia da nobreza italiana pela linhagem materna e me contou que, antes de morrer, minha mãe lhe revelara um grande segredo. Achei muito estranho mamãe ter contado à neta algo que nunca dissera a mim nem a Maria, suas próprias filhas, e não acreditei numa só palavra. Mas Diane era muito teimosa e continuou a dizer que descendíamos da Julieta de Shakespeare e que havia uma maldição sobre a nossa linhagem. Dizia também que fora por isso que o pobre Jim e eu nunca tivéramos filhos e que os pais e o irmão dela tiveram de morrer. Nunca a estimulei quando ela falava desse jeito, apenas a deixava falar. Depois que ela morreu, fiquei pensando que deveria ter feito alguma coisa para ajudá-la, porém era tarde demais.

O coitado do Jim e eu tentamos fazê-la terminar o curso universitário, mas ela era muito inquieta. Quando menos esperávamos, foi para a Europa com sua mochila nas costas e de repente escreveu para dizer que ia se casar com um professor italiano. Não fui ao casamento. Jim estava muito doente na época e, depois que ele morreu, não tive vontade de viajar. Agora me arrependo disso. Diane estava completamente só, com filhas gêmeas, e depois disso houve um incêndio terrível na casa dela, que matou seu marido, de modo que nunca cheguei a conhecê-lo, pobre alma.

Escrevi muitas cartas a Diane pedindo que voltasse para casa, mas ela não quis, teimosa como era, que Deus a tenha. Tinha comprado uma casa e vivia dizendo que queria dar continuidade às pesquisas do marido. Disse-me por telefone que ele passara a vida inteira à procura de um tesouro de família capaz de quebrar a maldição, mas não acreditei numa única palavra. Disse-lhe que era uma tolice ela se casar com uma pessoa da própria família, mesmo que fosse um parente muito distante, mas ela retrucou que era preciso, porque ela carregava os genes dos Tolomei recebidos da mãe e da avó, mas ele tinha o sobrenome e as duas coisas deviam andar juntas. Era tudo muito estranho, se vocês querem saber. Vocês duas foram batizadas em Siena, como Giulietta e Giannozza Tolomei. Sua mãe disse que esses nomes eram uma tradição familiar.

Tentei de tudo para fazê-la voltar para casa, nem que fosse para uma visita, eu dizia, e chegamos até a comprar as passagens. Mas ela andava muito ocupada com suas pesquisas e dizia que estava muito perto de descobrir o tesouro, falou que precisava conversar com um homem sobre um antigo anel. Uma manhã, recebi um

telefonema de um policial de Siena, que me disse que houvera um acidente terrível e que sua mãe tinha morrido. Disse-me que vocês duas estavam com seus padrinhos, mas era provável que estivessem correndo perigo e que eu devia ir buscá-las imediatamente. Quando cheguei para pegá-las, a polícia me perguntou se algum dia Diane havia mencionado um homem chamado Luciano Salimbeni, o que me deixou muito assustada. Eles queriam que eu ficasse para uma audiência, mas estava tão apavorada que levei vocês duas para o aeroporto na mesma hora e viemos para casa, sem sequer esperar que os papéis da adoção ficassem prontos. Também mudei seus nomes. Chamei Giulietta de Julie e Giannozza de Janice. E, em vez de Tolomei, dei-lhes meu sobrenome, Jacobs. Não queria que aparecesse algum italiano maluco à sua procura ou querendo adotá-las. E até contratei Umberto para protegê-las e ficar de olho no tal Luciano Salimbeni. Felizmente, nunca mais ouvimos falar dele.

Não sei muita coisa sobre o que Diane fez nos anos em que ficou sozinha em Siena, mas acho que ela encontrou algo muito valioso e o deixou naquela cidade, para ser recuperado por vocês. Espero que, se algum dia o acharem, o dividam irrimãmente. Ela também tinha uma casa e acho que seu marido era rico. Se houver restado alguma coisa de valor para vocês em Siena, talvez também possam cuidar do querido Umberto, sim?

Para mim é muito doloroso dizer isso, mas não sou rica como vocês pensam. Tenho vivido da pensão do pobre Jim, mas, quando eu morrer, não sobrará nada para vocês duas, apenas dívidas. Talvez eu devesse ter lhes contado, mas nunca fui muito boa com essas coisas.

Eu gostaria de ter mais informações sobre o tesouro de Diane. Às vezes ela falava nisso, mas eu não ouvia. Achava que era apenas uma das suas histórias malucas. Mas há um homem num banco no Palazzo Tolomei que talvez possa ajudá-las. Por mais que tente, não consigo me lembrar do nome dele. Era o consultor financeiro de sua mãe e acho que era bem moço, então talvez ainda esteja vivo.

Se vocês decidirem ir até lá, lembrem-se apenas de que há pessoas em Siena que acreditam nas mesmas histórias em que sua mãe acreditava. Eu gostaria de ter prestado atenção quando ela me contou tudo aquilo. Não digam seus nomes verdadeiros a ninguém, exceto ao homem do banco. Talvez ele possa ajudá-las a encontrar a casa. Eu gostaria que vocês fossem juntas. É o que Diane iria querer. Devíamos ter ido anos atrás, mas eu tinha medo de que acontecesse alguma coisa com vocês.

Agora vocês sabem que não lhes deixei nada com que viver. Mas espero que, com esta carta, pelo menos tenham uma chance de descobrir o que sua mãe deixou. Estive com o Sr. Gallagher hoje de manhã. Eu realmente não devia ter vivido tanto; não sobrará nada, nem mesmo as lembranças, porque jamais quis que vocês as conhecessem. Sempre temi que fugissem como Diane e se metessem em encrencas. Agora sei que encontrarão encrencas aonde quer que forem. Sei o que significa a expressão que há em seus olhos. Sua mãe também a tinha. E quero que saibam que rezo por vocês todo dia.

*Umberto sabe onde estão guardadas as instruções sobre o funeral.
Deus abençoe seus corações inocentes!*

*Com muito amor,
Tia Rose*

*Será que o céu não tem misericórdia
Que veja até o fundo a minha dor?*

S

Presas em seu quarto no alto da torre dos Tolomei, Giulietta nada sabia do que se passava na cidade lá embaixo. Vinha sendo mantida ali desde o dia do funeral de Tebaldo e ninguém tinha permissão de visitá-la. As venezianas da janela tinham sido fechadas com pregos por um dos guardas de Tolomei e a comida era entregue por uma abertura na porta, mas isso mal tinha importância, porque, fazia muito, muito tempo, ela não ingeria nada.

Nas primeiras horas de prisão, a jovem tinha implorado a quem pudesse ouvi-la pela porta que a deixasse sair.

– Bondosa tia! – rogara, encostando na porta o rosto banhado em lágrimas. – Por favor, não me trateis assim! Lembrai-vos daqueles de quem sou filha!... Queridos primos, será que me ouvis? – Mas, quando ninguém se atrevera a responder, ela havia começado a gritar com os guardas, maldizendo-os por obedecerem às ordens de um demônio disfarçado de homem.

Como ninguém reagiu com uma única palavra, Giulietta acabou desanimando. Enfraquecida pela tristeza, deitou-se na cama com a cabeça coberta pelo lençol, sem conseguir pensar em nada além do corpo ferido de Romeo e sua própria incapacidade de impedir aquela terrível morte. Só então os criados temerosos se aproximaram da porta para lhe oferecerem algo para comer e beber, mas Giulietta recusou tudo, inclusive a água, na esperança de apressar sua morte e acompanhar o amado ao Paraíso, antes que ele se adiantasse demais.

O único dever que lhe restava na vida, julgou ela, era redigir uma carta secreta para sua irmã Giannozza. Era para ser um bilhete de despedida, mas no fim acabou sendo apenas mais uma carta entre muitas outras, escrita à luz de um toco de vela e escondida sob uma tábua solta. E pensar, escreveu a jovem, que um dia ela ficara tão intrigada com este mundo e todos os que viviam nele. Agora compreendia que Frei Lorenzo sempre estivera certo. “O mundo mortal é um mundo de pó”, costumava dizer. “Onde quer que pisemos, ele se esfarela bem embaixo de nossos pés e, se não andamos com cuidado, perdemos o equilíbrio e despencamos pela borda, caindo no limbo.” Com certeza era nesse limbo que ela estava nesse momento, pensou Giulietta – no abismo do qual nenhuma prece podia ser ouvida.

ELA SABIA QUE esse tipo de sofrimento não era estranho a Giannoza. A despeito de todas as ideias modernas do pai sobre suas filhas deverem saber ler e escrever, ele fora um homem antiquado no que dizia respeito ao casamento. Para ele, as filhas eram emissárias passíveis de ser enviadas a terras estrangeiras para firmar alianças com pessoas importantes. Assim, quando o primo de sua mulher – um nobre que possuía uma vasta propriedade ao norte de Roma – manifestou interesse em ter laços mais estreitos com os Tolomei, ele informou a Giulietta que ela teria de partir. Afinal, era quatro minutos mais velha do que sua irmã Giannoza, e era dever da mais velha ir primeiro.

Ao saberem da notícia, as irmãs haviam passado vários dias aos prantos, ante a perspectiva de serem brutalmente separadas e instaladas a uma enorme distância uma da outra. Mas o pai tinha sido inflexível e a mãe mais ainda – afinal, o noivo não era nenhum estranho, e sim seu primo – e as meninas tinham acabado por aborçar os pais com uma humilde proposta:

– Pai – disse Giannoza, pois era a única com ousadia suficiente para dizer o que pensava –, Giulietta sente-se honrada com os planos que tendes para ela, mas pede que considereis se não seria melhor eu ir em seu lugar. A verdade é que ela sempre teve o coração voltado para o convento e teme não ser uma esposa muito feliz para ninguém senão Cristo. Eu, por outro lado, não faço objeção a um casamento terreno. Creio mesmo que gostaria muito de dirigir minha própria casa. Assim, estivemos pensando – e pela primeira vez Giannoza fitou também a mãe, esperando sua aquiescência – se consideraríeis despachar-nos juntas, eu como noiva e Giulietta como noviça em um convento próximo. Desse modo, poderíamos ver-nos sempre que quiséssemos e não teríeis que vos preocupar com nosso bem-estar.

Ao ver que Giulietta se opunha tanto à ideia do casamento, o pai finalmente concordou em deixar que Giannoza tomasse seu lugar. Quanto à outra metade do plano, entretanto, tratou-a com desdém:

– Se Giulietta recusa-se a se casar agora – disse, sentado atrás de sua grande escrivaninha, de braços cruzados, as mulheres postadas à sua frente com ar suplicante –, casará depois, quando houver esquecido esse... disparate. – E balançou a cabeça, aborrecido com essa interferência em seus planos. – Eu nunca devia ter-vos ensinado a ler! Desconfio que andastes lendo a Bíblia pelas minhas costas e aquilo basta para encher de tolices a cabeça de uma jovem!

– Mas, pai...

Só então a mãe deu um passo à frente, com faíscas nos olhos:

– Que vergonha – disse às filhas, sibilando – colocardes vosso pai nessa situação! Não somos pobres, mas estais pedindo que ele se porte como se fôssemos! Cada uma de vós tem dote suficiente para tentar um príncipe! Mas temos sido seletivos. Muitos já vieram pleitear-te, Giulietta, mas teu pai rejeitou a todos, por saber que poderíamos nos sair melhor. E agora queres que ele se regozije por te ver como *freira*?... Como se não dispuséssemos de recursos e relações para conseguir-te um bom casamento? Tu me envergonhas por colocares teus desejos egoístas acima da dignidade de tua família!

Assim Giannoza havia desposado um homem que nunca tinha visto e passara a noite de núpcias com um noivo que tinha três vezes a sua idade, os olhos da mãe dela, porém as mãos de um estranho. Ao se despedir da família na manhã seguinte, deixando sua casa para sempre com o marido, ela havia cumprimentado todos um a um, sem dizer palavra, com os lábios firmemente

cerrados para não maldizer os pais.

As palavras tinham vindo depois, em cartas intermináveis enviadas de seu novo lar e dirigidas não diretamente a Giulietta, mas ao amigo de ambas, Frei Lorenzo, para que ele as entregasse às escondidas quando estivesse com Giulietta no confessionário da capela. Eram cartas que nunca se poderia esquecer, fadadas a atormentar para sempre quem as lesse, e muitas vezes Giulietta aludia a elas em seus próprios escritos, como ao concordar com a irmã em que “de fato existem neste mundo, como eu dizes, homens que prosperam no mal, homens que só vivem para ver os outros sofrerem”. Mas ela sempre incentivava Giannoza a olhar o lado positivo das coisas – seu marido era velho e doente e com certeza morreria enquanto ela ainda fosse jovem e, apesar de Giannoza não ter permissão para sair, ao menos a vista de seu castelo era magnífica. Chegou até a assinalar que, “ao contrário do que dizes, querida, pode-se encontrar *algum* prazer na companhia dos homens. Nem todos são inteiramente podres”.

Na carta de despedida para Giannoza, entretanto, redigida em sua prisão no dia seguinte ao do funeral de Tebaldo, Giulietta não conseguiu mais falar do futuro com tanta coragem. “Tinhas razão”, escreveu simplesmente, “é eu estava errada. Quando a vida fere mais do que a morte, não vale a pena viver.”

ASSIM, ELA DECIDIRA morrer, rejeitando todo o qualquer alimento até que seu corpo desmoronasse, libertando-lhe a alma para que se reunisse com Romeo. Todavia, no terceiro dia da greve de fome, com os lábios rachados e a cabeça latejando, uma nova ideia começou a persegui-la: exatamente a que lugar do Paraíso ela teria que ir para encontrá-lo? Era óbvio que se tratava de um lugar enorme – tinha que ser – e não havia como saber se os dois seriam mandados para a mesma região. Na verdade, ela temia que isso não acontecesse.

Embora não fosse perfeitamente isenta de pecados aos olhos de Deus, ela ainda era uma donzela inocente. Romeo, por outro lado, sem dúvida teria deixado um longo rastro de injúrias. Além disso, não tinha havido ritos fúnebres nem orações proferidas junto a seu corpo e por isso era duvidoso até que ele fosse para o Paraíso. Talvez estivesse fadado a vagar como um fantasma, ferido e ensanguentado, até que – se é que isso viria a acontecer – um bom samaritano se apiedasse dele e finalmente desse repouso a seu cadáver.

Giulietta sentou-se na cama, ofegante. Se morresse nesse momento, quem haveria de providenciar para que Romeo tivesse um sepultamento adequado? Se ficasse por conta dos Tolomei descobrir o corpo, na próxima vez que houvesse um enterro na família – o dela mesma, muito provavelmente –, era certo que lhe dariam tudo, menos paz. Não, pensou, finalmente estendendo a mão trêmula para o copo, teria que continuar viva até conversar com Frei Lorenzo e lhe explicar a situação.

Onde estaria o frade? Em sua aflição, Giulietta não tinha querido falar com ninguém, nem mesmo com seu velho amigo, e fora um alívio ele nunca ter ido visitá-la. Mas, agora que se decidira por um plano que não teria a menor possibilidade de executar sozinha, ela ficou furiosa pelo fato de o religioso não estar a seu lado. Só mais tarde, depois de devorar até o último pedacinho de comida que conseguiu achar no aposento, lhe ocorreu que seu tio Tolomei talvez houvesse proibido totalmente as visitas do frade, na tentativa de impedir que ele relatasse o sofrimento da moça.

Andando de um lado para outro no quarto, com uma pausa ocasional para espiar pelas frestas

das venezianas pregadas a fim de adivinhar as horas, Giulietta acabou concluindo que a morte teria de esperar. Não porque desejasse viver, mas porque ainda restavam na vida duas tarefas que só ela poderia executar. Uma era entrar em contato com Frei Lorenzo – ou com algum outro sacerdote mais inclinado a obedecer às leis de Deus que às de seu tio – e fazer com que ele se certificasse de dar a Romeo um enterro adequado; a outra era fazer Salimbeni sofrer de um modo que homem algum jamais tinha sofrido.

MONNA AGNESE MORREU no Dia de Todos os Santos, depois de ficar confinada ao leito por mais de meio ano. Houve quem murmurasse que a pobre mulher continuara viva por tanto tempo apenas para aborrecer o marido, Messer Salimbeni, cujo novo traje nupcial estava pronto para ser usado desde seu noivado com Giulietta Tolomei, em agosto.

O funeral realizou-se em Rocca di Tentennano, a inexpugnável fortaleza de Salimbeni em Val d'Orcia. Mal jogou terra sobre o caixão, o viúvo partiu para Siena com a rapidez esvoaçante de um Cupido. Apenas um dos filhos o acompanhou nesse retorno à cidade: Nino, de 19 anos – já um assassino calejado do Palio, segundo alguns –, cuja mãe tinha precedido Monna Agnese no sepulcro dos Salimbeni vários anos antes, em decorrência de uma doença similar, comumente conhecida como inanição.

A tradição exigia um período de luto, mas poucos se surpreenderam ao ver o grande homem voltar tão depressa à cidade. Salimbeni era famoso pela rapidez mental; enquanto outros homens passavam vários dias chorando a morte de uma esposa ou de um filho, ele descartava o assunto com um dar de ombros em questão de horas, sem jamais perder uma transação comercial importante.

Apesar de suas ocasionais transações suspeitas e de sua rivalidade incansável com a casa dos Tolomei, Salimbeni era um homem que a maioria das pessoas não podia deixar de admirar a ponto de bajulá-lo. Toda vez que participava de uma reunião, era o incontestável centro das atenções. E, sempre que procurava ser divertido, todos respondiam com risadas, mesmo que mal tivessem ouvido o que ele dissera. Seus gestos de fátura faziam com que fosse prontamente estimado pelos estranhos e seus clientes sabiam que, uma vez que se conquistava a confiança dele, era-se generosamente recompensado. Compreendendo a dinâmica da cidade melhor do que ninguém, ele sabia quando dar comida aos pobres e quando sustentar uma posição firme contra o governo. Não era à toa que gostava de se vestir como um imperador romano, usando uma bela toga de lã debruada de púrpura, pois governava Siena como se fosse seu pequeno império particular, e qualquer um que se opusesse à sua autoridade era tratado como um traidor da cidade.

À luz da tarimba política e financeira de Salimbeni, as pessoas de Siena ficavam perplexas ao ver sua paixão duradoura pela melancólica sobrinha de Messer Tolomei. Durante a missa, ele se curvava polidamente ante a pálida figura da moça, enquanto ela mal conseguia olhá-lo. Não apenas o desprezava pelo que havia acontecido com sua família – àquela altura, a tragédia de Giulietta era do conhecimento geral – como ele também era o homem que havia expulsado seu amado Romeo da cidade, depois de incriminá-lo pelo suspeito assassinato de Tebaldo Tolomei.

Por que, perguntavam-se as pessoas, um homem da estatura de Salimbeni punha em risco sua dignidade para se casar com uma garota que jamais seria capaz de gostar dele, nem que os dois vivessem mil anos? Ela era linda, com certeza, e quase todos os rapazes sabiam evocar os lábios

perfeitos e os olhos sonhadores de Giulietta, toda vez que sentiam necessidade de fazê-lo. Mas era uma coisa completamente diferente um homem estabelecido como Salimbeni pôr de lado toda a respeitabilidade e reivindicá-la para si tão pouco tempo depois do sumiço do amado da jovem e do falecimento de sua própria esposa.

- É tudo uma questão de honra! - diziam alguns, aprovando o noivado. - Romeo desafiou Salimbeni a lutar por Giulietta e esse tipo de luta só pode ter um desfecho lógico: o vencedor tem que permanecer vivo, o derrotado morre e a dama cabe ao homem que permanece de pé, quer ela o queira, quer não.

Outros eram mais francos e confessavam ver a mão do diabo nos atos de Salimbeni.

- Esse é um homem - segredavam para Maestro Ambrogio diante de taças de vinho nas tabernas, altas horas da noite - cujo poder não é questionado por ninguém há muito tempo. Agora, esse poder finalmente se tornou maléfico e, com isso, ameaça não apenas a nós, mas também a ele. Vós mesmo o dissestes, *maestro*: as virtudes de Salimbeni amadureceram a um ponto que estão se transformando em vícios e, agora que seu imenso apetite de glória e influência está saciado há muito tempo, é natural que busque novas fontes de alimento.

Citar um exemplo desse alimento não era simples adivinhação; havia na cidade certas mulheres que se dispunham prontamente a dar testemunhos sobre os atos cada vez mais perversos de Salimbeni.

De homem que procurava dar e receber prazer, como disse uma dama ao pintor, Salimbeni passara a se ressentir dos que se curvavam muito rapidamente a seus desejos. Havia começado a procurar os relutantes ou os francamente hostis, a fim de ter motivo para exercer plenamente seu poder de dominação e nada lhe agradava mais do que deparar com alguém - quase sempre um desafiante estrangeiro e recém-chegado - que ainda não soubesse que ele era um homem a quem se devia obedecer.

Todavia, até os desafiantes estrangeiros ouvem os conselhos amistosos, e não demorou muito para que, mais uma vez e para sua grande irritação, Salimbeni não deparasse com outra coisa senão sorrisos e farsas enjoativos, toda vez que se aventurava pela cidade usando o que acreditava ser um disfarce. Nada agradaria mais a quase todos os negociantes do que fechar suas portas para aquele freguês voraz, porém, na falta de homens dispostos a impor a lei ao tirano, como a iniciativa privada poderia proteger-se de tais infrações? Assim, a sátira prosseguia, com o protagonista na busca perene de desafios cada vez mais valorosos a seu poder, enquanto o coro das pessoas deixadas em seu rastro pouco podia fazer senão relatar a miríade de perigos de arrogância e trágica cegueira da razão que invariavelmente se repetia.

- Portanto, como podeis ver, *maestro* - concluiu a dama, sempre satisfeita em espalhar mexericos entre as pessoas da vizinhança que não cuspiam na rua ao vê-la -, a obsessão de um certo homem por uma certa jovem não é mistério nenhum. - A mulher se apoiou em sua vassoura e fez sinal para que ele se aproximasse, aflita para que ninguém entreouvísse sua descoberta: - Aquela é uma donzela, uma encantadora criatura núbil, que não apenas é sobrinha do inimigo dele como também tem todas as razões no mundo, ela própria, para desprezá-lo. Não há o menor risco de que a feroz resistência dela degenerem numa meiga submissão... nenhum perigo de que algum dia ela o admita de bom grado em seu quarto. Estais entendendo, *maestro*? Ao se casar com *ela*, ele garantirá para si a própria fonte de seu afrodisíaco preferido: o ódio; e essa é uma fonte que decerto nunca secará.

O CASAMENTO SUCEDEU o funeral em uma semana e um dia. Com a terra da sepultura ainda úmida sob as unhas, o viúvo não perdeu tempo em arrastar até o altar sua nova esposa, a fim de que ela infundisse sem mais delongas o sangue sensual dos Tolomei na árvore genealógica de sua família, que murchava.

Apesar de todo o seu carisma e generosidade, essa flagrante manifestação de egoísmo foi repulsiva para a população de Siena. Quando o cortejo nupcial passou pela cidade, mais de um espectador comentou sua semelhança com um triunfo militar da época dos romanos: ali vinha o butim trazido de terras estrangeiras – homens e animais nunca antes vistos e uma rainha acorrentada sobre um cavalo, zombeteiramente coroada –, tudo apresentado à multidão boquiaberta postada ao longo da rua por um general exultante, que a saudava num dos carros que passavam.

A visão do tirano em sua glória fez retornarem com plena força todos os murmúrios de suspeita que haviam acompanhado Messer Salimbeni aonde quer que fosse, desde o Palio. Ali estava um homem, diziam alguns, que havia cometido assassinato não apenas uma vez, mas sempre que lhe aprazia, sem que ninguém ousasse se manifestar contra seus atos. Estava claro que um homem capaz de sair impune de tais crimes – e, ainda por cima, de impor à força um casamento a uma noiva involuntária – era capaz de fazer e faria qualquer coisa a qualquer pessoa.

Parado à margem da rua sob a garoa de novembro, olhando para a mulher cujo caminho fora cruzado por todas as estrelas do céu, Maestro Ambrogio pegou-se rezando para que alguém se apresentasse e salvasse Giulietta de seu destino. Aos olhos da multidão, ela não era menos bela do que fora antes, mas ficou evidente para o pintor – que não a via desde a noite anterior à do fatídico Palio – que sua beleza se transformara na beleza pétreia de Atena, em vez dos encantos risinhos de Afrodite.

Como desejou que Romeo voltasse a Siena naquele exato momento e investisse contra a cidade com um bando de soldados estrangeiros para sequestrar sua dama antes que fosse tarde demais! Romeo, porém, diziam as pessoas balançando a cabeça, achava-se em terras distantes, onde Salimbeni jamais poderia encontrá-lo, buscando consolo nas mulheres e na bebida.

De repente, parado ali, com o capuz levantado para proteger-se da chuva, Maestro Ambrogio compreendeu como deveria concluir o grande afresco do Palazzo Pubblico. Teria de haver uma noiva, uma jovem triste, perdida em recordações amargas, e um homem deixando a cidade a cavalo, mas inclinado na sela para ouvir os apelos de um pintor. Somente fazendo confidências à parede silenciosa, pensou o *maestro*, ele conseguiria diminuir a dor que lhe feria o coração e sobreviver a esse dia odioso.

ASSIM QUE TERMINOU o café da manhã, Giulietta percebeu que aquela seria sua última refeição no Palazzo Tolomei: Monna Antonia pusera alguma coisa em sua comida para acalmá-la. Mal sabia ela que Giulietta não tinha intenção alguma de boicotar o casamento recusando-se a comparecer. De que outro modo chegaria perto o bastante de Salimbeni para lhe infligir sofrimento?

Ela viu tudo envolto numa névoa – o cortejo nupcial, as hordas boquiabertas nas ruas, a severa assembleia na catedral sombria – e, só quando Salimbeni levantou seu véu para revelar a grinalda ao bispo e aos atônitos convidados do casamento, Giulietta saiu do transe e se encolheu, diante das

exclamações abafadas deles e da proximidade do noivo.

A grinalda era uma visão pecaminosa de ouro e cintilantes pedras preciosas, capaz de rivalizar com qualquer coisa que Giulietta já tivesse visto em Siena ou em outro lugar. Era um tesouro mais adequado à realza do que a uma donzela do interior, mas, pensando bem, não era realmente para ela, mas para ele.

– Gostaste do meu presente? – perguntou o noivo, estudando o rosto dela enquanto falava. – Tem duas safiras etíopes que me lembraram teus olhos. De valor incalculável. Mas então... elas me pareceram tão desamparadas que lhes dei a companhia de duas esmeraldas egípcias que me fizeram lembrar o modo como aquele sujeito, Romeo, costumava te olhar – e sorriu do susto no rosto dela. – Dize, minha cara, não me achas generoso?

Giulietta teve de se fortalecer para se dirigir a ele:

– Sois mais do que generoso, *messere*.

Ele riu, encantado com a resposta.

– Fico feliz em ouvir isso. Creio que tu e eu nos daremos muito bem.

Mas o bispo ouvira o comentário maldoso e não o achou divertido. Tampouco se divertiram os padres que depois compareceram ao banquete de casamento e que entraram no quarto nupcial para abençoá-lo com água benta e incenso, ali descobrindo que o *cencio* de Romeo fora estendido sobre a cama.

– Messer Salimbeni! – exclamaram. – Não podeis fazer vossa cama com esse *cencio*!

– E por que não? – perguntou o noivo, com uma taça de vinho na mão e os músicos atrás.

– Porque ele pertence a outro homem. Foi dado a Romeo Marescotti pela própria Virgem Maria e destinado tão somente à cama dele. Por que quereis desafiar a vontade dos céus?

Mas Giulietta sabia muito bem por que Salimbeni pusera o *cencio* na cama, pois ele havia colocado as esmeraldas em sua grinalda pela mesmíssima razão: para lembrar a ela que Romeo estava morto e que não havia nada que ela pudesse fazer para trazê-lo de volta.

No fim, Salimbeni expulsou os padres sem receber suas bênçãos para a noite e, depois de ouvir uma quantidade suficiente de baboseiras adadoras dos convidados bêbados, também os tocou para fora, junto com os músicos. Se algumas pessoas se surpreenderam com a súbita falta de generosidade de seu patrão, todas compreenderam seu motivo para encerrar a festa – ela estava sentada num canto, mais adormecida que desperta, porém, mesmo em seu estado de desalinho, era encantadora demais para ser deixada sossegada por muito mais tempo.

Enquanto Salimbeni esteve ocupado, despedindo-se de todos e recebendo os votos de felicidades, Giulietta teve a oportunidade de pegar uma faca da mesa do banquete e escondê-la embaixo da roupa. Estivera observando aquela arma específica a noite toda, vendo-a captar a luz das velas quando os criados a usavam para cortar carne para os convidados. Antes mesmo de segurá-la, Giulietta já começara a planejar o modo como a usaria para retalhar seu abominável noivo. Pelas cartas de Giannozza, sabia que, por ser a noite de núpcias, haveria um momento em que Salimbeni se aproximaria dela, despido e pensando em tudo, menos numa luta, e concluíra que essa era a hora de atacar.

Mal podia esperar para lhe infligir um ferimento tão mortal que o leito ficaria coberto do sangue dele, e não do dela. Mais importante que isso, entretanto, ela ansiava por saborear a reação dele à mutilação, antes de cravar a lâmina em seu coração demoníaco.

Depois disso, seus planos eram menos claros. Por não ter conseguido se comunicar com Frei Lorenzo desde a noite seguinte ao Palio – e não tendo encontrado nenhum outro ouvido solidário na ausência dele –, ela sabia que era muito provável que o corpo de Romeo continuasse insepulto, caído no sepulcro dos Tolomei. Era concebível que sua tia, Monna Antonia, houvesse retornado ao túmulo de Tebaldo no dia seguinte, para rezar e acender uma vela, mas Giulietta suspeitava que, se de fato a tia houvesse tropeçado no cadáver de Romeo, ela e o resto de Siena teriam ouvido falar do assunto, ou, o que era ainda mais provável, teriam visto a mãe enlutada arrastar os restos mortais do suposto assassino de seu filho pelas ruas, preso à carruagem dela pelos pés.

QUANDO SALIMBENI JUNTOU-SE a Giulietta no quarto nupcial à luz de velas, ela mal havia terminado suas orações e ainda não tinha encontrado um lugar onde esconder a faca. Virando-se para o marido importuno, ficou chocada ao vê-lo usando pouco mais que uma túnica; a visão dele com uma arma teria sido menos inquietante que a de seus braços e pernas despidos.

– Creio ser costume dar tempo para que a noiva se prepare... – disse ela, com a voz trêmula.

– Ah, penso que estás mais do que pronta! – Salimbeni fechou a porta e caminhou direto para ela, segurando seu queixo. – Não importa quanto me faças esperar, jamais serei o homem que queres.

Giulietta engoliu em seco, nauseada com o contato e o cheiro dele.

– Mas sois meu marido... – começou, em tom manso.

– Sou mesmo? – Ele parecia estar se divertindo, a cabeça inclinada para o lado. – Então, por que não me recebes mais calorosamente, meu amor? Por que esses olhos frios?

– Eu... – ela lutava para proferir as palavras – ainda não estou acostumada com a vossa presença.

– Tu me decepcionas – comentou ele, com um sorriso obscuro. – Disseram-me que terias mais garra. – Ele balançou a cabeça, fingindo-se exasperado. – Começo a achar que poderias vir a gostar de mim.

Quando ela não respondeu, Salimbeni deslizou a mão pelo decote de sua camisola nupcial, buscando os seios dela. Giulietta soltou um arquejo ao sentir aqueles dedos cobiçosos e, por um instante, esqueceu-se por completo de seu plano ardiloso de levá-lo a crer que a havia conquistado.

– Como te atreves a me tocar, bode fedorento? – sibilo, lutando para tirar as mãos dele de seu corpo. – Deus não permitirá que me toques!

Salimbeni riu, encantado com aquela súbita resistência, e agarrou os cabelos de Giulietta, para mantê-la quieta enquanto a beijava. Só quando ela teve uma ânsia de vômito, enojada, ele soltou sua boca e disse, soprando-lhe no rosto o bafo quente e azedo:

– Vou te contar um segredo: o velho Deus gosta de espiar. – Em seguida, levantou-a e tornou a jogá-la em cima da cama. – Por que mais ele haveria de criar um corpo como o teu e o deixaria ser desfrutado por mim?

Assim que ele a soltou, para tirar o cinto da túnica, Giulietta tentou engatinhar para longe. Infelizmente, quando ele a puxou de volta pelos tornozelos, a faca ficou perfeitamente visível sob as saias da jovem, amarrada à sua coxa. A mera visão dela fez sua pretensa vítima cair na gargalhada.

– Uma arma escondida! – exclamou Salimbeni, pegando a faca e admirando a lâmina impecável. – Já sabes como me agradecer.

– Porco nojento! – gritou Giulietta, tentando arrancar-lhe a arma e quase se cortando. – Ela é minha!

– É mesmo? – Salimbeni olhava para o rosto contorcido da jovem, divertindo-se cada vez mais. – Então, vai pegá-la!

Após um rápido arremesso, a faca ficou cravada numa viga de madeira, tremendo, fora de alcance, e, quando Giulietta tentou chutar o marido, frustrada, ele tornou a empurrá-la para baixo e a prendeu sobre o *cencio*, esquivando-se sem dificuldade de suas tentativas de arranhá-lo e de cuspir em seu rosto.

– E então – perguntou, provocando-a com falsa ternura –, que outras surpresas tens para mim esta noite, querida?

– Uma maldição! – zombou ela, lutando para soltar os braços. – Uma maldição sobre tudo que te é caro! Mataste meus pais e mataste Romeo. Certamente arderás no Inferno e hei de defecar em tua sepultura!

Deitada ali, desamparada e desarmada, fitando o rosto triunfante do homem que àquela altura deveria estar prostrado numa poça de sangue, se não morto, ao menos mutilado, Giulietta deveria sentir-se desesperada. E de fato se sentiu, por alguns momentos aterrorados.

Mas então algo aconteceu. No começo, foi pouco mais do que um calor repentino, que subia da cama e tomava todo o corpo dela. Era um calor estranho, feito um formigamento, como se ela estivesse deitada numa frigideira em fogo brando e, quando a sensação se aprofundou, fez com que ela caísse na gargalhada. De repente ela havia entendido que estava experimentando um êxtase religioso e que a Virgem Maria praticava um milagre divino por meio do *cencio* em que a noiva se deitara.

Para Salimbeni, as risadas maníacas de Giulietta foram muito mais inquietantes do que qualquer insulto ou arma que ela pudesse ter atirado nele, então a esbofeteou no rosto uma, duas, três vezes, sem conseguir nada além de incitar ainda mais seu divertimento enlouquecido. No desespero de fazê-la se calar, começou a batalhar com a seda que lhe cobria os seios, mas, em sua agitação, não conseguiu decifrar o mistério da peça de roupa que ela usava. Maldizendo os alfaiates dos Tolomei pela qualidade do trabalho e pela força da linha que usavam, ele se voltou para as saias, vasculhando suas camadas complexas em busca de um ponto de acesso menos resistente.

Giulietta nem sequer se debateu. Apenas permaneceu deitada, ainda rindo, enquanto Salimbeni fazia papel de ridículo. Ela sabia, com uma certeza que só podia vir do próprio céu, que ele não conseguiria lhe fazer mal nessa noite. Por mais que estivesse decidido a colocá-la em seu devido lugar, a Virgem Maria estava ao lado dela, de espada em punho, para bloquear a invasão de Salimbeni e proteger o sagrado *cencio* de um ato bárbaro de sacrilégio.

Novamente rindo, ela fitou seu agressor com os olhos repletos de júbilo.

– Não me ouviste? – perguntou simplesmente. – Foste amaldiçoado. Não consegues senti-lo?

O POVO DE SIENA sabia muito bem que o boato é uma praga ou um vingador, dependendo de a própria pessoa ser ou não sua vítima. É ardiloso, persistente e fatal; depois que marca a pessoa, não se detém diante de nada até derrubá-la. Se não consegue imprensar o sujeito em sua forma atual, modifica-se ligeiramente e salta sobre ele, vindo de cima ou de baixo; e não importa até onde o sujeito

corra nem por quanto tempo se agache em silêncio: o boato o encontra.

Maestro Ambrogio ouviu os rumores pela primeira vez no açougue. Mais tarde, no mesmo dia, ouviu-os murmurados na padaria. E, ao chegar em casa com as compras, já sabia o suficiente para sentir necessidade de agir.

Deixando de lado o cesto de mantimentos – a ideia de fazer uma refeição havia desaparecido –, foi direto ao quarto dos fundos da oficina buscar o retrato de Giulietta Tolomei, recolocando-o no cavalete. Nunca o havia terminado. Nessa hora, soube enfim o que a jovem devia segurar em suas devotas mãos postas: não um rosário nem um crucifixo, mas uma rosa de cinco pétalas, a *rosa mística*. Antigo símbolo da Virgem Maria, essa flor era tida como a expressão do mistério de sua virgindade e também de sua concepção imaculada e, na cabeça de Maestro Ambrogio, não havia símbolo mais apropriado da proteção da inocência pelo céu.

A problemática tarefa do pintor era sempre a de representar essa planta intrigante de um modo que desviasse os pensamentos humanos para a doutrina religiosa, em vez de distraí-los com a cativante e orgânica simetria de suas pétalas. Foi um desafio que o *maestro* abraçou de todo o coração e, enquanto começava a misturar as cores para produzir os matizes perfeitos de vermelho, fez todo o possível para tirar da cabeça qualquer coisa que não a botânica.

Mas não conseguiu. Os rumores que tinha ouvido pela cidade eram maravilhosos demais – bem-vindos demais – para não serem saboreados por mais um tempo. Dizia-se que, justamente na noite do casamento de Salimbeni com Giulietta Tolomei, Nêmesis fizera uma oportuna visita ao quarto nupcial e, com grande misericórdia, havia impedido um ato de indizível crueldade.

Alguns chamavam isso de magia; outros, de natureza humana ou simples lógica. Entretanto, qualquer que fosse a causa, todos concordavam quanto ao efeito: o noivo não fora capaz de consumir o matrimônio.

As provas dessa notável situação, conforme tinham dado a entender ao Maestro Ambrogio, eram abundantes. Uma delas tinha a ver com os movimentos de Salimbeni e era a seguinte: um homem maduro desposa uma jovem encantadora e passa a noite de núpcias na cama dela. Decorridos três dias, ele sai de casa e procura uma dama da noite, mas não consegue tirar proveito de seus serviços. Quando essa dama gentilmente lhe oferece todo um sortimento de poções e pós, ele exclama, furioso, que já experimentou todos eles e que não passam de uma fraude. O que mais se poderia concluir senão que ele passou a noite de núpcias incapacitado e que nem mesmo a consulta a uma especialista produziu uma cura?

Outra prova da pretensa situação veio de um círculo muito mais confiável, pois se originou na casa do próprio Salimbeni. Desde que todos podiam se lembrar, era tradição nessa família examinar o lençol após cada noite de núpcias, para garantir que a noiva fosse virgem. Se não houvesse sangue no lençol, a moça seria devolvida aos pais em desonra e os Salimbeni acrescentariam mais um nome a sua longa lista de inimigos.

Na manhã seguinte ao casamento de Salimbeni, entretanto, nenhum lençol foi exibido nem o *cencio* de Romeo foi desfaldado em triunfo. A única pessoa que soube de seu destino foi o criado que recebeu ordem de entregá-lo numa caixa a Messer Tolomei naquela mesma tarde, com um pedido de desculpas por sua injustificável retirada do cadáver de Tebaldo. E quando, finalmente, vários dias depois do casamento, uma peça de roupa de cama manchada de sangue foi entregue à camareira, que a entregou à governanta, que a passou prontamente à avó mais idosa que havia na casa... essa avó

dosa a descartou no mesmo instante como uma falsificação.

A pureza da noiva era uma questão de honra muito importante – que exigia grandes fraudes – e por isso, em toda a cidade, as avós competiam entre si para desenvolver e detectar os preparados mais convincentes que pudessem ser rapidamente salpicados num lençol nupcial, na falta das secreções verdadeiras. Apenas o sangue não bastava: tinha que ser misturado com outras substâncias; e toda avó de todas as famílias tinha sua própria receita secreta, bem como seu método de detecção. Como os alquimistas de outrora, essas mulheres não falavam em termos mundanos, e sim mágicos. Para elas, o eterno desafio era criar a combinação perfeita de prazer e dor, de masculino e feminino.

Uma mulher como essas, formada e tarimbada em tudo, exceto em feitiçaria, nunca poderia ser tapeada pelo lençol nupcial de Salimbeni, que era claramente obra de um homem que nunca havia olhado pela segunda vez para a esposa ou para a cama, depois da escaramuça inicial. Ainda assim, ninguém se atreveu a tocar no assunto com o patrão em si, pois já era de conhecimento geral que o problema não era de sua esposa, e sim dele.

CONCLUIR O RETRATO de Giulietta Tolomei não foi suficiente. Cheio de uma energia inquietante, Maestro Ambrogio foi ao Palazzo Salimbeni, uma semana depois do casamento, para informar a seus moradores que os afrescos precisavam de inspeção e, possivelmente, de retoques. Ninguém ousou contradizer o famoso pintor e nem sentiu necessidade de consultar Salimbeni sobre o assunto e assim, nos muitos dias seguintes, Maestro Ambrogio ficou livre para entrar e sair da casa quando bem entendesse.

Sua motivação, é claro, era vislumbrar Giulietta e, se possível, oferecer-lhe sua ajuda. Como exatamente faria isso ele não tinha certeza, mas sabia que não teria sossego enquanto ela não soubesse que ainda lhe restavam amigos neste mundo. Todavia, por mais que esperasse, subindo em escadas e fingindo encontrar defeitos em sua própria obra, a jovem não desceu em momento algum. E ninguém mencionou o nome dela. Era quase como se tivesse deixado de existir.

Num fim de tarde, quando Maestro Ambrogio se espichava no topo de uma escada comprida, inspecionando o mesmo brasão pela terceira vez e se perguntando se não estaria na hora de rever sua estratégia, entreouviu acidentalmente uma conversa entre Salimbeni e seu filho Nino, que ocorria no aposento ao lado. Com a clara impressão de estarem sozinhos, os dois tinham se recolhido àquela parte remota da casa para discutir um assunto que exigia discrição; mal sabiam que, pela fresta entre uma porta lateral e seu batente, imóvel numa escada, Maestro Ambrogio ouvia cada palavra que diziam.

– Quero que leves Monna Giulietta para Rocca di Tentennano – disse Salimbeni ao filho – e te certifiques de que ela seja adequadamente... instalada.

– Tão depressa? – exclamou o rapaz. – Não vos parece que as pessoas vão falar?

– As pessoas já estão falando – observou Salimbeni, aparentemente acostumado a manter esses diálogos francos com o filho – e não quero que a coisa chegue a um ponto crítico. Tebaldo... Romeo... a história toda. Seria bom deixares a cidade por um tempo. Até o povo esquecer. Aconteceram muitas coisas ultimamente. A turba está agitada. Isso me preocupa.

Nino fez um som que só podia ser uma tentativa de riso:

– Talvez devêsseis ir em meu lugar. Uma mudança de ares...

– Cala-te! – A camaradagem de Salimbeni tinha limites. – Tu irás e a levarás contigo. Suma com ela, fardo desobediente! Enoja-me tê-la em minha casa. E, quando chegares lá, quero que fiques...

– Ficar lá? – indagou Nino, que não conseguia pensar em nada mais odioso do que uma temporada no campo. – Por quanto tempo?

– Até ela engravidar.

Houve um silêncio compreensível, durante o qual Maestro Ambrogio teve de se segurar na escada com as duas mãos, para não perder o equilíbrio, enquanto lidava com aquele pedido chocante.

– Ah, não... – disse Nino, afastando-se do pai e achando tudo aquilo absurdo. – Eu não. Outra pessoa. Qualquer um.

Com o rosto vermelho de raiva, Salimbeni aproximou-se do filho e o agarrou pela gola:

– Não preciso dizer-te o que está acontecendo. Nossa honra está em jogo. Eu ficaria feliz em acabar com ela, mas ela é uma Tolomei. Assim, escolho a segunda melhor alternativa e vou plantá-la no interior, onde não haverá ninguém olhando, e deixá-la ocupada com os filhos e longe do meu caminho. – Finalmente soltou o filho. – As pessoas dirão que fui piedoso.

– Filhos? – Nino gostava cada vez menos do plano. – Por quantos anos quereis que eu durma com minha mãe?

– Ela tem 16 anos – retrucou Salimbeni – e tu farás o que mando! Antes que termine este inverno, quero que todos em Siena saibam que ela está esperando um filho meu. De preferência, um menino.

– Farei um esforço para vos satisfazer – disse Nino, em tom sarcástico.

Ao ver que o filho estava sendo insolente, Salimbeni ergueu um dedo de advertência:

– Mas que Deus te ajude se a perderes de vista. Ninguém mais deve tocá-la senão tu. Não quero me gabar de um bastardo.

Nino deu um suspiro:

– Muito bem. Bancarei o traidor e tomarei vossa esposa, velho. Ah, um momento! Ela não é de fato vossa esposa, é?

A bofetada no rosto não foi surpresa para Nino; era o que ele estava pedindo.

– Está certo – disse o rapaz, recuando –, batei-me toda vez que eu disser a verdade e premiai-me sempre que eu agir mal. Basta dizerdes o que desejas, que eu elimine um rival, elimine um amigo, elimine um hímen, e eu o farei. Mas depois não me peçais que vos respeite.

AO RETORNAR PARA sua oficina mais tarde nessa noite, Maestro Ambrogio não conseguia parar de pensar na conversa que ouvira. Como era possível haver tamanha perversidade à solta no mundo, ainda mais em sua cidade? E por que ninguém se empenhava em impedi-la? Subitamente, ele se sentiu velho e obsoleto e começou a desejar nunca ter ido ao Palazzo Salimbeni e nunca ter ouvido aqueles planos maléficos.

Ao chegar à oficina, encontrou a porta azul destrancada. Hesitando no umbral, perguntou-se por um instante se teria esquecido de trancá-la ao sair, mas, quando não ouviu os latidos de Dante, começou a temer uma invasão:

– Olá? – chamou. Abriu a porta e entrou, temeroso, confuso com as lâmparinas acesas. – Quem está aí?

Quase no mesmo instante, alguém o puxou da porta e a fechou com firmeza atrás dele. Ao se

virar para enfrentar o adversário, porém, viu que não se tratava de nenhum estranho malevolente, e sim de Romeo Marescotti. E bem junto dele estava Frei Lorenzo, com Dante no colo, mantendo o focinho do cachorro fechado.

– Deus seja louvado! – exclamou Maestro Ambrogio, olhando para os jovens e se deslumbrando com suas barbas fartas. – Voltastes das terras estrangeiras, finalmente?

– Nem tão estrangeiras – disse Romeo, mancando de leve ao se dirigir à mesa para se sentar. – Estávamos num mosteiro, não muito longe daqui.

– Os dois? – indagou o pintor, espantado.

– Lorenzo – disse Romeo, fazendo uma careta ao esticar a perna – salvou minha vida. Eles me deixaram lá para morrer... os Salimbeni, no cemitério. Mas ele me encontrou e me trouxe de volta à vida. Nestes últimos meses... não fosse por ele, eu estaria morto.

– Deus quis que ficasses vivo – disse Frei Lorenzo, finalmente soltando o cachorro. – E quis que eu te ajudasse.

– Deus – disse Romeo, recuperando um pouco da antiga malícia – quer muitas coisas de nós, não é mesmo?

– Não poderíeis ter voltado em melhor ocasião – disse Maestro Ambrogio, procurando o vinho e as taças –, pois acabei de saber...

– Também ouvimos falar – cortou Romeo –, mas não me importa. Não a deixarei com ele. Lorenzo queria que eu esperasse até me recuperar por completo, mas não sei ao certo se algum dia isso acontecerá. Temos homens e cavalos. A irmã de Giulietta, Monna Giannozza, quer vê-la longe das garras de Salimbeni tanto quanto nós. – Romeo recostou-se na cadeira, meio sem fôlego de tanto falar. – Ora, vós pintais afrescos, de modo que conheceis todas as casas. Preciso que pinteis um mapa do Palazzo Salimbeni...

– Perdoai-me – disse Maestro Ambrogio, balançando a cabeça, perplexo –, mas o que exatamente tu soubeste?

Romeo e Frei Lorenzo se entreolharam.

– Pelo que entendi – disse o monge, em tom defensivo –, Giulietta casou-se com Salimbeni há algumas semanas. Não é verdade?

– E foi realmente só isso que soubestes? – indagou o pintor.

Mais uma vez, os jovens se entreolharam.

– O que foi, *maestro*? – perguntou Romeo, com o rosto carregado de expectativa. – Não me venhais dizer que ela já está esperando um filho dele, está?

– Por Deus, não! – O pintor riu, subitamente zozzo. – É justamente o inverso.

Romeo o encarou, espremendo os olhos:

– Estou ciente de que ela o conhece há três semanas – começou, engolindo com dificuldade, como se as palavras lhe dessem náuseas –, mas tenho a esperança de que ainda não haja passado a gostar demais de seus abraços.

– Meus queridos amigos – disse Maestro Ambrogio, finalmente encontrando uma garrafa –, preparei-vos para uma história das mais inusitadas.

*Pecados dos meus lábios? Os seus é que os tentaram;
Quero-os de volta.*

Já estava amanhecendo quando Janice e eu finalmente adormecemos em meu quarto de hotel, desabando sobre a cama coberta de documentos, a cabeça girando de tantas histórias de família. Havíamos passado a noite inteira indo e vindo entre o presente e 1340 e, quando nossos olhos enfim se fecharam, Janice sabia quase tanto quanto eu sobre os Tolomei, os Salimbeni, os Marescotti e seus alter egos shakespearianos. Eu lhe mostrara cada pedacinho de papel da caixa de nossa mãe, inclusive o exemplar esfarrapado de *Romeu e Julieta* e o caderno cheio de desenhos. De forma espantosa, ela não questionou o fato de eu ter apanhado o crucifixo de prata e o estar usando no pescoço; estava mais interessada em nossa árvore genealógica e em traçar sua ascendência até a irmã de Giulietta, Giannoza.

– Olhe – disse Janice, desenrolando o longo documento –, há Giuliettas e Giannozas por toda parte!

– Originalmente, elas eram gêmeas – expliquei, apontando para um trecho de uma das últimas cartas de Giulietta para a irmã –, está vendo? Ela escreveu: *disseste muitas vezes que eras quatro minutos mais nova, porém quatro séculos mais velha do que eu. Agora compreendo o que querias dizer.*

– Caramba! – exclamou Janice, tornando a enfiar o nariz no documento. – Vai ver que todas eram gêmeas! Talvez seja um gene recorrente na família.

Mas, afora o fato de nossas xarás medievais também terem sido gêmeas, foi difícil encontrarmos muitas outras semelhanças entre a vida delas e a nossa. Elas tinham vivido numa época em que as mulheres eram vítimas silenciosas dos erros dos homens; nós, ao que parecia, estávamos livres para cometer nossos próprios erros e falar sobre eles tão alto quanto quiséssemos.

Só ao continuarmos a ler – juntas – o diário de Maestro Ambrogio é que os dois mundos muito diferentes enfim se haviam fundido numa linguagem que ambas podíamos entender: a do dinheiro. Salimbeni dera a Giulietta uma grinalda de noiva com quatro pedras gigantescas – duas safiras e duas esmeraldas – e essas seriam as pedras que mais tarde teriam acabado na estátua junto à sepultura dela. Mas tínhamos pegado no sono antes de chegar a esse ponto.

Depois de um tempo ínfimo de sono, fui acordada pelo telefone.

– Srta. Tolomei – piou o *direttore* Rossini, satisfeito com seu papel de pássaro matinal –, já está de pé?

– Agora estou – respondi, com uma careta para consultar o mostrador do relógio. Eram nove horas. – Qual é o problema?

– O capitão Santini está aqui para vê-la. O que devo dizer a ele?

– Hmm... – Olhei para a bagunça à minha volta. Janice ainda roncava alto a meu lado. – Estarei aí embaixo em cinco minutos.

Com o cabelo ainda pingando de uma chuva rápida, desci correndo o mais rápido que pude e encontrei Alessandro sentado num banco do jardim da frente, brincando distraído com uma flor de magnólia. A visão dele me encheu de uma expectativa calorosa, mas, assim que ele ergueu a cabeça e me olhou nos olhos, lembrei-me de suas fotos invadindo meu quarto e a alegre comichão imediatamente se transformou em fisgadas de dúvida.

– A melhor das manhãs pra você – saudei-o, sem muita convicção. – Alguma novidade sobre Bruno?

– Passei por aqui ontem – respondeu ele, me olhando com ar pensativo –, mas você não estava.

– Não estava? – repeti, fazendo o melhor possível para parecer surpresa. Na ânsia de me encontrar com o Romeu da motocicleta na Torre del Mangia, na véspera, eu me esquecera inteiramente do encontro marcado com Alessandro. – Que estranho! Bom, enfim... O que Bruno disse?

– Não muita coisa – respondeu Alessandro, jogando fora a flor e se levantando. – Ele morreu.

Eu me engasguei:

– Por essa eu não esperava! O que aconteceu?

Enquanto passeávamos juntos pela cidade, Alessandro explicou que Bruno Carrera – o homem que tinha invadido o museu de meu primo Peppo – fora encontrado morto em sua cela na manhã seguinte a sua detenção. Era difícil dizer se tinha sido suicídio ou se alguém de dentro da prisão fora pago para silenciá-lo, mas, como Alessandro destacou, era necessária uma habilidade e tanto, se não pura magia, para uma pessoa se enforcar com cadarços de sapato esgarçados e velhos sem arrebatá-los na queda.

– Quer dizer que você acha que ele foi assassinado? – Apesar do caráter, da conduta e da arma do sujeito, senti pena dele. – Acho que alguém não queria que ele falasse.

Alessandro me olhou como se suspeitasse de que eu sabia mais do que estava deixando transparecer.

– É o que parece.

FONTEBRANDA ERA UMA antiga fonte pública – que, graças à canalização da água, não era mais usada – situada na base de um íngreme labirinto de ruas, numa grande área descoberta. Era uma construção isolada, parecida com uma galeria, feita de velhíssimos tijolos avermelhados e para a qual desciam largas escadarias recobertas de ervas daninhas.

Sentando-me na beirada da fonte, ao lado de Alessandro, contemplei a água verde e cristalina ao redor, na grande bacia de pedra, e o caleidoscópio de luz refletido nas paredes e no teto abobadado.

– Sabe – comentei, com dificuldade de acolher toda aquela beleza –, seu ancestral era um verdadeiro crápula!

Ele riu, surpreso – uma risada sem alegria.

– Espero que você não esteja me julgando por meus ancestrais. E também espero que não se julgue pelos seus.

Que tal, pensei, inclinando-me para correr os dedos pela água, *jujú-lo por uma foto no celular de minha irmã?* Mas, em vez disso, falei:

– Aquele adaga... pode ficar com ela. Acho que Romeo jamais a quereria de volta. – Olhei para ele, precisando desesperadamente responsabilizar alguém pelos crimes de Messer Salimbeni. – Peppo tinha razão. Ela tem o espírito do demônio. Mas algumas pessoas também têm.

Ficamos calados por um momento, Alessandro sorrindo para meu cenho franzido.

– Ora, vamos! – acabou dizendo. – Você está viva! Veja! O sol está brilhando. Esta é a hora certa para estarmos aqui, quando a luz entra pelos arcos e atinge a água. Quando entardece, Fontebranda fica escura e fria como uma gruta. Você não a reconheceria.

– Que estranho um lugar poder mudar tanto em poucas horas – murmurei.

Se desconfiou de que eu estivesse falando dele, Alessandro não o demonstrou.

– Tudo tem um lado obscuro. Na minha opinião, é isso que torna a vida interessante.

Apesar de minha melancolia geral, não pude deixar de sorrir de sua lógica.

– Devo ficar assustada?

– Bem... – Ele tirou o paletó e se recostou na parede do arco, com um ar de desafio nos olhos. –

Os antigos lhe dirão que Fontebranda tem poderes especiais.

– Continue. Eu aviso quando estiver suficientemente apavorada.

– Tire os sapatos.

Muito a contragosto, caí na gargalhada:

– Certo, estou apavorada.

– Ande, você vai gostar.

Observei-o tirar os sapatos e as meias, arregaçar as calças e enfiar os pés na água.

– Você não tem que trabalhar hoje? – perguntei, olhando para suas pernas penduradas.

Alessandro deu de ombros:

– O banco tem mais de 500 anos. Acho que pode sobreviver sem mim por uma hora.

– Então – pedi, cruzando os braços –, fale-me desses poderes especiais.

Ele pensou por um momento e disse:

– Creio que há dois tipos de loucura no mundo. A criativa e a destrutiva. A água de Fontebranda, segundo se acredita, deixa a pessoa louca, *pazza*, mas no bom sentido. É difícil explicar. Durante quase mil anos, homens e mulheres têm bebido essa água e ficado cheios de *pazzia*. Uns se tornaram poetas; outros, santos; a mais famosa de todos, é claro, é Santa Catarina, que cresceu bem ali, dobrando a esquina, na Oca, a *contrada* do Ganso.

Eu não estava disposta a concordar com nada que ele dissesse, nem a deixar que me distraísse com contos de fadas, por isso fiz questão de balançar a cabeça:

– Toda essa história de santas... mulheres se matando de fome e sendo queimadas na fogueira. Como pode chamar isso de criativo? É pura e simples insanidade.

– Acho que, para a maioria das pessoas – ele contrapôs, ainda sorrindo –, jogar pedras na polícia romana também seria insanidade. – E riu da minha expressão. – Especialmente quando a pessoa se recusa até mesmo a pôr os pés nesta bela fonte.

– Só estou dizendo – rebati, tirando os sapatos – que tudo depende da perspectiva. O que parece perfeitamente criativo para você pode ser destrutivo para mim, na verdade. – Experimentei enfiar os pés na água. – Acho que tudo se resume àquilo em que a pessoa acredita. Ou... ao lado de quem ela

está.

Não consegui interpretar o sorriso dele.

– Você quer dizer – perguntou, vendo-me remexer os dedos dos pés – que preciso repensar minha teoria?

– Acho que a pessoa sempre deve repensar suas próprias teorias. Caso contrário, deixam de ser teorias. Transformam-se em outra coisa – agitei ameaçadoramente as mãos no ar –, tornam-se dragões embaixo da torre, sem deixar ninguém entrar nem sair.

Alessandro me olhou de relance, provavelmente querendo saber por que eu continuava tão arredia nessa manhã:

– Você sabia que aqui o dragão é um símbolo de virgindade e proteção?

Desviei os olhos:

– Que ironia. Na China, o dragão representa o noivo, o grande inimigo da virgindade.

Por algum tempo, nenhum de nós falou. A água de Fontebranda ondulou-se de um modo sereno, projetando feixes lustrosos no teto abobadado, com a confiança paciente de um espírito imortal, e, por um instante, quase senti que poderia ser poeta.

– E então? – perguntei, livrando-me dessa ideia antes que ela criasse raízes. – Você acredita que a Fontebranda o deixe *pazzo*?

Alessandro baixou os olhos para a água. Nossos pés pareciam submersos em jade líquido. Depois, deu um sorriso lânguido, como se de algum modo soubesse que eu não precisava realmente de uma resposta. É que ela estava bem ali, refletida em seus olhos, a verde e cintilante promessa de êxtase.

Pigarreei e disse:

– Não acredito em milagres.

Ele olhou para meu pescoço:

– Então, por que usa isso?

Levei a mão ao crucifixo.

– Normalmente, não o uso. Ao contrário de você. – Inclinei a cabeça para sua camisa aberta.

– Você se refere a isto? – Ele pescou o objeto que pendia de um fio de couro em seu pescoço. – Não é um crucifixo. Não preciso de crucifixos para acreditar em milagres.

Olhei para o pingente:

– Você usa *uma bala*?

Ele deu um sorriso irônico:

– Eu a chamo de carta de amor. O laudo chamou-a de *fogo amigo*. Muito amigo. Parou a dois centímetros do meu coração.

– Caixa torácica forte.

– Parceiro forte. Essas balas são feitas para atravessar muitas pessoas. Esta aqui atravessou outra pessoa primeiro. – Ele a deixou escorregar de novo para dentro da camisa. – E, se eu não estivesse no hospital, teria sido desfeito em pedaços. Portanto, parece que Deus sabe onde eu estou, mesmo que eu não use um crucifixo.

Eu mal soube o que dizer.

– Quando foi isso? *Onde* foi isso?

Alessandro inclinou-se para a frente, sentindo a água.

– Eu já lhe disse. Fui até o limite.

Tentei captar seu olhar, mas não consegui.

– É só isso?

– É só isso, por enquanto.

– Bem, vou lhe dizer no que *eu* acredito. Eu acredito na ciência.

A expressão de seu rosto não se alterou, nem mesmo quando seus olhos vagaram pelo meu rosto:

– Acho que você acredita em mais do que isso. Mesmo contra sua vontade. E é por isso que tem medo. Tem medo da *pazzia*.

– Medo? – exclamei, tentando rir. – Não estou minimamente...

Alessandro me interrompeu, pegando um punhado de água na mão em concha e a estendendo para mim:

– Se não acredita, beba isto. Você não tem nada a perder.

– Ora, vamos! – Inclinei o corpo para longe, enojada. – Esse troço está cheio de bactérias!

Ele deixou a água escorrer das mãos.

– As pessoas a bebem há centenas de anos.

– E ficam malucas!

– Está vendo? – Ele sorriu. – Você acredita.

– É, eu acredito em micróbios!

– E você já viu um micróbio?

Lancei um olhar furioso para seu sorriso provocador, aborrecida por ele ter me colocado contra a parede com tão pouco esforço.

– Ora, francamente! Os cientistas os veem o tempo todo!

– Santa Catarina viu Jesus – disse Alessandro, com centelhas nos olhos – bem ali no céu, acima da Basílica di San Domenico. Em quem você acredita: no seu cientista, em Santa Catarina, ou nos dois?

Quando não respondi, ele pôs as mãos em concha, pegou mais água da fonte e bebeu uns goles. Depois me ofereceu o resto, porém, mais uma vez, afastei o corpo.

Alessandro balançou a cabeça, fingindo-se decepcionado:

– Essa não é a Giulietta de que me lembro. O que fizeram com você nos Estados Unidos?

Empertiguei-me imediatamente:

– Está bem, pode me dar!

A essa altura, não restava muita água em suas mãos, mas eu a engoli assim mesmo, só para provar minha posição. Nem me ocorreu quanto aquele gesto era íntimo, até eu ver a expressão de seu rosto.

– Agora não há como escapar da *pazzia* – disse ele, com a voz rouca. – Você é uma verdadeira sienense.

– Há uma semana você me disse para ir embora – assinalai, apertando os olhos para me recompor.

Sorrindo da minha carranca, ele estendeu a mão para tocar meu rosto:

– E você está aqui.

Precisei de toda a minha força de vontade para não apoiar o rosto em sua mão. Apesar de minhas excelentes razões para não confiar nele – e muito menos flertar com ele –, tudo o que consegui

pensar em dizer foi:

– Shakespeare não gostaria disso.

Nem um pouco desencorajado por minha rejeição arfante, Alessandro deslizou o dedo devagar por minha face e o deteve no canto da minha boca:

– Shakespeare não precisa saber.

O que vi em seus olhos me foi tão estranho quanto um litoral estrangeiro, depois de noites intermináveis no mar; por trás da folhagem da mata, intuí a presença de uma fera desconhecida, uma criatura primitiva esperando que eu desembarcasse. Não sei o que ele viu nos meus, mas, fosse o que fosse, o levou a baixar a mão.

– Por que você tem medo de mim? – sussurrou. – *Fammi capire*. Faça-me entender.

Hesitei. Era a minha chance:

– Não sei nada sobre você.

– Estou bem aqui.

– Onde... – comecei, apontando para seu peito e para a bala que eu sabia estar ali – onde aconteceu isso?

Ele fechou rapidamente os olhos, tornou a abri-los e me deixou fitar diretamente sua alma cansada:

– Ah, você vai adorar. No Iraque.

Com essa única palavra, toda a minha raiva e desconfiança foram brevemente sepultadas sob uma avalanche de solidariedade.

– Quer falar sobre isso?

– Não. Próxima pergunta.

Levei um momento para digerir o fato de que, com um esforço admiravelmente pequeno, eu havia descoberto o grande segredo de Alessandro, ou pelo menos um deles. Mas era muito improvável que ele me deixasse arrancar os demais com a mesma facilidade, especialmente o que tinha a ver com sua invasão ao meu quarto.

– Você – comecei, mas logo perdi a coragem. Então me ocorreu outra abordagem e recomecei: – Você tem alguma relação com Luciano Salimbeni?

Alessandro me olhou de relance e depois tornou a me olhar, claramente esperando algo completamente diferente:

– Por quê? Você acha que ele matou Bruno Carrera?

– Eu tinha a impressão de que Luciano Salimbeni estava morto – respondi, falando com toda a calma possível. – Mas talvez eu estivesse mal informada. Considerando tudo o que aconteceu e a possibilidade de que ele tenha matado meus pais, creio que tenho o direito de saber – acrescentei, tirando os pés da fonte, um após o outro. – Você é um Salimbeni. Eva Maria é sua madrinha. Por favor, diga-me como tudo isso se encaixa.

Ao perceber que eu falava sério, Alessandro deu um resmungo e passou as duas mãos pelo cabelo:

– Acho que não...

– Por favor.

– Está bem! – Ele respirou fundo, possivelmente mais aborrecido consigo mesmo do que comigo. – Vou lhe explicar. – Passou um bom tempo pensando, talvez tentando descobrir por onde começar, e

finalmente perguntou: – Você conhece Carlos Magno?

– Carlos Magno? – repeti, sem saber se tinha escutado direito.

– Sim – confirmou Alessandro. – Ele era... muito alto.

Nesse exato momento, meu estômago roncou e me dei conta de que não fizera uma única refeição decente desde o almoço da véspera – a menos que se considerasse como jantar uma garrafa de Chianti, uma travessa de alcaçofras marinadas e meio biscoito de chocolate chamado *panforte*.

– Que tal você me contar o resto durante o café da manhã? – sugeri, calçando os sapatos.

NA PRAÇA DO Campo estavam sendo feitos os preparativos para o Palio e, ao passarmos por um monte de areia destinado à pista de corrida, Alessandro ajoelhou-se para pegar um punhado, tão reverentemente como se fosse o mais fino açúcar.

– Está vendo? – perguntou, mostrando-me a areia. – *La terra in piazza*.

– Deixe-me adivinhar: significa que *esta praça é o centro do universo*?

– Chegou perto. Significa terra na *piazza*. Terra – repeti, colocando um pouco em minha mão. –

Tome, sinta-a. Cheire-a. Significa *Palio*.

Enquanto andávamos em direção ao café mais próximo e nos sentávamos, ele apontou para os operários que erguiam barreiras acolchoadas em toda a volta da praça do Campo:

– Não existe mundo além das barreiras do Palio.

– Que poético! – exclamei, batendo discretamente a areia das mãos. – É uma pena que Shakespeare fosse tão apaixonado por Verona.

Ele balançou a cabeça.

– Você nunca se cansa de Shakespeare?

Por pouco não retruquei “*foi você quem começou*”, mas consegui me conter. Não havia necessidade de lembrar-lhe que, na primeira vez que nos encontráramos, no jardim de seus avós, eu usava fraldas.

Passamos um minuto parados assim, os olhos travando uma batalha silenciosa a respeito do Bardo e de muitas outras coisas, até o garçom aparecer para anotar nosso pedido. Assim que ele se retirou, inclinei-me para a frente e pus os cotovelos na mesa.

– Ainda estou esperando – lembrei a Alessandro, sem disposição de negociar – para saber de você e Luciano Salimbeni. Então, por que não pulamos o pedaço sobre Carlos Magno e vamos...

Nesse instante, o celular dele tocou e, depois de verificar a tela, ele pediu licença e saiu da mesa, sem dúvida aliviado por ter sua história adiada mais uma vez. Sentada ali, observando-o a distância, de repente me ocorreu como era improvável que *ele* tivesse invadido meu quarto. Embora eu o conhecesse havia apenas uma semana, seria capaz de jurar que era preciso muito mais que a média das situações difíceis para fazer aquele homem perder a calma. Apesar de o Iraque quase tê-lo matado, decididamente não o havia abatido, muito pelo contrário. Logo, se ele *realmente* tivesse bisbilhotado meu quarto, qualquer que fosse o motivo, com certeza não teria vasculhado minhas malas como um demônio da Tasmânia, deixando minhas calcinhas sujas penduradas no lustre. Simplesmente não fazia sentido.

Quando ele voltou para a mesa, cinco minutos depois, empurrei o café *espresso* em sua direção com o que torci para ser um sorriso complacente. Mas Alessandro mal olhou para mim ao pegar a

xícara e mexê-la com uma pitada de açúcar. Alguma coisa mudara em seu comportamento e intuí que quem tinha telefonado lhe dissera algo perturbador. E que tinha a ver comigo.

– Bem, onde estávamos? – perguntei em tom descontraído, bebericando meu *cappuccino* através do creme espumoso. – Ah, sim! Carlos Magno era muito alto...?

– Por que você não me falou do seu amigo da motocicleta? – contrapôs Alessandro, com a voz displicente demais para ser sincera. Ao ver que fiquei tão perplexa que não conseguia responder, acrescentou, em tom irônico: – Pensei que você tivesse dito que vinha sendo seguida por um cara numa Ducati.

– Ah – consegui rir –, *aquele* cara! Não faço ideia. Nunca mais o vi. Acho que minhas pernas não eram suficientemente compridas.

Alessandro não sorriu.

– Suficientemente compridas para Romeo.

Quase derramei o *cappuccino*.

– Espere! Você está sugerindo que tenho sido seguida pelo seu velho rival de infância?

Ele desviou os olhos.

– Não estou sugerindo nada. É só curiosidade.

Passamos um momento num silêncio aflito. Ficou claro que Alessandro ainda ruminava alguma coisa e quebrei a cabeça para adivinhar o que seria. Era óbvio que ele sabia sobre a Ducati, mas não que era minha irmã quem a pilotava. Talvez soubesse que a polícia tinha apreendido a moto na véspera, depois de esperar em vão, na entrada da Torre del Mangia, que o dono voltasse. Segundo Janice, ela dera uma olhada nos policiais indignados e decidira enfiar o rabo entre as pernas. Um policial sozinho teria sido moleza, dois talvez até fossem uma diversão, mas três escoteiros de uniforme tinham sido demais até mesmo para minha irmã.

– Escute – falei, tentando resgatar um pouquinho de nossa intimidade anterior –, espero que você não pense que ainda estou... sonhando com Romeo.

Alessandro não respondeu de imediato. Quando finalmente o fez, falou com relutância, ciente de estar revelando parte da cartada que tinha na mão:

– Eu só queria que você me dissesse – começou, fazendo desenhos com a colher na toalha – se gostou da vista da Torre del Mangia.

Fuzilei-o com os olhos:

– Espere aí! Você anda... *me seguindo*?

– Não – respondeu ele, sem muito orgulho de si mesmo –, mas a polícia andou de olho em você. Para o seu próprio bem. Para o caso de o cara que matou Bruno também resolver procurá-la.

– Foi você quem lhes pediu isso? – indaguei, olho no olho, e tive a confirmação antes mesmo que ele falasse. – Ora, obrigada – prossegui, em tom seco. – Pena eles não terem estado por perto quando aquele bandido invadiu meu quarto, uma noite dessas!

Alessandro nem pestanejou.

– Bem, eles estavam por perto ontem à noite. Disseram ter visto um homem no seu quarto.

Caí na gargalhada, afinal tudo aquilo era absurdo demais:

– Isso é ridículo! Um homem no meu quarto? No *meu* quarto? – Ao ver que ele ainda não estava convencido, parei de rir. – Olhe, ontem à noite não havia homem nenhum no meu quarto e também não havia homem algum na torre – afirmei, ansiosa. Por pouco não acrescentei “Não que você

tivesse alguma coisa a ver com isso, se houvesse”, mas me contive ao perceber que isso não era o que eu realmente sentia. – Ora, ora! Estamos parecendo um casal que vive junto há muito tempo.

– Se fôssemos casados – rebateu Alessandro, ainda sem sorrir –, eu não precisaria perguntar. O homem no seu quarto seria eu.

– Os genes dos Salimbeni – comentei, revirando os olhos – estão novamente mostrando sua cara feia. Deixe-me adivinhar: se fôssemos casados, você me acorrentaria no calabouço toda vez que saísse de casa, certo?

Ele considerou a ideia, mas não por muito tempo:

– Eu não precisaria disso. Depois de me conhecer, você nunca mais iria querer outro homem. E – completou, finalmente pousando a colher na mesa – se esqueceria de todos os que já conheceu.

As palavras dele – meio brincalhonas, meio sérias – enroscaram-se em mim feito um cardume de enguias num afogado e senti milhares de dentinhos pondo à prova minha compostura.

– Acho que você ia me falar sobre Luciano Salimbeni, não é? – indaguei em tom severo, cruzando as pernas.

O sorriso de Alessandro desapareceu.

– É. Tem razão. – Passou um tempo com o cenho franzido, brincando mais uma vez com a colher, até que por fim falou: – Eu deveria ter lhe contado isso há muito tempo... Bem, deveria ter lhe dito na outra noite, mas... não quis assustá-la.

Quando eu ia abrir a boca para instigá-lo a prosseguir e para lhe dizer que não me assustava com tanta facilidade, outra freguesa espremeu-se para passar por minha cadeira e, com um grande suspiro, foi sentar-se à mesa ao lado da nossa.

Era Janice de novo.

Usava o tailleur vermelho e preto de Eva Maria e enormes óculos escuros, mas, apesar do glamour, não deu um grande espetáculo, apenas pegou o cardápio e fingiu considerar suas opções. Notei que Alessandro olhou para ela de relance e, por um breve momento, temi que ele visse alguma semelhança entre nós ou, quem sabe, que reconhecesse as roupas de sua madrinha. Mas ele não o fez. No entanto, a presença de outra pessoa tão perto o desanimou de começar a história que queria me contar e novamente caímos num silêncio frustrado.

– *Ein cappuccino, bitte!* – disse Janice ao garçom, parecendo muito uma norte-americana que se fingia de alemã. – *Und zwei biscotti.*

Eu seria capaz de matá-la. Na minha cabeça, não havia dúvida de que Alessandro estivera prestes a revelar algo de enorme importância, mas recomeçou a falar do Palio, enquanto o garçom se demorava como um cão pedinte, para arrancar de minha irmã descarada a informação sobre de que parte da Alemanha ela vinha.

– Praga! – soltou ela, mas se corrigiu depressa: – *Prague... heim... stadt.*

O garçom pareceu suficientemente convencido e perdidamente apaixonado e saiu correndo para buscar o pedido dela com a presteza de um cavaleiro arturiano.

– Veja só a Balzana – dizia Alessandro, mostrando-me o brasão de Siena na lateral de minha xícara de *cappuccino*, supondo que eu prestava atenção. – Tudo é simples aqui. Preto e branco. Maldições e bênçãos.

Olhei para a xícara:

– É isso que ele significa: maldições e bênçãos?

Alessandro deu de ombros:

– Pode significar o que você quiser. Para mim, é um indicador de opinião.

– De opinião? Do tipo... a xícara está cheia pela metade?

– É um instrumento. Numa cabine de pilotagem. Mostra se você está de cabeça para baixo.

Quando olho para a Balzana, sei que estou de cabeça para cima. – Pôs a mão sobre a minha, ignorando Janice. – E, quando olho para você, sei...

Retirei a mão depressa, sem querer que Janice visse nossa intimidação para poder me atormentar depois.

– Que espécie de piloto não saberia se está de cabeça para baixo? – indaguei em tom ríspido.

Alessandro me encarou, sem compreender a rejeição súbita.

– Por que você sempre quer brigar? – perguntou, baixinho. – Por que tem tanto medo – e tornou a buscar minha mão – de ser feliz?

Foi o bastante. Janice não aguentou mais e explodiu numa gargalhada por trás de seu guia turístico em alemão. Apesar de ter tentado mascarar o riso com uma tosse, até para Alessandro ficou claro que ela estivera ouvindo cada palavra que dizíamos e ele lhe lançou um olhar de ira que me fez gostar ainda mais dele.

– Sinto muito – disse-me, apanhando a carteira –, tenho que voltar.

– Eu cuido disso – retruquei, permanecendo onde estava. – Talvez eu tome mais um café. Você estará livre depois? Ainda me deve uma história.

– Não se preocupe – disse, tocando meu rosto antes de se levantar –, você terá a sua história.

Assim que Alessandro ficou fora do alcance de nossa voz, virei-me para Janice, muito mais do que furiosa:

– Você tinha mesmo que aparecer e estragar tudo? – sibilei, vendo Alessandro se afastar. – Ele estava prestes a me contar alguma coisa. Uma coisa sobre Luciano Salimbeni!

– Oh, sinto muito – disse Janice, com melíflua insinceridade – por ter interrompido sua conversinha com o cara que depreudou seu quarto. Franca mente, Jules, você perdeu a cabeça?

– Não tenho tanta certeza...

– Ah, tem sim! Eu o *vi*, lembra?

Ao perceber que eu ainda relutava em acreditar nela, Janice deu um grunhido e largou o guia turístico:

– Está certo, ele é uma gracinha e, sim, eu adoraria ir para a cama com ele, mas, espera aí! Como você pode deixar que ele a tapeie desse jeito? Uma coisa seria ele estar simplesmente a fim de dar umazinha, mas você sabe o que ele realmente quer.

– Na verdade – retruquei em tom gélido –, não tenho tanta certeza. Mas é claro que você tem uma vasta experiência com impostores, portanto, tenha a bondade de me esclarecer.

– Ora, *por favor!* – Janice não conseguia acreditar na minha ingenuidade. – É óbvio que ele está ficando por perto para ver a hora em que você sai à caça do tesouro. Deixe ver se eu adivinho: ele nunca lhe perguntou explicitamente pelo túmulo e pela estátua?

– Errou! Quando fomos à delegacia, ele me perguntou se eu sabia alguma coisa sobre uma estátua de olhos de ouro. Olhos de ouro! Era óbvio que ele não fazia ideia...

– Era óbvio que ele fazia ideia! – rebateu Janice. – Esse é o truque mais velho que existe: fingir que não se tem a menor pista. Você não percebe que ele a está manipulando como um fantoche?

– E o que você está sugerindo? Que ele vai esperar até encontrarmos as pedras e então... roubá-las?

Assim que proferi as palavras, percebi que elas faziam todo o sentido.

Janice levantou as duas mãos:

– Bem-vinda à realidade, cabeça-dura. Sugiro que você largue esse cara imediatamente e se mude para o meu hotel. A gente faz parecer que você está indo para o aeroporto...

– E depois? Fico escondida no seu quarto? Este lugar é muito pequeno, caso você não tenha notado.

– Deixe que eu cuido do trabalho de campo – disse Janice, já visualizando a coisa toda. – Eu ponho esse *spettacolo* em cartaz num piscar de olhos.

– Você é muito *engrazzadinha*. Estamos juntas nisto...

– *Agora* estamos.

– ... e, para sua informação, prefiro ser ferrada por ele a ser por você.

– Bom – disse Janice, ofendida –, então por que não corre atrás dele agora mesmo? Tenho certeza de que ele ficaria mais do que satisfeito em atendê-la. Enquanto isso, *eu* vou ver como vai o primo Peppo e não, você não está convidada.

VOLTEI ANDANDO SOZINHA para o hotel, perdida em pensamentos. Por mais que virasse e revirasse as ideias, Janice tinha razão: eu não devia confiar em Alessandro. O problema era que eu não estava só confiando nele, mas me apaixonando por ele. E, em meu enamoramento, quase conseguia me convencer de que as fotos borradas de Janice eram de outra pessoa e que, depois disso, ele só mandara me seguir por uma ideia equivocada de cavalheirismo.

Além disso, ele prometera me contar como tudo se encaixava e não era culpa dele termos sido interrompidos várias vezes. Ou era? Se realmente queria que eu soubesse, por que tinha esperado eu puxar o assunto? E agora mesmo, quando Janice nos havia interrompido, por que ele não me pedira simplesmente para acompanhá-lo de volta ao Monte dei Paschi, resumindo a história no caminho?

Quando eu me aproximava do Hotel Chiusarelli, uma limusine preta com vidros escuros parou a meu lado e uma janela traseira desceu até a metade, mostrando o rosto sorridente de Eva Maria.

– Giulietta! – exclamou. – Que coincidência! Venha comer uma Delícia Turca comigo!

Ao me acomodar no banco de couro creme, de frente para Eva Maria, me peguei pensando se aquilo seria uma armadilha. Mas, se Eva Maria quisesse me sequestrar, por que não deixar isso a cargo de Alessandro? Com certeza ele já lhe contara como me levava a comer – ou beber, pelo menos – em sua mão.

– Fico muito feliz por você ainda estar aqui! – disse ela com efusividade, oferecendo-me um doce de uma caixa de cetim. – Eu telefonei para você, sabia? Não recebeu meus recados? Fiquei com medo de que meu filho a tivesse assustado. Tenho que pedir desculpas por ele. Em geral ele não é assim.

– Não se preocupe – respondi, lambendo o açúcar de confeitiro dos dedos e me perguntando exatamente o que ela saberia sobre minhas interações com Alessandro. – Ele tem sido muito gentil ultimamente.

– Tem? – Ela me encarou com as sobranceiras arqueadas, ao mesmo tempo contente por saber da notícia e aborrecida por ter sido deixada de fora. – Isso é bom.

- Desculpe eu ter saído do seu jantar de aniversário daquele jeito... - prossegui, meio sem jeito por não ter telefonado para ela uma única vez desde aquela noite horrorosa. - E, quanto às roupas que você me emprestou...

- Fique com elas! - respondeu ela com indiferença. - Já tenho roupas demais. Diga-me, você estará aqui neste fim de semana? Vou dar uma festa e haverá umas pessoas que você deveria conhecer... gente que sabe muito mais sobre seus antepassados Tolomei do que eu. A festa será amanhã à noite, mas eu gostaria que você ficasse o fim de semana inteiro. - Ela sorriu como uma fada madrinha criando magicamente uma carruagem a partir de uma abóbora. - Você vai adorar o Val d'Orcia, tenho certeza! Alessandro vai levá-la de carro. Ele também vai.

- Hmm... - comecei. Como eu poderia recusar? Por outro lado, se não o fizesse, Janice me estrangularia. - Eu adoraria ir, mas...

- Maravilha! - exclamou Eva Maria, inclinando-se para abrir minha porta, para eu poder saltar. - Então, até amanhã. Não precisa levar nada. Só a sua presença!

*Quantas vezes, logo antes de morrer,
Um homem fica alegre? É o que chamam
De fagulha morta. E será isto
Tal fagulha?*

S

Rocca di Tentennano era uma estrutura formidável. Postava-se qual um abutre numa colina do Val d'Orcia, perfeitamente pousada para vasculhar a terra de um extremo a outro. Suas paredes maciças tinham sido construídas para resistir a inúmeros cercos e ataques hostis e, considerando os costumes e a moral de seus donos, essas paredes não tinham um centímetro de espessura de sobra.

Durante toda a viagem até lá, Giulietta se perguntara por que Salimbeni tivera a gentileza de mandá-la para o interior, para longe dele. Quando o marido se despedira, dias antes, parado no pátio externo do Palazzo Salimbeni, fitando-a com algo que se assemelhava a bondade, ela se questionara se agora, graças à maldição sobre sua virilidade, o tirano sentia remorso pelo que fizera e se o fato de a estar mandando para longe seria um modo de compensá-la por todo o sofrimento que lhe havia causado.

Nesse estado esperançoso, ela o havia observado despedir-se do filho Nino – que a acompanharia ao Val d'Orcia – e pensara ver uma afeição sincera nos olhos de Salimbeni ao dar suas últimas instruções para a viagem:

– Que Deus te abençoe em tua viagem e além dela – dissera quando Nino montava o cavalo com que havia corrido no Palio.

O rapaz não tinha respondido – na verdade, agira como se o pai nem estivesse presente e, a despeito de toda a maldade do marido, Giulietta, por um brevíssimo instante, sentira-se constrangida por Salimbeni.

Mais tarde, porém, ao contemplar a paisagem de sua janela na Rocca di Tentennano, ela começou a perceber a verdadeira intenção do marido ao enviá-la para lá e a compreender que aquilo não pretendia ser um gesto de generosidade, mas apenas uma nova e engenhosa forma de castigo.

O lugar era uma fortaleza. Assim como ninguém que não fizesse parte da casa poderia entrar, jamais alguém conseguiria sair sem autorização. Nesse momento, Giulietta finalmente compreendeu o que o povo queria dizer quando se referia em tom grave às esposas anteriores de Salimbeni, dizendo

que elas tinham sido mandadas para a ilha; Rocca di Tentennano era um lugar do qual a única maneira de se escapar era morrendo.

Para grande surpresa de Giulietta, uma criada aparecera prontamente para acender a lareira de seu quarto e ajudá-la a despir as roupas da viagem. Era um dia frio de início de dezembro e, nas últimas muitas horas do percurso, as pontas de seus dedos tinham ficado brancas e dormentes. Nesse momento, ela usava um vestido de lã e chinelas secas e se virava de um lado para o outro diante do fogo da lareira, tentando lembrar quando fora a última vez que se sentira confortável.

Ao abrir os olhos, viu Nino parado à porta, fitando-a com uma bondade inesperada. Era uma lástima, pensou a moça, que ele fosse um patife como o pai, porque era um belo rapaz, forte e apto, em quem o sorriso parecia surgir muito mais facilmente do que deveria, considerando-se o provável peso de sua consciência.

– Posso convidar-te – perguntou ele, no tom cordial de quem se dirigisse a ela num salão de baile – a me acompanhar no jantar lá embaixo hoje à noite? Pelo que sei, tens feito as refeições sozinha nas últimas três semanas e devo desculpar-me pelos maus modos de minha família. – Ao ver a surpresa de Giulietta, abriu um sorriso sedutor. – Não tenhas medo. Eu te asseguro que estamos completamente sozinhos.

E ESTAVAM MESMO. Postados nas duas cabeceiras de uma mesa de jantar que acomodaria confortavelmente 20 convivas, Giulietta e Nino fizeram a maior parte da refeição em silêncio, apenas ocasionalmente cruzando os olhos por entre os candelabros. Toda vez que a via olhá-lo, Nino sorria e Giulietta finalmente encontrou dentro de si a coragem necessária para dizer as palavras que trazia em mente:

– Foste tu quem matou meu primo Tebaldo no Palio?

O sorriso de Nino desapareceu.

– É claro que não. Como podes pensar uma coisa dessas?

– Então quem foi?

Nino olhou-a com curiosidade, sem que nenhuma das perguntas o perturbasse visivelmente:

– Sabes quem foi. Todos sabem.

– E todos sabem – Giulietta fez uma pausa para firmar a voz – o que teu pai fez com Romeo?

Em vez de responder, Nino levantou-se da cadeira e andou ao longo da mesa até onde ela se encontrava. Ali, ajoelhou-se ao lado dela e segurou sua mão, como faria um cavaleiro com a mão de uma donzela aflita.

– Como posso corrigir o mal que meu pai fez? – perguntou, encostando a mão dela em seu rosto.

– Como posso eclipsar essa lua insana que brilha sobre meus familiares? Dize-me, por favor, caríssima dama, que posso fazer para te agradecer?

Giulietta estudou o rosto dele por um longo tempo, depois disse simplesmente:

– Podes me deixar partir.

Nino a olhou, intrigado, sem saber ao certo o que ela queria dizer.

– Não sou mulher de teu pai – prosseguiu ela. – Não há necessidade de eu ser mantida aqui.

Apenas deixa-me partir e nunca mais te incomodarei.

– Sinto muito – disse Nino, dessa vez levando a mão dela aos lábios –, mas não posso fazer isso.

– Entendo – retrucou Giulietta, retirando a mão. – Nesse caso, podes me deixar voltar para meu quarto. Isso me agradaria muito.

– E deixarei – disse Nino, levantando-se –, depois de outra taça de vinho. – Ele serviu mais um pouco na taça que ela mal havia tocado. – Não comeste muito. Deves estar com fome, não? – Quando Giulietta não respondeu, ele sorriu para ela. – A vida aqui pode ser muito agradável, sabes? Ar puro, boa comida, um pão maravilhoso... não são aquelas pedras que nos servem em casa... e – levantou as mãos – ... uma companhia excelente. Tudo à tua disposição, para que o aproveites. Basta que o aceites.

Só quando ele lhe ofereceu a taça, ainda sorrindo, Giulietta começou a compreender o pleno sentido de suas palavras.

– Não tens medo – perguntou em tom leve, aceitando a taça – do que teu pai diria?

Nino riu.

– Creio que ambos apreciaríamos uma noite sem pensar em meu pai – disse, encostado na mesa, esperando que ela bebesse. – Creio que possas ver que não me pareço nada com ele.

Depondo a taça, Giulietta levantou-se.

– Agradeço pelo jantar e por tua gentil atenção. Mas já é hora de eu me recolher e te desejo boa-noite...

A mão dele em volta de seu pulso a impediu de se retirar.

– Não sou um homem sem sentimentos – disse Nino, finalmente sério. – Sei que sofreste e gostaria que não fosse assim. Mas o destino ordenou que estivéssemos aqui juntos...

– O destino? – Giulietta tentou livrar-se, mas não conseguiu. – Teu pai, queres dizer?

Só então Nino abandonou todo o fingimento e a olhou com ar cansado.

– Não percebes que estou sendo generoso? Crê-me quando digo que não tenho que ser. Mas gosto de ti. Tu mereces. – Soltou o pulso de Giulietta. – Agora, vai fazer seja o que for que as mulheres fazem e irei a teu encontro – instruiu, tendo a desfaçatez de sorrir. – Juro que não me acharás tão repugnante à meia-noite.

Giulietta fitou-o nos olhos, mas viu apenas determinação.

– Não há nada que eu possa dizer para te convencer a não agir assim?

Nino apenas sorriu e balançou a cabeça.

HAVIA UM GUARDA postado em cada canto quando Giulietta voltou para o quarto. No entanto, apesar de toda a proteção, não havia tranca em sua porta, não havia meio de impedir Nino de entrar.

Abrindo as venezianas para a noite gelada, ela ergueu os olhos para as estrelas e ficou admirada com seu número e seu brilho. Era um espetáculo deslumbrante, montado no céu unicamente para ela, ao que parecia, para lhe dar uma última oportunidade de encher a alma de beleza, antes que toda ela se fosse.

Giulietta havia fracassado em tudo o que pretendia fazer. Seus planos de sepultar Romeo e matar Salimbeni não tinham dado em nada e precisava admitir que se mantivera viva apenas para ser submetida a abusos. Seu único consolo era eles não terem conseguido anular seus votos com Romeo, por mais que tentassem. Ela nunca havia pertencido a mais ninguém. Romeo era seu marido, ao mesmo tempo que não o era. Embora suas almas estivessem entrelaçadas, seus corpos tinham sido

separados pela morte. Mas não por muito tempo. Tudo o que ela precisava fazer agora era permanecer fiel até o fim e então, talvez, se Frei Lorenzo lhe tivesse dito a verdade, ela e o amado se reencontrariam na vida eterna.

Deixando as venezianas abertas, Giulietta aproximou-se de sua bagagem. Tantos vestidos, tantos adornos requintados... mas, aninhada numa sapatilha de brocado, estava a única coisa que ela queria. Era um frasco de perfume que estivera em sua mesa de cabeceira no Palazzo Salimbeni, mas ao qual ela logo decidira dar outra serventia.

Todas as noites, depois do casamento, uma velha ama ia levar-lhe uma dose de uma poção para dormir numa colher, com os olhos cheios de muda compaixão. “Abre a boca, como uma boa menina!”, dizia, apressada. “Queres ter sonhos bonitos, não é?”

Nas primeiras vezes, Giulietta havia cuspido prontamente a poção no urinol, mal a ama saía do quarto, decidida a estar plenamente desperta se Salimbeni tornasse a se aproximar de sua cama, para poder recordar-lhe a maldição.

Mas, passadas essas primeiras noites, ocorrera-lhe a ideia de esvaziar o frasco de água de rosas que Monna Antonia lhe dera ao se despedirem e, em lugar do perfume, enchê-lo aos poucos com as doses de poção que lhe eram servidas toda noite.

No começo, pensara na mistura como uma arma que, de algum modo, poderia ser usada contra Salimbeni, mas, à medida que as visitas dele a seu quarto tinham se tornado cada vez mais raras, o frasco permanecera na mesinha sem nenhum propósito definido, exceto o de lembrar a Giulietta que, uma vez cheio, com certeza seria letal para quem bebesse todo o seu conteúdo.

Desde a mais tenra infância, ela se lembrava de ter ouvido histórias fantasiosas de mulheres que se matavam com uma poção para dormir ao serem abandonadas pelos amados. Embora sua mãe tivesse tentado proteger as filhas desse tipo de mexerico, eram muitas as criadas da casa que desfrutavam da atenção das meninas, de olhos arregalados. E assim, Giulietta e Giannozza haviam passado muitas tardes em sua trincheira secreta das margaridas, cada uma se fingindo de morta num dado momento, enquanto a outra encenava o horror das pessoas ao descobrirem o corpo e o frasco vazio. Certa vez, Giulietta havia passado tanto tempo imóvel e sem responder que Giannozza tinha realmente acreditado que ela estava morta de verdade.

“Giu-giu?”, dissera a menina, puxando-a pelos braços. “Para, por favor! Não tem mais graça. Por favor!”

No fim, Giannozza começara a chorar e, embora Giulietta tivesse se sentado, rindo, a irmã tinha ficado inconsolável. Havia chorado a tarde e a noite inteiras e fugido do jantar sem comer. Depois disso, as duas nunca mais fizeram essa brincadeira.

Durante o tempo em que estivera presa no Palazzo Salimbeni, houvera dias em que Giulietta ficara sentada com o frasco nas mãos, desejando que já estivesse cheio e que ela tivesse forças para acabar com a própria vida. Mas só na última noite antes da partida para o Val d’Orcia o frasco tinha finalmente transbordado e, ao longo de toda a viagem, ela se consolara pensando no tesouro aninhado numa sapatilha em sua bagagem.

Agora, sentada na cama, segurando o frasco, sentiu-se confiante em que aquilo que tinha nas mãos fizesse seu coração parar. Então, pensou, devia ter sido esse o plano da Virgem Maria desde o começo: que seu casamento com Romeo fosse consumado no Paraíso, não na terra. Foi uma visão tão doce que a fez sorrir.

Pegando a pena e a tinta também escondidas na bagagem, ela se acomodou por um instante para escrever uma última carta a Giannoza. O tinteiro que Frei Lorenzo lhe dera quando ela ainda estava no Palazzo Tolomei achava-se quase vazio e a pena fora apontada tantas vezes que lhe restava apenas um frágil tufo. Mesmo assim, Giulietta redigiu com vagar uma última mensagem para a irmã, antes de enrolar o pergaminho e escondê-lo numa fenda na parede atrás da cama. “Esperarei por ti, minha querida”, escreveu, as lágrimas borrando a tinta, “em nossa trincheira das margaridas. E, quando me deres um beijo, acordarei no mesmo instante, prometo.”

ROMEO E FREI Lorenzo chegaram a Rocca di Tentennano com 10 cavaleiros treinados em todos os tipos de combate. Não fosse por Maestro Ambrogio, nunca teriam sabido onde encontrar Giulietta e, não fosse pela irmã dela, Giannoza, e pelos guerreiros que ela lhes emprestara, nunca teriam conseguido entrar em ação.

O contato deles com Giannoza tinha sido obra de Frei Lorenzo. Quando os dois estavam escondidos no mosteiro – Romeo ainda imobilizado por causa do ferimento na barriga –, o frade mandara uma carta para a única pessoa em quem conseguira pensar como alguém que se solidarizaria com a situação deles. Conhecia muito bem o endereço de Giannoza, por ter sido o mensageiro secreto das irmãs durante mais de um ano, e não se passaram duas semanas antes que recebesse uma resposta.

“Tua dolorosíssima carta chegou-me num bom dia”, escreveu ela, “pois acabo de sepultar o homem que mandava nesta casa e finalmente sou senhora do meu destino. Mas é impossível expressar a tristeza que sinto, caro Lorenzo, ao saber de tuas tribulações e da sorte de minha pobre irmã. Por favor, dize-me o que posso fazer para ajudar. Tenho homens, tenho cavalos. Eles são teus.”

Mas até os competentes guerreiros de Giannoza ficaram impotentes diante do portão maciço de Rocca di Tentennano e, observando o local a distância na hora do crepúsculo, Romeo soube que teria de recorrer à astúcia para entrar e salvar sua amada.

– Isso me faz lembrar – disse aos outros, que tinham se calado ao ver a fortaleza – um gigantesco ninho de vespas. Atacá-lo em plena luz do dia significaria a morte para todos nós, mas talvez tenhamos uma chance depois do cair da noite, quando todos estarão dormindo, exceto uns poucos vigias.

Assim, ele esperou escurecer para escolher oito homens – entre eles Frei Lorenzo, que não poderia ficar para trás – e se certificar de que fossem equipados com cordas e adagas, levando-os furtivamente até a base da escarpa sobre a qual se erguia a fortaleza dos Salimbeni.

Sem outra plateia senão as estrelas cintilantes num céu sem luar, os intrusos escalaram a encosta com todo o silêncio que lhes foi possível, até alcançarem a base da imponente construção. Ali chegando, esgueiraram-se pela parte inferior da muralha inclinada, até alguém avistar uma abertura promissora, uns seis metros acima, e cutucar Romeo no ombro, indicando a oportunidade sem dizer nada.

Sem conceder a ninguém a honra de ser o primeiro a entrar, Romeo prendeu uma corda na cintura e tratou de segurar com firmeza duas adagas em posição de ataque, antes de começar a subida, fixando as lâminas no reboco entre as pedras e içando o corpo pelos braços, com muito esforço. O muro tinha a inclinação exata para tornar essa aventura possível, mas não o bastante para

que fosse fácil, e Frei Lorenzo perdeu o fôlego mais de uma vez quando o pé de Romeo escorregou de seu apoio e o deixou pendurado pelos braços. O frade não se preocuparia tanto se Romeo estivesse com a saúde perfeita, mas sabia que cada movimento feito pelo amigo na subida do muro devia causar-lhe uma dor quase insuportável, pois seu ferimento abdominal não havia sarado completamente.

Romeo, porém, mal sentia a velha ferida ao escalar o muro, pois sua dor era superada pelo aperto que sentia no peito ao pensar em Giulietta sendo submetida ao implacável filho de Salimbeni. Ele lembrava-se muito bem de Nino no Palio, onde vira sua perícia ao esfaquear Tebaldo Tolomei, e sabia que mulher alguma seria capaz de bloquear a porta para lhe barrar a vontade. E não era provável que Nino se deixasse impressionar com ameaças de maldição – o rapaz com certeza sabia que, no que dizia respeito ao Paraíso, já estava amaldiçoado por toda a eternidade.

A abertura no alto revelou-se uma seteira, com largura apenas suficiente para permitir que Romeo passasse. Ao cair pesadamente sobre o piso do outro lado, ele se viu num depósito de armas e quase riu da ironia. Desatando a corda da cintura e fixando-a num suporte de tocha na parede, sacudiu-a duas vezes, para informar aos homens na outra extremidade que podiam segui-lo em segurança.

A ROCCA DI Tentennano era tão lúgubre por dentro quanto por fora. Não havia afrescos para iluminar as paredes nem tapeçarias para repelir as correntes de ar. Ao contrário do Palazzo Salimbeni, que era uma vitrine de refinamento e abundância, esse lugar não fora erguido para outro fim que não a dominação e qualquer tentativa de adorná-lo não passaria de um obstáculo para a ágil movimentação de homens e armas.

Enquanto Romeo atravessava os intermináveis corredores cheios de alas, com Frei Lorenzo e os outros o seguindo de perto, começou a temer que encontrar Giulietta naquele mausoléu vivo e fugir com ela sem que fossem notados seria mais uma questão de sorte que de coragem.

– Cuidado! – sibilou a certa altura, erguendo uma das mãos para deter os outros, ao avistar um guarda postado num canto. – Para trás!

Para evitar o guarda, tiveram de enveredar por um desvio labiríntico e, no final, voltaram exatamente ao lugar de onde haviam partido, agachando-se em silêncio nas sombras, onde as tochas não podiam alcançá-los.

– Há guardas postados em todos os cantos – murmurou um dos soldados de Giannoza –, mas principalmente naquela direção. – E apontou para a frente.

Romeo balançou a cabeça, com ar grave:

– Talvez tenhamos que dominá-los um a um, mas prefiro esperar o máximo possível.

Não explicou por que queria adiar o clamor das armas. Todos tinham plena consciência de que eram amplamente superados em número pelos guardas que dormiam nas entranhas do castelo naquele momento e sabiam que, uma vez iniciada a luta, sua única esperança seria fugir. Para isso, Romeo havia deixado três homens do lado de fora, para manterem os cavalos de prontidão, mas começava a suspeitar que o trabalho deles seria apenas voltar para Giannoza e lhe contar a história lamentável do fracasso.

Justo nesse momento, quando o rapaz ia perdendo a esperança de conseguir avançar, Frei Lorenzo

cutucou seu ombro e apontou para uma figura conhecida, que carregava uma tocha no outro extremo de um corredor. A pessoa – Nino – andava devagar, até com relutância, como se tivesse um compromisso que ficaria feliz em adiar. Apesar da noite fria, usava uma túnica, mas levava uma espada amarrada à cinta. Romeo compreendeu imediatamente para onde ele se dirigia.

Com um aceno para que Frei Lorenzo e os soldados de Giannozza o seguissem, ele se esgueirou pelo corredor, perseguindo o malfeteiro em silêncio e parando apenas quando Nino também parou e se dirigiu a dois guardas postados um de cada lado de uma porta fechada.

– Podeis ir agora – disse-lhes – e descansar até amanhã. Garantirei pessoalmente a segurança de Monna Giulietta. Aliás – virou-se, para se dirigir a todos os guardas ao mesmo tempo –, todos podem ir. E dizei na cozinha que esta noite o vinho está liberado.

Só depois que os guardas desapareceram pelo corredor, todos sorrindo ante a perspectiva de uma noite de bebedeira, Nino respirou fundo e estendeu a mão para a maçaneta. Ao fazê-lo, porém, um som às suas costas causou-lhe um sobressalto. Era o som inconfundível de uma espada sendo desembainhada.

Nino virou-se devagar, incrédulo, para fitar seu agressor. Ao reconhecer o homem que tinha ido tão longe desafiá-lo, seus olhos por pouco não saltaram das órbitas:

– Impossível! Tu estás morto!

Romeo entrou no arco de luz da tocha com um sorriso sinistro:

– Se eu estivesse morto, seria um fantasma e tu não precisarias temer minha espada.

Nino fitou o rival com um assombro mudo. Ali estava um homem que ele não esperava tornar a ver; um homem que desafiara a morte para salvar a mulher amada. É possível que naquele instante, pela primeira vez em sua vida, tenha ocorrido ao filho de Salimbeni que ali estava um verdadeiro herói e que ele, Nino, era o vilão.

– Creio em ti – disse calmamente, depositando a tocha num suporte na parede – e respeito tua espada, mas não a temo.

– O que é um grande erro – observou Romeo, esperando que o outro se preparasse.

Logo após a curva do corredor, Frei Lorenzo ouvia o diálogo com inútil agitação. O fato de Nino não ter chamado os guardas de volta para subjugar Romeo sem luta estava além de sua compreensão. Aquela era uma invasão ultrajante, não um espetáculo público; Nino não precisava arriscar-se nesse duelo. Nem Romeo, aliás.

Bem perto dele, na escuridão, Frei Lorenzo pôde ver os soldados de Monna Giannozza se entreolhando, perguntando-se por que Romeo não os chamava para cortar a garganta de Nino antes que o criminoso atrevido pudesse sequer gritar por socorro. Afinal, aquilo não era um torneio para conquistar o coração de uma dama: era um caso de roubo, puro e simples. Romeo certamente não devia uma luta honrosa ao homem que havia roubado sua esposa.

Mas os dois rivais pensavam de outra maneira.

– O erro é teu – retrucou Nino, desembainhando a espada com orgulho. – Agora terei que dizer que foste cortado duas vezes por um Salimbeni. As pessoas acharão que tomaste gosto por sentir nosso ferro.

Romeo encarou o adversário com ódio nos olhos e um sorriso desdenhoso:

– Permite-me lembrar-te – disse, tomando posição para o combate – que ultimamente tua família anda com escassez de ferro. Aliás, creio que as pessoas estão ocupadas demais em falar no... cadinho

vazio do teu pai para se importarem com muitas outras coisas.

O comentário insolente teria feito um lutador menos experiente investir furiosamente contra o interlocutor, esquecido de que a raiva destrói a concentração e torna o indivíduo uma vítima fácil. Mas Nino não se deixava enredar com tanta facilidade. Conteve-se e apenas encostou a ponta de sua espada na de Romeo, para mostrar que entendera o recado.

– É verdade – disse, movendo-se em círculo em volta do adversário, em busca de uma abertura –, meu pai é sensato o bastante para conhecer suas limitações. Por isso me mandou cuidar da jovem. Que grosseria a tua, retardar dessa maneira o prazer da dama. Ela está bem atrás dessa porta, esperando por mim com os lábios úmidos e o rosto corado.

Dessa vez, foi Romeo quem teve de se conter, testando a lâmina de Nino com um toque levíssimo e absorvendo na mão a vibração.

– A dama de quem falas é minha esposa – disse, em tom severo. – E me incentivarás com gritos de prazer enquanto te faço em pedaços.

– Será mesmo? – Nino se lançou à frente, na esperança de surpreender Romeo, mas errou. – Ao que eu saiba, ela não é mais tua esposa do que de meu pai. E logo – sorriu –, não será esposa de ninguém, mas minha concubina, ansiando o dia inteiro por minha chegada para entretê-la à noite...

Romeo investiu e só errou o adversário por um triz, pois Nino teve habilidade para aparar o golpe e desviar a lâmina. Mas isso foi o bastante para pôr fim à conversa e, por algum tempo, não se ouviu outro som senão o das espadas chocando-se com um clangor de ódio, enquanto os dois davam início a uma dança de morte.

Embora Romeo já não fosse o esgrimista ágil que fora antes de ser ferido, suas tribulações lhe haviam ensinado a resistência e, mais importante, haviam-no enchido de um ódio incandescente que, se apropriadamente dominado, era capaz de superar qualquer habilidade na luta. Assim, embora Nino fizesse uma dança provocante a seu redor, Romeo não mordeu a isca e esperou com paciência seu momento de vingança... um momento que ele confiava que a Virgem Maria lhe concederia.

– Que afortunado sou eu! – exclamou Nino, tomando a inação de Romeo como sinal de fadiga. – Posso entregar-me a meus dois esportes favoritos na mesma noite. Dize-me, qual é a sensação...

Romeo não precisou de mais que um breve desequilíbrio descuidado na postura de Nino para saltar à frente numa velocidade inacreditável e cravar a espada entre as costelas do outro, perfurando seu coração e prendendo-o por um instante à parede.

– Qual é a sensação? – zombou, bem junto ao rosto perplexo de Nino. – Querias mesmo saber?

Em seguida, retirou a espada, enojado, e observou o corpo sem vida deslizar para o chão, deixando um rastro carmesim na parede.

De seu canto, Frei Lorenzo ficou chocado ao testemunhar a conclusão do breve duelo. A morte chegara tão repentinamente para Nino que o rosto do rapaz não exibía nada além de surpresa. O frade teria gostado de que ele houvesse se dado conta de sua derrota – mesmo que apenas por um piscar de olhos – antes de expirar. Mas o céu se mostrara mais clemente do que ele e pusera fim aos sofrimentos do patife antes mesmo que começassem.

Sem parar a fim de limpar a espada, Romeo passou por cima do cadáver e girou a maçaneta que Nino havia guardado com a própria vida. Ao ver o amigo desaparecer pela porta fática, Frei Lorenzo finalmente se levantou de seu esconderijo e se apressou a cruzar o corredor – com os soldados de Giannozza atrás dele –, seguindo Romeo rumo ao desconhecido.

Ao cruzar a porta, Frei Lorenzo deteve-se para que seus olhos se acostumassem. Não havia luz no quarto, a não ser pelo fulgor de algumas brasas na lareira e pelo tênue brilho das estrelas, que entrava por uma janela aberta. Ainda assim, Romeo tinha ido direto até a cama para acordar sua ocupante adormecida.

– Giulietta, meu amor! – exortou-a, abraçando-a e cobrindo seu rosto pálido de beijos. – Acorda! Viemos salvar-te!

Quando a jovem enfim se mexeu, Frei Lorenzo percebeu de imediato que havia algo errado. Conhecia Giulietta bem o bastante para saber que ela estava fora de si e que uma força maior que Romeo a influenciava, fazendo com que voltasse a dormir.

– Romeo... – murmurou ela, esforçando-se para sorrir e tocar o rosto do amado –, tu me encontraste!

– Vem – animou-a o rapaz, tentando fazê-la sentar-se –, precisamos sair antes que os guardas voltem!

– Romeo... – disse Giulietta, os olhos tornando a se fechar, enquanto a cabeça pendia frouxa como um botão de flor ceifado por uma foice. – Eu queria...

Ela teria dito mais, porém sua língua não lhe obedecia e Romeo olhou desesperado para Frei Lorenzo.

– Vem ajudar-me! – exortou o amigo. – Ela está doente. Teremos de carregá-la. – Ao ver a hesitação do frade, acompanhou seu olhar e viu o frasco e a rolha na mesinha de cabeceira. – O que é aquilo? – perguntou, a voz rouca de medo. – É veneno?

Frei Lourenço cruzou o cômodo de um salto para examinar o frasco.

– Era água de rosas – disse, cheirando o vidro vazio –, mas também havia mais alguma coisa...

– Giulietta! – Romeo sacudia violentamente a moça. – Tens que acordar! O que foi que bebeste? Eles te envenenaram?

– Uma poção para dormir – resmungou Giulietta, sem abrir os olhos –, para que pudesses me acordar.

– Mãe misericordiosa! – exclamou Frei Lorenzo, ajudando Romeo a sentá-la. – Giulietta! Acorda! É teu velho amigo Lorenzo!

Giulietta franziu a testa e conseguiu abrir os olhos. Só então, ao ver o frade e todos os estranhos que cercavam sua cama, pareceu compreender que ainda não tinha morrido, não estava no Paraíso. E, quando a verdade alcançou seu coração, ela deixou escapar um arquejo, com o rosto contorcido de pânico.

– Oh, não! – sussurrou, agarrando-se a Romeo com todas as forças que lhe restavam. – Isto não é justo! Meu querido... estás vivo! Estás...

Quando a tosse começou, espasmos violentos agitaram seu corpo e Frei Lorenzo viu a veia em seu pescoço pulsando como se a pele estivesse prestes a estourar. Sem saber o que mais fazer, os dois homens tentaram apagar suas dores e acalmá-la e continuaram a segurá-la enquanto o suor lhe escorria do corpo e ela tornava a desabar na cama em convulsões.

– Ajudai-nos! – gritou Romeo para os homens postados em volta da cama. – Ela está sufocando!

Mas os soldados de Giannozza eram treinados para dar fim à vida, não para preservá-la, e permaneceram inúteis ao redor da cama, enquanto o marido e o amigo de infância lutavam para salvar a mulher que amavam. Embora não a conhecessem, os homens ficaram tão absortos na

tragédia que se desenrolava diante de seus olhos que não notaram a aproximação dos guardas de Salimbeni até eles chegarem à porta e a fuga se tornar impossível.

Foi um grito horrorizado vindo do corredor que os alertou para o perigo. Obviamente, alguém avistara Nino, o jovem amo, estatelado em seu próprio sangue. Nesse momento, os soldados de Giannoza enfim tiveram a oportunidade de desembainhar as armas, enquanto os guardas de Salimbeni enchem o quarto.

Numa situação desesperadora como a deles, a única chance de sobrevivência era não ter nenhuma. Sabendo que já estavam mortos, os homens de Giannoza atiraram-se contra os guardas de Salimbeni com um furor destemido, retalhando-os sem piedade e nem sequer parando para se certificar de que suas vítimas haviam ultrapassado o sofrimento antes de passarem para as seguintes. O único homem armado que não se virou para lutar foi Romeo, que não conseguia soltar Giulietta.

Durante algum tempo, os soldados de Giannoza conseguiram defender sua posição e matar todos os que entraram no quarto. A porta era estreita demais para admitir mais de um inimigo de cada vez e, tão logo um deles irrompia no cômodo, era recebido por sete espadas empunhadas por homens que não tinham passado a noite bebendo até o estupor. Num espaço exíguo como aquele, um punhado de homens decididos não ficava tão desamparado diante de uma centena de oponentes quanto ficaria em campo aberto; contanto que os 100 chegassem um a um, não haveria força no número.

Mas nem todos os guardas de Salimbeni eram imbecis. No momento em que os soldados de Giannoza começavam a alimentar a esperança de sobreviverem àquela noite, foram distraídos por um ruído alto, vindo dos fundos do quarto, e, ao se voltarem para trás, viram uma porta secreta abrir-se e uma enxurrada de guardas entrar. Nesse ponto, com os inimigos avançando contra eles pela frente e pela retaguarda ao mesmo tempo, os soldados foram rapidamente dominados. Um por um, os homens de Giannoza prostraram-se de joelhos, derrotados – alguns agonizando, outros já mortos –, enquanto o cômodo se enchia de guardas.

Mesmo nesse momento, com todas as esperanças perdidas, Romeo não se virou para lutar.

– Olha para mim! – insistia com Giulietta, muito mais concentrado em ressuscitar seu corpo sem vida do que em se defender. – Olha para...

Uma lança atirada do outro lado do quarto acertou-o bem entre as omoplatas e o rapaz desabou sobre a cama sem mais uma palavra, não querendo soltar Giulietta nem mesmo na morte.

Enquanto o corpo de Romeo ficava inerte, o anel da águia caiu de sua mão e Frei Lorenzo compreendeu que seu último desejo tinha sido repor a joia no dedo de sua esposa, que era seu devido lugar. Sem pensar, o frade pegou o objeto sagrado na cama, para que não fosse confiscado por homens que jamais respeitariam seu destino. Entretanto, antes que pudesse colocá-lo no dedo de Giulietta, foi afastado dela por mãos fortes.

– O que aconteceu aqui, monge imbecil? – perguntou o capitão da guarda. – Quem é esse homem e por que ele matou Monna Giulietta?

– Esse homem – respondeu Frei Lorenzo, muito entorpecido de choque e tristeza para realmente sentir medo – era o verdadeiro marido dela.

– Marido? – O capitão puxou o monge pelo capuz do hábito e o sacudiu. – És um grande mentiroso! Mas... – arreganhou os dentes num sorriso – podemos dar um jeito nisso.

MAESTRO AMBROGIO VIU tudo com seus próprios olhos. A carroça chegou de Rocca di Tentennano tarde da noite – justamente quando ele passava pelo Palazzo Salimbeni – e os guardas não vacilaram ao despejar sua carga lastimável bem diante dos pés do amo, nos degraus da entrada da casa.

Primeiro veio Frei Lorenzo – amarrado, com uma venda nos olhos e mal conseguindo descer da carroça sozinho. A julgar pela forma inclemente com que os guardas o arrastaram para dentro do prédio, ele seria levado diretamente para a câmara de tortura. Em seguida, trataram de descarregar os corpos de Romeo, Giulietta e Nino... todos embrulhados juntos no mesmo lençol ensanguentado.

Tempos depois, houve quem dissesse que Salimbeni olhara para o cadáver do filho sem emoção, mas o *maestro* não se deixou enganar pelas feições pétreas do homem ao contemplar sua própria tragédia. Ali estava o desfecho de suas maldades: Deus o havia castigado, oferecendo-lhe seu filho como um cordeiro abatido, manchado pelo sangue das duas pessoas que ele havia tentado separar e aniquilar, contrariando a vontade dos céus. Com certeza, naquele momento, Salimbeni compreendeu que já estava no Inferno e que, aonde quer que fosse no mundo e pelo tempo que vivesse, seus demônios sempre o acompanhariam.

Quando Maestro Ambrogio voltou para sua oficina nessa noite, sabia que os soldados de Salimbeni poderiam bater à sua porta a qualquer momento. Se eram verdadeiros os boatos sobre os métodos de tortura de Salimbeni, provavelmente o pobre Frei Lorenzo diria tudo o que sabia – além de uma profusão de falsidades e exageros – antes da meia-noite.

Mas, perguntou-se o *maestro*, será que eles realmente se atreveriam a buscá-lo também? Afinal, ele era um pintor famoso, com muitos protetores na nobreza. No entanto, não podia ter certeza. Só uma coisa era certa: fugir e se esconder deixariam clara sua culpa e, uma vez fugitivo, não haveria como voltar para a cidade que ele amava mais do que a qualquer outra.

Assim, o pintor examinou sua oficina em busca de qualquer vestígio incriminador, como o retrato de Giulietta e seu diário sobre a mesa. Parando apenas para acrescentar um último parágrafo – um punhado de frases atropeladas sobre o que vira nessa noite –, Ambrogio pegou o caderno e o quadro, embrulhou-os num pano e colocou-os numa caixa hermeticamente fechada, que escondeu numa concavidade secreta na parede, onde, com toda a certeza, ninguém jamais a encontraria.

*Partir? Deixando o coração aqui?
Barro, volta, e procura a sua essência.*

Janice não havia mentido ao dizer que era boa de escalada. Por alguma razão, eu nunca levava muita fé em seus cartões-postais de lugares exóticos, a não ser quando falavam de desapontamento e devassidão. Preferia pensar nela caindo de bêbada num motel do México a mergulhando junto a recifes de corais, numa água tão clara que, como Janice rabiscara certa vez, não para mim, mas para tia Rose, a pessoa mergulhava como a velha pecadora suja que era e saía sentindo-se como Eva em sua primeira manhã no Paraíso, antes de Adão aparecer com o jornal e os cigarros.

Parada na sacada, observando os esforços dela para subir até onde eu estava, fui assolada pela descoberta de quanto eu havia ansiado pela volta de minha irmã. Afinal, depois de andar de um lado para outro em meu quarto por pelo menos uma hora, eu chegara à frustrante conclusão de que jamais conseguiria entender aquela situação sozinha.

Sempre tinha sido assim. Quando eu era criança, toda vez que falava de meus problemas para tia Rose, ela se alvorçava toda, mas nunca resolvia nada e no fim eu me sentia muito pior do que antes. Se um garoto me chateava na escola, ela telefonava para o diretor e todos os professores e exigia que ligassem para os pais dele. Janice, ao contrário – ouvindo acidentalmente nossa conversa –, apenas dava de ombros e dizia: “Ele tem uma queda por ela. Vai passar. O que temos para o jantar?” E sempre tinha razão, embora eu detestasse admitir isso.

Era muito provável que também estivesse certa agora. Não que eu gostasse particularmente de seus comentários debochados sobre Alessandro e Eva Maria, mas, afinal, alguém tinha que fazê-los e minha cabeça estava claramente transtornada por um conflito de interesses.

Arfando com o esforço contínuo de se manter viva, Janice segurou prontamente minha mão quando a estendi e acabou conseguindo passar uma perna por cima da balaustrada.

– Escalar... – arquejou, caindo do outro lado feito um saco de batatas – *é uma dor tão doce!*

– Por que você não usou a escada? – perguntei, enquanto ela arfava, sentada no chão da sacada.

– Muito engraçado! – retrucou Janice. – Considerando-se que há um assassino à solta por aí que não vai com a minha cara!

– Ora, vamos! Se Umberto quisesse torcer nosso pescoço, já o teria feito há muito tempo.

– Nunca se sabe quando essa gente vai pirar! – disse Janice, finalmente se levantando e sacudindo a roupa. – Ainda mais agora que temos a caixa da mamãe. Minha sugestão é cairmos fora daqui *prontíssimo* e... – interrompeu-se, só então olhando bem para meu rosto e notando meus olhos vermelhos e inchados. – Meu Deus, Jules! – exclamou. – Qual é o problema?

– Nada – respondi, com ar de desdém. – É só que acabei de ler sobre Romeo e Giulietta. Lamento

estragar a história, mas não há final feliz. Nino tenta seduzi-la, ou melhor, violentá-la, e ela se mata com uma poção para dormir, minutos antes de Romeo entrar correndo para salvá-la.

– E o que você esperava? – disse Janice, indo à suíte lavar as mãos. – Gente como os Salimbeni não muda. Nem em um milhão de anos. Está gravado a ferro no caráter deles. O demônio com um sorriso. Nino, Alessandro... é tudo farinha do mesmo saco. Ou você os mata ou eles matam você.

– Eva Maria não é assim... – comecei, mas Janice não me deixou terminar.

– Ah, é mesmo? – zombou, gritando do banheiro. – Deixe-me ampliar seus horizontes. Eva Maria está manipulando você desde o começo. Você acha mesmo que ela estava naquele avião por acaso?

– Não seja ridícula! – exclamei. – Ninguém mais sabia que eu ia chegar naquele avião, a não ser... – parei de repente.

– Exatamente! – Janice jogou de lado a toalha e se atirou na cama. – É óbvio que ela e Umberto estão trabalhando juntos. Eu não ficaria surpresa se fossem irmãos. É assim que a Máfia funciona, sabe? É tudo em família, tudo tem a ver com favores e com tirar o rabo uns dos outros da reta... Não me entenda mal, eu adoraria cuidar do rabo do seu namorado, só que não tenho certeza de querer terminar dormindo embaixo da terra.

– Ah, dá um tempo!

– Não dou, não! – Janice seguiu no embalo, com os pés para o alto: – Primo Peppo disse que o marido de Eva Maria, o Salimbeni, era um *bastardo classico*. Decididamente, estava metido em alguma sacanagem ultraorganizada, com limusines e uns caras de terno reluzente e gravata siciliana, o cenário completo. Há quem acredite que Eva Maria mandou dar fim no coronelzinho dela para poder tomar conta dos negócios e se livrar do limite do cartão de crédito. E é óbvio que o seu Sr. Gostosão é o capanga favorito dela, isso se não for seu namoradinho. Mas agora, tchan-ran!, ela jogou o cara para cima de você e a pergunta é: ele vai desencavar um tesouro para ela ou para você? Será que a virgenteriana consegue transformar o playboy, fazendo-o abandonar suas maldades, ou será que a assustadora madrinha vai prevalecer e pegar de volta suas joias de família assim que você puser suas lindas mãozinhas nelas?

Apenas a olhei:

– Já acabou?

Janice piscou umas duas vezes, refazendo-se do voo solo pela fantasia:

– Definitivamente. Vou cair fora daqui. E você?

– Que droga! – Sentei-me a seu lado, subitamente exausta. – Nossa mãe estava tentando nos deixar um tesouro. E nós estragamos tudo. *Eu* estraguei tudo. Será que não devo a ela consertar as coisas?

– Na minha opinião, a única coisa que devemos a ela é ficar vivas – disse Janice, balançando um par de chaves diante de mim. – Vamos para casa.

– Que chaves são essas?

– Da antiga casa de nossa mãe. Peppo me contou tudo sobre ela. Fica a sudeste daqui, num lugar chamado Montepulciano. Passou todos esses anos vazia. – Ela me olhou com cautelosa esperança. – Quer ir?

Fitei-a, admirada por ela conseguir perguntar.

– Você quer mesmo que eu vá?

Janice se sentou e disse, com uma sobriedade incomum:

– Jules, quero mesmo que a gente saia juntas daqui. Não se trata apenas de uma estátua e umas pedras preciosas. Há alguma coisa realmente sinistra acontecendo. Peppo me falou de uma sociedade secreta de pessoas que acreditam haver uma maldição na nossa família e que acham que têm de pôr um fim nisso. E adivinhe quem dirige o espetáculo? Isso mesmo, a sua rainhazinha da Máfia! É o mesmo tipo de coisa doentia em que nossa mãe estava envolvida... uma história de rituais secretos de sangue para invocar os espíritos dos mortos. Desculpe se não fico entusiasmada.

Levantei-me e fui até a janela, franzindo o cenho para meu reflexo no vidro.

– Ela me convidou para uma festa em sua casa no Val d’Orcia.

Quando Janice não respondeu, virei-me para ver qual era o problema. Ela estava deitada de costas na cama, com as mãos no rosto.

– Deus nos abençoe! – resmungou. – Não acredito nisso! Deixe ver se eu adivinho: *El Niño* também vai?

Joguei os braços para o alto:

– Ora, vamos, Jan! Você não quer chegar ao fundo dessa história? Eu quero!

– E vai chegar! – disse ela, pulando da cama e começando a andar de um lado para outro, pisando duro e com os punhos cerrados. – Você vai acabar no fundo de alguma coisa, pode ter certeza, com o coração partido e os pés enfiados no cimento. Juro por Deus... se você fizer isso e se acabar morta, como todos os nossos ancestrais supostamente enterrados embaixo da escadaria da entrada da casa de Eva Maria, nunca mais vou falar com você!

Ela me olhou com ar belicoso e a fitei de volta, incrédula. Aquela não era a Janice que eu conhecia. A Janice que eu conhecia não daria a mínima para meus movimentos ou meu destino, exceto para torcer que eu fracassasse vergonhosamente em tudo que me propusesse fazer. E a ideia de me ver com os pés enfiados no cimento a faria dar tapas nos joelhos, às gargalhadas, e não morder o lábio, como se estivesse prestes a desatar em lágrimas.

– Está bem – disse ela, mais calma, quando continuei calada –, então vá em frente e seja morta num... num ritual satânico. Não estou nem aí.

– Eu não disse que ia.

Ela relaxou um pouco.

– Ah! Bom, nesse caso acho que está mais do que na hora de você e eu tomarmos um *gelato*.

PASSAMOS GRANDE PARTE da tarde provando sabores antigos e novos no bar Nannini, uma sorveteria localizada, de forma muito conveniente, na Piazza Salimbeni. Sem estarmos propriamente reconciliadas, pelo menos tínhamos conseguido concordar em duas coisas: primeiro, sabíamos muito pouco sobre Alessandro para eu ficar à vontade com a ideia de ele me levar de carro na viagem no dia seguinte, e segundo, sorvete era melhor do que sexo.

– Nessa você pode confiar em mim – disse Janice, piscando para me animar.

Apesar de todos os seus defeitos, minha irmã sempre fora de uma perseverança incrível e ficou vigiando sozinha por mais de uma hora, enquanto eu me encolhia num banco nos fundos da sorveteria, morrendo de medo de ser descoberta.

De repente, ela me deu um puxão para eu me levantar. Não disse nada; não foi preciso. Espiando

juntas pela porta de vidro, vimos Alessandro atravessar a Piazza Salimbeni a pé e seguir pelo Corso.

– Ele está indo para o centro da cidade! – observou Janice. – Eu sabia! Caras como ele não moram no subúrbio. Ou talvez – ela me lançou um olhar sensual – esteja indo ao encontro da amante.

Ambas espichamos o pescoço para enxergar melhor, mas Alessandro já não estava à vista.

– Droga! – resmungou ela.

Saímos do bar Nannini e disparamos pela rua do melhor modo possível, sem chamar muita atenção, o que era sempre um desafio na companhia de Janice.

– Espere! – chamei, segurando-a pelo braço para fazê-la andar mais devagar. – Eu o vi! Ele está bem... *opa!*

Nesse instante, Alessandro parou e nós duas nos enfiamos por uma porta.

– O que ele está fazendo? – sussurrei, com medo demais de ser descoberta para olhar por mim mesma.

– Conversando com um cara – disse Janice, esticando-se. – Um cara com uma bandeira amarela. Qual é a das bandeiras? Aqui parece que todo mundo tem uma...

Minutos depois, estávamos de novo na perseguição, nos esgueirando junto a vitrines e portas para não sermos detectadas, seguindo nossa presa por toda a rua, passando pelo Campo e subindo em direção à Piazza Postierla. Alessandro já havia parado várias vezes para cumprimentar pessoas que vinham no sentido contrário, mas, conforme a ladeira foi ficando mais íngreme, o número de amigos aumentou.

– Ora, francamente! – exclamou Janice quando Alessandro parou mais uma vez para brincar com um bebê num carrinho. – Esse cara está se candidatando à prefeitura?

– Isso se chama relações interpessoais – resmunguei. – Você devia experimentar.

Janice revirou os olhos.

– Ah, falou a mocinha sociável!

Eu estava elaborando uma resposta quando percebemos que nosso alvo tinha desaparecido.

– Ah, não! – exclamou Janice. – Para onde ele foi?

Corremos até o último ponto em que víamos Alessandro antes de ele sumir – praticamente em frente ao salão de Luigi, do outro lado da rua – e ali descobrimos a entrada para a menor e mais escura viela de Siena.

– Você consegue vê-lo? – sussurrei, escondida atrás de Janice.

– Não, mas esse é o único lugar para onde ele pode ter ido. – Minha irmã segurou minha mão e me puxou: – Venha!

Enquanto andávamos pé ante pé pela ruela coberta, não pude deixar de rir. Ali estávamos nós, circulando furtivamente de mãos dadas, como fazíamos quando crianças. Janice lançou-me um olhar severo, preocupada com o barulho, mas, ao ver o riso em meu rosto, abrandou-se e também começou a rir.

– Não acredito que estejamos fazendo isto! – murmurei. – É uma vergonha!

– Shhh! – sussurrou ela. – Acho que essa região é meio barra-pesada – e apontou para as pichações num dos muros. – O que é *galleggiante*? Parece um bocado obscuro. E que diabo aconteceu em 92?

Mais à frente, a viela fazia uma curva fechada para a direita e ficamos um instante paradas na

esquina, ouvindo passos que se afastavam. Janice chegou até a espichar a cabeça para avaliar a situação, mas recuou muito depressa.

– Ele viu você? – sussurrei.

Janice respirou fundo:

– Venha!

Ela me pegou pelo braço e me fez dobrar a esquina antes que eu pudesse protestar. Felizmente, não havia nenhum sinal de Alessandro e nós corremos num silêncio nervoso, até que de repente avistamos algumas pessoas guardando um cavalo na extremidade da via.

– Pare! – Empurrei Janice contra um muro, esperando que ninguém tivesse nos visto. – Isso não é bom. Esses caras...

– O que você está fazendo? – Janice se afastou do muro e continuou a descer a rua na direção do cavalo e de seus tratadores. Vendo que, graças a Deus, Alessandro não estava entre eles, corri atrás dela, puxando seu braço para fazê-la parar.

– Você está doida? – sibilei. – Aquele só pode ser um cavalo do Palio e esses caras não gostam de turistas circulando...

– Ah, eu não sou turista – retrucou Janice, soltando-se de minhas mãos e seguindo adiante. – Sou jornalista.

– Não! Jan! Espere!

Quando ela se aproximou das pessoas que tomavam conta do cavalo, fui tomada por uma estranha mistura de admiração e vontade de matá-la. A última vez que me sentira assim tinha sido no nono ano, quando ela havia apanhado espontaneamente o telefone e discado o número de um menino da nossa turma, só porque eu disse que gostava dele.

Nesse momento, alguém abriu um par de venezianas bem acima de nós e, assim que me dei conta de que era Alessandro, tornei a pular para junto da parede, puxando Janice comigo, apavorada com a ideia de que ele nos visse ali, fuçando seu bairro feito adolescentes loucas de paixão.

– Não olhe! – sussurrei, ainda atordoada com nossa escapada por um triz. – Acho que ele mora lá em cima, no terceiro andar. Missão cumprida. Caso encerrado. Hora de ir embora.

– O que você quer dizer com *missão cumprida*? – perguntou Janice, inclinando o corpo para trás para bisbilhotar a janela de Alessandro, os olhos brilhando. – Viemos aqui para descobrir o que ele está aprontando. Vamos ficar por aqui – acrescentou. Experimentou a porta mais próxima e, quando ela se abriu sem problemas, mexeu as sobancelhas e entrou. – Venha!

– Você perdeu a cabeça? – perguntei, dando uma olhada nervosa para os homens. Eles estavam olhando para nós, claramente se perguntando quem éramos e o que queríamos. – Não vou pôr os pés nesse edifício! É aí que ele mora!

– Por mim, tudo bem. – Janice deu de ombros. – Fique zanzando por aí. Tenho certeza de que eles não vão se incomodar.

LOGO DESCOBRIMOS QUE não tínhamos saído numa escadaria. Andando na semiescuridão atrás de Janice, tive medo de que ela me fizesse subir correndo até o terceiro andar, decidida a abrir a porta de Alessandro com um pontapé e bombardeá-lo com perguntas. Mas, ao ver que não havia escada, aos poucos comeci a relaxar.

No fim do corredor havia uma porta entreaberta e ambas nos espichamos para ver o que havia do outro lado.

- Bandeiras! - comentou Janice, claramente decepcionada. - Mais bandeiras. Alguém tem mania de amarelo por aqui. E de passarinhos.

- É um museu - falei, ao ver alguns modelos de *cenio* pendurados nas paredes. - Um museu da *contrada*, como o de Peppo. Fico pensando...

- Legal - disse Janice, abrindo a porta antes que eu pudesse protestar. - Vamos visitá-lo. Você sempre gostou de velharias empoeiradas.

- Não! Por favor... - Tentei contê-la, mas ela se soltou da minha mão e entrou corajosamente na sala. - Volte aqui! Jan!

- Que tipo de homem mora num museu? - disse ela, refletindo enquanto examinava os objetos em exposição. - É meio sinistro.

- Não é *num*, é *em cima de um* - corrigi-a. - E eles não guardam múmias aqui.

- Como você sabe? - perguntou ela, abrindo a viseira de uma armadura, só para conferir. - Talvez eles tenham múmias de cavalos. Talvez seja aqui que praticam aqueles rituais secretos de sangue e invocam os espíritos dos mortos.

- Está certo - retruquei, tentando lançar-lhe um olhar de desdém pela porta. - Obrigada por ter chegado ao fundo dessa questão quando teve a oportunidade.

- Ei! - protestou ela, levantando os braços. - Peppo não sabia nada além disso, está bem?

Fiquei parada, observando Janice andar na ponta dos pés por mais um ou dois minutos, fingindo estar interessada na exposição. Nós duas sabíamos que ela só estava fazendo aquilo para me irritar.

- Tudo bem - acabei sussurrando -, será que você já viu bandeiras suficientes?

Mas, em vez de responder, Janice simplesmente cruzou uma porta e entrou em outro cômodo, deixando-me ali meio escondida e inteiramente só.

Demorei um pouco para encontrá-la. Estava circulando por uma pequena capela, onde havia velas acesas no altar e magníficas pinturas a óleo em todas as paredes.

- Uau! - disse Janice quando me aproximei. - Que tal isto aqui como sala de estar, hein? O que será que eles fazem aqui: leitura de entranhas?

- Tomara que leiam as suas! Você *se incomoda* de irmos embora agora?

Antes que ela pudesse dar uma resposta atrevida, ouvimos passos. Quase tropeçando uma na outra por causa do pânico, nos atrapalhamos para sair da capela e achar um esconderijo na sala ao lado.

- Aqui! - Puxei Janice para um canto atrás de uma vitrine cheia de elmos surrados e, cinco segundos depois, uma senhora passou direto por nós, carregando uma pilha de roupas amarelas dobradas. Atrás dela vinha um garoto de uns 8 anos, com as mãos nos bolsos e a cara fechada. Embora a mulher tivesse atravessado o cômodo em linha reta, o garoto, infelizmente, parou a uns três metros de onde estávamos escondidas, para ver as espadas antigas na parede.

Janice fez uma careta, mas nenhuma de nós se atreveu a se mexer nem um centímetro, muito menos a cochichar, as duas agachadas num canto feito clássicos malfeitores. Para nossa sorte, o garoto estava concentrado demais em sua própria travessura para prestar atenção a outras coisas. Certificando-se de que a avó tinha mesmo saído, ele se esticou para pegar um florete de seus ganchos na parede e assumiu uma ou duas posições de esgrima que não foram nada más. Estava tão absorto

em seu projeto ilícito que nem ouviu outra pessoa entrar na sala, até ser tarde demais.

– Não, não, não! – repreendeu-o Alessandro, atravessando a sala e tirando o florete da mão do menino. Mas, ao invés de repor a arma na parede, como faria qualquer adulto responsável, apenas mostrou ao garoto a posição certa e lhe devolveu a arma. – *Tocca a te!*

O florete moveu-se para lá e para cá algumas vezes, até que por fim Alessandro tirou outro da parede e fez a vontade do menino, participando com ele de uma luta de brincadeira, que só chegou ao fim quando uma voz de mulher gritou, aborrecida:

– Enrico! *Dove sei?*

Em poucos segundos, as armas voltaram à parede e, quando a vovó se materializou no vão da porta, Alessandro e o garoto estavam inocentemente parados, com as mãos nas costas.

– Ah! – exclamou ela, encantada por ver Alessandro e dando-lhe um beijo em cada face. – Romeo!

Ela disse muito mais do que isso, porém não a ouvi. Se Janice não estivesse tão perto, eu teria caído de joelhos, pois minhas pernas tinham se transformado em sorvete cremoso.

Alessandro era Romeo.

É claro que era. Como eu podia não ter percebido? Aquele não era o Museu da Águia? Eu já não tinha visto a verdade nos olhos de Malèna... e nos dele?

– Caramba, Jules! – disse Janice com uma careta, sem emitir um som. – Controle-se!

Mas não me restava mais nada para controlar. Tudo que eu pensara saber sobre Alessandro girou diante de meus olhos como os números de uma roleta e percebi que, em cada uma de minhas conversas com ele, eu tinha apostado todo o meu dinheiro na cor errada.

Ele não era Páris, não era Salimbeni, não era nem mesmo Nino. Sempre fora Romeo. Não o playboy que entrava de penetra nas festas usando um chapéu de elfo, mas Romeo, o exilado, banido muito tempo antes pelos boatos e superstições e que havia passado a vida inteira tentando ser outra pessoa. Romeo, ele tinha dito, era seu rival. Romeo tinha mãos perversas e as pessoas preferiam achar que ele estava morto. Romeo não era o homem que eu achava que conhecia; nunca faria declarações de amor em versos rimados. Mas, por outro lado, Romeo era o homem que visitava a oficina de Maestro Lippi tarde da noite, para tomar uma taça de vinho e contemplar o retrato de Giulietta Tolomei. Para mim, isso dizia mais que a mais requintada poesia.

Ainda assim, por que ele nunca me dissera a verdade? Eu lhe perguntara sobre Romeo várias vezes, mas em todas as ocasiões ele agira como se estivéssemos falando de outra pessoa. De alguém que me faria muito mal conhecer.

De repente me lembrei de quando ele me mostrou a bala pendurada num cordão de couro em seu pescoço e de Peppo me dizendo, em seu leito no hospital, que todos achavam que Romeo tinha morrido. E me lembrei da expressão no rosto de Alessandro quando Peppo dissera que Romeo tinha nascido bastardo. Só então compreendi sua raiva de meus familiares Tolomei, que, ignorando sua verdadeira identidade, tinham se comprazido em tratá-lo como um Salimbeni e, portanto, um inimigo.

Exatamente como eu tinha feito.

Quando enfim todos saíram da sala, vovó e Enrico numa direção, Alessandro na outra, Janice me segurou pelos ombros, os olhos fuzilando:

– Quer fazer o favor de se controlar?!

Mas era pedir demais.

– Romeu! – gemi, segurando a cabeça. – Como ele pode ser Romeu? Eu sou uma completa idiota!

– Sim, você é, mas isso não é novidade. – Janice não estava com disposição para ser boazinha. – Não sabemos se ele é Romeu. O Romeu. Talvez esse apenas seja seu segundo nome. Romeu é um nome muito comum na Itália. E, se ele realmente for o Romeu... isso não muda nada. Ele continua mancomunado com os Salimbeni! Invadiu a droga do seu quarto do mesmo jeito!

Engoli em seco algumas vezes.

– Não estou me sentindo muito bem.

– Bom, vamos dar o fora daqui.

Janice pegou minha mão e foi me puxando, achando que seguia para a entrada principal do museu.

Em vez disso, acabamos numa parte da exposição que ainda não tínhamos visto: era uma sala fracamente iluminada, com vários exemplares de *cencio* muito antigos e desgastados nas paredes, guardados em caixas de vidro. O lugar tinha o clima de um santuário ancestral e, num dos lados, uma escada curva e íngreme descia para um subterrâneo.

– O que há lá embaixo? – sussurrou Janice, esticando-se para olhar.

– Pode esquecer! – rebati, recuperando parte do ânimo. – Não vamos ficar presas num calabouço qualquer!

Mas é claro que a deusa Fortuna preferia a ousadia de Janice a meu nervosismo, pois, quando menos esperávamos, tornamos a ouvir vozes – que pareciam se aproximar de nós por todos os lados – e quase despencamos escada abaixo, na pressa de sumir de vista. Arfando, com medo de sermos descobertas, nos agachamos ao pé da escada, enquanto as vozes chegavam mais perto e os passos acabaram parando bem acima de nós.

– Ah, não! – murmurei, antes que Janice conseguisse tapar minha boca com a mão. – É *ele*!

Olhamos uma para a outra de olhos arregalados. Naquele momento, perfeitas intrusas no porão de Alessandro, nem mesmo Janice pareceu gostar da ideia de um encontro.

Nesse instante, as luzes se acenderam à nossa volta e vimos Alessandro começar a descer a escada, depois parar.

– *Ciao, Alessio, come stai...?* – disse ele, cumprimentando alguém; e minha irmã e eu nos encaramos, plenamente cientes de que nossa humilhação tinha sido adiada, mesmo que por alguns minutos.

Olhando em volta freneticamente para avaliar nossas alternativas, percebemos estar mesmo presas num beco sem saída subterrâneo, do jeito que eu previra que ficaríamos. Exceto por três buracões na parede – as bocas negras dos túneis do aqueduto de Bottini –, não havia como sair dali, a não ser subindo a escada e passando por Alessandro. E qualquer tentativa de entrar nos túneis era impossibilitada pelas grades negras de ferro que cobriam as aberturas.

Mas nunca se diz nunca a uma Tolomei. Exasperadas com a ideia de ficarmos presas ali, ambas nos levantamos e começamos a examinar as grades com dedos trêmulos. Eu basicamente tentava calcular se conseguiríamos nos espremer por entre elas, à força, enquanto Janice apalpava cada trinco, cada dobradiça, como uma especialista, claramente se recusando a acreditar que não houvesse um modo de abrir aquelas estruturas. Para ela, toda parede tinha uma porta e toda porta tinha uma chave; em suma, toda situação de aperto tinha um botão de ejeção. Tudo o que a pessoa tinha de fazer

era procurar até encontrá-lo.

– Shhh! – chamou ela, acenando para mim agitada, demonstrando que, de fato, a terceira e última grade se abria como uma porta e, ainda por cima, sem nenhum rangido. – Venha!

Entramos no túnel até onde a iluminação permitiu, depois demos mais alguns passos a tapalhas na total escuridão e por fim paramos.

– Talvéssemos uma lanterna... – começou Janice. – Ah, merda!

Quase batemos nossas cabeças uma na outra com toda a força quando, de repente, um feixe de luz desceu por toda a extensão do túnel até onde estávamos, parando apenas centímetros antes de nos alcançar, e recuou, como uma onda que rolasse até a areia e voltasse para o mar.

Aflitas com mais aquela escapada por um triz, avançamos mais pelo túnel, aos tropeços, até encontrar algo parecido com um nicho, grande o bastante para abrigar nós duas.

– Ele está vindo? Está vindo? – sibilou Janice, presa atrás de mim e impossibilitada de olhar. – É ele?

Pus a cabeça para fora por um instante e a recolhi de volta.

– É. É, sim!

Era difícil enxergar qualquer outra coisa além da lanterna ofuscante que balançava para lá e para cá, mas, a certa altura, tudo se estabilizou e me atrevi a dar outra olhada. Era mesmo Alessandro – ou, talvez eu devesse dizer, uma versão de Romeo – e, pelo que pude perceber, ele havia parado para abrir uma portinha na parede do túnel, com a lanterna firmemente presa embaixo do braço.

– O que ele está fazendo? – indagou Janice.

– Parece uma espécie de cofre... Está tirando alguma coisa. Uma caixa.

Janice me deu uma unhada, agitando-se.

– Talvez seja o *cencio*!

Olhei de novo.

– Não, é muito pequena. Mais parece uma caixa de charutos.

– Eu sabia! Ele é fumante.

Observei Alessandro com atenção, enquanto ele trancava o cofre e voltava para o museu com a caixa. Momentos depois, a grade de ferro fechou-se atrás dele, com um estrondo que ecoou por todo o aqueduto de Bottini – e por nossos ouvidos – durante muito tempo.

– Oh, não! – exclamou Janice.

– Não me diga que...!

Virei-me para minha irmã, torcendo para que ela acabasse logo com minha preocupação. Mas até no escuro pude perceber a expressão assustada em seu rosto.

– Bem, eu tinha me perguntado por que ela não estava trancada antes... – disse Janice, em tom defensivo.

– Mas isso não a deteve, não é? – explodi. – E agora estamos presas!

– Cadê seu espírito de aventura? – perguntou ela, sempre procurando fazer da necessidade uma virtude. Dessa vez, porém, não conseguiu convencer nem a si mesma. – Isso é ótimo! Sempre quis explorar cavernas. Ela tem que sair em algum lugar, certo? – Janice me olhou, implicando comigo para aliviar seu nervosismo: – *Ou xelá que a Zulietinha plefele ser legatada pelo Lomeo?*

CERTA VEZ, UMBERTO havia descrito as catacumbas romanas para nós, depois de passarmos uma noite inteira infernizando tia Rose com perguntas sobre a Itália e sobre por que não podíamos ir lá. Ele dera um pano de prato a cada uma, para que fôssemos úteis enquanto ele enfiava as mãos na pia, e nos explicara que os primeiros cristãos costumavam se reunir nos subterrâneos, em cavernas secretas, para receber a comunhão onde ninguém pudesse vê-los nem relatar suas atividades ao imperador pagão. De modo similar, esses primeiros cristãos haviam desafiado a tradição romana da cremação, embrulhando seus mortos em mortalhas, levando-os para as cavernas, estendendo os cadáveres em prateleiras na parede de pedra e praticando os ritos fúnebres, que se calcavam na esperança da ressurreição.

Se fizessemos mesmo tanta questão de ir à Itália, concluiria Umberto, ele se certificaria de nos levar a essas cavernas antes de qualquer outro lugar e de nos mostrar todos os esqueletos interessantes.

Enquanto Janice e eu andávamos pelo aqueduto de Bottini, tropeçando no escuro e nos revezando na liderança do caminho, as histórias de fantasmas de Umberto me voltaram à lembrança com toda a força. Ali estávamos, tal como as pessoas das histórias dele, correndo pelos subterrâneos para não ser apanhadas e, tal como aqueles primeiros cristãos, também sem saber exatamente quando e onde voltaríamos à superfície, se é que voltaríamos.

Ajudou um pouco termos o isqueiro do cigarro semanal de Janice; mais ou menos a cada 20 passos, parávamos e ela o acendia por alguns segundos, só para ter certeza de que não estávamos prestes a despencar num poço sem fundo ou, como Janice choramingou a certa altura quando a parede da caverna tornou-se subitamente pegajosa, para não entrarmos diretamente numa gigantesca teia de aranha.

– Insetos nojentos são a menor de nossas preocupações – falei, tirando o isqueiro da mão dela. – Não acabe com o fluido. Talvez tenhamos que passar a noite aqui embaixo.

Andamos um trecho em silêncio – eu na frente, Janice logo atrás, resmungando alguma coisa sobre as aranhas gostarem de umidade –, até eu prender o pé numa pedra saliente e cair no chão todo desnivelado, machucando tanto os joelhos e os pulsos que teria chorado, não fosse a aflição para ver se o isqueiro continuava intacto.

– Você está bem? – perguntou Janice, a voz carregada de medo. – Pode andar? Acho que eu não conseguiria carregá-la.

– Estou ótima! – grunhi, sentindo cheiro de sangue nos dedos. – É sua vez de ir na frente. Tome... – Pus o isqueiro em sua mão. – Boa sorte.

Com Janice abrindo caminho, fiquei livre para me retardar e examinar minhas feridas – as físicas e as psicológicas – enquanto avançávamos aos pouquinhos para o desconhecido. Meus joelhos estavam mais ou menos em frangalhos, mas isso não era nada, comparado ao tumulto em minha alma.

– Jan? – chamei-a, tocando suas costas com os dedos. – Você acha que talvez ele não tenha me contado que era Romeo por querer que eu me apaixonasse por ele pelas razões certas, e não só por causa do seu nome?

Achei que não podia censurá-la por ter resmungado.

– Está bem – prossegui. – Então, ele não me disse que era Romeo porque a última coisa de que precisava era de uma virgenteriana pé no saco atrapalhando sua atividade incógnita, certo?

– Jules! – Janice estava tão concentrada em escolher o caminho em meio à escuridão perigosa que

tinha pouca paciência para minhas especulações. – Pare de se torturar! Nem sabemos *se* ele é o Romeu. E, mesmo que seja, ainda vou acabar com a raça dele por tratar você desse jeito.

Apesar de seu tom raivoso, voltei a ficar surpresa ao ouvi-la expressar preocupação com meus sentimentos e comecei a me perguntar se aquilo era uma coisa nova ou apenas algo que eu não tinha notado antes.

– A questão – continuei – é que ele nunca chegou a dizer que era um Salimbeni. Fui sempre *eu* que... opa! – Quase caí de novo e me segurei em Janice até recuperar o equilíbrio.

– Deixe-me adivinhar – disse ela, acendendo o isqueiro para que eu pudesse ver suas sobranceiras arqueadas – ele também nunca disse que teve nada a ver com a invasão do museu, certo?

– Aquilo foi coisa do Bruno Carrera! – exclamei. – A serviço de Umberto!

– Não, Julizinha – disse Janice, fazendo uma imitação que não se pareceu nem um pouco com Alessandro –, eu não roubei o *cencio* do Romeu... por que faria isso? Para mim, é só um trapo velho. Mas, escute, deixe-me cuidar dessa faca afiada para você, para que você não se machuque. Como foi mesmo que você a chamou?... Uma *adaga*?

– Não foi nada disso – resmunguei.

– Querida, ele mentiu pra você! – Janice finalmente apagou o isqueiro e recomeçou a andar. – Quanto mais cedo você enfiar isso na sua cachola, melhor. Confie em mim, esse cara não sente nada por você. Tudo é só uma grande farsa para chegar ao... *Ai!*

Pelo som, ela havia batido a cabeça em alguma coisa e paramos mais uma vez.

– Que diabo foi isso? – perguntou Janice, acendendo o isqueiro para checar. Foi preciso tentar três ou quatro vezes até ele finalmente acender; e então ela viu que eu estava chorando.

Chocada com aquela visão incomum, ela me abraçou com uma ternura sem jeito.

– Desculpe, Jules. Só estou tentando poupar seu coração de um desgosto.

– Você sempre achou que eu não tivesse coração, não é?

– Bem – disse ela, me apertando com força –, você parece ter criado um nos últimos tempos. O que é uma pena, porque era mais divertida sem ele. – Ela balançou meu queixo com a mão pegajosa ainda cheirando a sorvete de baunilha com café e chocolate, finalmente conseguindo me fazer rir. Então continuou, mais generosa: – De qualquer jeito, é minha culpa. Eu devia ter visto o que ia acontecer. Ele dirige um maldito Alfa Romeo, pelo amor de Deus!

Se não tivéssemos parado bem ali, no último e débil bruxulear do isqueiro agonizante, talvez nunca notássemos a abertura na parede do túnel à nossa esquerda. Mal passava de meio metro de largura, mas, tanto quanto pude ver ao me ajoelhar e enfiar a cabeça lá dentro, ele se inclinava ladeira acima por pelo menos 10 ou 12 metros – como um duto de ventilação numa pirâmide – e acabava num minúsculo retalho de céu azul em forma de concha. Consegui até me convencer de ter ouvido barulho de trânsito.

– Santa Maria! – exclamou Janice. – Voltamos à ativa! Vá na frente. Primeiro os mais velhos.

A dor e a frustração de andar pelo túnel escuro não foram nada comparadas à claustrofobia que senti ao subir rastejando pelo duto estreito nem à tortura de ir arranhando os joelhos e cotovelos em carne viva. Para cada 15 centímetros que eu conseguia içar dolorosamente o corpo, usando os dedos dos pés e das mãos, tornava a escorregar vários outros.

– Ande logo! – exortou Janice, atrás de mim. – Trate de se mexer!

– Então por que você não veio na frente? – rebati. – É você que é metida a grande alpinista.

- Pronto... - disse ela, pondo a mão embaixo da minha sandália alta. - Dê impulso.

Com uma lentidão angustiante, subimos até o alto do duto e, embora ele se alargasse consideravelmente lá em cima - o que permitiu que Janice engatinhasse a meu lado -, continuava a ser um lugar revoltante para se estar.

- Eca! - resmungou ela, correndo os olhos pelo lixo que fora jogado lá dentro pela grade. - Que coisa nojenta! Aquilo é... um cheeseburger?

- Tem algum queijo nele?

- Ei, olhe! - exclamou ela, pegando um objeto. - É um celular! Espere... Não, desculpe. Sem bateria.

- Se você já tiver terminado de vasculhar o lixo, será que podemos ir andando?

Abrimos caminho por uma sujeira execrável demais para descrever em palavras, até finalmente chegarmos à tampa de esgoto vertical e charmosa que nos separava da superfície.

- Onde estamos? - perguntou Janice, encostando o nariz na filigrana de bronze, e ambas olhamos para as pernas e pés que passavam. - É uma espécie de *piazza*. Só que é enorme.

- Puta merda! - exclamei, ao perceber que já tinha visto aquele lugar várias vezes, mas de ângulos muito diferentes. - Sei exatamente onde estamos. É o Campo - expliquei, e bati na tampa do esgoto. - Nossa! É sólida mesmo!

- Oi! *O-oi?* - chamou Janice, esticando-se para ver melhor. - Alguém consegue me ouvir? Há alguém aí?

Segundos depois, uma adolescente incrédula, com um sorvete de casquinha e os lábios verdes, apareceu no nosso campo de visão e se abaixou para nos olhar.

- *Ciao!* - disse, com um sorriso duvidoso, como se fosse vítima de algum tipo de pegadinha. - Eu sou Antonella.

- Oi, Antonella - respondi, tentando manter contato visual com a menina. - Você fala inglês? Estamos meio presas aqui. Você acha que consegue... encontrar alguém que possa nos ajudar?

Após uns 20 minutos extremamente embaraçosos, Antonella voltou com um par de pés sem meias usando sandálias.

- Maestro Lippi? - perguntei, tão perplexa por ver meu amigo pintor que a voz quase me fugiu. - Olá, lembra-se de mim? Eu dormi no seu sofá.

- É claro que me lembro! - disse ele, abrindo um largo sorriso. - Como vai?

- Hmm... o senhor acha que seria possível... tirar esse negócio? - Passei os dedos pela tampa do bueiro. - Estamos meio entaladas aqui. E... a propósito, esta é minha irmã.

Maestro Lippi ajoelhou-se para nos ver melhor:

- Vocês foram a algum lugar aonde não deveriam ter ido?

Dei-lhe o sorriso mais tímido que pude:

- Receio que sim.

O *maestro* franziu o cenho:

- Encontraram a sepultura dela? Roubaram seus olhos? Eu não lhe disse para deixá-los onde estavam?

- Não fizemos nada! - protestei, dando uma olhada para Janice, para ter certeza de que ela também parecesse inocente. - Nós ficamos presas, só isso. O senhor acha que haveria algum jeito - tornei a bater na tampa do esgoto, que voltou a me parecer muito rígida - de desatarraxar esse troço?

- É claro! – disse ele, sem hesitação. – É muito fácil.
- Tem certeza?
- É claro que tenho! – E levantou as mãos. – Fui eu que fiz isso.

O JANTAR DESSA noite foi macarrão primavera enlatado, enfeitado com um raminho de alecrim do parapeito da janela de Maestro Lippi e acompanhado de uma caixa de Band-Aid para nossos machucados. Mal havia espaço para nós três à mesa da oficina, visto que dividíamos o espaço com trabalhos artísticos e vasos de plantas em diferentes estágios de perecimento, mas, assim mesmo, ele e Janice se divertiam bastante.

- Você está muito calada – comentou o pintor a certa altura, refazendo-se de uma gargalhada e servindo mais vinho.
- Julieta teve uma briguinha com Romeu – explicou Janice em meu nome. – Ele a comparou à Lua. Um grande erro.
- Ah! – exclamou Maestro Lippi. – Ele esteve aqui ontem à noite. Não estava feliz. Agora entendo por quê.
- Ele veio aqui ontem? – repeti.
- Veio – confirmou o *maestro*. – Disse que você não se parece com o quadro. Que é muito mais bonita. E muito mais... como foi que ele disse?... Ah, sim... *letal*. – Ele sorriu e ergueu a taça para mim, brincando, como se consagrasse o vinho antes da comunhão.

- Por acaso ele mencionou – comecei, sem conseguir tirar a rispidez da voz – por que andou me enrolando com esse joguinho doentio, em vez de me dizer logo de uma vez que era Romeu? Pensei que ele fosse outra pessoa.

O Maestro Lippi pareceu surpreso:

- Mas você não o reconheceu?
- Não! – respondi, levando as mãos à cabeça, frustrada. – Não o reconheci. E com certeza ele também não me reconheceu!
- O que exatamente o senhor pode nos dizer sobre esse cara? – perguntou Janice ao *maestro*. – Quantas pessoas sabem que ele é Romeu?
- Só sei que ele não quer ser chamado de Romeu – disse Maestro Lippi, dando de ombros. – Só os parentes o chamam assim. É um grande segredo. Não sei por quê. Ele quer ser chamado de Alessandro Santini...

Soltei uma exclamação abafada:

- O senhor sabia o nome dele o tempo todo! Por que não me contou?
- Pensei que você soubesse! – retrucou o pintor. – Você é Julieta! Talvez precise de óculos!
- Desculpe – interpôs Janice, esfregando um arranhão no braço –, mas como o *senhor* soube que ele era o Romeu?

Maestro Lippi pareceu perplexo:

- Eu... eu...

Janice estendeu a mão para pegar outro Band-Aid:

- Por favor, não diga que o reconheceu de uma vida passada.
- Não – disse o pintor, franzindo o cenho. – Eu o reconheci pelo afresco. O do Palazzo Pubblico. E

depois vi a águia dos Marescotti no braço dele – segurou meu pulso e apontou para a parte inferior de meu antebraço –, bem aqui. Você nunca a notou?

Por alguns segundos, vi-me de volta ao porão do Palazzo Salimbeni, tentando ignorar as tatuagens de Alessandro enquanto discutíamos o fato de eu estar sendo seguida. Já naquele momento, eu soubera que as dele – ao contrário das tatuagens de Janice na lombar – não eram meras recordações de bebedeiras de férias em Amsterdã, mas não me ocorrera que continham pistas importantes sobre a identidade dele. Na verdade, eu estivera ocupada demais procurando diplomas e ancestrais na parede de seu escritório para me dar conta de que ali estava um homem que não exibia suas virtudes numa moldura de prata, mas as levava no corpo, qualquer que fosse a forma que assumissem.

– Não é de óculos que ela precisa – comentou Janice, curtindo minha introspecção estrábica –, é de um cérebro novo.

– Sem querer mudar de assunto – falei, apanhando minha bolsa –, o senhor se importaria de traduzir uma coisa para nós?

Entreguei a Maestro Lippi o texto em italiano que encontrei na caixa de minha mãe, que eu vinha carregando havia dias, na esperança de topa com um tradutor de boa vontade. Originalmente, eu tinha brincado com a ideia de pedir isso a Alessandro, mas alguma coisa me contivera.

– Nós achamos que pode ser importante – acrescentei.

O *maestro* pegou o texto e examinou o título e os primeiros parágrafos.

– Isto é uma história – disse, meio surpreso. – Chama-se *La Maledizione sul Muro... A maldição na parede*. É bem longa. Tem certeza de que querem ouvi-la?

*Danem-se as suas casas,
Que fizeram de mim ração de verme.*

A

Há uma lenda que poucos conhecem, pois foi abafada pelas famosas famílias envolvidas. A história começa com Santa Catarina, que desde pequena era conhecida por seus poderes especiais. Pessoas de toda Siena iam procurá-la com suas dores e aflições e saíam curadas pelo toque da menina. Nessa ocasião, já adulta, ela passava a maior parte do tempo cuidando dos enfermos no hospital em frente à Catedral de Siena, o Santa Maria della Scala, onde tinha seu próprio quartinho com uma cama.

Um dia, Santa Catarina foi chamada ao Palazzo Salimbeni e, lá chegando, viu a casa inteira tomada pelo medo. Quatro noites antes, contaram-lhe, tinha havido ali uma grande festa de casamento e a noiva era uma mulher da família Tolomei, a encantadora Mina. Fora um banquete magnífico, pois o noivo era um dos filhos de Salimbeni e as duas famílias tinham estado reunidas, comendo e cantando, celebrando uma longa paz.

Todavia, à meia-noite, quando o noivo foi para a câmara nupcial, sua esposa não estava lá. Ele interrogou os criados, mas ninguém a vira, e ele ficou com muito medo. O que acontecera com sua Mina? Teria fugido? Teria sido sequestrada por inimigos? Mas quem ousaria fazer uma coisa dessas com os Tolomei e os Salimbeni? Era impossível. Assim, o noivo correu por toda parte à procura da noiva, nos andares superiores e no térreo, fazendo perguntas aos criados e aos guardas, mas todos lhe diziam que Mina não poderia ter saído de casa sem ser vista. E seu coração lhe dizia o mesmo! Ele era um jovem bondoso e belo. Mina jamais fugiria dele. Mas, nessa hora, o jovem Salimbeni teve de contar a seu pai e ao pai dela o que estava acontecendo e, quando souberam do problema, a casa inteira pôs-se a procurar Mina.

Procuraram durante horas – nos quartos, na cozinha e mesmo no sótão –, até que a cotovia começou a cantar e eles finalmente desistiram. Mas nesse momento, quando já raiava um novo dia, a avó mais idosa entre os convidados do casamento, Monna Cecilia, desceu e encontrou todos sentados, em prantos, falando de guerra contra estes, guerra contra aqueles. A idosa Monna Cecilia os ouviu e depois lhes disse:

– Tristes cavalheiros, vinde comigo e encontrarei vossa Mina. Pois há um lugar nesta casa em que não procurastes e meu coração me diz que é lá que ela se encontra.

Monna Cecilia os conduziu para baixo, descendo às profundezas da terra e entrando nos ancestrais calabouços do Palazzo Salimbeni. Ela lhes mostrou que as portas tinham sido abertas com as chaves da casa oferecidas à noiva na cerimônia nupcial e lhes disse que aquelas eram cavernas que ninguém visitava havia muitos anos, por medo da escuridão. Os homens idosos que estavam entre os convidados aterrorizaram-se, pois não podiam acreditar que alguém tivesse dado à jovem recém-casada as chaves de todas aquelas portas secretas, e, ao prosseguirem, ficaram cada vez mais aborrecidos e assustados. Eles sabiam que ali havia muitas trevas e que no passado, antes da Peste, haviam acontecido muitas coisas que seria melhor esquecer. Assim, lá se foram eles, todos aqueles grandes homens, caminhando atrás da velha Monna Cecilia com suas tochas, sem acreditar no que viam.

Por fim, chegaram a um aposento que, nos velhos tempos, tinha sido usado para infligir castigos. Monna Cecilia parou e todos os homens a imitaram. Então ouviram alguém chorando. Diante disso, o jovem noivo precipitou-se à frente com sua tocha e, quando a luz alcançou o canto oposto da cela, viu sua esposa ali, sentada no chão, com sua linda camisola azul. Estava trêmula de frio e tão apavorada que se pôs a gritar ao ver os homens, não reconhecendo ninguém, nem mesmo o próprio pai.

Naturalmente, eles a pegaram e a levaram de volta lá para cima, para a luz, a envolveram em lãs, lhe deram água e tudo o que havia de bom para comer, porém Mina continuou sacudida pelos tremores e os afastou a todos. O pai tentou falar com ela, mas a jovem virou a cabeça e se recusou a fitá-lo. Por fim, o pobre homem segurou a filha pelos ombros e lhe perguntou:

– Não te lembras que és minha Mina?

Mas ela o empurrou com uma risada desdenhosa e disse, numa voz que não era a sua, uma voz tenebrosa como a morte:

– Não, não sou tua Mina. Meu nome é Lorenzo.

É fácil imaginar o horror das duas famílias ao perceberem que Mina havia perdido o juízo. As mulheres começaram a rezar para a Virgem Maria e os homens passaram a se acusar mutuamente por serem maus pais e maus irmãos e por terem demorado tanto a encontrar a pobre moça. A única que se manteve calma foi a velha Monna Cecilia, que se sentou ao lado de Mina, afagou-lhe o cabelo e tentou fazê-la falar novamente.

Mas Mina se balançava para a frente e para trás e não queria olhar para ninguém, até que finalmente Monna Cecilia disse:

– Lorenzo, Lorenzo, meu caro, sou Monna Cecilia. Sei o que fizeram com você!

Nessa hora, Monna Mina olhou para a anciã e voltou a chorar. E Monna Cecilia a abraçou e deixou que chorasse durante horas, até ambas adormecerem no leito nupcial. Por três dias Monna Mina dormiu e sonhou, teve pesadelos terríveis e acordava a casa inteira com seus gritos, até que as famílias enfim decidiram chamar Santa Catarina.

Depois de ouvir toda a história, Santa Catarina compreendeu que Monna Mina estava possuída por um espírito. Mas não teve medo. Foi sentar-se ao lado da cama da jovem a noite inteira, rezando sem parar, e, pela manhã, Monna Mina acordou e se lembrou de quem era.

Houve muita alegria na casa e todos louvaram Santa Catarina, embora ela os repreendesse e lhes dissesse que somente Cristo devia ser louvado. Entretanto, mesmo nessa hora de grande júbilo, Monna Mina ainda se mostrou inquieta e, quando lhe perguntaram o que a estava perturbando, a

moça lhes disse que tinha uma mensagem de Lorenzo para eles e que não teria sossego enquanto não a transmitisse. Vocês podem imaginar como todos devem ter ficado apavorados ao ouvi-la falar de Lorenzo outra vez, desse espírito que se apossara dela, mas mesmo assim lhe disseram:

– Muito bem, estamos prontos para ouvir a mensagem.

Porém Monna Mina não conseguiu lembrar-se da mensagem e recomeçou a chorar, e todos ficaram aterrizados. Talvez, comentaram aos sussurros uns com os outros, preocupados, ela voltasse a perder o juízo.

Nesse momento, porém, a sábia Santa Catarina entregou a Monna Mina uma pena molhada de tinta e lhe disse:

– Minha querida, deixa que Lorenzo use tua mão para escrever a mensagem.

– Mas não sei escrever! – retrucou Mina.

– Não – confirmou Santa Catarina –, mas, se Lorenzo souber, a mão dele guiará a tua.

Então, Monna Mina segurou a pena e passou algum tempo sentada, à espera de que sua mão se movesse, e Santa Catarina orou por ela. Por fim, sem dizer uma palavra sequer, Monna Mina levantou-se e se dirigiu à escada, como uma sonâmbula, e foi descendo às profundezas do porão, com todos atrás dela. Ao chegar ao cômodo em que a haviam encontrado, aproximou-se da parede e começou a deslizar o dedo sobre ela, como se escrevesse, e os homens se aproximaram com as tochas e observaram o que ela fazia. Perguntaram-lhe o que estava escrevendo, mas Monna Mina retrucou:

– Ora, lede!

E, quando eles lhe disseram que sua escrita era invisível, ela objetou:

– Não, ela está bem aqui, não a vedes?

Então Santa Catarina teve a brilhante ideia de mandar um garoto buscar tintura de tecidos na oficina do pai e fez Monna Mina mergulhar o dedo na tinta e retraçar o que já havia escrito. E Monna Mina, aquela mulher que nunca soubera ler nem escrever, encheu toda a parede e o que ela registrou deixou todos os grandes homens enregelados de medo. Eis a mensagem que o espírito de Lorenzo a fez transmitir:

Desça a peste sobre vossas casas!

Havéis de perecer todos em fogo e sangue

Vossos filhos sempre a uivar sob uma lua insana

Até vos redimirdes de vossos pecados, de joelhos ante a Virgem

E Giulietta despertar para fitar Romeo.

Ao terminar de escrever, Monna Mina desabou nos braços do noivo, chamando-o pelo nome, e lhe pediu que a levasse embora daquele cômodo, pois sua tarefa estava concluída. E assim, chorando de alívio, ele subiu, levando-a para a luz. Monna Mina nunca mais voltou a falar com a voz de Lorenzo. Porém jamais se esqueceu do que lhe acontecera e resolveu que queria entender quem fora Lorenzo e por que ele havia falado por seu intermédio, apesar de seu pai e seu sogro fazerem tudo o que estava a seu alcance para lhe ocultar a verdade.

Monna Mina era uma mulher obstinada, uma verdadeira Tolomei. Quando seu marido estava fora a trabalho, ela passava muitas horas com a velha Monna Cecilia, ouvindo histórias do passado e fazendo muitas perguntas. E, embora de início a anciã sentisse medo, também sabia que lhe daria

paz transmitir a outra pessoa aquele fardo pesado, para que a verdade não morresse com ela.

Monna Cecilia contou a Monna Mina que o lugar exato onde ela escrevera aquela terrível maldição na parede era o local em que um jovem monge, chamado Frei Lorenzo, tinha escrito as mesmas palavras, muitos anos antes, com seu próprio sangue. Aquela era a cela em que o haviam mantido e torturado até a morte.

– Mas quem? – perguntou Monna Mina, inclinando-se sobre a mesa para segurar entre as suas as mãos nodosas de Monna Cecilia. – Quem fez isso com ele e por quê?

– Um homem – respondeu Monna Cecilia, baixando a cabeça de tristeza – em quem há muito parei de pensar como sendo meu pai.

ESSE HOMEM, EXPLICOU Monna Cecilia, tinha sido o chefe da família Salimbeni na época da Grande Peste e a havia liderado como um tirano. Algumas pessoas tentavam perdoá-lo, dizendo que, quando ele era pequeno, bandidos dos Tolomei haviam assassinado sua mãe diante de seus olhos, mas isso não é desculpa para um homem fazer o mesmo com outros. E era isso que Salimbeni fazia. Era cruel com os inimigos e severo com a família. Sempre que se cansava de suas esposas, deixava-as trancadas e isoladas na zona rural e instrua os criados a nunca lhes darem alimento suficiente. E, tão logo elas morriam, ele se casava de novo. À medida que envelhecia, escolhia esposas cada vez mais jovens, porém, no final, nem mesmo a juventude era capaz de lhe dar prazer e, em desespero, desenvolveu um desejo antinatural por uma jovem cujos pais ele próprio havia mandado matar. O nome dela era Giulietta.

Apesar de Giulietta já estar secretamente noiva de outro homem e de se acreditar que a Virgem Maria havia abençoado o jovem casal, Salimbeni forçou seu casamento com a moça e, ao fazê-lo, provocou a mais temível inimiga que um homem poderia ter. Todos sabiam que a Virgem Maria não gostava de interferências humanas em seus planos e, de fato, toda a história terminou em morte e sofrimento. Não só os jovens amantes se mataram como o filho primogênito de Salimbeni também pereceu, numa luta desesperada para defender a honra do pai.

Por todos esses insultos e tristezas, Salimbeni prendeu e torturou Frei Lorenzo, a quem responsabilizou por ter ajudado secretamente o jovem casal em seu desastroso romance. E convidou o tio de Giulietta, Messer Tolomei, para assistir à punição do monge insolente que destruíra seus planos de unir as duas famílias inimigas por meio do matrimônio. Foram esses os homens que Frei Lorenzo amaldiçoou em sua mensagem na parede: Messer Salimbeni e Messer Tolomei.

Após a morte do monge, Salimbeni enterrou o corpo sob o piso da câmara de tortura, como era seu costume, e mandou seus criados lavarem a maldição e cobrirem a parede com uma nova demão de cal. Mas não demorou a descobrir que essas medidas não bastavam para desfazer o que acontecera.

Quando Frei Lorenzo apareceu para ele em um sonho, algumas noites depois, avisando-o de que não haveria sabão nem cal que pudessem apagar a maldição, Salimbeni encheu-se de medo e fechou a antiga câmara de tortura, para que nela ficassem contidos os poderes maléficos da parede. Então, de repente, começou a ouvir vozes que diziam que ele fora amaldiçoado e que a Virgem Maria procurava um modo de castigá-lo. As vozes surgiam em toda parte, nas ruas, no mercado, na igreja; mesmo quando estava inteiramente só ele as ouvia. Uma noite, quando se deflagrou um grande

incêndio no Palazzo Salimbeni, ele teve certeza de que tudo aquilo fazia parte da maldição de Frei Lorenzo, que exigia que sua família viesse a *perecer em fogo e sangue*.

Foi mais ou menos nessa época que chegaram a Siena os primeiros rumores sobre a Peste Negra. Peregrinos voltavam do Oriente com histórias de uma peste terrível, que havia destruído mais vilarejos e cidades do que um exército poderoso, porém a maioria das pessoas achou que se tratasse de algo que atingiria apenas os pagãos. Estavam certas de que a Virgem Maria, como fizera tantas vezes, abriria seu manto protetor sobre Siena e de que orações e velas seriam capazes de manter o mal afastado, se algum dia ele cruzasse o oceano.

Salimbeni, porém, vivera muito tempo na ilusão de que tudo de bom que acontecia a seu redor era causado por seu brilhantismo. Assim, agora que algo de ruim se aproximava, foi perfeitamente natural ele achar que aquilo também era obra sua. Por isso, ficou obcecado com a ideia de que ele, e somente ele, era a causa de todas as desgraças que aconteciam à sua volta e de que era culpa sua a peste estar ameaçando chegar a Siena. Em sua loucura, desenterrou os corpos de Giulietta e Romeo do solo profano em que se encontravam e construiu para eles um túmulo santíssimo, a fim de silenciar as vozes do povo, ou, melhor dizendo, as vozes em sua própria cabeça, que o culpavam pela morte de um jovem casal cujo amor fora abençoado pelos céus.

Estava tão aflito para fazer as pazes com o fantasma de Frei Lorenzo que passou muitas noites fitando a maldição copiada num pedaço de pergaminho, tentando descobrir um modo de cumprir a exigência de se *redimir dos pecados, ajoelhado diante da Virgem*. Chegou até a chamar catedráticos da universidade a sua casa, para especular sobre como fazer Giulietta *despertar para fitar Romeo* e foram eles que acabaram elaborando um plano.

Para desfazer a maldição, disseram, Salimbeni deveria começar por compreender que a riqueza era um mal e que o homem que tinha ouro não era feliz. Uma vez admitido isso, ele não lamentaria pagar grandes somas de sua fortuna a pessoas dedicadas a livrá-lo da culpa, como os catedráticos da universidade. Além disso, tal homem ficaria feliz por encomendar uma escultura dispendiosa, que, com toda a certeza, eliminaria a maldição e ajudaria seu dono a dormir um sono tranqüilo à noite, sabendo que ele sozinho, mediante o sacrifício de seu dinheiro perverso, havia comprado o perdão para a cidade inteira e créditos contra a peste sobre a qual corriam boatos.

A estátua, segundo lhe disseram, deveria ser colocada no túmulo de Giulietta e Romeo, coberta do mais puro ouro. Deveria retratar o jovem casal de tal modo que se tornasse um antídoto contra a maldição de Frei Lorenzo. Salimbeni deveria tirar as pedras preciosas da grinalda de Giulietta e usá-las como olhos na escultura: duas esmeraldas verdes no rosto de Romeo e duas safiras azuis no de Giulietta. E, abaixo da estátua, uma inscrição deveria dizer:

*Aqui dorme a sincera e fiel Giulietta,
Por amor e misericórdia divina
A ser despertada por Romeo, seu legítimo esposo,
Numa hora de perfeita graça.*

Dessa maneira, Salimbeni poderia recriar artificialmente o momento da ressurreição dos dois jovens amantes, possibilitando que eles se fitassem de novo e para sempre, e permitindo que todos os cidadãos de Siena vissem a escultura e o chamassem de homem generoso e devoto.

Todavia, a fim de contribuir para essa impressão, Salimbeni teria de se certificar de cultivar uma história de sua benevolência e de encomendar uma narrativa que o livrasse completamente de sua culpa. Essa história deveria ser a de Romeo e Giulietta e deveria conter muita poesia e muita confusão, como faz a arte de qualidade, pois um contador de histórias talentoso, transbordando de mentiras deslumbrantes, impõe muito mais atenção do que um indivíduo sincero e maçante.

Quanto às pessoas que ainda assim não quisessem se calar a respeito da culpa de Salimbeni, deveriam ser silenciadas, fosse por ouro nas mãos ou ferro nas costas, pois somente ao se livrar daquelas línguas maldosas Salimbeni poderia ter a esperança de ser purificado aos olhos da população e de reencontrar o caminho para suas orações e, por meio delas, para os santos ouvidos dos céus.

Foram essas as recomendações dos mestres universitários e Salimbeni tratou de cumprir as exigências deles com muito vigor. Em primeiro lugar – seguindo o conselho recebido –, certificou-se de silenciar os professores antes que eles o caluniassem. Em segundo, contratou um poeta local para fabricar uma história sobre dois amantes malfadados, cuja morte trágica não fora culpa de ninguém senão deles mesmos, e para circulá-la entre as classes leitoras não como ficção, mas como uma verdade vergonhosamente ignorada. Por último, contratou um grande pintor, Maestro Ambrogio, para supervisionar o trabalho na estátua de ouro. E, quando esta ficou pronta, com os preciosos olhos no lugar, postou quatro guardas armados na capela, dia e noite, para proteger o casal imortal.

Contudo, nem mesmo a estátua e os guardas conseguiram manter a Peste afastada. Durante mais de um ano, a pavorosa doença devastou Siena, cobrindo corpos saudáveis de pústulas negras e matando todos aqueles em que tocava. Metade da população pereceu – para cada habitante que ficou vivo, outro morreu. No fim, não havia sobreviventes em número suficiente para sepultar os mortos. Nas ruas escorriam podridão e sangue, e os que ainda podiam comer passavam fome, pois faltavam alimentos.

Quando a Peste passou, o mundo havia mudado. Para o bem ou para o mal, a memória dos homens deixara tudo para trás. Os que tinham sobrevivido estavam ocupados demais com suas necessidades para se importarem com a arte e com velhos mexericos. Assim, a história de Romeo e Giulietta tornou-se pouco mais que um vago eco de outro mundo, ocasionalmente lembrado, mas quase sempre em fragmentos. Quanto ao túmulo, desapareceu para sempre, enterrado sob uma montanha de mortos, e restaram poucas pessoas que soubessem o valor da estátua. Maestro Ambrogio, que incrustara pessoalmente as pedras preciosas e sabia quais eram elas, foi um dos muitos milhares de sienenses que morreram durante a Peste.

DEPOIS DE OUVIR tudo o que Monna Cecilia sabia sobre Frei Lorenzo, Monna Mina resolveu que ainda restava uma coisa que se podia fazer para aplacar o fantasma do monge. Assim, num dia em que seu marido parecera particularmente enamorado dela antes de sair para cuidar dos negócios, ela ordenou que seis criados competentes a acompanhassem até o porão e quebrassem o piso da antiga câmara de tortura.

Naturalmente, os criados não ficaram satisfeitos com essa tarefa mórbida, mas, ao verem sua senhora tão pacientemente de pé a seu lado enquanto trabalhavam, incentivando-os com promessas de bolos e doces, não ousaram reclamar.

Ao longo da manhã, encontraram os ossos não apenas de uma, mas de várias pessoas. A princípio, a descoberta das mortes e das brutalidades cometidas deixou embrulhado o estômago de todos, mas, quando viram que Monna Mina, embora pálida, não arredava pé, logo superaram seu horror e pegaram as ferramentas para continuar o trabalho. Enquanto o dia avançava, todos se encheram de ardorosa admiração pela jovem tão determinada a livrar sua casa do mal.

Recuperados todos os ossos, Monna Mina ordenou que os criados os envolvessem em mortalhas e os levassem para o cemitério, exceto pelos restos mortais mais recentes, os quais, ela tinha certeza, eram de Frei Lorenzo. Sem saber exatamente o que fazer, ela passou algum tempo sentada junto ao corpo, olhando para o crucifixo de prata que estivera na mão dele, até que um plano se formou em sua mente.

Antes do casamento, Monna Mina tivera um confessor, um santo homem maravilhoso que viera do sul, da cidade de Viterbo, e que muitas vezes havia falado da catedral da cidade, a igreja de São Lourenço. Não seria aquele o lugar ideal aonde enviar os restos mortais do monge, pensou, a fim de que seus irmãos consagrados pudessem ajudá-lo a encontrar a paz, longe da Siena que lhe causara tão indizíveis aflições?

À noite, quando seu marido voltou, Monna Mina tinha tudo preparado. Os restos mortais de Frei Lorenzo encontravam-se num caixão de madeira, prontos para serem postos numa carroça, e uma carta fora escrita para os padres da igreja de São Lourenço, explicando apenas o bastante para eles entenderem que ali estava um homem que merecia que seus sofrimentos tivessem fim. As únicas coisas que faltavam eram a permissão do marido e algum dinheiro para que a empreitada tivesse início, mas Monna Mina era uma mulher que aprendera, em apenas alguns meses de casada, que uma noite agradável era capaz de arrancar todas essas coisas de um homem.

Na manhã seguinte, bem cedo, antes que as brumas se desfizessem na Piazza Salimbeni, ela parou à janela de seu quarto, o marido abençoadamente adormecido na cama atrás dela, e viu a carroça com o caixão partir para Viterbo. No pescoço ela carregava o crucifixo de Frei Lorenzo, limpo e polido. Seu primeiro instinto fora colocá-lo no caixão com os restos mortais do frade, mas, no fim, decidira conservá-lo, como símbolo da ligação mística entre os dois.

Monna Mina não havia compreendido por que ele escolhera falar por seu intermédio e obrigar sua mão a escrever uma antiga maldição, que tinha invocado a peste para sua própria família, mas intuiu que o monge fizera isso por bondade, para lhe dizer que, de algum modo, ela devia encontrar a cura. E, até que o conseguisse, ela guardaria o crucifixo, para que este lhe recordasse as palavras na parede e o homem cujos últimos pensamentos não tinham sido para ele mesmo, mas para Romeo e Giulietta.

*Pelo nome,
Não sei como dizer-lhe quem eu sou,
Meu nome, cara santa, me traz ódio*

Depois que Maestro Lippi parou de ler, passamos algum tempo em silêncio. Originalmente, eu havia apanhado o texto em italiano para que abandonássemos o assunto de Alessandro ser Romeu, mas, se soubesse que ele nos levaria a lugares tão sombrios, o teria deixado na bolsa.

– Pobre Frei Lorenzo – disse Janice, esvaziando a taça de vinho –, nada de final feliz para ele.

– Sempre achei que Shakespeare o havia deixado se safar com muita facilidade – comentei, tentando dar um tom mais leve à conversa. – Lá está ele, em *Romeu e Julieta*, andando com as mãos cobertas de sangue pelo cemitério, com cadáveres espalhados por toda parte, e até admitindo ter estado por trás de toda a trapalhada astuciosa com a poção para dormir... e pronto. Seria de imaginar que os Capuleto e os Montéquio pelo menos *tentassem* responsabilizá-lo.

– Talvez o tenham feito – disse Janice –, mais tarde. *Alguns terão perdão, outros castigo...* dá a impressão de que a história não acaba só porque cai o pano.

– É claro que não – retruquei, dando uma olhada para o texto que Maestro Lippi acabara de ler para nós. – E, de acordo com nossa mãe, ainda não acabou.

– Isso é muito perturbador – disse o *maestro*, ainda franzindo o cenho para a crueldade do velho Salimbeni. – Se é verdade que Frei Lorenzo escreveu essa maldição, exatamente com aquelas palavras, então, teoricamente, ela continuaria para sempre... – consultou o texto, para encontrar as palavras certas – *“até vos redimirdes de vossos pecados, de joelhos ante a Virgem e Giulietta despertar para fitar Romeu”*.

– Certo – interrompeu Janice, que nunca fora grande fã de superstições tolas. – Então, tenho duas perguntas. Uma: quem é esse *vós*...?

– Isso é óbvio – interpus –, considerando-se que ele invoca uma *peste sobre vossas casas*. É evidente que estava falando com Salimbeni e Tolomei, que se encontravam bem ali no porão, o torturando. E, uma vez que você e eu somos da casa dos Tolomei, também estamos amaldiçoadas.

– Ouça o que você está dizendo! – rebateu Janice. – “Da casa dos Tolomei!” Que diferença um nome pode fazer?

– Não é só um nome. São os genes *e* o nome. Nossa mãe tinha os genes, nosso pai, o sobrenome. Não nos resta muita escapatória.

Janice não ficou satisfeita com minha lógica, mas o que podia fazer?

– Certo, que seja – suspirou. – Shakespeare estava errado. Nunca houve nenhum Mercúcio morrendo por causa de Romeu e rogando uma praga para ele e Teobaldo. A praga foi rogada por

Frei Lorenzo. Ótimo. Mas tenho uma outra pergunta, que é esta: *se* a pessoa realmente acredita nessa maldição, e daí? Como alguém pode ser tão idiota a ponto de achar que é capaz de acabar com ela? Não estamos falando só de arrependimento. Estamos falando de remissão, de *desfazer* a droga dos pecados! Bem... *como*? Temos que desenterrar o velho Salimbeni e fazê-lo mudar de ideia e... e... arrastá-lo até a catedral, pra ele cair de joelhos diante do altar ou sei lá o quê? Ora, *por favor!* – Janice nos olhou com ar beligerante, como se o *maestro* e eu é que lhe tivéssemos causado esse problema. – Por que não pegamos um avião para casa e largamos essa maldição idiota aqui na Itália? Por que temos de nos importar com isso?

– Porque nossa mãe se importava – respondi simplesmente. – Isso era o que ela queria: ir até o fim e acabar com a maldição. Agora temos que fazer isso por ela. Nós lhe devemos isso.

Janice apontou para mim com um ramo de alecrim:

– Deixe eu dizer o que penso: tudo o que devemos a ela é continuarmos vivos.

Toquei no crucifixo pendurado em meu pescoço:

– É exatamente isso que estou dizendo. Se quisermos continuar a viver felizes para sempre, de acordo com nossa mãe, *temos* de acabar com a maldição. Eu e você, Giannozza. Não sobrou mais ninguém para fazer isso.

Pelo modo como Janice me olhou, vi que estava mudando de ideia, percebendo que eu tinha razão ou que, pelo menos, minha história era convincente, mes-mo que não gostasse dela.

– Isso é muito esquisito! Mas, tudo bem, vamos supor por um momento que realmente *exista* uma maldição e que, se não a quebrarmos, ela *realmente* nos matará, como matou nossos pais. A pergunta continua a ser: *como*? Como vamos acabar com ela?

Olhei de relance para Maestro Lippi. Ele estivera incomumente lúcido a noite toda, e ainda estava, mas nem ele encontrou resposta para a pergunta de Janice.

– Não sei – confessei. – Mas desconfio que a estátua de ouro tenha algo a ver com isso. E talvez a adaga e o *cencio* também, embora eu não saiba como.

– Ah, beleza! – disse Janice, levantando as mãos. – Nesse caso, está tudo certo!... Só que não temos a mais remota ideia de onde esteja a estátua. A história só diz que o Salimbeni *construiu para eles um túmulo santíssimo* e postou guardas na *capela*, mas isso pode ser em qualquer lugar! Logo... não sabemos onde está a estátua e *você* perdeu a adaga e o *cencio*! Muito me admira que tenha conseguido conservar esse crucifixo, mas desconfio que é por ele não ter a menor importância!

Olhei para Maestro Lippi:

– O livro que o senhor tinha, o que falava dos Olhos de Julieta e do túmulo... tem certeza de que não dizia nada sobre o local onde ele fica? Quando conversamos sobre isso, o senhor apenas me disse para perguntar a Romeo.

– E você perguntou?

– Não! É claro que não! – retruquei, sentindo uma onda de irritação, mas sabia que não seria sensato eu culpar o pintor por minha própria cegueira. – Eu nem sabia que ele era o Romeo até esta tarde.

– Então – disse Maestro Lippi, como se nada pudesse ser mais simples –, por que não pergunta a ele da próxima vez que o vir?

ERA MEIA-NOITE quando Janice e eu voltamos para o Hotel Chiusarelli. Mal entramos no saguão, o *direttore* Rossini levantou-se atrás do balcão da recepção e me entregou uma pilha de recados dobrados:

– O capitão Santini telefonou às cinco da tarde – informou-me, claramente me condenando por não ter estado em meu quarto, ansiosa para atender o telefonema. – E muitas vezes depois disso. A última foi... – inclinou-se para a frente, para consultar o relógio da parede – há 17 minutos.

Ao subirmos a escada em silêncio, vi Janice olhando com raiva para meu punhado de recados de Alessandro – prova de seu agudo interesse em meu paradeiro. Comecei a me preparar para o inevitável capítulo seguinte de nossa incessante discussão sobre o caráter e os motivos dele, mas, assim que entramos no quarto, fomos recebidas por uma brisa inesperada vindo da porta da sacada, que se abria sozinha, sem qualquer sinal de invasão. Ficando instantaneamente apreensiva, me apressei a verificar se não faltava nenhum papel na caixa de minha mãe; nós a tínhamos deixado bem ali, em cima da escrivaninha, já agora convencidas de que ela não continha nada parecido com um mapa do tesouro.

– “Por favor, ligue para mim” – cantarolou Janice, folheando um por um os recados de Alessandro. – “Por favor, ligue de volta”, “Você está livre para o jantar?”, “Você está bem?”, “Desculpe, telefone, por favor”, “A propósito, sou travesti”...

Cocêi a cabeça:

– Nós não trancamos a porta da sacada antes de sair? Eu me lembro claramente de tê-la trancado.

– Está faltando alguma coisa? – perguntou Janice, jogando os recados de Alessandro na cama de um jeito que eles se espalharam em todas as direções.

– Não, todos os papéis estão aqui.

– Além do mais – continuou ela, contorcendo-se para despir a blusa em frente à janela –, metade da força policial de Siena está de olho no nosso quarto.

– Quer sair daí? – exclamei, puxando-a da janela.

Janice riu, encantada.

– Por quê? Pelo menos eles saberão que não é com um *homem* que você está dormindo!

Nesse momento, o telefone tocou.

– Esse sujeito é louco – comentou Janice, balançando a cabeça. – Escreva o que estou lhe dizendo.

– Por quê? – rebati, correndo para tirar o fone do gancho. – Só porque ele gosta de mim?

– *Gosta* de você? – Estava claro que Janice nunca tinha ouvido nada tão ingênuo em toda a vida e embarcou num longo risinho roncado, que só parou quando joguei um travesseiro nela.

– Alô? – atendi, tirando o fone do gancho e o protegendo cuidadosamente do barulho feito por minha irmã, que, com ar desafiador, andava pelo quarto batendo com os pés e cantarolava o tema sinistro de um filme de terror.

Era mesmo Alessandro, preocupado com a possibilidade de ter acontecido alguma coisa comigo, já que eu não havia retornado suas ligações. Agora, é claro, ele admitiu que estava muito tarde para pensarmos em jantar, mas, será que ao menos eu poderia lhe dizer se planejava ir à festa de Eva Maria no dia seguinte?

– Sim, dindinha... – imitou-o Janice, ao fundo –, como você quiser, dindinha...

– Na verdade, eu não tinha... – comecei, tentando me lembrar de todas as minhas excelentes

razões para recusar o convite. Mas, de algum modo, todas me pareceram completamente infundadas agora que eu sabia que ele era Romeu. Afinal, estávamos do mesmo lado, não estávamos? Maestro Ambrogio e Maestro Lippi concordariam. E Shakespeare também. Além disso, eu nunca me convencera totalmente de que tinha sido mesmo Alessandro quem invadira meu quarto. Sem dúvida não seria a primeira vez que minha irmã cometia um erro. Ou me contava uma mentira.

– Ora, vamos – insisti eu, num tom que seria capaz de convencer uma mulher a fazer qualquer coisa e provavelmente já surtira esse efeito muitas vezes –, isso significaria muito para ela.

Enquanto isso, no banheiro, Janice lutava ruidosamente com a cortina, fingindo, a julgar pelo som, que estava sendo morta a fâcadas.

– Não sei – respondi, tentando abafar os gritos de minha irmã –, tudo está muito... muito louco neste momento.

– Talvez você precise de um fim de semana de descanso, não é? – sugeriu Alessandro. – Eva Maria está contando com você. Convidou uma porção de gente. Pessoas que conheceram seus pais.

– É mesmo? – Pude sentir a curiosidade acabando com minha débil resolução.

– Pego você à uma hora, está bem? – perguntou ele, interpretando minha hesitação como um sim.

– E juro que, no caminho, vou responder a todas as suas perguntas.

Quando Janice voltou para o quarto, esperei uma cena, mas ela não aconteceu.

– Faça como quiser – foi tudo o que disse minha irmã, dando de ombros como se não se importasse nem um pouco –, mas não diga que não a avisei.

– Para você é muito fácil, não é? – retruquei, sentando na beira da cama, subitamente exausta. – Você não é a Julieta.

– Nem você – disse ela, sentando-se a meu lado. – Você é só uma moça que teve uma mãe esquisita. Olhe – passou um braço em volta de mim –, sei que você quer ir a essa festa. Então vá. Eu só quero... espero que você não encare isso de forma literal demais. Todo esse negócio de Romeu e Julieta. Shakespeare não criou você e não é seu dono. Você que é.

Mais tarde, deitamos juntas na cama e examinamos o caderno de nossa mãe mais uma vez. Agora que conhecíamos a história por trás da estátua, seus esboços de um homem com uma mulher nos braços faziam todo o sentido. Mas ainda não havia nada no caderno que indicasse a localização real do túmulo. Quase todas as páginas eram repletas de esboços e rabiscos; apenas uma era diferente, por ter uma borda com cinco pétalas de rosa e uma citação de *Romeu e Julieta*, escrita com uma letra extremamente elegante:

*E se algo fica obscuro em teu volume,
As notas no meu olhar aclaram tudo.*

Essa, como constatamos, era a única citação explícita de Shakespeare em todo o caderno, e nos fez parar para pensar.

– Nessa passagem a mãe da Julieta fala sobre Páris. Mas a citação está errada. Não é *teu volume* nem *meu olhar*. É *no volume* e *no olhar*. Ela está falando *dele*.

– Quem sabe ela se enganou? – propôs Janice.

Fuzilei-a com o olhar:

– Nossa mãe se enganar sobre Shakespeare? Acho que não. Acho que ela fez isso de propósito.

Para transmitir uma mensagem a alguém.

Janice sentou-se. Sempre havia adorado charadas e mistérios e, pela primeira vez desde o telefonema de Alessandro, pareceu sinceramente empolgada:

– Então, qual é a mensagem? É óbvio que alguém é obscuro. Mas podemos encontrá-lo. Certo?

– Ela fala num *volume* – destaquei – e em *notas*. Para mim, parece um livro.

– Mas não um livro só – destacou Janice –, e sim dois: o *nosso* livro e o *dela*. Chama o livro dela de *meus olhos*, o que para mim se parece muito com um caderno de desenho... – e bateu na página do caderno – como *neste* livro. Não concorda?

– Mas não há nenhuma nota nas margens – retruquei, começando a folhear o caderno. Então, pela primeira vez, ambas notamos todos os números rabiscados, aparentemente ao acaso, nas bordas das páginas. – Meu Deus! Você tem razão! Por que não vimos isso antes?

– Porque não estávamos procurando – disse Janice, tirando o caderno da minha mão. – Se estes números não se referirem a páginas e linhas, pode me chamar de Ismael.

– Mas, páginas e linhas de quê? – perguntei.

A verdade nos ocorreu ao mesmo tempo. Se o caderno era o livro *dela*, a edição em brochura de *Romeu e Julieta* – o único outro livro da caixa – tinha que ser o *nosso volume*. E os números das páginas e linhas teriam que se referir a passagens selecionadas na peça de Shakespeare. Muito apropriado.

Corremos para chegar primeiro à caixa. Mas nenhuma de nós achou o que estava procurando. Só então percebemos o que havia sumido desde nossa saída do quarto naquela tarde. O livro velho e surrado não estava mais lá.

JANICE SEMPRE TIVERA o sono pesado. Eu costumava ficar extremamente irritada por ela conseguir dormir com o despertador tocando, sem sequer estender a mão para desligá-lo. Afinal, nossos quartos ficavam de frente um para o outro no corredor e sempre dormíamos com a porta entreaberta. Em seu desespero, tia Rose examinou todos os despertadores que havia na cidade, em busca de algo suficientemente monstruoso para tirar minha irmã da cama e mandá-la para a escola. Nunca encontrou o que queria. Enquanto eu tinha um relóginho cor-de-rosa da Bela Adormecida na mesa de cabeceira, que me acompanhou até que fui para a faculdade, Janice acabou com uma engenhoca industrial – que Umberto modificara pessoalmente com um alicate, na bancada da cozinha – que soava como um alarme de evacuação de uma usina nuclear. Mesmo assim, a única pessoa que ele acordava, em geral com um grito de pavor, era eu.

Na manhã seguinte ao nosso jantar com Maestro Lippi, fiquei espantada ao ver Janice acordada na cama, olhando para as primeiras réstias douradas da aurora que se infiltravam pelas venezianas.

– Pesadelos? – perguntei, pensando nos fantasmas inomináveis que haviam me perseguido a noite inteira no castelo de meus sonhos, cada vez mais parecido com a Catedral de Siena.

– Não consegui dormir – respondeu ela, virando o rosto para mim. – Hoje vou à casa de nossa mãe.

– Como? Vai alugar um carro?

– Vou pegar a moto de volta – disse ela, levantando as sobrancelhas, mas o gesto não pareceu sincero. – O sobrinho de Peppo é o gerente do depósito de veículos. Quer ir comigo? – perguntou, mas

percebi que ela já sabia que eu não iria.

Quando Alessandro foi me buscar, à uma hora, eu estava sentada na escadaria da entrada do Hotel Chiusarelli, com uma bolsa de viagem a meus pés, flertando com o sol por entre os galhos da magnólia. Assim que vi seu carro estacionar, meu coração disparou; talvez porque ele era Romeo, talvez por ter invadido meu quarto uma ou duas vezes, ou talvez simplesmente porque, como diria Janice, eu precisava de uns exames para a cabeça. Era tentador atribuir toda a culpa à água da Fontebranda, mas, por outro lado, podia-se argumentar que minha loucura, minha *pazzia*, havia começado muito, muito antes. Seiscentos anos, pelo menos.

– O que houve com seus joelhos? – perguntou ele, subindo pela aleia e parando bem na minha frente, com uma aparência que era tudo, menos medieval, com suas calças jeans e a camisa de mangas arregaçadas. Até Umberto teria de concordar que Alessandro parecia admiravelmente confiável, apesar do traje informal, mas, por outro lado, na melhor das hipóteses, Umberto era um patife, assim, por que devia eu continuar a viver de acordo com seu código moral?

A lembrança de Umberto causou uma pequena pontada em meu coração; por que as pessoas de quem eu gostava, talvez com exceção de tia Rose, que tinha sido praticamente adimensional, sempre tinham um lado obscuro?

Espantando minhas ideias lúgubres, puxei a saia para cobrir as provas de meu rastejo pelo aqueduto de Bottini na véspera.

– Tropecei na realidade.

Alessandro me deu um olhar intrigado, mas não disse nada. Abaixou-se e pegou minha sacola, e só então, pela primeira vez, notei a águia dos Marescotti em seu antebraço. E pensar que ela estivera ali o tempo todo, literalmente embaixo do meu nariz na Fontebranda, quando eu bebera água em suas mãos... mas, afinal, o mundo estava cheio de pássaros e, com certeza, eu não era nenhuma especialista.

FOI ESTRANHO ANDAR no carro dele de novo, dessa vez no banco do carona. Muitas coisas haviam acontecido desde minha chegada a Siena com Eva Maria – algumas encantadoras, outras qualquer coisa menos isso –, em parte graças a ele. Ao sairmos da cidade, um único assunto queimava minha língua, mas eu não conseguia abordá-lo. E não era capaz de pensar em muitas outras coisas sobre o que falar que inevitavelmente não nos levassem direto de volta à pergunta mais fundamental de todas: por que ele não me dissera que era Romeo?

A bem da justiça, eu também não lhe havia contado tudo. Na verdade, não lhe dissera praticamente nada sobre minhas investigações – reconhecidamente patéticas – sobre a estátua de ouro e absolutamente nada sobre Umberto e Janice. Mas ao menos lhe dissera quem eu era desde o começo e fora ele quem decidira não acreditar. Claro... eu só lhe dissera que era Giulietta Tolomei para evitar que ele descobrisse que eu era Julie Jacobs, então era provável que isso não tivesse grande importância no jogo de atribuição de culpas.

– Hoje você está muito calada – disse Alessandro, olhando de relance para mim enquanto dirigia.

– Tenho a sensação de que a culpa é minha.

– Você acabou não me falando de Carlos Magno – comentei, refreando momentaneamente minha consciência moral.

Ele riu.

– É isso? Não se preocupe, quando chegarmos ao Val d’Orcia, você saberá mais sobre mim e minha família do que jamais poderia desejar. Mas, primeiro, diga-me o que já sabe, para que eu não o repita.

– Você quer dizer – tentei interpretar a expressão de seu perfil, mas não consegui – o que eu sei sobre os Salimbeni?

Como toda vez que eu mencionava os Salimbeni, ele deu um sorriso irônico. Agora, é claro, eu sabia por quê.

– Não. Fale-me de sua família, os Tolomei. Conte-me tudo o que você sabe sobre o que aconteceu em 1340.

Então eu falei. Durante um curto período, contei-lhe a história que eu havia montado a partir da confissão de Frei Lorenzo, das cartas de Giulietta para Giannozza e do diário de Maestro Ambrogio. Ele não me interrompeu nem uma vez. Quando cheguei ao fim do drama de Rocca di Tentennano, perguntei-me por um instante se deveria mencionar a história italiana sobre a possessão de Monna Mina e a maldição de Frei Lorenzo na parede, mas decidi que não. Ela era estranha demais, deprimente demais e, além disso, eu não queria voltar à questão da estátua de olhos de pedras preciosas depois de haver negado peremptoriamente ter qualquer conhecimento dela, naquele dia na delegacia, quando ele me perguntara isso pela primeira vez.

– Então eles morreram na Rocca di Tentennano – concluí. – Não com um punhal e um frasco de veneno, mas com uma poção de sonífero e uma lança nas costas. Frei Lorenzo viu tudo com seus próprios olhos.

– E quanto disso você inventou? – perguntou Alessandro, para me provocar.

Dei de ombros.

– Um pouquinho aqui e ali. Só para preencher as lacunas. Achei que tornaria a história mais interessante. Mas não altera o essencial... – interrompi-me para encará-lo e vi que ele fazia uma careta. – O que foi?

– O essencial não é o que a maioria das pessoas pensa. Na minha opinião, sua história e também *Romeu e Julieta* não têm a ver com o amor. São sobre política e a mensagem é simples: quando os velhos brigam, são os jovens que morrem.

– Isso é de uma incrível falta de romantismo de sua parte – retruquei, rindo.

Alessandro deu de ombros.

– Shakespeare também não viu o romantismo. Veja como os retratou. Romeu é um chorão e Julieta é a verdadeira heroína. Pense bem. Ele toma veneno. Que tipo de homem toma veneno? *Ela* é que crava a adaga no peito. Do jeito viril.

Não pude deixar de rir.

– Talvez isso seja verdade quanto ao Romeu de Shakespeare, mas o *verdadeiro* Romeo Marescotti não tinha nada de chorão. Era duro feito aço. – Olhei para ele de relance, a fim de ver sua reação, e o flagrei sorrindo. – Não há nenhum mistério em por que Giulietta o amava.

– Como sabe que ela o amava?

– Não é óbvio? – repliquei, começando a ficar meio invocada. – Ela o amava tanto que... quando Nino tentou seduzi-la... ela se suicidou para continuar fiel a Romeo, apesar de eles nunca terem realmente... você sabe. – Olhei para Alessandro, aborrecida por ele ainda estar sorrindo. – Imagino

que você ache isso ridículo, não é?

– Com certeza! – concordou, enquanto acelerava para ultrapassar outro carro. – Pense bem. Nino não era tão mau...

– Nino era terrível!

– Talvez fosse terrivelmente bom de cama. Por que não descobrir? Ela poderia se matar na manhã seguinte.

– Como pode dizer isso? – protestei, sinceramente transtornada. – Não acredito que esteja falando sério! Se você fosse Romeu, não ia querer que Julieta fizesse... um test drive com Páris!

Ele deu uma gargalhada sonora.

– Ora, vamos! Foi você quem me disse que eu era o Páris! Rico, bonito e malvado. É claro que quero que Julieta faça um test drive comigo! – Ele me olhou e sorriu, divertindo-se com a minha carranca. – Que espécie de Páris eu seria se não quisesse isso?

Tornei a puxar a saia para baixo.

– E quando exatamente você planeja fazer isso acontecer?

– Que tal agora? – perguntou ele, reduzindo a velocidade.

Eu estivera absorta demais na conversa para prestar atenção ao trajeto, mas nesse momento vi que havia muito tempo tínhamos saído da autoestrada e deslizávamos por uma estrada deserta de cascalho, ladeada por cedros meio desalinados. Ela terminava numa espécie de beco sem saída aos pés de um morro alto, mas, em vez de fazer a volta, Alessandro entrou num estacionamento vazio e parou o carro.

– É aqui que Eva Maria mora? – resmunguei, sem conseguir avistar uma casa em nenhum lugar próximo.

– Não – respondeu ele, descendo do carro e apanhando na mala uma garrafa e duas taças. – Aqui é Rocca di Tentennano. Ou... o que restou dela.

SUBIMOS TODA A encosta, até chegarmos à base de uma fortaleza em ruínas. Pela descrição de Maestro Ambrogio, eu sabia que, em sua época, a construção tinha sido colossal; ele a chamara de “uma estrutura formidável, postada qual um abutre no alto de uma colina”. Não era difícil imaginar como tinha sido, pois parte da imensa torre ainda estava de pé e, mesmo em sua decadência, parecia avultar diante de nós, lembrando-nos a potência que fora um dia.

– Impressionante – comentei, pondo a mão na parede. O tijolo trouxe uma sensação de calor sob minha mão, muito diferente, eu tinha certeza, da que sentiram Romeo e Frei Lorenzo naquela fatídica noite de inverno de 1340. Na verdade, o contraste entre o passado e o presente nunca tinha sido mais marcante do que ali. Na Idade Média, aquele cume havia fervilhado de atividade humana; agora era tão silencioso que se podia ouvir o zumbido alegre dos mais minúsculos insetos. À nossa volta, porém, havia na grama um ou outro pedaço de tijolo recém-desfeito, como se, de algum modo, a construção ancestral, abandonada havia muitos, muitos anos, ainda arfasse de leve, como o peito de um gigante adormecido.

– Eles a chamavam de *a ilha* – explicou Alessandro, passeando por ali. – *L’Isola*. Aqui costuma ventar muito, mas hoje não. Estamos com sorte.

Eu o segui por uma trilha estreita e pedregosa e só então notei a vista espetacular que se tinha do

Val d'Orcia, vestido com a paleta atrevida do verão. Campos de um amarelo vivo e vinhedos verdes estendiam-se por toda a volta e, aqui e ali, via-se uma faixa de azul ou vermelho nos locais onde as flores haviam se apossado de uma campina verdejante. Ciprestes altos ladeavam as estradas que serpream pela paisagem e ao final de cada estrada via-se uma casa de fazenda. Era o tipo de cenário que me fazia desejar não ter abandonado as aulas de arte no ensino médio, só porque Janice amecara se inscrever nelas.

– Seria impossível alguém se esconder dos Salimbeni – comentei, erguendo uma das mãos contra o sol. – Sem dúvida sabiam escolher seus postos de observação.

– Este lugar tem grande importância estratégica – concordou Alessandro. – Daqui se pode dominar o mundo.

– Ou parte dele, pelo menos.

Ele deu de ombros:

– A parte que vale a pena.

Andando à minha frente, Alessandro parecia surpreendentemente à vontade, com as taças e a garrafa de *prosecco*, aparentemente sem a menor pressa de estourar a rolha. Quando finalmente parou, foi numa pequena depressão recoberta de relva e temperos silvestres e, quando se virou para mim, sorrindo com um orgulho pueril, não pude deixar de rir.

– Deixe ver se adivinho – falei, cruzando os braços em volta do corpo, embora mal houvesse brisa. – É aqui que você traz todas as garotas, certo? Lembre-se de que não funcionou muito bem para Nino.

Alessandro pareceu realmente magoado:

– Não! Eu não trouxe... Meu tio me trouxe aqui quando eu era garoto. – Ele apontou com a cabeça para os arbustos e as pedras dispersas. – Travamos uma luta de espadas bem ali... eu e minha prima Malèna. Ela...

Talvez percebendo que seu grande segredo poderia começar a se revelar de forma errada se ele prosseguisse, Alessandro parou abruptamente e declarou:

– Desde então, sempre quis voltar aqui.

– Demorou um tempo – observei, com plena consciência de que eram meus nervos falando, não eu, e de que não estava ajudando a nenhum de nós dois sendo tão leviana. – Mas... não estou reclamando. Este lugar é lindo. Perfeito para uma comemoração.

Como ele continuasse sem falar, tirei os sapatos e dei alguns passos à frente, descalça.

– E então, o que estamos comemorando? – perguntei.

Franzindo o cenho, Alessandro virou-se para olhar a paisagem e percebi que estava lutando com as palavras que sabia ter que dizer. Quando finalmente se voltou para mim, toda a malícia brincalhona que eu passara a conhecer tão bem havia desaparecido de seu rosto e, em vez dela, ele me fitou com uma apreensão torturada, dizendo devagar:

– Achei que era hora de comemorar um novo começo.

– Novo começo para quem?

Então ele finalmente pôs a garrafa e as taças na grama alta, aproximou-se de onde eu estava e disse, em voz baixa:

– Giulietta, eu não a trouxe aqui para bancar o Nino. Nem Páris. Eu a trouxe aqui porque foi aqui que tudo acabou. – Estendeu a mão e tocou meu rosto com reverência, como um arqueólogo que

enfim encontrasse o precioso artefato que passara a vida inteira buscando nas escavações. – E achei que seria um bom lugar para recomeçar – acrescentou. Sem saber como interpretar minha expressão, disse ainda, ansioso: – Lamento não ter lhe dito a verdade antes. Estava torcendo para não precisar dizê-la. Você perguntava o tempo todo sobre Romeu e como ele realmente era. Eu tinha esperança... – deu um sorriso tristonho – de que você me reconhecesse.

Embora eu já soubesse o que ele estava tentando me dizer, seu ar solene e a tensão do momento atingiram meu coração de forma inesperada e eu não poderia ter ficado mais chocada se houvesse chegado à Rocca di Tentennano e ouvido sua confissão sem saber de absolutamente nada.

– Giulietta – disse ele, tentando captar meu olhar, mas não permiti. Eu estivera desesperada por essa conversa desde que descobrira quem ele era e, agora que ela finalmente estava acontecendo, queria que ele repetisse as palavras sem parar. Porém, ao mesmo tempo, fazia uns dois dias que eu passava por um suplício emocional e, embora ele não pudesse saber dos detalhes, eu precisava que sentisse minha dor.

– Você mentiu para mim.

Em vez de recuar, ele chegou mais perto:

– Nunca menti para você sobre Romeu. Eu lhe disse que ele não era o homem que você pensava.

– E me disse para ficar longe dele. Disse que eu ficaria melhor com Páris.

Alessandro sorriu de minha careta acusadora:

– Foi você quem me disse que eu era Páris...

– E você me deixou acreditar!

– Sim, deixei. – Ele tocou meu queixo de leve, como quem se perguntasse por que eu não me permitia sorrir. – Porque era o que você queria que eu fosse. Você queria que eu fosse o inimigo. Era a única maneira de conseguir se relacionar comigo.

Abri a boca para protestar, mas percebi que ele tinha razão.

– Durante todo esse tempo – continuou Alessandro, ciente de estar me convencendo –, eu estava esperando o meu momento. E achei... Depois de ontem, na Fontebranda, achei que você ficaria feliz. – Ele pousou o polegar no canto da minha boca. – Achei que você... gostava de mim.

No silêncio que se seguiu, seus olhos confirmaram tudo o que ele tinha dito e imploraram para que eu retribuísse. Mas, em vez de falar de uma vez, estendi a mão, tocando seu peito, e, quando senti seu coração batendo calorosamente em minha palma, borbulhou dentro de mim uma alegria extasiada, vinda de algum lugar que eu nunca soubera existir, até ela finalmente descobrir o caminho para a superfície.

– Eu gosto.

Nunca saberei quanto tempo durou nosso beijo. Foi um daqueles momentos que nenhum cientista jamais consegue reduzir a números, por mais que se empenhe. Só sei que, quando enfim o mundo voltou rodopiando, vindo de algum lugar agradavelmente distante, tudo estava mais luminoso do que nunca e valia mais a pena. Foi como se todo o cosmos houvesse passado por uma reforma exorbitante desde a última vez que eu o olhara... ou talvez eu nunca tivesse olhado direito.

– Fico muito feliz por você ser Romeu – murmurei, com a testa encostada na dele –, mas, mesmo que não fosse, ainda assim eu...

– Ainda assim você o quê?

Baixei os olhos, sem jeito:

– Ficaria feliz.

Ele deu um risinho, sabendo que eu estivera prestes a dizer algo muito mais revelador.

– Venha – disse, puxando-me para seu lado na grama –, você está me fazendo esquecer minha promessa. É muito boa nisso!

Olhei para ele sentado ali, tão decidido a refletir.

– Que promessa?

– De lhe falar sobre a minha família – respondeu ele, desamparado. – Quero que você saiba tudo...

– Ah, mas eu não quero saber tudo – interrompi-o, subindo em seu colo. – Não agora.

– Espere! – disse ele, tentando em vão deter minhas mãos malcomportadas. – Primeiro tenho que lhe falar de...

– Shhh! – Pus dois dedos sobre seus lábios. – Primeiro você quer me dar outro beijo.

– ... Carlos Magno...

– ... pode esperar. – Retirei meus dedos e toquei seus lábios com os meus, num beijo demorado que não lhe deu chance de se opor. – Não lhe parece?

Ele me olhou com a expressão de um defensor solitário diante de uma invasão bárbara:

– Mas quero que você saiba no que está se metendo.

– Ah, não se preocupe – sussurrei –, acho que sei no que estou me metendo...

Depois de lutar por três nobres segundos, ele finalmente perdeu a determinação e me apertou tão forte quanto o estilo italiano permitia:

– Tem certeza?

Quando dei por mim, estava deitada de costas num leito de tomilho silvestre, rindo de surpresa.

– Bem, Giulietta – Alessandro me lançou um olhar severo –, espero que você não esteja esperando versos rimados.

Ri e falei:

– É uma pena que Shakespeare não tenha escrito marcações cênicas.

– Por quê? – perguntou Alessandro, beijando-me de leve no pescoço. – Você acha mesmo que o velho William era um amante melhor do que eu?

No fim, não foi meu pudor que pôs fim à diversão, mas o espectro indesejado do cavalheirismo sienense.

– Você sabia – perguntou Alessandro com a voz rouca, prendendo meus braços no chão, numa tentativa de proteger os botões da camisa que continuavam fechados – que Colombo levou seis anos para descobrir o continente americano?

Enquanto ele pairava acima de mim, a personificação do constrangimento, a bala em seu cordão balançava entre nós como um pêndulo.

– Por que ele demorou tanto? – perguntei, saboreando a visão da brava luta dele, com o céu azul como pano de fundo.

– Ele era um fidalgo italiano – respondeu Alessandro, falando tanto consigo mesmo quanto comigo –, não um conquistador espanhol.

– Ora, ele estava atrás do ouro – protestei, tentando beijar seu queixo travado –, igualzinho a eles.

– Talvez no começo. Mas depois – desceu a mão para puxar minha saia para o lugar em que devia ficar – descobriu quanto gostava de explorar o litoral e travar conhecimento com aquela

estranha nova cultura.

– Seis anos são muito tempo – protestei, ainda sem disposição de me levantar e encarar a realidade. – Muito tempo.

– Não. – Ele sorriu do meu convite. – *Seiscentos* anos são muito tempo. Por isso, acho que você pode ser paciente por meia hora, enquanto lhe conto minha história.

O *PROSECCO* ESTAVA quente quando finalmente chegamos a ele, mas, ainda assim, foi a melhor taça de vinho que já tomei. Tinha sabor de mel e ervas silvestres, de amor e planos estonteantes, e ali sentada, encostada em Alessandro, que se apoiava numa pedra, quase cheguei a acreditar que minha vida seria longa e cheia de alegria e que eu finalmente encontrara uma bênção para fazer meus fantasmas descansarem.

– Sei que você ainda está chateada por eu não ter lhe dito quem era – comentou, afagando meu cabelo. – Talvez ache que tive medo de que você se apaixonasse pelo nome, e não pelo homem. Mas a verdade é exatamente o inverso. Tive medo... ainda estou com medo... de que, ao ouvir minha história, a história de Romeo Marescotti, você deseje nunca ter me conhecido.

Abri a boca para protestar, mas ele não me deixou.

– Aquelas coisas que seu primo Peppo disse a meu respeito... é tudo verdade. Tenho certeza de que os psicólogos saberiam explicar isso com alguns gráficos, mas, na minha família, não damos ouvidos a psicólogos. Não damos ouvidos a ninguém. Nós, os Marescotti, temos nossas próprias teorias e temos tanta certeza de que elas estão corretas que, como você disse, viram dragões embaixo de nossa torre e não deixam ninguém entrar nem sair.

Ele fez uma pausa para encher minha taça e disse:

– Tome, o resto é para você. Estou dirigindo.

– Dirigindo? – ri. – Isso não se parece com o Romeo Marescotti de que Peppo me falou! Achei que você fosse imprudente. É uma grande decepção.

– Não se preocupe... – disse ele, puxando-me para mais perto – vou compensar isso de outras maneiras.

Enquanto eu bebericava meu *prosecco*, ele me falou de sua mãe, que engravidara aos 17 anos e se recusara a dizer quem era o pai do bebê. Naturalmente, o pai dela – o velho Marescotti, avô de Alessandro – ficara furioso. Expulsara a filha de casa e ela fora morar com uma antiga amiga de sua mãe, dos tempos de escola, Eva Maria Salimbeni. Quando Alessandro nasceu, Eva Maria se tornou sua madrinha. Foi ela quem insistiu em que o menino fosse batizado com o nome tradicional da família, Romeo Alessandro Marescotti, mesmo sabendo que o velho Marescotti espumaria de raiva ao ver um bastardo com seu nome.

Por fim, em 1977, a avó de Alessandro convenceu o marido a permitir que a filha e o neto voltassem para Siena pela primeira vez desde o nascimento do menino, que foi batizado na fonte Aquila, pouco antes do Palio. Naquele ano, porém, a *contrada* perdeu os dois Palios de um modo terrível e o velho Marescotti estava à procura de alguém em quem pôr a culpa. Ao saber que sua filha tinha levado o filho pequeno para ver o estábulo da Águia antes da corrida e o deixara tocar na cavalo, convenceu-se de que a razão estava bem ali: o bastardo tinha dado azar à *contrada* inteira.

Aos gritos, ele mandou a filha pegar o menino, regressar a Roma e não voltar a pôr os pés em

Siena enquanto não arranjasse um marido. E assim ela fez. Voltou para Roma e encontrou um marido, um homem excelente, que era oficial dos Carabinieri. Esse homem deixou Alessandro usar seu sobrenome, Santini, e o criou como a seus próprios filhos, com disciplina e amor. Foi como Romeo Marescotti se tornou Alessandro Santini.

Mesmo assim, todo verão Alessandro tinha que passar um mês na fazenda dos avós, em Siena, para conhecer os primos e se afastar da cidade grande. Essa não era uma ideia de seu avô nem de sua mãe, mas de sua avó, que insistia nisso. A única coisa que ela não conseguiu persuadir o velho Marescotti a fazer foi deixar Alessandro comparecer ao Palio. Todos iam – primos, tios, tias –, mas Alessandro tinha de ficar em casa, porque o avô temia que ele desse azar ao cavalo da *Aquila*. Ou era o que dizia. Por isso, o menino ficava sozinho na fazenda e tinha inventado seu próprio Palio, montando o velho burro de carga. Mais tarde, aprendeu a consertar motonetas e motocicletas e seu Palio tornou-se tão perigoso quanto o verdadeiro.

No fim, ele não queria mais voltar a Siena, pois, sempre que ia à cidade, o avô o importunava com comentários sobre sua mãe, que – não sem motivo – nunca ia visitá-lo. Assim, Alessandro conduziu os estudos e, tal como o pai e os irmãos, ingressou nos Carabinieri e fez tudo para esquecer que era Romeo Marescotti. Daí em diante, passou a se chamar unicamente de Alessandro Santini e a viajar para o mais longe possível de Siena, alistando-se toda vez que surgia uma missão de paz em outro país. Foi assim que foi parar no Iraque, onde havia aperfeiçoado seu inglês em discussões gritadas com fornecedores militares norte-americanos e escapado por um triz de explodir em pedaços, quando um grupo de insurgentes jogou um caminhão cheio de explosivos no quartel-general dos Carabinieri, em Nassiriyah.

Quando finalmente visitou Siena, não disse a ninguém que estava na cidade, nem mesmo à avó. Na noite da véspera do Palio, entretanto, foi ao estábulo da *contrada*. Não tinha planejado isso, mas não conseguiu ficar longe. Seu tio estava lá, tomando conta do cavalo, e, quando Alessandro lhe disse quem era, o homem ficou tão empolgado que o deixou tocar no *giubbetto* amarelo e preto da *Aquila* – a jaqueta que o jóquei usaria na corrida –, para dar sorte.

Infelizmente, na corrida do dia seguinte, o jóquei da Pantera, a *contrada* rival, agarrou justamente esse *giubbetto* e conseguiu retardar de tal modo o jóquei e o cavalo da *Aquila* que eles perderam a corrida.

Nesse ponto da história, não pude evitar girar o corpo e olhar para Alessandro:

– Não me diga que você achou que foi culpa sua.

Ele deu de ombros.

– O que eu poderia pensar? Eu dera azar ao nosso *giubbetto* e nós havíamos perdido. Até meu tio disse isso. Desde então não vencemos um único Palio.

– Francaamente!... – comecei.

– Shhh! – Ele me silenciou, pondo a mão de leve sobre minha boca. – Apenas escute. Depois disso, passei um longo período fora e só voltei a Siena há uns anos. Bem na hora. Meu avô andava muito abatido. Lembro-me de que estava sentado num banco, olhando para o vinhedo, e não me ouviu chegar até eu pôr a mão em seu ombro. Então virou a cabeça, olhou para o meu rosto e começou a chorar, de tão feliz que ficou. Foi um bom dia. Fizemos um grande jantar e meu tio disse que eles nunca mais me deixariam partir. A princípio, não tive certeza de querer ficar. Nunca havia morado em Siena e tinha muitas lembranças ruins. Além disso, sabia que as pessoas fariam fofocas a meu

respeito se soubessem quem eu era. As pessoas não se esquecem do passado, sabe? Por isso, comecei tirando apenas uma licença. Mas então aconteceu uma coisa: a *Aquila* participou do Palio de julho e, para nós, foi a pior corrida de todos os tempos. Em toda a história do Palio, acho que nenhuma *contrada* havia perdido de forma tão ruim. Tínhamos liderado a corrida inteira, mas, justo na última curva, a Pantera nos ultrapassou e venceu. – Alessandro deu um suspiro, revivendo aquele momento. – Não há pior maneira de se perder um Palio. Foi um choque para nós. Depois disso, tivemos que defender nossa honra no Palio de agosto e nosso *fantino*, nosso jóquei, foi punido. Todos fomos punidos. Perdemos o direito de participar das corridas do ano seguinte e do outro: estávamos suspensos. Chame de política, se quiser, mas, na minha família, achamos que foi mais do que isso.

Após uma breve pausa, Alessandro prosseguiu:

– Meu avô ficou tão transtornado que teve um infarto ao se dar conta de que se passariam dois anos antes que a *Aquila* voltasse a correr no Palio. Ele estava com 87 anos. Morreu três dias depois. – Ele parou e desviou os olhos. – Passei aqueles três dias sentado ao lado dele. Meu avô estava muito zangado consigo mesmo por ter desperdiçado tanto tempo; queria olhar para o meu rosto o máximo que pudesse. No começo, achei que estava aborrecido comigo, por eu ter tornado a dar azar, mas ele me disse que a culpa não era minha, e sim dele, por não ter compreendido antes.

Tive de perguntar:

– Compreendido o quê?

– Minha mãe. Ele compreendeu que o que acontecera com ela *tinha* que ter acontecido. Meu tio tinha cinco filhas, nenhum filho. Sou o único neto que carrega o nome da família. Porque a minha mãe não era casada quando nasci e fui batizado com o sobrenome dela. Entende?

Empertiguei o corpo:

– Que tipo de chauvinista doente..

– Giulietta, por favor! – Ele me puxou para que eu voltasse a me encostar em seu ombro. – Você nunca entenderá se não ouvir. O que meu avô compreendeu foi que havia um antigo mal que tinha despertado, depois de muitas gerações, e havia me escolhido por causa do meu nome.

Senti os pelos de meus braços se arrepiarem.

– Escolhido você... para quê?

– É aí... – disse Alessandro, tornando a encher minha taça – que chegamos a Carlos Magno.

*O macaco está morto; só com reza.
Te invoco pelo olhar de Rosalina,
Sua testa alta e lábios carmesim*

A P

Os Marescotti são uma das mais antigas famílias da nobreza de Siena. Acredita-se que o sobrenome tenha derivado de Marius Scotus, um general escocês do exército de Carlos Magno. A maioria dos Marescotti instalou-se em Bolonha, porém a família se espalhou por toda parte e o ramo de Siena era particularmente famoso por sua coragem e liderança em momentos de crise.

Porém, como se sabe, nada grandioso é grandioso para sempre e a fama dos Marescotti não foi exceção. Hoje em dia, quase ninguém se lembra de seu glorioso passado em Siena; afinal, a história sempre se interessou mais pelos que vivem para destruir do que pelos dedicados a proteger e preservar.

Romeo nasceu quando a família ainda era ilustre. Seu pai, o comandante Marescotti, era muito admirado por sua moderação e seu decoro e seus créditos nesses quesitos eram tão abundantes que nem mesmo seu filho – cujo egoísmo e preguiça sempre foram notórios – conseguiu desperdiçá-los.

Entretanto, até as virtudes do comandante foram extremamente abaladas quando, no começo do ano de 1340, Romeo conheceu uma mulher chamada Rosalina. Ela era casada com um açougueiro, mas todos sabiam que os dois não eram felizes. Na versão de Shakespeare, Rosalina é uma jovem beldade que atormenta Romeo com seu voto de castidade; a verdade é exatamente o inverso. Rosalina era 10 anos mais velha que ele e se tornou sua amante. Durante meses, Romeo tentou convencê-la a fugir com ele, mas a mulher era esperta demais para confiar no rapaz.

Logo após o Natal de 1340 – não muito depois de Romeo e Giulietta terem morrido na Rocca di Tentennano –, Rosalina deu à luz um menino e todos viram que o açougueiro não era o pai. Foi um grande escândalo e ela teve medo de que o marido descobrisse a verdade e matasse o bebê. Assim, levou o recém-nascido ao comandante Marescotti e lhe perguntou se ele estaria disposto a criar o menino em sua casa.

Mas o comandante não concordou. Não acreditou na história dela e a mandou embora. Antes de sair, porém, Rosalina lhe disse:

– Um dia vos arrependereis do que fizestes comigo e com esta criança. Um dia, Deus vos

castigará por me haverdes negado justiça!

O comandante esqueceu tudo isso até que, em 1348, a Peste Negra chegou a Siena. Mais de um terço da população morreu em poucos meses e a mortalidade foi pior dentro dos muros da cidade. Havia corpos empilhados nas ruas, filhos abandonando pais, esposas abandonando maridos; todos estavam amedrontados demais para se lembrar do que significava serem humanos, e não bichos.

No decorrer de uma semana, o comandante Marescotti perdeu a mãe, a mulher e todos os cinco filhos; foi o único sobrevivente. Ele os banhou e vestiu, colocou-os numa carroça e os levou à catedral, em busca de um padre que pudesse officiar os ritos fúnebres. Mas não havia padres. Os que ainda estavam vivos encontravam-se atarefados demais, cuidando dos enfermos no hospital próximo da catedral, o Santa Maria della Scala. E, mesmo ali, eles tinham cadáveres demais para conseguir sepultar todos, então construíram uma parede oca no interior do hospital, puseram os corpos lá dentro e a vedaram.

Quando o comandante chegou à Catedral de Siena, havia Irmãos da Misericórdia do lado de fora, na *piazza*, cavando uma grande fossa para uma sepultura coletiva e ele os subornou para que aceitassem sua família naquele campo santo. Disse-lhes que eram sua mãe e sua mulher e lhes deu o nome e a idade de todos os cinco filhos, explicando que eles estavam vestidos com suas melhores roupas, as que usavam na igreja. Mas os homens não deram importância a nada disso. Receberam o ouro e viraram a carroça e o comandante viu todos os seus entes queridos – seu futuro – despencarem na fossa, sem orações nem bênçãos, sem nenhuma esperança.

Ao voltar caminhando pela cidade, não sabia aonde ir. Não via nada a seu redor. Para ele, aquele era o fim do mundo e começou a gritar com Deus, perguntando por que fora deixado vivo para assistir àquela desgraça e enterrar os próprios filhos. Chegou até a cair de joelhos e pegou, com as mãos em concha, água suja da sarjeta, carregada de podridão e morte, e a derramou sobre o corpo e a bebeu, na esperança de enfim adoecer e morrer como todos os outros.

Quando estava ali, ajoelhado na lama, ouviu de repente uma voz de menino lhe dizer:

– Eu tentei isso. Não funciona.

O comandante ergueu os olhos e pensou estar vendo um fantasma:

– Romeu! – exclamou. – És tu, Romeu?

Mas não era Romeu, era só um menino de cerca de 8 anos, muito sujo e maltrapilho.

– Meu nome é Romanino – disse o garoto. – Posso puxar vossa carroça.

– Por que queres puxar minha carroça? – perguntou o comandante.

– Porque estou com fome – respondeu Romanino.

– Toma – disse o comandante, pegando o resto de seu dinheiro. – Vai comprar comida.

Mas o menino empurrou sua mão e disse:

– Não sou mendigo.

Assim, o comandante deixou o garoto esfalfar-se para puxar a carroça por todo o trajeto de volta ao Palazzo Marescotti – de vez em quando o ajudava, dando um empurrãozinho – e, ao chegarem ao portão, Romanino ergueu os olhos para os ornamentos em forma de água na parede e comentou:

– Foi aqui que meu pai nasceu.

Você pode imaginar o choque que foi para o comandante ouvir isso e ele perguntou ao garoto:

– Como sabes disso?

– Minha mãe me contava histórias. Dizia que meu pai era muito corajoso. Que era um grande

cavaleiro, com braços deste tamanho. Mas ele teve que ir lutar com o imperador na Terra Santa e nunca mais voltou. Ela dizia que um dia talvez ele voltasse e procurasse por mim. E, se ele viesse, eu tinha que lhe dizer uma coisa, para ele saber quem eu era.

– O que tens que lhe dizer?

O garoto sorriu e, naquele instante, naquele sorriso, o comandante soube a verdade, antes mesmo de ouvir as palavras:

– Que sou uma aguiazinha, um *aquilino*.

Nessa mesma noite, o comandante Marescotti viu-se sentado à mesa dos criados na cozinha, totalmente vazia, pela primeira vez em dias ingerindo alguma comida. Em frente a ele estava Romanino, roendo um osso de galinha, ocupado demais para fazer perguntas.

– Dize-me – pediu o comandante –, quando morreu Rosalina, tua mãe?

– Faz muito tempo – respondeu o menino. – Antes disso tudo. Ele batia nela, sabe? E um dia ela não se levantou. Ele gritou com ela e puxou seu cabelo, mas ela não se mexeu. Nem um pouquinho. Aí, ele começou a chorar. Eu cheguei perto e falei com ela, mas ela não abriu os olhos. Estava fria. Pus a mão no rosto dela... Foi nessa hora que entendi que ele tinha batido nela com muita força e lhe disse isso. Então ele me deu um pontapé e tentou me pegar, mas eu corri... saí porta a fora. E continuei correndo. Embora ele gritasse meu nome, continuei a correr sem parar, até chegar à casa da minha tia. Ela me recebeu e fiquei por lá. Eu trabalhava, sabe? Fazia a minha parte. E cuidei da neném quando ela chegou, ajudei minha tia a pôr comida na mesa. Eles gostavam de mim, acho que gostavam de verdade de eu estar por perto para cuidar da neném, até... até que todo mundo começou a morrer. Morreu o padeiro, o açougueiro e o lavrador que nos vendia frutas, e ficamos sem comida suficiente. Mas ela continuou a me dar a mesma coisa que aos outros, apesar de eles ainda estarem com fome, por isso... eu fugi.

O menino o fitou com seus olhos verdes e sábios e o comandante pensou em como era estranho que aquele garoto, um gurizinho magrelo de 8 anos, tivesse mais integridade do que ele jamais vira num homem. Sentiu-se obrigado a perguntar:

– Como sobreviveste a tudo isso?

– Não sei – disse Romanino, dando de ombros. – Mas minha mãe sempre me disse que eu era diferente. Mais forte. Que eu não ia ficar doente nem ser burro como os outros. Ela dizia que eu tinha uma cabeça diferente em cima dos ombros. E era por isso que eles não gostavam de mim, porque sabiam que eu era melhor do que eles. Foi assim que sobrevivi. Pensando no que ela dizia. Sobre mim. E sobre eles. Ela dizia que eu ia sobreviver. E foi o que fiz.

– Sabes quem eu sou? – perguntou o comandante por fim.

O menino o olhou:

– Um grande homem, acho.

– Não sei de nada disso.

– Mas é claro que és – insistiu Romanino. – És um grande homem. Tens uma cozinha grande. E uma galinha. E me deixaste puxar tua carroça por todo o caminho. E, agora, estás dividindo a galinha comigo.

– Isso não faz de mim um grande homem.

– Estavas bebendo água da sarjeta quando te encontrei – observou o menino. – Agora estás tomando vinho. Para mim, isso te torna o maior homem que já conheci.

NA MANHÃ SEGUINTE, o comandante Marescotti levou Romanino de volta à casa de seus tios. Quando os dois iam descendo juntos as ladeiras íngremes em direção à Fontebranda, desviando do lixo e do sangue, o sol apareceu pela primeira vez em dias. Ou talvez viesse brilhando diariamente, mas o comandante havia passado o tempo todo na escuridão de sua casa, derramando água sobre lábios que já não podiam beber.

– Qual é o nome do teu tio? – indagou o comandante, ao perceber que tinha esquecido de fazer essa pergunta totalmente óbvia.

– É Benincasa – disse o garoto. – Ele faz cores. Gosto do azul, mas é caro. – Ele olhou para o comandante. – Meu pai sempre usava cores bonitas, sabes? Quase sempre amarelo, com uma capa preta que parecia um par de asas quando ele galopava depressa. Quem é rico pode fazer isso.

– Imagino que sim – disse o comandante.

Romanino parou diante de um portão com barras de ferro altas e lançou um olhar tristonho para o pátio.

– É aqui. Aquela é Monna Lappa, minha tia. Quer dizer... ela não é minha tia de verdade, mas quis que eu a chamasse de tia assim mesmo.

O comandante Marescotti ficou surpreso com o tamanho do lugar; havia imaginado algo muito mais humilde. No pátio, três crianças ajudavam a mãe a estender a roupa, enquanto uma nenenzinha engatinhava, catando os grãos jogados para os gansos.

– Romanino! – exclamou a mulher, levantando-se de um salto ao ver o menino do outro lado do portão. Tão logo a tranca foi tirada do gancho e o portão se abriu, ela o puxou para dentro e o abraçou, cobrindo-o de lágrimas e beijos. – Pensamos que tivesses morrido, menino bobo!

Na comoção, ninguém prestou a menor atenção à neném e o comandante, que estivera prestes a se afastar do feliz reencontro da família, foi a única pessoa com presença de espírito para vê-la engatinhando em direção ao portão aberto, curvar-se e levantá-la do chão, com mãos desajeitadas.

Era uma garotinha de beleza incomum, pensou o comandante Marescotti, e muito mais sedutora do que se esperaria que alguém daquele tamanho fosse. Na verdade, apesar de sua inexperiência com seres tão pequenos, ele se pegou quase não querendo devolver a neném a Monna Lappa e simplesmente ficou parado, olhando para aquele rostinho e sentindo algo se mexer em seu peito, como uma florzinha de primavera que à força brotasse do solo congelado.

A fascinação foi recíproca. Logo a neném começou a dar tapinhas e a puxar partes do rosto do comandante, exibindo todos os sinais de prazer.

– Caterina! – exclamou a mãe, prontamente liberando o ilustre visitante, tirando a menina de seu colo. – Eu vos peço desculpas, *messere!*

– Não é necessário, não é necessário – disse o comandante. – Deus conservou sua mão sobre vós e os vossos, Monna Lappa. Acho que vossa casa é abençoada.

A mulher olhou-o demoradamente. Depois, curvou a cabeça.

– Obrigada, *messere.*

O comandante virou-se para ir embora, mas hesitou. Tornando a se virar, olhou para Romanino. O garoto estava ereto como uma árvore nova, preparada para enfrentar o vento, mas seus olhos haviam perdido a coragem.

– Monna Lappa – disse o comandante Marescotti –, eu quero... eu gostaria... eu pergunto se consideráreis abrir mão desse menino... para mim.

A expressão da mulher foi basicamente de incredulidade.

– Vede – apressou-se a acrescentar o comandante –, creio que ele é meu neto.

As palavras foram uma surpresa para todos, inclusive o próprio comandante. Enquanto Monna Lappa mostrou-se quase assustada com essa confissão, Romanino ficou decididamente eufórico e a alegria radiante do menino quase fez o comandante cair na gargalhada.

– Sois o comandante Marescotti? – exclamou a mulher, com as faces coradas de animação. – Então, era verdade! Oh, a pobre menina! Eu nunca... – Chocada demais para saber como agir, Monna Lappa segurou Romanino pelos ombros e o empurrou para o comandante: – Vai! Vai, garoto bobo! E... não te esqueças de agradecer a Deus!

Ela não precisou repetir e, antes mesmo que o comandante pudesse ver tal aproximação, os braços de Romanino já lhe envolviam a cintura e o nariz sujo do garoto afundava-se no veludo bordado.

– Ora, vamos – disse o comandante, dando um tapinha na cabeça suja do neto –, precisamos arranjar-te um par de sapatos. E algumas outras coisas. Então, para de chorar.

– Eu sei – fungou o menino, enxugando as lágrimas. – Cavaleiros não choram.

– É claro que choram – objetou o comandante, segurando a mão do garoto –, mas só quando estão limpos, vestidos e calçados. Achas que é possível esperar tanto assim?

– Farei o melhor que puder.

Quando os dois saíram andando pela rua de mãos dadas, o comandante Marescotti viu-se lutando contra uma onda de vergonha. Como era possível que ele, um homem doente de tristeza, que havia perdido tudo, menos as batidas do próprio coração, encontrasse tanto consolo na presença firme de uma mão miúda e pegajosa, firmemente aninhada na sua?

MUITOS ANOS HAVIAM se passado quando, um belo dia, um monge em viagem chegou ao Palazzo Marescotti e pediu para falar com o chefe da família. Explicou que viera de um mosteiro em Viterbo e fora instruído por seu abade a devolver um grande tesouro a seu legítimo proprietário.

Romanino, já então um homem de 30 anos, convidou o monge a entrar e mandou as filhas subirem para ver se o bisavô, o velho comandante, teria forças para receber o visitante. Enquanto esperavam que o ancião descesse, Romanino providenciou para que o monge tivesse o que comer e beber e tão grande era sua curiosidade que perguntou ao estranho qual era a natureza do tesouro.

– Pouco conheço sobre suas origens – respondeu o monge, entre uma garfada e outra –, mas sei que não posso levá-lo de volta comigo.

– Por quê? – indagou Romanino.

– Porque ele tem um grande poder destrutivo – disse o monge, servindo-se de mais pão. – Toda pessoa que abre a caixa adoece.

Romanino recostou-se na cadeira:

– Pensei que tivésseis dito que era um tesouro. E agora me dizeis que é maléfico!

– Perdão, *messere* – atalhou o monge –, mas eu nunca disse que era maléfico. Disse apenas que tem grandes poderes. De proteção, mas também de destruição. E por isso deve ser devolvido a mãos

capazes de controlar tais forças. Deve ser devolvido a seu verdadeiro dono. É tudo que sei.

– E esse dono é o comandante Marescotti?

O monge tornou a balançar a cabeça, mas dessa vez com menos convicção.

– Acreditamos que sim.

– Porque, se não for – observou Romanino –, tereis trazido um demônio para minha casa, como sabeis.

O monge fez um ar encabulado e disse, em tom premente:

– *Messere*, rogo-vos que acrediteis que não tenho a intenção de prejudicar a vós nem a vossa família. Estou apenas fazendo o que fui instruído a fazer. Esta caixa – disse, enfiando a mão na sacola e tirando uma caixinha muito simples de madeira, que depositou delicadamente na mesa – nos foi dada pelos padres da igreja de São Lourenço, nossa catedral, e acredito que contenha uma relíquia de um santo, recentemente mandado para Viterbo por sua nobre protetora em Siena.

– Nunca ouvi falar de tal santo! – exclamou Romanino, espiando a caixa com apreensão. – Quem era essa nobre padroeira?

O monge cruzou as mãos em sinal de respeito:

– A devota e recatada Monna Mina, da casa dos Salimbeni, *messere*.

– Humm – exclamou Romanino e depois ficou um tempo em silêncio. Já ouvira falar dessa dama: quem não soubera da loucura da jovem noiva e da suposta maldição numa parede dos porões? Mas que tipo de santo faria amizade com os Salimbeni? – Nesse caso, posso perguntar por que não devolveis a ela esse pretense tesouro?

– Oh! – O monge pareceu horrorizado com a ideia. – Não! O tesouro não gosta dos Salimbeni! Um de meus pobres irmãos, Salimbeni de nascimento, morreu durante o sono depois de tocar a caixa...

– Ao inferno, monge! – explodiu Romanino, pondo-se de pé. – Pegai vossa maldita caixa e deixai minha casa de uma vez!

– Mas, também, ele tinha 102 anos! – apressou-se o monge a acrescentar. – E outras pessoas que a tocaram tiveram uma recuperação milagrosa de longas enfermidades!

Nesse momento, o comandante Marescotti entrou na sala de jantar com grande dignidade, apoiando o porte orgulhoso numa bengala. Em vez de enxotar o monge porta afora com a vassoura, como estivera prestes a fazer, Romanino acalmou-se e tratou de acomodar o avô confortavelmente à cabeceira da mesa, antes de explicar as circunstâncias daquela visita inesperada.

– Viterbo? – repetiu o comandante, franzindo o cenho. – E como eles saberiam meu nome?

O monge ficou constrangido, sem saber se devia permanecer de pé ou sentar-se e se era dele ou de Romanino que o ancião esperava uma resposta. Em vez disso, pondo a caixa diante de Marescotti, disse:

– Vede... Isto, segundo me instruíram, deve ser devolvido a seu proprietário de direito.

– Cuidado, avô! – exclamou Romanino quando o comandante estendeu a mão para abrir a caixa. – Não sabemos que demônios ela contém!

– Não, meu filho – retrucou o comandante –, mas pretendemos descobrir.

Houve um momento pavoroso de silêncio enquanto o comandante levantava lentamente a tampa e espiava dentro da caixa. Ao ver que o avô não caíra no chão no mesmo instante, tomado por convulsões, Romanino chegou mais perto e também olhou.

Dentro da caixa havia um anel.

– Eu não faria... – começou o monge, mas o comandante Marescotti já havia retirado o anel e o contemplava, incrédulo.

– Quem foi que dissesstes que vos deu isso? – indagou, com a mão trêmula.

– Meu abade – retrucou o monge, Recuando de medo. – Ele me disse que os homens que o encontraram tinham dito o sobrenome Marescotti, antes de morrerem de uma febre medonha, três dias depois de receberem o caixão do santo.

Romanino olhou para o avô, ansioso para que ele largasse a joia, mas o comandante estava em outro mundo, tocando no anel com o sinete da águia sem nenhum temor e murmurando baixinho um antigo lema da família, *Fiel por todos os séculos*, que estava gravado na parte interna, em letras muito pequenas.

– Vem cá, filho – disse ele, finalmente, estendendo a mão para Romanino. – Este era o anel de teu pai. Agora é teu.

Romanino não soube o que fazer. Por um lado, queria obedecer ao avô; por outro, tinha medo do anel e não estava tão certo de ser seu dono por direito, mesmo que ele tivesse pertencido a seu pai. Ao vê-lo hesitar, o velho comandante encheu-se de raiva, uma raiva explosiva, e começou a gritar que Romanino era um covarde e a exigir que ele pegasse o anel. Mas, no momento exato em que o neto deu um passo à frente, o velho comandante desabou em sua cadeira, tomado por uma convulsão, e deixou o anel cair.

Ao ver que o ancião fora vitimado pelos malefícios do anel, o monge soltou um grito de pavor e fugiu do aposento, deixando Romanino curvado sobre o avô, implorando que sua alma permanecesse no corpo até que recebesse o último sacramento.

– Monge! – berrou ele, aninhando a cabeça do comandante. – Volta aqui e faz teu trabalho, rato, ou juro que levarei o Diabo a Viterbo e nós te comeremos vivo, tu e todos os outros!

Ao ouvir a ameaça, o monge voltou à cozinha e encontrou em sua sacola o frasquinho de óleo consagrado que o abade lhe dera para a viagem. Assim, o comandante recebeu a extrema-unção e ficou muito sereno por um momento, olhando para Romanino. Suas últimas palavras antes de morrer foram:

– Brilha bem alto, meu filho.

Como era compreensível, Romanino não soube o que pensar sobre o maldito anel. Ele obviamente era maléfico e tinha matado seu avô, mas, ainda assim, pertencera a seu pai, Romeo. No fim, Romanino decidiu conservá-lo, mas guardou a caixa num lugar onde ninguém senão ele poderia encontrá-la. Assim, desceu ao porão e entrou numa galeria do aqueduto de Bottini, para guardar a caixa num canto escuro aonde nunca ninguém ia. Nunca contou isso a seus filhos, por medo de que a curiosidade os levasse a soltar aqueles demônios novamente, mas escreveu toda a história num papel, lacrou-o e o guardou com o resto dos documentos da família.

É duvidoso que Romanino tenha descoberto a verdade sobre o anel durante sua vida e, ao longo de muitas gerações, a caixa permaneceu escondida embaixo da casa, no aqueduto de Bottini, intacta e não reclamada. Mesmo assim, porém, havia entre os Marescotti a sensação de que, de algum modo, um antigo demônio vivia preso na casa e a família acabou resolvendo vender o prédio em 1506. Nem é preciso dizer que a caixa com o anel permaneceu onde estava.

AGORA, CENTENAS DE anos depois, um outro avô, outro velho Marescotti, caminhava por seu vinhedo num dia de verão quando, de repente, baixou os olhos e viu uma garotinha parada a seus pés. Perguntou-lhe em italiano quem ela era e a menina respondeu, também em italiano, que seu nome era Giulietta e que tinha quase 3 anos. O velho ficou muito surpreso, porque em geral as crianças tinham medo dele, mas essa ficou conversando como se os dois fossem velhos amigos e, quando começaram a andar, pôs sua mão na dele.

De volta à casa, ele constatou que havia uma bela jovem tomando café com sua mulher. E lá estava também outra garotinha, empanturrando-se de *biscotti*. Sua mulher lhe explicou que a jovem era Diane Tolomei, viúva do velho professor Tolomei, e que fora até lá fazer algumas perguntas sobre a família Marescotti.

O velho Marescotti tratou-a muito bem e respondeu a todas as suas perguntas. Ela lhe perguntou se era verdade que sua linhagem descendia diretamente de Romeo Marescotti, através de seu filho Romanino, e ele disse que sim. Diane também lhe perguntou se ele sabia que seu antepassado era o herói de *Romeu e Julieta* de Shakespeare e ele respondeu que sim, também estava ciente disso. Depois ela lhe perguntou se ele sabia que a linhagem dela vinha diretamente de Julieta, e mais uma vez ele disse que sim, já suspeitava disso, visto que ela era uma Tolomei e que dera a uma de suas filhas o nome de Giulietta. Contudo, quando ela lhe perguntou se era capaz de adivinhar o motivo de sua visita, ele disse que não, de modo algum.

Foi então que Diane Tolomei lhe perguntou se sua família ainda estava de posse do anel de Romeo. O velho Marescotti disse que não tinha ideia do que ela queria dizer com aquilo. Então ela lhe perguntou se algum dia já vira uma caixinha de madeira que supostamente continha um tesouro maléfico, ou se alguma vez tinha ouvido seus pais ou avós mencionarem tal caixa. O velho disse que não, nun-ca ouvira nada sobre esse assunto. Diane pareceu meio decepcionada e, quando ele lhe perguntou do que tudo aquilo se tratava, a jovem respondeu que talvez fosse melhor assim, talvez ela não devesse trazer essas coisas antigas de volta à vida.

Você pode imaginar o que o velho Marescotti disse ao ouvir isso. Diane já lhe fizera muitas perguntas e ele respondera a todas, de modo que agora era hora de ela responder a algumas das suas. De que tipo de anel ela estava falando e por que pensava que ele saberia alguma coisa a esse respeito?

O que Diane Tolomei lhe contou primeiro foi a história de Romanino e do monge de Viterbo. Explicou que seu marido passara a vida inteira pesquisando essas questões e que havia encontrado os documentos da família Marescotti no arquivo municipal e descoberto as anotações de Romanino sobre a caixa. Era bom, disse ela, Romanino ter tido a sensatez de não usar o anel, pois não era seu legítimo dono, e a joia poderia ter lhe feito muito mal.

Antes que ela pudesse continuar suas explicações, o neto de Marescotti, Alessandro – ou Romeo, como eles o chamavam – aproximou-se da mesa para roubar um *biscotto*. Ao perceber que se tratava de Romeo, Diane ficou muito agitada e disse:

– É uma grande honra conhecê-lo, rapazinho. Agora, aqui está uma pessoa muito especial que quero que você conheça. – E pôs uma das filhinhas no colo, dizendo, como se apresentasse uma das maravilhas do mundo: – Esta é Giulietta.

Romeo enfiou o *biscotto* no bolso e olhou para a garotinha.

– Acho que não – disse. – Ela está de fralda.

– Não! – protestou Diane Tolomei, puxando o vestido da menina para baixo. – São calcinhas bordadas. Ela já é uma mocinha, não é, Jules?

Romeo começou a recuar, na esperança de sair de fininho, mas o avô o deteve e lhe disse que levasse as duas meninas para brincar enquanto os adultos tomavam café. E foi o que ele fez.

Diane Tolomei contou ao velho Marescotti e a sua mulher a história do anel de Romeo; explicou que era o anel de sinete que ele dera a Giulietta Tolomei durante uma cerimônia secreta de casamento, oficiada por um amigo dos dois, Frei Lorenzo. Por isso, declarou, a herdeira legítima do anel era sua filha Giulietta, e disse ainda ser muito importante que a joia fosse recuperada, para que a maldição dos Tolomei pudesse finalmente acabar.

O velho Marescotti ficou fascinado com a história de Diane Tolomei, sobretudo porque ela obviamente não era italiana, mas tinha paixão por esses acontecimentos do passado. Ele se admirou com o fato de aquela americana moderna parecer acreditar que havia uma maldição em sua família – uma antiga praga vinda da Idade Média, nada menos – e até pensar que seu marido morrera por causa disso. Fazia sentido, supôs ele, que a jovem estivesse aflita para tentar acabar com a maldição, para que suas filhas pudessem crescer sem aquela ameaça sobre suas cabeças. Por algum motivo, Diane parecia achar que as meninas estavam particularmente expostas à maldição, talvez pelo fato de os pais delas serem ambos da família Tolomei.

Obviamente, o velho Marescotti lamentou não poder ajudar essa pobre jovem viúva, mas Diane o interrompeu assim que ele começou a se desculpar:

– Pelo que me disse, *signore*, acredito que a caixa com o anel talvez ainda esteja lá, escondida no aqueduto de Bottini embaixo do Palazzo Marescotti, intocada desde que Romanino a guardou, há mais de 600 anos.

Marescotti não pôde deixar de rir, dando tapas nos joelhos:

– Isso é incrível! Não consigo imaginar que ela ainda esteja lá. E, se estiver, deve ser porque foi tão bem escondida que ninguém é capaz de encontrá-la. Nem mesmo eu.

Para convencê-lo a procurar o anel, Diane lhe disse que, se ele conseguisse encontrá-lo e o entregasse a ela, em troca ela lhe daria algo que a família Marescotti faria igual questão de recuperar e que estivera em poder dos Tolomei durante muito tempo. Perguntou-lhe se ele tinha alguma ideia de que tesouro ela estava falando, mas ele não tinha.

Então, Diane Tolomei tirou da bolsa uma fotografia e a pôs na mesa diante dele. O velho Marescotti se benzeu ao ver que se tratava não apenas de um antigo *cencio*, estendido sobre uma mesa, mas do *cencio* que ele ouvira descrito muitas vezes por seu avô, um *cencio* que ele nunca imaginara ver nem tocar, porque já não era possível que existisse.

– Há quanto tempo – indagou ele, com a voz trêmula – sua família guarda isso, escondendo-o de nós?

– Há tanto tempo quanto a sua família mantém o anel escondido de nós, *signore* – respondeu Diane Tolomei. – E agora, creio que o senhor concordará em que é hora de devolvermos esses tesouros a seus legítimos donos e de darmos fim ao mal que nos deixou a ambos neste triste estado.

Naturalmente, o velho Marescotti sentiu-se insultado pela sugestão de que estaria num triste estado e foi exatamente o que disse, listando todas as bênçãos que o cercavam por todos os lados.

– O senhor está me dizendo – perguntou Diane Tolomei, debruçando-se sobre a mesa e tocando as mãos dele – que não há dias em que sente uma força poderosa a observá-lo com olhos impacientes,

um antigo aliado que espera que o senhor faça a única coisa que *tem* de fazer?

Suas palavras causaram uma forte impressão nos donos da casa e todos ficaram em silêncio por um momento, até que de repente ouviram um barulho terrível vindo do celeiro e viram Romeo vir correndo, tentando carregar uma das meninas, que gritava e esperneava. Era Giulietta, que se cortara num forçado, e a avó de Romeo teve que lhe dar pontos na mesa da cozinha.

Os avós de Romeo, na verdade, não ficaram zangados com ele pelo que tinha acontecido. Foi muito pior. Ficaram simplesmente aterrorizados ao verem que o neto causava dor e destruição aonde quer que fosse. E naquele momento, depois de ouvirem as histórias de Diane Tolomei, começaram a temer que ele realmente tivesse mãos diabólicas... que algum velho demônio habitasse em seu corpo e que, tal como seu ancestral Romeo, ele viesse a ter uma vida – uma breve vida – de violência e tristeza.

O velho Marescotti sentiu-se tão mal com o que acontecera à menina que prometeu a Diane fazer tudo o que estivesse a seu alcance para encontrar o anel. Ela lhe agradeceu e disse que, independentemente de ele ter ou não sucesso, voltaria logo com o *cencio*, para que ao menos Romeo pudesse receber o que lhe pertencia. Por alguma razão, lhe era muito importante que o menino ainda estivesse presente quando ela voltasse, pois queria experimentar uma coisa com ele. Não disse o que seria e ninguém ousou perguntar.

Combinaram que Diane Tolomei voltaria em duas semanas, o que daria ao velho Marescotti tempo para investigar a questão do anel, e todos se despediram como amigos. Antes de ir embora, porém, Diane lhe disse uma última coisa: que, se tivesse êxito em sua busca, deveria tomar muito cuidado e abrir a caixa o mínimo possível. E que, em hipótese nenhuma, deveria tocar o anel em si. A joia, recordou-lhe Diane, tinha um histórico de ferir as pessoas.

Marescotti ficou muito feliz por conhecer Diane e suas filhas. E, logo no dia seguinte, foi ao centro da cidade, decidido a encontrar o anel. Durante dias a fio percorreu todos os túneis do aqueduto de Bottini embaixo do Palazzo Marescotti, tentando achar o esconderijo secreto de Romanino. Quando finalmente o encontrou – teve de pegar emprestado um detector de metais –, compreendeu por que ninguém mais havia esbarrado nele até então: a caixa fora empurrada para o fundo de uma fenda estreita na parede e estava coberta de arenito esfacelado.

Ao xucá-la para fora, o ancião se lembrou do que dissera Diane Tolomei sobre não abrir a tampa mais do que o necessário, porém, depois de seis séculos na terra e no cascalho, a madeira ficara tão seca e frágil que até seu toque cuidadoso foi demais para a caixa. Assim, a madeira se desfez como um grumo de serragem e, num piscar de olhos, ele se viu com o anel na palma da mão.

Resolveu não se entregar a medos irracionais e, em vez de colocá-lo em outra caixa, pôs o anel no bolso da calça e voltou em seu carro para a fazenda nos arredores da cidade. Depois de ter percorrido esse trajeto com o anel no bolso, nunca mais nasceu na família outro varão que pudesse receber o nome de *Romeo Marescotti* – para grande frustração do velho, todos os parentes passaram a ter filhas, filhas e mais filhas. Nunca haveria ninguém além de seu neto Romeo e ele duvidava muito que aquele menino irrequieto viesse um dia a se casar e ter filhos.

É claro que o velho Marescotti não se deu conta disso tudo na época; apenas ficou feliz por ter encontrado o anel para Diane Tolomei e aflito por finalmente pôr as mãos no antigo *cencio* de 1340 e exibi-lo na *contrada*. Já estava planejando doá-lo ao Museu da Águia e imaginou que ele traria muita sorte no Palio seguinte.

Mas as coisas não aconteceriam desse jeito. No dia em que Diane Tolomei deveria voltar a visitá-los, ele reuniu toda a família para uma grande festa, para a qual sua mulher passara dias cozinhando. O velho pusera o anel numa caixa nova e sua esposa a havia amarrado com uma fita vermelha. Os dois tinham até levado Romeo à cidade – apesar de faltarem poucos dias para o Palio – para que ele recebesse um corte de cabelo de verdade, em vez de apenas usarem uma cuiá e uma tesoura. Agora, só lhes restava esperar.

Então esperaram. E esperaram. Mas Diane Tolomei não apareceu. Em circunstâncias normais, Marescotti teria ficado furioso, mas dessa vez teve medo. Não soube explicar por quê. Teve a sensação de estar com febre e não conseguiu comer. Nesse mesmo dia, soube da notícia terrível. Seu primo lhe telefonou para contar que houvera um acidente de carro e que a viúva do professor Tolomei e suas duas filhas tinham morrido. Imagine como ele se sentiu. O velho Marescotti e a mulher ficaram chorando por Diane Tolomei e pelas meninas e, naquela noite, ele se sentou e escreveu uma carta a sua filha em Roma, pedindo-lhe que o perdoasse e voltasse para casa. Mas ela nunca respondeu nem voltou.

*Comprei pra mim uma mansão de amor,
Mas não a possuo. Mesmo vendida,
Inda não fui gozada.*

Quando Alessandro enfim concluiu sua história, estávamos deitados lado a lado na relva, olhando para o luminoso manto azul do céu.

– Ainda me lembro do dia em que soubemos do acidente – acrescentou. – Eu só tinha 13 anos, mas compreendi como era terrível. E pensei na menininha, você, que supostamente era Giulietta. É claro que eu sempre soube que era Romeo, mas nunca tinha pensado muito em Giulietta. Naquele dia, comecei a pensar nela e me dei conta de que era muito estranho ser Romeo quando não havia uma Giulietta no mundo. Estranho e solitário.

– Ora, não venha com essa! – objetei, apoiando-me num cotovelo e o fustigando com uma violeta, zombando de seu ar grave. – Tenho certeza de que nunca faltaram mulheres para lhe fazer companhia.

Ele sorriu e empurrou a violeta.

– Achei que você tinha morrido! O que eu podia fazer?

Suspirei e balancei a cabeça:

– É, já era o lema gravado no anel de Romeo, *Fiel por todos os séculos*.

– Ei! – Alessandro rolou seu corpo e o meu no chão e me olhou com o rosto carregado. – Romeo deu o anel a Giulietta, lembra?

– Foi sensato da parte dele.

– Está bem... – Ele me olhou nos olhos, insatisfeito com o rumo da conversa. – Então me diga, Giulietta da América... *você* foi fiel por todos os séculos?

Ele estava meio que brincando, mas para mim não era brincadeira. Em vez de responder, encarei seu olhar com determinação e lhe perguntei à queima-roupa:

– Por que você invadiu meu quarto no hotel?

Embora ele já estivesse preparado para o pior, eu não poderia tê-lo chocado mais. Com um grunhido, Alessandro rolou para o lado e cobriu o rosto com as mãos, sem nem ao menos tentar fingir que havia um engano.

– *Porca vacca!*

– Presumo – falei, permanecendo onde estava e apertando os olhos para o céu – que você tenha uma explicação realmente boa. Se eu não acreditasse nisso, não estaria aqui.

Ele tornou a gemer.

– Eu tenho. Mas não posso lhe contar.

– Como é? – perguntei, sentando-me abruptamente. – Você destruiu meu quarto, mas não vai me dizer por quê?

– O quê? Não! – Alessandro também se sentou. – Eu não fiz aquilo! Já estava daquele jeito... pensei que tivesse sido você mesma! – Ao ver minha expressão, levantou os dois braços e disse: – Olhe, é verdade. Naquela noite, depois que nós brigamos e você saiu do restaurante, fui até o seu hotel para... sei lá. Mas, quando cheguei, vi você descer da sacada e sair de fininho...

– De jeito nenhum! – exclamei. – Por que eu faria uma coisa dessas?

– Está bem, então não era você – disse ele, muito constrangido com o assunto –, mas era uma mulher. Que se parecia com você. E foi ela que fez aquilo com seu quarto. Quando entrei, a porta da sacada já estava aberta e o lugar todo era uma bagunça. Espero que você acredite em mim.

Segurei a cabeça com as duas mãos.

– Como espera que eu acredite em você se não quer nem me dizer por que fez isso?

– Sinto muito – disse ele, estendendo a mão para tirar um raminho de tomilho do meu cabelo. – Eu gostaria de poder dizer. Mas essa história não é minha. Tenho esperança de que você não demore a ouvi-la.

– De quem? Ou será que isso também é segredo?

– Receio que sim – respondeu ele, atrevendo-se a sorrir. – Mas espero que acredite em mim quando digo que minhas intenções foram boas.

Balancei a cabeça, aborrecida comigo mesma por ser tão complacente.

– Devo estar maluca.

O sorriso dele se alargou:

– Isso é o seu jeito de dizer *sim*?

Fiquei de pé, batendo a sujeira da saia com movimentos enérgicos, ainda meio zangada.

– Não sei por que estou deixando você se livrar disso...

– Venha cá – disse ele, pegando minha mão e tornando a me puxar para baixo. – Você me conhece. Sabe que eu nunca a magoaria.

– Errado – retruquei, virando a cabeça para o outro lado. – Você é o Romeo. É a única pessoa que pode me machucar de verdade.

Mas, quando ele me puxou para seus braços, não resisti. Foi como se uma barreira dentro de mim desmoronasse – estivera desmoronando a tarde inteira –, deixando-me suave e flexível, quase incapaz de pensar além do momento presente.

– Você acredita mesmo em maldições? – sussurrei, aninhada em seu abraço.

– Acredito em bênçãos – respondeu ele, a boca roçando minha têmpora. – Acredito que para toda maldição existe uma bênção.

– Você sabe onde está o *cencio*?

Senti seus braços me apertarem mais.

– Gostaria de saber. Eu o quero de volta tanto quanto você.

Levantei os olhos para ele, tentando avaliar se estava mentindo.

– Por quê?

– Porque... – ele baixou os olhos para mim, enfrentando minha expressão de suspeita com integridade – onde quer que ele esteja, não significa nada sem você.

QUANDO FINALMENTE VOLTAMOS passeando para o carro, nossas sombras se estendiam à nossa frente na trilha e a noite se insinuava no ar. Justo quando comecei a me perguntar se não estaríamos atrasados para a festa de Eva Maria, o telefone de Alessandro tocou e ele me deixou pôr as taças e a garrafa vazia na mala enquanto se afastava do carro, tentando explicar à madrinha nossa misteriosa demora.

Ao procurar um lugar seguro para as taças, notei um caixote de vinho no canto oposto da mala, com os dizeres *Castello Salimbeni* gravados na lateral. Quando levantei a tampa para espiar o interior, vi que não havia nenhuma garrafa de vinho, apenas aparas de madeira, e achei que fora assim que Alessandro havia transportado as taças e o *prosecco*. Só para me certificar de que era seguro repor tudo no caixote, enfiei a mão entre as aparas e vasculhei um pouco. Ao fazê-lo, senti uma coisa dura na ponta dos dedos e, quando a puxei, vi que era uma caixa velha, mais ou menos do tamanho de uma cigarreira.

Parada ali com a caixa na mão, de repente me vi outra vez no aqueduto de Bottini com Janice na véspera, observando Alessandro tirar uma caixa semelhante de um cofre na parede de tufo calcário. Incapaz de resistir à tentação, levantei a tampa com a urgência trêmula de um invasor; nem sequer me ocorreu que eu já sabia qual era seu conteúdo. Só quando deslizei os dedos por ele – o anel de sinete em ouro, acomodado em veludo azul – a verdade caiu sobre mim, como um piano num desenho animado.

Por causa do choque de descobrir que estávamos circulando com um objeto que, direta ou indiretamente, havia matado um monte de gente, mal consegui enfiar tudo de volta na caixa de vinho antes que Alessandro parasse a meu lado, com o telefone na mão.

– O que está procurando? – perguntou-me, apertando os olhos.

– Meu protetor solar – respondi, em tom despreocupado, abrindo o zíper de minha bolsa de viagem. – O sol daqui é... de matar.

Ao retomarmos o trajeto, tive dificuldade para me acalmar. Não só ele tinha invadido meu quarto e mentido para mim a respeito de seu nome como, mesmo agora, depois de tudo o que havia acontecido entre nós – os beijos, as confissões, a revelação de segredos de família –, ele continuava não me dizendo a verdade. Claro, tinha me contado parte dela e eu havia decidido acreditar, mas sem me iludir com a ideia de que ele tivesse dito tudo o que havia para saber. Alessandro até admitira isso, ao se recusar a explicar por que tinha entrado em meu quarto. Sim, ele podia ter posto umas cartinhas simbólicas na mesa para eu ver, mas estava claro que continuava escondendo a parte principal do jogo na mão encostada ao peito.

E acho que eu estava fazendo a mesma coisa.

– Você está bem? – perguntou ele depois de algum tempo. – Está tão calada.

– Estou ótima! – respondi. Enxuguei uma gota de suor do nariz e notei que estava com a mão trêmula. – É só o calor.

Ele apertou meu joelho:

– Você vai se sentir muito melhor quando chegarmos. Eva Maria tem uma piscina em casa.

– É claro que tem.

Inspirei fundo e expirei devagar. Minha mão estava com uma dormência estranha, exatamente no ponto em que o antigo anel havia tocado minha pele, e enxuguei os dedos na roupa com toda a

discrição de que fui capaz. Decididamente, não era meu estilo ceder a temores supersticiosos, mas ali estavam eles, se agitando em minha barriga feito pipoca na panela. Fechei os olhos e disse a mim mesma que não era hora para ter um ataque de pânico e que o aperto em meu peito não era nada além do meu cérebro tentando sabotar minha felicidade, como sempre fazia. Mas dessa vez eu não iria permitir.

– Acho que você precisa... – começou Alessandro, reduzindo a velocidade para entrar numa alameda de cascalho. – *Cazzo!*

Um portão monumental de ferro bloqueava o caminho. A julgar pela reação de Alessandro, não era assim que Eva Maria costumava receber o afilhado e foi necessário um diálogo diplomático com um interfone para que a caverna mágica se abrisse e pudéssemos seguir por uma alameda comprida, ladeada por ciprestes. Tão logo nos vimos seguros na propriedade, as duas bandas altas do portão voltaram a se fechar sem esforço às nossas costas e o clique da tranca mal se fez ouvir em meio ao estalar suave do cascalho e ao canto dos pássaros no fim da tarde.

EVA MARIA SALIMBENI morava em algo muito parecido com um sonho. Sua majestosa casa no campo – ou melhor, *castello* – ficava sobre um morro não muito distante do vilarejo de Castiglione e havia campos e vinhedos em volta de toda a propriedade, como a saia de uma donzela sentada numa campina. Era aquele tipo de lugar com que a gente depara em livros pesados de mesa de centro, porém jamais consegue situar com clareza. Ao nos aproximarmos da casa, cumprimentei-me em silêncio por minha decisão de ignorar todas as advertências e fazer a viagem.

Desde que Janice me dissera que primo Peppo suspeitava que Eva Maria era uma “chefona” da Máfia, eu oscilava entre morder os lábios de preocupação e balançar a cabeça de incredulidade, mas, agora que finalmente estava ali, em plena luz do dia, a ideia toda me pareceu ridícula. Sem dúvida, se Eva Maria estivesse mesmo ditando as ordens em algum arranjo escuso, nunca ofereceria uma festa em sua casa e convidaria uma estranha como eu.

Até a ameaça do maléfico anel de Romeo pareceu se dissipar à medida que o Castello Salimbeni se elevava à nossa frente e, quando paramos perto da fonte central, qualquer preocupação que ainda estivesse me embrulhando o estômago foi prontamente afogada pela água turquesa que caía em cascatas de três cornucópias, sustentadas no alto por ninfas nuas, montadas em grifos de mármore.

Havia uma caminhonete de um serviço de bufê estacionada em frente a uma entrada lateral, onde dois homens de avental de couro descarregavam caixas, com Eva Maria por perto, de mãos cruzadas, supervisionando o processo. Assim que avistou nosso carro, ela correu para nós, com acenos animados, gesticulando para que estacionássemos depressa.

– *Benvenuti!* – cantarolou, aproximando-se de braços abertos. – Estou tão feliz por vocês terem chegado!

Como sempre, a exuberância de Eva Maria me deixou estupefata demais para ter uma reação normal; tudo que me passou pela cabeça foi: *se eu puder usar uma calça dessas quando tiver a idade dela, ficarei mais do que feliz.*

Ela me beijou de um jeito vigoroso, como se houvesse temido por minha segurança até aquele exato momento, depois virou-se para Alessandro – o sorriso ficou recatado quando os dois trocaram beijinhos – e cerrou os dedos em torno do bíceps dele.

– Acho que você andou fazendo travessuras! Eu os esperava horas atrás!
– Pensei em mostrar Rocca di Tentennano a Giulietta – disse ele, sem demonstrar nenhuma culpa.
– Oh, não! – exclamou Eva Maria, praticamente batendo no afilhado. – Não aquele lugar terrível! Coitada da Giulietta! – Ela se virou para mim com uma expressão da mais extrema solidariedade. – Lamento muito você ter tido que ver aquela construção horrorosa. O que achou dela?

– Na verdade – respondi, dando uma olhada para Alessandro –, achei o lugar bastante... idílico.
Por uma razão inexplicável, minha resposta agradou tanto a Eva Maria que ela me beijou na testa, antes de marchar à nossa frente em direção à casa.

– Por aqui! – sinalizou, fazendo-nos cruzar uma porta nos fundos, entrar na cozinha e contornar uma mesa gigantesca, repleta de comida. – Espero que não se importe de passarmos por aqui, querida... Marcello! *Dio Santo!* – Levantou as mãos, dirigindo-se a um dos homens do serviço de bufê, e lhe disse algo que o fez apanhar a caixa que acabara de pousar no chão e colocá-la com toda a delicadeza num lugar diferente. – Tenho que ficar de olho nessa gente, eles são incorrigíveis!... Deus os proteja! E... oh! Sandro!

– Pronto!

– O que está fazendo? – Eva Maria o enxotou com impaciência: – Vá buscar as malas! Giulietta vai querer as coisas dela!

– Mas... – começou Alessandro, não muito satisfeito por me deixar a sós com sua madrinha. Sua expressão de desamparo quase me fez rir.

– Podemos cuidar de nós mesmas – continuou Eva Maria. – Queremos falar sobre coisas de mulheres! Ande! Vá buscar as malas!

Apesar do caos e das passadas enérgicas de Eva Maria, pude apreciar as proporções cênicas da cozinha ao atravessá-la. Nunca tinha visto panelas e frigideiras tão grandes, nem um fogão a lenha com o tamanho do meu quarto no dormitório da faculdade; era aquele tipo de cozinha rústica com que quase todo mundo diz sonhar, mas que, na hora H, não faz a mínima ideia de como se usa.

Da cozinha saímos num salão imponente que era, sem dúvida, a entrada oficial do Castello Salimbeni. Era um espaço quadrado e pomposo, com o teto a 15 metros de altura e uma *loggia* que circundava todo o primeiro andar; não muito diferente da Biblioteca do Congresso, em Washington, aonde certa vez tia Rose levava Janice e eu – para fins educativos e para não ter que cozinhar –, quando Umberto estava fora, de férias.

– É aqui que faremos nossa festa hoje à noite! – disse Eva Maria, com uma breve pausa, para ter certeza de que eu estava impressionada.

– É... arrebatador – foi tudo que pude pensar em dizer e minhas palavras desapareceram sob o teto alto.

Os quartos de hóspedes ficavam no andar de cima, saindo da *loggia*, e minha anfitriã tivera a grande gentileza de reservar para mim um quarto com uma varanda que dava para uma piscina, um pomar e, mais além do muro do pomar, o Val d'Orcia, banhado em ouro. Parecia o fim da tarde no Paraíso.

– Nada de macieiras? – brinquei, debruçando-me no peitoril da varanda e admirando as antigas vinhas que cresciam na parede. – Nem serpentes?

– Em todos os meus anos de vida – respondeu Eva Maria, levando-me a sério –, nunca vi uma cobra por aqui. E caminho toda noite no pomar. Mas, se visse uma, eu a esmagaria com uma pedra,

assim. – E me mostrou como.

– É, essa já era – comentei.

– Mas, se você sentir medo, Sandro estará bem ali... – E fez sinal com a cabeça para a porta ao lado da minha. – Os quartos de vocês compartilham este balcão – disse, dando-me uma cutucada conspiradora. – Pensei em facilitar as coisas.

Meio atônita, segui-a de volta ao quarto. Ele era dominado por uma colossal cama de dossel, coberta por lençóis brancos, e, ao notar meu assombro, Eva Maria mexeu as sobrancelhas exatamente do jeito que Janice faria.

– Bela cama, hein?... Gigantesca!

– Sabe – falei, sentindo as bochechas arderem –, não quero que você tenha ideias erradas com relação a mim e... ao seu afilhado.

Ela me olhou com uma expressão tremendamente parecida com decepção:

– Não?

– Não. Não sou esse tipo de pessoa – declarei. Ao ver que não a havia impressionado com minha castidade, acrescentei: – Faz só uma semana que o conheço. Mais ou menos.

Nessa hora, Eva Maria finalmente sorriu e beliscou de leve minha bochecha.

– Você é uma boa moça. Gosto disso. Venha, agora vou lhe mostrar o banheiro...

Quando ela finalmente me deixou sozinha, depois de dizer que havia um biquíni do meu tamanho na gaveta da mesa de cabeceira e um quimono no armário, desabei na cama, de braços e pernas abertos. Havia algo maravilhosamente relaxante na exuberante hospitalidade de Eva Maria; se eu quisesse, sem dúvida poderia passar o resto da vida ali, vivendo estações do ano perfeitas como as fotos da Toscana em um calendário, com a roupa certa para combinar. Mas, ao mesmo tempo, a situação toda era ligeiramente perturbadora. Parecia haver algo de enorme importância que eu tinha de captar a respeito de Eva Maria – não aquela história de Máfia, mas outra coisa – e não ajudava muito o fato de as pistas de que eu precisava estarem como que flutuando por toda parte, feito balões encostados no teto, muito, muito acima da minha cabeça. Tive de admitir que o fato de eu ter consumido meia garrafa de *prosecco* com o estômago vazio não colaborava com minha concentração, e tampouco eu mesma estar flutuando nas nuvens depois de minha tarde com Alessandro.

Quando eu ia começando a cochilar, ouvi um barulho alto de água sendo espalhada em algum lugar do lado de fora e, segundos depois, uma voz me chamou. Arrancando os membros da cama, um por um, cambaleei até a sacada e deparei com Alessandro acenando da piscina lá embaixo, com um ar excepcionalmente animado.

– O que está fazendo aí em cima? – gritou. – A água está perfeita!

– Por que você sempre tem que estar envolvido com água? – gritei de volta.

Ele pareceu perplexo, o que só aumentou seu encanto.

– O que tem de errado com a água?

ALESSANDRO CAIU NA gargalhada quando o encontrei à beira da piscina, embrulhada no quimono de Eva Maria.

– Pensei que você estivesse com calor – disse ele, sentando-se na borda com os pés dentro d'água,

aproveitando os últimos raios de sol.

– Eu estava – confirmei, parada meio sem jeito, brincando com a faixa do quimono –, mas agora estou melhor. E, para ser sincera, não sou uma nadadora muito boa.

– Você não tem que nadar. A piscina não é funda. Além disso – olhou-me com ar sedutor –, estou aqui para protegê-la.

Olhei para tudo à minha volta, menos para ele. Alessandro estava usando uma daquelas sungas europeias mínimas, mas essa era a única coisa mínima a seu respeito. Sentado ali, à luz do fim de tarde, parecia feito de bronze; seu corpo praticamente reluzia e era óbvio que fora esculpido por alguém intimamente familiarizado com as proporções ideais do corpo humano.

– Venha! – convidou ele, tornando a deslizar para a água como se ela fosse seu verdadeiro elemento. – Juro que você vai adorar.

– Não estou brincando – respondi, permanecendo onde estava. – Não me dou muito bem com água.

Sem acreditar, Alessandro nadou até onde eu estava e apoiou os braços na borda da piscina.

– O que isso quer dizer? Você dissolve?

– Eu tendo a me afogar – respondi, talvez com mais rispidez que o necessário – e a entrar em pânico. Não necessariamente nessa ordem – acrescentei. Ao ver sua incredulidade, dei um suspiro e esclareci: – Quando eu tinha 10 anos, minha irmã me empurrou de um deque para impressionar os amigos. Bati a cabeça num cabo de amarração e quase morri afogada. Até hoje não consigo ficar em lugares fundos sem entrar em pânico. Pronto, agora você já sabe. Giulietta é uma frouxa.

– Essa sua irmã... – disse Alessandro, balançando a cabeça.

– Ela é legal, na verdade. Eu tentei empurrá-la primeiro.

Ele riu.

– Então, foi bem feito pra você. Venha cá. Você está muito longe. – Ele deu um tapinha na ardósia cinzenta e disse: – Sente aqui.

Com relutância, finalmente tirei o quimono, revelando o biquíni minúsculo de Eva Maria, e fui me sentar perto dele, com os pés na água.

– Ai! A pedra está quente!

– Então entre! – insistiu ele. – Ponha os braços no meu pescoço. Eu seguro você.

Balancei a cabeça.

– Não. Desculpe.

– Sim, venha. Não podemos viver assim, você aí em cima, eu aqui embaixo. – Ele estendeu as mãos, segurando-me pela cintura. – Como vou ensinar nossos filhos a nadar se eles virem que você tem medo da água?

– Ah, você é impagável! – zombei, pondo as mãos em seus ombros. – Se eu me afogar, processo você!

– Isso, pode processar – disse ele, levantando-me da borda e me descendo na água. – Faça o que fizer, não assumo a responsabilidade por nada.

Foi sorte eu ter ficado irritada demais com o comentário dele para prestar muita atenção à água. Quando dei por mim, ela batia no meu peito e eu havia enroscado as pernas na cintura de Alessandro. E me sentia ótima.

– Viu? – disse ele, com um sorriso triunfal. – Não é tão ruim.

Dei uma olhada para a água e vi meu reflexo distorcido:

– Nem pense em me largar!

Ele segurou firme a parte de baixo do biquíni de Eva Maria.

– Nunca a largarei. Você está presa comigo nesta piscina para sempre.

Conforme meu nervosismo com a água diminuía aos poucos, comecei a apreciar a sensação do corpo dele colado ao meu e, a julgar pela expressão de seus olhos – entre outras coisas –, o sentimento era recíproco.

– “Embora seu rosto seja melhor do que o de qualquer outro” – falei –, “ele também tem pernas superiores às dos outros, e quanto à mão e ao pé, e ao corpo, embora talvez seja melhor não falar neles, mesmo assim são incomparáveis. Ele não é a maior flor de cortesia, mas garanto que é manso como um cordeirinho.”

Ficou claro que Alessandro estava fazendo um grande esforço para ignorar a proeza da engenharia que era o sutiã do meu biquíni.

– Ora, este é um ponto em que Shakespeare está certo sobre Romeu, para variar.

– Deixe ver se eu adivinho... você não é a maior flor de cortesia?

Ele me puxou para mais perto ainda:

– Mas sou manso como um cordeirinho.

Pus a mão em seu peito:

– Está mais para lobo em pele de cordeiro.

– Os lobos – retrucou ele, descendo meu corpo até nossos rostos ficarem a poucos centímetros de distância – são animais muito mansos.

Quando ele me beijou, não me importei com quem pudesse estar olhando. Eu esperava por isso desde Rocca di Tentennano e retribuí seu beijo sem reservas. Só quando o senti testando a flexibilidade do biquíni de Eva Maria respirei fundo e perguntei:

– O que aconteceu com Colombo e a exploração do litoral?

– Colombo não conheceu você – respondeu Alessandro, imprensando-me num dos lados da piscina e fechando minha boca com outro beijo. Teria dito mais que isso e é muito provável que eu tivesse dado uma resposta favorável se não houvéssemos sido interrompidos por uma voz chamando de uma sacada.

– Sandro! – gritou Eva Maria, acenando para chamar sua atenção. – Preciso que você entre agora!

Apesar de ela ter desaparecido no mesmo instante, sua súbita manifestação fez com que nós dois pulássemos de susto e, sem pensar, soltei Alessandro e quase afundei. Por sorte, ele não me largou.

– Obrigada! – arquejei, agarrando-me a seu corpo. – Parece que você não tem mãos maléficas, afinal.

– Está vendo? Eu lhe disse – afirmou ele, afastando as pequenas mechas de cabelo que haviam grudado em meu rosto feito espaguete molhado. – Para toda maldição existe uma bênção.

Olhei-o nos olhos e me espantei com sua súbita seriedade.

– Bem, na minha opinião – comentei, pondo a mão em seu rosto –, as maldições só funcionam quando se acredita nelas.

QUANDO ENFIM VOLTEI para meu quarto, sentei-me no meio do piso, rindo. Aquilo era típico de Janice – trocar amassos numa piscina – e eu mal podia esperar para lhe contar tudo a respeito. Ainda que... ela não fosse ficar nada satisfeita de saber que eu vinha exercendo tão pouco autocontrole no que dizia respeito a Alessandro e que não prestara a menor atenção às advertências dela. De certo modo, era muito bom vê-la com ciúmes dele – se é que era mesmo isso que estava acontecendo. Janice não o dissera explicitamente, em momento algum, mas eu sabia que tinha ficado seriamente desapontada por eu não querer ir a Montepulciano com ela, para procurarmos juntas a casa de nossa mãe.

Só nesse momento, despertada de meu devaneio por uma pontada de culpa, notei um cheiro de fumaça – seria incenso? – que teria ou não estado antes em meu quarto. Indo à varanda com meu quimono molhado para respirar um pouco de ar puro, vi o sol desaparecer atrás das montanhas distantes num festival de ouro e sangue, e em toda a minha volta o céu foi ganhando matizes mais escuros de azul. Extinta a luz do dia, havia no ar um toque de orvalho que trazia consigo a promessa de todos os aromas, todas as paixões e todos os arrepios fantasmagóricos da noite.

Ao entrar de novo no quarto e acender um abajur, vi que tinham estendido um vestido para mim na cama, com um bilhete manuscrito que dizia *Use isto na festa*. Peguei-o, incrédula; não só Eva Maria estava mais uma vez me dizendo o que vestir como nesse caso decidira que eu pareceria ridícula. Tratava-se de uma coisa estranha de veludo vermelho-escuro que ia até o chão, com um decote grande e anguloso e mangas evasês; Janice diria que era a última moda entre os mortos-e-vivos e o jogaria de lado, com uma risada de desdém. Fiquei tentada a fazer o mesmo.

No entanto, quando peguei meu próprio vestido e comparei os dois, ocorreu-me que aparecer lá embaixo com meu pretinho curto nessa noite em particular talvez se revelasse a maior gafe de minha vida. Apesar de todos os decotes cavadíssimos e comentários sugestivos de Eva Maria, era perfeitamente possível que os convidados fossem um bando de puritanos, que me julgariam por minhas alcinhas finas de roletê e me achariam aquém das expectativas.

Uma vez obedientemente vestida com o traje medieval de Eva Maria e com o cabelo preso no alto da cabeça, numa tentativa de penteado festivo, parei por um momento à porta do meu quarto, ouvindo os sons dos convidados que chegavam no térreo. Havia risadas e música e, entre as rolhas que espocavam, ouvi minha anfitriã receber não apenas amigos e familiares queridos, mas também queridos membros do clero e da nobreza. Sem saber se teria coragem suficiente para me divertir sozinha, andei pelo corredor pé ante pé e fui bater discretamente à porta de Alessandro. Mas ele não estava. No instante em que eu estendia a mão para a maçaneta, alguém pôs as garras em meu ombro.

– Giulietta! – exclamou Eva Maria, que tinha um jeito profundamente inquietante de se aproximar de mim de fininho. – Está pronta para descer?

Soltei um arquejo e girei o corpo, constrangida por ter sido flagrada ali, quase invadindo o quarto do afilhado dela.

– Eu estava procurando Alessandro – justifiquei-me, chocada ao vê-la parada bem atrás de mim, um pouco mais alta do que eu me lembrava, usando uma tiara de ouro e uma maquiagem extremamente teatral até para ela.

– Ele teve que sair para resolver uma coisinha – disse ela, descartando o assunto. – Vai voltar. Venha...

Enquanto eu seguia com ela em direção à *loggia*, foi difícil desgrudar os olhos de seu vestido. Se eu havia me divertido com a ideia de que minha roupa me fazia parecer a heroína de uma peça teatral, nessa hora percebi que, no máximo, eu seria uma coadjuvante. Vestindo uma verdadeira aparição de tafetá dourado, Eva Maria brilhava mais do que qualquer sol e, quando descemos com ar altivo a escadaria larga – a mão dela pinçando com firmeza um ponto acima do meu cotovelo –, foi impossível que os convidados reunidos embaixo a ignorassem.

Havia pelo menos umas 100 pessoas espalhadas pelo grande salão e todas ergueram os olhos em silenciosa reverência quando sua anfitriã desceu, em todo o seu esplendor, escoltando-me graciosamente para o círculo de convidados, com os gestos de uma fada das flores que espalhasse pétalas de rosa à frente da realeza dos bosques. Ficou claro que Eva Maria havia planejado essa encenação com bastante antecedência, pois todo o local estava iluminado exclusivamente por velas altas, em lustres e candelabros, e as chamas bruxuleantes faziam seu vestido ganhar vida, como se também estivesse em chamas. Durante algum tempo, tudo o que pude ouvir foi a música – não as melodias favoritas clássicas que seria de esperar, porém música ao vivo, com instrumentos medievais, proveniente de um pequeno número de músicos no outro extremo do salão.

Olhando a multidão silenciosa, fiquei aliviada por ter escolhido o vestido de veludo vermelho e não o meu. Sugerir que os convidados de Eva Maria fossem um bando de puritanos teria sido um eufemismo fenomenal. Seria mais exato dizer que eles pareciam saídos de outro mundo. À primeira vista, não havia uma só pessoa no salão com menos de 70 anos; olhando melhor, estava mais para 80. Uma pessoa caridosa talvez dissesse que eram velhinhos adoráveis que só iam a festas a cada 20 anos, mais ou menos, e que jamais tinham aberto uma revista de moda desde a Segunda Guerra Mundial... mas eu convivera tempo demais com Janice para ter esse tipo de generosidade. Se minha irmã estivesse ali comigo e visse o que vi, teria feito uma cara assustadora e lambido os caninos com ar sugestivo. O único ponto positivo era que – se de fato fossem todos vampiros – pareciam tão frágeis que eu provavelmente poderia vencê-los na corrida.

Ao chegarmos ao pé da escada, um enxame desses convidados aproximou-se de mim, todos falando num italiano acelerado e me cutucando com dedos exangues, para terem certeza de que eu era real. Seu espanto ao me verem sugeriu que, na sua cabeça, era eu, e não eles, que havia saído do túmulo para aquela ocasião.

Ao ver minha confusão e mal-estar, Eva Maria logo começou a enxotá-los e acabamos ficando com as duas mulheres que de fato tinham alguma coisa a me dizer.

– Estas são Monna Teresa e Monna Chiara – apresentou Eva Maria. – Monna Teresa é descendente de Giannozza Tolomei, como você, e Monna Chiara descende de Monna Mina, dos Salimbeni. Estão muito animadas com sua presença aqui, pois durante muitos anos pensaram que você tinha morrido. Ambas são muito versadas no passado e sabem muitas coisas sobre a mulher cujo nome você herdou, Giulietta Tolomei.

Olhei para as duas senhoras. Pareceu-me perfeitamente razoável que elas soubessem tudo sobre meus ancestrais e os acontecimentos de 1340, pois davam a impressão de ter vindo diretamente da Idade Média, numa carruagem puxada por cavalos, para a recepção de Eva Maria. As duas pareciam ser mantidas de pé exclusivamente pelos espartilhos e pelas golas altas de renda. Uma delas sorria recatadamente atrás de um leque preto, enquanto a outra me olhava com um pouco mais de reserva, usando um penteado que eu só vira em quadros antigos, com uma pena de pavão espetada.

Ao lado de suas formas antiquadas, Eva Maria parecia decididamente juvenil e fiquei feliz por ela ter permanecido a meu lado, toda agitada, para traduzir o que as velhas senhoras me diziam.

– Monna Teresa quer saber – começou ela, referindo-se à mulher do leque – se você tem uma irmã gêmea, chamada Giannoza. É uma tradição de centenas de anos na família chamar as gêmeas de Giulietta e Giannoza.

– Para dizer a verdade, tenho. Gostaria que ela estivesse aqui hoje. Ela... – corri os olhos pelo salão à luz de velas e por toda aquela gente bizarra e engoli um sorriso – ... iria adorar.

A velha senhora abriu um sorriso todo encarquilhado ao saber que éramos duas e me fez prometer que traria minha irmã comigo numa próxima visita.

– Mas, se esses nomes são uma tradição de família, deve haver centenas, milhares de outras Giuliettas Tolomei por aí!

– Não, não, não! – exclamou Eva Maria. – Lembre-se de que estamos falando de uma tradição da linhagem feminina e de que as mulheres adotam o sobrenome do marido quando se casam. Até onde Monna Teresa sabe, em todos esses anos, não houve outras meninas batizadas de Giulietta e Giannoza *Tolomei*. Mas a sua mãe era teimosa... – comentou Eva Maria, balançando a cabeça com relutante admiração. – Queria desesperadamente ter esse sobrenome e por isso se casou com o professor Tolomei. E, imagine só, teve gêmeas! – Ela olhou para Monna Teresa, em busca de confirmação. – Ao que saibamos, você é a única Giulietta Tolomei do mundo. Isso a torna muito especial.

As três me olharam com esperança e fiz o melhor possível para parecer agradecida e interessada. É óbvio que me sentia encantada por descobrir mais informações sobre minha família e conhecer parentes distantes, mas o momento poderia ter sido melhor. Há noites em que a gente fica perfeitamente satisfeita de conversar com senhoras idosas de golas altas rendadas. Mas há outras em que se preferiria fazer outra coisa. Nessa ocasião especial, com toda a franqueza, eu ansiava ficar a sós com Alessandro – onde ele estava? – e, apesar de ter ficado contente em passar muitas madrugadas absorta nos trágicos eventos de 1340, o folclore familiar não era o que eu estava com mais vontade de explorar nessa noite específica.

Mas então foi a vez de Monna Chiara virar-se para segurar meu braço e falar seriamente comigo sobre o passado, numa voz frágil e quebradiça como papel de seda. Inclinei-me o máximo que pude para junto dela, para evitar a pena de pavão.

– Monna Chiara a está convidando a visitá-la – traduziu Eva Maria –, para que você possa ver o arquivo de documentos familiares. A antepassada dela, Monna Mina, foi a primeira mulher a tentar decifrar a história de Giulietta, Romeo e Frei Lorenzo. Foi ela quem achou a maioria dos papéis antigos; encontrou as atas do processo contra Frei Lorenzo, junto com a confissão dele, num arquivo escondido na antiga câmara de tortura do Palazzo Salimbeni. Ela também encontrou as cartas de Giulietta para Giannoza, enfurnadas em muitos lugares. Algumas estavam embaixo de um piso no Palazzo Tolomei, outras, escondidas no Palazzo Salimbeni, e até havia uma, a última, em Rocca di Tentennano.

– Eu adoraria ver essas cartas – afirmei, sincera. – Vi alguns fragmentos, mas...

– Quando Monna Mina as encontrou – interrompeu-me Eva Maria, instigada por Monna Chiara, cujos olhos estranhamente distantes brilhavam à luz das velas –, ela fez uma longa viagem para visitar a irmã de Giulietta, Giannoza, e finalmente lhe entregar as cartas. Isso foi por volta de 1372.

Giannoza já era avó, uma vovó feliz, e vivia com seu segundo marido, Mariotto. Mas você pode imaginar o que foi, para ela, o choque de ler o que a irmã lhe escrevera havia tantos anos, antes de tirar a própria vida. Juntas, essas duas mulheres, Mina e Giannoza, conversaram sobre todos aqueles eventos e juraram fazer tudo que estivesse a seu alcance para manter viva essa história, para as gerações futuras.

Com uma pausa, Eva Maria sorriu e pôs delicadamente um braço em volta de cada uma das senhoras, abraçando-as em sinal de agradecimento, e ambas deram risinhos de menina diante desse gesto.

– E é por isso – concluiu, lançando-me um olhar significativo – que hoje estamos reunidos aqui: para relembrar o que aconteceu e garantir que nunca se repita. Monna Mina foi a primeira a fazer isso, há mais de 600 anos. Todo ano, enquanto viveu, em seu aniversário de casamento, ela descia ao porão do Palazzo Salimbeni, àquela cela pavorosa, e acendia velas para Frei Lorenzo. Quando suas filhas tiveram idade suficiente, passou a levá-las também, para que elas aprendessem a respeitar o passado e dessem continuidade à tradição. Durante muitas gerações, esse costume foi mantido vivo pelas mulheres das duas famílias. Mas agora, para a maioria das pessoas, todos esses acontecimentos estão muito distantes. E posso lhe garantir – ela piscou para mim, revelando um fragmento de sua personalidade habitual – que os grandes bancos modernos não gostam de procissões noturnas, com velas e senhoras idosas de camisola azul, andando por seus subterrâneos. Pergunte a Sandro. Por isso, hoje em dia fazemos nossas reuniões aqui, no Castello Salimbeni, e agora acendemos nossas velas em cima, não no porão. Somos civilizados, como você pode ver, e já não somos tão jovens. Por isso, *carissima*, ficamos felizes por tê-la aqui conosco hoje, na noite do casamento de Mina, e queremos lhe dar as boas-vindas a nosso círculo.

A PRIMEIRA VEZ que percebi que havia algo errado foi à mesa do bufê. Quando tentava pegar uma coxa de um pato assado, muito elegantemente acomodado no centro de uma travessa de prata, uma onda morna de letargia quebrou na praia da minha consciência, embalando-me com suavidade. Não foi nada dramático, mas a colher com que eu me servia caiu da minha mão, como se de repente todos os músculos tivessem amolecido.

Depois de respirar fundo algumas vezes, consegui levantar os olhos e me concentrar no que me cercava. O bufê espetacular de Eva Maria fora servido no terraço do lado de fora do imenso salão, sob a lua crescente, e, a céu aberto, as tochas altas desafiavam a escuridão com semicírculos concêntricos de fogo. Atrás de mim, a casa reluzia com o brilho de dezenas de janelas abertas e de holofotes externos; ela era um farol que se obstinava em manter a noite a distância, um derradeiro e refinado bastião do orgulho dos Salimbeni e, se eu não estava enganada, as leis do mundo ficavam fora daqueles portões.

Tornando a pegar a colher, procurei espantar meu torpor repentino. Só havia tomado uma taça de vinho – servida pessoalmente por Eva Maria, que queria saber o que eu achava de suas novas uvas *sangiovese* –, mas jogara fora metade dela num vaso de plantas, não querendo insultar suas aptidões vinhateiras por não terminar minha taça. Dito isso e considerando tudo o que havia acontecido nesse dia, seria estranho se, àquela altura, eu não me sentisse levemente perturbada.

Só então vi Alessandro. Ele havia emergido do jardim escuro e parado entre as tochas, olhando

diretamente para mim. Apesar de me sentir aliviada e animada por tê-lo finalmente de volta, no mesmo instante eu soube que havia algo errado. Não que ele parecesse aborrecido; sua expressão era mais de apreensão, talvez até de condolência, como se tivesse vindo bater à minha porta para me informar que houvera um acidente terrível.

Cheia de maus presságios, deixei o prato na mesa e me aproximei dele.

– “São muitos os dias de um minuto” – disse-lhe, tentando sorrir. – “Contando assim, eu já estarei velhinha antes de rever Romeu.”

Parei bem diante dele, tentando ler seus pensamentos. Mas já então, como na primeira vez que eu o vira, seu rosto estava completamente sem emoção.

– Shakespeare, Shakespeare – disse Alessandro, sem apreciar minha poesia. – Por que ele sempre está entre nós?

Atrevi-me a estender a mão para ele:

– Mas ele é nosso amigo.

– Será? – Pegou minha mão e a beijou, depois virou-a e beijou meu pulso, sem jamais desgrudar seus olhos dos meus. – Será mesmo? Então, me diga: o que nosso amigo iria querer que fizéssemos agora? – Ao ler a resposta em meus olhos, balançou a cabeça devagar. – E depois disso?

Levei um momento para captar o que ele queria dizer. Depois do amor vinha a separação e, depois da separação, a morte... de acordo com meu amigo, o Sr. Shakespeare. Mas, antes que eu pudesse lembrar a Alessandro que estávamos escrevendo nosso próprio final feliz – não estávamos? –, Eva Maria veio batendo as asas para nós como um magnífico cisne dourado, com o vestido flamejando à luz das tochas.

– Sandro! Giulietta! *Grazie a Dio!* – Ela acenou para que a seguissemos. – Andem! Venham depressa!

Não havia alternativa senão obedecer e voltamos para dentro de casa na esteira reluzente de Eva Maria, sem que nenhum de nós se desse o trabalho de lhe perguntar o que podia ser tão urgente. Ou talvez Alessandro já soubesse aonde estávamos indo e por quê; a julgar por sua carranca, estávamos outra vez à mercê do Bardo, da inconstante Fortuna ou de qualquer outra força que comandasse nosso destino nessa noite.

De volta ao grande salão, Eva Maria conduziu-nos direto por entre os convidados, cruzou uma porta lateral, percorreu um corredor e entrou numa sala de jantar formal e menor, que estava incrivelmente escura e silenciosa, considerando-se a recepção que acontecia logo ao lado. Só nessa hora, ao cruzar a soleira, ela parou por um instante e nos fez uma careta, com os olhos arregalados de agitação, para ter certeza de que continuávamos atrás dela e para ficarmos calados.

À primeira vista, a sala me pareceu deserta, mas a atitude teatral de Eva Maria me fez olhar outra vez. E então os vi. Havia dois candelabros com velas acesas, um em cada extremidade da mesa comprida, e em cada uma das 12 cadeiras de jantar de espaldar alto sentava-se um homem com a roupa monocromática do clero. Mais para um lado, encoberto pelas sombras, havia um homem mais jovem, de capuz, que balançava discretamente um incensório.

Minha pulsação se acelerou quando vi esses homens, que de repente me fizeram lembrar da advertência de Janice na véspera. Eva Maria, dissera minha irmã, transbordando de manchetes sensacionalistas depois de conversar com primo Peppo, era uma “chefona” da Máfia que mexia com forças ocultas e ali, em seu castelo longínquo, eram feitos rituais secretos de sangue para invocar os

espíritos dos mortos.

Mesmo em meu estado meio aturdido, eu teria saído porta afora no mesmo instante se Alessandro não tivesse passado um braço possessivo em volta de minha cintura.

- Esses homens - sussurrou Eva Maria, com a voz ligeiramente trêmula - são membros da Irmandade de Lourenço. Vieram de Viterbo para conhecê-la.

- A mim? - perguntei, olhando para os 12 homens sisudos. - Mas por quê?

- Shhh! - Ela me escoltou com grande pompa até a cabeceira da mesa, para me apresentar ao monge idoso que se afundara na cadeira ali colocada, mais parecida com um trono. - Ele não fala inglês, por isso vou traduzir - explicou. Fez uma mesura diante do monge, que tinha os olhos fixados em mim, ou, mais precisamente, no crucifixo pendurado em meu pescoço. - Giulietta, este é um momento muito especial. Gostaria que você conhecesse Frei Lorenzo.

*Oh noite abençoada; eu tenho medo
Que, por ser noite, isto seja só sonho,
Bom e doce demais pra ter substância.*

– *Giulietta Tolomei!* – exclamou o velho monge, levantando-se da cadeira para envolver meu rosto com as mãos e olhar fundo em meus olhos. Só então tocou o crucifixo pendurado em meu pescoço, não com desconfiança, mas com reverência. Depois de ver o bastante, inclinou-se para beijar minha testa, com lábios secos como madeira.

– Frei Lorenzo – explicou Eva Maria – é o líder da Irmandade de Lourenço. O líder sempre assume o nome Lorenzo, em homenagem ao amigo de sua ancestral. É uma grande honra esses senhores haverem concordado em vir aqui hoje para lhe entregar algo que lhe pertence. Faz muitas centenas de anos que os homens da Irmandade de Lourenço anseiam por este momento!

Quando Eva Maria parou de falar, Frei Lorenzo fez sinal para que os outros monges também se levantassem, o que todos fizeram sem dizer nada. Um deles inclinou-se para pegar uma caixinha que estivera no centro da mesa de jantar e que foi passada de mão em mão, com grande cerimônia, até finalmente chegar a Frei Lorenzo.

Assim que reconheci a caixa como a que eu havia encontrado mais cedo na mala do carro de Alessandro, dei um passo atrás, mas, ao sentir que eu me mexia, Eva Maria cravou os dedos em meu ombro, para me manter onde estava. E, quando Frei Lorenzo embarcou numa longa explicação em italiano, ela traduziu com urgência arfante cada palavra que ele dizia:

– Este é um tesouro que foi guardado pela Virgem Maria por vários séculos e somente você deve usá-lo. Durante muitos anos, ele ficou enterrado sob um piso com Frei Lorenzo, mas, quando o corpo dele foi levado do Palazzo Salimbeni, em Siena, para o campo-santo em Viterbo, os monges o descobriram entre seus restos mortais. Eles acreditam que Lorenzo deve tê-lo escondido em algum lugar do corpo, para impedir que caísse em mãos erradas. Desde então, esse tesouro ficou desaparecido por muito tempo, mas finalmente está aqui e pode ser abençoado outra vez.

Nesse momento, Frei Lorenzo finalmente abriu a caixa, revelando o anel de sinete de Romeo, aninhado em veludo azul-real, e todos, inclusive eu, nos inclinamos para olhar.

– *Dio!* – murmurou Eva Maria, admirando aquela maravilha. – Essa é a aliança de casamento de Giulietta. É um milagre que Frei Lorenzo tenha conseguido salvá-la.

Olhei de relance para Alessandro, esperando que ele parecesse ao menos um pouco culpado por ter dirigido o dia inteiro com o maldito anel na mala do carro e só ter me contado parte da história. Mas sua expressão era absolutamente serena: ou ele não sentia culpa alguma ou era assustadoramente capaz de mascarar-la. Enquanto isso, Frei Lorenzo consagrava o anel com uma bênção complicada,

antes de tirá-lo da caixa com dedos trêmulos e entregá-lo não a mim, mas a Alessandro.

– Romeo Marescotti... *per favore*.

Alessandro hesitou antes de pegar o anel e, quando fitei seu rosto, o vi trocar um olhar demorado com Eva Maria, um olhar sombrio e carrancudo, que marcou um simbólico ponto irreversível entre os dois e se fechou em torno de meu coração como a mão de um açougueiro antes do golpe.

Nesse exato momento, talvez compreensivelmente, uma segunda onda de torpor me embotou a visão e oscilei por um instante, enquanto a sala girava à minha volta, sem parar por completo em momento algum. Segurando o braço de Alessandro para me apoiar, pisquei os olhos algumas vezes, num esforço para me recuperar; por incrível que pareça, nem ele nem Eva Maria deixaram que minha perturbação repentina interrompesse o momento.

– Na Idade Média – começou Alessandro, traduzindo o que Frei Lorenzo lhe dizia –, era muito simples. O homem dizia “eu te ofereço este anel”, e pronto. Era esse o casamento – concluiu. Pegou minha mão e enfiou o anel em meu dedo. – Nada de diamantes. Só a água.

Foi sorte deles eu estar gogue demais para manifestar minha opinião sobre enfiarem em meu dedo, sem o meu consentimento, um anel maléfico que saíra do caixão de um morto. Havia um elemento estranho – não o vinho, mas alguma outra coisa – embaralhando minhas faculdades mentais e, àquela altura, toda a minha capacidade de raciocínio estava enterrada sob uma avalanche de êbrio fatalismo. Assim, fiquei simplesmente parada, dócil como um boi, enquanto Frei Lorenzo erguia uma oração às forças superiores e, em seguida, pedia outro objeto que se encontrava na mesa.

Era a adaga de Romeo.

– Essa adaga está amaldiçoada – explicou Alessandro em voz baixa –, mas Frei Lorenzo vai cuidar dela e se certificar de que não cause mais danos...

Mesmo em meu aturdimento, consegui pensar: *Quanta gentileza dele! E quanta gentileza sua pedir minha permissão, antes de dar a esse cara uma herança que meus pais deixaram para mim!* Mas não falei nada.

– Shhh! – sibilou Eva Maria, que obviamente não se importava com o fato de eu entender ou não o que estava acontecendo. – Deem a mão direita!

Alessandro e eu a olhamos, intrigados, quando ela esticou a mão direita e a pôs sobre a adaga, que Frei Lorenzo estendia para nós.

– Ande! – insistiu ela comigo. – Ponha sua mão sobre a minha!

Assim fiz. Pus a mão sobre a dela, como uma criança fazendo uma brincadeira, e Alessandro pôs sua mão direita em cima da minha. Para fechar o círculo, Frei Lorenzo colocou sua mão livre sobre a de Alessandro, murmurando uma prece que soou como uma invocação das forças inferiores.

– Esta adaga – sussurrou Alessandro, ignorando o furioso olhar de advertência de Eva Maria – não ferirá mais nenhum Salimbeni, Tolomei ou Marescotti. Está encerrado o ciclo de violência. Não mais poderemos ferir uns aos outros com arma alguma. A paz finalmente voltou e esta adaga deve ser devolvida ao lugar de onde veio, vertida de novo nos veios da terra.

Ao terminar a oração, Frei Lorenzo pôs a adaga com muito cuidado num estojo de metal retangular com uma tranca. Então, ao entregar o estojo a um de seus irmãos, o velho monge ergueu a cabeça e sorriu para nós, como se aquela fosse uma reunião social perfeitamente corriqueira e não houvéssemos acabado de participar de uma cerimônia de casamento medieval e de um ato de exorcismo.

– E agora – disse Eva Maria, não menos exultante que ele –, uma última coisa. Uma carta... – Esperou Frei Lorenzo tirar um pequeno rolo de pergaminho amarelado de um bolso de seu hábito. Se realmente era uma carta, devia ser muito antiga e nunca fora aberta, pois o lacre vermelho ainda estava intacto. – Essa – explicou Eva Maria – é uma carta que Giannoza mandou para sua irmã, Giulietta, em 1340, quando ela morava no Palazzo Tolomei. Mas Frei Lorenzo nunca pôde entregá-la, por causa de tudo o que aconteceu no Palio. Só recentemente a Irmandade de Lourenço a encontrou, nos arquivos do mosteiro ao qual o frade levava Romeo para se recuperar depois de salvar sua vida. Agora, ela é sua.

– Hmm, obrigada – respondi, vendo Frei Lorenzo repor a carta no bolso.

Então Eva Maria estalou os dedos e, num piscar de olhos, um garçom materializou-se bem ao nosso lado, carregando uma bandeja com taças de vinho seculares.

– *Prego* – disse a anfitriã, entregando a taça maior a Frei Lorenzo, antes de nos servir a todos e de erguer sua taça num brinde cerimonial. – Ah, e, Giulietta... Frei Lorenzo disse que, quando você tiver... quando tudo isso houver terminado, você deve ir a Viterbo e devolver o crucifixo a seu verdadeiro dono. Em troca, ele lhe dará a carta de Giannoza.

– Que crucifixo? – perguntei, ciente de estar com a fala arrastada.

– Esse aí. – Ela apontou para o crucifixo em meu pescoço. – Ele pertencia a Frei Lorenzo. Ele o quer de volta.

Apesar do buquê de poeira e polidor de metais, bebi furiosamente. Não há nada como a presença de monges fantasmagóricos de capas bordadas para fazer uma garota precisar de uma bebida. Isso para não falar de minhas tonteiras recorrentes e do anel de Romeo, já então entalado – definitivamente entalado – em meu dedo. Por outro lado, pelo menos eu tinha enfim encontrado algo que de fato me pertencia. Quanto à adaga, agora guardada num estojo de metal antes de sua viagem de volta ao cadinho, talvez fosse mesmo hora de eu reconhecer que, na verdade, ela nunca fora minha.

– E agora – declarou Eva Maria, depondo sua taça –, está na hora da nossa procissão.

QUANDO EU ERA pequena, às vezes ficava encolhida em um canto da bancada da cozinha vendo Umberto trabalhar, enquanto ele me contava histórias de procissões religiosas na Itália durante a Idade Média. Falava-me de padres carregando pelas ruas as relíquias de santos mortos e de tochas, palmas e estátuas sagradas em andores. Vez por outra, concluía uma história dizendo “é isso ainda acontece até hoje”, mas eu sempre havia interpretado essa frase como o “é viveram felizes para sempre” no fim dos contos de fadas: uma fantasia otimista, nada mais.

Com certeza, eu nunca poderia imaginar que participaria de uma procissão, sobretudo de uma aparentemente montada, pelo menos em parte, em minha homenagem e que conduzisse 12 monges austeros pela casa inteira – inclusive por meu quarto –, seguidos pela maioria dos convidados de Eva Maria carregando velas altas.

Ao percorrermos com lentidão a *loggia* do primeiro andar, seguindo obedientemente a trilha do incenso e do cântico de Frei Lorenzo em latim, olhei ao redor em busca de Alessandro, mas não o vi em parte alguma. Ao perceber minha inquietude, Eva Maria me segurou pelo braço e sussurrou:

– Sei que você está cansada. Por que não vai se deitar? Esta procissão vai demorar muito. Amanhã conversaremos, você e eu, quando tudo isto tiver acabado.

Nem tentei protestar. A verdade era que estava exausta e não queria outra coisa senão subir em minha cama gigantesca e me enroscar feito uma bolota, mesmo que isso significasse perder o resto da estranha festa de Eva Maria. Assim, quando voltamos a passar por minha porta, me afastei discretamente do grupo e escapuli para dentro do quarto.

Minha cama ainda estava úmida dos salpicos de água benta de Frei Lorenzo, mas não me importei. Sem parar nem para tirar os sapatos, desabei de bruços sobre a colcha, certa de que adormeceria em um minuto. Ainda sentia na boca o gosto amargo do *sangiovese* de Eva Maria, mas não tinha forças nem mesmo para escovar os dentes.

Uma vez deitada, porém, à espera da letargia, senti minha tonteira diminuir a tal ponto que, de repente, tudo voltou a ficar perfeitamente claro. O quarto parou de girar à minha volta e pude me concentrar no anel em meu dedo, que eu continuava sem conseguir tirar e que parecia emanar uma energia própria. No começo, essa sensação me enchera de medo, mas, nesse momento, quando vi que ainda estava viva e não fora prejudicada por seus poderes destrutivos, o medo cedeu lugar a uma expectativa excitante. De quê, eu não tinha muita certeza, mas de repente entendi que não poderia relaxar enquanto não falasse com Alessandro. Tinha esperança de que ele pudesse me dar uma interpretação serena dos acontecimentos da noite; na falta disso, eu ficaria muito contente se apenas me tomasse nos braços e me deixasse passar algum tempo escondida neles.

Tirei os sapatos e fui até a sacada, na esperança de vislumbrá-lo em seu quarto. Ele sem dúvida ainda não teria ido dormir e com certeza, apesar de tudo que tinha acontecido nessa noite, estaria mais do que disposto a continuar de onde havíamos parado à tarde.

Ele estava parado bem ali na sacada, inteiramente vestido, com as mãos no parapeito, contemplando a noite com ar desolado.

Apesar de ter ouvido minha porta se abrir e de saber que eu estava ali, não se virou, apenas respirou fundo e disse:

– Você deve achar que somos loucos.

– Você sabia disso tudo? – perguntei. – Que eles estariam aqui... Frei Lorenzo e os monges?

Alessandro finalmente virou-se para mim, com um olhar mais tenebroso do que o céu estrelado às suas costas.

– Se soubesse, não teria trazido você. – Após uma pausa, acrescentou em tom franco: – Desculpe-me.

– Não se desculpe... – retruquei, chegando mais perto, na esperança de aliviar sua expressão carregada. – Nunca me diverti tanto. Quem não se divertiria? Essas pessoas... Frei Lorenzo... Monna Chiara... todos caçando fantasmas... É disso que são feitos os sonhos.

Alessandro balançou a cabeça uma única vez:

– Não os meus.

– E olhe! – Levantei a mão. – Recuperei meu anel.

Ele continuou sem sorrir.

– Mas não era isso que você estava procurando. Você veio a Siena encontrar um tesouro, não foi?

– Talvez o fim da maldição de Frei Lorenzo seja a coisa mais valiosa que eu possa encontrar.

Desconfio que ouro e pedras preciosas não servem para grande coisa no fundo de uma sepultura.

– Então é isso que você quer fazer: pôr fim à maldição? – indagou ele, estudando meu rosto e claramente se perguntando o que eu pretendia dizer.

– Não é o que estamos fazendo hoje? – retruquei, chegando mais perto. – Desfazendo os males do passado? Escrevendo um final feliz? A menos que eu esteja muito enganada... acabamos de nos casar... ou de fazer alguma coisa muito parecida.

– Ah, meu Deus! – disse ele, passando as duas mãos no cabelo. – Sinto muito por aquilo tudo!

Ao ver seu embaraço, não pude deixar de rir:

– Bem, já que esta é para ser a nossa noite de núpcias, é uma vergonha você não irromper pelo meu quarto e me dar uns tapas, bem ao estilo medieval! Aliás, vou descer agora mesmo para me queixar com Frei Lorenzo... – Fiz que ia sair, mas ele segurou meu pulso e me deteve.

– Você não vai a lugar nenhum – disse, entrando enfim na brincadeira. – Venha cá, mulher... – E me apertou nos braços e me beijou até eu parar de rir.

Só quando comecei a desabotoar sua camisa ele voltou a falar:

– Você acredita em *para sempre*? – perguntou, detendo minhas mãos por um instante.

Fitei-o nos olhos, surpresa com sua sinceridade. Levantando o anel da águia entre nós, murmurei:

– Para sempre começou há muito tempo.

– Se você quiser, posso levá-la de volta para Siena e... deixá-la em paz. Agora mesmo.

– E depois?

Ele afundou o rosto em meu cabelo:

– Chega de caçar fantasmas.

– Se você me largar agora – sussurrei, encostando todo o meu corpo no dele –, talvez leve mais 600 anos para me encontrar de novo. Está disposto a correr esse risco?

QUANDO ACORDEI, AINDA não havia amanhecido e me vi sozinha num ninho de lençóis amarfanhados. Do jardim lá fora vinha o canto persistente e obsessivo de um pássaro e fora ele, muito provavelmente, que havia penetrado em meus sonhos e me despertado. Segundo meu relógio, eram três horas da manhã, mas fazia muito que nossas velas tinham se extinguido e a única luz no quarto era o brilho puro da lua cheia entrando pelas portas.

Talvez fosse ingenuidade minha, mas fiquei chocada por Alessandro ter saído da minha cama desse jeito, em nossa primeira noite juntos. O modo como ele me abraçara antes de adormecermos me fizera pensar que nunca mais me soltaria.

No entanto, ali estava eu, sozinha e me perguntando por quê, sentindo-me seca e de ressaca por causa do que me atingira mais cedo – fosse o que fosse. Minha confusão não foi aliviada pelo fato de as roupas de Alessandro, assim como as minhas, estarem no chão ao lado da cama. Acendendo um abajur, verifiquei a mesa de cabeceira e constatei que ele havia deixado até a corrente de couro com a bala, que eu tirara pessoalmente de seu pescoço algumas horas antes.

Enrolando-me num dos lençóis, me encolhi ao ver a bagueira que tínhamos feito na finíssima roupa de cama de Eva Maria. E não era só isso: emaranhada nos lençóis brancos havia uma trouxinha frágil de seda azul, que eu não notara até então. Estranhamente, quando comecei a desdobrá-la, demorei um pouco para perceber do que se tratava, provavelmente porque nunca mais esperava ver aquilo. E, definitivamente, não na minha cama.

Era o *cencio* de 1340.

Como eu não o notara até esse momento, aquele artefato de valor inestimável devia ter sido

escondido entre os lençóis por alguém que estava determinado a me fazer dormir em cima dele. Mas quem? E por quê?

Vinte anos antes, minha mãe tinha ido a extremos para proteger esse *cencio* e deixá-lo para mim. Eu, por minha vez, o havia encontrado, mas logo o perdera. No entanto, ali estava ele de novo, bem embaixo de mim, como uma sombra da qual eu não conseguisse me livrar. Ainda na véspera, em Rocca di Tentennano, eu tinha perguntado a Alessandro à queima-roupa se ele sabia onde estava o *cencio*. Sua resposta enigmática fora que, onde quer que estivesse, não significaria nada sem mim. E agora, subitamente, ao me sentar ali, segurando-o nas mãos, tudo fez sentido.

De acordo com o diário de Maestro Ambrogio, Romeo Marescotti havia jurado que, se vencesse o Palio de 1340, usaria o *cencio* como seu lençol de núpcias. Mas o perverso Salimbeni fizera tudo o que estivera a seu alcance para impedir que Romeo e Giulietta passassem sequer uma noite juntos – e fora bem-sucedido.

Até esse momento.

Então, pensei, espantada por conseguir dar sentido àquilo tudo às três horas da manhã, talvez fosse por isso que eu tinha sentido cheiro de incenso em meu quarto ao voltar da piscina, na véspera. Talvez Frei Lorenzo e os monges tivessem querido certificar-se pessoalmente de que o *cencio* ficaria em seu devido lugar... na cama que eu talvez compartilhasse com Alessandro.

De um ponto de vista lisonjeiro, tudo isso era muito romântico. Estava claro que a Irmandade de Lourenço considerava ser sua missão ajudar os Tolomei e os Salimbeni a “desfazerem” seus pecados de outrora, para que a maldição de Frei Lorenzo pudesse finalmente ser quebrada – daí a cerimônia naquela noite, para recolocar o anel de Romeo no dedo de Giulietta e descarregar de toda a sua maldade a adaga da Águia. Consegui até me convencer a encarar de forma favorável a colocação do *cencio* em minha cama; se a versão da história relatada por Maestro Ambrogio era mesmo verdadeira e a de Shakespeare estava errada, Romeo e Giulietta haviam esperado muito tempo para consumar seu casamento. Quem poderia se opor a uma cerimôniazinha?

Mas a questão não era essa. Quem quer que tivesse colocado o *cencio* em minha cama devia estar mancomunado com o falecido Bruno Carrera e, portanto, direta ou indiretamente, fora responsável pela invasão do Museu da Águia, que tinha mandado meu pobre primo Peppo para o hospital. Em outras palavras, não fora um mero capricho romântico que me pusera sentada ali, nessa noite, com o *cencio* nas mãos; estava claro que havia algo maior e mais sinistro em jogo.

Com um medo súbito de que alguma coisa ruim tivesse acontecido a Alessandro, finalmente saí da cama. Em vez de catar uma roupa nova, simplesmente tornei a enfiar o vestido de veludo vermelho que estava no chão e fui abrir as portas. Ao sair para a sacada, enchi os pulmões com a sanidade tranquilizante de uma noite fresca antes de me esticar para espiar o interior do quarto de Alessandro.

Não o vi. Entretanto, todas as luzes estavam acesas e ele parecia ter saído às pressas, sem ao menos fechar a porta.

Levei um ou dois segundos reunindo coragem para abrir a porta da sacada e entrar no quarto. Embora, àquela altura, eu me sentisse mais próxima dele que de qualquer outro homem que já conhecera, ainda havia uma vozinha em minha cabeça que dizia que, à parte os traços fisionômicos e as palavras de ternura, eu não o conhecia nem um pouco.

Fiquei um instante no meio do cômodo, observando a decoração. Estava claro que aquele não era

apenas mais um quarto de hóspedes, mas o quarto dele, e, numa situação diferente, eu teria adorado bisbilhotar as fotos nas paredes e todos os potinhos cheios de quinquilharias estranhas.

Quando já ia dar uma espiada no banheiro, percebi vozes distantes vindo de algum lugar além da porta entreaberta que dava para a *loggia* interna. Ao pôr a cabeça para fora, contudo, não vi ninguém na *loggia* nem no grande salão do térreo; era evidente que a recepção havia terminado horas antes e a casa estava às escuras, a não ser por um ou outro candelabro de parede bruxuleando num canto.

Entrei na *loggia*, tentando descobrir de onde vinham as vozes, e concluí que as pessoas que eu ouvia estavam em outro quarto de hóspedes, um pouco mais adiante no corredor. Apesar da impressão de vozes dispersas e desencarnadas – para não falar do meu próprio estado de espírito –, tive a certeza de ter ouvido Alessandro. Ele e mais alguém. O som da voz dele me deixou ao mesmo tempo nervosa e aquecida e percebi que não conseguiria voltar a dormir se não visse quem tinha conseguido arrastá-lo para longe de mim nessa noite.

A porta do quarto estava entreaberta e, ao me aproximar, pé ante pé, tomei o cuidado de não pisar no feixe de luz que se derramava sobre o piso de mármore. Esticando-me para espiar o interior do quarto, consegui ver dois homens e até captar fragmentos de sua conversa, embora não compreendesse o que diziam. Alessandro estava mesmo lá dentro, sentado sobre uma escrivaninha, usando apenas uma calça jeans e parecendo visivelmente tenso, comparado à última vez que eu o vira. Assim que o outro homem virou-se de frente para ele, entendi por quê.

Era Umberto.

*Serpente oculta pela flor de um rosto!
Que dragão tem morada tão bonita?*

Janice sempre dissera que a pessoa precisa sofrer pelo menos uma decepção para crescer e descobrir quem realmente é. Para mim, essa doutrina cruel nunca havia passado de mais uma excelente razão para eu não me apaixonar. Até esse momento. Parada ali na *loggia* nessa noite, vendo Alessandro e Umberto conspirarem contra mim, finalmente soube exatamente quem eu era. Era o bufão de Shakespeare.

Afinal, a despeito de tudo o que ficara sabendo sobre Umberto na semana anterior, a primeira coisa que senti ao vê-lo foi alegria. Uma alegria ridícula, borbulhante, absurda, que levei alguns minutos para aquietar. Duas semanas antes, após o enterro de tia Rose, eu tinha achado que ele era a única pessoa que me restava no mundo para amar e, ao partir para minha aventura na Itália, me sentira culpada por deixá-lo para trás. Agora, é claro, tudo era diferente, mas isso não significava, como percebi nesse momento, que eu tivesse deixado de gostar dele.

Vê-lo foi um choque, mas no mesmo instante soube que não deveria ter sido. Logo que Janice me contara que, na verdade, Umberto era Luciano Salimbeni, eu soubera que, apesar de todas as suas perguntas bobas ao telefone, fingindo entender errado tudo o que eu lhe dizia sobre a caixa de minha mãe, ele estivera vários passos à minha frente o tempo todo. E, como eu o amava e continuara a defendê-lo diante de Janice – insistindo em que, de algum modo, ela havia entendido mal a polícia, ou se tratava simplesmente de um caso de erro de identidade –, a traição dele era muito mais dolorosa.

Por mais que eu tentasse explicar sua presença ali nessa noite, já não havia dúvida de que Umberto era mesmo Luciano Salimbeni. Fora ele quem tinha posto Bruno Carrera atrás de mim, para roubar o *cencio*. E, considerando seu histórico – as pessoas tendiam a morrer quando Luciano estava por perto –, era muito provável que tivesse sido ele quem ajudara Bruno a atar os cadarços dos sapatos pela última vez.

O estranho era que Umberto tinha exatamente o mesmo jeito de sempre. Até a expressão de seu rosto era como eu lembrava: meio arrogante, meio divertida, nunca deixando transparecer seus pensamentos mais íntimos.

Eu é que tinha mudado.

Nessa hora, pude enfim perceber que Janice estivera certa sobre ele durante todos aqueles anos; ele era um psicopata esperando a hora de surtar. E, quanto a Alessandro, infelizmente, ela também tinha razão. Janice dissera que ele não dava a mínima para mim e que tudo não passava de uma grande farsa para pôr as mãos no tesouro. Bem, eu devia ter lhe dado ouvidos. Mas era tarde demais. Ali estava eu, fazendo papel de idiota, com a sensação de que alguém tinha destruído meu futuro a

marretadas.

Parada ali, vendo os dois pela porta, pensei: *seria natural que eu chorasse agora*. Mas não pude. Tinham acontecido coisas demais nessa noite – não me restava nenhuma emoção, a não ser um nó na garganta que em parte era incredulidade, em parte, medo.

Enquanto isso, dentro do quarto, Alessandro desceu da escrivaninha e disse alguma coisa a Umberto que envolvia os conceitos que me eram familiares: *Frei Lorenzo, Giulietta e cencio*. Em resposta, Umberto meteu a mão no bolso e tirou um pequeno frasco verde, disse alguma coisa que não consegui compreender e o agitou com vigor antes de entregá-lo a Alessandro.

Ofegante e apoiada na ponta dos pés, tudo o que consegui enxergar foi o vidro verde e a rolha. O que seria aquilo? Veneno? Uma poção para dormir? E para quê? Para mim? Será que Umberto queria que Alessandro me matasse? Nunca precisei tanto saber italiano quanto nessa hora.

Qualquer que fosse o conteúdo do frasco, Alessandro ficou completamente surpreso ao vê-lo. Ao girá-lo na mão, seus olhos tornaram-se praticamente demoníacos. Devolvendo-o a Umberto, ele disse alguma coisa com um risinho desdenhoso e, por um brevíssimo instante, ousei acreditar que, quaisquer que fossem os planos perversos de Umberto, Alessandro não queria ter nada a ver com eles.

Umberto apenas deu de ombros e pôs delicadamente o frasco sobre a mesa. Em seguida, estendeu a mão, claramente esperando alguma coisa em troca, e Alessandro franziu o cenho e lhe entregou um livro – que reconheci no mesmo instante.

Era o exemplar de *Romeu e Julieta* de minha mãe, que tinha desaparecido da caixa de documentos na véspera, enquanto Janice e eu explorávamos cavernas no aqueduto de Bottini... ou talvez mais tarde, quando trocávamos histórias de fantasmas no ateliê de Maestro Lippi. Não era de admirar que Alessandro não parasse de ligar para o hotel; sem dúvida, quisera se certificar de que eu não estava antes de invadir o quarto e levar o livro.

Sem uma palavra de agradecimento, Umberto começou a folhear o exemplar com uma voracidade cheia de orgulho, enquanto Alessandro enfiou as mãos nos bolsos e se afastou para olhar pela janela.

Engolindo em seco, para não deixar meu coração saltar pela boca, olhei para o homem cujas últimas palavras para mim – proferidas apenas algumas horas antes – tinham sido que ele se sentia renascido e redimido de todos os pecados. Ali estava ele, já me traindo, e não com uma pessoa qualquer, mas com o único outro homem em quem eu já havia confiado.

No instante em que decidi que tinha visto o bastante, Umberto fechou o livro com um gesto rude e o jogou com descaso na mesa, ao lado do frasco, resmungando alguma coisa que não era preciso falar italiano para compreender. Assim como Janice e eu, ele havia chegado à frustrante conclusão de que o livro sozinho não continha nenhuma pista sobre o paradeiro do túmulo de Romeu e Giulietta e de que obviamente faltava alguma outra pista essencial.

Sem aviso prévio, ele se encaminhou para a porta e mal tive tempo de disparar para as sombras e me esconder antes que ele entrasse na *loggia*, gesticulando impacientemente para que Alessandro o seguisse. Espremida numa reentrância da parede, vi os dois se afastarem pelo corredor e desaparecerem em silêncio na escadaria que levava ao grande salão.

Nesse momento, enfim senti as lágrimas se aproximarem, mas ainda assim as contive, pois eram mais de raiva do que de tristeza. Ótimo. Então, Alessandro tinha entrado nessa por dinheiro, tal

como Janice adivinhara. Já que era assim, poderia pelo menos ter tido a decência de manter as mãos longe de mim e não piorar as coisas. Quanto a Umberto, não havia palavras suficientes no grande dicionário de tia Rose para descrever minha fúria por ele estar ali nessa noite, fazendo aquilo comigo. Era óbvio que tinha sido ele quem manipulara Alessandro como um fantoche, dizendo-lhe para ficar de olho – e mãos, boca e tudo o mais – em mim o tempo todo.

Meu corpo executou a única estratégia lógica, antes mesmo que meu cérebro a aprovasse. Correndo para dentro do quarto de onde eles haviam acabado de sair, apanhei o livro e o frasco – este último só de pirraça. Depois, voltei correndo para o quarto de Alessandro e embulhei o produto de meu furto numa camisa que estava em cima da cama.

Ao examinar o quarto em busca de outros artigos que pudessem ser importantes para meu complexo de vítima, ocorreu-me que o objeto mais útil que eu poderia furtrar seriam as chaves do Alfa Romeo. Mas, ao abrir a gaveta da mesa de cabeceira de Alessandro, achei apenas um punhado de dinheiro trocado em moeda estrangeira, um rosário e um canivete. Sem nem ao menos me dar o trabalho de fechar a gaveta, corri os olhos pelo quarto à procura de outros locais possíveis, tentando colocar-me no lugar dele.

– Romeo, Romeo – resmunguei, espionando em volta –, onde guardas as chaves do teu carro?

Quando finalmente pensei em olhar embaixo dos travesseiros, fui recompensada com a descoberta não apenas das chaves, mas também de uma pistola. Sem me dar tempo para pensar duas vezes, peguei as duas coisas e fiquei pasma com o peso da arma. Se não estivesse tão transtornada, teria rido de mim mesma. Olhem só a pacifista! Tinham se acabado todos os meus sonhos cor-de-rosa com um mundo de perfeita igualdade e sem armas. Para mim, naquele instante, a pistola de Alessandro era exatamente o tipo de igualador de que eu precisava.

Voltando ao meu quarto, joguei tudo rapidamente dentro de minha bolsa de viagem. Quando estava fechando o zíper, meus olhos bateram no anel em meu dedo. Sim, era meu; e, sim, era de ouro maciço, mas também simbolizava minha simbiose espiritual – e agora física – com o homem que tinha invadido meu quarto de hotel duas vezes e roubado metade do meu mapa do tesouro para entregá-lo ao canalha fingido que, muito possivelmente, havia assassinado meus pais. Então, puxei e puxei até ele finalmente sair e o deixei sobre um dos travesseiros da cama, como um último adeus melodramático a Alessandro.

Com uma ponderação adicional, peguei o *cencio* e o dobrei com muito cuidado, antes de colocá-lo na bolsa com o resto das minhas coisas. Não que ele fosse ter a menor utilidade para mim nem que eu achasse que algum dia conseguiria vendê-lo – especialmente em seu estado atual. Não, eu apenas não queria que *eles* ficassem com aquilo.

Em seguida peguei o produto de minha pilhagem e saí de mansinho pela porta da sacada, sem esperar pelos aplausos.

AS ANTIGAS TREPADERAS que cresciam na parede eram fortes o suficiente para suportar meu peso quando comecei a descer do balcão. Primeiro joguei a bolsa, mirando num arbusto, e, ao ver que ela havia aterrissado em segurança, embarquei em minha fuga trabalhosa.

Descendo aos milímetros pela parede, com as mãos e os braços latejando, passei perto de uma janela que ainda estava iluminada, apesar da hora avançada. Esticando-me para me certificar de que

não havia ninguém naquele cômodo que pudesse ficar intrigado com os sons de arranhão que eu produzia, fiquei atônita ao ver Frei Lorenzo e três de seus irmãos monges, muito quietos e com as mãos cruzadas, sentados em quatro poltronas diante de uma lareira cheia de flores frescas. Dois deles estavam obviamente cochilando, mas Frei Lorenzo dava a impressão de que nada nem ninguém o obrigaria a fechar os olhos enquanto essa noite não acabasse.

Num dado momento, enquanto estava pendurada ali, ofegante e aflita, ouvi vozes agitadas que vinham do meu quarto e o som dos passos irritados de alguém em minha sacada. Prendendo a respiração, fiquei o mais imóvel que pude, até ter certeza de que a pessoa havia entrado. Mas a tensão prolongada foi demais para a trepadeira. No momento exato em que ousei voltar a me mexer, ela se quebrou e começou a se soltar da parede, o que me fez mergulhar de cabeça na vegetação abaixo.

Por sorte, a queda não foi de mais de três metros. Em compensação, aterrissei num canteiro de rosas. Mas, ao me soltar dos galhos espinhosos e pegar minha bolsa, eu estava agitada demais para sentir alguma dor de verdade; os arranhões em meus braços e pernas não eram nada comparados às fisgadas de derrota que eu não conseguia evitar enquanto me afastava mancando do que tinha sido, ao mesmo tempo, a melhor e a pior de todas as noites da minha vida.

Abrindo caminho pela escuridão orvalhada do jardim, acabei emergindo de uma moita pegajosa no círculo mal iluminado da entrada de automóveis. Parada ali, com a bolsa agarrada contra o peito, percebi que não haveria como tirar o Alfa Romeo: ele estava preso atrás de diversas limusines pretas, que só podiam pertencer à Irmandade de Lourenço. Por menos que a ideia me agradasse, começou a parecer que eu teria de voltar para Siena a pé.

Enquanto permaneci ali, ressentida com meu azar, de repente ouvi cães latindo furiosamente em algum lugar atrás de mim. Abri a bolsa, tirei a pistola rapidamente – só para garantir – e comecei a correr pela alameda de cascalho, erguendo preces entrecortadas a qualquer anjo da guarda que estivesse de plantão naquela área nessa noite. Se tivesse sorte, eu conseguiria chegar à estrada principal e pegar uma carona antes que me alcançassem. Se o motorista interpretasse meu traje romântico como um convite, a pistola com certeza logo desfaria o engano.

O portão alto na entrada de automóveis do Castello Salimbeni estava trancado, é claro, e não perdi meu tempo apertando os botões do interfone. Enfiando o braço por entre as grades de ferro, pus cuidadosamente a pistola no cascalho antes de jogar a sacola por cima do portão. Só quando ela caiu com um baque do outro lado me ocorreu que o impacto poderia ter quebrado o frasco em seu interior. Mas dificilmente eu me preocuparia com isso: imprensada entre os cães e o portão alto, eu teria sorte se o frasco fosse a única coisa quebrada ao fim da noite.

Então, finalmente segurei as barras de ferro e comecei a escalar. A menos da metade da subida, no entanto, ouvi pés correndo no cascalho atrás de mim e tentei freneticamente me apressar. Mas o metal estava frio e escorregadio e, antes que eu conseguisse içar o corpo a ponto de ficar fora do alcance, uma mão fechou-se com firmeza em meu tornozelo.

– Giulietta, espere!

Era Alessandro.

Fuzilei-o com o olhar, quase cega de medo e de raiva.

– Solte-me! – gritei, esperneando com toda a força para me livrar de sua mão. – Seu canalha! Espero que você queime no inferno! Você e a desgraçada da sua madrinha!

– Desça daí! – Alessandro não parecia disposto a negociar. – Desça antes que você se machuque!

Por fim consegui soltar o pé e subir mais, ficando fora do alcance dele.

– Nem pensar! Seu babaca! Prefiro quebrar o pescoço a continuar participando dos seus joguinhos doentios!

– Desça já! – insistiu ele, subindo atrás de mim e, dessa vez, agarrando minha saia. – E me deixe explicar, por favor!

Gemi de frustração. Eu estava desesperada para fugir e o que mais Alessandro poderia me dizer? Mas, com ele segurando obstinadamente o tecido do meu vestido, não havia nada que eu pudesse fazer além de ficar pendurada ali, bufando de desespero, enquanto meus braços e minhas mãos começavam aos poucos a perder as forças.

– Giulietta, escute, por favor. Posso explicar tudo...

Acho que estávamos tão concentrados um no outro que nenhum de nós notou uma terceira pessoa se aproximando na escuridão do outro lado do portão até ela dizer:

– Está bem, Romeu, tire as mãos de cima da minha irmã!

– Janice!

Fiquei tão surpresa ao vê-la que por pouco não soltei a grade e caí.

– Continue subindo! – instruiu-me ela, ajoelhando-se para pegar a pistola no cascalho. – E você, moço, deixe as mãos à mostra!

Apontou a arma para Alessandro pelo portão e ele me soltou no mesmo instante. Janice sempre foi muito convincente, independentemente de seus acessórios; de arma em punho, era a representação perfeita de alguém que não aceita não como resposta.

– Cuidado! – disse Alessandro, saltando do portão e dando alguns passos atrás. – Essa pistola está carregada...

– É claro que está carregada! – zombou Janice. – Ponha as patas para cima, Don Juan!

– ... e o gatilho dispara com muita facilidade.

– Ah, é mesmo? Bom, eu também! Mas, quer saber de uma coisa? Isso é problema seu! Você está do lado errado do cano!

Enquanto isso, consegui chegar pensamente ao alto do portão e, assim que pude, deixei-me cair no chão ao lado de Janice, com um uivo de dor.

– Nossa, Jules! Você está bem? Tome, pegue isto... – disse, me entregando a pistola. – Vou buscar nossa condução... Não, sua idiota! Aponte *para ele!*

Passamos apenas alguns segundos ali, mas foi como se o tempo tivesse parado. Alessandro me olhou pelo portão com um ar triste enquanto eu fazia o melhor possível para apontar a pistola para ele, com lágrimas de confusão comprometendo minha pontaria.

– Me dê o livro – foi tudo o que ele disse. – É isso que eles querem. Não vão deixá-la enquanto não o conseguirem. Confie em mim. Por favor, não...

– Ande logo! – gritou Janice, parando a motocicleta a meu lado e fazendo o cascalho voar. – Pegue a bolsa e suba! – Ao me ver hesitar, acelerou o motor, impaciente. – Mexa logo essa bunda, senhorita Julieta, a festa acabou!

Momentos depois, mergulhamos na escuridão montadas na Ducati Monster e, quando me virei para trás para dar uma última olhada, Alessandro estava parado lá, encostado no portão, como um homem que tivesse perdido o voo mais importante de sua vida por um erro bobo de cálculo.

*A morte, qual geada, pousou nela,
Na flor mais linda que os campos já viram.*

Passamos uma eternidade dirigindo por estradas rurais escuras, subindo e descendo morros, cruzando vales e passando por vilarejos adormecidos. Em nenhum momento Janice me disse aonde íamos e não me importei. Bastava estarmos em movimento e eu não ter que tomar nenhuma decisão por algum tempo.

Quando enfim entramos numa estradinha acidentada nos arredores de um vilarejo, eu estava tão cansada que tive vontade de me enroscar no canteiro mais próximo e dormir por um mês. Sem nada além do farol da moto para nos guiar, seguimos pelas curvas tortuosas de um emaranhado de arbustos e mato alto, até finalmente pararmos diante de uma casa completamente às escuras.

Desligando o motor, Janice tirou o capacete, sacudiu a cabeleira e me olhou por cima do ombro:

– Esta é a casa da nossa mãe. Na verdade, agora é nossa. – Tirou uma pequena lanterna do bolso. – Não tem eletricidade, então arranjei isto – disse e foi andando à minha frente até uma porta lateral, que destrancou e segurou para mim. – Bem-vinda ao lar.

Um corredor estreito levou-nos diretamente a um cômodo que só podia ser uma cozinha. Mesmo no escuro, a sujeira e o pó eram palpáveis e o ar cheirava a mofo, como roupa molhada apodrecendo no cesto.

– Proponho que a gente acampe aqui esta noite – continuou Janice, acendendo algumas velas. – Não tem água e está tudo meio sujo, mas lá em cima é pior ainda. E a porta da frente está totalmente emperrada.

– Como você encontrou este lugar? – perguntei, esquecendo por um instante como estava cansada e com frio.

– Não foi fácil – disse Janice, abrindo o zíper de outro bolso e tirando um mapa dobrado. – Ontem, depois que você e o fulaninho viajaram, comprei isto aqui. É claro que tentar encontrar um endereço neste país...

Quando não peguei o mapa para ver por mim mesma, ela apontou a lanterna direto para o meu rosto e balançou a cabeça.

– Olhe só para a sua cara! Você está um horror! E quer saber? Eu tinha certeza de que isso ia acontecer! Eu lhe avisei! Mas você não quis ouvir! É sempre assim!...

– Quer parar? – retruquei, fuzilando-a com os olhos, sem disposição para ouvi-la tripudiar. – O que exatamente você sabia, hein, bola de cristal? Que um culto esotérico ia... me drogar e...?

Em vez de responder aos gritos, como sem dúvida estava morrendo de vontade de fazer, Janice apenas bateu de leve com o mapa em meu nariz e disse, em tom sério:

– Eu sabia que o garanhão italiano era um atraso de vida. E lhe disse isso. Eu falei, “Jules, esse cara”...

Empurrei o mapa e cobri o rosto com as mãos.

– Por favor! Não quero falar nisso. Não agora.

Como ela continuou a apontar a lanterna para mim, estendi a mão e também a empurrei.

– Pare com isso! Estou com a cabeça latejando!

– Ó, céus – começou Janice, com o tom sarcástico que eu conhecia tão bem. – Desastre evitado por um triz na Toscana esta noite... Virgenteriana americana é salva pela irmã... mas sofre de intensa dor de cabeça.

– Está bem, vá em frente – resmunguei –, pode rir de mim. Eu mereço.

Esperei que ela continuasse e estranhei que não o fizesse. Quando enfim descobri o rosto, deparei com minha irmã me olhando fixamente, com ar intrigado. Então ela abriu a boca e ficou com os olhos totalmente arregalados:

– Não! Você *dormiu* com ele, não foi?

Ao receber apenas lágrimas como resposta, ela deu um longo suspiro e me envolveu nos braços:

– Bem, você disse que preferia ser ferrada por ele a ser ferrada por mim – comentou, dando um beijo em meu cabelo. – Espero que tenha valido a pena.

ACAMPADAS SOBRE CASACOS e almofadas roídos por traças no piso da cozinha, tensas demais para dormir, passamos horas deitadas no escuro, dissecando minha aventura no Castello Salimbeni. Embora os comentários de Janice fossem apimentados por uma ou outra piadinha previsível, acabamos concordando quanto à maioria das coisas, exceto a questão de eu dever ou não “ter caído na gandaia com o carinho da água”, nas palavras de Janice.

– Bem, essa é a sua opinião – acabei dizendo, dando-lhe as costas, na tentativa de encerrar o assunto –, mas, mesmo que eu soubesse tudo o que sei agora, ainda teria transado com ele.

– Aleluia! Que bom que você conseguiu *alguma coisa* com o nosso dinheiro – foi tudo o que minha irmã disse.

Pouco depois, ainda deitadas de costas uma para a outra num silêncio teimoso, ela de repente deu um suspiro e murmurou:

– Sinto saudade da tia Rose.

Sem ter muita certeza do que ela queria dizer – declarações desse tipo eram completamente atípicas em Janice –, por pouco não fiz um comentário sarcástico sobre ela só estar com saudade porque tia Rose teria concordado com ela, e não comigo, quanto a eu ser uma idiota por ter aceitado o convite de Eva Maria. Mas, em vez disso, simplesmente me ouvi dizer:

– Eu também.

E foi só. Minutos depois, a respiração dela ficou mais lenta e percebi que minha irmã tinha adormecido. Quanto a mim, finalmente sozinha com meus pensamentos, desejei mais do que nunca poder pegar no sono feito ela e sair voando numa casca de avelã, deixando para trás meu coração pesado.

NA MANHÃ SEGUINTE, ou melhor, bem depois do meio-dia, dividimos uma garrafa de água e uma barra de cereais do lado de fora, ao sol, sentadas no degrau caquético da entrada da casa, beliscando uma à outra de vez em quando, para nos certificarmos de que aquilo não era um sonho. Para começar, pelo que me contou, Janice tivera muita dificuldade para encontrar a casa e, não fossem as pessoas amistosadas do lugar, que lhe indicaram a direção certa, talvez ela nunca houvesse notado aquela bela adormecida em forma de construção escondida no matagal que um dia fora uma entrada para automóveis e um jardim.

– Dei um duro danado só para abrir o portão – disse ela. – Estava emperrado de tanta ferrugem. Isso sem falar da porta. É incrível que uma casa possa passar 20 anos assim, completamente vazia, sem ninguém entrar e se apossar dela.

– Aqui é a Itália – retruquei, dando de ombros. – Vinte anos não são nada. Aqui a idade não é problema. Como seria, se a pessoa está cercada por espíritos imortais? É uma sorte eles nos deixarem passar uns tempos, fingindo que esse lugar é nosso.

Janice soltou um grunhido.

– Aposto que a imortalidade é um saco. É por isso que eles gostam de se divertir com mortazinhas suculentas – disse com um risinho, passando a língua sugestivamente no lábio superior – como você.

Ao ver que eu ainda não conseguia rir, o sorriso dela tornou-se mais solidário, quase autêntico:

– Olhe só para você: conseguiu escapar! Imagine o que teria acontecido se eles a pegassem. Eles teriam... sei lá... – Até Janice teve dificuldade para imaginar o horror a que eu teria sido submetida. – Trate de ficar contente por sua irmãzinha aqui ter encontrado você a tempo.

Diante de sua expressão esperançosa, atirei os braços em volta dela e a apertei com força:

– Eu estou contente, pode crer! Só não entendo... Por que você foi lá? Daqui até o Castello Salimbeni é muito chão. Por que simplesmente não me...

Janice olhou para mim, as sobrançelas arqueadas:

– Você está brincando? Aqueles ratos safados roubaram nosso livro! É hora de dar o troco! Se você não tivesse vindo correndo pela alameda da entrada daquele jeito, como se tivesse um foguete no rabo, eu teria invadido aquilo e vasculhado a porcaria do castelo inteiro.

– Bom, este é seu dia de sorte! – comentei. Levantei-me e fui à cozinha buscar minha bolsa de viagem. – *Voilà!* – exclamei, jogando-a aos pés de Janice. – E não diga que não dei tudo pelo time.

– Não brinca! – Ela abriu ansiosa o fecho da bolsa e começou a remexer em seu interior. Segundos depois, no entanto, tirou a mão, enojada. – Eca! Que diabo é isso?

Ambas olhamos para suas mãos. Estavam manchadas de sangue ou coisa muito parecida.

– Caramba, Jules! – exclamou Janice. – Você matou alguém? Eca! O *que é* isso? – e cheirou as mãos, com grande apreensão. – É sangue, sim. Por favor, diga que não é seu, porque, se for, vou voltar lá agora mesmo e transformar aquele cara numa obra de arte moderna!

Por alguma razão, sua careta hostil me fez rir, talvez por eu ainda estar muito pouco acostumada a vê-la me defender desse jeito.

– Bom, vamos lá! – exclamou, esquecendo a raiva assim que me viu finalmente sorrir. – Você me assustou! Nunca mais faça isso.

Juntas, pegamos a bolsa e a viramos. Dela caíram minhas roupas, assim como o exemplar de *Romeu e Julieta*, que, por sorte, não tinha sofrido muitos danos. Mas o misterioso frasco verde se

espatifara todo, provavelmente na hora em que eu jogara a bolsa por cima do portão.

– O que é isso? – perguntou Janice, apanhando um caco de vidro e o girando na mão.

– Esse é o frasco de que lhe falei; o que Umberto deu a Alessandro e que o deixou furioso.

– Hmmm. – Janice limpou as mãos na grama. – Bem, pelo menos agora sabemos o que havia dentro dele. Sangue. Vai entender! Talvez você tivesse razão e todos fossem mesmo vampiros. Talvez isso aí fosse uma espécie de lanchinho para o meio da manhã...

Passamos um momento ponderando as possibilidades. A certa altura, apanhei o *cencio* e o olhei com pesar.

– Que lástima! Como se tira sangue de seda?

Janice levantou uma ponta e abrimos o *cencio* entre nós, avaliando os estragos. Admito que o frasco não tinha sido o único culpado, mas eu sabia que não convinha contar isso a ela.

– Santa Maria, mãe de Deus! – exclamou Janice, de repente. – É isso: não é para tirar o sangue. Era exatamente assim que eles queriam que o *cencio* ficasse. Não percebe?

Ela me fitou com um olhar ansioso, mas devo ter feito uma expressão vazia.

– É exatamente como nos velhos tempos – explicou –, quando as mulheres inspecionavam o lençol nupcial na manhã seguinte ao casamento! E aposto com você que... – pegou uns dois cacos do frasco quebrado e também a rolha – isto aqui é, ou *era*, o que na comunidade casamenteira se chama de *virgindade instantânea*. Não é só sangue, mas sangue misturado com uma outra coisa. É uma ciência, pode acreditar.

Ao ver minha expressão, Janice caiu na gargalhada.

– Ah, sim, isso ainda existe. Você não acredita? Acha que as pessoas só examinavam os lençóis na Idade Média? Pois se enganou! Não esqueçamos que algumas culturas ainda vivem na Idade Média. Pense bem: se você está voltando para sua cidadezinha no meio do nada para se casar com um primo que é pastor de cabras, mas... opa! Já andou dando umas voltinhas com deus e o mundo... o que você faz? É provável que o primo pastor e a parentada não fiquem lá muito felizes com isso. Solução: você pode resolver o problema numa clínica particular. Dá uma recauchutada geral e passa por tudo de novo, só para agradar a plateia. *Ou* pode simplesmente levar escondido um vidrinho *disso* para a festa. Sai muito mais barato.

– Isso é tão absurdo... – comecei a protestar.

– Sabe o que eu acho? – continuou Janice, com os olhos brilhando. – Acho que eles armaram uma boa pra você. Acho que a doparam, ou pelo menos tentaram, e estavam torcendo pra você apagar completamente, depois do encontro com Frei Lorenzo e o grupinho dele, *então* eles poderiam buscar o *cencio* e borrá-lo com esse troço, para dar a impressão de que o bom Romeu tinha mandado ver.

Estremeci, horrorizada, mas Janice não pareceu notar.

– A ironia, é claro – prosseguiu ela, absorta demais em sua lógica obscena para notar meu extremo desconforto com o assunto e sua escolha de palavras –, é que eles podiam ter se poupado toda a trabalhadeira. Afinal, vocês defumaram o salame mesmo. Igualzinho a Romeu e Julieta. Do salão de baile ao balcão e à cama em 50 páginas. Vocês estavam tentando quebrar o recorde deles?

Ela olhou para mim entusiasmada, com a clara expectativa de um tapinha nas costas e um biscoito, por ser uma menina tão esperta.

– Será que é humanamente possível alguém ser mais baixo que você? – resmunguei.

Janice riu, como se esse fosse o maior dos elogios.

– Provavelmente não. Se é poesia o que você quer, volte rastejando pro seu pombinho.

Encostei-me no batente da porta e fechei os olhos. Toda vez que Janice se referia a Alessandro, mesmo com seu jeito indizivelmente vulgar, me vinham à mente fragmentos da noite anterior, uns dolorosos, outros não, e eles desviavam minha atenção da realidade. Mas, se eu pedisse que ela parasse, minha irmã com certeza faria exatamente o contrário.

– O que não entendo – falei, decidida a nos fazer prosseguir a fim de entendermos o quadro geral – é por que eles tinham esse frasco. Quer dizer, se queriam mesmo acabar com a antiga maldição sobre os Tolomei e os Salimbeni, é de se presumir que a última coisa que fariam seria *forjar* a noite de núpcias de Romeo e Giulietta. Será que acharam mesmo que poderiam tapear a Virgem Maria?

Janice fez um biquinho:

– Tem razão. Não faz sentido.

– Pelo que vejo – prossegui –, a única pessoa que foi enganada, além de mim, foi Frei Lorenzo. Ou melhor, ele *teria sido* enganado se tivessem usado o material do frasco.

– Mas por que eles iriam querer enganar Frei Lorenzo? – perguntou Janice, levantando as mãos. – Ele é só um velho. A não ser – ela me olhou com as sobrancelhas arqueadas – que Frei Lorenzo tenha acesso a alguma coisa inacessível a eles. Alguma coisa importante. Algo que eles queiram. Tal como...?

Empertiguei-me e sugeri:

– O túmulo de Romeo e Giulietta?

Olhamos uma para a outra.

– Acho que a ligação está bem aí – disse Janice, balançando a cabeça devagar. – Quando conversamos sobre isso naquela noite, na oficina do Maestro Lippi, achei que você estava louca. Mas talvez tenha razão. Parte de toda essa história de redimir os pecados envolve a sepultura e a estátua verdadeiras. Que tal isto: depois de se certificarem de que Romeo e Giulietta *finalmente* ficam juntos, os Tolomei e os Salimbeni têm que ir até o túmulo para se ajoelhar diante da estátua?

– Mas a maldição falava em ficar *de joelhos ante a Virgem*.

– E daí? – Janice deu de ombros. – É óbvio que a estátua fica em algum lugar próximo de uma estátua da Virgem Maria. O problema é que *eles* não sabem qual é o lugar exato. Só quem sabe é Frei Lorenzo. Por isso precisam dele.

Passamos um tempo caladas, refazendo os cálculos.

– Sabe – acabei dizendo enquanto aflagava o *cencio* –, acho que ele não sabia.

– Quem?

Olhei-a de relance, sentindo o calor subir pelo rosto:

– Você sabe... *ele*.

– Ah, qual é, Jules? – resmungou Janice. – Pare de defender o sacana. Você o viu com Umberto e... – ela tentou abrandar a rispidez da voz, mas isso era uma novidade em que ainda não tinha muito prática – ... e ele *realmente* seguiu você até o portão e lhe disse para entregar o livro. É claro que ele sabia.

– Mas – retruquei, sentindo uma ânsia absurda de defender Alessandro –, se você está certa quanto a tudo isso, ele teria seguido o plano e não... você sabe.

– Não mantido relações carnavais? – sugeriu minha irmã, em tom pudico.

– Exato. Além disso, não teria ficado tão surpreso quando Umberto lhe deu o frasco. A rigor, ele

já deveria *ter* o frasco.

– Querida – disse Janice, olhando-me por cima da armação de óculos imaginários –, ele invadiu seu quarto no hotel, mentiu para você, roubou o livro de nossa mãe e o deu a Umberto. O cara é um cafajeste. E pouco me importa se ele tem mil atributos e sabe usá-los, continua sendo, desculpe a expressão, um safado. E, quanto a sua tão amistosa chefona da Máfia...

– Por falar em mentir para mim e invadir meu quarto no hotel – interrompi, encarando-a –, por que você me disse que ele tinha destruído o quarto, quando foi você quem fez isso?

Janice soltou um arquejo:

– *O quê?*

– Vai negar – perguntei com frieza – que invadiu meu quarto e pôs a culpa no Alessandro?

– Ei! – exclamou ela. – Ele também o invadiu, está bem? Eu sou sua irmã! Tenho o direito de saber o que está acontecendo... – interrompeu-se e fez um ar envergonhado. – Como você descobriu?

– Porque ele viu você. Açou que era eu, descendo da minha própria sacada.

– Ele achou?... – disse ela, incrédula. – *Agora* estou me sentindo insultada! Francaamente!

– Janice! – rebati com desprezo, frustrada por ela voltar à sua antiga insolência e me arrastar pelo mesmo caminho. – Você mentiu para mim. Por quê? Depois de tudo o que aconteceu, eu entenderia perfeitamente que você invadissem meu quarto. Você achou que eu estava dando um golpe, roubando sua fortuna.

– É mesmo? – Ela me olhou com um princípio de esperança.

Dei de ombros.

– Por que não tentamos ser honestas para variar?

As recuperações rápidas eram a especialidade da minha irmã:

– Excelente – concordou com um sorriso afetado –, pois então vamos ser honestas. E agora, se você não se importa – parou para balançar as sobrancelhas –, tenho mais algumas perguntas sobre a noite de ontem.

DEPOIS DE FAZER umas compras no armazém do vilarejo, passamos o resto da tarde bisbilhotando a casa, tentando reconhecer coisas da nossa infância. Mas isso não foi facilitado pelo fato de estar tudo coberto de mofo e poeira, de todas as peças de tecido terem buracos feitos por algum tipo de bicho e de haver excremento de rato em todas as frestas possíveis e imagináveis. No andar de cima, as teias de aranha eram grossas feito cortinas de boxe e, quando abrimos as venezianas para deixar entrar um pouco de luz, mais da metade delas despencou das dobradiças.

– Opa! – exclamou Janice, quando uma veneziana se estatelou na escadinha da frente, a dois passos da Ducati. – Acho que preciso arrumar um namorado carpinteiro.

– Que tal um bombeiro hidráulico? – propus, tirando teias de aranha do cabelo. – Ou um eletricitista?

– Você sai com o eletricitista – rebeteu ela. – Está precisando apertar uns fusíveis frouxos.

O ponto alto veio quando descobrimos a mesinha de xadrez toda bamba, escondida num canto atrás de um sofá.

– Eu não falei? – disse Janice, balançando-a delicadamente, só para ter certeza. – Estava aqui o tempo todo.

Quando o sol se pôs, tínhamos progredido tanto na limpeza que resolvemos transferir o acampamento para o andar de cima, para o que antes fora um escritório. Sentadas frente a frente numa antiga escrivaninha, comemos à luz de velas uma refeição composta de pão, queijo e vinho tinto, enquanto tentávamos calcular o que fazer em seguida. Nenhuma de nós tinha ainda a menor vontade de voltar para Siena, mas, ao mesmo tempo, sabíamos que nossa situação no momento era insustentável. Para repor a casa em algum tipo de condição habitável, precisaríamos investir muito tempo e dinheiro na burocracia e em trabalhadores especializados e, mesmo que conseguíssemos fazer isso, como iríamos viver? Seríamos como fugitivas, afundando cada vez mais em dívidas e sempre nos perguntando quando o passado nos alcançaria.

– A meu ver – comentou Janice, servindo mais vinho –, ou ficamos aqui, o que não podemos fazer, ou voltamos para os Estados Unidos, o que seria patético, ou então saímos à caça do tesouro para ver o que acontece.

– Acho que você está se esquecendo de que o livro sozinho é inútil. Precisamos do caderno de desenho de nossa mãe para decifrar o código.

– E foi exatamente por isso que eu o trouxe – retrucou Janice, enfiando a mão na bolsa. – Tchanran! – exclamou, pondo o caderno sobre a escrivaninha na minha frente. – Mais alguma pergunta?

Dei uma risada alta.

– Sabe de uma coisa? Acho que amo você.

Janice fez força para não sorrir.

– Pega leve. Não vamos querer que você tenha um treco.

Depois de colocarmos os dois livros lado a lado, não demoramos a decifrar o código, que, na verdade, nem chegava a ser um código, apenas uma lista habilmente escondida de números de páginas, linhas e palavras. Enquanto Janice lia em voz alta os números rabiscados nas margens do caderno, eu folheava o exemplar de *Romeu e Julieta* e lia os pedacinhos da mensagem que nossa mãe quisera que encontrássemos. Dizia assim:

MEU AMOR

ESSE LIVRO DO AMOR

ABRAÇA O TESOURO DE UMA HISTÓRIA

DA

MELHOR

PEDRA

PRO FIM DA PRAIA DO MAR MAIS DISTANTE EU SINGRAVA ATÉ POR TAL
TESOURO

VÁ COM

O CONFESSOR DE MINHA ALMA

DE ROMEU

ANTES DE SEU TEMPO AO SACRIFÍCIO

TAIS MORTES TÊM DE SER ESCLARECIDAS

COM FERRAMENTAS

PARA ABRIR AS TUMBAS DESSES MORTOS

HÁ DE SER ÀS ESCONDIDAS

JAZ AQUI JULIETA

POBRE PRISIONEIRA
QUE POR SÉCULOS E SÉCULOS
SOB
A RAINHA
MARIA
ONDE
ESTRELAS
DARÃO AO CÉU UM ROSTO TAL
POIS PODE IR
ESCADA
SANTA
MARIA
CASA SANTA DE RELIGIOSAS
ONDE GRASSAVA A PESTE INFECCIOSA
SELOU A PORTA
SENHORITA
SANTA
GANSO
VIERA VISITAR DOENTES
CAMA
QUARTO
ESSE SACRÁRIO
É
A PEDRA DO PORTAL
DA
CAPELA ANTIGA
VAMOS LOGO
ARRANJA-ME UM PÉ DE CABRA
FORA COM A
CRUZ
MOÇAS, PRA DANÇA!

Ao chegarmos ao fim da longa mensagem, recostamo-nos nas cadeiras e nos entreolhamos, perplexas, o entusiasmo inicial em suspenso.

– Está bem, tenho duas perguntas – disse Janice. – Uma: por que diabos não fizemos isto antes? E duas: *o que* nossa mãe estava fumando?

Olhou-me com ar furioso e pegou sua taça de vinho.

– Claro – continuou –, entendo que ela tenha escondido seu código secreto “esse livro do amor” e que, de algum modo, ele seja um mapa do tesouro para encontrarmos o túmulo de Julieta e a “melhor pedra”, mas... onde é que devemos procurar? Qual é a da peste infecciosa e a do pé de cabra?

– Tenho a impressão – respondi, folheando o livro para reler algumas passagens – de que ela está falando da Catedral de Siena. “A Rainha Maria”... isso só pode significar a Virgem Maria. E o trecho sobre as estrelas que “darão ao céu um rosto tal” me parece referir-se à parte interna da cúpula da

catedral. Ela é pintada de azul com pequenas estrelas douradas. – Ergui os olhos para Janice, subitamente empolgada. – E se a sepultura estiver lá? Lembre-se, Maestro Lippi disse que Salimbeni enterrou Romeo e Giulietta num “túmulo santíssimo”; o que poderia ser mais santo que uma catedral?

– Para mim faz sentido – concordou Janice –, mas e toda essa história de “peste infecciosa” e “casa santa de religiosas”? Não me parece ter algo a ver com a catedral.

– “Santa Maria, escada”... – murmurei, folheando o livro mais uma vez –, uma “casa santa de religiosas onde grassava a peste infecciosa... selou a porta... senhorita santa... ganso... viera visitar doentes” e blá-blá-blá. – Larguei o livro sobre a escrivaninha e me recostei na cadeira, tentando lembrar a história que Alessandro me contara sobre o comandante Marescotti e a Peste. – Certo, sei que parece loucura, mas – hesitei e olhei para Janice, cujos olhos estavam arregalados e cheios de confiança em meus talentos para desvendar enigmas –, durante a Peste Negra, que ocorreu poucos anos depois da morte de Romeo e Giulietta, havia tantos cadáveres espalhados que eles não conseguiam sepultar todos. Assim, no Santa Maria della Scala, e acho que *scala* quer dizer “escada” em italiano, aquele hospital enorme em frente à catedral, onde “casa santa de religiosas” cuidou dos enfermos durante a “peste infecciosa”... bem, eles simplesmente amontoaram os mortos numa parede oca e a fecharam.

– Eca – resmungou Janice, com uma careta.

– Portanto – prossegui –, parece que estamos procurando um “quarto” com uma “cama” dentro daquele hospital, o Santa Maria della Scala...

– ... no qual dormia a “senhorita” “santa” dos “gansos” – propôs Janice –, seja ela quem for.

– Ou a “senhorita santa” de Siena, nascida na *contrada* do “ganso”, Santa Catarina...

Janice deu um assobio:

– Vai em frente, garota!

– ... que, por acaso, tinha um quarto no Santa Maria della Scala, onde dormia quando trabalhava até altas horas quando “viera visitar doentes”. Você não lembra? Estava na história que Maestro Lippi leu para nós. Aposto uma safira e uma esmeralda com você que é lá que encontraremos a “entrada pétrea do antigo túmulo”.

– Opa, espere aí! – disse Janice. – Agora estou confusa. Primeiro é a catedral, depois é o quarto de Santa Catarina no hospital, mas agora é uma “capela antiga”? Qual dos três?

Pensei na pergunta por um momento, procurando me lembrar da voz da guia britânica sensacionalista que eu entreouvira na Catedral de Siena alguns dias antes. Por fim, falei:

– Parece que, na Idade Média, havia uma cripta embaixo da catedral. Mas ela desapareceu na época da Peste e, desde então, nunca mais conseguiram encontrá-la. É claro, para os arqueólogos é difícil fazer qualquer coisa por aqui, já que todas as construções são tombadas. Seja como for, há quem pense que isso é só uma lenda...

– Eu não! – disse Janice, animada com a ideia. – Tem que ser isso. Romeo e Giulietta estão enterrados na cripta embaixo da catedral. Faz sentido. Se você fosse o Salimbeni, não seria exatamente lá que faria o santuário? E, como presumo que o lugar inteiro seja consagrado à Virgem Maria... *Voilà!*

– *Voilà* o quê?

Janice estendeu os braços como se fosse me abençoar.

– Se você se ajoelhar na cripta da catedral, estará “de joelhos ante a Virgem”. Não está vendo? Só pode ser lá!

– Mas, nesse caso, teremos de cavar muito para chegar lá. As pessoas já procuraram essa cripta por toda parte.

Janice voltou a empurrar o livro para mim e disse:

– Não se nossa mãe tiver descoberto uma entrada secreta a partir do antigo hospital, o Santa Maria della Scala. Leia de novo, não tenho dúvida nenhuma de que estou certa.

Examinamos a mensagem mas uma vez e então, subitamente, tudo fez sentido. Sim, sem dúvida, estávamos falando de uma “capela antiga” embaixo da catedral; e, sim, a “pedra do portal” devia encontrar-se no quarto de Santa Catarina no hospital Santa Maria della Scala, do outro lado da *piazza*, bem em frente à igreja.

– Puta merda! – exclamou Janice, boquiaberta. – Se é tão fácil assim, por que nossa mãe não invadiu a tumba?

Nesse exato momento, um de nossos tocos de vela apagou-se com uma pequena baforada e, embora ainda nos restassem outras velas, as sombras do cômodo pareceram se fechar à nossa volta de repente.

– Ela sabia que estava correndo perigo – respondi, a voz ecoando de um jeito estranho na escuridão – e foi por isso que fez o que fez e pôs o código no livro, o livro na caixa e a caixa no banco.

– Então – disse Janice, tentando imprimir um toque de animação à voz –, agora que deciframos o enigma, o que nos impede de...

– Invadir um prédio tombado e destruir o quarto de Santa Catarina com um “pé de cabra”? – perguntei, levantando as mãos. – Puxa, sabe que não faço ideia?

– Falando sério, é isso que nossa mãe gostaria que fizessemos. Não é?

– Não é tão simples assim – retruquei, dando batidinhas no livro e tentando recordar as palavras exatas da mensagem. – Nossa mãe nos disse para irmos com “o confessor de alma de Romeu”... “antes de seu tempo ao sacrifício”. Quem é ele? Frei Lorenzo. Não o verdadeiro, é óbvio, mas talvez sua nova... encarnação. E aposto que isso significa que estávamos certas: o velhinho sabe alguma coisa sobre a localização da cripta e do túmulo, alguma coisa crucial que nem a nossa mãe conseguiu descobrir.

– Então, o que você sugere? – quis saber Janice. – Que sequestremos Frei Lorenzo e o interroguemos botando uma luz forte na cara dele? Olhe, talvez você tenha entendido mal. Vamos tentar de novo, separadas, e ver se chegamos ao mesmo resultado. – Ela começou a abrir uma a uma as gavetas da escrivaninha, à procura de alguma coisa. – Ora, vamos! Tem que haver algumas canetas rolando por aqui em algum lugar!... Espere!

Janice enfiou a cabeça toda na gaveta de baixo, lutando para soltar alguma coisa presa na madeira. Quando finalmente a soltou, levantou-se da cadeira com ar triunfal, o cabelo caído no rosto:

– Olhe só para isto! Uma carta!

Mas não era uma carta. Era um envelope em branco, cheio de fotografias.

QUANDO TERMINAMOS DE examinar as fotos de nossa mãe, Janice declarou que precisávamos de pelo menos mais uma garrafa de *vino* para atravessar a noite sem ficarmos completamente

loucas. Enquanto minha irmã descia para buscá-la, voltei-me de novo para as fotos, dispondo-as na escrivaninha lado a lado, com as mãos ainda trêmulas por causa do susto, torcendo para conseguir, de algum modo, fazê-las contarem uma história diferente.

Mas só havia uma interpretação possível para a história das façanhas de nossa mãe na Itália. Qualquer que fosse nosso ponto de partida, os personagens centrais e a conclusão continuavam os mesmos: Diane Lloyd tinha ido à Itália, começado a trabalhar para o professor Tolomei, conhecido um jovem playboy com uma Ferrari amarela, engravidado, casado com o professor Tolomei, dado à luz um par de gêmeas, sobrevivido a um incêndio doméstico que matara seu marido idoso e tornado a se juntar ao jovem playboy, que, em cada uma das fotos, parecia tão feliz com as gêmeas – quer dizer, *conosco* – que ambas concordamos que ele devia ser nosso verdadeiro pai.

O playboy era Umberto.

– Isso é tão surreal! – disse Janice, ofegante, voltando com a garrafa e o saca-rolha. – Todos aqueles anos! Fingindo-se de mordomo, sem dizer uma só palavra. É absurdo demais.

– Mesmo assim, ele sempre *foi* nosso pai – retruquei, pegando uma das fotos dele conosco. – Apesar de não o tratarmos assim. Ele sempre foi... – Mas não pude continuar.

Só nessa hora levantei os olhos e vi que Janice também estava chorando, embora enxugasse as lágrimas com raiva, para não dar esse gostinho a Umberto.

– Que calhorda! – disse ela. – Obrigando-nos a viver a mentira dele, todos esses anos. E agora, de repente... – interrompeu-se com um grunhido, ao quebrar a rolha pela metade.

– Bem – ponderei –, pelo menos isso explica por que ele sabia da estátua de ouro. É óbvio que foi nossa mãe que lhe contou tudo. E, se eles realmente estavam... você sabe, *juntos*, ele também deve ter sabido da caixa de papéis no banco. O que explica ele ter escrito aquela falsa carta da tia Rose, dizendo para eu vir a Siena e falar com o presidente Maconi, no Palazzo Tolomei. É evidente que ele soube desse nome pela nossa mãe.

– Mas todo esse tempo! – exclamou Janice, derramando um pouco de vinho na mesa ao encher nossas taças às pressas e deixando algumas gotas caírem nas fotos. – Por que ele não fez isso anos atrás? Por que não explicou tudo à tia Rose quando ela ainda estava viva?...

– Ah, está certo! – retruquei, secando depressa o vinho das fotos. – É claro que ele não podia contar a verdade a ela. Tia Rose teria chamado a polícia na mesma hora. – Fingindo ser Umberto, falei em voz grave: – A propósito, Rosinha, meu bem, meu verdadeiro nome é Luciano Salimbeni... sim, o homem que matou sua sobrinha e que é procurado pelas autoridades italianas. Se alguma vez você tivesse se dado o trabalho de ir à Itália visitar Diane, que Deus a tenha, teria me visto uma centena de vezes.

– Mas que vida! – interpôs Janice. – Olhe só para isso – disse, apontando para as fotos de Umberto, com a Ferrari estacionada num local com uma visão panorâmica de um vale qualquer da Toscana, sorrindo para a câmera com olhos enamorados. – Ele tinha tudo! E aí... virou *empregado* na casa de tia Rose.

– Veja bem, ele era um fugitivo. O Aless... Alguém me disse que ele era um dos criminosos mais procurados da Itália. Sorte não ter ido para a prisão. Ou morrido. Trabalhando para tia Rose, pelo menos pôde nos ver crescer com uma certa liberdade.

– Ainda não consigo acreditar! – disse Janice, balançando a cabeça com ar desdenhoso. – Sim, nossa mãe está grávida na foto do casamento, mas isso acontece com um monte de mulheres. E não

significa necessariamente que o noivo não seja o pai.

– Jan! – retruquei, empurrando-lhe algumas fotografias do casamento. – O professor Tolomei tinha idade para ser avô dela. Ponha-se no lugar de nossa mãe por um segundo – insisti. Ao ver que ela estava decidida a discordar de mim, segurei-a pelo braço e a puxei para mais perto. – Ora, vamos, essa é a única explicação! Olhe para ele... – E peguei uma foto em que Umberto aparecia deitado sobre uma manta na grama, com Janice e eu escalando-o por todos os lados. – Ele nos adorava! – Mal proferi essas palavras, senti um nó na garganta e tive de engolir em seco para conter as lágrimas. – Merda! – choraminguei. – Acho que não consigo aguentar muito mais.

Passamos um momento num silêncio infeliz. Depois, Janice pôs a taça na mesa e apanhou a foto de um grupo tirada em frente ao Castello Salimbeni. Por fim, disse:

– Então, isso significa que sua chefona da Máfia é... nossa avó?

A foto mostrava Eva Maria equilibrando um chapéu e com dois cãezinhos presos a uma guia, nossa mãe com ar eficiente, de calças brancas e segurando uma prancheta, o professor Tolomei franzindo o cenho, dizendo alguma coisa ao fotógrafo, e um jovem Umberto meio de lado, encostado em sua Ferrari, de braços cruzados.

– Independentemente do que isso signifique – prosseguiu minha irmã, antes que eu pudesse responder –, espero nunca mais voltar a vê-lo.

Provavelmente nós deveríamos ter previsto o que ia acontecer, mas não previmos. Ocupadas demais desatando o emaranhado em que nossa vida tinha se transformado, esquecemos de prestar atenção às coisas que fazem barulhos misteriosos durante a noite, ou mesmo de usar nosso bom-senso por um instante.

Só quando uma voz falou conosco, da porta do escritório, percebemos como tínhamos sido idiotas ao buscar refúgio na casa de nossa mãe.

– Que bela reuniãozinha de família – disse Umberto, entrando no cômodo à frente de outros dois homens que eu nunca tinha visto. – Lamento ter feito vocês esperarem.

– Umberto! – exclamei, dando um pulo da cadeira. – O que...

– Julie! Não! – gritou Janice, agarrando meu braço e me puxando de volta, com o rosto contorcido de medo.

Só então eu vi. As mãos de Umberto estavam amarradas às costas e um dos homens segurava um revólver perto de sua cabeça.

– Cocco, esse meu amigo aqui – disse Umberto, conseguindo manter o sangue-frio, apesar do cano da arma afundado em seu pescoço – gostaria de saber se as senhoritas terão serventia para ele ou não.

*Seu corpo jaz na tumba Capuleto,
E sua parte imortal está com os anjos.*

Não sair de Siena com Alessandro, na véspera, eu não havia imaginado que voltaria tão depressa, tão suja e algemada. E com certeza não previra estar acompanhada por minha irmã, meu pai e três facínoras que pareciam ter saído do corredor da morte, não pelos meios burocráticos, mas com a ajuda de dinamite.

Estava claro que, apesar de conhecê-los pelo nome, Umberto era tão refém desses homens quanto nós. Eles o jogaram na traseira da van – um pequeno veículo de entrega de flores, provavelmente roubado –, assim como fizeram com Janice e comigo, e todos caímos com força no piso de metal. Como tínhamos os braços amarrados, houve pouca coisa além de um sortimento de flores em estado de putrefação para amortecer nossa queda.

– Ei! – protestou Janice. – Nós somos suas filhas, não é? Diga a eles que não podem nos tratar assim. Francamente... Jules, diga alguma coisa a ele.

Mas não consegui pensar em nada para dizer. Tinha a sensação de que o mundo inteiro estava de pernas para o ar – ou talvez o mundo estivesse na posição certa e eu é que estivesse de cabeça para baixo. Ainda lutando para processar a transformação de Umberto de herói em vilão, agora também tinha de aceitar o fato de ele ser meu pai, o que quase me fez voltar à estaca zero: eu o amava, mas não devia.

Quando os bandidos fecharam as portas atrás de nós, vislumbrei mais uma vítima que eles já tinham capturado em outro ponto do trajeto. O homem estava apoiado num canto, amordaçado e com uma venda nos olhos; não fosse sua roupa, eu nunca o teria reconhecido. Por fim as palavras me vieram espontaneamente:

– Frei Lorenzo! Santo Deus! Eles sequestraram *Frei Lorenzo!*

Nesse momento, a van entrou em movimento com um solavanco e passamos os minutos seguintes escorregando para lá e para cá no piso estriado, enquanto o motorista nos conduzia pelo matagal que era a entrada de automóveis de nossa mãe.

Logo que o caminho ficou menos acidentado, Janice deu um suspiro profundo e infeliz.

– Tudo bem – disse em voz alta, dirigindo-se à escuridão –, você venceu. As pedras preciosas são suas... ou *deles*. Nós não as queremos mesmo. E vamos ajudá-lo. Faremos qualquer coisa. Tudo o que eles quiserem. Você é nosso pai, certo? Temos que ficar unidos! Não há necessidade de... de nos matarem. Há?

A pergunta foi recebida pelo silêncio.

– Olhe – prosseguiu minha irmã, com a voz trêmula –, espero que eles saibam que nunca acharão

aquela estátua sem nós...

Umberto continuou sem responder. Não precisava. Apesar de já termos falado com os bandidos sobre a suposta entrada secreta na Santa Maria della Scala, eles claramente achavam que ainda poderiam precisar de nós para ajudá-los a encontrar as gemas ou então não teriam nos levado junto.

– E quanto a Frei Lorenzo? – perguntei.

Nessa hora, Umberto finalmente falou:

– O que tem ele?

– Ora, vamos – disse Janice, recobrando um pouco o ânimo –, você acha mesmo que o pobre sujeito vai ter alguma serventia?

– Ah, ele vai abrir o bico.

Ao ouvir a exclamação abafada que ambas soltamos diante de sua indiferença, Umberto fez um som que talvez pudesse ser de riso, mas provavelmente não era.

– O que vocês esperavam? – grunhiu. – Que eles simplesmente... desissem? Vocês estão com sorte por termos tentado com gentileza primeiro...

– Com *gentileza*? – gritou Janice, mas consegui cutucá-la com o joelho e fazê-la se calar.

– Infelizmente – prosseguiu Umberto –, nossa pequena Julie não cumpriu o papel dela.

– Talvez tivesse ajudado se eu soubesse que *tinha* um papel a cumprir! – assinali, com um nó tão grande na garganta que mal conseguia fazer as palavras saírem. – Por que você não me contou? Por que tinha de ser assim? Poderíamos ter saído à caça do tesouro anos atrás, juntos. Poderia ter sido... divertido.

– Ah, entendi! – disse Umberto, remexendo-se no escuro, claramente tão desconfortável quanto nós. – Você acha que era isso que eu queria? Voltar aqui, arriscar tudo, encenar farsas com frades velhos e levar pontapés desses babacas, tudo para procurar um punhado de pedras preciosas que provavelmente sumiram há centenas de anos? Acho que vocês não percebem... – Deu um suspiro. – É claro que não. Por que acham que deixei sua tia Rose levá-las embora e criá-las nos Estados Unidos? Hein? Eu digo por quê. Porque *eles* teriam usado vocês contra mim... para me fazer voltar a trabalhar para eles. Só havia uma solução: tínhamos que sumir.

– Você está falando... da Máfia? – perguntou Janice.

Umberto deu uma risada de desdém.

– Máfia! Essa gente faz a Máfia parecer o Exército da Salvação. Eles me recrutaram quando eu precisava de dinheiro e, depois que a gente é fígado, não consegue se soltar. Quanto mais você se debate, mais o anzol penetra.

Ouvi Janice respirar fundo para fazer um comentário maldoso, mas consegui dar um jeito de cutucá-la no escuro para que ficasse em silêncio. Provocar Umberto e começar uma discussão não era a maneira de nos prepararmos para o que viria pela frente, disse eu tinha certeza.

– Então, deixe ver se adivinho – falei, com toda a calma que pude – assim que eles não precisarem mais de nós... acabou-se?

Umberto hesitou.

– Cocco me deve um favor. Uma vez poupei a vida dele. Espero que ele retribua a gentileza.

– Então ele vai poupar você – disse Janice com frieza. – E quanto a nós?

Houve um longo silêncio, pelo menos pareceu longo. Só nesse momento, misturado ao barulho do motor e aos ruídos em geral, ouvi o som de alguém rezando.

- E quanto a Frei Lorenzo? - apressei-me a acrescentar.
- Vamos torcer - disse Umberto finalmente - para que Cocco esteja se sentindo generoso.
- Não entendo - disse Janice. - Quem são esses caras, afinal, e por que você deixa que façam isto conosco?

- Esta não é exatamente uma historinha para dormir - comentou Umberto, com ar cansado.
- Bem, isto aqui não é propriamente uma caminha - observou Janice. - Então, por que não nos conta, querido papai, o que deu errado na terra da fantasia?

Depois que começou a falar, Umberto não parou mais. Foi como se houvesse esperado todos aqueles anos para nos contar sua história. Ainda assim, quando finalmente o fez, ficou claro que não sentiu grande alívio, pois, à medida que falava, sua voz ficava cada vez mais amargurada.

Ele nos contou que seu pai, conhecido como conde Salimbeni, sempre havia lamentado o fato de sua esposa, Eva Maria, só ter lhe dado um filho e fez de tudo para garantir que o menino nunca fosse mimado e tivesse muita disciplina. Matriculado numa academia militar a contragosto, Umberto acabou fugindo para Nápoles, a fim de arranjar um emprego e, quem sabe, ir para a universidade estudar música, mas logo ficou sem dinheiro. Assim, começou a fazer uns serviços que outras pessoas tinham medo de executar e se revelou bom nisso. Por algum motivo, transgredir a lei era algo que fazia com naturalidade e não demorou muito para que ele fosse dono de 10 ternos feitos sob medida, uma Ferrari e um apartamento sofisticado, sem nenhum móvel. Era o paraíso.

Quando finalmente voltou ao Castello Salimbeni para visitar os pais, fingiu que se tornara corretor de valores e conseguiu convencer o conde a perdoá-lo por ter abandonado a academia militar. Dias depois, seus pais ofereceram uma grande recepção e entre os convidados estavam o professor Tolomei e sua jovem assistente, a americana Diane.

Raptando a moça da pista de dança, Umberto a levou para um passeio de carro sob a lua cheia e esse foi o começo de um longo e lindo verão. Em pouco tempo, os dois começaram a passar todos os fins de semana juntos, dirigindo pela Toscana, e, quando enfim ele a convidou a visitá-lo em Nápoles, Diane aceitou. Lá, dividindo uma garrafa de vinho no melhor restaurante da cidade, ele se atreveu a lhe contar a verdade sobre como ganhava a vida.

Diane ficou horrorizada. Não quis ouvir suas explicações nem desculpas e, assim que voltou a Siena, devolveu tudo o que ele lhe dera - joias, roupas, cartas - e disse que nunca mais queria falar com ele.

Depois disso, Umberto passou um ano sem vê-la e, quando a reencontrou, levou um susto: Diane estava atravessando o Campo, em Siena, empurrando um carrinho com duas gêmeas. Alguém contou a Umberto que ela estava casada com o velho professor Tolomei. No mesmo instante, ele soube que era o pai das meninas. Ao se aproximar de Diane, ela ficou muito pálida e confirmou que, sim, ele era o pai, mas ela não queria que suas filhas fossem criadas por um criminoso.

Então Umberto fez uma coisa terrível. Lembrou-se que Diane lhe falara das pesquisas do professor Tolomei e de uma estátua com olhos de pedras preciosas. Doente de ciúme, ele contou essa história a umas pessoas de Nápoles. Não demorou muito para que seu patrão também a ouvisse e o pressionasse a procurar o professor Tolomei e a arrancar dele mais informações. Foi o que ele fez, junto com outros dois homens. Esperaram Diane e as gêmeas saírem de casa para baterem à porta. O professor foi muito gentil e os convidou a entrar, mas, assim que descobriu por que estavam ali, se tornou hostil.

Ao ver que o professor não se dispunha a falar, os dois parceiros de Umberto começaram a pressionar o velho, que teve um infarto e morreu. Umberto, é claro, apavorou-se com isso e tentou reanimar o professor, mas foi em vão. Então, disse aos outros que os encontraria em Nápoles e, assim que eles se foram, ateou fogo à casa, na esperança de queimar todas as pesquisas do professor junto com seu corpo e, desse modo, pôr fim à história da estátua de ouro.

Depois dessa tragédia, Umberto decidiu romper com seu passado de maldades e voltar para a Toscana, passando a viver do dinheiro que ganhara. Alguns meses após o incêndio, procurou Diane e lhe disse que se tornara um homem de bem. A princípio, ela não acreditou e o acusou de ter tido alguma participação no incêndio suspeito que matara seu marido. Mas Umberto estava decidido a reconquistá-la e ela acabou cedendo, embora jamais tivesse acreditado plenamente na inocência dele.

Os dois viveram juntos por dois anos, quase como uma família, e Umberto chegou até a levar Diane para visitar o Castello Salimbeni. É claro que nunca disse aos pais a verdade sobre as gêmeas e o conde Salimbeni ficou furioso com ele por não se casar e ter seus próprios filhos. Afinal, quem herdaria o Castello, se Umberto não tivesse filhos?

Teria sido um período feliz se Diane não houvesse ficado cada vez mais obcecada com o que chamava de “a maldição de nossas famílias”. Ela lhe falara disso no primeiro encontro, mas Umberto não a levava a sério na ocasião. Nesse momento, teve finalmente de admitir que aquela linda mulher, a mãe de suas filhas, era, por natureza, uma pessoa muito nervosa e compulsiva e que a pressão da maternidade só estava piorando isso. Em vez de livros infantis, ela lia Shakespeare para as meninas – *Romeu e Julieta* – repetidas vezes, até Umberto entrar, pegar delicadamente o livro e levá-lo embora. Contudo, por mais que o escondesse, Diane sempre conseguia encontrá-lo.

E, quando as gêmeas adormeciam, ela passava horas isolada, tentando recriar as pesquisas do professor Tolomei sobre tesouros de família e a localização do túmulo de Romeu e Giulietta. Não estava interessada nas pedras preciosas; queria apenas salvar as filhas. Estava convencida de que, por terem mãe Tolomei e pai Salimbeni, as meninas seriam duplamente vulneráveis à maldição de Frei Lorenzo.

Umberto não se dera conta de como Diane estava perto de descobrir a localização da sepultura até alguns de seus velhos parceiros de Nápoles aparecerem um dia na casa e começarem a fazer perguntas. Conhecendo bem a maldade daqueles homens, ele mandou Diane sair com as meninas pelos fundos e se esconder, enquanto fazia o melhor possível para explicar aos bandidos que nem ele nem a mulher sabiam de nada.

Mas, ao ouvi-los darem uma surra em Umberto, Diane voltou com um revólver e mandou que deixassem sua família em paz. Como os homens não lhe deram atenção, tentou atirar neles, mas errou. Os bandidos, ao contrário, a mataram a tiros. Em seguida, disseram a Umberto que aquilo era só o começo: se ele não lhes desse as quatro pedras preciosas, voltariam para pegar suas filhas.

Nesse ponto da história, Janice e eu deixamos escapar ao mesmo tempo:

– Então, você não matou a nossa mãe?

– É claro que não! – respondeu ele com desdém. – Como vocês puderam pensar uma coisa dessas?

– Talvez – disse Janice, engasgada – porque você mentiu sobre todas as outras coisas até agora.

Umberto deu um longo suspiro e tornou a se remexer, sem encontrar uma posição confortável. Frustrado e cansado, retomou a história e nos contou que, depois de os homens matarem Diane e

irem embora de sua casa, ele ficou arrasado, sem saber o que fazer. A última coisa que queria era chamar a polícia ou o padre e correr o risco de que meia dúzia de burocratas tirassem as meninas dele. Assim, pegou o corpo de Diane e o levou para um lugar deserto, onde pudesse empurrar o carro de um penhasco e dar a impressão de que ela havia morrido num acidente. Chegou até a pôr algumas coisas das filhas no veículo, para fazer as pessoas pensarem que elas também haviam morrido. Depois, pegou as duas e as deixou com os padrinhos, Peppo e Pia, mas foi embora antes que os Tolomei pudessem perguntar qualquer coisa.

– Espere aí! – disse Janice. – E o ferimento à bala? A polícia não ia perceber que ela havia morrido antes do acidente?

Umberto hesitou e disse, com relutância:

– Botei fogo no carro. Achei que não iriam tão fundo nas investigações. Por que o fariam? Afinal, o salário deles estaria garantido de qualquer forma. Mas um espartilho começou a fazer perguntas e, quando me dei conta, ele havia me incriminado falsamente por tudo: o professor, o incêndio, sua mãe... até por vocês duas, pelo amor de Deus!

Na mesma noite, ele telefonou para tia Rose nos Estados Unidos e fingiu ser um policial de Siena. Disse-lhe que sua sobrinha havia morrido e que as meninas tinham sido deixadas com parentes. Também lhe avisou que elas não estavam seguras na Itália e que o melhor seria ir buscá-las imediatamente. Depois desse telefonema, Umberto foi a Nápoles fazer uma visitinha aos homens que tinham matado Diane, assim como à maioria das outras pessoas que sabiam do tesouro. Nem sequer tentou esconder sua identidade. Quis que aquilo fosse um aviso. O único que ele não matou foi Cocco. Não teve coragem de assassinar um garoto de 19 anos.

Depois disso, passou muitos meses desaparecido, enquanto a polícia o procurava em toda parte. No fim, foi aos Estados Unidos para ver as filhas e se certificar de que estavam bem. Não tinha nenhum plano específico; depois de descobrir onde elas moravam, apenas ficou por lá, esperando que acontecesse alguma coisa. Dias depois, viu uma mulher andando pelo jardim, podando rosas. Supondo que fosse tia Rose, aproximou-se e perguntou se ela precisava de ajuda com a jardinagem. Foi assim que tudo começou. Seis meses depois, Umberto mudou-se para lá para trabalhar em regime integral, concordando em receber pouco mais do que casa e comida.

– Não acredito! – explodi. – Ela nunca se perguntou como você.. simplesmente apareceu por acaso na vizinhança?

– Ela era muito solitária – resmungou Umberto, claramente sem nenhum orgulho de si mesmo. – Moça demais para ser viúva, mas muito velha para ser mãe. Estava disposta a acreditar em qualquer coisa.

– E Eva Maria? Ela sabia onde você estava?

– Mantive contato com ela, mas nunca lhe disse onde estava por telefone. E nunca falei de vocês duas.

Umberto explicou que teve medo de que, se soubesse que tinha duas netas, Eva Maria insistisse que todos se mudassem de novo para a Itália. Sabia muito bem que *ele* nunca poderia voltar; as pessoas o reconheceriam e a polícia sem dúvida o descobriria de imediato, apesar do nome e do passaporte falsos. E, mesmo que sua mãe não insistisse nisso, ele a conhecia o bastante para temer que ela desse um jeito de visitar as meninas, pondo em risco a segurança delas. Além disso, Eva Maria com certeza passaria o resto da vida ansiando pelas netas que nunca havia conhecido, acabaria morrendo

de infarto e, sem dúvida nenhuma, culparia Umberto. Assim, por todas essas excelentes razões, ele nunca lhe contara nada.

Com o passar do tempo, entretanto, Umberto começou a acreditar que seu passado de perversidades em Nápoles estava sepultado para sempre. Só que isso teve um fim abrupto, quando, um dia, viu uma limusine se aproximar pela entrada de veículos da casa de tia Rose e parar em frente à porta de entrada. Quatro homens desceram do carro e, ao vê-los, Umberto imediatamente reconheceu Cocco. Nunca descobriu como eles o haviam localizado depois de tantos anos, mas desconfiou que teriam subornado pessoas do serviço de informações para rastrear os telefonemas de Eva Maria.

Os homens disseram que ele ainda lhes devia algo e teria de pagar, caso contrário, localizariam suas filhas e fariam coisas indescritíveis com elas. Umberto lhes disse que não tinha dinheiro, mas os bandidos apenas riram e fizeram com que se lembrasse da estátua com as quatro pedras preciosas que ele lhes prometera tanto tempo atrás. Quando Umberto tentou explicar que isso era impossível e que não teria como voltar à Itália, os bandidos apenas deram de ombros e disseram que era uma pena, porque agora teriam que sair à cata de suas filhas. Assim, ele acabou concordando em tentar encontrar as gemas e lhe deram um prazo de três semanas para isso.

Antes de irem embora, os homens quiseram se certificar de que ele sabia que estavam falando sério e então o levaram para o corredor e começaram a espancá-lo. Ao fazerem isso, derrubaram o vaso veneziano que ficava na mesa embaixo do lustre, que se espatifou ao cair no chão. O barulho despertou tia Rose de seu cochilo e ela saiu do quarto. Ao ver o que estava acontecendo, começou a gritar no alto da escada. Um dos homens sacou uma arma para atirar nela, mas Umberto conseguiu afastar o revólver. Infelizmente, tia Rose ficou tão apavorada que perdeu o equilíbrio e rolou metade da escada. Porém, quando os homens se foram e Umberto finalmente conseguiu tentar socorrê-la, já estava morta.

– Pobre tia Rose! – exclamei. – Você me disse que ela havia morrido serenamente, durante o sono.

– Bem, eu menti – disse Umberto, com a voz carregada. – A verdade é que ela morreu por minha causa. Você teria gostado que eu dissesse isso?

– Eu teria gostado – respondi baixinho – que você nos dissesse a verdade. Se tivesse contado toda essa história anos atrás – parei para respirar fundo, a voz ainda estrangulada de emoção –, talvez pudéssemos ter evitado tudo isto.

– Pode ser. Mas agora é tarde. Eu não queria que vocês soubessem... queria que fossem felizes... que vivessem como as pessoas normais.

Depois Umberto nos contou que, na noite seguinte à morte de tia Rose, ele telefonou para Eva Maria na Itália e lhe disse toda a verdade. Falou até de suas duas netas. Também lhe perguntou se havia alguma possibilidade de ela o ajudar a pagar os bandidos. Mas Eva Maria lhe respondeu que não poderia levantar tanto dinheiro assim em apenas três semanas. No começo, quis envolver a polícia e seu afilhado Alessandro, mas Umberto sabia que era melhor não. Só havia um modo de sair daquele aperto: era fazer o que os babacas tinham dito e achar as malditas pedras.

No fim, Eva Maria tinha concordado em ajudá-lo e prometido tentar atrair a Irmandade de Lourenço, em Viterbo, para que a auxiliasse. Sua única condição foi que, quando tudo estivesse terminado, ela finalmente pudesse conhecer as netas e que elas nunca soubessem dos crimes do pai. Com isso Umberto concordou. Jamais quisera que as filhas conhecessem seu passado de maldades e

por isso nem tinha querido que soubessem quem ele realmente era. Tinha certeza de que, se as filhas tomassem conhecimento de que ele era seu pai, também descobririam todo o resto.

– Mas isso é ridículo! – protestei. – Se você tivesse dito a verdade, teríamos compreendido.

– Teriam? – retrucou Umberto, abatido. – Não tenho tanta certeza.

– Bem – disse Janice, ríspida –, agora nunca saberemos, não é?

Ignorando seu comentário, ele nos contou que, logo no dia seguinte, Eva Maria foi a Viterbo falar com Frei Lorenzo e, durante essa conversa, descobriu o que era preciso para que os monges a ajudassem a encontrar o túmulo de Romeo e Giulietta. Frei Lorenzo lhe disse que ela deveria organizar uma cerimônia para “desfazer os pecados” dos Salimbeni e dos Tolomei e prometera que, depois disso, ele a levaria com os outros penitentes à sepultura, para que todos se ajoelhassem diante da misericórdia da Virgem.

O único problema era que Frei Lorenzo não estava inteiramente seguro de como encontrar o local. Estava ciente de que havia uma entrada secreta em algum ponto de Siena e sabia para onde ir dali em diante, mas não tinha conhecimento exato de onde ficava a entrada. Contou a Eva Maria que, certa vez, uma jovem chamada Diane Tolomei o tinha visitado e lhe dissera que havia descoberto onde ficava a entrada, mas se recusara a lhe dar essa informação, por medo de que pessoas erradas encontrassem a estátua e a destruíssem.

Ela também lhe contara que tinha encontrado o *cencio* de 1340 e pretendia fazer uma experiência. Queria que sua filha, Giulietta, se deitasse sobre ele ao lado de um menino chamado Romeo e achava que, de algum modo, isso ajudaria a desfazer os pecados do passado. Frei Lorenzo não estava certo de que isso fosse funcionar, mas se dispusera a fazer uma tentativa. Os dois haviam combinado que Diane voltaria dali a algumas semanas, para que pudessem sair juntos em busca da sepultura. Infelizmente, porém, ela nunca apareceu.

Quando Eva Maria contou tudo isso a Umberto, ele começou a ter esperança de que seu plano realmente funcionasse. Sabia que Diane havia guardado uma caixa com documentos importantes no banco do Palazzo Tolomei e tinha certeza de que em meio a esses papéis haveria uma pista sobre a entrada secreta do túmulo.

– Acredite em mim – disse Umberto, talvez sentindo minhas vibrações negativas –, a última coisa que eu queria era envolvê-la nisso tudo. Mas, como só faltavam duas semanas...

– Você armou uma cilada para mim – concluí, experimentando uma raiva completamente nova por ele – e me deixou pensar que tudo isso era obra de tia Rose.

– E eu? – interveio Janice. – Ele me fez pensar que eu tinha herdado uma fortuna!

– Grandes merdas! – rebateu Umberto. – Você deveria ficar feliz por ainda estar viva!

– Imagino que eu não servisse para nada no seu esqueminha – continuou Janice, no seu tom mais irritado. – Jules sempre foi a inteligente.

– Ora, quer parar com isso? – gritei. – *Eu* sou a Giulietta e era *eu* que estava em perigo...

– Chega! – gritou Umberto. – Acreditem, nada me agradaria mais do que manter vocês duas fora disso. Mas não havia outro jeito. Então mandei um velho camarada ficar de olho na Julie, para ter certeza de que ela estava segura...

– Você está se referindo ao Bruno? – espantei-me. – Achei que ele estava tentando me matar!

– Ele estava aqui para protegê-la – retrucou Umberto. – Infelizmente, achou que poderia ganhar um dinheiro fácil nas horas vagas – disse, com um suspiro. – Bruno foi um erro.

– E por isso você mandou... silenciá-lo? – perguntei.

– Não foi preciso. Bruno sabia demais sobre muita gente. Pessoas assim não duram muito quando são presas.

Sempre constrangido com o assunto, Umberto concluiu que, de modo geral, tudo havia acontecido conforme o planejado, depois de Eva Maria se convencer de que eu realmente era sua neta e não uma simples atriz que ele tinha contratado para esse trabalho, para persuadi-la a ajudá-lo. Ela ficara tão desconfiada que até mandara Alessandro invadir meu quarto no hotel para pegar uma amostra de DNA. Depois de dispor da prova que queria, porém, tinha tratado de planejar imediatamente a recepção.

Lembrando-se de tudo o que Frei Lorenzo lhe dissera, Eva Maria pediu a Alessandro para levar a adaga de Romeo e o anel de Giulietta ao Castello Salimbeni, mas sem lhe dizer por quê. Sabia que, se ele tivesse alguma pista, por menor que fosse, do que estava acontecendo, estragaria tudo, chamando os Carabinieri. Na verdade, nada agradaria mais a Eva Maria do que manter o afilhado inteiramente fora de seus planos, mas, levando-se em conta que ele era mesmo Romeo Marescotti, era preciso que o rapaz desempenhasse seu papel – sem saber – diante de Frei Lorenzo.

Olhando para trás, admitiu Umberto, teria sido melhor se Eva Maria tivesse me contado seus planos ou, pelo menos, parte deles. Mas só porque as coisas deram errado. Se eu tivesse feito o que era para fazer – beber o vinho, me deitar e pegar no sono –, tudo teria acontecido com muita tranquilidade.

– Espere aí! Você está dizendo que ela me drogou?

Umberto hesitou.

– Só um pouquinho. Para sua própria segurança.

– Não dá para acreditar! Ela é minha avó!

– Se lhe serve de consolo, ela não ficou nada satisfeita com isso. Mas eu lhe disse que era a única maneira de evitarmos que você se envolvesse. Você e Alessandro. Infelizmente, parece que ele também não bebeu.

– Mas, espere um minuto! – objetei. – Ele roubou o livro de minha mãe do meu quarto e o deu a você ontem à noite! Eu vi tudo!

– Você está enganada – retrucou Umberto, claramente aborrecido comigo por contradizê-lo e talvez um pouco chocado por eu ter testemunhado seu encontro secreto com Alessandro. – Ele foi apenas um portador. Uma pessoa em Siena lhe deu o livro ontem de manhã e pediu que ele o entregasse a Eva Maria. É óbvio que ele não sabia que o livro tinha sido roubado, caso contrário, teria...

– Espere! – interrompeu Janice. – É muita idiotice. Quem quer que tenha sido o ladrão, por que raios não roubou a caixa inteira? Por que só o livro?

Umberto calou-se por um instante. Depois, respondeu em voz baixa:

– Porque sua mãe me disse que o código estava no livro. Ela falou que, se alguma coisa lhe acontecesse...

Não conseguiu continuar.

Todos passamos um tempo calados, até que Janice suspirou e disse:

– Bem, acho que você deve um pedido de desculpas à Jules...

– Jan! – interrompi-a. – Não começa.

– Mas veja o que aconteceu com você... – insistiu ela.
– A culpa foi minha! – rebati. – Fui eu que... – Porém eu mal sabia como prosseguir.
– Vocês são inacreditáveis! – grunhiu Umberto. – Será que não lhes ensinei nada? Fazia uma semana que você o conhecia... No entanto, lá estavam os dois pombinhos!
– Você nos espiou? – perguntei, subitamente envergonhada. – Ora, isso é tão...
– Eu precisava pegar o *cencio*! – exclamou Umberto. – Seria tudo muito fácil se não fossem vocês dois...
– Já que entramos no assunto – interrompeu Janice –, quanto Alessandro sabia de toda essa história?

Umberto bufou:

– Sabia o bastante, é claro! Sabia que Julie era neta de sua madrinha, mas que Eva Maria queria lhe contar isso pessoalmente. E só. Como eu disse, não podíamos correr o risco de que a polícia se envolvesse. Assim, Eva Maria só falou com ele sobre a cerimônia do anel e da adaga pouco antes de ela acontecer e podem crer que ele não ficou nada satisfeito por ter sido enganado. Mas concordou em participar da cerimônia assim mesmo, porque minha mãe lhe disse que era importante para ela e para você, Julie, que houvesse uma cerimônia supostamente capaz de acabar com a maldição da família.

Umberto fez uma pausa e disse, em tom mais delicado:

– É uma pena as coisas terem de acabar assim.
– Quem disse que este é o fim? – retrucou minha irmã.

Umberto não o disse, mas tenho certeza – e minha irmã também – de que estava pensando: *ah, é o fim, sim*.

Deitados ali, num silêncio amargo, senti a escuridão me cercando por todos os lados, infiltrando-se em meu corpo por um número incontável de pequenas mágoas e me enchendo até a borda de desespero. O medo que eu sentira antes, ao ser perseguida por Bruno Carrera, ou quando Janice e eu tínhamos ficado presas no aqueduto de Bottini, não fora nada comparado ao que senti nesse momento, dilacerada de remorsos e sabendo que era tarde demais para eu consertar as coisas.

– Só por curiosidade – resmungou Janice, com a cabeça claramente vagando por trilhas diferentes das minhas, ainda que talvez igualmente desoladas –, algum dia você a amou de verdade? Nossa mãe, quero dizer.

Como Umberto não respondeu de imediato, ela acrescentou, mais relutante:

– E ela... ela amava você?

Ele deu um suspiro:

– Ela adorava me detestar. Era a sua maior emoção. Dizia que brigar estava nos nossos genes e que não gostaria que fosse diferente. Ela costumava me chamar – fez uma pausa para firmar a voz – de *Nino*.

QUANDO A VAN finalmente parou, eu quase havia esquecido aonde estávamos indo e por quê, mas, assim que as portas se abriram e revelaram as silhuetas de Cocco e de seus cúmplices contra a Catedral de Siena iluminada pela lua, tudo me voltou à lembrança como um soco no estômago.

Os homens nos puxaram da van pelos tornozelos, como se não passássemos de bagagem, e

entraram para buscar Frei Lorenzo. Foi tudo tão rápido que mal registrei a dor das pancadas no piso da van, e tanto Janice quanto eu cambaleamos quando eles nos levantaram no chão, nenhuma das duas muito preparada para ficar de pé, depois de tanto tempo deitadas no escuro.

– Ei, olhe! – disse Janice sibilando, com um lampejo de esperança na voz. – Músicos!

Ela estava certa. Havia outros três carros parados a poucos passos da van e meia dúzia de homens de smoking estava por ali com suas caixas de violoncelos e violinos, fumando e rindo. Senti uma pontada de alívio ao vê-los, mas, assim que Cocco andou até eles, com a mão levantada para cumprimentá-los, entendi que aqueles homens não estavam ali para tocar: faziam parte da quadrilha dele em Nápoles.

Ao avistarem Janice e eu, demonstraram prontamente que haviam gostado. Sem a mínima preocupação com o barulho, começaram a assoviar e gritar, tentando fazer com que olhássemos para eles. Umberto nem tentou silenciar a farra: não havia dúvida de que ele, assim como nós, simplesmente tinha sorte por estar vivo. Só quando viram Frei Lorenzo sair da van atrás de nós sua euforia deu lugar a algo que lembrava constrangimento e todos se curvaram para pegar as caixas dos instrumentos, como meninos de escola pegando suas mochilas à chegada de um professor.

Para todas as outras pessoas na *piazza* nessa noite – e havia um bom número delas, a maioria turistas e adolescentes –, devemos ter parecido um grupo normal de moradores, voltando de alguma festa relacionada ao Palio. Em momento algum os homens de Cocco pararam de conversar e de rir e, no centro do grupo, Janice e eu caminhávamos obedientemente, com grandes bandeiras da *contrada* sobre nós, escondendo com elegância as cordas que nos amarravam, assim como os canivetes encostados contra nossas costelas.

Quando nos aproximávamos da entrada principal do Santa Maria della Scala, de repente vi Maestro Lippi, que passava carregando um cavalete, sem dúvida preocupado com assuntos do outro mundo. Sem me atrever a gritar seu nome para chamar sua atenção, fixei os olhos nele com toda a intensidade que pude, torcendo para travar contato de alguma forma espiritual. Mas, quando o pintor finalmente olhou em nossa direção, seus olhos apenas deslizaram por nós, sem sinal de reconhecimento, e murchei de decepção.

Nesse exato momento, os sinos da catedral bateram a meia-noite. Tinha sido uma noite quente até então, de ar parado e extremamente úmida, e em algum lugar ao longe um temporal estava se armando. Ao chegarmos à atemorizante porta de entrada do antigo hospital, as primeiras rajadas de vento varreram a *piazza*, levantando todos os fragmentos de lixo que encontraram pelo caminho, como demônios invisíveis à procura de alguma coisa ou de alguém.

Sem perder tempo, Cocco pegou um telefone celular e fez uma chamada; segundos depois, as duas pequenas lâmpadas de ambos os lados da porta se apagaram e foi como se todo o conjunto arquitetônico exalasse um suspiro profundo. Sem mais delongas, Cocco tirou do bolso uma grande chave de ferro, a enfiou na fechadura abaixo da enorme maçaneta e destrancou tudo com um barulho alto.

Só então, quando estávamos prestes a entrar no prédio, ocorreu-me que o Santa Maria della Scala era um dos últimos lugares de Siena que eu gostaria de explorar no meio da noite, com ou sem um canivete nas costelas. Embora, segundo Umberto, a construção tivesse sido transformada num museu havia muitos anos, ela ainda tinha uma história de doença e morte. Mesmo para quem não quisesse acreditar em fantasmas, havia muitas outras coisas com que se preocupar, a começar por germes da

peste adormecidos. Mas, na verdade, o que eu sentia não tinha importância; fazia muito que eu perdesse o controle sobre meu destino.

Quando Cocco abriu a porta, eu meio que esperava deparar com uma onda de sombras fugazes e um cheiro de decomposição, mas do outro lado não havia nada além de uma escuridão fria. Mesmo assim, Janice e eu hesitamos na soleira, e só quando os homens nos deram um puxão avançamos com relutância, entrando aos tropeços no desconhecido.

Depois de todos entrarem e a porta se fechar às nossas costas, uma porção de luzinhas começou a se acender, conforme os homens ajustavam suas lanternas de cabeça e abriam as caixas dos instrumentos musicais. Aninhadas em espuma estavam lanternas potentes, armas e ferramentas e, assim que tudo foi reunido, os estojos foram chutados para longe.

– *Andiamo!* – disse Cocco, fazendo sinal com uma submetralhadora para que todos pulássemos o portão de segurança, que chegava à altura da coxa. Com as mãos ainda amarradas às costas, Janice e eu tivemos dificuldade para saltá-lo e os homens acabaram nos agarrando pelos braços e nos suspendendo, ignorando nossos gritos de dor quando batemos com as canelas nas barras de metal.

Então, pela primeira vez, Umberto se atreveu a protestar contra a brutalidade deles, dizendo a Cocco alguma coisa que só podia significar *ei, pega leve com as meninas*, mas tudo o que conseguiu com isso foi uma cotovelada no peito que o fez se curvar, num acesso de tosse. E, quando parei para ver se ele estava bem, dois capangas de Cocco me seguraram pelos ombros e me empurraram para a frente, impacientes, sem que seus rostos de pedra deixassem transparecer a menor emoção.

O único que foi tratado com algum respeito foi Frei Lorenzo, a quem deixaram levar o tempo que fosse preciso para saltar o portão com a dignidade que lhe restava.

– Por que ele ainda está com a venda nos olhos? – sussurrei para Janice, assim que os homens me soltaram.

– Porque eles pretendem deixá-lo vivo – respondeu minha irmã, desanimada.

– Shhh! – chiou Umberto com uma careta. – Quanto menos atenção vocês chamarem, melhor.

Concordamos bem, era uma exigência difícil de atender. Nem Janice nem eu tínhamos tomado banho desde a véspera, ou sequer lavado as mãos, e eu ainda usava o vestido vermelho da festa de Eva Maria, embora, a essa altura, o estado dele fosse lastimável. Um pouco mais cedo, Janice tinha sugerido que eu vestisse uma das roupas do armário de nossa mãe e me livrasse da aparência de mocinha de romance histórico de temática sexual. No entanto, quando fiz isso, nenhuma de nós conseguiu suportar o cheiro de na alina. Assim, ali estava eu, tentando não destoar do grupo, descalça e imunda, mas ainda de roupa de baile.

Andamos um pouco em silêncio, seguindo o balanço das lanternas de cabeça, cuja luz ricocheteava por corredores escuros e por várias escadas diferentes, descendo atrás de Cocco e um de seus capangas – um homem alto e amarelado, cujo rosto macilento e ombros encurvados me faziam pensar num urubu. Volta e meia os dois paravam para se orientar, consultando um pedaço grande de papel que deduzi ser uma planta do edifício. E, toda vez que o faziam, alguém puxava meu cabelo ou meu braço com força, para garantir que eu também parasse.

Havia cinco homens à nossa frente e cinco na retaguarda, o tempo todo, e, quando eu tentava trocar um olhar com Janice ou Umberto, o sujeito atrás de mim espetava o cano do revólver entre as minhas omoplatas até eu gritar de dor. Bem a meu lado, Janice recebia exatamente o mesmo tratamento e, embora eu não pudesse olhar para ela, sabia que minha irmã estava tão apavorada e

furiosa quanto eu – e igualmente incapaz de revidar.

Apesar dos smokings e do cabelo cheio de brilhantina, havia um cheiro acre, quase rançoso, nos homens, que sugeria que eles também se sentiam pressionados. Ou talvez o cheiro que eu estava sentindo fosse do prédio; quanto mais entrávamos no seu subterrâneo, pior ficava. Aos olhos, o lugar todo parecia muito limpo, quase asséptico, mas, ao descermos para a rede de corredores estreitos embaixo do porão, não pude me livrar da sensação de que, bem do outro lado daquelas paredes secas e impermeabilizadas, alguma coisa pútrida corroía e perfurava o gesso.

Quando os homens finalmente pararam, eu tinha perdido meu senso de direção havia muito tempo. Pareceu-me que víamos estar pelo menos uns quatro metros e meio abaixo do nível do solo, mas eu já não tinha certeza de estarmos exatamente sob o Santa Maria della Scala. Trêmula de frio, fiquei levantando alternadamente os pés enregelados, para encostá-los por um instante na batata da perna, tentando fazer o sangue fluir.

– Jules! – chamou Janice de repente, interrompendo minha ginástica. – Vamos!

Esperei que alguém desse um golpe em nossas cabeças para nos impedir de falar, mas, em vez disso, os homens foram nos empurrando até ficarmos cara a cara com Cocco e o urubu.

– *E ora, ragazze?* – perguntou Cocco, nos cegando com a lanterna em sua cabeça.

– O que ele disse? – sussurrou Janice, virando o rosto para evitar a luz.

– Qualquer coisa *namorada* – respondi entre dentes, nem um pouco satisfeita por ter reconhecido a palavra.

– Ele perguntou “é agora, moças?” – interveio Umberto. – Este é o quarto de Santa Catarina. Daqui vamos para onde?

Só então notamos que o urubu estava apontando uma lanterna por um portão de grade quadriculada e iluminando uma pequena cela monástica, que continha uma cama estreita e um altar. Deitada sobre a cama, estava a estátua de uma mulher – Santa Catarina, podíamos presumir – e a parede atrás dela era pintada de azul e cravejada de estrelas douradas.

– Hmm – murmurou Janice, claramente tão assombrada quanto eu ao ver que realmente estávamos ali, diante do quarto mencionado na charada de nossa mãe, “arranja-me um pé de cabra”.

– E depois? – perguntou Umberto, ansioso para mostrar a Cocco quanto éramos úteis.

Janice e eu nos entreolhamos, bem cientes de que as instruções de nossa mãe acabavam mais ou menos ali, com um alegre “moças, pra dança!”.

– Espere... – falei, de repente me lembrando de outro trecho. – Ah, sim... “fora com a cruz”...

– A cruz? – repetiu Umberto, com ar intrigado. – *La croce*...

Todos nos esticamos para examinar de novo o interior da cela e, no instante em que Cocco nos empurrava de lado para ver melhor, Janice balançou a cabeça vigorosamente, procurando apontar com o nariz:

– Ali! Olhem! Embaixo do altar!

E, de fato, abaixo do altar havia uma grande lajota de mármore com uma cruz negra, muito parecida com uma porta de sepulcro. Sem perder nem um segundo, Cocco deu um passo atrás e apontou a submetralhadora para o cadeado que trancava o portão de grade quadriculada. Antes que qualquer pessoa tivesse tempo de correr para se proteger, ele arrombou tudo com uma rajada ensurdecadora, que arrancou o portão das dobradiças.

– Meu *Deus!* – gritou Janice, contorcendo o rosto de dor. – Acho que isso estourou meus tímpanos!
Esse cara é completamente louco!

Sem dizer nada, Cocco girou nos calcanhares e a agarrou pelo pescoço, apertando com tanta força que ela quase sufocou. Foi tudo tão rápido que mal vi o que estava acontecendo, até que de repente ele a soltou e Janice caiu de joelhos, arfando.

– Oh, Jan! – exclamei, ajoelhando-me a seu lado. – Você está bem?

Ela levou um instante para recobrar o fôlego e responder. Quando finalmente o fez, foi com voz trêmula:

– Nota mental – resmungou, piscando os olhos para desanuviá-los -: o mocinho encantador entende a minha língua.

Mínutos depois, os homens atacaram a cruz sob o altar com pés de cabra e brocas e, quando a lajota finalmente se soltou, caindo no piso de pedra com um baque que fez subir uma nuvem de poeira, nenhum de nós ficou surpreso ao ver que atrás de onde ela estivera ficava a entrada de um túnel.

QUANDO HAVÍAMOS RASTEJADO para fora do sistema de esgoto no Campo, três dias antes, Janice e eu tínhamos prometido uma à outra nunca mais brincar de explorar cavernas no aqueduto de Bottini. No entanto, ali estávamos, atravessando uma passagem que era pouco mais do que um buraco de minhoca, na escuridão quase completa e sem um pedaço de céu azul nos esperando do outro lado.

Antes de nos empurrar buraco adentro, Cocco soltou nossas mãos – não por gentileza, mas porque era a única maneira de irmos com o grupo. Por sorte, ele ainda tinha a impressão de precisar de nós para encontrar o túmulo de Romeo e Giulietta; não sabia que a cruz embaixo do altar, na cela de Santa Catarina, era a última pista nas instruções de nossa mãe.

Avançando aos poucos atrás de Janice, sem ver nada além do jeans dela e do piscar aleatório da luz das lanternas de cabeça na superfície irregular do túnel, desejei também estar de calça comprida. Eu tropeçava repetidamente no vestido longo e o veludo fino não protegia nem um pouco meus joelhos ralados do arenito desnivelado em que eu rastejava. O único ponto positivo era que eu estava tão dormente de frio que mal chegava a sentir a dor.

Quando afinal chegamos ao fim do túnel, fiquei tão aliviada quanto os homens ao constatar que não havia nenhum pedregulho nem monte de lixo bloqueando a passagem e nos forçando a voltar. Em vez disso, entramos numa caverna ampla, de uns seis metros de largura e alta o bastante para todos ficarem de pé.

– *E ora?* – perguntou Cocco, assim que Janice e eu nos levantamos, e dessa vez não precisamos de Umberto para traduzir.

– Ah, não! – murmurou Janice, mas só para mim. – É um beco sem saída!

Atrás de nós, os outros homens também foram saindo do túnel e um deles era Frei Lorenzo. O urubu e outro sujeito de rabo de cavalo o ajudaram a sair, como um príncipe sendo trazido à luz por parteiras da realeza. Alguém tivera a bondade de tirar a venda de seus olhos antes de enfiar o pobre monge no buraco, e nesse momento Frei Lorenzo deu um passo à frente, ansioso, os olhos arregalados de assombro, como se houvesse esquecido por completo as circunstâncias violentas que o

tinham levado até ali.

– O que vamos fazer? – sibilou Janice, tentando chamar a atenção de Umberto. Mas ele estava ocupado batendo a poeira das calças e não captou a tensão repentina. – Como se diz “beco sem saída” em italiano?

Para nossa felicidade, Janice estava enganada. Quando olhei em volta com mais cuidado, vi que existiam, na verdade, outras duas saídas da caverna, além do buraco que tínhamos usado para entrar. Uma ficava no teto, mas era um cilindro escuro e comprido, bloqueado no alto pelo que parecia ser uma laje de concreto; mesmo com uma escada, seria impossível alcançá-lo. Mais que qualquer outra coisa, parecia ser um antigo duto de lixo e essa impressão era corroborada pelo fato de a outra saída ficar no chão, bem embaixo dele. Ou, pelo menos, supus existir uma abertura sob a chapa de metal enferrujado no piso da caverna, toda coberta de poeira e detritos. Em tese, uma coisa jogada do alto, se os dois buracos estivessem abertos, poderia cair direto pela caverna, sem nem ao menos dar uma parada.

Ao ver que Cocco continuava olhando para Janice e para mim à espera de instruções, fiz a única coisa lógica, que foi apontar para a chapa de metal no piso.

– Tais mortes têm de ser esclarecidas – falei, tentando criar uma instrução suficientemente oracular –, olhai sob vossos pés. Pois aqui jaz Julieta.

– Isso mesmo! – concordou Janice, puxando meu braço, nervosa. – Aqui jaz Julieta.

Depois de lançar um olhar furioso para Umberto, em busca de confirmação, Cocco mandou os homens começarem a trabalhar na chapa de metal com os pés de cabra, tentando soltá-la e tirá-la do caminho. Eles se atiraram a isso com tamanho empenho que Frei Lorenzo recolheu-se a um canto e começou a desfiar o rosário.

– Pobre sujeito – comentou Janice, mordendo o lábio. – Está completamente louco. Só espero...

Ela não concluiu a frase, mas eu sabia o que estava pensando, pois também vinha pensando na mesma coisa havia muito tempo. Era um mistério o motivo de nossa mãe ter insistido em que levássemos conosco o velho monge quando saíssemos em busca do túmulo. Estava claro que ele não entendia nada do que estava acontecendo e seria uma simples questão de tempo Cocco perceber que ele não passava de um peso morto. E, quando isso acontecesse, não conseguiríamos salvá-lo.

Sim, estávamos com as mãos livres, mas ambas sabíamos que éramos tão prisioneiras quanto antes. Assim que o último homem saiu do túnel, o sujeito do rabo de cavalo se postou bem diante da abertura, para se certificar de que ninguém cometesse a estupidez de tentar fugir. Por isso, na verdade só havia uma saída daquela caverna para Janice e eu – com ou sem Umberto e Frei Lorenzo – e essa saída era descer pelo sistema de drenagem com todos os outros.

Quando a tampa de metal enfim se soltou, de fato revelou uma abertura no chão, grande o bastante para permitir a passagem de um homem. Com um passo à frente, Cocco apontou uma lanterna para o buraco e, após uma hesitação brevíssima, os outros fizeram o mesmo, resmungando entre si com morno entusiasmo. O cheiro que vinha da escuridão lá embaixo era decididamente fétido e Janice e eu não fomos as únicas a tapar o nariz no começo. No entanto, passados alguns instantes, o fedor se tornou insuportável. Não havia dúvida de que eu e minha irmã estávamos nos familiarizando um pouco de mais com o cheiro de putrefação.

O que quer que Cocco tivesse visto lá embaixo levou-o a simplesmente dar de ombros e dizer:

– *Un bel niente.*

- Ele disse que não há nada - traduziu Umberto, o cenho franzido.

- Bem, e o que ele esperava? - zombou Janice. - Uma placa de néon, dizendo: *ladrões de sepultura, por aqui?*

O comentário de minha irmã fez eu me encolher de medo e, quando vi o olhar provocador que ela lançou a Cocco, tive certeza de que ele saltaria por cima do buraco e tornaria a agarrá-la pelo pescoço.

Mas ele não o fez. Em vez disso, olhou para ela com uma expressão misteriosa, calculista, e de repente compreendi que minha irmã astuta o vinha sondando desde o começo, tentando descobrir como fisgá-lo e dominá-lo. Por quê? Porque ele era nossa única saída.

- *Dai, dai!* - foi só o que ele disse, fazendo sinal para que seus homens pulassem no buraco, um atrás do outro. A julgar pelo modo como todos se prepararam antes de fazê-lo e pelos gritos vagos que vieram lá de baixo ao atingirem o piso da outra caverna, a queda era grande o bastante para ser encarada como desafio, embora não o suficiente para justificar o uso de uma corda.

Quando chegou nossa vez, Janice logo adiantou-se, provavelmente para mostrar a Cocco que não estávamos com medo. Quando ele estendeu a mão para ajudá-la - quem sabe pela primeira vez na vida -, ela cuspiu na palma do bandido antes de pular e desaparecer no buraco. Para meu espanto, tudo o que ele fez foi arreganhar os dentes num sorriso e dizer a Umberto alguma coisa que fiquei feliz por não entender.

Ao ver que Janice já acenava para mim da caverna abaixo e que a queda não passava de uns dois metros e meio ou um pouco mais, também me deixei cair na floresta de braços que esperavam para me receber. Porém, quando eles me seguraram e me puseram no chão, um dos homens pareceu achar que agora tinha o direito de me apalpar e em vão me debati para afastá-lo.

Rindo, ele segurou meus dois pulsos e tentou fazer os outros participarem da brincadeira, mas, justo quando meu pânico começava a aumentar, Janice veio em meu socorro como um foguete, metendo-se por entre as mãos e braços e se postando entre os homens e eu.

- Querem se divertir? - perguntou a eles, o rosto contorcido de nojo. - É isso que vocês querem, hein? Então, por que não se divertem comigo? - Ela começou a rasgar a blusa com tamanha raiva que os homens não souberam o que fazer. Hipnotizados pela visão do sutiã de Janice, todos começaram a recuar, menos o indivíduo que começara tudo aquilo. Ainda rindo, ele estendeu as mãos com insolência para tocar os seios de minha irmã, mas foi detido por uma ensurdecadora saraivada de tiros, que fez todos saltarmos de medo e aturdimento.

Segundos depois, uma chuva ruidosa de arenito esfarelado nos derrubou; ao bater com a cabeça no chão e ficar com a boca e as narinas cheias de pó, tive um flashback atordoante de quando me engasgara com gás lacrimogêneo em Roma e havia pensado que ia morrer. Durante vários minutos, tossi com tanta força que por pouco não vomitei e não fui a única. À minha volta, os homens estavam prostrados, assim como Janice. O único consolo foi que o piso da caverna não era nada duro, mas curiosamente esponjoso; se fosse de pedra sólida, poderia ter me nocauteado.

Quando enfim levantei os olhos por entre a nuvem de poeira, vi Cocco parado com a submetralhadora na mão, esperando para ver se alguém mais queria se divertir. Ninguém quis. Sua saraivada de advertência parecia ter espalhado pela caverna uma vibração que fizera algumas partes do teto despencarem e os homens estavam ocupados demais batendo os escombros do cabelo e da roupa para questionar a determinação dele.

Parecendo contente com o efeito obtido, Cocco apontou dois dedos para Janice e disse, num tom que ninguém poderia ignorar:

– *La stronza è mia!*

Mesmo sem ter certeza do que *stronza* significava, fiquei bastante segura do sentido geral da mensagem: ninguém além dele poderia tocar em minha irmã.

Ao me levantar, percebi que estava trêmula da cabeça aos pés, incapaz de controlar os nervos. Quando Janice se aproximou e lançou os braços em volta do meu pescoço, senti que também ela estava tremendo.

– Você é louca – afirmei, apertando-a com força. – Esses caras não são como os patetas com quem você está acostumada a lidar. A maldade não vem com manual de instruções.

Janice bufou:

– Todo homem vem com um manual. É só me dar tempo. Coquinho vai nos tirar daqui de avião, na primeira classe.

– Não tenho muita certeza disso – resmunguei, observando os homens baixarem Frei Lorenzo, muito nervoso, da caverna acima de nós. – Acho que nossa vida não vale nada para essa gente.

– Então – perguntou Janice, soltando-se do abraço –, por que você não se deita aí e morre logo de uma vez? Simplesmente desista. Não seria muito mais fácil?

– Só estou tentando ser racional... – comecei, mas ela não me deixou continuar.

– Você nunca fez uma única coisa racional na vida! – falou, amarrando a blusa arrebitada com um nó apertado. – Pra que começar agora?

Quando ela se afastou pisando duro, por pouco não me sentei no chão e desisti mesmo. Pensar que tudo aquilo era culpa minha – todo esse pesadelo de caça ao tesouro – e que poderia ter sido evitado se eu tivesse confiado em Alessandro, em vez de fugir do Castello Salimbeni daquele jeito. Se eu tivesse simplesmente permanecido onde estava, sem ouvir nem ver nada e, o que era mais importante, sem *fazer* nada, talvez eu ainda estivesse lá, dormindo em minha cama, aninhada nos braços dele.

Mas meu destino exigira outra coisa. Então, ali estava eu, nas entranhas de lugar nenhum, imunda a ponto de ficar irreconhecível, observando passivamente enquanto um louco homicida, armado com uma submetralhadora, gritava com meu pai e minha irmã para que eles dissessem qual era o próximo passo nessa caverna sem saída.

Ciente de que não podia apenas ficar ali sem fazer nada enquanto eles precisavam tão desesperadamente da minha ajuda, estendi a mão para pegar uma lanterna que alguém deixara cair. Só então notei que outra coisa se projetava para fora do pó à minha frente. Sob o feixe de luz pálida, parecia uma concha grande e rachada, mas é claro que isso era impossível. O mar ficava a uns 80 quilômetros de distância. Aojoelhando-me para examinar mais de perto, senti minha pulsação se acelerar quando percebi que estava olhando para uma parte de um crânio humano.

Passado o susto inicial, fiquei surpresa por essa descoberta não ter me deixado ainda mais perturbada. Mas, pensei, considerando as instruções de minha mãe, a visão de restos mortais seria muito natural; afinal, estávamos em busca de uma sepultura. Assim, comecei a escavar o solo poroso com as mãos, para ver se o resto do esqueleto estava ali, e não demorei muito a descobrir que sim. Mas não estava sozinho.

Logo abaixo da superfície – uma mistura de terra e cinzas, a julgar pela textura –, o fundo da

caverna estava repleto de ossos humanos amontoados e misturados.

*Cova? Não; junto a um esplendor de luz,
Pois jaz aqui Julieta; e sua beleza
Faz desta tumba festa luminosa.*

Minha descoberta macabra fez todos se encolherem de nojo e Janice quase vomitou ao ver o que eu tinha encontrado.

– Ah, meu Deus! É uma sepultura coletiva! – exclamou, nauseada. Recuando aos tropeços, grudou a manga da blusa no nariz e na boca. – De todos os lugares nojentos... nós estamos numa fossa da peste! Cheia de micróbios. Vamos todos morrer!

Seu pânico espalhou uma onda de medo também entre os homens e Cocco teve de gritar a plenos pulmões para acalmar a todos. O único que não pareceu muito abatido foi Frei Lorenzo, que apenas baixou a cabeça e começou a rezar, supostamente pelas almas dos falecidos, que, dependendo da profundidade da caverna, deviam ser centenas, se não milhares.

Mont Cocco não estava em clima de oração. Empurrando o monge para o lado com a arma, apontou direto para mim e vociferou alguma coisa desagradável.

– Ele quer saber aonde iremos agora – traduziu Umberto, cuja voz era um calmo contraponto à histeria de Cocco. – Falou que você lhe disse que Giuletta estava enterrada nesta caverna.

– Eu não disse isso... – protestei, sabendo muito bem que fora exatamente isso que eu dissera. – Nossa mãe escreveu... *atravessai a porta e ali jaz Julieta*.

– Onde porta? – quis saber Cocco, olhando furiosamente para um lado e para outro. – Eu ver não porta!

– Você sabe – menti –, a porta que existe aqui. Em algum lugar.

Cocco revirou os olhos e fez alguma piada desdenhosa antes de se afastar, pisando duro.

– Ele não acredita – explicou Umberto em tom sombrio. – Acha que vocês o enganaram. Agora vai falar com Frei Lorenzo.

Cada vez mais apreensivas, Janice e eu vimos os homens cercarem o monge e começarem a bombardeá-lo com perguntas. Mudo de pavor, ele tentou ouvir todos ao mesmo tempo, mas, pouco depois, simplesmente fechou os olhos e tapou os ouvidos.

– *Stupido!* – vociferou Cocco, ameaçando bater no frade.

– Não! – exclamou Janice, precipitando-se para ele e segurando seu cotovelo, para impedir que o bandido machucasse Frei Lorenzo. – Deixe-me tentar! Por favor!

Por uns segundos apavorantes, pareceu que minha irmã havia superestimado seu poder sobre o patife. A julgar pelo modo como Cocco olhou para seu próprio cotovelo, no qual as mãos de Janice ainda estavam agarradas, ele mal conseguia entender como ela tivera a petulância de detê-lo.

Provavelmente percebendo seu erro, Janice prontamente soltou o braço dele e ficou de joelhos, abraçando as pernas de Cocco em sinal de submissão. Após um momento de perplexidade, o bandido finalmente levantou as mãos e, com um sorriso, disse a seus parceiros algo parecido com “*Mulheres! O que um homem pode fazer?*”.

Assim, graças a Janice, tivemos permissão de conversar com Frei Lorenzo sem interferência, enquanto Cocco e seus homens acendiam um maço inteiro de cigarros e começavam a chutar um crânio humano como se fosse uma bola de futebol.

Posicionando-nos de modo a impedir que o monge visse aquele jogo ultrajante, nós lhe perguntamos, com a ajuda de Umberto, se ele fazia alguma ideia de como chegar ao túmulo de Romeo e Giulietta dali de onde estávamos. No entanto, assim que entendeu a pergunta, Frei Lorenzo deu uma resposta curta e balançou a cabeça, com ar indiferente.

– Ele não quer mostrar a esses homens perversos onde fica a sepultura – traduziu Umberto. – Sabe que vão profaná-la. E diz que não tem medo de morrer.

– Que Deus nos ajude! – murmurou Janice entre dentes. Em seguida, pôs a mão no braço de Frei Lorenzo e disse: – Nós compreendemos. Mas, sabe, eles nos matarão também. E depois sairão daqui e irão sequestrar outras pessoas e matá-las também. Padres, freiras, gente inocente. Isso nunca terá fim até que alguém os leve à tal sepultura.

Frei Lorenzo ponderou por algum tempo depois que Umberto traduziu para ele as palavras de minha irmã. Em seguida, apontou para mim e fez uma pergunta que me souou estranhamente acusatória.

– Ele quer saber se o seu marido sabe onde você está – disse Umberto, com ar quase divertido, apesar das circunstâncias. – Acha que é uma grande tolice sua estar aqui, cercada por esses homens malvados, quando deveria estar em casa cumprindo o seu dever.

Mais senti do que vi Janice revirar os olhos, prestes a desistir de tudo. Porém, havia em Frei Lorenzo algo incrivelmente sincero que repercutiu dentro de mim de um modo que minha irmã jamais conseguiria compreender.

– Eu sei – admiti, enfrentando os olhos do monge. – Mas meu dever mais importante é pôr fim à maldição. E não posso fazer isso sem a ajuda do senhor.

Depois de ouvir a tradução de minha resposta, Frei Lorenzo franziu de leve o cenho e estendeu a mão para meu pescoço.

– Ele quer saber onde está o crucifixo – disse Umberto. – O crucifixo a protegerá dos demônios.

– Eu... eu não sei onde ele está – gaguejei, lembrando-me do momento em que Alessandro o tirara de meu pescoço, basicamente para implicar comigo, e o pusera na mesa de cabeceira, no mesmo lugar onde eu havia deixado seu cordão de couro com a bala. Depois disso, eu me esquecera completamente da relíquia.

Frei Lorenzo ficou visivelmente insatisfeito com minha resposta e também não gostou de descobrir que eu já não estava usando o anel da águia.

– Ele diz que seria muito perigoso você se aproximar do túmulo sem esses objetos – traduziu Umberto, enxugando uma gota de suor da testa – e quer que você reconsidere.

Engoli em seco algumas vezes, procurando acalmar meu coração disparado. Em seguida, antes que pudesse me convencer de outra coisa, falei:

– Diga-lhe que não há nada para eu reconsiderar. Não tenho alternativa. Precisamos encontrar o

título esta noite. – Apontei com a cabeça os homens atrás de nós e acrescentei: – Aqueles caras são os verdadeiros demônios. Só a Virgem Maria pode nos proteger deles. Mas estou certa de que receberão seu castigo.

Nessa hora, Frei Lorenzo enfim assentiu com a cabeça. No entanto, em vez de falar, fechou os olhos e começou a cantarolar uma melodia, balançando para a frente e para trás como se tentasse recordar a letra de uma canção. Olhei de relance para Janice e a vi fazer uma careta para Umberto, mas, no instante em que ela ia abrindo a boca para comentar meu progresso – ou a ausência dele –, o monge parou de cantarolar, abriu os olhos e recitou o que parecia ser um poema curto.

– “A negra peste guarda a porta da Virgem” – traduziu Umberto –, é o que diz o livro.

– Que livro? – perguntou Janice.

– “Vede-os agora” – prosseguiu ele, ignorando minha irmã –, “os homens e mulheres sem Deus, prostrados perante sua porta eternamente fechada.” Frei Lorenzo disse que esta caverna deve ser a antiga antecâmara da cripta. A questão é...

Umberto interrompeu-se quando, de repente, o monge começou a andar em direção à parede mais próxima, resmungando consigo mesmo.

Sem saber ao certo o que devíamos fazer, seguimos Frei Lorenzo obedientemente, enquanto ele percorria a caverna devagar, com uma das mãos na parede. Agora que sabíamos sobre o que estávamos andando, senti um pequeno arrepio a cada passo e as ondas de fumaça dos cigarros foram quase bem-vindas, porque abafavam o outro cheiro da caverna, que nessa hora eu já sabia que era o cheiro da morte.

Só depois de completarmos uma volta e chegarmos de novo ao ponto de partida – sempre procurando ignorar as piadas grosseiras dos capangas de Cocco, que nos observavam com um desdém zombeteiro –, Frei Lorenzo enfim parou e tornou a falar conosco.

– A Catedral de Siena tem orientação leste-oeste – explicou Umberto –, com a entrada virada para oeste. Isso é normal nas catedrais. Por isso, seria de se supor que também fosse assim na cripta. Mas o livro diz...

– Que livro? – perguntou novamente Janice.

– Mas que saco! – reclamei. – Um livro qualquer que os monges leem em Viterbo, está bem?

– O livro diz – continuou Umberto, nos lançando olhares cortantes – que “a parte negra da Virgem é a imagem especular de sua parte branca”, o que poderia significar que a cripta, por ser a parte negra, isto é, a que fica embaixo da terra, na verdade tem uma orientação oeste-leste, com a entrada no leste. Nesse caso, a porta que leva até lá, saindo *deste* cômodo, ficaria de frente para o oeste. Não concordam?

Janice e eu nos entreolhamos. Ela parecia tão confusa quanto eu.

– Não temos a menor ideia de como ele chegou a essa conclusão – respondi a Umberto –, mas, a esta altura, acreditaremos em qualquer coisa.

Ao ouvir as notícias, Cocco atirou longe a ponta do cigarro e arregaçou a manga para examinar a bússola que tinha no relógio de pulso. Tão logo se sentiu confiante sobre qual era a direção oeste, começou a berrar instruções para os homens.

Minutos depois, todos estavam ocupados quebrando o piso da parte mais ocidental da caverna, arrancando esqueletos desmembrados com as próprias mãos e os jogando de lado, como se não passassem de galhos caídos de uma árvore morta. Era estranho ver aqueles homens de smoking e

sapatos tão polidos que brilhavam, com lanternas na cabeça, engatinhando para lá e para cá, sem a menor preocupação com o fato de estarem aspirando o pó de ossos desintegrados.

Com ânsias de vômito, virei-me para Janice, que parecia completamente hipnotizada pela escavação. Quando viu que eu estava olhando para ela, teve um ligeiro tremor e disse:

– “Saia logo, amiga, deste ninho de morte, de contágio, e de sono anormal. Poder maior do que podemos superar derrota as nossas intenções.”

Pus o braço em volta dela, tentando proteger nós duas daquela visão horrenda.

– E eu que achava que você nunca aprenderia esses malditos versos.

– Não eram os versos. Era o papel. Nunca fui Julieta – disse ela e apertou mais meu braço à sua volta. – Eu nunca poderia morrer por amor.

Tentei decifrar seu rosto à luz vacilante:

– Como você sabe?

Ela não respondeu, mas não me importei. Nesse exato momento, um dos homens gritou do buraco que eles estavam cavando e ambas nos aproximamos para saber o que havia acontecido.

– Eles acharam a parte superior de alguma coisa – disse Umberto, apontando. – Parece que Frei Lorenzo tinha razão.

Ambas nos esticamos para ver o que ele apontava, mas, à luz oscilante das lanternas, era quase impossível discernir qualquer coisa que não os próprios homens, atarefados dentro do buraco como abelhas frenéticas.

Só mais tarde, quando todos saíram para buscar suas ferramentas elétricas, me atrevi a apontar a lanterna para a cratera, a fim de ver o que eles tinham descoberto.

– Olhe! – chamei Janice, puxando-a pelo braço. – É uma porta lacrada!

Na realidade, não passava do topo pontiagudo de uma estrutura branca na parede da caverna – mal chegava a um metro de altura –, mas não havia dúvida de que um dia aquilo fora o batente de uma porta ou, pelo menos, a parte superior dela, e exibia até uma rosa de cinco pétalas entalhada bem no alto. O vão da porta, entretanto, tinha sido lacrado com uma mistura de tijolos marrons e fragmentos de peças decorativas de mármore. Estava claro que quem supervisionara a obra – provavelmente em algum momento do pavoroso ano de 1348 – estava com pressa demais para se importar com o material ou o padrão da construção.

Quando os homens retornaram com as ferramentas e começaram a perfurar os tijolos, Janice e eu nos escondemos atrás de Umberto e de Frei Lorenzo. Em pouco tempo, a caverna estava vibrando com o tumulto das demolições e pedaços de tufo começaram a despencar do teto feito granizo, cobrindo todos nós de escombros – mais uma vez.

Nada menos do que quatro camadas de tijolos separavam a sepultura coletiva do que havia além dela e, assim que os homens com as furadeiras viram que estavam atravessando a última camada, deram um passo atrás e começaram a desferir pontapés no que restava da parede, tentando derrubá-la. Não demoraram a abrir um grande buraco de contorno irregular e, antes mesmo que a poeira assentasse, Cocco empurrou todos os homens para o lado, a fim de ser o primeiro a apontar sua lanterna pela abertura.

No silêncio que se seguiu ao alarido e à confusão, ouvimos com muita clareza quando ele soltou um assobio de admiração e o som produziu um eco espectral.

– *La cripta!* – murmurou Frei Lorenzo, se benzendo.

– Lá vamos nós – resmungou Janice. – Espero que você tenha trazido alho.

OS HOMENS DE Cocco levaram cerca de meia hora para preparar nossa descida à cripta. Escavando mais por entre os ossos amontoados e perfurando os tijolos da parede à medida que avançavam, eles claramente estavam tentando nos fazer descer até o piso. No fim, porém, se cansaram dessa tarefa poeirenta e começaram a atirar ossos e escombros pelo buraco, com o objetivo de criar um monte que pudesse servir de rampa do outro lado. No início, os tijolos caíam com baques ruidosos no que parecia ser um piso de pedra, mas, conforme a pilha foi crescendo, o barulho tornou-se mais suave.

Quando Cocco enfim nos mandou cruzar a abertura, Janice e eu descemos de mãos dadas com Frei Lorenzo, correndo cuidadosamente pela pilha inclinada de tijolos e ossos e não nos sentindo muito diferentes das pessoas que sobrevivem a ataques aéreos, ao descerem uma escada destrocada sem saber se aquele será o fim – ou o começo – do mundo.

O ar era muito mais fresco na cripta do que na caverna que tínhamos deixado para trás, além de decididamente mais limpo. Ao correr os olhos em volta, à luz de meia dúzia de lanternas oscilantes, eu tinha certa expectativa de ver um cômodo comprido e estreito, com fileiras de sarcófagos sombrios e sinistras inscrições em latim nas paredes, mas, para minha grande surpresa, tratava-se de um espaço bonito, até majestoso, com teto abobadado sustentado por pilastras altas. Aqui e ali ficavam algumas mesas de pedra que originalmente talvez tivessem sido altares, mas que agora estavam despojadas de qualquer objeto sagrado. Fora isso, não restava grande coisa na cripta além de sombras e silêncio.

– Ah, meu Deus! – murmurou Janice, apontando minha lanterna para as paredes à nossa volta. – Olhe para esses afrescos! Somos as primeiras pessoas a vê-los desde...

– A Peste – completei. – E é provável que isso seja ruim para eles... todo esse ar e essa luz.

Ela deu um sorriso, mas sua voz soou mais como se estivesse chorando:

– Se você não se importa, essa deveria ser a menor de nossas preocupações agora.

Andando ao longo da parede, contemplando os afrescos, passamos por um vão fechado por um portão de ferro fundido e filigrana dourada. Ao apontar a lanterna por entre as grades, vimos uma capelinha lateral com alguns túmulos, o que me fez pensar no cemitério da aldeia onde ficava o sepulcro dos Tolomei, que eu visitara com primo Peppo no que parecia ter sido outra vida.

Janice e eu não éramos as únicas interessadas nas capelas laterais. Em toda a nossa volta, os homens de Cocco verificavam sistematicamente cada uma das portas, à procura do túmulo de Romeo e Giulietta, é claro.

– E se não for aqui? – sussurrou Janice, olhando de relance para Cocco, que ficava cada vez mais frustrado à medida que a busca prosseguia sem resultado algum. – E se eles estiverem mesmo sepultados aqui, mas a estátua ficar em outro lugar?... Jules?

Mas eu não a escutava com toda a minha atenção. Depois de pisar em diversos pedaços do que parecia ser gesso desmoronado, eu tinha apontado a lanterna para cima e descoberto que todo o lugar estava muito mais dilapidado do que eu havia presumido de início. Em vários pontos, pedaços do céu abobadado tinham caído e um par de pilastras inclinava-se ameaçadoramente sob o fardo do mundo moderno.

– Ai, ai – comentei, reconhecendo num átimo que Cocco e seus comparsas não eram nossos

únicos inimigos ali embaixo –, este lugar está prontinho para desabar.

Olhando por sobre o ombro para a abertura irregular que levava à antecâmara com a sepultura coletiva, percebi que, mesmo se conseguíssemos nos esgueirar até lá sem sermos vistas, jamais atravessaríamos o buraco pelo qual os homens tinham nos ajudado a descer. Usando toda a minha força, talvez eu conseguisse içar Janice, mas o que aconteceria comigo? E quanto a Frei Lorenzo? Umberto poderia içar todos nós, um a um, mas e ele? Simplesmente o deixaríamos lá?

Minhas especulações foram interrompidas quando Cocco nos chamou com um assobio agudo e mandou Umberto nos perguntar se tínhamos mais alguma pista sobre onde estaria a maldita estátua.

– Ah, ela está aqui! – Janice deixou escapar. – A questão é onde a esconderam.

Ao ver que Cocco não acompanhou seu raciocínio, ela tentou rir e depois prosseguiu, com a voz começando a vacilar:

– Você acha mesmo que eles colocariam uma coisa tão valiosa num lugar em que todos a vissem?

– O que Frei Lorenzo disse? – perguntei a Umberto, principalmente para desviar a atenção de Janice, já que ela parecia prestes a desatar em prantos a qualquer momento. – Ele deve ter alguma ideia.

Todos olhamos para o monge, que perambulava sozinho, contemplando as estrelas douradas do teto.

– “E ali pôs um dragão para lhes guardar os olhos” – respondeu Umberto. – Só isso. Mas não há nenhum dragão aqui. E nem uma única estátua em parte alguma.

– O mais estranho – comentei, olhando de um lado da cripta para outro – é que ali à esquerda há cinco capelas a intervalos regulares, mas deste lado aqui só há quatro. Vejam. Falta a do meio. Há apenas uma parede.

Antes que Umberto chegasse sequer a terminar de traduzir o que eu tinha dito, Cocco fez todos marcharmos para o local onde deveria estar a quinta entrada, para examinarmos mais de perto.

– Não é apenas uma parede – disse Janice, apontando para um afresco de cores vivas –, e sim uma paisagem com uma... grande cobra voadora vermelha.

– Para mim parece um dragão – falei, dando um passo atrás. – Sabe o que eu acho? Que o túmulo fica atrás dessa parede. Olhe... – Apontei para uma rachadura comprida no afresco, que deixava transparecer a moldura de uma porta por baixo do gesso. – É óbvio que isso era uma capela lateral como as outras, mas aposto que Salimbeni se cansou de manter guardas aqui 24 horas por dia. Então simplesmente fechou tudo com uma parede. Faz sentido.

Cocco não precisou de provas mais contundentes de que aquela era mesmo a localização da sepultura e, minutos depois, as ferramentas elétricas tinham voltado ao trabalho e o rugir do metal na pedra reverberava pela cripta à medida que os homens perfuravam o afresco do dragão para chegar ao suposto nicho oculto. Dessa vez, não foram apenas pó e escombros que caíram sobre nós, enquanto ficávamos parados ali, assistindo à destruição com os dedos nos ouvidos, mas grandes pedaços do teto abobadado, inclusive diversas estrelas douradas que despencaram à nossa volta com baques fatídicos, como se os parafusos do próprio universo estivessem se soltando.

QUANDO AS FURADEIRAS finalmente pararam, a abertura na parede deixava espaço apenas para permitir a passagem de uma pessoa e de fato revelou um nicho oculto. Um a um, os homens desapareceram pelo vão da porta improvisada e, no fim, nem Janice nem eu conseguimos resistir à tentação de segui-los, embora ninguém tivesse nos mandado fazer isso.

Nós nos espremos pela passagem e saímos numa capelinha lateral tenuemente iluminada, quase esbarrando nos outros, que estavam imóveis. Espichei a cabeça a fim de ver para onde estavam olhando e tive um mero vislumbre de algo brilhante, até que um dos homens enfim tomou a iniciativa de apontar sua lanterna diretamente para o imenso objeto que parecia pairar no ar diante de nós.

– Puta merda! – exclamou alguém, com uma pronúncia perfeita, e, para quebrar a monotonia, até Janice ficou muda de espanto.

Ali estava ela, a estátua de Romeo e Giulietta, muito maior e mais espetacular do que eu poderia ter imaginado. Na verdade, suas proporções a tornavam quase ameaçadora. Era como se seu criador tivesse querido que, ao fitá-la, as pessoas se prostrassem espontaneamente de joelhos, implorando perdão. E por pouco não o fiz.

Mesmo ali, instalada sobre um grande sarcófago de mármore e coberta por 600 anos de poeira, ela irradiava um brilho dourado que nem o tempo, não importa quanto passasse, seria capaz de lhe roubar. À luz tênue da capela, as quatro pedras preciosas que eram os olhos – duas safiras azuis e duas esmeraldas verdes – cintilavam com uma luminosidade quase sobrenatural.

Para quem não conhecia sua história, a estátua não falava de luto, mas de amor. Romeo estava ajoelhado sobre o sarcófago, segurando Giulietta nos braços, e os dois se olhavam com uma intensidade que penetrou na fresta escura em que meu coração fora se esconder, fazendo com que eu me lembrasse de minhas próprias tristezas recentes. Os desenhos do caderno de minha mãe não tinham sido mais do que palpites. Nem mesmo seus esboços mais encantadores dos dois personagens, Romeo e Giulietta, lhes faziam o mínimo de justiça.

Parada ali, prendendo o choro por minhas tristezas, foi difícil eu admitir que, originalmente, tinha ido a Siena procurar aquela estátua e aquelas quatro gemas. Agora que elas estavam bem diante dos meus olhos, eu já não tinha o menor desejo de possuí-las. E, mesmo que fossem minhas, eu as daria alegremente, mil vezes, para voltar à vida real, a salvo de gente como Cocco, nem que fosse para ver Alessandro apenas mais uma vez.

– Você acha que eles foram postos no mesmo caixão? – murmurou Janice, interrompendo meus pensamentos. – Venha... – disse. Foi abrindo caminho por entre os homens e me puxando e, ao chegarmos bem ao lado do sarcófago, pegou minha lanterna e a apontou para uma inscrição entalhada na pedra. – Olhe! Lembra-se disso, daquela história? Será que é aquela?

Ambas nos inclinamos para examinar mais de perto, mas não conseguimos entender o texto em italiano.

– Como era mesmo? – Janice franziu o cenho, tentando recordar a tradução de Maestro Lippi. – Ah, é! *Aqui dorme a sincera e fiel Giulietta... Por amor e misericórdia divina...* – Então parou, esquecendo o resto.

– *A ser despertada por Romeo, seu legítimo esposo* – prossegui baixinho, fascinada com o rosto dourado de Romeo, que olhava diretamente para mim –, *numa hora de perfeita graça.*

Se a história que Maestro Lippi havia traduzido para nós era verdadeira – e começava a parecer

que sim –, o velho Maestro Ambrogio tinha supervisionado pessoalmente a criação dessa estátua, em 1341. Com certeza, por ser amigo pessoal de Romeo e Giulietta, devia ter feito questão de criá-la da maneira certa; aquela era, sem dúvida, uma representação fiel da aparência dos dois.

Mas Cocco e seus homens não tinham vindo de Nápoles para se perderem em devaneios e dois deles já estavam subindo em diferentes pontos do sarcófago, procurando decidir que instrumentos seriam necessários para arrancar os olhos da estátua. No fim, resolveram que precisariam de furadeiras especiais e, tão logo as ferramentas montadas lhes foram entregues, voltaram-se para seus respectivos personagens – um para Giulietta, outro para Romeo –, prontos para ir em frente.

Ao ver o que os bandidos estavam prestes a fazer, Frei Lorenzo – que se mantivera perfeitamente calmo até esse exato momento – precipitou-se e tentou detê-los, implorando que não destruíssem a estátua. Não se tratava apenas da profanação de uma obra de arte: o monge tinha a clara convicção de que roubar seus olhos desencadearia uma desgraça indescritível, que acabaria com todos nós. Mas Cocco já não precisava dos enigmas supersticiosos de Frei Lorenzo. Empurrando bruscamente o monge para o lado, mandou seus homens prosseguirem.

Como se o estardalhaço da derrubada da parede não tivesse sido ruim o bastante, o barulho das furadeiras no metal foi um perfeito inferno. Recuando do tumulto, com as mãos pressionando as orelhas, Janice e eu tivemos plena consciência de estarmos nos aproximando rapidamente do amargo fim de nossa busca.

Ao nos abaixarmos para atravessar o buraco na parede e voltar à parte principal da cripta, seguidas por Frei Lorenzo, muito aflito, logo percebemos que todo o local estava literalmente caindo aos pedaços. Grandes rachaduras percorriam as paredes revestidas de gesso e subiam pelo céu abobadado, criando desenhos de teia de aranha que não precisariam de nada além da mais ínfima vibração para se espalharem ainda mais, em todas as direções.

– Sugiro que a gente saia correndo – disse Janice, olhando ao redor, nervosa. – Pelo menos para voltar à outra caverna, onde a única ameaça são os esqueletos.

– E depois? – perguntei. – Ficamos sentadas embaixo do buraco do teto, esperando que esses... cavalheiros venham nos ajudar a sair?

– Não – retrucou ela, esfregando o braço no ponto em que uma estrela a havia atingido –, mas uma de nós poderia ajudar a outra a sair e essa outra poderia rastejar de volta pelo túnel para buscar ajuda.

Encarei minha irmã, percebendo que ela estava certa e que eu tinha sido uma idiota por não ter pensado nisso antes.

– Então – perguntei, hesitante –, qual de nós irá?

Janice deu um sorriso irônico:

– Você. É você que tem algo a perder... – Em seguida acrescentou, com ar convencido: – Além disso, sou a única que sabe lidar com o “Sr. Cabeça de Cocco”.

Ficamos imóveis por um instante, apenas nos entreolhando. Depois, vi Frei Lorenzo pelo canto do olho. Ele estava ajoelhado diante de uma das mesas de pedra vazias, rezando para um Deus que já não estava ali.

– Não posso fazer isso – sussurrei. – Não posso deixar você aqui.

– Você precisa – retrucou Janice com firmeza. – Se você não for, eu vou.

– Ótimo, então vá. Por favor.

– Ah, Jules! – exclamou minha irmã, enlaçando meu pescoço. – Por que você sempre tem que ser a heroína?

Poderíamos ter nos poupado a emoção de lutar pelo martírio, pois, agora que as furaadeiras de metal tinham parado, os homens foram saindo em bando da capela lateral, rindo e brincando sobre suas façanhas e jogando de um lado para outro as quatro pedras preciosas do tamanho de avelãs. A última pessoa a sair foi Umberto e pude ver que ele estava pensando exatamente o mesmo que nós: será que aquilo enfim encerraria nossos negócios com Cocco e a quadrilha de Nápoles ou eles ainda iriam querer mais alguma coisa?

Como se lessem nossos pensamentos, os homens interromperam a farra e deram uma olhada demorada em Janice e em mim, aninhadas nos braços uma da outra. Cocco pareceu sentir um prazer especial em nos ver e o sorrisinho em seu rosto me disse que ele sabia exatamente como valorizar ainda mais sua empreitada. Em seguida, porém, depois de despir Janice com os olhos e concluir que, apesar da atitude desagradável, ela não passava de uma menininha assustada, seus olhos calculistas se tornaram frios e ele disse algo a seus asseclas que fez Umberto precipitar-se de um salto, com os braços abertos, e se postar entre eles e nós.

– *No! Ti prego!* – implorou.

– *Vaffanculo!* – desdenhou Cocco, apontando a submetralhadora para ele.

A julgar pelo som, os dois passaram à troca de uma legião de apelos e xingamentos obscenos, até que Umberto finalmente desistiu de falar em italiano.

– Meu amigo – disse, praticamente prostrando-se de joelhos –, sei que você é um homem generoso. Eu lhe juro que não se arrependará.

Cocco não respondeu de imediato. Seus olhos espremidos sugeriram que ele não tinha gostado de que lhe lembrassem o passado.

– Por favor – continuou Umberto –, as meninas jamais contarão a ninguém. Eu lhe juro.

Nessa hora, Cocco finalmente fez uma careta e declarou em seu inglês relutante:

– Menina sempre fala. Fala, fala, fala.

Às minhas costas, Janice apertou minha mão com tanta força que chegou a doer. Ela sabia tão bem quanto eu que não havia uma única razão para Cocco nos deixar sair vivas daquele lugar. Agora ele tinha suas pedras preciosas e era tudo o que queria. O que *não* precisava, com toda a certeza, era de testemunhas. Mesmo assim, tive dificuldade de compreender que aquele era mesmo o fim. Depois de tanto rastejarmos para lá e para cá e de o ajudarmos a encontrar a estátua, será que ele realmente nos mataria? Em vez de medo, o que senti foi raiva – raiva por Cocco ser o bastardo frio que era e pelo fato de o único homem a sair em nossa defesa ter sido nosso pai.

Até Frei Lorenzo ficara ali inerte, desfiando seu rosário de olhos fechados, como se nada do que estava acontecendo tivesse alguma coisa a ver com ele. Mas, como poderia ter? Ele não entendia a maldade nem a nossa língua.

– Meu amigo – tornou a dizer Umberto, fazendo todo o possível para usar um tom calmo, talvez na esperança de que sua serenidade contagiasse Cocco –, poupei sua vida uma vez. Lembra-se? Será que aquilo não vale nada?

Cocco fingiu pensar um instante. Depois, retrucou, com uma careta de desprezo:

– Está certo. Você poupou minha vida uma vez. Por isso, eu lhe pouparei uma vida. – Ele inclinou a cabeça para Janice e para mim. – De quem você gosta mais? Da *stronza* ou do *angelo*?

- Ah, Jules! - choramingou Janice, me abraçando com tanta força que não pude respirar. - Eu amo você! Haja o que houver, amo você!

- Por favor, não me faça escolher - pediu Umberto, com uma voz que mal pude reconhecer. - Cocco, eu conheço sua mãe. Ela é uma boa mulher. Não gostaria disso.

- Minha mãe - zombou Cocco - vai cuspir na sua sepultura! Última chance: a *stronza* ou o *angelo*? Escolha de uma vez, senão matarei as duas.

Quando Umberto não respondeu, o bandido foi direto em sua direção.

- Você - disse devagar, encostando o cano da submetralhadora no peito de Umberto - é um homem burro.

Em pânico, Janice e eu ficamos paralisadas demais para avançar de um salto e tentar impedir que Cocco puxasse o gatilho. Dois segundos depois, um único tiro ensurdecedor fez toda a caverna estremecer.

Certas de que ele tinha sido atingido, nós duas gritamos e corremos para Umberto, esperando vê-lo cair morto. Mas, por incrível que pareça, quando o alcançamos ele continuava de pé, rígido de pavor. Quem estava caído no chão, grotescamente esparramado, era Cocco. Alguma coisa - um raio vindo do céu? - havia atravessado seu crânio e arrancado a parte posterior de sua cabeça.

- Minha nossa, o que foi *isso*? - resmungou Janice, branca feito um fantasma.

- Abaixem-se! - gritou Umberto, puxando-nos furiosamente. - E cubram a cabeça!

À nossa volta, os homens de Cocco começaram a correr para todos os lados, em busca de proteção, enquanto uma sucessão de tiros soava alto e os que pararam para revidar o fogo eram abatidos no mesmo instante, com espantosa precisão. Deitada de bruços no chão, virei a cabeça para ver quem estava disparando e, pela primeira vez na vida, a visão de policiais se aproximando em trajes de combate não me causou aversão. Entrando em bando na cripta pelo buraco que tínhamos feito, eles se posicionaram atrás das pilastras mais próximas e gritaram para que os bandidos restantes largassem as armas e se rendessem.

Meu alívio ao ver a polícia e perceber que nosso pesadelo havia acabado me deu vontade de rir e chorar ao mesmo tempo. Se eles tivessem chegado um minuto depois, tudo teria sido diferente. Ou, talvez, eles já estivessem ali havia algum tempo, apenas nos observando, à espera de um pretexto para alvejar Cocco, sem julgamento. Quaisquer que fossem os detalhes, deitada ali naquele piso de pedra, minha cabeça ainda rodando com o horror do que havíamos passado, senti-me perfeitamente disposta a acreditar que eles tinham sido mandados pela Virgem Maria, para castigar aqueles que tinham violado o seu santuário.

Diante das perspectivas desanimadoras, os poucos bandidos sobreviventes acabaram saindo de trás das colunas com as mãos para o alto. Quando um deles cometeu a estupidez de se curvar para pegar alguma coisa no chão - provavelmente, uma pedra preciosa -, foi logo abatido. Levei alguns segundos para reconhecer o sujeito como aquele que nos apalpara, a mim e a Janice, na caverna e, mais importante ainda, que o homem que o acertara tinha sido Alessandro.

Assim que o reconheci, senti uma alegria intensa e estonteante me invadir. Mas, antes que pudesse compartilhar minha descoberta com Janice, houve um ruído ameaçador em algum ponto acima de nós, que evoluiu num crescendo enlouquecedor até que uma das pilastras que sustentavam o teto abobadado desabou com um estrondo, bem em cima dos bandidos sobreviventes, achatando-os sob toneladas de pedra.

Os ecos trêmulos da coluna desabada se espalharam por toda a rede de túneis do aqueduto de Bottini. O caos na cripta pareceu emitir nos subterrâneos uma vibração muito semelhante à de um terremoto e vi Umberto se levantar de um salto, fazendo sinal para que Janice e eu também ficassemos de pé.

– Venham! – exortou-nos, com um olhar nervoso para as pilstras à nossa volta. – Acho que não temos muito tempo.

Correndo sem parar, escapamos por pouco de uma chuva de escombros que despencavam do teto em ruínas e, quando uma estrela me acertou bem na têmpora, quase desmaiei. Ao fazer uma pausa rápida para recuperar o equilíbrio, vi Alessandro andando na minha direção, passando por cima dos destroços e ignorando as advertências dos outros policiais. Ele não falou nada, nem precisava. Seus olhos disseram tudo o que eu tinha a esperança de ouvir.

Eu teria caminhado diretamente para seus braços se, nesse momento, não tivesse ouvido um grito fraco às minhas costas.

– Frei Lorenzo! – exclamei num arquejo, ao perceber de repente que tínhamos nos esquecido completamente do monge. Girando o corpo, divisei sua forma agachada num ponto no meio da devastação e, antes que Alessandro pudesse me deter, voltei correndo por onde viera, afrita para chegar ao ancião antes que um pedaço de alvenaria voasse à minha frente e o atingisse.

Alessandro com certeza teria me detido se outra coluna não tivesse desabado entre nós numa nuvem de poeira, imediatamente seguida por uma enxurrada de pedaços de gesso. Dessa vez, o impacto da pilastra abriu um rombo no chão bem ao meu lado, revelando que sob as lajotas de pedra não havia caibros nem laje de concreto, apenas um grande e tenebroso vazio.

Petrificada diante daquela visão, estaquei onde estava, com medo de seguir adiante. Atrás de mim, ouvi Alessandro gritar para que eu voltasse, mas, antes mesmo que pudesse me virar, a parte do piso onde eu estava começou a se separar da estrutura à minha volta. Quando dei por mim, o piso já não existia e eu estava mergulhando diretamente no nada, atônita demais para gritar, com a sensação de que toda a cola do mundo tinha evaporado e, naquele novo caos, tudo que restava eram fragmentos dispersos, eu e a gravidade.

Quanto terei caído? Minha vontade é dizer que despenquei pela própria extensão do tempo, atravessando vidas, mortes e séculos passados, mas, em termos de medidas reais, a queda não passou de uns quatro metros e meio. É o que dizem, pelo menos. Dizem também que, para minha sorte, o que me acolheu no mundo subterrâneo não foram rochas nem demônios. Foi o antigo rio que nos desperta dos sonhos e que poucos tiveram permissão de encontrar.

O nome dele é Diana.

DIZEM QUE, ASSIM que despenquei da borda do piso que desmoronava, Alessandro pulou atrás de mim, sem se deter nem mesmo para despir a roupa de combate. Quando mergulhou na água fria, foi sugado para baixo pelo peso daquilo tudo – o colete, as botas, a arma – e demorou um pouco para voltar à superfície e respirar. Lutando contra a correnteza veloz, conseguiu sacar uma lanterna e acabou encontrando meu corpo inerte, preso a uma pedra.

Gritando para apressar os outros policiais, Alessandro os fez baixarem uma corda e nos içarem para a cripta da catedral. Surdo a tudo e a todos, deitou-me no chão em meio aos escombros,

expulsou a água de meus pulmões e começou a tentar me reanimar.

Parada ali, observando os esforços dele, Janice não compreendeu plenamente a gravidade da situação até olhar para cima e ver os outros homens trocando olhares sinistros. Todos já sabiam o que Alessandro ainda se recusava a aceitar: que eu estava morta. Só então minha irmã sentiu chegarem as lágrimas e, depois que elas começaram, não consegui detê-las.

No fim, Alessandro desistiu das tentativas de me reanimar e apenas me segurou, como se nunca mais pretendesse me soltar. Afagou meu rosto e falou comigo, dizendo coisas que deveria ter dito enquanto eu ainda estava viva, sem se importar com quem pudesse ouvi-lo. Nesse momento, segundo Janice, ficamos muito parecidos com a estátua de Romeo e Giulietta, exceto pelo fato de que meus olhos estavam fechados e Alessandro tinha o rosto contorcido de dor.

Ao ver que até ele tinha perdido a esperança, minha irmã soltou-se dos policiais que a seguravam e correu até Frei Lorenzo, agarrando o monge pelos ombros.

– Por que não está rezando? – gritou, sacudindo o ancião. – Reze para a Virgem Maria e diga a ela...

Ao perceber que ele não a entendia, Janice se afastou do monge, ergueu os olhos para o teto destróado e berrou a plenos pulmões:

– Faça-a viver! Eu sei que a Senhora pode! Deixe-a viver!

Não obtendo resposta, minha irmã enfim se prostrou de joelhos, chorando convulsivamente. E não houve um só homem no grupo que se atrevesse a tocar nela.

Nesse exato momento, Alessandro sentiu alguma coisa. Não foi mais que um tremor, e talvez tivesse sido nele, não em mim, mas foi o bastante para lhe dar esperanças. Aninhando minha cabeça nas mãos, voltou a falar comigo, a princípio com ternura, depois com impaciência.

– Olhe para mim! – implorou. – Olhe para mim, Giulietta!

Dizem que, quando finalmente o ouvi, não tossi, não gemi nem fiquei arfante. Apenas abri os olhos e o fitei. E, quando comecei a compreender o que se passava à minha volta, parece que sorri e murmurei:

– Shakespeare não iria gostar disso.

Tudo isso me foi contado depois; não me lembro de quase nada. Não me lembro nem mesmo de Frei Lorenzo ajoelhando-se para me dar um beijo na testa, ou de Janice dançando aos rodopios e beijando um por um todos os policiais, que riam. Só me lembro dos olhos do homem que se recusou a me perder de novo e que me arrancou das garras do Bardo, para podermos enfim escrever nosso final feliz.

*E essa dor que hoje sentimos
Servirá pra conversa, no futuro.*

Maestro Lippi não entendia por que eu não conseguia ficar quieta. Ali estávamos finalmente: ele atrás do cavalete e eu com a melhor das aparências, emoldurada por flores silvestres e banhada pela luz dourada do sol de final de verão. Ele só precisava de mais 10 minutos e o retrato ficaria pronto.

– Por favor! – pediu, agitando a paleta. – Não se mexa!

– Mas, *maestro* – protestei –, tenho mesmo que ir embora!

– Ah! – resmungou ele, desaparecendo de novo atrás da tela. – Essas coisas nunca começam na hora certa.

Atrás de mim, fazia tempo que os sinos do mosteiro no alto do morro tinham parado de badalar e, quando torci o corpo para olhar mais uma vez, vi uma figura num vestido esvoaçante que descia a encosta correndo, em direção a nós.

– Caramba, Jules! – disse Janice, arfante demais para me dar a extensão completa de sua reprovação. – Alguém vai ter um troço se você não tirar a bunda daí *imediatamente!*

– Eu sei, mas... – Olhei de relance para Maestro Lippi, que não estava nada disposto a interromper seu trabalho. Afinal, Janice e eu lhe devíamos a vida.

Não havia como contornar o fato de que nossa provação na cripta da catedral poderia ter tido um fim muito diferente se o *maestro*, num momento de lucidez atípica, não tivesse nos reconhecido ao atravessarmos o Campo naquela noite, cercadas por músicos e envoltas em bandeiras de uma *contrada*. Ele nos vira antes que o vissemos, porém, tão logo se dera conta de que estávamos usando bandeiras da *contrada* do Unicórnio – a grande rival da *contrada* da Coruja –, tinha compreendido que havia alguma coisa terrivelmente errada.

Correndo de volta para sua oficina, ele chamara a polícia na mesma hora. Acontece que Alessandro já estava na delegacia, interrogando dois vagabundos de Nápoles que haviam tentado matá-lo e, no processo, acabaram com os braços quebrados.

Portanto, não fosse por Maestro Lippi, a polícia nunca teria ido atrás de nós na cripta e Alessandro talvez nunca me salvasse do rio Diana... e eu não estaria ali nesse dia, no mosteiro de Frei Lorenzo, em Viterbo, linda como nunca.

– Desculpe, *maestro*, mas teremos que terminar isto outra hora – falei, já me levantando.

Enquanto subia a encosta com minha irmã, correndo, não pude deixar de rir. Ela estava usando um dos vestidos feitos sob medida para Eva Maria e, é claro, ele lhe caía perfeitamente.

– Qual é a graça? – repreendeu-me Janice, ainda aborrecida comigo por meu atraso.

– Você – respondi, rindo. – Nem acredito que nunca tenha me ocorrido quanto você se parece com

Eva Maria. E *fala* igual a ela!

– Muito obrigada! Acho que é melhor do que parecer com o Umberto... – começou, mas, mal as palavras lhe saíram da boca, fez uma careta sem graça. – Desculpe.

– Não se desculpe. Tenho certeza de que ele está aqui, em espírito.

A verdade era que não fazíamos ideia de que fim levava Umberto. Nenhuma de nós o vira desde o troteio na cripta da catedral. O mais provável é que ele tivesse desaparecido no subterrâneo quando o piso desmoronou, mas, por outro lado, ninguém realmente vira isso acontecer. Estavam todos muito ocupados me procurando.

As quatro pedras preciosas também nunca foram encontradas. Pessoalmente, desconfio que a terra tenha retomado seus tesouros, aninhando em seu bojo os olhos de Romeo e Giulietta, assim como exigira o retorno da adaga da Águia.

Janice, por outro lado, tinha certeza de que Umberto havia embolsado as joias e fugido pelos túneis do aqueduto de Bottini, para levar uma boa vida nas chiques casas de tango de Buenos Aires... ou em qualquer lugar aonde vão os bandidos refinados ao se aposentarem. E, depois de alguns martínis de chocolate à beira da piscina no Castello Salimbeni, Eva Maria começou a concordar com ela. Umberto, disse-nos, ajeitando os óculos escuros sob o chapéu de abas largas e flexíveis, sempre tivera o hábito de desaparecer, às vezes durante anos, até que de repente telefonava, quando ela menos esperava. Além disso, ela confiava em que, mesmo que o filho houvesse despenhado de verdade pelo piso e caído no rio Diana, teria conseguido manter a cabeça fora d'água e simplesmente seguido a correnteza, até que ela o cuspsisse num lago, em algum lugar. Como poderia não ser assim?

PARA CHEGARMOS AO santuário, tivemos de atravessar correndo um olival e um viveiro de ervas onde havia colmeias. Frei Lorenzo nos levava para um passeio pelo terreno nessa mesma manhã e tínhamos parado num roseiral isolado, dominado por uma rotunda aberta de mármore.

No meio desse pequeno templo ficava a estátua de um monge em tamanho natural, com os braços abertos num gesto de amizade. Frei Lorenzo nos explicara que era assim que os irmãos gostavam de imaginar que teria sido o Frei Lorenzo original, além de nos dizer que seus restos mortais estavam sepultados ali debaixo. Aquele era para ser um lugar de paz e contemplação, nos dissera, mas, por sermos quem éramos, ele abriria uma exceção para nós.

Ao me aproximar do santuário nesse momento, com Janice atrás de mim, parei por um instante para recuperar o fôlego. Estavam todos lá à nossa espera – Eva Maria, Malèna, o primo Peppo com a perna engessada e mais umas duas dúzias de outras pessoas cujos nomes eu mal estava começando a aprender – e, ao lado de Frei Lorenzo, estava Alessandro, nervoso e lindo de morrer, franzindo o cenho para seu relógio.

Ao nos ver andando em sua direção, ele balançou a cabeça e me deu um sorriso que era parte censura, parte alívio. Assim que fiquei a seu alcance, puxou-me para beijar meu rosto e dizer no meu ouvido:

– Acho que talvez eu tenha *mesmo* que acorrentá-la na masmorra.

– Que coisa medieval de sua parte! – retruquei, desvencilhando-me com falso pudor ao ver que tínhamos uma plateia.

– Você provoca isso em mim.

- *Scusi?* - interrompeu-nos Frei Lorenzo, nos olhando com as sobrancelhas levantadas, claramente ansioso por officiar a cerimônia. Voltei obedientemente minha atenção para ele, deixando para depois minha resposta para Alessandro.

Não estávamos nos casando por achar que tínhamos de fazê-lo. Essa cerimônia de casamento no santuário de Lorenzo não era só para nós, mas era também um modo de provar a todas as outras pessoas que estávamos falando sério ao dizer que nosso lugar era ao lado um do outro, algo que Alessandro e eu sabíamos havia muito, muito tempo. Além disso, Eva Maria tinha pedido uma oportunidade de comemorar a volta de suas netas perdidas tantos anos antes e Janice ficaria desolada se não tivesse a chance de desempenhar um papel glamouroso. Assim, as duas tinham passado uma noite inteira examinando o guarda-roupa de Eva Maria, à procura do vestido de noiva perfeito, enquanto Alessandro e eu continuávamos com minhas aulas de natação na piscina.

Mas, ainda que nesse dia nosso casamento mais parecesse uma confirmação dos votos que já havíamos trocado, fiquei emocionada com a sinceridade de Frei Lorenzo e com a visão de Alessandro bem junto de mim, ouvindo atentamente o que o monge dizia.

Parada ali, com minha mão na dele, de repente compreendi por que eu fora atormentada a vida inteira pelo medo de morrer jovem. Toda vez que tentava imaginar meu futuro além da idade que minha mãe tinha ao morrer, não via nada além de escuridão. Só então aquilo fez sentido. A escuridão não era a morte, mas a cegueira; como eu poderia imaginar que iria despertar, como quem desperta de um sonho, para uma vida que eu nunca soubera que existia?

A cerimônia prosseguiu em italiano, com grande solenidade, até o padrinho - Vincenzo, marido de Malèna - entregar as alianças a Frei Lorenzo. Ao reconhecer o anel de sinete da águia, o monge fez uma careta exasperada e falou algo que fez todos rirem.

- O que ele disse? - sussurrei entre dentes.

Aproveitando a oportunidade para beijar meu pescoço, Alessandro respondeu num murmúrio:

- Ele disse: *Santa Mãe de Deus, quantas vezes tenho que fazer isto?*

JANTAMOS NO PÁTIO interno do mosteiro, sob uma treliça coberta de videiras. Quando o crepúsculo se transformou em escuridão, alguns monges da Irmandade de Lourenço entraram para buscar lampiões a óleo e velas em recipientes de cristal feitos à mão e não tardou para que a luz dourada de nossas mesas suplantasse o frio cintilar do céu estrelado.

Foi gratificante sentar-me ali, junto de Alessandro, cercada por pessoas que, de outro modo, nunca se reuniriam. Depois de algumas apreensões iniciais, Eva Maria, Pia e o primo Peppo estavam se entendendo muito bem, aos poucos acabando com os velhos mal-entendidos de nossas famílias. E que ocasião poderia ser melhor do que essa? Afinal, todos eram nossos padrinhos.

A maioria dos convidados, contudo, não vinha das famílias Salimbeni nem Tolomei, mas era composta de amigos sienenses de Alessandro e membros da família Marescotti. Eu já tinha jantado várias vezes com um casal de tios dele - para não falar em todos os seus primos que moravam logo ali na esquina -, mas essa era a primeira vez que encontraria seus pais e irmãos de Roma.

Alessandro tinha me avisado que seu pai, o coronel Santini, não era um grande fã da metafísica e que sua mãe costumava manter o marido limitado às informações indispensáveis sobre as histórias da família Marescotti. Pessoalmente, eu não poderia ficar mais feliz por nenhum deles querer

vasculhar a história oficial de nosso namoro e apenas apertei a mão de Alessandro embaixo da mesa quando sua mãe se inclinou para mim e sussurrou, piscando de um jeito brincalhão:

– Quando for nos visitar, você terá de me contar o que realmente aconteceu, certo?

– Você já foi a Roma, Giulietta? – perguntou o coronel Santini, cuja voz sonora extinguiu momentaneamente todas as outras conversas.

– Ahn... não – respondi, cravando as unhas na coxa de Alessandro. – Mas adoraria ir.

– É muito estranho – disse o coronel, franzindo o cenho de leve –, mas tenho a impressão de já tê-la visto antes.

– Foi exatamente o que senti quando nos vimos pela primeira vez – disse Alessandro, passando o braço em volta de mim. E em seguida me beijou na boca, até todos começarem a rir e a bater na mesa e a conversa se voltar, graças a Deus, para o Palio.

Dois dias depois do drama na cripta da catedral, a *contrada* de *Aquila* finalmente vencera a corrida, após quase 20 anos de decepções. Apesar da recomendação médica de que eu levasse uma vida calma por uns tempos, estivéramos bem no meio do tumulto, Alessandro e eu, comemorando o renascimento de nossos destinos. Mais tarde, tínhamos ido com Malèna e Vincenzo e todos os outros *aquilini* à missa da vitória na Catedral de Siena, para homenagear a Virgem Maria e o *cencio* que ela concedera a graça de dar à *Contrada dell’Aquila*, apesar de Alessandro estar na cidade.

De pé na igreja, cantando um hino que eu não conhecia, pensei na cripta que ficava em algum ponto abaixo de nós e na estátua de ouro que só nós conhecíamos. Um dia, talvez a cripta se tornasse segura o bastante para ser visitada e Maestro Lippi restaurasse a estátua e lhe desse novos olhos, mas, até lá, ela era nosso segredo. E talvez devesse permanecer assim. A Virgem nos permitira encontrar seu santuário, mas todos os que haviam entrado nele com más intenções tinham morrido. O que não era exatamente muito apelativo para grupos turísticos.

Quanto ao antigo *cencio*, ele fora devolvido à Virgem Maria, exatamente como o Romeo Marescotti tinha jurado que faria. Nós o leváramos a Florença para ser lavado e restaurado por profissionais, e agora ele estava pendurado num estojó de vidro na capelinha do Museu da Águia, com uma aparência surpreendentemente imaculada, considerando-se suas provações recentes. Na *contrada*, é claro que todos tinham ficado eufóricos por havermos conseguido localizar essa peça importante da história e ninguém parecia achar minimamente estranho que falar da sua recuperação sempre me deixasse com as faces coradas.

NA HORA DA sobremesa – um bolo de noiva esplêndido, pessoalmente desenhado por Eva Maria –, Janice se inclinou para colocar na mesa um rolo amarelado de pergaminho, bem à minha frente. Reconheci-o na mesma hora: era a carta de Giannozza para Giulietta, que Frei Lorenzo havia me mostrado no Castello Salimbeni. A única diferença era que agora o lacre estava rompido.

– Isto aqui é um presentinho – disse Janice, entregando-me uma folha de papel dobrada. – É uma versão. Consegui a carta com Frei Lorenzo e Eva Maria me ajudou a traduzi-la para você.

Percebi que ela estava ansiosa para que eu lesse o documento imediatamente e foi o que fiz. A carta dizia:

Minha querida irmã,

Nem sei dizer-te quanto fiquei feliz ao receber uma carta tua, depois desse longo silêncio. E nem sei dizer-te a tristeza que senti ao ler as notícias que ela trouxe. Mãe e papai mortos, além de Mino, Jacopo e o pequeno Benni – não tenho palavras para descrever meu sofrimento. Levei muitos dias para conseguir escrever-te uma resposta.

Se estivesse aqui, Frei Lorenzo me diria que tudo isso faz parte do grandioso desígnio dos céus e que não devo chorar pelas almas queridas que agora se encontram seguras no Paraíso. Mas ele não está, como tu também não estás. Encontro-me inteiramente só numa terra de bárbaros.

Como eu gostaria de poder viajar para ver-te, minha querida, ou de que pudesses me visitar, para que consolássemos uma à outra nesta hora sombria. Mas cá estou como sempre, prisioneira na casa de meu marido, e, embora ele passe a maior parte do tempo acamado, mais debilitado a cada dia, receio que vá viver para sempre. Vez por outra arrisco-me a sair à noite, para me deitar no gramado e contemplar as estrelas, mas, a partir de amanhã, uns estrangeiros intronetados de Roma encherão a casa – contatos comerciais de uma obscura família Gambacorta – e, mais uma vez, minha liberdade acabará no parapeito da janela. Mas estou decidida a não te fatigar com minhas mágoas. Elas são insignificantes, comparadas às tuas.

Entristece-me saber que nosso tio te mantém prisioneira e que te consumes em ideias de vingança contra aquele homem perverso, S-. Queridíssima irmã, sei que isso é quase impossível, mas rogo-te que te livres dessas ideias destrutivas. Deposita no céu tua confiança em que esse homem será castigado no devido tempo. De minha parte, passei muitas horas na capela, dando graças por teres sido poupada dos vilões. Tua descrição do jovem Romeo dá-me a certeza de que ele é o verdadeiro cavaleiro por que vinhas esperando com tanta paciência.

Agora, volto a me alegrar por ter sido eu a contrair este matrimônio miserável, e não tu; escreve-me com mais frequência, querida, e não me poupes nenhum detalhe, para que, por meio de ti, eu possa viver o amor que me foi negado.

Rezo para que esta carta te encontre sorridente e com boa saúde, livre dos demônios que te vinham perseguindo. Se Deus quiser, logo voltarei a te ver e então deitaremos juntas entre as margaridas e riremos de nossas tristezas passadas, como se nunca houvessem existido. Nesse futuro luminoso que nos espera, estarás casada com o teu Romeo e eu finalmente estarei livre dos meus grilhões. Reza comigo, meu amor, para que assim seja.

Eternamente tua, G.

Quando acabei de ler, Janice e eu chorávamos. Com plena consciência de que todos à mesa estavam intrigados com essa explosão emotiva, passei os braços em volta dela e lhe agradei pelo presente perfeito. Era improvável que muitos outros convidados compreendessem a importância daquela carta; mesmo os que conheciam a triste história da Giulietta e da Giannozza originais não

teriam como entender o que ela significava para mim e para minha irmã.

ERA QUASE MEIA-NOITE quando enfim pude voltar ao jardim, na ponta dos pés, arrastando comigo um Alessandro quase sem nenhum entusiasmo. Àquela altura, todos tinham ido dormir e era hora de eu pôr em prática algo que vinha pretendendo fazer já havia algum tempo. Ao abrir o portão que rangia e dava para o santuário de Lorenzo, olhei para meu companheiro relutante e levei um dedo aos lábios:

– Não era para estarmos aqui agora.

– Eu sei – concordou Alessandro, tentando me puxar para seus braços. – Deixe eu lhe dizer onde deveríamos estar...

– Shhh! – sussurrei, pondo a mão em sua boca. – Eu realmente tenho que fazer isso.

– Qual é o problema de fazê-lo amanhã?

Retirei a mão e lhe dei um beijo rápido:

– Eu não estava planejando sair da cama amanhã.

Nessa hora, Alessandro finalmente me deixou puxá-lo para o santuário e subir na rotunda de mármore que sustentava a estátua de bronze de Frei Lorenzo. À luz da lua crescente, a estátua quase parecia uma pessoa real, parada ali de braços abertos à nossa espera. Não é preciso dizer que a probabilidade de suas feições terem alguma semelhança com as originais era ínfima, porém isso não vinha ao caso. O importante era que pessoas atenciosas haviam reconhecido o sacrifício desse homem e possibilitado que o encontrássemos de novo e lhe agradecêssemos.

Tirando o crucifixo que eu usava desde que me fora devolvido por Alessandro, estiquei-me para pendurá-lo no peçoço da estátua, onde era o seu lugar.

– Monna Mina guardou isto como um símbolo da ligação entre eles – comentei, falando basicamente comigo mesma. – Não preciso dele para me lembrar do que o monge fez por Romeo e Giulietta. – Fiz uma pausa. – Quem sabe, talvez nunca tenha havido maldição alguma. Talvez tenhamos sido só nós, todos nós, que achamos que merecíamos uma.

Alessandro não falou nada. Em vez disso, estendeu a mão e acariciou meu rosto como fizera naquele dia na Fontebranda e dessa vez entendi exatamente o que queria dizer. Tivéssemos ou não sido verdadeiramente amaldiçoados e houvésssemos ou não quitado nossa dívida agora, ele era a minha bênção e eu era a sua, e isso era o bastante para desarmar qualquer míssil que o destino – ou Shakespeare – ainda tivesse a tolice de lançar contra nós.

Embora *Julietta* seja uma obra de ficção, é baseada em fatos históricos. A versão mais antiga de *Romeu e Julieta* foi realmente ambientada em Siena e, quando se investiga a história local, começa-se a compreender por que a peça se originou precisamente ali.

Talvez mais do que qualquer outra cidade toscana, Siena foi dilacerada por ferozes rivalidades familiares durante toda a Idade Média e era famosa a rixa entre os Tolomei e os Salimbeni, muito semelhante à sangrenta rivalidade entre os Capuleto e os Montéquio na peça de Shakespeare.

Dito isso, tomei algumas liberdades ao retratar Messer Salimbeni como um perverso torturador de esposas e não estou certa de que o Dr. Antonio Tasso, do Monte dei Paschi di Siena – que teve a gentileza de mostrar o Palazzo Salimbeni a minha mãe e de lhe falar sobre a admirável história do prédio – aprecie a ideia de uma câmara de tortura no porão de sua venerável instituição.

Meus amigos Gian Paolo Ricchi, Dario Colombo, Alex Baldi, Patrizio Pugliese e Cristian Cipo Riccardi também não ficarão satisfeitos por eu ter feito do antigo Palio um evento tão violento, mas, como sabemos muito pouco sobre a versão medieval da corrida, espero que eles me concedam o benefício da dúvida.

Também espero que Santa Catarina de Siena me perdoe por envolvê-la na lenda de Monna Mina e da maldição na parede, assim como na história do comandante Marescotti e do menino Romanino, onde ela aparece como o bebê da família Benincasa. As duas passagens são criações minhas, embora eu tenha tentado permanecer fiel ao espírito da vida da santa, à sua personalidade notável e aos milagres atribuídos a ela.

A arqueóloga Antonella Rossi Pugliese teve a bondade de me ciceronear num passeio a pé pelas partes mais antigas de Siena e foi ela quem me inspirou a mergulhar nos mistérios dos subterrâneos sienenses, tais como as cavernas do aqueduto de Bottini, a cripta perdida da catedral e os remanescentes da Peste Negra de 1348. Entretanto, foi minha mãe quem descobriu a cela de Santa Catarina no antigo hospital Santa Maria della Scala, e que – na mesma ocasião – conseguiu convencer um guarda gentil a lhe mostrar a entrada para uma fossa da Peste na Idade Média.

As partes menos macabras das pesquisas de minha mãe sobre a história de Siena foram possibilitadas, primordialmente, pela Biblioteca Comunale degli Intronati, pelo Archivio dello Stato e pela Libreria Ancilli – onde, aliás, Julie vai para decifrar a ficha que encontrou na caixa de sua mãe –, mas também somos gratas pelas ideias esclarecedoras do professor Paolo Nardi, do padre dominicano Alfred White e do padre jesuíta John W. Pech, bem como pelo legado literário do falecido Johannes Jørgensen, um poeta e jornalista dinamarquês cuja biografia de Santa Catarina oferece uma visão fascinante da Siena do século XIV. Além disso, o Museo della Contrada della Civetta e a polícia municipal de Siena forneceram uma ajuda extraordinária, esta última sobretudo por não ter prendido minha mãe numa de suas muitas investigações clandestinas de sistemas de segurança bancária e coisas similares.

Por falar em atividades suspeitas, apresso-me a pedir desculpas ao *direttore* Rosi, do Hotel

Chiusarelli, por minha descrição de um furto em seu lindo estabelecimento. Ao que eu saiba, nunca houve qualquer falha na segurança do hotel e seu gerente e os funcionários jamais interfeririam na movimentação dos hóspedes nem retirariam pertences pessoais de seus quartos.

Também preciso enfatizar que Maestro Lippi – um personagem real – não é tão excêntrico quanto o retratei. Tampouco tem uma oficina desarrumada no centro de Siena, mas sim um ateliê deslumbrante num antigo castelo dos Tolomei, no interior. Espero que ele me perdoe por essas liberdades artísticas.

Dois amigos de Siena foram particularmente úteis e generosos com seus conhecimentos do local: o advogado Alessio Piscini, que se mostrou uma fonte inesgotável de informações sobre tudo o que se relaciona com a Contrada dell'Aquila e a tradição do Palio, e a escritora Simone Berni, que suportou pacientemente uma saraivada de perguntas acerca do uso da língua italiana e da logística sienense. Tenho com ambos o compromisso de dizer que, se algum erro factual houver conseguido infiltrar-se no livro, terá sido por culpa minha, não deles.

Também quero fazer um agradecimento muito especial às seguintes pessoas de fora de Siena: minha amiga e parceira na luta pela liberdade Elisabeth McCaffrey, do Institute for Human Studies, e minhas irmãs de clubes de livros Jo Austin, Maureen Fontaine, Dara Jane Loomis, Mia Pascale, Tamie Salter, Monica Stinson e Alma Valevicius, que tiveram a bondade de criticar uma versão inicial.

Duas pessoas foram essenciais para me ajudar a transformar uma história num livro: meu agente, Dan Lazar, cujo entusiasmo, diligência e discernimento possibilitaram tudo, e minha editora, Susanna Porter, cujos olhos argutos e toque experiente contribuíram para podar e condensar o livro. Foi uma honra e um privilégio trabalhar com os dois.

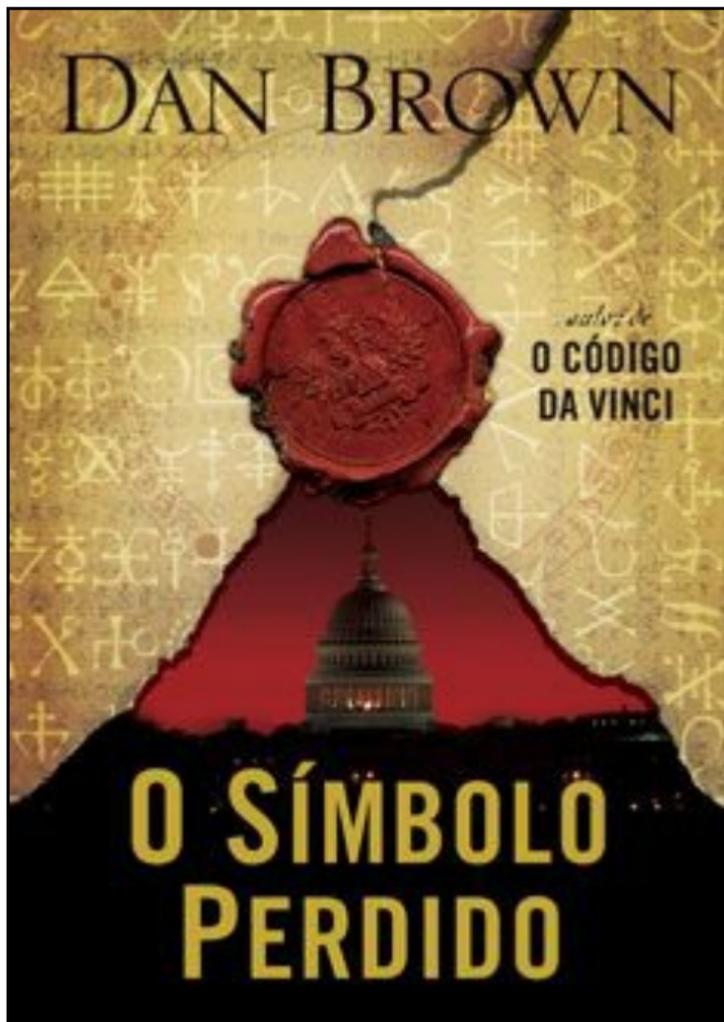
Não é preciso dizer que sou profundamente grata pela tremenda ajuda e incentivo de todas as pessoas maravilhosas da Writers House e da Random House, duas famílias (ouso dizer) iguais em dignidade. Maja Nikolic, Stephen Barr, Jillian Quint, Kim Hovey, Vincent La Scala, Lisa Barnes, Eresa Zoro e Libby McGuire foram particularmente essenciais para a realização deste livro. E meu agradecimento também a Iris Tupholme, da HarperCollins Canadá, por seus conselhos construtivos sobre o trabalho.

E, por último, devo muito mais do que um agradecimento a meu marido, Jonathan Fortier, sem cujo amor, apoio e bom humor eu nunca teria escrito este livro, e sem o qual eu ainda estaria adormecida, sem mesmo perceber.

Dediquei *Julieta* a minha incrível mãe, Birgit Malling Eriksen, cuja generosidade e dedicação não têm limites e que passou quase tanto tempo fazendo pesquisas para esta história quanto eu levei para escrevê-la. Rezo para que o livro seja tudo o que ela havia esperado.



Anne Fortier cresceu na Dinamarca e emigrou para os Estados Unidos em 2002, para trabalhar em cinema. É coprodutora do documentário vencedor do Emmy *Fire and Ice: e Winter War of Finland and Russia*. Tem doutorado em História das Ideias, conferido pela Universidade Aarhus, na Dinamarca. A história de *Julieta* inspirou-se na mãe da autora, que sempre considerou Verona seu segundo lar... até descobrir Siena.



O SÍMBOLO PERDIDO

Dan Brown

Depois sobreviver a uma explosão no Vaticano e a uma caçada humana em Paris, Robert Langdon está de volta em *O símbolo perdido*. Nesse livro, o célebre professor de Harvard é convidado às pressas por seu amigo e mentor Peter Solomon – eminente maçom e filantropo – a dar uma palestra no Capitólio dos Estados Unidos. Ao chegar lá, descobre que caiu numa armadilha e que

Solomon, desaparecido, corre grande perigo.

Mal'akh, o sequestrador, acredita que os fundadores de Washington, a maioria deles mestres maçons, esconderam na cidade um tesouro capaz de dar poderes sobre-humanos a quem o encontrar. E está convencido de que Langdon é a única pessoa que pode localizá-lo. Vendo que essa é sua única chance de salvar Solomon, o simbologista se lança numa corrida alucinada pelos principais pontos da capital americana.

Nas mãos de Dan Brown, Washington se revela tão fascinante quanto o Vaticano ou Paris. Em *O símbolo perdido*, ele desperta o interesse dos leitores por temas tão variados como ciência, noética, teoria das supercordas e grandes obras de arte, desafiando-os a abrir a mente para novos conhecimentos.

80 milhões de livros vendidos em todo o mundo



O CÓDIGO DA VINCI

DAN BROWN



O CÓDIGO DA VINCI
Dan Brown

Um assassinato dentro do Museu do Louvre, em Paris, traz à tona uma sinistra conspiração para revelar um segredo que foi protegido por uma sociedade secreta desde os tempos de Jesus Cristo. A vítima é o respeitado curador do museu, Jacques Saunière, um dos líderes dessa antiga fraternidade, o Priorado de Sião, que já teve como membros Leonardo da Vinci, Victor Hugo e Isaac Newton.

Momentos antes de morrer, Saunière deixa uma mensagem cifrada que apenas a criptógrafa Sophie Neveu e Robert Langdon, um simbologista, podem desvendar. Eles viram suspeitos e detetives enquanto tentam decifrar um intrincado quebra-cabeça que pode lhes revelar um segredo milenar que envolve a Igreja Católica.

Mesclando os ingredientes de um envolvente suspense com informações sobre obras de arte, documentos e rituais secretos, Dan Brown consagrou-se como um dos autores mais brilhantes da atualidade.



ÁGUA PARA ELEFANTES
Sara Gruen

Desde que perdeu a esposa, Jacob Jankowski vive numa casa de repouso, cercado por senhoras simpáticas e fantasmas do passado. Durante 70 anos ele guardou um segredo: nunca falou a ninguém sobre o período de sua juventude em que trabalhou no circo. Até agora.

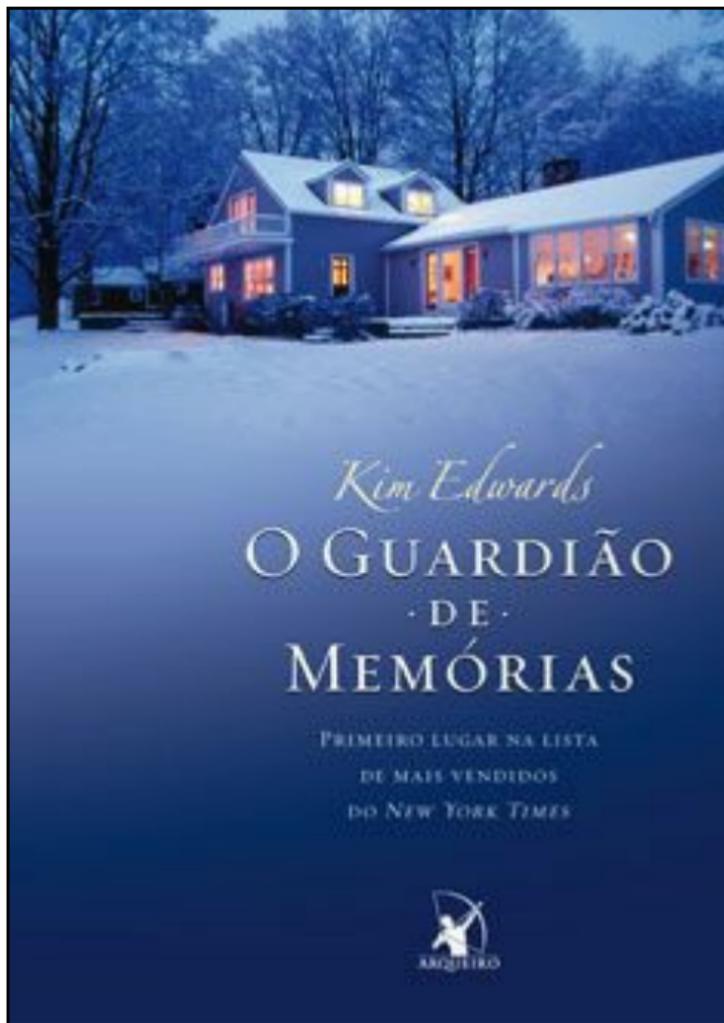
Aos 23 anos, Jacob era um estudante de veterinária, mas teve sua vida transformada após a

morte de seus pais num acidente de carro. Órfão, sem dinheiro e sem ter para onde ir, ele deixa a faculdade antes de fazer as provas finais e, desesperado, acaba pulando em um trem em movimento, o Esquadrão Voador do circo Irmãos Benzini, o Maior Espetáculo da Terra.

Admitido para cuidar dos animais, Jacob sofre nas mãos do Tio Al, o empresário tirano do circo, e de August, o ora encantador, ora intratável chefe do setor dos animais.

É também sob as lonas que ele se apaixona duas vezes: primeiro por Marlena, a bela estrela do número dos cavalos e esposa de August; e depois por Rosie, a elefanta aparentemente estúpida que deveria ser a salvação do circo.

Água para elefantes é tão envolvente que seus personagens continuam vivos muito depois de termos virado a última página. Sara Gruen nos transporta a um mundo misterioso e encantador, construído com tamanha riqueza de detalhes que é quase possível respirar sua atmosfera.



O GUARDIÃO DE MEMÓRIAS
Kim Edwards

Inverno de 1964. Uma violenta tempestade de neve obriga o Dr. David Henry a fazer o parto de seus filhos gêmeos. O menino, primeiro a nascer, é perfeitamente saudável, mas o médico logo reconhece na menina sinais da síndrome de Down.

Guiado por um impulso irrefreável e por dolorosas lembranças do passado, o Dr. Henry toma

uma decisão que mudará para sempre a vida de todos e o assombrará até a morte: ele pede que sua enfermeira, Caroline, entregue a criança para adoção e diz à esposa que a menina não sobreviveu.

Tocada pela fragilidade do bebê, Caroline decide sair da cidade e criar Phoebe como sua própria filha. E Norah, a mãe, jamais consegue se recuperar do imenso vazio causado pela ausência da menina. A partir daí, uma intrincada trama de segredos, mentiras e traições se desenrola, abrindo feridas que nem o tempo será capaz de curar.

Com uma trama tensa e cheia de surpresas, *O guardião de memórias* vai emocionar e mostrar o profundo – e às vezes irreversível – poder de nossas escolhas.

Queda de gigantes e Inverno do mundo, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada e Fique comigo, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma Longa Jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento e À primeira vista, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
e curta nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editoraarqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[I.I](#)

[I.II](#)

[I.III](#)

[II.I](#)

[II.II](#)

[II.III](#)

[III.I](#)

[III.II](#)

[III.III](#)

[III.IV](#)

[IV.I](#)

[IV.II](#)

[IV.III](#)

[IV.IV](#)

[IV.V](#)

[V.I](#)

[V.II](#)

[V.III](#)

[V.IV](#)

[V.V](#)

[VI.I](#)

[VI.II](#)

[VII.I](#)

[VII.II](#)

[VIII.I](#)

[VIII.II](#)

[VIII.III](#)

[IX.I](#)

[IX.II](#)

[IX.III](#)

[X](#)

[Nota da autora](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Conheça os clássicos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)